

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**MATIAS GODIO**

**“SOMOS HOMBRES DE PLATEA”  
A SOCIEDADE DOS DIRIGENTES E AS FORMAS EXPERIMENTAIS  
DO PODER E DA POLÍTICA NO FUTEBOL PROFISSIONAL NA  
ARGENTINA**

**Florianópolis, Março de 2010**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**“SOMOS HOMBRES DE PLATEA”  
A SOCIEDADE DOS DIRIGENTES E AS FORMAS EXPERIMENTAIS  
DO PODER E DA POLÍTICA NO FUTEBOL PROFISSIONAL NA  
ARGENTINA**

Tese Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropología Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, como Requisito Para a Obtenção do Título de Doutor em Antropologia Social.

**Aluno: Matias Godio  
Orientadora: Profa. Dra. Carmen Silvia Rial**

**Florianópolis, Março de 2010**

## Ficha Bibliográfica

GODIO, MATIAS. “SOMOS HOMBRES DE PLATEA”. A SOCIEDADE DOS DIRIGENTES E AS FORMAS EXPERIMENTAIS DO PODER E DA POLÍTICA NO FUTEBOL PROFISSIONAL NA ARGENTINA.. 2010. 433 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Curso de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis.

UFSC/CFH/CPGAS

## **AGRADECIMENTOS**

Começo agradecendo a todos os interlocutores, principais parceiros nesta tese.

Seguramente este trabalho não teria concretude se não fosse pela paciência e pelo apoio da minha orientadora, a professora Dr<sup>a</sup>. Carmen Rial. Além das críticas, sugestões, avaliações fundamentais para a escrita da tese estiveram às palavras de estímulo e um olhar crítico associado com a liberdade de pensamento.

Ao PPGAS, pela formação intelectual durante todos estes anos e, às instituições financiadoras CAPES e PRPG, pelo financiamento em diferentes momentos do curso de doutorado.

A professora Alicia Castells (UFSC), e aos professores Arlei Damo (UFRGS), Rafael Bastos (UFSC) e Gastón Gil (UNMDP), integrantes titulares da banca de defesa pelas contribuições a este trabalho.

À secretaria da Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC e aos seus funcionários, em especial a Adriana e a Karla. Aos professores do PPGAS que me acompanham desde o mestrado e que contribuíram para a minha formação acadêmica.

À professora Antonia Lima, integrante do CEAS em Lisboa, e as secretárias Isabel e Manuela pela atenção e auxílios que me foram concedidos. Como assim também a Professora Ana Luiza Carvalho da Rocha e ao Doutor Fernando Bitencourt, que sempre se mostraram dispost@s a conversar e aportar idéias.

A meus amigos Maycom, Sérgio, Emilce e as “crianças”, Quimey, Igor e Thiago pela ajuda durante as minhas idas e vindas do campo, mas também pelo carinho e amizade.

A meus colegas Daniel Sazbón, Ângela Maria de Souza, Micheline Ramos de Oliveira e Rose Mary Gerber.

Aos meus pais, Susana Sautel e Júlio Godio, os quais apoiaram e acreditaram.

À minha companheira, Mônica S. Siqueira, com quem tive o prazer de compartilhar todo este percurso.



## RESUMO

Esta tese explora uma categoria *emic* central na organização pública dos clubes que integram, em uma territorialidade local, o complexo e polifônico sistema futebolístico: os *dirigentes* nos clubes na condução do futebol profissional de elite na Argentina. Partindo de entrevistas, filmagens e observação participante com altos dirigentes dos clubes com times de futebol rivais na cidade de La Plata, *Estudiantes de La Plata* e *Gimnasia y Esgrima La Plata*, durante os últimos três (3) anos, o argumento situa a reflexão sobre o espaço de interações sociais e simbólicas, tanto formais como informais elaboradas nas práticas e representações dos seus dirigentes. O objetivo é definir as articulações entre dois tipos de signos que operam sobre as relações de poder: aqueles vindos do futebol e os do desenho institucional. O interesse do trabalho se baseia nos papéis dos dirigentes em sua *dupla condição de diretores* de estratégias de organização do trabalho e do espetáculo futebolístico, bem como de gerenciadores de modalidades de produção de identificações coletivas estruturadas historicamente. O clube é pensado assim como o *laboratório cultural* que integra fluxos simbólicos e práticas políticas (em direção ampla) que se orientam para a geração do espetáculo, a liturgia e as relações entre poder, autoridade e mudanças necessárias à tarefa dirigençial como referência empírica coletiva. O espaço de ação e *decisão* dirigençial é assim considerado como um lugar adequado para a interpretação de práticas e trajetórias que instituem relações de um tipo de poder político, uma vez que neles são particularizadas as coordenadas que circulam em torno ao conceito filosófico-político de *sociedade civil*. Dentro de um processo de “invenção” de valores morais e políticos objetivos, a tese presta especial atenção aos aspectos públicos que relacionam pertença profissional, memória, crise institucional e saberes práticos na esfera *dirigençial*. Os dirigentes destas instituições são vistos como atores sociais dentro de um *campo cultural de forças* e de *interpretação coletiva*, ancorado em formas experimentais do poder e da política na modernidade, e que opera em tensão com os imaginários que pesam sobre as identidades profissionais. O dirigente do futebol argentino é um *homem de estado*, não porque ele submete-se à lógica do poder no futebol para alcançar um lugar -“depois”- na formação-estado, mas porque a interpela como “assunto que pertence à representação”.

Palavras chave: clubes, dirigentes, elites, esporte, experiência, futebol, poder, política, profissão, sociedade civil.





## ABSTRACT

This thesis discusses a *emic* key category of the complex, polyphonic universe of the contemporary football-club system: the boards of clubs that take part in the elite of professional football in Argentina. Based on interviews and participant-observation with board members of the two rival clubs with football times of the city of La Plata —*Estudiantes de la Plata* and *Gimnasia y Esgrima de La Plata*— during the last three (3) years, the theses focuses on the formal and informal interactions among these managers, with the aim of defining the relationship between two types of signs: those coming from football itself, and those that stems from the institutions. The interest of this work resides in the *dual condition* of board members both as directors of strategies for work organization and football spectacle, and as managers of forms of production of collective identifications historically structured. The club is therefore concieved as a *cultural laboratory* integrating symbolic fluxes and political practices broadly defined, oriented to making of the spectacle, the liturgy, and the relationships of power, authority and change, fundamental to the managerial tasks as empiric collective reference .

The space of action and decision-making in the clubs is thus considered as a place suitable for the interpretation of practices and trajectories that institute relationships and representations of power that can be related to the philosophical-political concept of *civil society*. Framed in a process of “invention” of moral and political values, the paper pays special attention to the public features that connect professional belonging and practical knowledges in the managerial sphere of football. Managers of these institutions are seen as social actors within a cultural field of forces and collective interpretation, a field grounded in experimental forms of power and politics in Modernity that operates in tension with the imaginaries that gravitate over professional identities. The argentine football board member is a *stateman*, not because he submits himself to the logic of power in football in order to obtain positions —“after”— in the state-formation, but because he addresses it as “issues belonging to representation”.

Key concepts: boards, civil society, clubs, elites, experience, football, politic, profession, power, sports.



## LISTA DE IMAGENS

- <i>Tabela 1.</i> Profissões dos principais dirigentes em 2008	29
- <i>Foto.</i> Vista do centro da cidade de La Plata em 2006	30
- <i>Foto.</i> Vista aérea da cidade de La Plata em 1981	43
- <i>Desenho.</i> Anônimo. Liminaridade e futebol	90
- <i>Foto.</i> Antigas arquibancadas de cadeiras cobertas	99
- <i>Foto.</i> Ato de apresentação da lista para as eleições no Gimnasia	114
- <i>Foto.</i> Time do Estudantes de 1910	130
- <i>Mapa.</i> Foto aérea de La Plata, Berisso e Ensenada	133
- <i>Publicação.</i> Reportagem do clube Estudantes de 1940	138
- <i>Foto.</i> Conflito no Gimnasia em 1962	143
- <i>Gráfico 1.</i> Profissões dos presidentes. Peso relativo de ambos os clubes	154
- <i>Gráfico 2.</i> Profissões dos presidentes em cada clube	155
- <i>Foto.</i> A “obra” de um dirigente	158
- <i>Montagem sobre foto.</i> Estádio Ciudad de La Plata	172
- <i>Foto.</i> Um “si” ao estádio próprio	175
- <i>Tabela 2.</i> Capital simbólico e capital social dos clubes argentinos	180
- <i>Foto.</i> Resistência territorial	184
- <i>Foto.</i> Abraço e “intervalo” na transição de autoridades	192
- <i>Diagrama 1.</i> Comissão Diretiva segundo “modelo de assembléia”	194
- <i>Foto.</i> Construindo um mural na filial	213
- <i>Foto.</i> Um artista inaugurando na filial	217
- <i>Foto.</i> Mulheres de uma filial	218
- <i>Foto.</i> Um pároco na filial	219
- <i>Gráfico 3.</i> Ocupação dos presidentes	242
- <i>Publicação.</i> Coordenadas simbólicas de uma pedagogia	247
- <i>Foto.</i> Um dirigente no escritório de casa	249

-Foto. Falação esportiva na TV	264
-Foto. A “transparência de uma banco”	269
-Diagrama 2. Modelo de negócios	296
-Foto. Um presidente com a palavra	305
-Foto. A memória factual do “intendente do estádio”	314
-Foto. Os arames da “popular”	340
-Foto. O Pte. Muñoz ameaça com renunciar	343
-Gráfico 4. Forma de acesso ao cargo de presidente em cada clube	356
-Gráfico 5. Forma de acesso ao cargo de presidente.	356
-Tabela 3. Índice de permanência dos Presidentes	358
-Gráfico 6. Forma de acesso ao cargo. Peso relativo em ambos clubes	359

# SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b>	15
<b>INTRODUÇÃO</b>	
1. Formulando um objeto de estudo	23
2. A cidade La Plata no contexto de uma anomalia nacional	37
3. O trabalho de campo com dirigentes <i>no</i> futebol: opções metodológicas e conceitos fundamentais	53
4. O áudio-visual: <i>Dirigentes en el fútbol I</i> e <i>Cena del Dirigente</i>	65
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>“CAMPOS DE FORÇA” NA INTERPRETAÇÃO DAS PRÁTICAS</b>	
<b>Capítulo I. Poder, “elitidades” e instituições</b>	
1.1. O problema geral da dominação, a reprodução e o consenso	69
1.2. Esporte e futebol numa economia-política das emoções	78
1.3. O <i>leitmotiv</i> das identificações de base do futebol argentino	88
1.4. Das instituições da civilidade à expansão da multidão	97
1.5. Em <i>La Plata</i> : componentes institucionais dos clubes	106
<b>Capítulo II. Por uma história social da “experiência dirigencial”: trajetos e eventos</b>	
2.1. Cultura e simulacro das “estirpes”	119
2.2. Litígios na origem: os fundamentos endógenos	125
2.3. Algumas atitudes, condutas e marcas de referência no tempo	136
2.4. As profissões no “campo dirigencial” dos clubes	153
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
<b>MENSAGENS CULTURAIS: ENTRE O BOSQUE E A FLORESTA</b>	
<b>Capítulo III. Paixões institucionais</b>	
3.1. A territorialidade política dos atores sociais	167
3.2. Os clubes-emblema nos dirigentes	178
3.3. Um desenho instituído ou <i>instituinte</i> para as performances “dirigenciais”?	189
3.4. A importância da apresentação da pessoa nas formas de ação pública	202
3.5. Capilaridade e adesão nas margens do clube	209
<b>Capítulo IV. “Con una mano lo acaricias y con la otra lo abofeteas”</b>	
4.1. Das elites dirigentes para os dirigentes de elite	231
4.2. Périplos: as profissões em campo	239
4.3. Projeto: como se profissionaliza um “ser”?	261
4.4. A busca do que permanece	277

## TERCEIRA PARTE

### UM LABORATÓRIO CULTURAL DA EXPERIÊNCIA

#### **Capítulo V. “Por amor ao clube”**

- 5.1. Um cenário renovado 293
- 5.2. Construção e circulação de um dever (ser) social distinto 304
- 5.3. O “ímã” difícil de frear 321

#### **Capítulo VI. “Somos homens de platea: ser, mirar, mostrar”**

- 6.1. Uma arena pública para a *difference* 331
- 6.2. Pertencimento em espaços reduzidos 342
- 6.3. Um modelo de crise permanente: um centro exemplar para a experiência 354

## CONCLUSÃO

### UM IMAGINÁRIO *POLÍTICO* “NATURAL” DA SOCIEDADE CIVIL 379

### **Bibliografia** 399

#### **Anexos**

- 1. Dados estatísticos
- 4. Vídeos-documentários (em DVD)
  - Dirigentes no futebol I
  - Dirigentes no futebol II

## Prólogo

“Não somos cegos, querido Pai, apenas somos homens. Vivemos em uma realidade cambiante à qual tentamos nos adaptar como se mexem as algas ante o impulso do mar...”

Tancredi, em *Il Gattopardo*.

Em 1860, na mansão do príncipe Don Fabrizio Salina, na Sicília, irrompe a notícia do desembarque das tropas de Giuseppe Garibaldi em Marsala. Tancredi, sobrinho do príncipe, decide juntar-se aos voluntários rebeldes que desembarcam. Don Fabrizio compartilha o ato de seu sobrinho, sobretudo porque acredita que, desse modo, a situação política e a posição de sua família no contexto da nova realidade italiana seguirão estáveis. Porém, o padre Pirrone, um jesuíta muito próximo da família Salina, desaconselha essa escolha e adverte sobre os perigos que ela representa. Decidido a continuar normalmente com a sua vida aristocrática, Fabrizio se refugia - continuando com seu costume de todo ano, durante o verão - no feudo de Donnafugata, que está sendo anexado ao Estado central. Neste processo de anexação, Calogero Sedara, o Alcaide, que tem se enriquecido com negócios não muito claros durante os últimos anos, desempenha um importante papel.

Valendo-se de um movimento de oscilação interpretativa entre história e memória individual, documento e autobiografia, elabora-se *Il Gattopardo*, o filme de Luchino Visconti (1963), baseado na famosa novela de Giuseppe di Lampedusa (1957). Ambos os autores são perfeitamente conscientes do que se debate nesta história: uma visão micro-política do *Risorgimento* italiano vivido no interior das elites da Sicília; e ambos coincidem em que aquilo representou, finalmente, uma “fraude” para o povo siciliano. E se Tancredi se apaixona pela sensual filha do padre, Fabrizio, seu pai, por motivos de aliança, prefere o enlace com a sobrinha de Calogero. Este matrimônio converteria Tancredi em um aristocrata com possibilidades de realizar uma carreira política na nova ordenação do Estado italiano. O freio final de Garibaldi na entrada de Roma foi o episódio que marcou, por muitos decênios, uma detalhada e complexa dinâmica de adaptação cultural que possibilitou o entroncamento da antiga classe dirigente (a aristocracia) com aqueles que controlavam a nova riqueza (a burguesia) como prática política, precisamente, até a chegada ao poder (entrada finalmente concretizada) de Mussolini em 1922.

Presença visionária, nestas obras, de uma matéria prima semelhante à que manipula o antropólogo: uma noção de prática cultural colocada como eixo de um processo político complexo e que ainda hoje habita essa península europeia. Em definitivo, *Il Gattopardo* trata de compreender –também

filosoficamente- as origens culturais de um mecanismo utilizado no sistema político italiano controlado pelos centro-liberais, mediante o qual se cooptavam potenciais opositores e se mantinha um equilíbrio de forças. Por um lado, reciclando um estrato de profissionais de origens diversas, vistos como “elite competitiva”, e por outro, amarrando as “oligarquias do dinheiro” com subsídios e a proteção estratégica. Essa combinação equilibrada entre integração e cooptação no Estado italiano de finais do século XIX, dará lugar a uma categoria de estudo muito produtiva: o *transformismo*. Essa é a matéria prima com que irá trabalhar o sociólogo político italiano Wilfredo Pareto e o próprio Antonio Gramsci. O que o “gramsciano” Visconti ensina é, justamente, que a sociologia política de Pareto focalizava esse *transformismo* para fazer uma ilusão empírica à visão normativa de sua teoria universal do poder como dimensão “necessária” do laço social; a chave está, para Visconti, na possibilidade de produzir uma crítica cultural do verdadeiro caráter “provisório” que tem esta forma de pacto de poder. E são algumas das formas elementares da cultura das elites que desvelam, ao menos em parte, aspectos da política moderna e da democracia ocidental

Em circunstâncias muito distintas dos italianos, a pergunta inicial que vale aqui colocar é: porque a sociedade argentina tem evidenciado uma “gelatinosidade” das suas classes dirigentes, especialmente na sua capacidade de constituir com maior claridade uma elite e uma classe que levasse adiante distintas tarefas que lhe foram encomendadas ao longo da sua história?

Apenas hoje percebo que, quando em 1994, escrevi um artigo sobre a história social do cinema argentino que de alguma forma retomo nesta tese, tentei demonstrar que existia uma série de “empréstimos” fecundos e iluminadores entre filmes que deixavam circular imaginários onde o laço social estava sendo objeto de uma disputa. Interpretando várias películas argentinas, que iam de 1937 a 1992, eu, indiretamente, relacionava este conceito – o *transformismo* – com a história política argentina. A meu modo de ver, o artigo revelava uma crônica em que certos eventos determinantes de uma “argentinidade” se interiorizavam, respondendo e criando-se mutuamente como universos “alternativos” de um imaginário, mas que também eram contínuos, explicando-se uns aos outros como opções cinematográficas à história. Relatar aqui a argumentação deste artigo perdido no passado seria, sem dúvida, uma falta de tino. Apenas darei algumas pistas em referência a *Kilometro III*, o filme de Mario Sofici, de 1937, e *Un lugar en el Mundo*, de Adolfo Aristarain, de 1992, pontos de partida daquela velha reflexão que resisto a abandonar.

O primeiro filme contava a história de um guarda de estação de trens - nas mãos de uma empresa inglesa - e de sua sobrinha, ambos habitantes de um pequeno povoado rural imaginariamente localizado no “km 111” distante



de Buenos Aires. A tranquilidade da vida de Severino é perturbada pela inesperada fuga da jovem para a capital seduzida pelas “luzes da grande cidade”, e também pelos pequenos produtores rurais que, enfrentando o latifundiário, pedem sua permissão para transportar a crédito a colheita de trigo em grão no trem para Buenos Aires. Como os lavradores ameaçam “queimar a colheita” caso não consigam embarcá-la, Severino cede ao pedido deles e assim perde a confiança dos donos estrangeiros “insensíveis”, enquanto resgata sua sobrinha da “modernidade” e dos sonhos de ser atriz - e de cair, segundo Seferino, na prostituição. O segundo dos filmes tem Mário como protagonista. Ele, instalado numa localidade do sul da Argentina junto com a sua mulher e filho depois do exílio da ditadura dos anos de ‘70, tenta organizar uma cooperativa de produtores para forçar o atravessador a comprar por um “preço justo”. A tranquilidade rompe-se com a chegada de um engenheiro empregado de uma empresa da Espanha – lugar onde a família passou o exílio - disposta a fazer, junto com o latifundiário, uma represa nestas “terras remotas”. O engenheiro, antigo militante progressista na Espanha, exhibe o pragmatismo dos novos tempos fazendo Mário entrar em conflito com a sua família que rememora com ele o passado recente e sua vida no “primeiro mundo”. Uma noite, sabendo que os membros da cooperativa tinham finalmente decidido vender a colheita e aceitar a oferta pelas terras do latifundiário para concretizar a represa, Mário queima o depósito de grãos “para que já não tenham nada para perder”. Mário termina assim a inconclusa queima impedida aos produtores por Severino. Da primeira, nascem os novos caminhos nacionais; da segunda, um indivíduo solitário no mundo.

Naquela oportunidade, o assunto - como em grande parte desta tese sobre futebol, clubes e dirigentes - consistia em compreender os traços da existência de um diálogo “anômico” e de “dissociação” que unificava temáticas entre os filmes e estéticas em favor de uma “idéia reitora” sobre a nação, e discutia as condições sociais em que se constituíam a relação entre poder, prestígio e os sujeitos em uma época, a partir de certos acontecimentos sujeitos a uma *fictio* como entidade política coletiva.

Compreendo agora quanto tudo aquilo falava sobre a Argentina de hoje. Porque, quando, depois do governo da emergência do ex-governador da Província de Buenos Aires, o advogado e político peronista Eduardo Duhalde, em 2002 (após a crise de 2001), surgiu o chamado “kirchnerismo”, seu destino parecia estar vinculado com a resolução definitiva de contradições argentinas muito parecidas com as mencionadas nos filmes desse artigo iniciático. Finalmente, tendo como meta maior, substituir o modelo neoliberal do mercado livre por outro de economia de mercado mais integrada, removendo o país da crise que se arrastava há décadas, este novo governo se

colocava como uma síntese entre o nacionalismo e o neo-desenvolvimentismo tradicionalmente antagonistas na cultura política argentina em que a citada “queima” se debatia nas reflexões de 1994, cinematograficamente.

Contudo, rapidamente, desde 2003, o governo se choca, uma e outra vez com o bloco econômico concentrado, que tinha “abandonado” aqueles trens de *Kilómetro III* nos anos ‘30, mas que, controlava ainda o modelo de acumulação reorganizado na década de 1990, e os acontecimentos políticos de 2008 - o conflito entre o governo e setores rurais- mostraram os limites do sistema presidencialista. De base popular eleitoral ampla, o governo carecia, agora, de um partido ou uma organização política “para baixo” –participativa e deliberativa- estabelecida na sociedade. Mas, a direita - e seu universo simbólico interiorizado na cultura argentina - conhece a Argentina moderna muito bem, simplesmente porque ela a “fundou” simbolicamente em 1880, e começou, assim, a procurar onde inclinar-se para iniciar uma grande batalha. Um capítulo a mais –neste caso, também semântico- de uma anomalia social, cultural e política complexa. Mas, tratava-se também de uma “Argentina histórica”, o “país rural profundo” que tinha reagido.

A “queima” –como possibilidade- se realizará em 2008 sob a direção dos setores mais conservadores e latifundiários, agora derramando milhões de litros de leite nos campos e deixando morrer o gado na seca antes de comercializá-lo. O parlamentarismo transformou-se num assunto central na política de Argentina, como a ferramenta da oposição, mas desta vez para criar uma situação política caracterizada pela “dualidade dos poderes” e, como em outro tempo, munida de valores antagônicos, como a democracia *versus* o corporativismo. Trata-se, hoje, na Argentina, de uma dualidade que se origina em uma velha distinção estruturante da vida política em que se insinuam nossos ‘*transformismos*’, ‘*risorgimentos*’ e outras práticas subterrâneas que deixam o poder preso entre as representações nacionais pouco explicativas da dicotomia “barbárie *versus* civilização”.

Esta tese é um estudo etnográfico-antropológico sobre dirigentes que atuam nos chamados *clubes de futebol* profissional argentino, é uma tese sobre suas práticas e representações, e sobre as formas culturais que, nas trajetórias destes personagens, assumem os conceitos de poder e da política.

Porém esta tese não tenta fazer “comparáveis” os universos do futebol e da política. Menos ainda afirmar, por exemplo, o mencionado *transformismo* como fonte de toda interpretação. Diria que se trata sim de organizar este universo dentro de um mesmo campo interpretativo e hermenêutico; de uma problematização comum. Um *campo* dentro do qual seja possível o exercício de traduzir do futebol para a política instituída na modernidade ocidental -e vice-versa- os significantes de ambos os universos cuja contemporaneidade - durante praticamente todo o século XX - denota

ser central na configuração cultural das relações sociais entre grupos dominantes e grupos subalternos esforçando-se por integrar à organização ritual do evento de massas e os significados nele cristalizados -o lugar que ocupa a lógica mercantil, as formas de pensar a mudança social, as metáforas morais e éticas- de uma sociedade como a argentina. Servirá aos objetivos aqui buscados, colocar por exemplo, em um plano de ressonância analítica o futebol e as formas gerais do Estado, por exemplo?

Em suma, trata-se de entender aspectos pontuais de uma “práxis” no sentido amplo, da qual estes dirigentes participam. *Práxis* que, tal como sintetizou Lacan, consiste no “termo mais amplo para designar uma ação concertada pelo homem, seja esta qual for, que lhe dá a possibilidade de tratar o real mediante o simbólico”. Sábia fórmula com que também o próprio Montesquieu – inspirado pelos relatos de outros mundos dos viajantes da época - em *O Espírito das Leis*, intuía uma lassitude intrínseca do saber sobre o poder, tendo a política se convertido em objeto de conhecimento.

...tiene por objeto las leyes, las costumbres y los diversos usos de todos los pueblos de la tierra. Puede decirse que su tema es inmenso, pues abarca todas las instituciones que los hombres han recibido. (*El Espíritu de la Leyes*. Defensa del Espíritu de las Leyes, II parte: Idea general).

Intuíua já Montesquieu - *avant la letre* - que os objetos da política transitaríam por muito tempo como problemas comuns para a filosofia, a teoria, a sociologia e, mais tarde, para a própria antropologia nas sociedades ocidentais; de certo modo, que estes eram mais um universo geológico que geográfico, das “camadas do tempo”, como diria Walter Benjamin. E que, como também nos advertiu Lacan numa das suas conferências, da mesma forma que a instituição psicanalítica não é uma igreja, mas pode ser corretamente entendida a partir de suas ressonâncias religiosas, as instituições futebolísticas, neste caso os clubes - emblematicamente implicadas em antagonismos culturais - não são Estados, porém inscrevem suas práticas utilizando como referência esse modelo. Assim, entre outras leituras, os dirigentes exprimem também tensões entre a formulação pública de um “espírito absoluto” a ser realizado, como em Hobbes e Hegel, e sua apropriação por parte de determinados interesses e orientações culturais, como em Marx, Sorel ou Gramsci. Mostrou mais especificamente o antropólogo nativo Eduardo Archetti que, para o caso argentino, tratava-se de pensar na importância que tem a construção narrativa do mito nacional que se elabora no corpo “idealizado do futebolista “argentino” e que atua sobre ele

com categorias que estão sendo, ao mesmo tempo, sujeitos de um debate das “idéias políticas” na Argentina, fortemente encaixadas em formas de perceber o poder, a autoridade, a lei, a norma e, inclusive, os diversos papéis dos indivíduos na instituição da sociedade civil.

Será porque, nascendo então da virtualidade de uma guerra, é que o futebol moderno promete como real que seus dirigentes e representantes servirão à tarefa de compreender algumas das formas experimentais que assumem certos antagonismos argentinos aqui mencionados?

Considero que nos clubes que albergam o futebol profissional da cidade de La Plata desde finais do século XIX, se produzirá a materialização de uma reflexão intelectual politicamente comprometida com a construção da nação que marca o começo da uma preocupação pela consolidação da ordem cultural, política e econômica. De tal forma, será também parte de uma problemática ideal que se conectará com a sua trama urbana e com a história presente, que tenderia a se desenvolver em uma luta entre grupos e agências pelo encadeamento de fluxos históricos que atravessaram –e atravessam– durante muitos anos, o exercício visível e invisível do poder político e cultural na Argentina. Trata-se de compreender quais são as coordenadas que fazem do espaço futebolístico em geral e do espaço dos dirigentes dos clubes em particular, um meio adequado para montar e desmontar práticas e discursos em níveis “geológicos” da sociedade civil. Consiste, definitivamente, em restaurar para a crítica, esse “estado de natureza” potencial em que as formas elementares do poder e da política se fundem, reproduzem e re-significam na experiência dos dirigentes.

## Introdução



“...aqueles ingeniosos guerreros, dejando en el suelo sus ficticios sacos, corrían en el vacío al ataque de enemigos imaginarios con estocadas imaginarias... Verlos diseminarse, gesticular minuciosamente y perderse en encajes de movimientos bruscos y prodigiosamente inútiles era deprimente hasta el marasmo.”

Celine. *Viaje al fin de la noche.*



## 1. Formulando um objeto de estudo

A história do futebol como esporte está amarrada à história das suas modalidades de condução, tanto no campo de jogo, como fora dele, em instituições, associações e ligas de diversos tipos. Desde suas origens na Inglaterra dos *lordes* – forma burguesa de aristocracia britânica -, esta prática orientada para a competência esportiva se viu marcada pelo enquadramento civilizatório da sociedade ocidental e pela nascente ordem cultural capitalista de massas (Elias & Dunning 1992; Ehrenberg 1991). Mas seu fortalecimento, pelo menos através de clubes no século XX, deve ser rastreado na emergência de um conjunto amplo de formações sociais similares, formalmente independentes dos Estados e estruturadas simbólica e materialmente no interior de uma noção de "sociedade civil" que inevitavelmente terão seu *locus* experimental no ideal das cidades renascentistas. Eles se incluiriam no movimento de construção de territórios de identificações sociais variadas como as igrejas, sindicatos, partidos, mutuais e associações de todo tipo.

Instalados sobre os *resíduos*<sup>1</sup> “inovadores” e dispersos nas grandes revoluções americanas e francesas, mas fundamentalmente pelo trabalho silencioso e subterrâneo da auto-reforma burguesa da Inglaterra “pós-Cromwell”<sup>2</sup>, os clubes esportivos exprimiriam estruturalmente, pelo fim do século XIX, novos vínculos de determinação mútua entre as práticas esportivas, processos de construção da subjetividade estética significativa, e instâncias “vivas” de organização simbólica dos laços sociais com derivações, entre outras, sobre os papéis das hierarquias. Tal como bem mostrou Foucault a propósito da construção moderna das “práticas de poder” interiorizadas nos dispositivos – e genealogias- singulares que operam racionalizando, separando e fazendo classificações *da* modernidade “*devires segmentares*” (Deleuze & Guattari 1980), estas instituições atuam, inclusive, em direção a uma bio-política que define a relação entre Estado e sociedade civil: como povo, cidadão, governo, ciência, loucura, saúde, etc (Foucault 1995, 2003).

Com a intenção de perdurar no tempo e crescer em tamanho e influência, alguns homens, reconhecidos localmente, adotaram uma forma legal e um modelo moral e ético baseado na competição esportiva, associado com a saúde física e com a nova psicologia e moral pedagógica. Partícipes

---

<sup>1</sup> Será Pareto quem utiliza o conceito de *resíduo* para pensar a dependência complexa e significativa entre elite e massa fundada nos sentimentos. No fundo, ele retoma a dialética hegeliana assepticamente, percebendo a tendência contínua –e antropológica- de criar modos de estabelecer unidades de poder em base a crenças (Cohen-Huther 2004: 46-48).

<sup>2</sup> Cromwel obtém, entre o povo e a elite, os consensos necessários para matar o Rei. Breve intermediário de uma época, até ser decapitado, ele explica: aos camponeses, os benefícios da terra devem estar sujeitos à previsibilidade; aos segundos, a pirataria deve responder ao Estado, e não aos prazeres do rei.

necessários do “processo de esportivização” (Bittencourt 2009: 12), documentaram os objetivos institucionais e culturais destas jovens instituições, instauraram normas e regras hierárquicas para sua organização e sucessão e nomearam a legalidade da figura de um “príncipe” visível. Em definitivo, os novos “dirigentes” criaram “sociedades” com sentidos de justiça, ação e finalidades morais, e estabeleceram mecanismos para sua permanência no tempo, através de práticas cotidianas e representações culturais sobre a instituição. Tendo como precedente a gênese de organização em torno de categorias de diferenciação e identificação social, cultural e econômica em vários destes planos de ação, o futebol nos clubes assumiu, rapidamente, suas identificações com a condução do espetáculo de massas mais exitoso e globalizador do planeta, “atravessando” as diversas sociedades durante processos e acontecimentos sociais, econômicos e políticos significativos do século XX. Esta é a –pequena - história, o *mito* - como gosta de provocar ‘alguma antropologia’ - que venho em parte contar aqui.<sup>3</sup>

“Pertencem ao jogo tanto como o chapéu pertence à cabeça” chegou dizer prematuramente Huzinga (1996: 15) a respeito daqueles que dirigiam esse princípio do universo lúdico que se abria massivamente antes seus olhos já na década de 1930. Porém, este “jogo” penetrava também nas subjetividades, conformando um novo campo de problemas sociológicos e antropológicos afirmado nas particularidades da sua gênese histórico e cultural.

Neste sentido, nas ciências sociais, a busca pela definição de um conceito abrangente de *elite* em que os dirigentes no futebol profissional podem ser incluídos, parece ser indissociável da sua inserção analítica dentro da problemática mais ampla do *poder*. E envolve assim também a necessidade de identificar um conjunto complexo de dimensões constituintes tratadas de diversas perspectivas teóricas: a) no nível das categorias de pertencimento, identificações, reconhecimento e historicidade de um grupo, a objetivação de “ideais de gerir poder” socialmente subjetivados que legitimam o exercício da dominação consensual de uns sobre outros (Weber 1964; Gramsci 1980; Mills 1956; Foucault 1995, 2003); b) em termos institucionais, estratégias politicamente capazes de suportar o exercício do poder e potencializar a natureza dos signos de autoridade e liderança em instâncias organizativas de decisão e governo (Aron 1950, 1967; Pareto 2005; Gurvich 1963; Michels 1971; Mosca 1962, 1953); c) agentes socialmente posicionados em condições objetivas de impor os termos do contrato social de distribuição da riqueza e dos benefícios da produção material e simbólica (Marx 1966, 1968; Parsons

---

<sup>3</sup> Como diz Loic Wacquant a propósito do estudo da interpretação das dimensões vividas do espetáculo esportivo contemporâneo, trata-se, no mínimo, de romper um discurso moralista que “alimenta por igual a celebração e a difamação” e “produz um olhar afastado de um observador situada por detrás ou por cima dos universos específicos” (Wacquant 2006: 24).



1966; Wolf 2003); d) possibilidades de classificação de estratégias de reprodução efetiva do poder orientado para alcançar objetivos diversos, mas socialmente reconhecidos dentro da dinâmica da estrutura social (Giddens 1974, 2003; Boltansky 1982); e por último, e) com maior ênfase antropológico, são culturalmente definidos pelos modelos de conduta, rotinas, gestualidades e narrativas de identidade marcadas por categorias de superioridade e diferenciação incorporadas cuidadosamente nas trajetórias coletivas e pessoais e em relações sociais “simbolizadas” (Cohen 1981; Bourdieu 1979, 2004a, 2004b; Marcus 1981, 1992).

Recomecemos então pelo mais geral dos “problemas” colocados aqui e definamos um campo para este: os esportes modernos, na suas distintas versões (lúdica, educativa, competição, etc.), e o futebol em particular, representam um dos fenômenos sociais, culturais e econômicos de maior relevância nas sociedades contemporâneas. Das menores – formais e informais - organizações locais até as corporações globais, a evolução histórica de suas práticas vincula-se, desde finais do século XIX, com a incorporação de grandes faixas da população mais humilde na participação de um acontecimento estético, político e fundamentalmente acionador da mobilidade social promovida pela sociedade burguesa. Levadas pelo impulso burguês “sobre a experiência da igualdade” (Ehrenberg 1991: 40), explicitaram valores e ferramentas para exercer poder objetivo e alimentando novas lógicas e práticas de status em uma formação cultural e moral entendida como base para uma *elite estratégica*, um grupo de poder capaz de atingir com suas decisões, atos e representações um campo moral e cultural amplo (Keller 1963: 31).

Deste modo, e assim como operou também durante décadas dentro um modelo de exibição dos velhos Estados no socialismo real, o esporte pode ser visto como um objeto privilegiado da manipulação política *in extremis* dos princípios de formulação cultural do poder no capitalismo moderno. Vemos, por exemplo, como, no seu veloz trajeto de institucionalização, os atletas têm-se constituído em uma sorte de “expressões ideográficas” de modelos de socialização, organização e fonte de compreensão dos objetivos desejáveis que deve seguir a constituição da *pessoa*<sup>4</sup> e como vem adaptando seus dispositivos de acesso e recrutamento de suas lideranças organizativas e institucionais, e articulando-se com as crescentes necessidades e exigências do modelo de alta competição e de “promoção do espetáculo” (Faure 1991: 43) a estas expressões associadas. Marcados pela crescente intervenção das novas plataformas de direito internacional, elas devem encaixar-se com as

---

<sup>4</sup> A concepção de *pessoa* é usada nesta tese com o sentido atribuído por Mauss (2003) e Dummont (1985; 1997) ao termo. O centro deste conceito considera o corpo como receptáculo primário de formas de conduta social e culturalmente referenciais.

demandas vindas do modelo de livre mercado, do poder das grandes corporações e dos interesses das elites governamentais emergentes a partir da década de 1980 (Marchak 1991: 93-118).

Inseridos assim os clubes em um sistema de competição crescentemente mediático, organizado em torno a prêmios, castigos e recompensas - que incluem aspectos econômicos, políticos como de imaginários culturais em disputa-, os dirigentes das instituições “clubísticas” no futebol moderno pertencem a uma *elite de poder* no sentido amplo deste conceito. Sua durabilidade formal institucional, seu posicionamento dentro de uma trajetória como dirigentes, como também as mudanças concretas a que estão presas suas estratégias de continuidade atuam, no mínimo, sobre as dimensões do poder, da dominação e da narrativa histórica, sobre o exercício e “mobilização simbólica de um ideal de grupo”, tal como explicitou Cohen (1981: 39). As coordenadas culturais a que são sujeitos estão, então, inscritas nas respectivas sociedades através dos sentidos que assume a organização do futebol e do esporte nas sociedades complexas ocidentais. Empregarei então inicialmente o termo *elite* num sentido técnico, não para referir a sistemas de governos ou crenças políticas específicas, mas para indicar “o fato objetivo e empírico da existência, na maioria das sociedades, de um estrato da população que pode manter uma posição de superioridade e, portanto, uma certa influência sobre o destino de uma comunidade” (Nadel 1990: 413).

Acredito, portanto, que existem três motivos substantivos para estudar as práticas, trajetórias e representações dos dirigentes que circulam na dimensão especificamente política ligada à reflexão do universo do futebol profissional organizado no receptáculo do “clubismo”. Estes argumentos não são unicamente positivos, insisto, são problemáticos. Em primeiro lugar, porque os dirigentes no futebol não apenas expressam formas de atuar e pensar de personagens que protagonizam e encabeçam uma época – de estabilidade, crise e transformação. Mas também se instalam no nosso horizonte, traduzindo “problemas” da filosofia política desde uma realidade local, desde as “estéticas” das relações de poder formais e informais em que estão implicadas trajetórias pessoais, redes de sociabilidades, etc. Em segundo lugar, porque no contexto da sociedade argentina, um dirigente “no” futebol deambula e transita por um território cultural que exprime ao mesmo tempo a mitificação de identificações produzidas historicamente, assim como lugares de questionamento de diversas instâncias de organização política emergentes da sociedade civil. E por último, porque o estudo e incorporação reflexiva do universo do esporte constituem em si mesmo um desafio para uma etnografia antropológica pouco treinada em indagar sobre sujeitos detentores de posições de poder e status nas sociedades complexas (Velho 1999) e no mundo global.

A pesquisa que aqui apresento foi sendo construída entre março de 2006 e março de 2009, junto a sujeitos e grupos que têm ou tiveram, no passado recente, participação ativa como dirigentes dentro dos clubes profissionais de Primeira Divisão de futebol da cidade de La Plata, Argentina. Como consequência desta premissa, a pesquisa foi intencionalmente reduzida ao universo antagônico representado por ambos os clubes desta cidade, *Estudiantes de La Plata* e *Gimnasia y Esgrima La Plata*. Como pano de fundo, pretende *ser um estudo antropológico que tem como objetivo central interpretar concepções, práticas e jogos de poder da qual foram protagonistas pessoas e grupos em posições ‘dirigenciais’<sup>5</sup> na trama de relações que compõem a sociedade civil argentina*. Busca a compreensão de como esses dirigentes vivem e organizam suas práticas e representações em duas direções de abstração analítica fundamentais. Em uma direção, se refere pontualmente à sua inserção empírica dentro do *sistema futebolístico*<sup>6</sup> no que diz respeito às formas instituídas de condução dos clubes de futebol durante os últimos vinte e cinco anos na cidade de La Plata. Na outra, se refere à dimensão de sobreposição entre suas *trajetórias*<sup>7</sup> profissionais, seus posicionamentos nas dinâmicas de poder no futebol e sua intervenção subjetiva dentro das práticas e representações da *cultura política*<sup>8</sup> argentina.

Com estes precedentes, a escolha do universo de análise tentou seguir três requisitos fundamentais, uma vez realizadas as observações de rigor sobre a dinâmica institucional dos clubes: a) com a intenção de objetivar os sujeitos da pesquisa, os dirigentes e ex-dirigentes deveriam pertencer ou ter pertencido, pelo menos durante dez anos, à direção de um dos clubes de futebol da cidade; b) estes mesmos dirigentes deveriam ter uma passagem significativa, como dirigentes, pelos oito principais cargos dentro do clube (Presidente, Vice-presidente 1º, 2º, e 3º Secretário Geral, Tesoureiro ou Coordenador do Departamento de Futebol Profissional); e c) os períodos que

---

<sup>5</sup> Na falta de um adjetivo com correspondente exato em português, utilizarei o neologismo ‘dirigencial’ (singular) e ‘dirigenciais’ (plural) para me referir aos diversos aspectos do universo do substantivo “dirigentes”. Esta escolha tem o objetivo de obter um maior dinamismo na leitura.

<sup>6</sup> Este conceito desenvolvido por Rial (2006, 2009) permite observar a dinâmica de relações sociais, culturais, econômicas e políticas sobre a ótica de “campos” inter-relacionados/diferenciados de Bourdieu (1989). A autora coloca a ênfase em um sistema (futebolístico) caracterizado pela mobilidade, pelas relações transnacionais, pela globalização e pelos fluxos materiais e simbólicos.

<sup>7</sup> Sobre o conceito de trajetórias ver Bordieu (1996) e Berteaux (2005).

<sup>8</sup> Para definir esta categoria, recupero primeiro a reflexão de Roland Cohen (1985) para quem a *cultura política* está primariamente ligada, na democracia, aos partidos, por um conjunto de ideais e símbolos que descrevem a vida política em termos de “tradições”. Ao mesmo tempo, as “culturas políticas” no plural devem ser entendidas como o conjunto de práticas de poder e autoridade associadas com a formulação coletiva dessas referências ao sistema, mas que se revelam em outros âmbitos, reafirmando e questionando, em contextos específicos, seus pressupostos em diversas instâncias de institucionalização formal e informal das noções de governantes e governados (Abelès 1992).

serviriam de marco a estas trajetórias deveriam contemplar êxitos e fracassos futebolísticos e institucionais que servissem de acontecimentos significativos.

Por outro lado, é justo aclarar que, dadas as particularidades objetivas que caracterizam um universo relativamente “fechado” para a pesquisa antropológica, o acesso aos sujeitos concretos dependeu, e muito, de acasos e circunstâncias que fugiram ao controle do pesquisador e que serão explicitados mais adiante. Ao mesmo tempo, a vitalidade e a celeridade dos fatos sociais e das circunstâncias políticas na Argentina, durante 2009, têm obrigado a elaborar esta tese atravessada por uma etnografia do presente. Uma série de eventualidades, envolvendo atores sociais não diretamente relacionados com a pesquisa de campo presencial e, às vezes, aparentemente conjunturais, serão tratadas aqui como parte de uma estrutura de ação no tempo, introduzindo diversas questões em vários momentos da descrição e da interpretação.

Não posso afirmar a existência de redes sociais solidificadas pela pertença a certos estratos ou classes sociais ligando certas profissões e criando grupos de interesse em torno dela. Analisando os oito principais cargos na “dirigência” de ambos os clubes, percebemos que há heterogeneidade do ponto de vista do pertencimento profissional dos representantes políticos dos mesmos, conforme aparece nesta tabela. Devemos compreender primeiro que, na Argentina, os cargos ‘dirigênciais’ nos clubes de futebol são exclusivamente *ad honorem* e emergentes de uma dinâmica política largamente instituída. Como em outros países onde a prática do futebol tem adquirido a condição de evento espetacular dominante dentro dos esportes de competência profissionais, por exemplo, Espanha ou Brasil, os dirigentes são sujeitos que detêm diversas trajetórias sociais e compõem um mosaico relativamente amplo de carreiras e trajetórias profissionais e societárias. De certa forma, eles respondem a um tipo ideal de Jules Rimet, presidente da Fifa entre 1921 e 1954, pois estes dirigentes se encaixam perfeitamente no modelo do *self-man* profissional e burguês característico da constituição idealizada das instituições esportivas no mundo durante esse período (Tomlinson & Young 2006). Apesar de, efetivamente, pertencerem na sua maioria às camadas médias e altas no momento de assumir aos cargos diretivos, suas histórias familiares mostram origens sociais diversas. Na maioria dos casos, eles são primeira ou segunda geração de profissionais, netos de imigrantes, ou empreendedores, comerciantes e industriais recentemente estabelecidos; muitos destes herdaram o controle de pequenas empresas familiares.

Tomando, então, hoje, como “grande quadro”, a soma dos dirigentes pertencente às Comissões Diretivas<sup>9</sup> (CD) do Estudiantes e do Gimnasia -

---

<sup>9</sup> As Comissões Diretivas são compostas por todos os dirigentes eleitos para distintos cargos em eleições ou em assembléias (presidentes, vice-presidentes, tesoureiros, vogais, etc).

clubes mencionados como foco desta pesquisa- e daqueles que são considerados pela história oficial do futebol argentino como “os cinco grandes” (Boca Juniors, River Plate, Racing Clube, Independiente e San Lorenzo), observa-se que 45,7% deles são reconhecidos como empresários de vários ramos de atividade (comércio, indústria, serviços), e 50,7% atuam majoritariamente nas chamadas profissões liberais, como advogados e contadores (entre estes últimos, existe uma minoria, que não chega a 20%, que detém cargos diretivos estaduais e federais, como os juízes, ou em organizações sindicais, NS 3,4%)<sup>10</sup>.

Especificamente, no que diz respeito aos clubes platenses até 2008, a proporção das identidades profissionais dominantes distribuídas nos principais cargos ‘dirigênciais’ é a seguinte:

**Tabela 1. Profissões dos dirigentes do Gimnasia e Estudiantes em 2008**

PROFISSÃO	Estudiantes	Gimnasia	TOTAL **	%
Prof. liberais ***	5	3	8	50
Empresários	2	3	5	31,25
Diretivos do Estado	1	2	3	18,75
TOTAL			16	100

Fonte: elaboração própria. Consultas particulares, Informação em web ([www.afa.org.ar](http://www.afa.org.ar)).

\*\* Tomando os seguintes cargos: Presidência, Vice-Presidência 1ª, 2ª e 3ª, Secretaria Geral Coordenação do Departamento de Futebol Profissional e a Tesouraria.

\*\*\* Contadores, Médicos, Advogados, Escrivãos, Engenheiros, Arquitetos

Embora não tendo dados diretos de suas rendas, podemos ter alguma idéia de sua posição sócio-econômica pelo local de residência. Independentemente das constantes suspeitas – constituintes da sua imagem como “dirigentes de futebol”- da opinião pública sobre suas intervenções “obscuras” em negócios com jogadores, negócios, transferências e, - nas cada vez maiores - obras de infra-estrutura nos clubes e estádios, etc, sua renda comprovável oscila entre a da classe média alta e a da classe alta.

Tal como acontece com a maioria das famílias e personagens influentes da cidade, suas moradias tendem a estar situadas nos bairros de City Bell e em prédios de apartamentos do centro, geralmente localizados nos arredores dos prédios públicos, onde estão situados seus escritórios

<sup>10</sup> Fonte: elaboração própria. Levantamento efetuado a partir da informação disponibilizada pelos clubes nos sites oficiais de Internet e por informação entregue pelos departamentos de imprensa dos clubes.

profissionais, sejam eles no aparelho de estado ou na atividade privada. São, porém, moradias que, na sua maioria, correspondem ao padrão “discreto” e uniforme que, como veremos, responde, por motivos históricos e sociais, às características urbanas de uma cidade de camadas médias, tradicionalmente. Dependendo da sua importância e do cargo dentro dos clubes referidos, eles têm entre 35 e 70 anos de idade, sendo de 51 anos, a média de idade daqueles que assumem o máximo lugar de representação, o de Presidente do clube, durante os últimos 25 anos.<sup>11</sup>

*Imagem parcial da cidade, vista de um hotel localizado na área central. Estética urbana dominante de La Plata. (Foto do pesquisador).*



Independentemente da heterogeneidade das trajetórias profissionais e dos pertencimentos de classe e status de cada dirigente, suas experiências, formando parte de grupos de direção e administração dos clubes, revelam detalhes sobre os exercícios do poder compartilhados e sobre a forma como esse plano de representação simbólico é política e socialmente produzido ao longo do tempo em termos de autoridade. O fato de que, do ponto de vista de sua posição concreta de poder dentro do futebol, a categoria de *dirigentes* seja fundamentalmente definida pela condição de diretores das estratégias de organização do trabalho e do espetáculo nos clubes de futebol, reafirma a hipótese de trabalho a seguir: no centro das suas práticas está o gerenciamento de uma modalidade específica de produção de ideologias e de representações coletivas que são estruturadas e encarnadas “emblematicamente” nestas instituições. Através dos acontecimentos futebolísticos, e assumindo uma posição liminar entre sociedade civil e sociedade política por meio deste, o dirigente elabora sobre si mesmo certos estigmas e marcas referentes ao exercício do poder. Assim, constrói publicamente um papel central na construção de estratégias de circulação e produção de objetos culturais destinados ao mercado do futebol. Investido com outro tipo de horizontes como, por exemplo, os processos de identificação e a manutenção de rivalidades simbólicas ressignificadas no futebol, redobra seus esforços por se

---

<sup>11</sup> Fonte: elaboração própria. Levantamento efetuado a partir da informação disponibilizada pelos clubes nos sites oficiais de Internet, dados em fontes secundárias como jornais locais, documentos internos e comunicações pessoais.

antecipar a um “inimigo imaginário”, como dizia Celine. E trata-se de uma luta dos dirigentes pela hegemonia cultural ali presente, cujas “estocadas” imaginárias se dirigem ao conceito de “cidade” que acolhe as instituições, daquilo que “verdadeiramente é”, ou melhor, daquilo que esta “deveria ser”.

Portanto, que o universo de análise esteja habitado exclusivamente por dirigentes dos clubes profissionais da cidade de La Plata, não se deve a que esta última seja também um objeto de estudo da pesquisa, mas porque ela constitui um *objeto de disputa cultural, ideológica e econômica* no qual estes sujeitos estão inseridos enquanto tais. Observaremos, primeiro, como esta disputa vai girar em torno às identificações que têm como lugar *sagrado* a cidade e, com ela, modelos de estratificá-la e encaixá-la em um padrão que a transcende. Resumindo, a cidade de La Plata aparece estruturalmente marcada por um sistema de diferenças e oposições entre as identidades ou “estirpes sociais” que se relacionam diretamente com os clubes de futebol e serve, portanto, de “teatro de operações” para este estudo.

Esta dicotomia geral contribui para a invenção da tradição de oposições complementares no sentido etnogênico, como compreende este fenômeno Marshal Shalins (2006). Projetada como urbe do futuro, no deserto “pampeano”, em 1882, La Plata é vista, aqui, como território simbólico privilegiado sobre o qual são formuladas proposições e coordenadas práticas do processo de configuração político e cultural na Argentina. Representações antagônicas que têm acompanhado o itinerário político argentino desde o século XIX até o presente, figurações de uma “barbárie” ameaçante de um povo profundo versus uma “civilização” de cidadãos em uma utopia européia e iluminada; estas marcam instâncias simbólicas de uma luta hegemônica eternamente inconclusa que assumem formas culturais concretas em vários níveis de análise (Svampa 2006), e que, como veremos adiante, criam condições para a interpretação espasmódico-pendular do tempo histórico da nação e das “razões” de sua composição particular (Semán & Merenson 2007). A circulação de valores e representações a serem instituídos neste “vazio” geográfico e social, representado pelo “grande pampa úmido argentino” em que a cidade foi “criada”, é tema de sua gênese histórico-institucional. As formas antagônicas subsumem e reorganizam sua trama de significados políticos no universo futebolístico local, ressignificando-se em práticas de poder identificáveis, e encontram um lugar na cidade sob a modalidade da dicotomia futebolística entre *Estudiantes* e *Gimnasia* há mais de cem anos. De forma *suigeneris*, mas instalados nos imaginários culturais pela entrada e saída de grupos relativamente variáveis e heterogêneos, estes clubes de futebol, formam *regiões morais* da cidade, definindo a circulação de “gostos e temperamentos” (Park 1979:64).

Trata-se de espaços onde se encenam obrigações recíprocas baseadas no mundo sensível que permitem estabelecer uma ligação social perdurável entre pares idealmente constituídos ao longo de uma trama histórica e social. Neste contexto, o espaço social ‘dirigêncial’ permite conceber os conteúdos dessa trama ligados a um contrato social que fortalece e permite sua existência como seres sociais diferenciados dos subalternos. Analogicamente, Georg Simmel (2002) diria que se trata de formas participativas públicas de onde emerge a “noção de sociedade”, neste caso encarnada no clube e alimentada no tempo por “acontecimentos emblemáticos” que os associam diretamente com a *performance*<sup>12</sup> futebolística e com a *vita ativa*<sup>13</sup> institucional, organizando coordenadas políticas em favor de uma das noções centrais que estruturam o sistema de clubes, qual seja, a “fidelidade, amálgama do clubismo” (Damo, 2005: 77). Acontecimentos que, compreendidos na perspectiva antropológica de uma *etnogênese* processual que conecta história e conjuntura, consistem em instantes necessários e criativos de relações de força entre práticas simbólicas que incessantemente se invertem e reverterem pela ação dos atores sociais, atualizando as lutas de significação entre ambas (Sahlins 1995, 2006); resumindo, “como a operação das práticas afeta o curso da história” (Ortner 2007: 30).

Em torno às identificações produzidas pelos clubes, a atividade ‘dirigêncial’ instala-se no centro da construção de laços de identificação entre eles e, independentemente da pertença futebolística, produzem uma

---

<sup>12</sup> O conceito de *performance* na antropologia emerge durante a década de 1970 com a finalidade de revitalizar as formulações estáticas que tendiam a reduzir os rituais a objetivos sociais, culturais e econômicos coerentes entre si. Esta perspectiva tinha como finalidade incorporar as instâncias excepcionais dos rituais ao conceito de drama social e de “experiência” simbólica (Turner 1986; Blumer 1986; Abrahams 1986) Assim, Singer definia a *performance* como “meio de comunicação” que inclui não unicamente a linguagem falada, mas também meios não lingüísticos tais como cantos, dança, interpretações performativas, artes gráficas e plásticas (Singer 1972: 71). Essas atividades podiam ser observadas como uma experiência direta, única e irrepitível, suscitando um olhar não-cotidiano onde repetição explicitava uma poética. Desde o ponto de vista do que comunicam as *performances*, - indo além do “ato de fala” de Goffman - elas seriam compostas, hoje, inclusive de uma “mídia cultural” complexa em que são mais uma “orquestração de meios simbólicos comunicativos”, do que apenas “expressões num único meio” (Langdom 1996: 5). A perspectiva performática permite compreender os modos em que diversos “jogos” comunicativos, como por exemplo, o espetáculo futebolístico, mas também, o político, operam reflexivamente na construção social da realidade coletiva e são parte de um processo “indicial” de várias facetas (Bauman & Briggs 1990: 60-62).

<sup>13</sup> Sirvo-me deste conceito de Arendt (2002) com o objetivo de assimilar a vida política como ato de comunicação. A *ação* é para Arendt efeito imprevisto de uma pluralidade discursiva, entendida ambas como elementos que fazem possível a *política* como espaço onde a liberdade é a confirmação de uma espontaneidade que caracteriza a presença de toda pessoa no mundo e não um efeito legal, normativo e funcional. Arendt mostrou assim que, desde o ponto de vista da política, a *vita ativa* era o fundamento da ação através da palavra. A palavra contém poder enquanto se estende ao social trazendo consequências para os protagonistas, especialmente através do conceito de promessa.



individação, como dirigentes, através de processos de interação. A dinâmica da sociabilidade<sup>14</sup>, focada no estudo da “dirigência” no futebol, pode ajudar a compreender os procedimentos concretos de construção de valores culturais de uma elite local ou nacional desde um ângulo de análise flexível para abordar condutas de empoderamento de certos grupos e pessoas. Em verdade, a relação entre os indivíduos que compõem este universo de ação sócio-política envolve assim “uma relação direta e experiencial entre as formas públicas e a dinâmica das emoções” (Marcus & Fischer 2000:131), e estrutura-se em vários níveis de significados coadjuvantes: as formas públicas da afetividade e do pertencimento, a racionalidade econômica e institucional do clube, as identificações culturais do futebol, as posições nas hierarquias constituídas fora das instituições, os mecanismos de reversibilidade implicados, etc. Isto, sem subestimar “o outro da política”, quer dizer, aquilo que impõe certas condições de realização de um estilo determinado de conduzir e ser conduzido (família, gênero, capital cultural, interesse, etc.). Tomando esta perspectiva como ponto de partida, não teria sentido reduzir as interpretações sobre o universo ‘dirigencial’ no futebol exclusivamente do ponto de vista organizacional funcional, ou seja, à composição social e às operações executivas dentro do sistema clubístico e futebolístico.

Neste contexto, pequenos homens assumem o papel e se transformam em “Maquiavellos” e experimentam também suas vidas em torno do exercício de coordenadas de poder a fim de decidir sobre os destinos coletivos ancorados nos significantes veiculados no futebol e na estruturação de circuitos de interação formal e informal no chamado “clube dos sócios”. Um poder essencialmente frágil, quase sempre carente dos dispositivos retóricos *da* política instituída, porém, experimental e “de trânsito”, que se apresenta, precisamente, “ocultando-se”, como dirá sabiamente Claude Lefort (1990) em referência a essa ambigüidade da organização democrática moderna. Neste sentido, destaco os diversos tipos de desempenhos ‘dirigenciais’ durante os “tempos institucionais” e seus vínculos estruturais com as identificações futebolísticas.<sup>15</sup>

Trata-se de observarmos esses desempenhos do ponto de vista do mundo real dessas pessoas, tal como Maquiavel entrou na vida do Príncipe, observando os esforços concretos que eles realizam para chegar a esse poder moveção, para mantê-lo e para reforçá-lo, diria, para recriá-lo.

Um dirigente no futebol está frente (em interface) à idéia de uma elite em formação. Apenas traça um caminho para ele e para outros, em

---

<sup>14</sup> Sobre o conceito de *sociabilidade* ver Georg Simmel (2002).

<sup>15</sup> Por que não vemos, então, esse “príncipes” em uma conferência de imprensa, com publicidade ao fundo, como efetivamente acontece no caso dos jogadores e treinadores diariamente? Ou cobrando um pênalti como queria o escritor e dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues?

favor da compreensão sobre os modos concretos em que pode ser gerido, resistido, interpretando o movimento de organização esportivo-futebolístico. Os dirigentes com que tratei se apresentam como cosmopolitas, mas sujeitos, hoje, a uma crescente demanda de eficácia e produtividade homogeneizante, eles mostram uma certa ambigüidade entre a necessidade de circular em espaços e redes identitárias híbridas (Hall 2002), e a inércia de práticas tradicionais de “pequenos burgueses provincianos”, fundamentadas nas suas trajetórias familiares, profissionais, etc., e claro, também fortemente arraigadas na força orgânica dos “Grandes Relatos” (Lyotard 1993: 33-38). São “modernos” que entram em tensão com o “processo de personalização” característico da socialização em sociedades contemporâneas (Lipovetsky 1986).

É verdade que seu posicionamento concreto no sistema futebolístico local ou internacional os coloca no topo do poder clubístico formal e também no centro das dinâmicas de negociação no que se refere ao futebol, mas esse movimento se mostra mais como um abstrato e um ideal. Acredito que eles participam de um movimento mais instável do que mostram as aparências. Justamente, o que fundamenta seu interesse heurístico como objeto com relação à cultura política, consiste em participar de um movimento sincopado e introdutório, mas não por isto menos musical, capaz de nos fazer transitar em trajetórias e espaços sociais que falam muito daquilo que um grupo ou uma pessoa “com poder” ocasional deseja adquirir –e acionar- para se constituir como uma identidade estável (ainda que não o conseguindo efetivamente).

Trata-se de um poder experimental que está longe de constituir-se a si mesmo como resultado de uma *carreira*<sup>16</sup> homogênea no sujeito dirigente. Driblando rivais e servindo-se da retórica futebolística, na luta pela “idéia” de um país, de uma cidade e de um povo, produzem-se fissuras nas formas de ascender e manter o poder, e combina-se em um amálgama de trajetórias pessoais e capitais simbólicos e sociais. Na legitimação implicada no papel institucional como dirigente, os dois clubes servem, aqui, como campo de interpretação do sistema futebolístico porque permitem observar em que medida o próprio papel “diretor” que cabe a um dirigente se amarra também nas dicotomias clássicas do futebol fazendo às vezes de “extensão” naquela que faz referência aos “estilos de jogo” próprios de cada identidade como uma totalidade.

O assunto dos dirigentes de clubes e o futebol se passa, inicialmente, nesta tese, sobre uma dicotomia entre Estudantes e Gimnasia, ambos clubes centenários da cidade de La Plata. Mas uma dicotomia que será objeto, aqui,

---

<sup>16</sup> Conceito *ênico* que serve aos sujeitos para dar um sentido às trajetórias pessoais, traçando um percurso de uma base inicial até uma meta prefixada e conhecida (Goffman 1993).

da tentativa de uma lenta desconstrução. A contextualização deste fenômeno - de instauração dos antagonismos através do futebol - se oferece para entender como os valores abstratos associados com “estilos” estarão inscritos e incorporados na polifonia nacional, desde os primórdios, como elementos de uma experimentação de valores e práticas políticas. Eles são considerados, aqui, protagonistas de expressões das antinomias estruturais que projetam - e são objeto - de projeção de valores e representações que se acionam em um plano lúdico e entram em ressonância com figurações clássicas que operam na tensão moderna entre sociedade política e sociedade civil. Em consequência, trata-se de representações e valores que se apresentam, ao mesmo tempo, no nível da produção espetacular do futebol, mas que tecem também, cotidianamente, práticas no nível ‘dirigencial’, laços profissionais e familiares, condutas que buscam ou resistem ao poder, tensões entre mundos públicos e mundos privados, etc. Este é precisamente o substrato que permite afirmar, no nível das práticas, o clube de futebol, organizando-se segundo modelos de ação sócio-política em constante luta, discussão e negociação e deslocamento da política para outros campos.

Sabemos, com Bourdieu (2004a, 2004b), que “os campos” constituem uma face da “exteriorização da interioridade”. O campo é uma “esfera da vida social” que se tomou progressivamente autônoma através da história, em torno de determinadas relações sociais, recursos específicos, e diferentes de outros campos. Cada campo é assim um “campo de forças” caracterizado por uma distribuição concreta de recursos, por isso, uma relação de forças entre grupos constituídos ou em constituição. Trata-se de um “campo de lutas” onde os agentes se confrontam para conservar ou transformar essa relação. A formulação do objeto deverá seguir, então, a “assimilação das ações” destes atores (os sócios) enquanto dirigentes nos diversos campos, uma vez formalizados como protagonistas no topo de um poder constituído nos clubes. Entre muitas outras qualidades, ressaltam-se as de integrar o *staff* de um *drama social* cuja finalidade parece ser a reparação constante de um conflito recorrente e reproduzido como domínio público e fundamentalmente mítico (Turner 1999) e não apenas nas trajetórias como pessoas e como atores sociais independentes. As distintas profissões inscrevem *estilos de vida*<sup>17</sup>, trajetórias e processos biográficos, assim como também os caminhos institucionais e práticas e discursos neles possíveis.

Finalmente, penetremos neste universo passando pela visão de um desses antigos dirigentes de um clube platense com a finalidade de insinuar o espírito das hipóteses aqui esboçadas, sobre o que realmente está em jogo.

---

<sup>17</sup> A respeito do conceito de estilo de vida, ver, por exemplo, Bourdieu, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Atualmente Secretário Geral do Tribunal de Contas da Província de Buenos Aires e de uma segunda geração de profissionais liberais, ‘o Contador Fuentes’<sup>18</sup> me recebeu pela primeira vez, amavelmente, no seu amplo e luminoso escritório no quinto andar do importante prédio desta entidade estadual, localizado em frente à Praça Mariano Moreno de La Plata. Impecável, usa terno e gravata. Quando senta à sua mesa de trabalho, chama minha atenção uma cruz, na parede às suas costas. Levanta o telefone e solicita a sua secretária que venha. Pergunta o que desejo para beber, antes de começar. Escrevi no meu diário minha primeira impressão: “*diria que é quase um “estereótipo” do tipo ideal que define o domínio estatístico das classes médias de La Plata*”. Efetivamente, a cidade de La Plata, na sua condição de capital da Província de Buenos Aires, conta com uma importante população empregada no aparelho de estado. Pergunto o que diferencia um dirigente do Estudiantes de outro, do Gimnasia, sendo ambos primeiro “dirigentes”, supondo que ali iria encontrar uma unidade de origem para todos eles. Porém, este importante ex-presidente - e ex-tesoureiro do Gimnasia durante a década de 1980 e 1990- resume assim esse mundo antagônico em que seus próprios atos se apresentam sujeitos de uma luta cultural mais ampla:

Gimnasia es mas de la periferia... donde bueno..., el grupo de hinchas y socios es de un grupo social determinado... Los de Estudiantes talvez, son mas de la zona... de la parte urbana, del casco urbano de la ciudad digamos, entonces otro... mas allá de que están mezclados en todos lados. Entonces, me parece a mí de que es mas representativo, gente mas ordenada... especialmente se ve en sus dirigentes... a través del tiempo, han sido mas ordenados. No son tan “fieros” como nosotros, incluidos los que alguna vez dirigimos los destinos del club. Nosotros somos el prototipo del argentino. Nosotros somos bien argentinos... (Cdr. Fuentes, 59 años)

O estudo aqui proposto tenta formular também o marco das representações em que o objeto de estudo está inserido: tendo na “dirigência” no futebol um campo imenso de reflexão sobre as formas que assume a política no universo da cultura, suas práticas de poder, suas trajetórias e o status atribuído às suas virtudes e qualidades, surgem temas centrais para a interpretação destas representações.

Em definitivo, o conjunto dos interlocutores acompanhados e entrevistados ao longo da pesquisa forma redes sociais (Foote-White 2005; Harmez 1993) notoriamente flexíveis e polifônicas a partir do seu

---

<sup>18</sup> Os nomes e sobrenomes -que se referem aos dirigentes- utilizados nesta tese são fictícios. Com relação aos sobrenomes cabe esclarecer que procurei obedecer as suas origens imigratórias.

pertencimento às respectivas “dirigências clubísticas”. Estas relações de pertencimento, status e a consequente circulação de bens econômicos e simbólicos são objetos concretos da vivência ‘dirigencial’, e tem como centro exemplar o clube e as atividades de decisão com que o universo do futebol profissional vem associado. Nos clubes, estas pessoas distribuem suas energias organizando-se variavelmente em grupos de afeto e interesse de variada intensidade e durabilidade, criando novas redes ou alimentando as já existentes. Porém, o fazem em um contexto onde os *símbolos dominantes* (Turner 1986; Bruner 1986) da performance futebolística, os “emblemas” e as identificações que giram em torno delas, fazem às vezes de um suave fogo sobre o qual cozem suas experiências em torno aos significados, emoções e expressões nesse universo, estruturando signos poéticos e emocionais destinados a organizar a eficácia simbólica do poder, a autoridade e a liderança.

Com efeito, é uma poética em que as “estocadas imaginárias” de Celine resultaram menos interessantes que o previsto nas minhas expectativas anteriores ao início desta pesquisa, mas que são as evidências de um mundo paralelo em que estes personagens se lançam a uma guerra, em aparência - apenas em aparência -, inútil. Um mundo paralelo em que, em contraste com a política instituída, e como dizia Geertz no *Negara* balinês, tem muito de um jogo “em que a interconexão entre status, pompa e governo, não só permanece visível, senão que, de fato, se prega” (Geertz: 2000: 218). Observaremos que será através dos *estilos* –de dirigir, jogar, administrar, etc- que este “pregar” adquire sua forma elementar e própria na experiência ‘dirigencial’.

## 2. A cidade de La Plata no contexto de uma anomalia nacional

A cidade de La Plata<sup>19</sup> está localizada a aproximadamente 60 km na direção sudeste da cidade de Buenos Aires. Foi fundada em 1882, com o objetivo estratégico de dotar de uma autonomia política definitiva à capital argentina, depois de quase sessenta anos de guerras e lutas civis entre grupos pertencentes às elites urbanas e grupos do campo, conhecidos, respectivamente, como os “unitários” e os “federais”. Ambos os grupos disputavam o domínio das coordenadas simbólicas do poder que os associavam com o controle objetivo da cidade capital e do incipiente comércio de ultramar que ela representava. Centro versus interior foi o *leitmotiv* desta longa disputa “nacional” nunca resolvida e protagonizada, principalmente naqueles anos,

---

<sup>19</sup> Segundo o Censo Nacional de 2001, La Plata tem 574.369 habitantes distribuídos em uma superfície total de 926 Km<sup>2</sup>. Fonte: *Censo Nacional de 2001*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Estadísticas y Censos.

pelos chamados “caudilhos” da Província de Buenos Aires e de outras regiões do interior do país<sup>20</sup>, tradicionalmente ligados à mobilização das massas rurais frente aos partidários de um centralismo iluminado com base na elite nativa progressista que habitava o porto de Buenos Aires (Svampa 2006: 46).

Em um período relativamente curto de tempo (1880-1910), um capitalismo de base agrária e latifundiária dependente impõe-se como modo de produção dominante na formação econômico-social do país. Nesta formação, subsistem e se reproduzem relações de produção não capitalistas, seja nas economias regionais da área periférica ao “pampa úmido” seja dentro deste último. As relações sociais agrárias garantiram à aristocracia terratenente a apropriação da renda absoluta do solo. A incorporação à segunda onda de “mundialização” da economia (1870-1900), sendo a Argentina um país privilegiado em recursos naturais e na produção de alimentos em grande escala, e, além disso, receptor de inversões e tecnologias de ponta (transportes, frigoríficos, etc.) provenientes dos países capitalistas centrais, permitiu a edificação de um Estado liberal-conservador dinâmico, capaz de direcionar uma revolução produtiva e promover a massiva imigração estrangeira, a constituição de um grande sistema de educação básica laica, o desenvolvimento de uma sociedade de massas com divisão social capitalista do trabalho nas grandes cidades e a identificação popular com os símbolos conservadores de “Ordem e Progresso”.

Mas as circunstâncias internas mencionadas não eram suficientes. Do ponto de vista econômico, a acumulação do capital girou sobre vantagens do diferencial agrário do aluguel dos campos e do comércio ao estrangeiro; o excesso econômico não foi aplicado para desenvolver o mercado local de acordo com as taxas que exigiam o crescimento da população; o setor industrial local não foi integrado com a economia (Rock 1985). No âmbito político, o sistema de partidos erigiu-se sobre a exclusão da participação de um estado liberal “oligárquico” elitista e de um partido conservador fechado. Estas instituições políticas impediram o desenvolvimento progressivo da “cidadania política” (Godio & Mancusso 2006). Por último, a cultura liberal positivista -se bem que modernizante- desenvolvia e justificava, culturalmente, maneiras de viver “rentístico-financeiras” não baseadas no trabalho e nos valores impulsionados pelos esforços “produtivistas” da imigração. Foi se

---

<sup>20</sup> Na história socio-política argentina o termo “caudillismo” pode ser entendido com relação à história socio-política brasileira como síntese particular do *coronelismo* (a partir de meados do século XIX) e do *caudilhismo* (a partir da última década do século XIX). O primeiro associado, nesta última, ao exercício da força e do poder sobre territórios e pessoas. E o segundo especialmente associado com o carisma politicamente constituído a partir de relações de dádivas locais.

constituindo, assim, uma “sociedade agrária” em contradição com a nova “sociedade de massas e do salário”.

Efetivamente, tratava-se de uma via potencial de desenvolvimento econômico, social, político e cultural da comunidade nacional em um contexto histórico concreto (segunda metade do século XIX): uma “colônia de população”, com grandes capacidades produtivas agrárias montadas na lógica de crescimento dos países desenvolvidos do capitalismo da época; membro de um pequeno grupo de países que se entraram funcionalmente na modernização da primeira onda da mundialização da economia, hegemônica pelo imperialismo britânico (1870-1914). Uma “anomalia” de origem por que, a Argentina daqueles anos, ao mesmo tempo era próspera e extremadamente desigual, e “impávida, se manteve sem resolver seu papel na divisão e na apropriação de áreas periféricas entre os países desenvolvidos do capitalismo” (Godio & Mancuso 2006: 55).

A recém criada cidade de La Plata iria servir de Capital à região que tinha mais importância estratégica naquelas disputas: a *Provincia*<sup>21</sup> de Buenos Aires, uma longa extensão de terras férteis e escassamente habitadas, quase tão grande como o território da França, que rodeava a cidade de Buenos Aires (recentemente declarada Capital do país em 1880). La Plata se encontrará no centro do impulso “normalista” que o presidente liberal Faustino Sarmiento<sup>22</sup> dera à educação duas décadas antes. Precisamente aqui se enraiza primeiro e grande efeito dessa “anomalia” argentina no qual a cidade adquire para si um território simbólico até hoje. Finalmente, a cidade nasce como parte de um modelo pedagógico de grande escala que era pensado para um país de *farmers*, de pequenos produtores, e não dos grandes latifúndios reais que entravam em contradição com a expansão e incorporação de grandes massas aos instrumentos da cidadania política. O programa da chamada “geração dos ’80”, em que La Plata se inclui como ícone em um campo de forças, resolveu brutalmente o “problema indígena” através de um processo de repressão-cooptação dos “gauchos e montoneras” do

---

<sup>21</sup> Equivalente ao conceito de “Estado” no Brasil.

<sup>22</sup> Como escritor, Domingo F. Sarmiento é um dos maiores expoentes do Romantismo argentino, devido ao seu papel relevante na chamada Geração de 1837. Sarmiento integrou o chamado “Exército Grande” que derrubou Rosas em 1852. Foi eleito presidente da Argentina para o período 1868-1874, duplicou o número de escolas públicas na Argentina e construiu por volta de cem (100) bibliotecas públicas. A imigração européia também foi fortemente incentivada sobre a idéia de produzir uma “mudança cultural”. Nos últimos anos de sua vida, ele aproximou-se do Positivismo, como bem atesta seu último e mais polêmico livro: “Conflictos y armonías de las Razas de América”.

interior<sup>23</sup>. Depois de finalizadas as grandes matanças indígenas da década de '60 e '70 do século XIX, e do disciplinamento do “*gaucho irreverente*” através da sua incorporação aos exércitos de conquista, a cidade e o país deverão se conformar com esta nova violência urbana, agora sob o signo da civilidade prometida, e finalmente “arrancada” ao deserto e à barbárie na origem.

La Plata seria pensada desde seu início como...

Un lugar en el que radicar una ciudad que no este muy lejos de Buenos Aires, ni muy próximo tampoco, que puedan ser desviadas hacia él las corrientes comerciales con provechos positivos; que ocupe un local central con relación a la Provincia de Buenos Aires...<sup>24</sup>

E durante sua inauguração, reitera-se que...

...en la Plaza Principal, se construyeron los palcos en forma de semi-circulo...(...) en los que se leían: Paz y Libertad –Orden y Progreso- Vías de comunicación y vida Municipal –Educación Común y sufragio libre – Amor por la libertad y respeto por las instituciones – La educación común debe acompañar a la universalidad del sufragio –No basta con odiar la tiranía, es necesario amar la libertad, etc, etc.<sup>25</sup>

Este foi o primeiro - e determinate - ritual de “teatralização política” (Abelès 1997: 251) em que La Plata foi projetada como “cidade modelo” da “ordem e do progresso” liberal-democrático, destinada a ser ícone da modernização econômica e cultural que encabeçava a então governante “geração dos '80” do século XIX. Este grupo dirigente era herdeiro do ideal humanista-iluminista encarnado por Faustino Sarmiento e a geração dos '37 do mesmo século, dominada por intelectuais pró-republicanos. Na década de '80, a cidade era protagonista urbano da consolidação ambígua de um projeto econômico agropecuário-exportador de raiz latifundiária que dominará, com relativo êxito, o país até a década de '30 do século XX, quando este modelo mercantil entra em crise mundial. O futuro do país era visto, naqueles últimos anos do século XIX, como o resultado da fusão bem sucedida de um estado-nação liberal moderno e uma economia primária definida como o “celeiro do

---

<sup>23</sup> Chamou-se “montoneras” às unidades militares de extração rural integradas pelos “gauchos” – pastores mestiços- durante as guerra civis da primeira metade do século XIX. Geralmente, eram uma formação de cavalaria, conduzidas pelos caudilhos locais.

<sup>24</sup> Dr. Nicolás Achával. Apresentação da “Reseña Estadística y descriptiva de La Plata. Ministerio de Gobierno de la Nación. Buenos Aires. Novembro de 1985.

<sup>25</sup> *Idem*.



mundo”. O país aparece ou se apresenta como privilegiado receptor de capitais e tecnologias vindas dos países industrializados e grande assimilador de uma massiva imigração estrangeira, principalmente do sul da Europa (Itália e Espanha), sob a administração de uma aristocracia política conservadora, mas ideologicamente renovadora, pelas doutrinas de matriz liberal-positivista.

Nascida, então, em um momento histórico entendido por muitos historiadores do país como a instância “fundacional” do estado-nação argentino (Halperin Donghi 1972, Rock 1985; Romero 2002), os responsáveis pelo projeto desta nova cidade, baseada no higienismo e no racionalismo da época, foram urbanistas e arquitetos europeus contratados para tal fim. Sua construção foi realizada por operários e peões imigrantes, chegados de variados lugares do mundo, os quais também formariam a primeira comunidade de habitantes da cidade. No censo realizado em 1885<sup>26</sup>, consta que, dos 26.327 habitantes da cidade, 15.965 (64,4%) eram, na sua maioria, de nacionalidade italiana, espanhola, polonesa, e 15.401 (62%) eram operários e trabalhadores em geral. Pensemos que dez anos mais tarde, no Censo de 1895<sup>27</sup> quando aquela primeira onda de imigração tinha já finalizado, em nível nacional, a cifra de imigrantes era de 25%.

Por sua vez, em La Plata, um número crescente de dirigentes do recém criado aparelho estatal viajava diariamente pelas novas vias férreas que a conectavam com Buenos Aires. O centro urbano, diferenciado claramente do perímetro periférico pela circunvalação que o delimitava, estava, originalmente, rodeado de pequenas fazendas de abastecimento. Pouco a pouco, ao redor do porto de Ensenada, cresceria o bairro industrial de Berisso<sup>28</sup>, primeiramente ocupado pelos frigoríficos destinados à exportação de carnes vindas dos latifúndios da Província. Mais tarde viriam as fábricas manufactureiras, durante a substituição de importações, ligada ao período de nacionalização do transporte e da indústria química na década de '30 do século XX e à “restauração nacionalista”, “o primeiro hiato culturalmente relevante, que começa a desconfiar, amarga e acidamente, do destino do país, do destino da exitosa, generosa e próspera Argentina cosmopolita” (Mancuso 2006: 208) em que La Plata se auto-criará como metáfora. Definitivamente, nos anos da sua fundação, La Plata parecia ser a realização do sonho de outro líder intelectual desse projeto, Juan Bautista Alberdi, quem tinha escrito em “Bases e Pontos de Partida para a Organização Política da República Argentina” em 1852:

---

<sup>26</sup> *Reseña Estadística y Descriptiva de la Ciudad de La Plata*. Buenos Aires: Ministerio de Gobierno de la Nación. Noviembre de 1985.

<sup>27</sup> *Censo Nacional de 1895*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Estadísticas y Censos (INDEC). 2001.

<sup>28</sup> Segundo o Censo Nacional de 2001, Ensenada possui 51.448 habitantes, enquanto Berisso têm 80.092. Fonte: Instituto Nacional de Estadísticas y Censos (INDEC).

Aunque pasen cien años, los rotos, los cholos o los gauchos no se convertirán en obreros ingleses... En vez de dejar esas tierras a los indios salvajes que hoy las poseen, ¿por qué no poblarlas de alemanes, ingleses y suizos?... ¿Quién conoce caballero entre nosotros que haga alarde de ser indio neto? ¿Quién casaría a su hermana o a su hija con un infanzón de la Araucanía y no mil veces con un zapatero inglés?

Um arquiteto francês, chamado Pierre Benoit, seria o autor reconhecido do projeto urbanístico de La Plata. Em 1882, finalizaram a construção da cidade conhecida ao longo do país como “a cidade das diagonais”. Realmente, ela foi, por um bom tempo, objetivo utópico da nação, onde se aplicaram os princípios higienistas e funcionais de uma cidade progressista, com amplas e ensolaradas ruas e avenidas, praças e espaços verdes generosos e geometricamente distribuídos, serviços higiênicos e equipamentos modernos, luz elétrica e transporte e onde a arte urbana combinava o barroco e o neoclássico em espaços monumentais, arquitetura de palácios que enfatizava a sociabilidade urbana<sup>29</sup>. Tratava-se de um modelo baseado no “urbanismo orgânico” nascido no século das luzes, formulado a partir do descobrimento do sistema de circulação do sangue do corpo humano feito por William Harvey em 1628 (Sennet 2008: 261-288).

Ao longo da sua coluna vertebral, a Avenida 53, se estendem os prédios públicos municipais e provinciais em um *boulevard* inspirado no do *Champs Elysée*. Esta avenida culmina com o Colégio Nacional, que está rodeado pelas principais faculdades da Universidade Nacional de La Plata (UNLP), fundada posteriormente, em 1905, com o objetivo de favorecer um povoamento “nobre” e “culto” da cidade e de formar as novas elites intelectuais. Os amplos espaços para a prática esportiva, atrás dos prédios educativos, marcavam a centralidade do modelo inspirado no *college* inglês. Atrás desse espaçoso modelo de civilidade, cresce o *Paseo del Bosque*, uma enorme extensão de terra atravessada por caminhos, que foi pensada como um parque natural que representa urbanisticamente a relação da civilidade interna com uma natureza benfeitora, estabelecendo os claros limites com ela.

Las zonas no se confundian, La ciudad no se dispersava.  
No se toleraba la periferia desparejada, sub-equipada,  
marginada. La ciudad era una creación humana completa

---

<sup>29</sup> Com relação ao seu desenho de vanguarda é importante saber que La Plata foi premiada na Exposição Mundial de Paris em 1889, com duas medalhas douradas nas categorias de “Cidade do Futuro” e “Melhor realização construída”.

y controlada, y el campo, natural y hermoso por sí mismo, era obra de la naturaleza, con la mano del hombre con sabio regulador.<sup>30</sup>

Desse modo, construída em torno a um centro geométrico perfeito, no coração, impávida, a ‘Plaza Mariano Moreno’ constitui a inscrição material de um relato histórico-mitológico (Lévi-Strauss 1986: 63). Do ponto de vista da sua significação como utopia de unidade política em um contexto de lutas hegemônicas da época, não é menos importante o fato de se ter dado à praça central da cidade o nome de Mariano Moreno, já que, usualmente, nas cidades e nos povoados da Província de Buenos Aires, a praça central será, quase sempre, chamada de ‘Plaza San Martín’, o nome oficial do prócer ícone da independência argentina e de outros países do continente no primeiro quarto do século XIX.



*Foto de La Plata em 1981, faltando um ano para o centenário da fundação. No extremo inferior, a imponente Catedral de La Plata (inspirada em Notre Dame) em frente à Praça Moreno. No outro extremo da praça, o palácio do Governo Municipal. As Avenida 51 e 53 acompanham ambos os lados destes dois prédios em direção ao rio e marcam o espaço de sociabilidade urbana (Foto: Acervo Municipal de La Plata).*

Acontece que Moreno naquela época, era o sobrenome de uma figura política emblemática e, ao mesmo tempo, contestada do ponto de vista ideológico. Jacobino confesso, primeiro tradutor do *Contrato Social* de J.J. Rousseau em 1810, foi advogado, jornalista e político e teve uma vertiginosa

---

<sup>30</sup> *Eje del centenario. Una propuesta cívico y urbanística.* La Plata: Municipalidad de La Plata. 1982.

ascensão ao poder durante os primeiros anos da Revolução de Maio, sendo nomeado Secretário de Guerra nesse mesmo ano. Sua morte prematura e duvidosa em alto mar, em 1811, a bordo da galeota “Fame”, que o levava à Europa em missão da Primeira Junta de Governo, abortou um posicionamento mais radicalizado das origens republicanas do país. A Praça Mariano Moreno representa, assim, o “espírito” de Buenos Aires habitando a cidade na fundação de La Plata. Ao passo que a Praça San Martín, receptáculo do palácio do Estado, será a testemunha do espírito do interior do país, representado, então, pela Província de Buenos Aires, em disputa com a primeira por uma identidade nativa de governar e fazer negócios com o mundo.

Neste sentido, o racionalismo urbano de La Plata é abstração e concretude de uma variedade de gêneros que transitam pelo inconsciente coletivo “patriótico”. O modo como os clubes se instalaram nesse traçado faz parte desse processo em que se forma a cidade. Poucas vezes foi tão precisa a afirmação de Michel De Certeau sobre o que ele denomina a *cidade-conceito*, instaurada pelo discurso utópico-urbanístico. Como nos diz este autor, é sobre a base de uma organização racional e de um *não tempo* para construir receptáculos formais para...

...a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade: como ao seu modelo político, o Estado de Hobbes, pode-se atribuir-lhe pouco a pouco todas as funções e predicados até então disseminados e atribuídos a múltiplos sujeitos reais, grupos, associações, indivíduos. A cidade, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. (De Certeau 2008: 173).

Deste modo, o traçado urbano ilustra muito bem dois componentes centrais que caracterizaram a época: o modelo político inspirado no centralismo francês e o impulso à imigração européia como estímulo para uma nova práxis cultural em busca de uma aculturação “empática”. A necessidade de criar instituições capazes de organizar uma pedagogia das jovens elites emergentes e construir receptáculos formais para esta finalidade tinha como pano de fundo a fórmula de modernidade “desenhada” como urbanidade social e utópica.

Como afirma Armando Silva a propósito do conceito de *pregnância simbólica*, que toma emprestado do filósofo Ernst Cassirer, os imaginários urbanos, carregados de projeções e intenções sociais da ordem simbólica, vão sempre “referir-se à impotência que condena o pensamento a não poder intuir algo sem relacioná-lo com um ou muitos sentidos” (Silva 2001: 44). A cidade

aparece como um grande palco em que os atores, diretores e operários iam tomado seus respectivos papéis em uma peça sobre a grande pátria imaginada a partir daquela cidade.<sup>31</sup> Assim, estes conjuntos de signos remetem a ideais e significados presentes no conceito que os habitantes da cidade criaram sobre si mesmos ao longo dos anos, encontrando um ponto de convergência local em torno a um problema que tem atravessado a maioria das sociedades modernas na instituição da ordem política: a governabilidade das massas que nasciam junto a utopias de sociabilidade das novas urbes. No problema da ordem e do disciplinamento social e da constituição de hierarquias culturais, a fórmula civilização ou barbárie, esse “mito etnogênico”, buscava também seu lugar e sua eficácia, e se apresenta como uma questão central das “pequenas elites” locais emergentes durante os primeiros anos de construção da sociedade argentina.<sup>32</sup>

Observemos então esta *pregnância* em um relato de fundação que circula até hoje na cidade. Ele descreve muito bem o lugar dado à fundação da cidade na auto-imagem criada pelos habitantes ao longo dos anos de existência. Segundo esse relato, nunca confirmado, teria havido um misterioso encontro numa “tertúlia parisiense” entre Benoit e Júlio Verne, em finais da década de 1870, que teria dado como resultado duas “criaturas” ao mesmo tempo: por um lado, a projeção local de La Plata, por parte de Benoit; por outro, a projeção universal em *Os quinhentos milhões de Begüm*, uma obra publicada por Verne, em 1879. Algo é certo, a obra existe no papel, ainda que provavelmente não tenha sido escrita por Verne, mas sim por um tal Grousset, que a teria, por sua vez, vendido a Hetzel, o editor do então já famoso escritor futurista. Porém, concretamente, apenas três anos antes da fundação de La Plata, e quando o projeto se encontrava ainda em período de idealização, este último escreveu sobre uma cidade imaginária em que a “cada 600 metros existe uma rua de maior largura, que leva o nome de boulevard ou avenida... em suas encruzilhadas figura uma

---

<sup>31</sup> Lembremos que durante este período foram projetados os teatros Colón e Cervantes. Neles, não se representava, unicamente, “a cultura” dos “cultos”, mas eram encenadas diferentes, obras cujos discursos estavam destinados à construção de uma identidade patriótica.

<sup>32</sup> La Plata não será uma exceção. Certas figuras públicas iam tomando lugares de reconhecimento e poder instituídos na jovem cidade, especialmente impulsionados por ela, capital de um Estado em construção. O próprio Faustino Sarmiento será o primeiro Diretor da Direção Geral de Escolas (gigantesca instituição para a época), fundada em 1883 e que será a primeira a pensar em grande escala um sistema de disciplinamento educativo tendente a criar a “sociedade da civilização”. Verifica-se a aparição pública de numerosos personagens de relevância à frente de instituições moralizadoras e educativas, como Emilio Coutaret, um engenheiro – e pintor impressionista- que trabalhou durante a construção da cidade junto a Benoit e que foi Diretor da Aliança Francesa de La Plata e fundador do *Jockey Club* local; Agustín Gambier, importante político da cidade e do município; Luis María Doyhenard, chefe de polícia e posterior Diretor Nacional de Escolas, e outros (Terrasa 1982).

praça pública...”, texto este que descreve, identicamente, o traçado urbano da cidade. Aparentemente, pareceria enigmático, se não soubéssemos que esses personagens pertenciam à Maçonaria, a qual tinha, desde o século XVIII, este tipo de desenhos como modelos urbanos com que Deus iria se realizar através da Razão (Baigent & Leigh 2007).

Trata-se da potência para simbolizar um relato mítico que se apresenta como uma figuração teatral, encenando as origens da vida política argentina que a precede sob a forma de um *croqui*, um espaço de coordenadas difusas submetido à contingência de uma história social local protagonizada por personagens da elite em uma tertúlia universal. “Paris”, cidade de onde sai a cegonha com a criança recém nascida em alguns contos infantis. O duplo sentido que a idéia metafórica desse croqui produz, leva a vida da cidade em duas direções, uma empírica e outra literária, da ordem das palavras, sendo, assim, testemunha de um nascimento inconcluso e fantasmal que obscurece a objetividade da nação que a produziu. Nesse sentido, é pertinente dizer que “a construção cultural de sentidos e símbolos não é só uma questão de interesse político e econômico, senão que também vale o inverso: as preocupações econômico-políticas se referem intrinsecamente a conflitos a respeito de sentidos e símbolos” (Marcus 2000: 135). Desse modo, um sem número de outros mitos - por exemplo, maçonaria versus fundamentalismo católico, como explicação para a finalização da obra da Catedral -, acompanham os relatos sobre a fundação da cidade e sua projeção urbana concreta, reafirmando a idéia de um parto disputado entre dois pais da mesma criatura<sup>33</sup>.

Ampliada esta fotografia para a Nação, trata-se de dois princípios em que se jogam as coordenadas do imaginário urbano:

...una vertiente integracionista, cuyos núcleos centrales están constituidos por la generalización del progreso y la función atribuida a la educación. (...) La otra dimensión (la excluyente) funda un principio de dominación política sustentado en el gobierno de una minoría de “notables”. Los problemas que trae aparejada la construcción de la nueva sociedad nos revelan la insuficiencia del lema fundacional. Pues si bien la formula Civilización-Barbarie reposa en una ideología integracionista del progreso ilimitado, los nuevos problemas que debe enfrentar la clase dirigente reducen a la misma cada vez mas a un principio de justificación del sistema socio-económico, y cada vez menos a un principio de cohesión social. Los inmigrantes han llegado, pero continúan ligados a su país de origen. Además, la naciente

---

<sup>33</sup> Sobre estes e outro mitos da cidade ver: Taruella, Ramón. 2006. *Mitos y leyendas de La Plata. La Plata*. La Comuna Ediciones.

“cuestión social” muestra nuevas dimensiones conflictivas de una sociedad que se ve amenazada por la desagregación social (Svampa 2006:70).

A “anomalía” Argentina se mostra, assim, como “impulsiva”. Se configura sobre *assincronias* dentro do território do Estado-nação, que se manifestaram principalmente em um conflito não resolvido entre federalismo e centralidade do estado nacional, provocando, entre 1820 e 1860, numerosas guerras civis, ditadura e, finalmente, a centralidade nacional-estatal fundada sob o compromisso firmado entre a aristocracia liberal portenha e as aristocracias “feudais” (os “fazendeiros”) do interior “portenhizadas” (que irá dar lugar à etapa da “Organização Nacional”, entre 1853 e 1880). O período das lutas entre os Federais e os Unitários (1820-1853) está presente como uma “memória” a considerar em relação à anomalia, e teve seu melhor relato dentro do *Facundo*, de Domingo F. Sarmiento, publicado em 1845, obra que dá conta das velhas raízes desse desgarramento histórico que, com o tempo, reaparecerá durante todo o século XX. Assim começa esta obra fundacional de nossos antagonismos etnogênicos:

Sombra terrible de Facundo, voy a evocarte, para que, cubriendo el ensangrentado polvo que cubre tus cenizas, te levantes a explicarnos la vida secreta y las convulsiones internas que desgarran las entrañas de un noble pueblo! Tu posees el secreto: revélanoslo! Diez años aun después de su trágica muerte, el hombre de las ciudades y el gaucho de los llanos argentinos, al tomar diversos senderos, decían: «No, no ha muerto! Vive aún! El vendrá!» Ciertó! Facundo no ha muerto, está vivo en las tradiciones populares y las revoluciones argentinas, en Rosas, su herederos, su complemento: Su alma ha pasado a este otro molde, mas acabado, mas perfecto; y lo que en él era solo instinto, iniciación, tendencia, convirtióse en Rosas en sistema, efecto y fin. La naturaleza campestre, colonial y bárbara, cambióse en esta metamorfosis en arte, en sistema y en política regular capaz de presentarse a la faz del mundo... (Sarmiento 1845, pp.6).

E continua, dizendo no final:

Pero no se vaya a creer que Rosas no ha conseguido progresar a la República que despedaza; no, es un grande y poderoso instrumento de la Providencia que realiza todo lo que al porvenir de la patria interesa. Ved cómo. Existía antes de él y de Quiroga el espíritu federal en las provincias, en las ciudades, en los federales y en los unitarios mismos; él lo extingue y organiza en provecho suyo el sistema unitario que

Rivadavia quería en provecho de todos esos caudillos del interior, degradados, empobrecidos, tiemblan de desagradarlo y no respiran sin su consentimiento. La idea de los unitarios está realizada, solo está de mas el tirando; el día que un buen Gobierno se establezca, hallará las resistencias locales vencidas y todo dispuesto a la unión. (ídem, pp. 252).

A violência política dessas dicotomias acompanhará a história social e as narrativas nela inscritas sobre a nação. Já com a primeira página do *El Matadero*, de Esteban Echeverría, escrito em 1840, e o *Facundo* de Sarmiento, de 1845, a classe dominante tinha tentado representar uma cena inicática: ver o corpo através do exílio e devolver a humilhação sofrida na carne através da palavra e do universo simbólico. Desde esse “nascimento”, essa literatura denotou o enfrentamento entre as “razões” da urbanidade e a barbárie do poder como a idéia de uma Pátria marcada desde o começo pelo signo da violência. Deste modo, o “assalto à razão” virá alguns anos depois, sucessivamente e sob formas variadas de castigo e crime ao racionalismo, ao progressismo, etc (Rinesi 1993).

Neste contexto de uma “questão social” argentina, em 1887, é criado em La Plata o Clube de Gimnasia y Esgrima La Plata (GELP). Na ata de fundação do citado clube, se declara que o objetivo do clube é “aumentar os benefícios para a higiene e, sobretudo, para o desenvolvimento da juventude que fortalece esta classe de instituições”. Entre os fundadores deste clube, cujo clássico slogan é “*mente sana in corpore sano*”, estava o mítico Dardo Rocha, também “fundador” da cidade como governador da Província e personagem de muita importância durante aquele período. Junto com Rocha, entre os fundadores, encontravam-se também Gambier, Coutaret, o ilustre Florentino Ameghino, posterior diretor do Museu de Ciências Naturais, e inclusive um personagem como Alejandro Korn<sup>34</sup>, jornalista médico, psiquiatra e filósofo, que era o diretor da colônia psiquiátrica “Melchor Romero”, de vanguarda na época, também projetada por Benoit e localizada na periferia de La Plata. Existia uma forte conexão entre este clube e os donos dos frigoríficos e latifúndios próximos à cidade - por exemplo, Dom Domingo Etcheverry- O jovem clube Gimnasia exprimia o processo de urbanização e simultânea ascensão social e política da oligarquia local, produto da hegemonia econômica do modelo agro-exportador.

Em 1905, um grupo de jovens, alguns deles participantes da recentemente criada Universidad Nacional de La Plata, fundaram o Clube Estudiantes de La Plata (CELP), o qual tinha como principal objetivo

---

<sup>34</sup> Korn foi o primeiro funcionário universitário da América Latina a ser escolhido pelo voto estudantil durante a reforma universitária de 1918.



“*fomentar a prática do futebol*”, que encontrava resistência nas autoridades do Gimnasia. Deste grupo, participará ativamente um reconhecido médico local, Dr. Jorge Hirchi, também jogador de futebol amador e posterior presidente do clube; o Capitão do Exército Miguel Gutiérrez, que tinha sido presidente do Gimnasia e defensor da continuidade deste esporte no clube; Nazario Roberts, engenheiro civil e Diretor do Parque do Bosque da Cidade, e que cedeu os terrenos para a criação do primeiro estádio, em 1907, entre outros jovens estudantes do Colégio Nacional, dependente da estrutura da recém criada Universidad de La Plata.

A confiança, em princípios do século XX, de que se estava construindo uma grande nação, havia-se generalizado. Mas era uma percepção incompleta, e incluía também fortes preocupações sobre o futuro. Estas preocupações se canalizaram, em princípios do século, através do descontentamento pelas condições do trabalho e pela exclusão social que aceleraram o crescimento da ação sindical. A classe média urbana e rural estava também descontente pela persistência de um regime político formalmente liberal mas, em realidade, autocrático. As tensões sociais se manifestavam em um país, como diria Ortega y Gasset, “desvertebrado” pelos assincronismos entre a “região pampeana” e a Capital por um lado, e as “províncias” periféricas pelo outro. Isto gerou o federalismo, que funcionou quase que exclusivamente como resultado dos compromissos entre as elites conservadoras. A gramática das emoções em que a relação concomitante entre massa e poder – neste caso, como utopias associativas - será parte da simbologia nacional e do “mal-estar da cultura” argentina. Uma gramática que, ao longo da história argentina, buscará quase obsessivamente essa ausência originária, produzindo grandes eventos de fulguração e espetáculos irreverentes em busca de uma identidade.

Entre eles, o mais importante e significativo durante o século XX, a “Plaza do 17 de outubro de 1945”. A praça, finalmente invadida por um povo que solicita sua inclusão na vida política argentina, e o 17 de outubro de 1945 não será a única, mais seguramente a maior expressão deste fenômeno no país (Torre 1990). Ano de 1945, precisamente o ano em que estreia o filme *Pampa bárbara*, de Lucas Demare, um olhar apologético sobre o liberalismo autoritário que tentou controlar, sob seus signos, a violenta “campanha do deserto” do século XIX: o soldado tenta fugir para o deserto com uma mulher, mas é capturado pelo comandante. Ferido, pouco antes de morrer, arrepende-se como patriota e – não sem antes sublinhar a dignidade viril do estado encarnado no comandante - destaca o papel corruptor da mulher, a “vertigem do amor”, que “infiltra-se nas almas” nociva e perigosamente. Um anúncio. Perón foi uma personalidade extraordinária nessa tumultuosa Argentina. À sua maneira, teve que enfrentar o enigma da anomalia para conservar o poder,

e para isso, necessitou organizar um movimento político policlassista com base nos trabalhadores. Acompanharam-no intelectuais importantes, que subitamente apareceram como uma potencial elite de governo (Arturo Jauretche, Leopoldo Marechal, Carlos Astrada, Jose Figueroa e muitos outros), bispos, líderes socialistas e do sindicalismo, radicais políticos e conservadores dissidentes e alguns industriais nacionais. Era um militar “verticalista”, mas tinha aprendido de Clausewitz que a guerra moderna deve incluir uma retaguarda forte constituída pela participação da cidade-nação.<sup>35</sup> Na ante-sala deste processo de reformulação simbólica das relações entre sociedade e Estado na Argentina (Plotkin 1994), e até pouco depois da Segunda Guerra Mundial, as diversas ondas migratórias fazem crescer La Plata no mesmo ritmo do país.<sup>36</sup> De uma civilidade exterior sem matéria em direção a “um corpo interior sem forma” (Godio 1994: 83), o Peronismo sobreviverá, assim, aos desafios civilizatórios argentinos, uma vez que já era parte constituinte de um lote político-institucional consistente que organizou a sociedade da Argentina e o Estado de 1945.

Nas décadas de '50 e '60, a cidade de La Plata se tornou, “oficialmente”, a “capital universitária” da Argentina. Na década de '70, em grande parte como consequência de se ter transformado em centro de resistência estudantil aos diversos projetos políticos autoritários e liberais em nível nacional, La Plata se tornou a cidade mais castigada pela ‘sanguinolenta’ ditadura iniciada em 1976.

La Plata é uma cidade irrealizada. Como bem mostrou Dardo Scavino, em *Barcos sobre a pampa* (1993), os sonhos de igualdade, liberdade e razão repousaram sobre um deserto a ser ocupado por uma sociedade futura, sobre um vazio, sobre o imenso *pampa*. Ela foi uma utopia sobre esse nada, a amostra viva do “lugar que não existe”, como dirá Riccoeur (1986), para

---

<sup>35</sup> Perón será proscrito até 1973 em uma etapa caracterizada pela combinação entre a “resistência” popular e a presença de um novo e radicalizado movimento de organizações de jovens em luta (Montoneros e Exército Revolucionário do Povo). O Peronismo, sustentado agora em um pacto social, retoma ao governo em 1974 onde prevalece, em eleições livres, a fórmula Perón-Perón. Mas Perón morre em julho de 1974, revivendo-se lutas internas e estimulando o agravamento da crise econômica e social em um contexto de terrorismo e da guerra urbana “contra-revolucionária”. Estão criadas as condições para um novo *coup* militar com sustentação da sociedade esgotada. Este chegará em março de 1976.

<sup>36</sup> A cidade vai manter as características sócio-espaciais até meados da década de 50, quando passa dos 137.000 habitantes que tinha em 1913 para quase 280.000, criando uma suburbanização com novas regiões residenciais –como City Bell- onde as classes alta e média alta locais criaram novas práticas de habitar a cidade e o centro urbano. Em 2006, segundo o último censo populacional, La Plata tem uma população de 682 mil habitantes, que pode ser desagregada em 553 mil em La Plata, 77 mil em Berisso e outros 51 mil em Ensenada. Na periferia se registra um dos níveis de pobreza mais altos entre as grandes cidades da Província de Buenos Aires junto com Mar del Plata, sendo que o desemprego chega a quase 15 %, tomando a população total da cidade. A Província de Buenos Aires concentra 40% do PBI nacional.

distingui-la da aparência “real” da ideologia do eterno retorno fantasmático a um litúgio de origem. A anomalia em que inscrevo La Plata como tipo ideal é conceitualizada, portanto, como “originalidade” dessa ideologia. A particular forma em que se deu a construção material e simbólica da cidade de La Plata é uma dimensão de análise necessária.

Em sentido amplo, esta originalidade define o perfil potencial de qualquer comunidade nacional e se esforça pela sua realização em três dimensões básicas: a política, a econômica e a cultural. Na Argentina, esta anomalia se sustenta e ao mesmo tempo se retroalimenta no impulso histórico do Estado-nação desde 1880. Seus fundamentos na realidade, e na teoria, devem ser traduzidos como paradigmas de uma sociedade que se esforça para se realizar na história, e talvez, esta seja uma tendência que nunca irá se realizar totalmente. Mas a *anomalia* de que se parte aqui, como hipótese, é uma “potência” –como se referia Maquiavel ao papel do Renascimento na Itália. Os momentos de evolução progressiva, como a violenta expansão econômica entre 1880-1914; a imigração européia massiva; a ampliação da democracia política, com a Lei Sáenz Peña; os governos radicais, entre 1916 e 1930; a constituição do capitalismo de Estado; o “estado social” e a sociedade salarial conduzida pelo peronismo, entre 1946 e 1955, para citar alguns momentos políticos; e como foram o auge das ciências e das letras entre a década de ’20 e ’60, para citar momentos de “revolução cultural”, foram precedidos por grandes processos de reflexão e construção de sistemas de idéias desde o interior da sociedade civil. Uma variedade de momentos progressivos –um *corsi e ricorsi* em que os clubes e o futebol se incluem- deram lugar ao estabelecimento de inumeráveis “pisos civilizatórios” que mobilizavam a sociedade.

Já situados em La Plata de 1982, quando ainda não havia perspectiva do fim da ditadura militar e poucos meses depois do término da Guerra das Malvinas, a “sociedade civil idealizada” pelos dois presidentes dos clubes antagonicos, experimentará o lançamento público de um grupo de dirigentes denominado *La Plata de Pie*. Um impensado capítulo da relação entre clubes e identidades culturais pronto para iniciar um extenso acontecimento que deverá esperar seu desenlace até os primeiros anos deste século. Naquela ocasião, “*as forças vivas da sociedade*” - como um destes presidentes descreve aquele acontecimento - convocaram uma multitudinária reunião na Praça Moreno com o objetivo de explicitar “*as necessidades da cidade e a história*” frente à iminente chegada do novo século, termina dizendo. Entre estas, a de construir um novo Estádio de futebol que albergasse os dois principais clubes da cidade. Desta convocação, seriam protagonistas dois amigos, os então presidentes de Gimnasia e do Estudiantes, o empresário da construção Oscar Sanchez e o jovem notário Raul Corredo. Este último lembrava o acontecimento na primeira entrevista:

Recuerdo perfectamente como fue aquel episodio. Queríamos hacer algo en la ciudad, intentar colaborar con las cosas que habían quedado inconclusas. Así que hicimos un evento para los 100 años de la fundación de la ciudad. Éramos todos dirigentes de entidades de bien público, pero yo había adquirido importancia como presidente de Estudiantes. Hicimos un acto que se llamó “La Plata de pié”, en la Plaza Moreno, el símbolo de la ciudad, había como 15 mil personas, sin políticos, solo el obispo de la ciudad que bendijo el acto. Pedíamos para que se terminen los grandes iconos de la ciudad, las grandes deudas, el Teatro Argentino, la Autopista Bs As- La Plata, el Estadio Unico... y se cumplió, algunos años después, pero se logró...

Note-se que na descrição das demandas há, como pano de fundo, a elevação de modernidade a três grandes emblemas da cidade associados com coordenadas simbólicas:

1. Os laços de “comunicação” entre Buenos Aires e La Plata, com a construção de uma moderna autopista capaz de substituir a envelhecida rede ferroviária.
2. A reivindicação da “cultura de elite”, representada na construção do novo Teatro Argentino, incendiado<sup>37</sup> em 1977.
3. A cultura popular, através de um moderno e unificador estádio de futebol.

Seis anos depois, em 1989, a partir de uma convocação do Governo da Província de Buenos Aires e da Municipalidade de La Plata, os clubes Estudiantes e Gimnasia y Esgrima constituíram uma comissão para promover a construção e administração de um estádio moderno dedicado à prática do futebol e de outras disciplinas esportivas. Em janeiro de 1992, se promulga a lei nº11.118, que destina os terrenos definitivos para a construção do que será sugestivamente chamado pela opinião pública de “estádio único”. Em 21 de abril de 1992, se constitui formalmente a *Fundación Estadio Ciudad de La Plata*, instituição integrada igualmente por representantes dos clubes Gimnasia y Esgrima de La Plata e Estudiantes de La Plata, que decide promover um concurso junto aos *Colégios de Arquitetos e Engenheiros*. Em abril de 1993, de um total de 79 trabalhos, o júri outorga o prêmio à proposta do arquiteto Roberto Ferreira. Iniciou-se, assim, uma longa série de acontecimentos que transformou em protagonistas os dirigentes de futebol, como encarregados de levar adiante uma obra diretamente associada com a cidade e seus signos. Do acordo inicial para a utilização conjunta do Estádio, se passará a uma luta pela exclusividade de um dos clubes e, posteriormente, pela intransigência e

---

<sup>37</sup> Ver em: [http://www.youtube.com/watch?v=xH4\\_SAmcNCA](http://www.youtube.com/watch?v=xH4_SAmcNCA)

demanda de ambos os clubes para ser aprovada a reforma dos estádios nos seus respectivos “territórios históricos”.

Veremos, então, de que maneira ao longo do tempo os clubes Estudiantes e Gimnasia inserem práticas e interpretações neste claro-escuro iniciático em que – tal como Eckert e Rocha (2005) pensaram o mito do Brasil como “país sem memória”- a cidade de La Plata é signo de uma redução –retórica- da nação à “idade de ouro” de um modelo evolutivo em crise desde a origem. “Nascida do nada” no traçado urbano, esta cidade em que os dirigentes desta pesquisa se apresentam para afirmar-se nos signos de uma época preocupada com uma *mise en scène* da “sociedade” argentina como metáfora de modernidade – aquele é seu “passado histórico”- do que foi realmente, uma “maquete” do desejo e da utopia.

La Plata é, assim, apenas uma espécie de maquete sociológica – um “tipo ideal”, diria Weber - que serve para pensar a construção cultural destas representações, mas colocadas em relação com práticas e experiências de dirigentes *nos* principais clubes *com* futebol local. A cidade, como a Paris de Marx no *Dezoito Brumário*, é um cenário onde a vida social se inscreve como drama teatral - e o teatro, por sua parte, é a metáfora da história. Como atores - que atuam “dirigir” -, os dirigentes de ambos os clubes circulam e criam redes neste espaço concreto mas “idealizado”, e que oscila entre isolamentos, os contratos e a cooptação de forças ideológicas e de atores sociais diversos. Veremos, claro, o quanto é complexo o universo do futebol no substrato global. Mas eles permanecem, aqui nesta tese, como “seres locais,” por um motivo essencial: por serem colaboradores na desconstrução paciente da dicotomia essencial em que se inscreve seu “espaço de vida”. E a partir desta retórica, nos adentraremos no que os “excede”. Porque, em suma, o papel de dirigentes e o futebol respondem, ambos, a pregnâncias que abrem, *nas* pessoas, imaginários e representações coletivas dos sentidos culturais – neste caso, em disputa histórica - pelas decisões e o poder.

### **3.O trabalho de campo com dirigentes *no* futebol: opções metodológicas e conceitos fundamentais**

Desde o início deste estudo, me foi muito difícil achar pesquisadores, particularmente antropólogos, que tivessem como foco grupos ou sujeitos em posições de poder fora das chamadas “sociedades tradicionais”. A este fato somava-se a quase restrita reflexão e pesquisa direta com foco nos grupos que detêm poder formal dentro da organização do futebol. Como já foi mencionado anteriormente, uma das indagações que marcaram esse início foi saber como conseguiria estabelecer os contactos necessários para levar a cabo a

aproximação requerida pela tarefa etnográfica. A este problema “instrumental”, somava-se a preocupação metodológica a respeito de como deveriam ser instaurados os laços de autoridade, uma vez que estaria trabalhando com sujeitos usualmente na defensiva com relação ao fato de expor aspectos da sua vida à opinião pública e, muito mais ainda, eu supunha corretamente, ao juízo e à interpretação de uma comunidade científica.

Autores que refletiram sobre a relação que existe entre etnografia e conhecimento antropológico têm destacado o quanto o resultado de um trabalho de campo depende do fato de se realizar uma visualização correta das estratégias e técnicas a serem utilizadas no que diz respeito ao grupo social que é objeto do estudo. O referencial empírico e o universo de significado que delimita sua esfera condicionam a integração entre dados e teoria e o processo de enunciação do mesmo (Guber 2004; Peirano, 1995). Deveria, então, pensar em produzir uma “inter-subjetividade complementar” *de fato* entre estes dois campos de ação – o do antropólogo e o do interlocutor. Esta se expressaria, pensava, em práticas de apropriação, diálogo, sujeição, subjetivação, negação de premissas, mudanças de paradigmas e criação de novos dados. “Do que depende essencialmente a produção de um saber intrinsecamente problemático como o vinculado com as praticas do poder?”, me perguntava.<sup>38</sup>

Foi um documentário, *Urgências* (2002), realizado por Armelle Giglio Jaquenot, que deu origem a esta preocupação. Nessa ocasião, me ocorreram certas perguntas que logo compartilhei com outros estudantes e colegas. Este excelente documentário está centrado na investigação audiovisual da concepção de “urgência” que é construída na relação entre as famílias de setores pobres da periferia de São Paulo e o sistema de saúde pública desta cidade. Ela “se realiza”, por assim dizer, quando é acionada a solicitação de uma ambulância de emergência e de assistência médico-hospitalar nos domicílios destas famílias. Mas a possibilidade de que a câmera crie uma situação de constrangimento ou defesa de sua intimidade entre as pessoas que estão vivendo situações que certa ética condenaria, se desfaz completamente diante da intensidade da crise emocional que os protagonistas estão vivendo.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Em definitivo, os problemas de autoridade são também dilemas éticos da pesquisa. Para dar alguns exemplos elementares - e puramente instrumentais -, o trabalho etnográfico com povos indígenas exige do investigador, entre muitas outras coisas, uma aproximação razoável ao sistema linguístico nativo; as problemáticas sociais abordadas a partir do gênero exigem uma consciência sobre as conseqüências da própria condição de gênero do pesquisador/a nas situações de interação (abrindo e fechando portas a lugares); a pesquisa com grupos estigmatizados, com grupos de risco, precisa objetivar seriamente, e por diferentes meios, a condição do anonimato e a certeza de que as informações dadas pelos sujeitos da pesquisa não se transformem em juízos contra eles (Guber, 2006, Bererman, 1975).

<sup>39</sup> A favor do documentário *Urgências*, poderíamos dizer que, além da sua extraordinária capacidade de indagar de um conceito como o de emergência, ele se abre à possibilidade de que o cientista social

Considerando então que esta pesquisa teve como primeiro objetivo o emprego de ferramentas audiovisuais como elemento de construção dialógica e como parte da construção narrativa, me perguntei o que aconteceria se aquela câmera - que de alguma maneira é também a metáfora tecnológica do antropólogo-observador - irrompesse em uma situação de “urgência” que não tivesse como referente empírico estes setores mencionados e, em troca, tentasse capturar estas práticas em contextos de crise de atores sociais menos “acessíveis” academicamente? Como funcionaria essa proposta etnográfica – não necessariamente centrada no audiovisual– entre grupos considerados de status sócio cultural “elevado” ou com poder econômico e político? Podemos imaginar a mesma “facilidade” com que muitas vezes se nos abrem as portas – os rostos e as vozes - do “outro subalterno e marginalizado” durante o *labor* etnográfico? Como chegar, em troca, à palavra e às imagens de grupos sociais que exercem posições de poder e cujo hermetismo, a meu ver, é expressão significativa da suas condições e práticas sócio-culturais? E por último: até que ponto as perguntas anteriores se voltam sobre as condições éticas de nosso labor? Não unicamente em relação ao direito de registrar e expor os dados que se nos oferecem por sujeitos impulsionados pela necessidade de serem “escutados e vistos”, mas também porque estas condições se voltam para nós como uma interrogação igualmente válida sobre os limites metodológicos e teóricos da própria disciplina para produzir um conhecimento de grupos com poder objetivo que, por muitas razões, parecem ser mais esquivos para a etnografia clássica.

Enfim, a problemática colocada pela condição de dirigentes teria que dialogar, invariavelmente, com algumas interrogações colocadas por Bourdieu (2002) sobre as possibilidades de conhecimento crítico nas ciências humanas<sup>40</sup>. O sociólogo francês considera que este campo não deve constituir-se numa especialidade em mãos de um grupo de especialistas, mas deve tratar-se de uma prática incorporada pelo investigador como sendo um exercício de prudência teórica e epistêmica autoconsciente, um “saber o que fazemos”. Por conseguinte, devia compreender de que forma os modos pelos quais abordaria o campo de estudo e as estratégias concretas que usaria iriam repercutir diretamente sobre o tipo de conhecimento produzido na hora de desenvolver um trabalho reflexivo e conclusivo desta natureza. Estas questões, superficialmente vistas como de caráter técnico-metodológico, iriam ter como “reverso” o fato de atingir assuntos centrais da própria pesquisa,

---

se coloque na frente de um paradoxo ético substantivo e dificilmente extrapolável fora do campo visual do próprio filme.

<sup>40</sup> Tomarei o termo “ciências humanas” tal como seguido no modelo francês. Considero-o mais adequado que o termo “ciências sociais”, o qual tende a restringir o campo de atuação filosófico e estético da antropologia em favor de uma maior “dureza” dos estudos sobre o homem.

como os fluxos de autoridade e as relações de poder entre os próprios interlocutores com relação ao saber.

Para ilustrar o que foi dito, recupero, aqui, um trecho do meu diário de campo de abril de 2006, onde eu tentava interpretar as primeiras sensações ao trabalhar etnograficamente com grupos não subalternos:

*Pensado etnograficamente, considero que hoje foi um dia “produtivo”. Parece-me interessante aplicar esta palavra no contexto da ‘ciência’. Sem dúvida ‘ela’ nos leva a discutir sobre imperativos mercantis e outros assuntos “non santos” que convivem com as nossas práticas. O lugar de “inferioridade” constante em que me coloquei hoje, se resume nas frases mentirosas que mais utilizei ao longo do dia: “apenas preciso de quinze minutinhos com você” ou “vou embora para não incomodar mais”. O certo é que Oliveira me conectou com o atual presidente de Estudiantes. Ele me advertiu que não iria ser fácil me reunir com ele nestes dias, já que estavam acontecendo problemas com um dos dirigentes do clube, e que não iria querer ventilá-los. Mais tarde conversei com Ritzner que estava muito ocupado com os convites para o jogo de Taça Libertadores da próxima quinta. Por último, à tarde, fui visitar Del Franco, um alto dirigente do Gimnasia na sua empresa de construção, porém se mostrou parco e desconfiado. Especialmente quando tentei explicar que meus objetivos incluíam dirigentes de Estudiantes. Sempre tive a sensação de que me observava ambigualmente, me confundindo, às vezes como um historiador, às vezes como um jornalista. Afortunadamente, uma hora antes de encontrá-lo, tinha passado pela sede social de Gimnasia, onde encontrei a Carlos., vice-tesoureiro do clube, que trabalha com a minha prima e é filho de Fuentes. A referência que fez V.H., no breve encontro que teve com Del Franco, parece ter sido um pouco tranquilizadora para ele, como se trata de um contato “físico”. De toda forma, considero que fez uma confissão que mostra certo tipo de confiança. Ele pediu para sair antes porque se reuniria na sede do clube com outros dirigentes com o objetivo de solicitar coletivamente ao diretor técnico para colocar o time reserva contra Defensor Sporting de Uruguay, já que eram poucas as chances de vencer por 4 a 0 e de classificar-se para a segunda fase da Taça Libertadores. Por outro lado, no domingo, o Gimnasia deveria enfrentar o Estudiantes depois da última humilhante derrota de 7 a 0. Acho que a franqueza supõe algum tipo de confiança. Sem dúvida, a influência dos dirigentes sobre os treinadores é mal vista e criticada pela*



*imprensa e, portanto, também por aqueles que escrevem a história. (La Plata, 11 de abril de 2007).*

Tal como eu percebia e externava neste já velho relato, as dificuldades para encontrar um “buraco” na carregada agenda destes personagens serima muitas, realmente. Tratavam-se de pessoas que tem uma vida profissional ativa e certamente exigente, do ponto de vista dos horários, e que dedicam justamente o que seria seu “*tempo livre, o tempo para o clube*”, como gostam de dizer, aos diversos afazeres como dirigentes dentro dos respectivos clubes. Além, claro, de praticamente todos terem famílias que “*reclamam o pouco tempo que deixa a soma de ambas as atividades*”, uma frase que se repetia constantemente quando os conhecia e solicitavam ser breve na ‘conversa’. Nos finais de semana, os que são efetivamente dirigentes viajam com os times ou estão ocupados na organização do espetáculo nos estádios de futebol da cidade. No caso daqueles que já não estão ativos como dirigentes, geralmente viajam ou “fecham” a entrada a suas casas.

As dificuldades eram grandes e só vencidas com muita insistência, geralmente, por via telefônica. Apenas em cinco oportunidades consegui participar de uma das atividades centrais no seu papel coletivo como dirigentes. Estou me referindo ao espetáculo futebolístico (três vezes), momento em que consegui manter certa proximidade com a dinâmica da qual eles participam, e em quatro oportunidades, durante os primeiros seis meses, consegui participar de “Reuniões de Comissão”. Diria que estes primeiros meses tiveram muito de “impressionismo”. Impressões sobre o futebol, sobre as identidades instituídas que ele canaliza e sobre a relação que certas práticas têm com um conceito que particularmente apresenta a cultura política argentina: a cidade. Nesse sentido, La Plata se dá a conhecer através dos clubes de futebol Estudiantes e Gimnasia (CELP e GELP), e por meio destes, também debate sobre um conjunto móvel de valores culturais e políticos (que evidentemente incluem os econômicos), que “fazem entrar” direta ou indiretamente ações e motivações de certas pessoas que se postulam (ou “se encontram”, como gostam de dizer) nos lugares ‘dirigenciais’ desta instituições (particularmente importantes, enquanto são contemporâneas à sua fundação utópica). Por outro lado, estabelecer relações com “ex” dirigentes foi relativamente mais simples.

Devemos entender que, se o conceito de *élites* - em que está necessariamente implicada a categoria de dirigentes no futebol – voltou a ser objeto de interesse, depois de décadas de desuso, uma das tarefas mais importantes para restabelecer sua importância na teoria social é fundamentalmente metodológica (Moyser & Wagstaffe 1987: 2-3). Desse modo, as marcadas dificuldades de “produzir etnograficamente” este objeto

em favor de uma reflexão teórica se ancoram, em parte, nos mares profundos do inconsciente metodológico<sup>41</sup>. O percurso dificultoso - e às vezes tedioso e lento - do trabalho de campo deixou claro que, entre os altos dirigentes no futebol profissional platense, as barreiras e os freios à interação no processo de pesquisa têm diversos modos e motivações. Porém, as longas esperas nas ante-salas dos escritórios, o sem número de ligações para marcar reuniões suspensas poucos horas ou minutos antes, o tempo muito limitado que era dedicado às entrevistas, os discursos pré-fabricados para a imprensa e quase sempre uma justificação de exceção para evitar um pedido de observação participante, entre outros obstáculos, se transformaram em constantes, ao ponto de converter minha tarefa em uma espécie de trabalho de tradução hermenêutica de um texto que me era dado como pouco manipulável. E sobretudo, como nos alerta Antonia Lima (2007), a significativa ausência de estudos para a comparação constitui um problema central para a interpretação. Para esta autora, as dificuldades de acesso a grupos dirigentes “são apontadas como uma das principais ‘razões’ da escassez de trabalhos no âmbito deste contexto social” (Lima 2007: 33). Continua dizendo ela:

No caso dos estudos das camadas de topo da sociedade, onde o estatuto social do antropólogo é, de certa forma, considerado ‘inferior’ aos sujeitos que analisa, a limitação da sua presença no contexto de ação onde se pretende integrar a um acordo prévio é feita de uma forma muito explícita, obrigando assim, a alterações profundas na utilização da metodologia clássica em antropologia (Lima 2003: 35).

Senti-me, então, como se estivesse em um círculo vicioso. A ausência de interpretação qualificada neste campo dificultava a comunicação com grupos e indivíduos claramente *não subalternos* e, por sua vez, a falta de interação com eles limitava as possibilidades de interpretação no percurso da

---

<sup>41</sup> A construção de um *eu* discursivo tem derivado na idéia de que o que “faz o nativo um nativo é a pressuposição, por parte do antropólogo, de que a relação do primeiro com sua cultura é natural, isto é, intrínseca e espontânea, e, se possível, não-reflexiva; melhor ainda se for inconsciente”. Ao contrário, Viveiros de Castro pensa, hoje, pelo menos no diz respeito ao conhecimento etnológico, que o “ponto de partida é o ponto de chegada de Lévi-Strauss”. Está claro que Viveiros de Castro ataca o Kant que sobrevive dentro do imaginário levi-straussiano. Para Viveiros de Castro, os “conceitos”, no pensamento dos povos ameríndios, não se reduzem à dicotomia homem/natureza, senão devem compreender-se no marco dos pressupostos epistemológicos que ele está buscando para a própria prática antropológica como fonte de uma contra-filosofia. O que o antropólogo brasileiro chama de *perspectivismo amazônico* permitiria à antropologia realizar uma passagem meta-definitiva do *exótico* para o *excêntrico*. Do não visto ou não conhecido para o descentrado e o múltiplo. À diferença de Lévi-Strauss, o que está em jogo não é a redundância dos signos, e sim a multiplicidade das cadeias e círculos dos quais os conceitos perspectivistas participam efetivamente: do *homem* para o *pecari* e vice-versa. (Viveiros de Castro 2001: 24-36)

pesquisa. Para piorar, a Antropologia não possui um estatuto nem de poder nem de status na Argentina, assim como acontece positivamente no Brasil.<sup>42</sup>

É verdade que o passado do meu avô como ex-presidente e sua longa atuação como dirigente do Estudiantes de La Plata, durante quase quatro décadas, facilitou alguns contatos iniciais com antigos dirigentes desse clube. Também é certo que fui, por alguns deles, apresentado como filho do “colo Godio”, de “*Nikita, fugaz wing de Estudiantes de La Plata*”, como recentemente tituló uma reportagem no jornal de Buenos Aires *Página/12*<sup>43</sup>, contando a particular história do meu pai, que chegou a ser futebolista profissional do Estudiantes em 1959<sup>44</sup>.

Porém, não ajudou muito este passado remoto entre os jovens profissionais liberais e empresários que assumiram a direção do clube nos últimos anos no Estudiantes. De pouco serviria, também no caso do Gimnasia y Esgrima, onde, inclusive, senti que muitas vezes esses “dados” incrementavam as suspeitas próprias das inimizades “*futboleras*”, pois estavam evidentemente estendidas ao mundo ‘dirigencial’. O certo é que tive que me conformar com um início do caminho na contracorrente. E como mostrou a experiência de campo com grandes famílias empresárias de Lisboa relatada por Lima (2006), eles iriam me dizer “onde, como e quando” se produziriam os nossos encontros, obviamente, nunca garantidos. E assim, da mesma forma que, com a etnometodologia, Harold Garfinkel (1962) mostrou que uma frase ou um ato falho permitem compreender o contexto de ação em que estes podem ser proferidos e os papéis sociais implicados no sujeito, me convenci que até mesmo os silêncios e ausências reiteradas podiam ajudar à interpretação, uma vez que me permitiam ler, no presente – por exemplo, em jornais locais ou junto a entrevistados “periféricos” como alguns empregado dos clubes -, discursos e práticas não declarados, mas efetivos e recorrentes.

---

<sup>42</sup> Fato que comprovei durante os últimos anos da minha vida acadêmica. Efetivamente, uma longa tradição antropológica dentro dos centros acadêmicos, uma centralização nas demandas de recursos em áreas capazes de produzir novos conhecimentos para a disciplina através de associações profissionais, e uma crescente afirmação, a partir do Estado Nacional da importância, de incorporar a visão humanista deste conhecimento têm conseguido transformar um solitário antropólogo em um sujeito com poder e reconhecimento (Lins Ribeiro & Souza Lima 2004). A forma em que este poder está sendo processado é “farinha de outro saco”.

<sup>43</sup> *Página/12*. Buenos Aires, 27 de setembro de 2009. pp. 30-31.

<sup>44</sup> A história que sempre gostei de acreditar, o mito que escutei de pequeno: que ele foi “apagado” do time titular –e mais tarde expulso- quando prometia ser um grande jogador por “razões” políticas vinculadas com a sua militância, primeiro no anarquismo, e mais tarde no Partido Comunista. A ordem vinha dos Serviços de Inteligência em cumplicidade com parte da Comissão Diretiva do clube –entre eles estava meu avô - para evitar a visibilidade que podia produzir “esse comunista que atacava por direita”, como diz o jornalista na reportagem. “Esse futebolista...” que, simultaneamente, era o então presidente da Federação Universitária de La Plata e Secretário Regional da Juventude do Partido Comunista em 1960. “Nikita” era por Krushev, é claro.

Paciência. Eles me diriam quando e quanto tempo eles teriam para as entrevistas e onde eu poderia fazer observação direta; isso era tudo. Desde então, tive que construir pacientes estratégias de sedução. Inclusive quanto ao uso da câmera, que inicialmente parecia-me central como ferramenta metodológica, foi cuidadosamente ressignificado e afastado do centro da pesquisa etnográfica empírica, com o objetivo de reduzir ao mínimo os preconceitos e as suspeitas que poderiam gerar perguntas ou temas em um universo acostumado a produzir um discurso “racionalizado para a mídia”.<sup>45</sup>

Daí em diante, o trabalho consistiu em tecer uma rede de confiança que transformasse minha própria performance como antropólogo em signos de autoridade e respeito, em que as promessas de futuras filmagens tinham como objetivo seduzir, e iriam ser organizadas e feitas – eu prometia - com o ‘maior dos profissionalismos’ a meu alcance. O caderno de notas, num constante exercício e esforço de memória<sup>46</sup> seguido de longas descrições e interpretações logo depois das entrevistas – e não o gravador -, passaram a ser meus novos e bons companheiros durante os encontros. E tal como lembra Karina Kushnir (2003) em relação ao modo como teve que adaptar suas estratégias metodológicas em favor de uma construção de identidade entre pesquisador e interlocutor durante sua pesquisa com pessoas pertencentes à classe política carioca, assim, também neste caso, as poucas e limitadas “entrevistas longas foram o momento para compreender esse processo” (Kushnir 2003: 38).

Além dos aspectos puramente interativos, permaneciam latentes forças objetivas que identificavam meu trabalho como “mediador”: a suspeita generalizada entre torcedores sobre a existência de negócios pessoais envolvendo jogadores e o patrimônio do clube, ou as ligações pouco claras com as chamadas ‘*barras bravas*’<sup>47</sup>, acusação que pesa sobre os dirigentes da parte

---

<sup>45</sup> Visitemos agora um filme documentário: *O princípio e o fim* (2005), de Eduardo Coutinho. Trata-se de um documentário baseado em excepcionais entrevistas com moradores de Araçá, um diminuto povoado do sertão paraibano onde quase todos são parentes. Muito além da conhecida “riqueza da simplicidade”, o diretor tem a valentia de mostrar a ambigüidade da autoridade que está presente na realização de uma pesquisa fílmica com estas características. Em primeiro lugar, porque a escolha do lugar e dos personagens é praticamente um “acidente” para a equipe de filmagem. Emerge de uma *circunstância*, em Araçá, lugar onde as personagens simplesmente “aceitam” se submeter ao registro e às indagações do entrevistador-pesquisador, uma vez que este desiste de encontrar “algo melhor”. Inclusive, no final do filme, uma personagem fala para ele sobre esse autoritarismo de chegar e ir-se quando quiser. Querendo ou não, Coutinho faz o filme refletir sobre essa situação e mostra parte das estratégias autoritárias com que a pesquisa documental trabalha. Em primeiro lugar um *dilema ético*.

<sup>46</sup> Neste sentido, chama a atenção Ecléa Bosi: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. (Bosi 1994.)

<sup>47</sup> As ‘*barras bravas*’ são uma categoria *êmica* construída historicamente no universo do campo do futebol argentino. Como os *tifosi* na Itália, os *ultras* na Espanha, e os *hooligans* na Inglaterra são formadas por um grupo de pessoas que assistem em conjunto às partidas do time, tanto local como visitante. Geralmente ocupam um lugar privilegiado na arquibancada “popular” e definem sua

da opinião pública, na maioria das vezes, de forma velada. No entanto, são relatadas ocasiões em que o Estado mostra sua presença, como vemos no caso de Mario Gallina, ex-presidente, de 2003 a 2007, do COPROSEDE, organismo encarregado da segurança esportiva da Província de Buenos Aires:

quien advirtió que ‘vamos a decirle a la Justicia quienes son, porque para nosotros tienen una relación, una connivencia con la comisión directiva de Gimnasia’, tras lo cual denunció (marcando las imágenes de video que proyectaban) que ‘acá la barrabrava está manejando la venta de chorizos, el estacionamiento, todo permitido por el organizador. También los señores haciendo entrar a quienes quieran. Este señor Córdoba tiene influencia sobre los controles de Gimnasia, otra falla del organizador’.<sup>48</sup>

Outros dos maiores obstáculos e dificuldades derivavam de questões que envolvem dimensões práticas das suas funções como dirigentes nos clubes. Instâncias, como as pré-temporadas (a cada seis meses), são momentos de muita tensão e estresse para muitos dirigentes, especialmente para aqueles que estão vinculados diretamente com o futebol profissional e têm pretensões de ascender na escala ‘dirigencial’ ou se candidatar a presidente. À falta de tempo, natural pela celeridade dos calendários que impõe o sistema futebolístico, estas instâncias determinam certas suspeitas que desvelam a especificidade do ambiente de segredo e intriga que devem gerir. As instâncias de pré-competição envolvem um dos processos mais complexos do futebol atual, as contratações, compras e transferências de jogadores e técnicos. Assim sendo, o hermetismo é uma exigência fundamental para o sucesso deste processo. Tal como expressou um experimentado dirigente que servirá de interlocutor privilegiado nesta pesquisa, *“entre os clubes, especialmente os que pertencem à mesma cidade, existe sempre o temor de ‘soplarse’<sup>49</sup> os jogadores”*. Um simples rumor envolvendo uma ligação telefônica de um empresário suspeito de ter relações com outro clube pode fazer com que uma negociação mude de rumo, demore ou, inclusive, se desfaça definitivamente. Existem, assim, suspeitas entre clubes “inimigos”, como Gimnasia e Estudiantes, fato que torna a tarefa de pesquisa mais difícil ainda.

---

identificação com o clube a partir da sua capacidade de cantar e mostrar emblemas. Diferentemente do Brasil, com as chamadas “torcidas organizadas”, estas ‘*agrupaciones*’ não estão legalizadas nem formalizadas. Sua organização interna, como sua estabilidade, depende muito da capacidade de manter enfrentamentos – e alianças - com outras “*barras*”, e são acusadas de manter vínculos econômicos com políticos locais e com a “*dirigência*” no futebol em troca de proteção e apoio.

<sup>48</sup> Diario *El Día*. La Plata, 27 de abril de 2007.

<sup>49</sup> Gíria que se refere a “roubar”.

Quem é ele? Um jornalista? Um historiador? Perguntas importantes nessa intriga que, por outra parte, interrogavam minha identidade como pesquisador e evidenciavam, simultaneamente, a existência de um microcosmo comum a todos eles.

Era evidente que, neste contexto, as tarefas de interação e observação como pesquisador dificilmente chegariam a superar um primeiro preconceito; isto é, o de ser considerado como parte dessa “opinião pública” que emite juízos sobre suas condutas e ações ‘dirigenciais’ em um campo minado de suspeitas sobre a circulação do dinheiro, como o futebol. Fato que, em primeiro lugar, poderia ferir a trajetória concreta de qualquer dirigente a longo prazo, “confirmando” as suspeitas de envolvimento em transações e de responder a interesses financeiros não declarados (na maioria das vezes, considerada “naturais” por eles); mas fundamentalmente, no caso de clubes próximos como os que eu tratava, sendo o pesquisador objeto de suspeita, de estar levando e trazendo informação “vital” que pode afetar sua “performance dirigencial” e institucional a curto e médio prazo. De fato, as questões que dificultaram o acesso aos sujeitos que participam da elite que dirige o futebol profissional em La Plata têm mais a ver com interferência nos segredos e estratégias de ação na sua trajetória pública nos clubes e nas suas profissões do que com o perigo de revelar aspectos privados da sua história familiar ou econômica, aspectos que, por certo, nunca fizeram parte do meu campo de interesse nem sequer foram motivo de uma reflexão profunda.

Cabe observar ainda que a maioria das entrevistas foi realizada no espaço de trabalho dos interlocutores e não nos clubes. Empresas, consultórios médicos e escritórios profissionais pareceram ser os lugares onde os dirigentes entrevistados se sentiam com maior liberdade - e segurança- para falar sobre suas práticas e tentar formular uma “opinião” própria sobre os assuntos de interesse com que me associavam. Estes lugares eram percebidos como territórios privados, e o tempo controlado parecia torná-los menos visíveis ao olhares desconfiados no clube, como me foi possível perceber nas poucas ocasiões em que consegui entrevistá-los dentro dos prédios da instituição. À primeira vista, era como se isso ampliasse ainda mais as dificuldades mencionadas sobre a lassitude de um tipo de poder frágil, característico do âmbito ‘dirigencial’ no futebol. Em princípio, ele se instalava sobre uma insegurança de origem que debilita a entidade destes “pequenos homens” vindos do comércio, da indústria e de algumas profissões liberais ligadas ao Estado que, ocasional e excepcionalmente, foram lançados a gerir e administrar as coordenadas culturais do poder e da representação implícitos processualmente em instituições de claro caráter público. Entretanto, este exercício de retração e as dificuldades na comunicação também denunciam um exercício narrativo indispensável à criação de uma identidade de poder em um

jogo que inclui a ameaça do seu reverso, os grupos subalternos, e onde o próprio pesquisador é colocado em posição liminar –perigosa- pelo interlocutor.

No caso particular da presente pesquisa, foi necessária uma reflexão sobre este risco quanto à aproximação aos sujeitos no campo. O poder explícito e implícito no papel desempenhado pelos sujeitos implicava em dificuldades para produzir situações de campo suficientemente próximas e fugir do habitual – e cuidadoso – discurso jornalístico “pre-fabricado” pelos dirigentes. Por exemplo, com o objetivo de operar sobre as fissuras que se abriam na estrutura dos diálogos, considerei indispensável dispor, nos primeiros encontros com a presença da câmera, de uma equipe de filmagem razoavelmente preparada para estabelecer uma relação de autoridade que me colocasse à “altura” das pretensões estéticas e performáticas destes. Em outras palavras, foi preciso colocar, de manifesto, o “investimento na própria pesquisa como fonte de prestígio e legitimação para o próprio grupo” e compreender o lugar atribuído ao pesquisador “como modo de entender as crenças e representações do universo investigado” (Velho 2003: 9). Neste sentido, as dificuldades e constantes relutâncias que enfrentei eram uma primeira e significativa demonstração de que as posições de poder que eu queria identificar seriam atuadas na minha própria interação com os interlocutores.

Aparecem, então, distintas formas pelas quais se manifesta a questão da autoridade do pesquisador em relação aos sujeitos que participam da construção do seu objeto de conhecimento. Existiria uma espécie de “plusvalor” que se apoia no fato de que a inscrição dialógica implica necessariamente *risco* e *assimetria* entre ambos. E como demonstrou Saussure, recuperando Marx, a chave que nos libera de ficar enredados neste problema reside em que o intercâmbio entre significantes –dado na linguagem ritual da entrevista- exige a presença de um valor de troca a ser tanto produzido como distribuído, segundo as próprias coordenadas simbólicas, pelos interlocutores. A autoridade em disputa é, assim, o resultado de um *plus* de sentido, uma metáfora que se transforma em um *plus* de valor para alguém (Rodriguez 2004: 82). Foi Bachtin quem entendeu esse ‘resultante’ como parte de uma “memória textual coletiva” (Mancuso 2006: 62) que - semelhante à de Halbwachs - se realiza, não pela acumulação de sentenças lógicas e ordens da linguagem, mas basicamente através do enfrentamento de paradigmas implícitos na luta cultural a que fazem referência.<sup>50</sup> Precisamente, como aponta Guber (2004: 87), “na situação de campo, o investigador não é o único estrategista”.

---

<sup>50</sup> É impossível prever o resultante do diálogo, diacrônico e sincrônico ao mesmo tempo; ele não está orientado para um fim irreversível. Ao contrário, ele estará habitado por elementos heterogêneos, coexistentes, e co-presentes (tanto homogêneos como resistentes), nos lembra Bachtin (Bachtin *apud* Mancuso 2006: 36).

Em síntese, este é um acontecimento interno à pesquisa, mas que se refere às estratégias concretas de empoderamento dentro de uma economia cultural da comunicação e a um determinado estilo de detectar objetivamente o poder nas sociedades em que os clubes se apresentam, a princípio, como espaços abertos e indeterminados de socialização e, paradoxalmente, aptos para a elaboração de uma experiência objetiva orientada para redes de significados e mecanismos de “elitidades”.

Sahlins advertia, neste sentido a importância de compreender “os efeitos históricos de pessoas investidas de poder por ordens culturais que, no entanto, são vividas por elas de maneiras particulares” (Sahlins 2006:149). Tentaremos mostrar assim que os dirigentes participam de uma espécie de “movimento falso” para com a ação simbólica que representa seus papéis nesse contexto. Porque os processos concretos que dão sustento aos grandes conflitos no tempo, vivem nas experiências elementares de gestão e administração de um poder mais “gelatinoso” e menos estruturado, como os clubes. Afirimo que destas “formas” da experiência política participam os dirigentes platenses. É neste sentido interpretativo que a cidade de La Plata será capturada aqui: com o objetivo de produzir uma “província significante” que sirva de metáfora territorial dos tipos ideais de práticas de separação, agrupamento e gerenciamento de conflitos simbólicos vividas na experiência concreta de uma vida local associada com as coordenadas futebolísticas. Servem também as palavras de Ortner (2006), quando chama a atenção para as narrativas de poder como parte de uma tentativa analítica de articular dominação – no sentido weberiano - e práticas sociais: a construção cultural da agência ao mesmo tempo como uma espécie de empoderamento e como base que permite que se persigam projetos dentro de um mundo de dominação<sup>51</sup> e desigualdades.

Uma das principais opções metodológicas é a de interpretar, através do campo ‘dirigencial’ *no* futebol, como as instituições político-administrativas dos clubes e as práticas e representações que as habitam em torno ao que significa “decidir” são, em parte, responsáveis e representantes na elaboração ideológica de formas e expressões culturais mais amplas em que o futebol profissional produz signos, ícones e emblemas sobre o poder. Veremos como essas lutas não são “genéricas”, mas como têm consequências sobre os modos de pensar, sentir e atuar de uma sociedade. Uma etnografia dos aspectos

---

<sup>51</sup> Certamente, o modelo weberiano é de caráter substancialmente coercitivo e quiçá menos complexo do ponto de vista das lutas políticas e culturais capitalistas que impera na perspectiva de hegemonia em Gramsci, que Ortner recupera. No entanto, o conceito de *dominação* tem muita maleabilidade, inclusive para Weber, uma vez que, relacionado com a construção cultural do poder, é compreendido como um circuito de fluxos significantes que colocam em relação “honra”, “prestígio” e “ordem social”, etc. (Weber, 1964: 683).



culturais deste campo de atuação significa também lidar analiticamente com as estruturas de sentimentos e sentidos, as narrativas dos itinerários individuais, a configuração pluri-discursiva em torno de dimensões da vida pública e institucional dos clubes, os mecanismos de coerção simbólica, as estratégias de consenso, etc. Serve, como dizem Marcus & Fisher, à finalidade de “uma antropologia compressiva com implicâncias políticas” (2000: 89), em que aquilo que inicialmente podemos chamar de “cultura futebolística”, assim como as práticas e discursividades construídas por ela, são instrumentos de elaboração de coordenadas que emergem dos atores sociais para interpretar, manipular, habitar e dominar diversos espaços nas sociedades em que vivem.

#### 4. O Audio-visual: *Dirigentes en el fútbol I*<sup>52</sup> e *Cena del Dirigente*<sup>53</sup>

A seguir, proponho ao leitor preparar um café, sentar no sofá, e, solitariamente ou com amigos e colegas, assistir ao que resultou serem os dois primeiros vídeos documentários produzidos durante a pesquisa.

O primeiro deles, *Dirigentes en el fútbol I* foi apresentado, pela primeira vez, para os interlocutores que tinham participado dele, no dia 4 de setembro de 2007, na Associação Cultural Daniem Omar Favero, um lugar periférico da cidade, criado como homenagem dos pais do jovem desaparecido durante a ditadura militar e que leva seu nome.<sup>54</sup> Naquela ocasião, assistiram aqueles que seriam meus quatro principais informantes durante a pesquisa. **Sr. Orsini**, velho empresário da construção e ex-presidente do Estudantes na década dos 1990; **Esc. Olivera**, notário reconhecido da cidade e ex-presidente do Estudantes na década famosa dos 1980; Del Franco, engenheiro e empresário da construção, naquele tempo parte de um governo “de três”, informalmente compartilhado do Gimnasia junto com **Sr. Ortechio** e o **Arq. González**, outros interlocutores importantes desta pesquisa, e por último, a presença – possivelmente a mais interessante naquele evento de apresentação – do **Sr. Giovanelli**, que iria ser o candidato surpresa à presidência deste clube nas eleições daquele ano, poucos meses depois. Os rostos deles e a minha voz em off no filme, e as opiniões emitidas depois da apresentação daquela noite de

---

<sup>52</sup> Ficha Técnica: *DIRIGENTES EN EL FÚTBOL*. Realização: M. Godio; Edição: D. Wolinski. Brasil-Argentina, 2006, 40 min.

<sup>53</sup> Ficha Técnica: *CENA DEL DIRIGENTE*. Realização: M. Godio; Edição: D. Wolinski. Brasil-Argentina, 2007, 18 min.

<sup>54</sup> Criado em 2001, a construção foi financiada pelos pais com a indenização recebida do Estado Nacional.

inverno gelada – que serão agregadas oportunamente ao filme apesar da luz insuficiente - servirão para uma apresentação emotiva e simples daqueles com quem dialogamos nesta tese. O segundo deles, menos importante do ponto de vista da narrativa documental, a *Cena del Dirigente*, foi filmado durante uma homenagem pública que reuniu representantes de entidades civis esportivas e culturais da cidade de La Plata. Foi editado exclusivamente como forma de retribuição para o **Esc. Olivera**, um dos principais interlocutores no início deste trajeto. O objetivo era criar laços de reciprocidade com ele.

Na parte em anexo, desta tese, foi incluído o material documental editado durante a pesquisa. Este material serviu como incentivo para a elaboração da tese, durante a primeira etapa de sua redação. Sentado à mesa de algum bar, assisti sobre a tela de um pequeno MP4, durante quase seis meses, as quase três horas de imagens e depoimentos filmados durante a pesquisa de campo e previamente editadas segundo meu “plano de trabalho” original para a versão final da tese. Tentei, durante esse processo, desenvolver a minha própria estratégia metodológica, baseando-me em um ‘discurso livre e automático’. Finalmente, essas foram as colunas com que construí esta tese, e talvez, por este motivo, em muitas ocasiões ao longo deste texto, sintetizo ou recupero autores e leituras como imagens, com certa liberdade nas citações, tentando não perder de vista o foco com que foram produzidas. Motivo pelo qual, muitas vezes, a tese mostre uma tendência a funcionar em espiral, retomando temas anteriores e interferindo-os com novos fios e referências.

PRIMEIRA PARTE  
“CAMPOS DE FORÇA” NA  
INTERPRETAÇÃO DAS PRÁTICAS



“As ambiguidades, deformações e dificuldades, que se manifestam num depoimento pessoal sobre questões como fé, nação e classe, constituem o entendimento que um indivíduo tem da cultura.”

Richard Sennet. *O novo Capitalismo.*



## Capítulo I.

### Poder, “elitidades” e identificações

#### 1.1. O problema geral da dominação, a reprodução e o consenso

Embora o termo “elite” venha sendo utilizado para definir as posições de poder e desigualdade de certos sujeitos e grupos, em contextos específicos de classe, acumulação de recursos econômicos e posições de status nos estudos sobre sociedades complexas, ele mostra limites próprios de um campo pouco explorado e interrogado antropológicamente. Efetivamente, os estudos antropológicos de caráter empírico referentes ao universo do capitalismo atual e, em particular, àqueles definidos por uma perspectiva etnográfica sobre grupos que ocupam posições de poder e superioridade, são escassos ou de pouco alcance teórico (Lima 2006; Marcus & Fischer 2000; Ruben 2005). Concordo com Ribeiro & Bianco (2003) quando afirmam que a fonte natural deste campo de reflexão etnográfico, a antropologia política, tinha fragilidades próprias caracterizadas por uma recente constituição disciplinar. Foi com *African Political Systems*, escrito por Fortes e Pritchard, em 1940, que, pela primeira vez se declaravam as principais linhas problemáticas em torno às relações de subordinação política na organização social. Dentro da tradição britânica, se fortalecia assim o conceito de poder como “dominação social”.

Por outro lado, o estruturalismo, instigado pela potência cognitiva do mito, incluía também o poder como problemática antropológica. Afirmar que uma sociedade “existe” porque “funciona” em termos de resposta adaptativa é, no mínimo, uma “banalidade” do funcionalismo (Godelier 1974: 310), respondia o estruturalismo: a questão, perguntava Lévi-Strauss junto com Rousseau, era saber quais são as condições mínimas para que tal sociedade exista (Lévi-Strauss, 1985). No entanto, assim como o funcionalismo britânico tendia a considerar o assunto do poder em um organicismo da função social e à noção de empatia, o estruturalismo produzia reduções analógicas deste conceito em favor da construção de um modelo geral da mente humana e das “condições mínimas”. Tendia assim a pensar as relações de poder como um campo significante entre outros na estrutura combinatória cognitiva com que jogavam as sociedades para explicar o mundo em que viviam (Rapport & Overing 2007). Alguns anos mais tarde, Edmund Leach, trabalhará esta temática em *Elites in South Asia* (1970) junto com o historiador S.N. Mukherjee, desenvolvendo críticas ao paradigma do “equilíbrio social” funcionalista que o precedia. Para ele, o funcionalismo clássico subordinava relações de poder -implícitas na problematização dos

grupos de elites- às taxonomias de parentesco e aos padrões de descendência, onde as operações vinculadas com a eficácia social dos papéis sociais dos membros de uma sociedade eram vistas apenas como “transformação” de relações econômicas (Leach 1978: 11).

Apesar de terem introduzido, junto com o marxismo<sup>55</sup>, a dimensão relacional dos “sistemas” em relação ao poder, tanto uma teoria como a outra tendiam a criar uma interpretação rígida e “realista” do poder, e apresentavam os fatos rituais, os sistemas de parentesco, etc., como mecanismos instituídos de uma reprodução social fundamentalmente coercitiva. De certa forma, reduzidos às lógicas estáticas, negavam o papel relacional das práticas sociais protagonizadas pelos sujeitos envolvidos e, portanto, as possibilidades identitárias das “diversas” produtividades culturais em que atuam, por exemplo, as “elites de poder” (“em” e “para além” das suas posições de dominação específica sobre outros sujeitos).

Efetivamente, esta “produtividade” tende a uma certa indefinição quanto às possibilidades de autonomia analítica do ponto de vista da busca de um *ethos* significativo nos termos dos sistemas culturais, tal como é definido na trajetória da antropologia contemporânea. Os motivos teóricos que limitam o conceito de elite se relacionam, por sua vez, com a ausência de uma conexão clara entre duas dimensões centrais de análise; refiro-me mais concretamente ao atrelamento dos modelos de interpretação e explicação aos pressupostos reprodutivos, como à debilidade de um sustento empírico capaz de circunscrever as elites e os grupos “em posições de poder” como objetos de estudo antropológico.<sup>56</sup>

Inspirado na problematização da antropologia marxista-culturalista norte-americana, as idéias de Eric Wolf renderam poderosos *insights* para aqueles antropólogos interessados no estudo das chamadas “sociedades em desenvolvimento” e na análise de instituições de poder político e econômico de intermediação entre o tradicional e o moderno, ancoradas em papéis

---

<sup>55</sup> Em tal sentido, se evidência também que a perspectiva da antropologia com foco nas sociedades complexas tem resistido a transportar os conceitos marxistas clássicos sobre classes baseadas na estrutura das relações de produção capitalistas. O marxismo acadêmico tinha um modelo capaz de incluir a problemática das elites, mas como sabemos, os assuntos culturais tendiam a ser reduzidos aos aspectos superestruturais.

<sup>56</sup> Porém, apesar da prática antropológica clássica se servir usualmente de interlocutores pertencentes a grupos dominantes dentro das comunidades ou etnias, o fato desta ter-se acostumado a lidar em sociedades tradicionais e segmentadas, este conceito não encontrou um lugar central na sua reflexão. Tratava-se de um problema formalmente difícil de resolver no nível empírico quando a antropologia lidava com categorias mais rígidas, que eram próprias de sua biografia disciplinar. Dificilmente, o trabalho do antropólogo, em sociedades como as mencionadas, se verá facilitado pela visibilidade e evidência destas condutas práticas. E menos ainda, por declarações públicas e formais no interior do sistema cultural que o ajudem a identificar os sujeitos em posições de serem classificados como “da elite”.

sociais reprodutivos da política no universo de transformações rurais<sup>57</sup>. Wolf (2003) - como George Balandier (1980, 2003) na França - foi pioneiro ao teorizar os modos pelos quais, apesar das diferenças nas lógicas e formas culturais das ideologias, “os donos do poder, em cada sociedade, exerceram controle sobre eventos políticos, rituais, cosmologias, e se valeram de materiais culturais preexistentes para a construção de imaginários que os projetaram como seres supranaturais” (Lins Ribeiro & Feldman Bianco 2003: 275). A maneira como essas ideologias controlam a diferenciação, a mobilização e o desenvolvimento do trabalho e da distribuição de bens em sociedade resultará então num tema central nesta perspectiva.

Cresce assim, em interesse, o problema colocado pelo subsolo de aparente hibridez e heterogeneidade em que se move o objeto empírico onde se situam as possibilidades de construir o conceito de *elites* (ou grupos de poder). Um movimento de diálogo no interior da antropologia e das ciências sociais, que tende ao “eclecticismo” e à abertura teórica, resistia à tentativa de tomar as elites como objeto de estudo fora dos universos mecânicos de dominação e do controle. De perspectivas diversas, os aportes de Bourdieu e Foucault permitiram identificar dispositivos de incorporação do poder, enlaçando campos como a ciência e a vida cotidiana, e abrindo à etnografia um universo particularizável para a interpretação daquilo que “é corporificado nos sujeitos”. Bourdieu (1979) identificou, assim, conceitos como o *gosto* e a *distinção* como eixos para discutir a produção e reprodução da “cadeia” de *práticas* sociais e culturais que estruturam o *habitus* que excede um espaço normativamente institucionalizado para seu exercício como “ato de consumo” no capitalismo; por assim dizer, um movimento que vai das distinções significantes para as “marcas da distinção” que criam e solidificam pertencimento sócio-cultural e cristalizam as posições sociais, e formam-se através de círculos sociais que compartilham os mesmos indicadores (Bourdieu 1979, 2004). Retomando a idéia de distinção em Weber – de que os grupos de status agrupam-se a partir de situações e mecanismos variados de inclusão e de exclusão sutis -, Bourdieu vai desenvolver uma concepção estrutural que reinventa a visão marxista de oposição entre dominantes e dominados e a weberiana de grupos de status baseado no prestígio, criando um espaço social relacional intrincado de códigos e condutas “incorporadas”. Este autor abre as portas a uma concepção em que as estruturas objetivas – capital econômico- e as subjetivas -capital cultural- se constituem em um campo interpretativo complexo –o *habitus*- como “*un ensemble systématique*

---

<sup>57</sup> Permito-me uma referência ao excelente filme de Luis Buñuel, *Subida al cielo* (1952), cuja trama, absurda e bem humorada, dialoga com a problemática assinalada por Wolf, a partir de uma perspectiva de gênero.

*de biens et de propriétés, unis entre eux par une affinité de style*” que definem as posições de poder (Bourdieu, 1979: 23).

Neste contexto intelectual<sup>58</sup>, centrado nas operações simbólicas, em 1981, o antropólogo inglês Abner Cohen publicou *The politics of culture elites*, um estudo central sobre as elites, que estabeleceu precedentes sobre os aspectos performáticos e técnicos dos dispositivos de treinamento cultural e de socialização intrínsecos às condições de privilégio de um grupo social. Uma década antes, Cohen tinha colocado as relações de poder no centro do debate antropológico, argumentando que eram as sociedades complexas as que ofereciam os dados necessários para sua constituição como campo da disciplina (Kurtz 1979: 31). Para Cohen, o tratamento das “elitidades” deverá estar fundamentalmente vinculado com práticas e modos de conduta:

...um conjunto de qualidades de excelência, que só pode ser aprendido informalmente, na “alta sociedade”. Esta mística não é só uma fórmula ideológica, é também uma forma de vida, que se manifesta em padrões de comportamento simbólico. A ideologia é objetivada, desenvolvida e mantida por um corpo de símbolos e performances dramáticas: maneiras, etiqueta, estilo de vestir, acento, padrões de atividade recreativa, regras de casamento e um conjunto de outros traços que fazem o estilo de vida de um grupo. É um culto muito elaborado e que se adquire durante longos períodos em contextos sociais informais como a família, o clube e nas atividades extracurriculares de escolas exclusivas (Cohen 1981: 2-3).

A rede de significados e formas de alcançar culturalmente ao real se apresentaria, assim, à análise social, impactando sobre a permanência e as formas de cognição das normas de conduta das pessoas, suas motivações na ação, suas práxis reflexivas, etc. (Geertz 1991, Hughes 1984, Goffman 1992, 2006); e, portanto, se apoiaria nos contextos micro-políticos em que adquire sentido o triângulo conceitual implícito na constituição de uma elite dirigente na interação simbólica: poder, coerção e autoridade. Abria-se a porta para pensar o campo de estudos de grupos que partilham critérios de destaque social em termos das práticas, dos interesses, das formas de cooperação e coordenação de atividades, dos códigos de conduta, etc. (Lima 2003:28).

---

<sup>58</sup> Não cabe dúvida, porém, que certa antropologia, baseada na obra de Durkheim (1973) -de quem deixo passar a idéia de “plasticidade e inconstância” com que estão obrigadas a gerir cotidianamente as instituições nas sociedades heterogêneas ocidentais - tentou abrir caminho em busca de dimensões micro-políticas que dessem conta dos fundamentos culturais em que são incorporados os dispositivos de poder nos atores sociais; dimensões que transcendem as instâncias formais estáticas da ordem social (como eram vistas as hierarquias aristocráticas).



Não é por acaso que, mais recentemente, a antropologia, em oposição às concepções coativistas e funcionais dos fenômenos de dominação intrínsecos às problemáticas das elites, tenha recuperado o pensamento fecundo – ainda que nem sempre sistemático - de Antonio Gramsci (1980). O conceito menos rígido de hegemonia deste pensador, permitia compreender - e portanto, também descrever - o poder de uma elite como um fenômeno subjetivo amplo; como uma construção social da ordem alargada nas capacidades de gerar consenso de diversos grupos que controlam instituições - a “pragmática do bem comum”-, e inclusive, as ligações com a ideologia hegemônica e de formações de massas da sociedade civil (Green 1993: 199), e de produzir, na *práxis*, relações de poder instalando-se cotidianamente na produção espiritual da sociedade com o objetivo de conformá-la aos seus interesses de reprodução -diversos- sem explicitar-se como tal. A respeito disto, Gramsci aponta sua reflexão ao lugar do senso comum:

... o senso comum tende a acreditar que o que existe hoje tem existido sempre , e que a Itália existiu sempre como nação unitária, mas tinha sido sufocada por forças estranhas, etc. Numerosas ideologias têm contribuído para reforçar esta crença, alimentadas pelo desejo de aparecer como herdeiras do mundo antigo, etc; estas ideologias por outra parte, tem tido uma função importante no terreno da organização política e cultural (Gramsci 1980: 63).

Para Gramsci, o Estado não é um simples aparelho de governo - um conjunto das suas instituições públicas-, mas a cristalização das relações de força presentes na sociedade como um todo complexo. Em suma, o que Gramsci está deixando como legado é a necessidade de compreender que as instâncias organizativas da sociedade civil cumprem papéis políticos quando interpretados em relação à dinâmica das lutas hegemônicas. Em consequência, sua reflexão sobre este campo das “relações sociais” confronta-se com a visão clássica dominante no ocidente em torno à crítica social desta categoria, a saber: o espaço social denominado como “sociedade civil” -suas instituições, leis, festas, celebrações, etc.- é apresentada como uma dimensão oposta ou submetida à categoria deslocadora de “sociedade política”. Por exemplo, Gramsci recupera e amplia para a ação política, tanto a versão “normativa” de Tocqueville que -junto com Arendt- via, na primeira, formas de controle da segunda, como a versão mais populista incrustada no próprio fascismo, que tinha reduzido, na sua época, o Estado ao “homem

*qualunque*<sup>59</sup>. De um lado, transformava a sociedade civil em lugar privilegiado da luta de trincheiras. Do outro, anunciava sua própria antropologia do senso comum como gênese do “bom sentido”.

Retornemos então à sociologia política de começos do século XX, que se ocupou de mergulhar, com certa sistematicidade (resultante de um encontro “analítico” entre o otimismo herdado da filosofia das luzes e as concepções circulares do movimento histórico evidenciado pelas constantes da vida cotidiana), no exercício de pensar as principais discussões que envolvem o problema contemporâneo da constituição das elites e grupos de poder como protagonistas da política moderna sem reduzi-lo à exclusividade da sociedade política do sistema de partidos. Por exemplo, Mosca não utilizava diretamente o conceito de elite, mas falava de uma *classe política* que fazia parte de uma classe maior a que chamava *classe dirigente*. Há, então, também nos inícios da história da sociologia política “conservadora”, um importante debate sobre a constituição das classes governantes que toca, ao menos por meio de modelos explicativos de caráter especulativos, os aspectos práticos que fundamentam a detenção do poder por parte de certos grupos, em um contexto de heterogeneidade característico das sociedades complexas. Robert Michels, sociólogo contemporâneo de Mosca, fez uma primeira classificação das diferentes elites (ele chamava de “forças sociais”) presentes na sociedade: a elite política, caracterizada por possuir o poder de Estado; as elites econômicas, cujo poder é ancorado na riqueza (bancos, seguros, indústria, etc.); as elites intelectuais, que tiram o seu poder da manipulação das palavras, dos símbolos e da ciência, a *knowledge class*, os “manipuladores de símbolos”, como os tentou definir Robert Reich (Reich *apud* Gorz 2005: 64).

A contradição ideológica com a visão de Gramsci é apenas analiticamente aparente uma vez que se percebe que há um dispositivo político que habita - “empoderando” - as instituições da sociedade civil, ao mesmo tempo que busca resistir ao caráter deliberativo em que se realiza esse “conjunto relativamente organizado de pensamento especulativo” (Geertz 1994: 95) com que os homens se submetem virtualmente às regras sociais. Gramsci foi quem primeiro entendeu esta dimensão reflexiva da dominação, entrando “pela janela” num diálogo entre Weber e Marx. Na realidade, como Bourdieu, mas com as ferramentas da sua época, colocou-se *entre* ambos. Em relação ao primeiro, uma vez que o pensador italiano estava ocupado em compreender as lógicas sociais e os “caminhos culturais” que possibilitam a formação -estratificada- de grupos diversos dentro da sociedade burguesa; ao

---

<sup>59</sup> Conceito que será interiorizado na antipolítica italiana nos últimos anos do fascismo em 1944. Sua principal posição baseia-se na idéia de um Estado puramente administrativo e regido pelas demandas do senso comum.

segundo, buscando compreender porque estes grupos dão lugar ao estabelecimento de certas relações de dominação social e desigualdade “imperfeitas” e permeáveis à ação crítica para além da propriedade dos meios de produção.

Nesse sentido, para Gramsci, não há como pensar o poder prático senão como qualquer instituição, incluídas aquelas aparentemente apolíticas e próprias da sociedade civil contemporânea, fora das noções essencialmente políticas que as circunscrevem, empiricamente, a um lugar tradicional. Assim, junto com o “elitismo” da sociologia política de Mosca, Pareto e *Cia*, integrava-se à reflexão da teoria das elites mais clássica: a que dispõe de uma breve e intensa genealogia consagrada a pensar a complexidade cultural dos mecanismos de controle da mudança e da “evolução” do mundo social nas mãos de uma minoria. Lembremos que, para esses autores, como também parece reflexionar Gramsci, a chave da história deve se encontrar nas lutas pelos espaços de poder a que se entregam os grupos dominantes (Grynspan 1999:13).

O “elitismo” clássico visava demonstrar que, com efeito, qualquer sistema político, mesmo o democrático, é dirigido por minorias, e que estas criam e reproduzem lógicas culturais para prevalecer. A democracia, contudo, se distingue por ter no poder “não uma elite fechada, cristalizada em um só grupo que se reproduz internamente, e sim aberta, renovada por meio de um processo de concorrência” (Grynspan 1999:12). Deste modo, o que mobilizará primeiro a identificação, e depois, a interpretação das elites, será o fato de que, nas sociedades organizadas em pressupostos democráticos, este conceito encaixava na problemática da igualdade e na liberdade de direito entre cidadãos, e na conseqüente indiferenciação formal dos mesmos em termos de liberdades econômicas, políticas, religiosas ou de acesso a um status determinado. Desse modo, o princípio de igualdade de oportunidades e de liberdade é discutido acertadamente enquanto “filosofia dominante” pela crítica marxista não rígida de Gramsci em relação com as “sociedades estatalmente estruturadas” (Green 1993: 177). O ponto de partida desse autor remete aos papéis sociais relevantes que, baseados em deveres e direitos que estimulam a diferenciação social, ao mesmo tempo, impedem a formalização instituída de elites naturalizadas e intrinsecamente excluídas da crítica social.

Entretanto, ultrapassada esta barreira inicial, os estudos concretos evidenciam que deve haver um lugar onde é possível encontrar estes sujeitos e grupos, mais precisamente naqueles territórios sociais, como apontou Giddens, onde subsistem forte dissociações entre práticas e discursos com referência ao poder (Giddens 1974). Nesse sentido, Antonia Lima (2003) estimulou novos *insights* interpretativos integrando perspectivas clássicas da antropologia –incluindo o marxismo– e lançando um olhar etnográfico sobre um objeto empírico concreto. Colocando em perspectiva as práticas e

representações mais flexíveis do que as esboçadas na origem da “elitidade”, por Cohen, no parágrafo citado, e junto com as estruturas de regras de herança e parentesco, as estratégias de liderança, os modos de gerenciamento e a apropriação não institucional destes elementos simbólicos por parte dos integrantes das grandes empresas familiares, em Lisboa, a autora citada mostrou, por sua vez, os dispositivos simbólicos e a eficácia auto-transformadora destes grupos tipicamente antropológicos - as entidades sociais “familistas”- para adequar suas práticas às transformações capitalistas no Portugal do final do século XX.<sup>60</sup>

O conceito de hegemonia é um objeto privilegiado das políticas culturais das elites porque, bem traduzido, consiste na capacidade de um grupo - especialmente por meio de indivíduos - de “surgir” da massa e ocupar lugares de superioridade na sociedade em determinados períodos históricos. As elites, para os clássicos, e complementando Gramsci, eram, uma *práxis* vista como “veículo das expectativas gerais conforme determinados atributos sublimados na excelência, na preeminência e no mérito” (Fernández Pardo 2005:16); e, portanto, temas centrais na constituição de valores de pertencimentos e reconhecimentos sócio-culturais valorados politicamente<sup>61</sup>. Vislumbra-se, assim, para a interpretação deste objeto “evasivo”, em que consistiria a restituição feita hoje pela antropologia do chamado “senso comum” como sistema cultural que trabalha, em palavras de Geertz, com as “realidades puras da experiência” (1994: 96). Essencialmente, trata-se de uma restituição que enfatiza a existência de formas elementares e comuns de conhecer o mundo, construídas na experiência sobre assuntos complexos, mas que simultaneamente nega essa qualidade como papel intencional de dominação, controle e superioridade.<sup>62</sup> Disse William Mackenzie simplificando, trata-se de “tomar uma decisão como *eu*, mas pronunciar como *nós*” (1978:12).

---

<sup>60</sup> Sua interpretação permite entender de que forma são garantidos mecanismos de reprodução de classe e status através do conceito ênico de ‘família de elite’, e como se reintegram em uma visão do mundo tradicional na luta pela hegemonia cultural em um país em processo de transformação e integração continental com a Europa “moderna”.

<sup>61</sup> Como afirma Tzeven Todorov, o poder, para além da sua condição estrutural de ser detectado por uma das peças em uma lógica de sujeição de uns sobre outros, “não deseja o mal” por natureza, e, inclusive, se apossa de idéias e práticas que tendem para um conceito coletivo de “felicidade” (1993: 2009).

<sup>62</sup> Desse modo, quando escutamos, em uma conversa de bar ou em um mercado de Buenos Aires, alguém afirmar que o governo se “apoderou do futebol” e que “o Ministro do Interior é, agora, quem decide os horários dos jogos nos finais de semana” ou quando se contesta a manutenção de Maradona como treinador de uma seleção “que não sabe controlar”, estamos, como no caso da bruxaria entre os Azande, frente a uma explicação sobre o sentido último do poder que extrai suas afirmações de um senso comum que seria “argentino”. O enunciador ancora as experiências na particularidade, ao tempo que nega *-para si-* uma inferência lógica sobre as práticas políticas mais complexas. Submete-se a um poder “maior” das decisões dos dirigentes dos clubes, dos representantes dos jogadores, etc.

O consenso, nas sociedades burguesas que contextualizam o modelo democrático formal<sup>63</sup>, instala-se como questão central da problemática do poder. Neste sentido, o poder que caracteriza uma *elitidade* está sempre ligado a uma narrativa histórica de “estamentos imaginados” em um registro que deve combinar adequadamente o consenso cultural sobre uma “*comunidade de sentimentos*” - e suas identidades - (Anderson 2000) com a formulação de dispositivos de domínio, controle e recrutamento de sujeitos em uma “sociedade organizada” em torno a fins, valores e objetivos do poder e da autoridade (Weber 1969). E se o futebol surgiu nas sociedades do século XIX, com os ingleses e seu *empire*, ele teve a marca do mercado mundial e sua gênese coincide no tempo com “a época de ascensão das burguesias no ocidente, tempo em que se verificou um *invention of tradition*” em que as instituições futebolísticas tomaram forma como “emblemas” significantes de conflitos ideológicos no interior das sociedades industriais (Clausen 2006: 588). Nesse sentido, era precisamente o fato - que o antropólogo dos “dramas sociais”, Victor Turner, salientava - de que, nas “sociedades complexas”, os fenômenos das artes, dos esportes, etc., devido ao processo histórico de imposição de uma visão de mundo e lógica capitalista, terem se transformado, também, “em uma espécie de produto de consumo, envolvidos pela sedução persistente da indústria cultural” (Silva 2005: 40).

Porem, tal como Arendt demonstrou em *A condição humana* (2002), a sociedade civil não é um espaço inerte e “sem política”. É o resultado da oposição na teoria política burguesa entre sociedade civil *versus* Estado, mundo privado *versus* mundo público; é um termo de separação que coloca o espaço político como exclusivo campo da representação e sendo construído como um dado “evidente” para todo o pensamento político e econômico do século XVIII em diante (Locke, Kant, Smith, etc). Para Arendt, *o político* tem sido expulso da sociedade como resultado de uma visão da cultura – inclusive acadêmica- que interpreta a esfera do social como lugar subordinado a uma *História* entendida como um curso já traçado, um caminho irrefreável e progressivo de uma racionalidade conservadora e normativa da vida cotidiana em direção à vida moderna, em que o futebol inscreve suas mensagens e sua produtividade cultural.

---

<sup>63</sup> No discurso, buscar consenso é “com-sensuar”, portanto, produzir sentido “com” alguém, com uma alteridade. A partícula “com”, oposta a “di” (“di-vergência”, “di-senso”) remete a uma condição que é “pré-condição” da produção de sentido. Ou seja: “com” e “senso” pertencem a prioridades distintas. Primeiro estaria “com” e depois “senso”. Para produzir sentido, primeiro há que estar “com”. O sociólogo da comunicação, Eliseo Verón (1969, 1999) tem trabalhado, em numerosas obras, como as especificidades políticas com a relação entre significantes e significados têm sido construídos na história recente argentina.

## 1.2. Esporte e futebol numa economia-política das emoções

Na sua função geral de “jogo” como experiência de “natureza extraordinária”, tal como foi pensado inicialmente por Huizinga (1996: 16), o campo dos “esportes de competição”, dentre os quais surge o futebol, desenvolveu-se com êxito, rapidamente, no início de século XX. Quase 150 anos depois da formalização do esporte, nas Olimpíadas, e já entrado o século XXI, vemos como a magnificência da penetração mediática, tanto na prática cotidiana como no evento espetacular esportivo, tem conquistado um estatuto artístico que nos promete chegar aos prazeres de experimentar as “epifanias das formas”, como é defendido esteticamente por Ulrich Gumbrecht<sup>64</sup> (2006).

Todavia, os esportes têm sido, especialmente durante os últimos anos, tema frequente de pesquisa e reflexão por parte de diferentes áreas de conhecimento das ciências humanas. Colocado como objeto de análise o movimento que vai das “elites” para as a “massas” - e vice-versa -, sua institucionalização definitiva na profissionalização e espetacularização local e global tem sido vista como capítulo complementar na interpretação da história política, social e econômica ocidental do século XX, focando o papel do esporte na constituição das sociedades industriais ocidentais. (Defrance 2000: 22). A sociologia, a antropologia, a história e a psicologia, entre outras disciplinas, têm se ocupado dos fenômenos esportivos, alternando-se nos ritmos de uma tensão entre a crítica social e cultural do esporte (presente em diversos âmbitos da vida social), a interpretação da trama de significados envolvidos na sua *mise en scene* como espetáculo e evento de massas - como sistema discursivo e de pertencimento- , e a ênfase instrumental no seu caráter integrador e socializador associado fundamentalmente com as políticas integradoras de Estado.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> Porta voz de uma visão neutral do esporte, que subestima interesses de qualquer tipo, Gumbrecht representa essa forma de elogio radical das performances esportivas como essências impolutas, características da sua integração com a retórica do progresso; seu desenvolvimento é visto como um gênero aristotélico de “fascínio anti-metafísico” dificilmente igualável por outras formas estéticas (Gumbrecht 2006: 18).

<sup>65</sup> Por que a interpretação dos significados que envolvem as práticas esportivas passou por reviravoltas de perspectivas e argumentações vertiginosas durante o último meio século? Será que resultaram de uma maior autonomia analítica dos esportes concretos com relação às esferas que tradicionalmente dominavam o foco dos estudos em ciências humanas? Por que o esporte passou, de servir exclusivamente de fundamento explicativo do conceito de interesse econômico e político, para o das identificações culturais, regionais e nacionais e consequentes justaposições? Será esta passagem uma consequência teórica do retrocesso da função alienante com que era abordado como fonte de autenticidade e expressão? Por que passou de uma avaliação moral negativa para uma positiva? Por que se observa um crescente interesse em congressos, seminários e espaços acadêmicos, de dar um estímulo recíproco entre políticas de estado, empresas vinculadas com o esporte e objetos de conhecimento?

Durante os últimos 30 anos, surge assim uma ampla bibliografia em ciências humanas que tem trabalhado a partir do “enraizamento” das práticas esportivas nos processos de construção das sociedades, dos estados e das identidades territoriais, étnicas, de classe e de status, e nas formas retóricas que ele permite experimentar em torno à construção ocidental da relação entre olhar e ser visto<sup>66</sup>. As ciências humanas vêm mostrando que os esportes de competição estão fortemente inscritos em uma pedagogia sócio-cultural complexa, tanto na formação dos sujeitos que o observam e experimentam mediaticamente como daqueles que o praticam amadora e profissionalmente. Estas pedagogias são raciais, de gênero, de classe, e são produzidas a partir da incorporação de identificações culturais etnôgenicas de diversos tipos, em diversos tempos e lugares. Neste contexto, o futebol, por exemplo, inscreveu uma visão específica destas coordenadas culturais em uma relação específica dos corpos com os contatos e limites do outro. Eric Dunning (1999) mostrou como, nas escolas públicas de Inglaterra, o futebol começou a ser utilizado como resposta a sérios problemas de violência entre pares e inclusive rebeliões contra os professores. Já em 1862, a *Internacional Board* codificou as regras do jogo e, junto com a internacionalização econômica, social e cultural, o futebol passou a se popularizar como prática na Alemanha, França, Holanda, entre outros países.

Curiosamente, a história do esporte e dos jogos pedagógicos, destinados, na sua origem, a moldar o corpo e o caráter das elites, mostra que eles transformam-se numa prática e num espetáculo de escala universal. Ao longo da sua institucionalização, no século XX, o futebol compartilhará, com outros jogos físicos socialmente valorados, um caráter fortemente disciplinatório, cuja potência “maquinica” se estenderá tanto aos níveis da expectativa como à ação, criando modelos de especialização, condutas e laços sociais. Seu acolhimento, como prática de uma enorme porção da população e como fonte de referência espetacular, capaz de produzir-se em um sistema de ressonâncias discursivas universais, faz com que tenha, hoje, uma grande relevância para as ciências humanas.

A rápida organização de sua prática em relação a idolatrias e megaeventos formalizados em torno ao universo esportivo tal como assistimos hoje, no mundo global, deverá ser rastreada no século XIX como capítulo duma cuidadosa construção cultural das sociedades urbanas ocidentais que têm se edificado -não sem sobressaltos e um que outro

---

<sup>66</sup> E vale a pena lembrar que, desde a antiguidade clássica até nossos dias, o conceito de retórica é composto por três pilares fundamentais: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. De alguma forma, a história das civilizações ocidentais pode ser lida a partir do peso que cada povo, sociedade e ordem cultural atribuem a cada um destes elementos no universo do público.

holocausto- a partir de coordenadas de uma relação especial entre expectativa, ação e expressão. Porém, como recupera Maguire (2005) de um documento oficial da ONU, esta ligação se vê atrelada também a uma visão globalizadora dos processos locais desde suas origens:

Los ideales del Olimpismo son también los de las Naciones Unidas: tolerancia, igualdad, juego limpio y, por sobre todo, paz. Juntos, el Olimpismo y las Naciones Unidas pueden convertirse en un equipo ganador. Pero la competencia no se ganará tan fácilmente. La guerra, la intolerancia y las privaciones continuarán acechando al mundo. Debemos luchar. Así como los atletas luchan por batir los récords mundiales, así debemos luchar por la paz en el mundo... El interés por el deporte como forma de promover la cultura de la paz está en aumento.<sup>67</sup>

Tal como, com grande habilidade, o Baron de Coubertin imaginou esta possível relação, lá por 1886, na primeira olimpíada moderna, ela adquiriu significados universalistas, constituindo-se em regras de moral, ética e de comportamento, montadas sobre um evento secular, referindo-se, claramente, às expectativas de uma estética civilizatória então inaugurada (Garcia 2002). O “esportivismo” tem estado ligado às idéias cosmopolitas da sociedade burguesa desde suas origens de formulação institucionalizada. Acaso as Olimpíadas não expressam também um ecumenismo como instância que recupera para o mercado e o consumo o conceito de cidade-estado clássica? O objeto abstrato chamado “esporte” - e aquele especificamente ligado ao futebol - tem colocado, claramente, a enorme importância do tipo de registro simbólico com que esta atividade inscreve-se no dia-a-dia em termos de produtividade sócio-cultural em nossas sociedades. Para discutir estas questões, vale a pena recuperar duas linhas de reflexão fundamentais: por um lado, *O processo civilizador* (1987) de Norbert Elias, e sua continuação em *O esporte, o ócio e o processo civilizador*, escrito junto com Eric Dunning; por outro, mais recentemente, *Le football, la bagatelle le plus grande du monde* e *Le match de football*, de Christian Bromberger.

Com base na argumentação sociológica sobre os vínculos de determinação entre práticas esportivas de competição e o processo de construção da subjetividade ocidental, Norbert Elias instalou o foco de análise sobre uma dimensão filosófica de fundo que dá sentido e significado a uma economia política das emoções, gerida através do esporte, nas sociedades industriais. Esta linha de reflexão assume como própria a importância da micropolítica de práticas de endereçamento de mensagens da ordem e da racionalidade em que o esporte trabalha em vários níveis. Para este autor, as

---

<sup>67</sup> “Comunicado de Imprensa das Nações Unidas SG/SM/7523”, 31 de agosto de 2000, p.1.



transformações sofridas pelos jogos esportivos, a partir de meados do século XIX, se relacionam com mudanças culturais de *long durée* que são centrais no processo civilizatório: o futebol, entre outros, expressaria a definitiva monopolização da violência por parte do Estado e a ruptura do esporte com uma competição fundamentalmente física e violenta. A busca pela realização de um “corpo nobre” e de “excitação mimética controlada” é vista como a confirmação de uma ruptura - claramente sublinhada pela cultura ocidental - com o passado em relação ao futuro de uma nova “anatomia figurativa” (Elias & Dunning, 1992). Desenvolver perspicácia e habilidades para os negócios entre as elites, reproduzir a força de trabalho e aumentar a produtividade para as classes populares (Guttman 2004). Como síntese de uma “mente social” apresentava-se com a qualidade de transformar-se em metonímia narrativa de um mundo social novo, onde a “consciência mecânica do corpo foi essencial não só para o seu desenvolvimento, mas de um pensamento de tipo esportivo, de uma sociedade *esportivizada*” (Vaz 2001: 94).

Sabemos também que, no que diz respeito ao universo do futebol, durante muito tempo, dominaram modelos menos flexíveis de crítica social e política dentro das ciências humanas, particularmente na sociologia, que se mostrava tentada pela dimensão espetacular do futebol e tendeu a reduzir os significados do esporte ao papel de aparelho de dominação ideológica das massas. Com certeza, e apesar das críticas sobre uma “narrativa da história” sociologicamente “figuracionista”, a perspectiva de Norbert Elias vai além dessa mistura entre funcionalismo e “freudo-marxismo” que dominou uma boa parte do olhar intelectual sobre os esportes durante décadas. O problema surgia quando estes eram entendidos unicamente nos termos de uma “necessidade” do capitalismo de produzir uma “coesão imaginária” em conexão com uma sublimação da guerra e do conflito “real” entre classes neste sistema. É o caso, por exemplo, das obras de Risse Heinz (*Soziologie des sports*, de 1921) e Bero Rigauer (*Sport und arbeit*, de 1969), admiravelmente ligadas entre si, apesar de estarem separadas por quase cinquenta anos. A idéia subjacente de “manipulação” das massas através do esporte era vista – inconscientemente - como resultado lógico e objetivo de um “desvio da história e da consciência de si”. A tendência respondia à interpretação da indústria cultural como um todo uniforme. Não casualmente, a maioria desses primeiros estudos teve supervisão de Adorno (Dunning 2003: 131-133). A favor desta perspectiva, há uma economia-política em que se vê construído o esporte moderno: aspectos como a saúde, a recreação, a superação e a competição serão valorados socialmente na medida em que contribuem para o aperfeiçoamento pessoal do indivíduo e o desenvolvimento da cidadania, fazendo com que o esporte se torne um dos elementos da qualidade de vida burguesa e possibilite o gerenciamento do conceito de ócio

na sociedade contemporânea. Em definitivo, conecta-se com o que Michel Foucault (1995, 2003) dirá em diversos estudos referentes às formas do poder simbólico nas instituições modernas, nas normas da sexualidade, da loucura, da normalidade, etc.

Em um estudo recente, o antropólogo Fernando Bitencourt (2009) descreve as formas da ordem e das hierarquias simbólicas imbricadas na dinâmica dos modernos Centros de Treinamento (CT). Ele pensa neles como instrumento do dispositivo *cyborg* que opera sobre a formação dos corpos dos jovens jogadores nos clubes de elite do Brasil. Coloca-se assim no centro do debate em uma importante reflexão desenvolvida sobre a “técnica” e a economia-política do capitalismo que vem desde a Escola de Frankfurt em diante. Tomemos apenas um simples elemento da descrição desta pesquisa sobre os modelos de nutrição dentro desses espaços de disciplinamento - *instituições totais*, chega a insinuar o autor - e compreendamos a intensificação do processo civilizatório de Elias, radicalizado pelas exigências de produção mercantil no sistema futebolístico atual. Conta o autor desta etnografia que, com a justificativa de produzir a maior produtividade e eficácia física destes jovens atletas em formação, os profissionais dos CT que estudou, criaram um programa de alimentação restrito, cujo paradigma tecno-científico baseia-se em individualizar o “gasto” energético exato de cada futebolista segundo a sua função preestabelecida dentro do campo como jogadores – “quantidade e tipo de esforço e composição químico-nutricional do alimento” (Bitencourt 2009: 268). Desse modo, o atleta deve consumir os alimentos estritamente necessários, para render ao máximo sem “sofrer” com eventuais desajustes produzidos por “excessos alimentícios”. Bitencourt relaciona este fato de controle do corpo através da decomposição em nutrientes dos alimentos em sintonia com a teoria do dinheiro de Simmel (1977).

Esta racionalização ergonômica da produtividade e da “disciplina” entra em consonância (ressonância) com uma construção taylorista da divisão do trabalho e com um dispositivo cultural que, atuando sobre o corpo do atleta, lembra - e muito - o conceito de salário em Marx. Ou seja, aquilo que, junto com a moradia, é a principal retribuição que têm esses jovens jogadores por seu sacrifício, serem alimentados, é, na verdade, por meio da tecnologia a serviço da nutrição, o justo e o necessário para a “reprodução da força de trabalho”. Em princípio, não há nada, com exceção de uma promessa de futuro. Seguindo o raciocínio de Marx, o que está em jogo nesta “reprodução” não é unicamente o aumento máximo da *plusvalia*, senão a diminuição ao mínimo de energias que possam ser orientadas para outras atividades, vinculadas, por exemplo, com os prazeres, os afetos, as emoções, a política.

Trata-se simplesmente de um processo econômico de acumulação e repetição em que as pessoas são a mercadoria?

Não, trata-se de um horizonte em que a “rede de significados” (Geertz 1989) incentiva novos campos de conhecimento sobre os papéis dos atores sociais concretos no gerenciamento de uma nova indústria cultural global que armazena sua potência em um corpo estético, uma matéria reproduzível e maleável para as culturas contemporâneas.

Em geral, os esportes contemporâneos, entendidos no sentido de competição entre sujeitos abstratos, processo de organização política, econômica e evento espetacularizado, têm aberto os campos de estudo para distintos aspectos do universo social nas chamadas “sociedades complexas”<sup>68</sup>. No campo macrossociológico e antropológico, numerosos estudos de caso concretos têm dado conta das formas como as políticas esportivas operam dentro das estratégias de regulação, em momentos de crise social, como elas têm crescido nos processos de acumulação de capital servindo-se da indústria esportiva<sup>69</sup> e, inclusive, da forma como elas fazem parte de uma estratégia de dar visibilidade cotidiana aos discursos políticos de justiça distributiva (Harvey 1991). Também merecem destaque os estudos sobre o papel dos estilos futebolísticos representados por estereótipos de jogadores no gerenciamento das identidades nacionais em conflito histórico como, por exemplo, a velha disputa entre Inglaterra e Escócia (Holt 1991), criando um “observador” pendente de identificações culturais em concordância com a competição e com o evento estético nela envolvido. Junto com a crítica cultural destas instituições esportivas e das operações de controle e disciplinamento sobre os corpos e as pulsões (Baillette 1991; Ferrasse, 1991; Bitencourt 2009), as pedagogias das regras – do arbitrário (Pérlé 1991; Coulon 1991), a tendência é mostrar uma abertura às dimensões relacionais dos modelos de análise com embasamento empírico desta atividade.

Especificamente em relação ao sistema futebolístico, de acordo com Christian Bromberger, o que foi muitas vezes negligenciado é, fundamentalmente, a dimensão polifônica, pública, plural e participativa em que o esporte inscrevia sua produtividade cultural na vida cotidiana, tanto na sua dimensão espetacular quanto na elaboração coletiva de identificações culturais no “fato social” esportivo:

---

<sup>68</sup> Autores como George Simmel, Louis Dumont, Norbert Elias, Marshall Sahlins, entre outros, são precursores dentro da discussão antropológica sobre o lugar do indivíduo, o individualismo e o sistema cultural em um mundo contemporâneo globalizado. Neste sentido, o debate em torno a esta noção coloca em cena novas questões metodológicas para o pesquisador, que remetem por sua vez a uma discussão sobre as temáticas da identidade e a constituição de novas sensibilidades sociais.

<sup>69</sup> A prestigiosa revista *Fortune* informou em 2005 que o impacto mediático de Michael Jordan foi de 10 milhões de dólares, durante 15 anos de carreira e que aumentou substantivamente o poderio da indústria desportiva dentro da economia global do país (apud. Molina 2007).

Creuset exceptionnelle d'identification, occasion unique de théâtralisation d'une société, le match de football offre, par les trames dramatiques, ses caractéristiques agonistiques, son dispositif instrumentale, un champ privilégié à l'affirmation d'un certain nombre de valeurs (Bromberger 1995: 263)

Não quer dizer que as relações de poder não influenciem a dinâmica do esporte, mas que estes elementos, presentes na ordem das práticas concretas, constituem justamente o solo cultural complexo onde crescem as significações e tramas coletivas. O futebol não é portador de valores “por essência”, portanto, é inútil, até certo ponto, organizar o debate em torno dele dividindo as posturas em “pro” (Gumbrecht 2006, Durry 1992) e “contra” (Vassort 2007, Brhom 2006); será mais prolífico compreender de forma empírica os valores que são atribuídos ao futebol e como eles se encaixam no sistema futebolístico. Como mostrará Bromberger (1995), não existe uma realidade em si além dos atores sociais que protagonizam e interpretam esses valores em jogo.

Enquanto Bromberger defende a existência - entre ambos os conceitos - das possibilidades etnográficas que exprimem a polifonia reflexiva e subversiva da vida cotidiana, envolvendo um esporte espetacularizado como o futebol tal qual um receptáculo da narrativa individual e coletiva, Elias nos auxilia a compreender a institucionalização como marco civilizatório mediante o qual se constroem, não unicamente estruturas de significados socialmente reconhecidos e aceitos, mas também estruturas de gerenciamento de poder e de aplicação experiencial de normas políticas e culturais dominantes ou em vias de se transformar em tais. Alguns esportes - o *rugby*, o *box*, o *football* - são justamente espaços criados para uma expressão ritualizada e socialmente aceita de um tipo de violência física controlada. Existe uma espécie de deslocamento do prazer experimentado na violência real para o prazer na observação dela. Estes são os fatos - assegura Elias - que indicam a força civilizadora do fenômeno esportivo e que o colocam no centro de um debate sobre a passagem das comunidades pré-modernas para as modernas.

Uma reflexão sobre as modalidades expressivas permite transitar produtivamente por diversos aspectos da vida coletiva de nossas sociedades. Suas práticas se colocam sobre a construção objetiva de um novo direito universal, baseado na circulação de capitais simbólicos e materiais, que é influenciado fortemente pela ideologia de uma racionalidade intrínseca do “livre mercado” global, mas por sua vez atravessado pela *mass-mídia*, as reivindicações dos movimentos sociais e os grandes eventos mundiais (Marchak 1991: 23-24). Basta observar como o tênis e o futebol têm conseguido se instalar nos grandes modelos da globalização mediática

universal; o primeiro, centrado no esforço e nas qualidades dos indivíduos; o segundo, nos coletivos, na forma em que os sujeitos neles se encaixam e os midificam. Basta observar a forma como a política exterior é dirimida, anos após ano, em grandes eventos esportivos globais, ou a forma como estes eventos se transformam em acontecimentos que aparecem como matéria de interpretação sobre os processos de integração-diferenciação cultural da Europa unificada, traçando linhas de continuidade-descontinuidade entre passado, presente e futuro de uma “civilização” a ser construída e ao mesmo tempo recuperada (Neves 2004).

Em síntese, a expansão vertiginosa da prática esportiva, em especial o futebol, tem mostrado ser uma expressão emotiva tanto das tensões etnogênicas locais como da produção dicotômica entre nação/globalização. Afirma Ehrenberg: “o espetáculo esportivo de que falamos não é uma realidade empírica, mas um meio para fazer aparecer relações significativas entre formas globais da igualdade e as imagens do popular” (1991: 55). E se há uma ‘performance cultural’ em que o futebol inscreve sua produtividade cultural em termos das relações de poder, ela está associada com a potência expressiva e comunicativa singular em que história e acontecimento se conectam nas sociedades concretas, e claro, nas consequentes valorações em torno das hierarquias e distâncias materiais e simbólicas entre aqueles que se consideram seus membros. A institucionalização do esporte remete à noção de hegemonia gramsciana antes mencionada, uma vez que ele trata de idéias “normativas” duradouras, sistematizadas, internalizadas e “empacotadas” que atravessam as fronteiras de classe e status (Green 1993: 198).

Mas, para Gramsci, a ideologia hegemônica não é a expressão de uma consciência de classe dominante entre os dominados, senão formas de mediação simbólicas e práticas de uma filosofia da classe dominante que se constrói na práxis histórica dos sujeitos. O conjunto de relações implicadas neste processo deve ser compreendido como uma dialética dupla: a combinação entre a dialética das relações sociais objetivas e subjetivas, e a dialética das relações “reais” e as ideológico-institucionais. Nesta dialética, o futebol tornou-se, junto com os esportes de massas, uma metáfora performatizada das vitórias que dominam a história e dos derrotados que as sofrem; Assim, “a narratividade esportiva, sua mitologia, se situam entre o *destino* e a *história*” (Ehrenberg 1991: 40) em que os sujeitos -dirigentes e dirigidos - experimentam seus símbolos como parte do conceito de sociedade civil separado da política.

Clifford Geertz traz, em *O Negara* (1991), algumas ferramentas analíticas válidas para aprofundar esta reflexão. Nesta gigantesca etnografia histórica, Geertz se adentra no que ele chama o “estado-teatro” de Bali do século XIX e auxilia numa interpretação menos dissociante do fenômeno

espetacular em que os grupos dirigentes estão inseridos. Geertz mostra a relação empírica entre poder, ritual e política, elaborando uma perspectiva singular sobre o estatuto da categoria clássica de “representação” no Ocidente. Nesse estudo, a existência concreta de uma forma original, em que uma sociedade em particular, pensou e atuou a articulação das instâncias de poder e autoridade e como os fundamentos políticos do sistema cultural estavam presentes como significados cognitivos em uma cerimônia ritual. Ali, a política, no sentido clássico, ou seja, aquela entendida pelos dispositivos de racionalidade e dissolução de conflitos, que se nutre do espetáculo da representação do poder, aparece como um campo de produção da realidade em si mesmo, de uma “*mise en representation* que determina o horizonte de significação onde se inscrevem as relações de força de uma sociedade dada” (Abelès, 1997: 270). A rigidez e a imobilidade cerimonial descritas por Geertz têm semelhança com a ‘imagem-metáfora’ do “Deus” que Carl Schmitt (1981) reclamava para pensar o “abismo fundador” do *conceito do político* contra a teleologia dos partidos políticos, característica das sociedades democráticas ocidentais.<sup>70</sup> Para este autor, os antagonismo eram, precisamente, a emergência do conceito de “autonomia política” como elemento contido no destino e ao mesmo tempo como fonte de uma emanção da “energia política” nascida da alteridade absoluta, da distância e da diferença, e “da sua ameaça de conflito constante” (Schmitt 1992: 64).

O movimento de *ocultamento-apresentação* das esferas, característico da política ocidental moderna que Claude Lefort (1990) descobriu na dinâmica simbólica da democracia moderna, acontecia em Bali através do ritual de Estado, de uma maneira até certo ponto transparente e explícita. Nesse ritual se experimentava, explicitava e encontrava seu estatuto fundacional em uma relação entre *pompa, estado e governo*, fazendo “do espetacular” um *dispositivo político-filosófico* complexo que se estendia para a sociedade balinesa como um todo. Em contrapartida, nas sociedades democráticas ocidentais, a separação instituída entre as dimensões do saber, da lei e da política tem como objetivo institucionalizar o conflito e “drenar opiniões em toda a extensão do social”, fazendo com que o poder se apresente fora e por cima da sociedade civil ao mesmo tempo em que se o “presume engendrado por ela”, é retirado dela (Lefort 1990: 190).

No futebol, o poder também se coloca a serviço do espetáculo, mas o faz ao mesmo tempo em que “esconde” a natureza política desse processo. Um

---

<sup>70</sup> Sua práxis dramática era a tentativa de dismantelar e ameaçar a tendência estática do poder estruturada pelo sistema de descendência. Como observava Marx, ao analisar *in extremis* o despotismo asiático, a “não coincidência” entre dominação de classe e instância da representação política é condição central para compreender os fundamentos do poder em uma sociedade de classes (Godelier 1975).

campo propício, então, para recuperar a idéia, presente na antropologia contemporânea, de que os dispositivos rituais são produtores privilegiados da realidade. Deslocam-se para a “arte”, o “esporte”, o “futebol”, os modelos de auto-apresentação da política?<sup>71</sup>. Não sei, mas a “valoração” do poder instituído nas “dirigências” dos clubes se coloca a serviço do espetáculo futebolístico, mas ao mesmo tempo “esconde” a natureza política – de luta e conflito - desse processo enquanto relação social, uma e outra vez, sob os valores da ética, da vocação, etc. E as “membranas” culturais que recobrem estes termos numa formulação historicamente dada da organização social e cultural da sociedade civil, se apresentam certamente com originalidade. Em definitivo, os clubes de futebol são as dobras que se estendem por essa membrana, algumas vezes obturando e outras vezes deixando passar as substâncias e os significantes da política – a luta, o conflito, a diferenciação, etc.

Não será, claro, um patrimônio do campo futebolístico a presença de mecanismos e discursos de reprodução das relações separatistas e hierárquicas entre o universo dos simples e o dos complexos, dos dominantes e dos dominados, dos dirigentes e dos dirigidos, etc. São menos ainda um patrimônio do universo do futebol os dispositivos que justificam, legitimam e de cuja base são elaboradas as representações sobre motivos que estimulam as pessoas a desejar o poder e apresentá-lo como espetáculo, seja este político, religioso ou clubístico, nem as justificativas essencialistas sobre sua condição de origem. Quero dizer com isto que os dirigentes (ou um grupo deles) não são “uma elite” *per se*, já que os valores morais que possuem são secundários

---

<sup>71</sup> Se tomamos este assunto como objeto de reflexão, os recitais musicais protagonizados pelas grandes estrelas de rock (Madonna, Bono, Sting, entre outros) realizados em várias cidades europeias em 2005, acompanhando a realização de cúpula do G8, na Escócia, e organizados sob o slogan de solicitar o “perdão” da dívida externa dos países mais pobres do planeta, revela este mesmo deslocamento. Apresentado pela mídia com tom de uma “exigência” (poucos dias depois os “líderes musicais” foram atendidos na reunião), há correspondência entre uma necessidade performática surgida do interior da “sociedade do espetáculo” capitalista atual que se coloca sobre um “real”, o movimento social de transformação e resistência, atrás de cujo discurso o primeiro se oculta. Trata-se de um deslocamento do significante político de “mão dupla” equivalente ao episódio, analisado por Rafael Menezes Bastos (1996) sobre o encontro entre o cantor inglês Sting e o líder índio Raoni na década dos ‘90. Neste episódio, o primeiro dos “pólos”, o pertencente à mencionada sociedade do espetáculo (Sting), alimentará seu discurso ambientalista, interiorizando os sentidos estéticos e políticos da musicalidade do outro (Raoni). Aqui, os protagonistas dos recitais “anti-dívida” alimentam sua arte do conteúdo político emanado da percepção de uma demanda social antiglobalização, se bem que os líderes do G8 reafirmam-se, no imaginário ocidental, como um veículo de demandas sociais. Transformam, assim, o “perdão”, em uma questão de caráter civilizatório, ao mesmo tempo em que ocultam sua origem pragmática baseados na necessidade de dar estabilidade social e política aos negócios que têm nesses países bem como nos próprios. O que podemos pensar é que a “eficácia” mostrada por estes mass-artistas tem, hipoteticamente, suas raízes num movimento simultâneo de despolitização-politização do conceito de espetáculo e da representação (reificado na esfera da arte mas transformado, ao mesmo tempo, em “força social” de uma elite, em depositário do poder) .

em relação àqueles que geram objetivamente. Os dirigentes no futebol são uma “exceção”, uma variedade raramente lúdica de inspecionar e experimentar, nas estratégias que estão presentes na práxis cultural de uma sociedade em torno a este conceito, e cujo lugar simbólico de referência é a sociedade civil como trama de urbanidade e sociabilidade construtora de relações de poder. A presunção da existência de uma política a serviço do espetáculo, tal como nos propõe o estudo de Geertz, ancora-nos em um campo emocional e no sentido cultural aos quais as práticas dirigenciais se endereçam.<sup>72</sup>

Em definitivo, a apresentação social da agência dirigencial - como *want* institucional (Hughes 1984) - e as relações de poder instituídas nas instâncias políticas da sociedade civil implícitas neste desejo de pertencimento, exprimem o que Gramsci trazia, acertadamente, à tona sobre a relevância das instituições seculares na inscrição cultural das relações de dominação e práticas políticas socialmente significativas fora da sociedade política. A ordem das pequenas histórias locais e dos acontecimentos concretos é uma cristalizadora de situações de superioridade e potenciação de velhas e novas “elitidades” presentes na organização política das emoções e m jogo no futebol.<sup>73</sup>

### **1.3. Os *leitmotiv* das identificações de base do futebol argentino**

A primeira “liga” de futebol na Argentina, a *Argentine Football Association*, foi criada em 1893, por iniciativa do professor escocês do *English High School*, Alejandro Watson Hutton. Este personagem tinha como antecedente ter criado, em 1884, o legendário - e posteriormente desaparecido - Clube Alumni, identificado com o modelo de competência amador e cavalheiresco do futebol que dominava na época, entre os setores aristocráticos europeus. Nesse contexto inicial, durante os primeiros anos de vida, os clubes emergiram, entre os jovens, como práticas fundamentalmente associativas, lúdicas e integradoras, associadas às identidades urbanas dos

---

<sup>72</sup> Na ideia de que a política clubística guarda pontos de conexão com a teleologia do poder balinesa é possível dizer que uma etnografia sobre as práticas e sobre os discursos ancorados nas trajetórias dos dirigentes de futebol pode cobrir, por exemplo, certos “buracos” na análise da economia política capitalista, como as motivações sociais das representações dadas aos papéis destes sujeitos associados com instituições especializadas da sociedade civil. Concordo com Louis Althusser, que afirma que estas instituições precisam desta diferenciação; no entanto, uma parte dela responde a demandas de socialização próprias de aparelhos ideológicos, e estes sujeitos “representam, sobretudo, sua relação com as condições de existência” (Althusser 1968: 125).

<sup>73</sup> Remete ao movimento que Michel Maffesoli (2005) descreveu como a “transfiguração da política” na modernidade e do mundo global.



bairros de Buenos Aires (Frydenberg, 1998, 2009). Os clubes e associações de futebol foram tomando seus respectivos lugares em uma estrutura referencial claramente constituinte das identificações em disputa sobre o conceito de “argentinidade” (Alabarces 2002: 35-52), como também formularam coordenadas para estruturação simbólica dos imaginários locais (Gil 2002: 23-39); tal como, um século depois, era exprimido por **Sr.Fuentes** no depoimento destacado na parte introdutória desta tese.

Integrando-se à articulação entre modelos políticos e esporte ao longo do século XX, nos começos da história do futebol argentino, e apesar de perceber-se uma relação de origem entre o mundo da empresa e o futebol - a empresa ferroviária, mas também com o aparelho de Estado -, a prática deste esporte será um espaço primariamente reservado à realização pragmática de valores “não mercantis” que “tentavam” entrar na construção de uma “tradição nacional” e da “pátria” que interessava aos grupos de elite. Quanto ao papel dos clubes, Julio Frydenberg (2009), com originalidade e historiografia, interpreta os sentidos culturais e semânticos desta tensão partindo da adoção dos nomes dos clubes populares<sup>74</sup> até 1930 (dos ingleses, passando pelo universo imigrante e dos bairros, até os próceres).

Si el vínculo identitario no quedó asociado a las colectividades nacionales, si primó el sentimiento y la razón de la defensa del pequeño espacio local, vecinal, de cuadra o de esquina. Sumado a éste aparecerá desde 1910 un recurrente apego a la simbología patria emblematizada en los próceres nacionales. Es decir, este desacople temporal entre la fundación de la tradición patria defines del siglo XIX y comienzos del XX y su plena adopción talvez nos remita al pasaje de la formación del discurso patrio y a su recepción, en ese caso vehiculizada en el fútbol (p.11).

A “tradição” não é um segmento histórico inerte<sup>75</sup>. Tanto Archetti (2005) como Gil (2002) advertem que o modelo de competição que formulava a

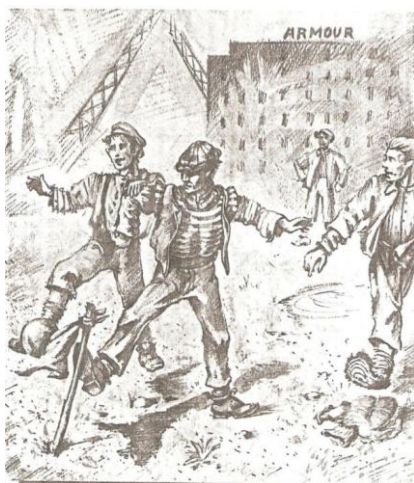
---

<sup>74</sup> Refiro-me aqui, uma única vez, aos clubes com o adjetivo de “populares” (com o objetivo de distingui-los daqueles “exclusivos”), onde era permitida a entrada de todas pessoas.

<sup>75</sup> Basta lembrar que Raymond Williams explicou - com Antonio Gramsci zombando nos arredor es – que a tradição é sempre uma tradição determinada por algo, “uma versão intencionalmente seletiva de um passado configurativo e de um presente pré-configurado, que resulta poderosamente operativo dentro do processo de definição e identificação cultural e social.” (Williams 2000:56). Se muitas nações de América Latina têm-se visto identificadas no futebol como “cultura”, esse “artefato histórico bem fundado” - dirá Pierre Bourdieu, parafraseando Durkheim -, isto se deve ao fato de que este evento ofereceu também um princípio de demarcação útil à razão prática: isto sim e isto não; uma convenção, um modo de organização social cujas costuras se põem ao contrário e desaparecem, uma linguagem compartilhada e reconhecível por todos os participantes da conversação.

prática do futebol se desenvolveu como linguagem e prática na chamadas “zonas livres” urbanas, lugares de *liminaridade* e hibridação das identidades pré-constituídas, “áreas de criatividade” que, de certa forma, entravam em ressonância singular com o discurso dominante sobre a disciplina, a saúde, e a produtividade como elementos centrais do modelo de progresso e modernidade (Archetti 2005: 340-341). Archetti viu como a particularidade da gênese do futebol na Argentina tinha a ver com uma hibridez característica dos clubes que permitia pensá-los como espaço de invenção cultural singular de fenômenos históricos, sociológicos, e antropológicos.

Esta liminaridade tinha a marca de uma rápida modernização econômica cuja metáfora era a expansão das vias férreas, ao longo das quais, tal como aconteceu entre as ferrovias de Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil (Miller 2007) cresceram velozmente. Até 1915, surgiram “inumeráveis clubes e associações com objetivos esportivos e circuitos de competição” (Lupo 2004: 28). Assim como Toledo refere-se, no futebol brasileiro, aos processos de internalização - “aclimações e interpretações” - de prescrições sociais coletivas que deram estímulo a “experimentações e manejos culturais originais” ancorados numa amplitude étnica em conflito e interação (Toledo 2002: 32), Archetti vê, na Argentina, este mesmo fenômeno etnogênico na interface do futebol com o gênero; na “invenção” de um gênero masculino “híbrido e inacabado”. O estilo “criollo” do jogo, construído como narração das imagens do “pivete”, da “várzea”, do “drible” e do “talento” *versus* o estilo “inglês”, “estrangeiro”, “organizado”, “solidário” e “científico” (Archetti 2003, 2005).



*Grupo de jovens de classe operária praticando futebol com uma imagem da fábrica “Armor” de Berisso nos fundos. No canto inferior esquerdo, a bandeirinha denota os limites das regras da disputa. (Desenho anônimo, “Gimnasia, 100 años”, 1988, página 56).*

Entre 1900 e 1910, ocorreram as insurreições radicais e as grandes greves operárias que “tendiam” a resolver a “anomalia argentina” por meio de

uma guerra civil. O país mostrou reservas institucionais para favorecer um acordo através de reformas políticas que permitiram canalizar a tensão política concentrada na demanda de universalizar a cidadania política. Tal compromisso foi a lei Sáenz Peña, de 1912, que permitiu à União Cívica Radical (UCR) chegar pacificamente ao governo em 1916. Não era suficiente para o vigoroso movimento sindical ideologicamente pluralista de esquerda e a ação dos partidos socialista e comunista. A demanda de cidadania social estará presente, como grande linha de força, durante os anos '20 e '30 do século passado. Durante aquele período, a União Cívica Radical, primeiro partido moderno e democrático no país, foi se constituindo como um partido liberal-populista organizado por um complexo sistema de caciques e “punteros” de comitês assistencialistas e clientelistas. A impressionante entrada, na história política argentina, de Hipólito Yrigoyen<sup>76</sup>, viu-se ofuscada por um estilo partidário que fazia com que este líder nacionalista democrático tivesse uma visão estratégica da democracia política ampla, mas também sucumbisse às suas tendências unipersonalistas e de estímulo a práticas clientelistas. Entre 1916 e 1928, estendeu-se a democracia política, mas ao mesmo tempo, o partido oficial reproduziu práticas partidárias antidemocráticas encobertas por um populismo “simplista”. Por sua vez, também as organizações operárias careceram das ferramentas teóricas para operar em um cenário sócio-político complexo gerado por linhas de força que tendiam ao corporativismo setorial e que oscilavam entre “ser ou não ser” partícipe da modernização e da mobilidade social (Godio, J. 2000). Em síntese, a elite política da UCR era, na sua maioria, composta por advogados pertencentes à classe média alta que estavam em uma ambivalente posição de equilíbrio entre serem fiéis à sociedade agrária, ou serem executores de sua superação e posterior desaparecimento.

Seguindo Eric Hobsbawm, foi a revolução francesa que dominou a história, a linguagem e o simbolismo da política ocidental moderna desde seus começos até os finais da Primeira Guerra Mundial; “incluindo a política das elites do que hoje conhecemos como o Terceiro Mundo, as quais viam as esperanças dos seus povos em vias de modernização, seguindo o exemplo dos estados europeus mais avançados”. (Hobsbawm 1992: 57). Porém, durante o período de entreguerras, vai ter lugar uma mudança significativa neste modelo universalista, no mundo do esporte em nível global, quando se passa de um “esportivismo cosmopolita” para o “nacionalismo esportivo” (Hobsbawm 1991: 10). Esse fenômeno está em conexão direta com a interseção entre práticas das camadas altas e baixas, e nos permite apontar necessidade de evitar a simplificação dos assuntos aqui tratados.

---

<sup>76</sup> Presidente da República por eleições entre 1916 e 1922, e novamente entre 1928 e 1930 quando foi derrotado por um *coup d'état*.

No caso argentino, trata-se de um nacionalismo impulsionado por uma elite dirigente que controlava o Estado no final do século XIX, associado com a criação de um novo paradigma educativo laico e estatal amplo, mas também “especializado” na produção de “camadas intelectuais dirigentes” - os Colégios Nacionais e as Universidades Nacionais- a partir das reformas educativas de 1904 (Puigrós 1993: 73). Estruturada sobre a busca da superação da “barbárie” no final do século XIX, a dimensão da *Dirección de Escuelas da Provincia de Buenos Aires*,<sup>77</sup> no início do século XX, era a estrutura educativa (professores e administração) mais importante do país e da América Latina (*idem* 1993). Era um nacionalismo marcado pela busca do disciplinamento e da integração de um país dinamizado, fundamentalmente, pela chegada, em massa, dos imigrantes.

Todavia, sabemos que a “integração” não significa necessariamente inclusão em sentido positivo. Ao contrário, historicamente, “o advento de um novo nível de integração tem significado a exclusão ou perda relativa de poder de diferentes segmentos sociais” (Lins Ribeiro 1997: 4). No horizonte dos esportes, este nacionalismo dominante exprimirá a tentativa de compatibilizar-se como prática pedagógica com os valores liberais dos setores que dominavam o Estado. Junto com o crescimento de numerosos clubes e instituições esportivas, incipientemente amparados pelas políticas educativas oficiais, o futebol foi sendo incorporado, aos poucos, como parte da pedagogia dos influentes meios de comunicação da época – rádio, jornais e revistas -, controlados pelas elites nacionalistas, mas baseados em uma ênfase nas práticas igualitárias, homogeneizadoras, democráticas e promotoras de “ascensão social” dominante do modelo político integracionista argentino daquele período (Bejar 2005; Rapoport 2006). Isto significava uma vontade manifesta de impor certas crenças comuns, certos relatos sobre as origens, símbolos de identidade e mitos moralizadores aos habitantes de um “território independente” (Devoto 2002). Através da incipiente participação em eventos mundiais crescentemente mediatizados, os esportes, especialmente o futebol, permitiam a constituição de “um espaço de intercâmbio internacional que faz com que o nacional seja contraposto em espaços competitivos”<sup>78</sup> (Archetti 2005: 340).

Do ponto de vista do suporte cultural da elite política, os anos '20, assistiram a transformação de uma aristocracia liberal sofisticada em uma

---

<sup>77</sup> Instituição que centraliza a educação básica na *Provincia de Buenos Aires*. Fundada em 1876, seu primeiro diretor foi Domingo Sarmiento.

<sup>78</sup> Já em 1903, o time do Gimnasia realiza uma série de jogos contra os marinheiros de barcos ingleses atracados no porto de Ensenada. Nesse contexto de competição, incorpora as cores da bandeira argentina na camiseta. Ver *La história de Estudiantes*. La Plata: Ediciones El Día, 2006b. p.22.

oligarquia “rentista”. A sociedade de massas estava em conformação, tendo em vista que a população era um caleidoscópio de nacionalidades estrangeiras no qual começava a interagir uma população “criolla” com uma comunidade vigorosamente “cosmopolita”; carecia ainda de uma clara identidade nacional unificada (no ato do *I° de Mayo de 1890*, os oradores falaram em sete línguas diferentes). Se em 1885, os estrangeiros representavam 37,5% da população economicamente ativa, em 1914, eram do 46,1% (Svampa 2006: 76). Tratava-se de uma nova classe em formação cuja vantagem sobre os setores “telúricos” nativos era contar com experiências sindicais e políticas socialistas da imigração européia, mas que eram frágeis pelo seu estranhamento “nacional” para com a política argentina. Anarquistas, socialistas, comunistas e os sindicalistas “puros” eram tributários “acríticos”, por seus parentescos filiais, com as grandes correntes ideológicas européias (Godio, J. 2000: 221-305).

A assimilação migratória externa e interna “real” de uma “nova” e tumultuosa comunidade nacional “imaginada” (vislumbrada sabiamente por Raúl Scalabrini Ortiz em *El hombre que está solo y espera*) e a formação daquela burguesia nacional, entre outros aspectos, eram formas culturais de um processo etnogênico que se colaram nos interstícios de um integrismo nascente pela pressão da urbanização e da marginalidade periférica, dando início a uma espécie de revolução cultural promovida por intelectuais que se associavam à busca de um povo com “identidade nacional integradora”. Aos temores da burguesia quanto à formação de núcleos de intelectuais nacionalistas-industrialistas somava-se a emergência, dentro da Igreja Católica, de correntes religiosas social-cristãs incipientes mas convergentes com um programa de maior justiça social. O crescente interesse da emergente burguesia industrial pela política convivia com a presença de correntes nacionalistas identificadas com os fascismos da época. Se configurava assim um potencial nacionalista democrático e popular, tributário da “razão histórica” subjacente à anomalia etnogênica. Os vínculos da construção material e simbólica das oposições com as identificações futebolísticas na Argentina tomavam forma.

A rápida expansão da suas diferentes práticas entre vastas camadas sociais, na maioria das nações do planeta, foi acompanhada da criação de um gigantesco espetáculo de massas construído em torno – e sobre - a emergente instituição clubística e suas identificações de classe. Na Argentina, durante esse período, criaram-se aqueles que se converteram nos “cinco grandes” clubes no futebol argentino: *Boca Juniors, River Plate, San Lorenzo, Racing Clube, Independiente*, etc. O futebol se situava rapidamente como instância de produção simbólica de identificações em que se aplicam coordenadas do mencionado “esquema cultural”. Um esquema que, de modo geral, a sociedade burguesa, como aponta Marshall Sahlins, tende a tingir com os simbolismos econômicos toda a ordem cultural:

En el sistema occidental, las relaciones de producción constituyen una clasificación reiterada en el esquema cultural entero, en la medida en que las distinciones de persona, tiempo, espacio y ocasión desarrolladas en la producción se comunican a todo, al parentesco, a la política y al resto, a pesar de las discontinuidades de la cualidad institucional (Sahlins 1997: 210).

Tendo como foco o caso argentino, Archetti (1997, 2003, 2005) subscreveria a importância deste fenômeno - o *simbolismo econômico*, “advertência” de Sahlins sobre a aparente universalidade da conduta econômica racional - que liga as representações inscritas pela economia-política nos sujeitos como parte do processo de formulação do “ser nacional” veiculado no futebol argentino. Mas “tender” não significa “ser”, gostava de lembrar Tarde (2006). Como antropólogo, Archetti compreende a centralidade das “ambigüidades” deste processo no fato dele instaurar uma dissociação inicial entre modelos de produção do corpo e da sociabilidade como razão prática deste último, face às estruturas educativas criadas em finais do século XIX, no emergente Estado argentino (com uma ênfase na ginástica).

Entre 1922 e 1928, a Argentina atravessou anos de bonança econômica, fruto do aprofundamento do seu papel de produtor e exportador de produtos agropecuários. Os setores trabalhadores viveram um período em que o custo de vida baixou, com um pequeno aumento do tempo disponível para o desenvolvimento de atividades recreativas. Desse modo, houve uma maior presença das camadas populares no papel de consumidores de produtos massivos como, por exemplo, os periódicos e os estádios de futebol, esporte já instalado como a maior atração popular nacional. O circuito do time do *Boca Juniors* pela Europa, em 1925, se transformará no primeiro grande acontecimento esportivo da construção nacional de um clube de futebol como “parte” da sua identidade. Ao mesmo tempo, mostrará a importância que o futebol de espetáculo irá adquirindo, como ocorreu na elaboração de uma veiculação, através da imprensa, de sentimentos e coordenadas culturais que interpretavam a sociedade argentina da época. Tal como Benedict Anderson (2000) tem destacado, este primeiro fenômeno que se dá na ordem mediática e em relação à construção nacional de uma comunidade imaginada nacional. Neste sentido, novamente Frydenberg aponta que...

...queda claramente demostrado cómo *Crítica* parte activa en la formación del campo deportivo, y no sólo como mediador: se transforma en actor de primer nivel en la construcción de ese espacio social. Se encarga de mostrar las virtudes y los costados mas corruptos del fútbol y tomó partido activamente. Emite un discurso moralizante que siempre ha acompañado al deporte (...) es decir, no se aparta de las líneas ideológicas básicas

presentes en el deporte moderno desde su creación, asociándolo a la salud, a la ética y a la disciplina. Sin embargo, a diferencia de otros medios, actúa, acciona en la política interna del fútbol, llegando su director, Natalio Botana, a convertirse en presidente de la Liga, en 1926. . . Los límites propuestos por *Crítica* a los males del fútbol se vinculan con la propia lógica del crecimiento del espectáculo de masas: apuntalar y corregir las in conductas del público y de los actores principales (Frydenberg 2003: 94).

O futebol continha a tecnologia necessária do ponto de vista espetacular e do ponto de vista lúdico para transformar-se em cenário das várias identidades que “precisavam” dele para “resolver-se” como fontes e signos de uma formulação cultural nacional. Como vemos, o futebol inscrevia rapidamente sua participação como prática espetacular no interior de uma problemática histórica que remetia a uma duplicidade implícita nos processos locais e globais ao mesmo tempo. Por um lado, tendia à homogeneização de certas condutas dos participantes, permitindo incluí-la como o signo da nação, mas protagonista em um “jogo global”, e por outro, assimilava constantemente os pertencimentos locais em disputa de modo mobilizador e reproduzidor de identificações territoriais menores (Giulanotti & Robertson 2007). No Brasil, o triunfo do Vasco da Gama, no Campeonato do Rio, em 1923, utilizando mulatos e jogadores negros, provocou lutas pelas tentativas de expulsar, literalmente, os jogadores das classes baixas (Leite Lopes 1997: 62-67). Mitos de fundação da integração brasileira, construídos, entre outros, nas páginas do reconhecido jornalista Mário Filho, em finais da década dos 40, são testemunhos da vitalidade com que o futebol de massas permitia manipular estas coordenadas.

Como foi dito, a partir dos anos 20, também na Argentina, o futebol havia assumido sua principal figuração como fenômeno global vinculado à tarefa de elaboração de coordenadas nacionais, explicitando-se como estruturação metafórica de uma sociedade imaginada como “integrada” e fortalecendo o processo etnogênico de conflito a ser resolvido entre “bárbaros”, “civilizados”, “nativos”, “estrangeiros”, etc. A forma singular em que se territorializou o futebol prefigura a retícula de uma teatralização da ordem cultural nacional; trata-se daquilo que Laclau & Mouffe caracterizam como o *antagonismo* fundador e mobilizador dos projetos nacionais baseados na idéia da experiência cotidiana ritualizada de um “nós” elaborado como ameaça de uma “agência agressiva” externa (Laclau & Mouffe 1985: 93).

As “etnicidades” futebolísticas resultarão de um contato intercultural objetivo que por sua vez que regularia as características deste contato mediante a formulação de emblemas “de contraste”. A simbolização seletiva dos

emblemas supõe a reificação de diferenças relativas, dado que “o próprio da lógica do símbolo é transformar em diferenças absolutas, de tudo ou nada, as diferenças infinitesimais” (Bourdieu 1991: 231). A alquímica formulação cultural deste “jogo de espelhos” e sua razoável eficácia simbólica através do futebol é claramente indicada por Alabarces quando afirma:

Frente a una idea de nación anclada en el panteón heroico de las familias patricias y la tradición hispánica, el fútbol reponía una nación representada en sujetos populares e hijos de inmigrantes pobres. Frente a un arquetipo gauchesco construido sobre las clases populares suprimidas por la organización económica agropecuaria, los héroes nacionales que los intelectuales orgánicos del fútbol propusieron eran miembros de las clases populares realmente existentes, urbanizadas, alfabetizadas recientemente, que presionaban a través del primer populismo argentino (el Partido Radical de Yrigoyen) para instalarse en la esfera política y social (Alabarces 2002: 48).

É possível pressentir a intensidade com que as filiações iluministas que caracterizaram os primeiros anos do movimento operário argentino, em finais do século XIX, iriam compartilhar um mesmo espaço de crenças que retomaria a nascente burguesia urbana no século XX. A constante denúncia de arbitrariedades e as tradições dos grupos “caudilhistas” produziram, a partir de uma “visão pedagógica da sociedade futura, um ponto de união entre os grupos subalternos e a elite liberal em ascensão cujo impulso durará várias décadas (Svampa 2006: 80-86). Em sintonia com a idéia de Archetti e entendendo também os clubes como “áreas de criatividade” institucional, observa-se o compromisso que mostrava o futebol com esta construção, que resultará evidente quando observarmos a proximidade concreta que existia entre o papel de dirigentes e jogadores nos clubes com futebol nas primeiras décadas do novo século. Muitos dos dirigentes dos clubes de futebol da elite - que animaram os últimos anos do campeonato amador de futebol na década de '20 - eram ou tinham sido jogadores dos seus respectivos times, compartilhando cotidianamente esta prática com os operários. Ao mesmo tempo, a maioria deles tinha uma formação profissional terciária, eram políticos ou pertenciam à nomenclatura de um *aparelho de estado* em expansão. Nos termos mais genéricos de Elias, tratava-se de “um campo de símbolos emocionais” que colocaria em jogo nas sociedades contemporâneas a velha questão da relação entre indivíduo e sociedade, e as lutas de poder em que estes conceitos inscrevem sua marca civilizatória (Elias 1994: 76). Mostrando assim a proximidade entre o futebol e a institucionalização de regras de autoridade, hierarquias e distintos gêneros no exercício do poder, o futebol era parte de um fluxo entre sociedade política e sociedade civil em desenvolvimento.



Também a futura - e sinuosa - relação entre classes, massas e “futebois” aparece pré-figurada em uma particularidade da história da vida política argentina daquele período. Durante as décadas de 20 e 30, o Partido Comunista direcionou a cúpula da Juventude Comunista, criada em 1921, para favorecer a organização de clubes nos bairros de Buenos Aires. A Federação Deportiva Obrera, fundada em 1924 chegou a agrupar quase setenta clubes. O objetivo era buscar uma inserção de jovens na problemática política através do se agrupamento em torno às práticas esportivas, entre elas, claro, o futebol (Gilbert 2009: 85). Criaram-se, neste contexto, numerosos clubes que anos depois fariam parte da elite do futebol argentino profissional (processo contra qual a organização comunista se opunha drasticamente) fortalecendo um processo em que a prometida classe revolucionária iria “cair” na desprezada multidão.

Os fluxos culturais em que estas “elitidades” serão produzidas no futebol argentino elaboram-se como “eventualidades” extraordinárias ao longo do século XX. Desse modo, a sociedade civil em que os clubes tomaram forma durante aqueles anos pode ser pensada como aquele “fluxo subterrâneo da cultura popular”, tal como Michael Bachtin pensou o vitalismo político dos significantes e conflitos criativos que estava parindo a modernidade, sem que isto implique em separá-la da dinâmica de constituição de suas formas de empoderamento e sujeição. Esse fluxo é que permite pensar o conceito de sociedade civil em que os clubes de futebol constroem suas identidades de forma culturalmente produtiva, e em que seus dirigentes mostram-se atravessados por relações de poder produtoras de “elitidades” em termos mais flexíveis e vitais; antes que conteúdos ou substâncias das essências do poder, são os contornos, os condutos em que os “problemas da cultura” são atribuídos a uma condição de existência e de experiência. Porque o fluxo se refere às estratégias da cultura para viajar e transformar-se no tempo e no espaço segundo a especificidade territorial, suas particularidades e seus limites. Os fluxos populares – e o poder é objeto deles - de que se serviu Bachtin ao longo da sua obra são, é verdade, muito menos altruístas que as heróicas massas imaginadas por Marx e Lênin. Fluxos que gostam, entre outras coisas, de dramatizar essa viagem, por exemplo, no futebol.

#### **1.4. Das instituições da civilidade à expansão da multidão**

Julio Cortazar lembra um episódio da sua infância em um dos seus ensaios de *La vuelta al día em ochenta mundos*. Conta que, quando, em uma noite de 1923, se enfrentaram num *ring* em Nova York, pelo Campeonato Mundial de Box, Luis Angel Firpo, o “torito das pampas”, e o norte-americano

Jack Dempsey, junto ao bairro reunido em torno a um pequeno aparelho de rádio que seu tio possuía, assistiria, ao mesmo tempo, “ao nascimento do rádio e à morte do *box*”. Foi este, o primeiro grande evento esportivo transmitido por rádio na Argentina. Morte do *box* como “nobre arte” do corpo. Morte do pacto do esporte com a escritura e com a forma épica de apropriar-se dos acontecimentos esportivos, que, “anunciava ao mesmo tempo o nascimento de uma arte plebéia do *ring*” (Godio 1994: 80). Desde os primeiros anos de existência do futebol de massas, o jornalismo escrito, primeiro, e o rádio, depois, transformaram cada domingo em um grande espetáculo que apontava para a cristalização de um contexto ritual das diferenças e das identidades, do lugar do particular e daquele reservado aos universais. Parafraseando Adorno & Horkheimer, futebol – o *film*, dizem os autores -, o rádio e os semanários – cada vez mais influenciados pela estética comunicativa do rádio - constituem um sistema que suporta a indústria cultural do novo período de massas que está nascendo (Adorno & Horkheimer 1969:146).

Tinha ficado para trás a grande efervescência social das primeiras duas décadas do século XX, alimentada pelo protesto social de uma massa imigrante que se volta contra “uma realidade proletária que a aguarda ao final da viagem empreendida para escapar da pobreza de seus lugares de origem” (Torre 1990, p. 40). Todavia, do ponto de vista econômico, acompanhando o período de substituição de importações e a posterior tentativa frustrada de industrialização, durante o período de governo do peronismo, trata-se dos primórdios de uma “virada” histórica que finalmente assentará as bases para a um formato de espetáculo que caracterizará o futebol argentino como fenômeno de massas nas próximas décadas.

Em sintonia com este processo de expansão, encontram-se também os clubes platenses. Lembremos que, em 1929, Gimnasia y Esgrima se consagra campeão do que é considerado, nas estatísticas, o último campeonato nacional amador organizado pela *Asociación Amateurs Argentina de Football*. Em 1931, ano do primeiro Campeonato Profissional de Futebol e da gênese da Associação do Futebol Argentino (criada definitivamente em 1934), o Estudiantes de La Plata faz uma campanha superlativa<sup>79</sup>, perdendo na última rodada o primeiro campeonato profissional organizado pela AFA, para o já poderoso *Boca Juniors*, um dos “cinco grandes” da Argentina<sup>80</sup>. Durante esse período, o Presidente do Estudiantes de La Plata era um médico reconhecido da cidade, de orientação conservadora e ex-jogador do time, o Dr. Jorge

---

<sup>79</sup> Seus cinco atacantes, apelidados “os Professores”, conseguem o maior recorde de gols a favor do profissionalismo (104 gols).

<sup>80</sup> Curiosamente, estes perderão sua hegemonia nos campeonatos profissionais em 1967, frente ao Estudiantes. Fato que quase acontece cinco anos antes, em 1962, quando Gimnasia termina em segundo lugar.

Hirchi (1927-1932)<sup>81</sup>, enquanto o Gimnasia era presidido pelo ex-Deputado Nacional pelo partido UCR, Sr. Juan Carlos Zerrillo (1929-1931). Sendo estes os anos em que se realizaram as mais importantes obras de infra-estrutura para adaptá-los à nova situação do profissionalismo, ambos, “casualmente”, são os nomes que levam os estádios dos dois clubes.

*Durante esses períodos ‘dirigenciais’ se reformam os estádios de Gimnasia e Estudiantes.*

*A construção de arquibancadas cobertas (conhecida como “la techada”) tem como finalidade melhorar as comodidades para os espectadores, acolher os dirigentes em um espaço diferenciado e acomodar as equipes de imprensa, rádio e TV em cabines próprias.*

*Este setor também será denominado genericamente como o das “cadeiras de sócios (Foto: Dirigentes I).*



A dimensão econômica do espetáculo começava a estar presente no relato jornalístico, já 1929:

El cotejo entre albirrojos y boquenses promovió un nuevo record de “borderaux” al percibirse \$ 14.296,00. Llegando la recaudación neta del año para Estudiantes a \$ 38.141,40 y para Gimnasia a \$ 16.062,30. Fue el monto ingresado por Boca Juniors de \$ 64.164,12.<sup>82</sup>

Estas informações sobre a renda obtida nas partidas se repetem ao final de quase todas as crônicas de futebol que têm como protagonista o Estudiantes

<sup>81</sup> Sendo vereador da cidade, será eleito Prefeito provisional de La Plata em 1932.

<sup>82</sup> Bionda, Miguel. 1944. *História del fútbol platenese.1887-1943*. La Plata: Círculo de Periodistas Platenses.

e o Gimnasia no *Diário El Día*<sup>83</sup> daqueles anos. Como aconteceria com outras ligas de futebol no mundo (Brasil, Espanha, Itália, etc.) a profissionalização definitiva do futebol sucederia durante esses anos. A data oficial é 1931, e foi o resultado direto da primeira grande greve de jogadores no país, “fartos dos manejos dos dirigentes, e do amadorismo dissimulado” como lembra Bayer (2009: 31). Consolidava-se assim um “modelo esportivo que afirmava novas formas de sensibilidade”, e, “com as classes trabalhadoras forçando a monetarização” (Damo 2005: 320), a criação da *Asociación Argentina de Fútbol* (AFA) não foi mais do que a confirmação de um movimento irreversível de explicitação de sua dimensão mercantil, associado com o vertiginoso crescimento de aportes financeiros e a construção de estádios para a nova demanda de consumo cultural dos setores populares no contexto significativo marcado pela crise dos anos de ‘30 (Alabarces 2002: 53-60). Simultaneamente, pensemos que são também os anos em que surge a figura do treinador. Até esse momento, os times, eram formados no campo de jogo pelo capitão. Contudo, a espetacularização do evento futebolístico e sua expansão, em termos da suas virtudes como receptáculo cultural mencionado anteriormente, já abriam caminho para o desenvolvimento de novos especialistas nos vários níveis da organização, tanto dentro como fora do campo de jogo. Trata-se de um movimento semelhante ao do Brasil, neste universo que Damo considera como uma “transição da prática para a administração” no universo de ação da condução e da liderança que favorecerá a presença de “agentes sociais egressos da elite política e econômica” (Damo 2005: 320).

Nos clubes de futebol da elite competitiva nacional, a profissionalização tinha por objetivo estabilizar um negócio, criando certa lógica de retribuição econômica capaz de impedir a gigantesca fuga de talentos nesses anos. Especialmente para a Itália que, em 1934, tinha sido campeã da Taça do Mundo, formando quase a metade do time titular com jogadores argentinos, emigrados no período de crise do amadorismo.

Como aconteceu recorrentemente na história da Argentina (1890 e 1930), o *cup d'état* de junho de 1943 proclamou suas intenções manifestas, mas não as latentes. De fato, as intenções manifestas eram quatro: enviar ao exílio interno as antigas forças conservadoras, que tentavam continuar governando com a chamada “fraude patriótica”<sup>84</sup>, legitimar a instalação de um Estado católico fundado nos anos 30, terminar com o Estado liberal e assegurar a neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial. Mas a revolta

---

<sup>83</sup> O jornal mais importante e influente de La Plata. Foi fundado em 1884 pela família Klaiselburg, até hoje proprietária do mesmo.

<sup>84</sup> Termo cunhado pelos governos da década de 1930, para denominar a necessidade de manter no poder as forças conservadoras ao preço de realizar eleições fraudulentas destinadas a conter os perigos comunista e socialista.

militar de 1943 respondeu à necessidade latente de refundar o Estado como base para reconhecer que, agora, suas substâncias sociais fundamentais eram a sociedade industrial e a sociedade do salário (Godio & Mancuso 2006: 54).

Tratar-se-á de um período agitado, também para o futebol argentino, do ponto de vista organizacional. Durante aquele período, os representantes dos “cinco grandes” na AFA tinham três votos, enquanto o resto, apenas um. Entrava em cena um “desvio oligárquico” para uma organização clubística nacional que, como vimos, estava fortemente ligada –idealmente - em seu início, ao associativismo e a um campo de participação cidadã de abertura em termos de representação dirigencial. Junto com a elaboração de grandes identificações antinômicas entre os times de futebol que encarnavam os clubes nas batalhas futebolísticas, o negócio operava sobre as noções de justiça, mérito e igualdade – a “dramaticidade democrática”, como diz Alabarces (2002: 53) - em que ele sustentava seu imaginário, e que era a fonte de uma metonímia com capacidade estruturante em relação aos termos deliberativos em que tinha criado a imagem do *clube-instituição* a partir da noção de “pares”. Mas como apontávamos com Sahlins (1997) no capítulo precedente, tende a tingir com os simbolismos econômicos toda a ordem cultural.

Contudo, os dirigentes não estavam ainda incluídos, de forma efetiva, na especialização de tarefas, em termos de produtividade, remuneração, etc. A maioria deles eram personagens mais interessados em adquirir - ou reafirmar - certa respeitabilidade pública que podia ser associada e alimentada mais na “glória e dignidade” da instituição do que em gerir, de forma mercantilista, o futebol, no contexto de expansão deste evento. Em todo caso, a especialização se vincula com certas qualidades burguesas associadas com a de campos profissionais localmente reconhecidos como adequados à tarefa administrativa e política. Entre 1929 e 1955, em Gimnasia foram 11 as pessoas que passam pela presidência da CD. Durante esse período do clube intensifica-se a presença de profissionais liberais (tres) frente aos políticos (quatro) e funcionários de estado (dois) locais que dominavam o período anterior<sup>85</sup>. No Estudiantes, entre 1927 e 1955, um total de nove foram os presidentes em exercício efetivo, sendo quatro os profissionais liberais, e três os funcionários de estado vinculados com o aparelho da saúde e da educação<sup>86</sup>. Em ambos os clubes, verifica-se a aparição do primeiro empresário local reconhecido, durante esse período. Assim mesmo, na soma dos presidentes de ambos os clubes, observa-se

---

<sup>85</sup> Não se acharam dados confiáveis sobre a atividade profissional de Sr. Roberto Campodónico, presidente do Gimnasia no ano de 1941.

<sup>86</sup> Não consideramos profissão do Dr. Mario Sbuscio, por ser ele “presidente-interventor” do clube Estudiantes entre 1952 e 1953.

maioria de médicos e advogados (nove) neste recorte temporal que engloba desde a profissionalização do futebol até a finalização do governo peronista em 1955 (ver pontos 1 e 2 do Anexo).

Entrada a década de 1940, a projeção nacionalista e “criolla” que se solicitava do futebol – entre outras expressões culturais - em um “estilo” pícaro, habilidoso e individualista frente à utopia modernista e cosmopolita que o pensava como forma de integração dos imigrantes a um *ethos* cultural (Alabarces 2002, Archetti 2003), baseado em uma espécie de “falanstério industrializado e cidadão”, sofrerá uma “implosão quântica”. Com o surgimento do Peronismo, através do ingresso das massas no universo da política, a cidadania tinha sido instituída no povo histórico. O esporte, durante o governo peronista, colocou-se como “dispositivo eficaz de construção de uma nova referencialidade nacional” (Alabarces 2002: 72), um processo de inclusão que coincidirá com a incorporação definitiva das torcidas – os “hinchas”- como elemento disjuntivo no ritual futebolístico.

Praticamente até 1948, dois anos depois da ascensão do peronismo ao poder - ano de outra grande greve de jogadores -, os diversos presidentes da AFA, integrados por dirigentes dos maiores clubes, não conseguiam se manter no cargo por mais de dois anos (Lupo 2002). Cabe aqui imaginar que os critérios de *excelência* destes dirigentes nos clubes não se vinculavam com os critérios de *especialistas* na gestão esportiva e sim com o fato de serem pessoas com apetites públicos que foram veiculados nos cargos pelo seu pertencimento a profissões “destacadas” e valorizadas socialmente na época. Assim, junto com o processo de incorporação das massas operárias e marginais como atores sociais com visibilidade na política - paradoxalmente instituídos como “campo social antipolítico” (Svanpa 2006:287) -, esta é a característica mais relevante do período peronista (Torre 1990, Smith 1969, Murmis & Portantiero 1971); o futebol irá se incluindo na vida política argentina como apresentação de um fenômeno estético em que as massas assumem um lugar de protagonistas, junto com as problemáticas da sua condução associadas com um imaginário nacional ligado aos valores de mobilidade social e de prestígio burguês ancorado em certas profissões.

Foi só no início da década de '60 que o mundo empresarial chegou efetivamente a participar da dirigência dos clubes argentinos. Entre as agremiações de La Plata, até aquela década, apenas cinco (5), dos 79 presidentes de que temos registro, eram empresários (na maioria dos casos, comerciantes locais), sendo os restantes altos funcionários de estado, profissionais liberais (médicos, contadores, engenheiros, etc.) ou políticos (ver pontos 1 e 2 do Anexo). Associada com “algo mais que caráter nacional” - como descrito nos reinos de *Bau* e de *Rewa*, em Fidji, por Sahlins (2005) -, a *cismogênese complementar*; “uma competição por contradição, na qual cada

lado organiza-se como o reverso do outro” (Sahlins 2006: 71), realiza sua tarefa nas representações do poder dirigençial. Desloca, assim, fundamentalmente, a demanda que surgira de um lado - a relação entre emoção, massa e liderança política durante os anos do peronismo - para a exigência de uma condução “desinteressada” - e não politicamente identificada - dos assuntos de uma sociedade civil agora vista mais próxima ao papel de “consumidores” fragmentados.

Vale lembrar que, durante os anos do peronismo, como aconteceu com as principais organizações corporativas não estatais, especialmente as sindicais, os clubes – cuja origem mútua os conserva no mesmo plano de consistência - construíram laços de dependência com as instituições políticas – e os homens - de Estado, chegando a ser considerados uma extensão do mesmo. De alguma forma, tratava-se de um “espírito de época” em que as coordenadas “sociais” dos clubes formaram parte de um quadro de questionamento mais amplo de um passado irrealizado, e cujo acontecimento, na política desses, se traduz na disputa entre educação “livre ou laica” em 1958. Durante aquele evento de mobilização, se produz a atualização de uma disputa ideológica do papel do Estado como “pedagogo social” –também questionado a partir da forte intervenção discursiva do peronismo durante seus anos no poder -, e se colocaram em cena dois modelos antagônicos: aqueles que defendiam o monopólio do Estado de uma educação - pública ou privada - universal e laica, e aqueles que defendiam a introdução da liberdade religiosa nas escolas e nos estados regionais.

Nesse sentido, Roberto Di Giano (2005) explica como as derrotas que padeceu o combinado Argentino, no Campeonato Mundial de Suécia, em 1958, serviram para incentivar um processo "modernizador" de um futebol que supostamente tinha permanecido “retrasado” a respeito do idealizado modelo europeu. De fato, durante o decênio de 1960, das 17 presidências dos “cinco grandes” somados ao Estudiantes e o Gimnasia, nove eram, agora sim, empresários (de distintos ramos, como a construção, a coleta de lixo, etc), sendo que apenas seis eram profissionais liberais ou funcionários públicos. Junto com a política de “empatia” de consumo, desenvolvida nesta época de importações de novas tecnologias, foi também a década das grandes contratações de jogadores estrangeiros vividas pelo futebol argentino. Será precisamente durante este período que se considera necessário incorporar técnicas de formação de jogadores tendentes ao fortalecimento corporal dos atletas nativos, considerados “frágeis” frente aos europeus. O aprendizado de movimentos especiais, o tipo de alimentação e o consumo de energizantes e vitaminas prescritos por especialistas das organizações esportivas, estavam orientados a que estes incrementassem sua força e seu vigor. Um modelo que passa “oficialmente”

da honra, da ética esportiva e das virtudes do trabalho coletivo para a busca da eficácia e para a ganância como lembra Bromberger (1995, 2005).

Este modelo, porém, entra em crise novamente, em 1966. A Argentina tinha formado um time “moderno” para a Taça do Mundo daquele ano. Porém, uma derrota frente à Inglaterra, nas quartas de final, determina um episódio singularmente significativo para a política argentina como um todo. O meia do time nacional, Ratin, líder e principal figura daquele time, sofre a expulsão, considerada pela imprensa como “humilhante” para a Nação. O relato vai ser miticamente construído desde então. Durante sua expulsão, Ratin detém sua caminhada rumo aos vestiários, ameaçante, e olhando para o público que o insulta e lança objetos – *animals! animals!*<sup>87</sup> -, amassa com a mão a bandeirinha inglesa presa ao marco do escanteio e imediatamente depois deste ato, sai do campo, irreverente, pelo tapete vermelho reservado à rainha, que estava no estádio assistindo. A consciência nacional reverdece frente ao inimigo inglês com este mito e já se anuncia a Copa do Mundo de 1978.

Evidentemente, o Campeonato Mundial de 1978, na Argentina, transformou-se no foco e exemplo extremo da busca de uma compreensão comum entre futebol e poder político. Todavia, com a mistura de espetáculo de massas e terrorismo de estado ele ficará, para sempre, na memória e na análise, como um capítulo exemplar da escuridão e submissão da crítica política de um país. O sociólogo Roberto Di Gianno (2005) observa corretamente que a exigência política, que aparentemente pesa sobre o futebol, está, na realidade, relacionada com um desejo de apropriação dos discursos nos meios de comunicação de massa, em que o futebol é pensado como um instrumento. No entanto, as simplificações e os reducionismos encontraram, neste episódio trágico, terreno fértil para crescer. Os eventos trágicos de 1978, na Argentina<sup>88</sup>, servirão, então, para compreender e explicar os significados culturais do futebol em relação aos objetivos políticos de uma hegemonia social no marco de uma disputa política com os maiores níveis de violência conhecidos na história Argentina. A conquista do Estado de uma elite econômica agro-exportadora e financeira encarnava nos representantes do regime militar “pacificador”. Há pouco o que acrescentar. Um novo

---

<sup>87</sup> “*Animals!*” foi a expressão utilizada pela imprensa inglesa para descrever o estilo severo, forte e tático do Estudiantes. Atualmente, este adjetivo intitula a revista oficial editada pelo clube.

<sup>88</sup> Diferente do caso brasileiro, em que a Copa do Mundo de 1970 teve o mesmo efeito “catalizador” para o regime militar, mas foi reconstruído como parte de uma história nacional “orgulhosa” de si, o Mundial argentino pareceu encarnar da pior forma o que Eduardo Archetti afirmava quando dizia que “detrás” do futebol argentino habitam os projetos e as desventuras da nação. Desse modo, a desventura futebolística consistirá em ser vista como cúmplice dos piores anos de repressão política e, ao mesmo tempo, como um universo diretamente afetado pela crise econômica e pelo desmantelamento das redes de sociabilidade da vida cotidiana.



capítulo da relação entre nação e futebol; um novo capítulo da “invenção de tradição” através de uma *ritualidade patriótica* futebolística construída por meio do apelo discursivo na mídia<sup>89</sup> a um “nós”, “os argentinos”, os quais...

...aparecen en relación polémica con una alteridad múltiple: el pasado, el atraso, los extranjeros, los subversivos, los que no tienen fe, los terroristas... Sin ser contradictorias entre sí, su superposición y solapamiento no implica su reducción a la unidad: si todas ellas se funden en la definición futbolística, ello se debe a la plasticidad de esta última dimensión para articular elementos diversos, así como a la relevancia que tiene en la particular configuración que adoptó en nuestro país la construcción identitaria nacional. (Sazbón & Ferrero 2007:148).

Estudos e ensaios históricos e sociológicos têm procurado se afirmar através de um registro próprio a este respeito (Zirin 2007). Se trata da reedição de um passado mítico, marcado por lutas violentas que resultaram na transformação de um mundo prometido, em tragédia de caos e excesso; na ordem atual, haveria necessidade de um controle sobre os comportamentos “excessivos”; assim, as práticas rituais estabelecem um eixo vertical do universo que liga o passado com o presente, com os ritos e com o sagrado que vive na alma “dos argentinos”. Essas práticas garantem a reprodução física e simbólica da sociedade e a congruência entre o comportamento de seus membros e os padrões morais vigentes.

Como grande parte da sociedade civil platense, os clubes de futebol aqui tratados tomaram-se espaços “não-políticos” e desinteressados da violência política; apenas se consideravam vítimas de um processo paulatino de deterioração social, produto das crises econômicas que vivia o país. Porém, percebe-se até que ponto os clubes atuavam secretamente, dando continuidade micro-política aos debates ideológicos da época. Uma vez desatada a crise institucional no clube Gimnasia, como consequência dos pobres resultados futebolísticos e da renúncia do vice-presidente e do tesoureiro, por “excesso de personalismo” do Presidente, o empresário Venturino, pode-se ler no jornal local, em 1977, o seguinte:

La conducción de la entidad albiazul no entendió, o no quiso hacerlo, la aspiración que flotaba en el ambiente. Desairó a los aficionados, afectó a los altos dirigentes, que debieron optar por la renuncia antes que avalar decisiones unilaterales... y

---

<sup>89</sup> O “Mundial ‘78” marca a difusão das primeiras transmissões televisivas coloridas no país, do canal estatal ATC (*Argentina Televisión a Color*).

puso un cono de sombra con respecto al futuro (...) El golpe de timón no se dio a tiempo...<sup>90</sup>

As similitudes entre este relato e o lugar que ocupava a política nesses anos que, ‘de boca em boca’, se tentava explicar com categorias similares o escuro presente, são, paradoxalmente, iluminadoras. Também esta declaração ‘dirigencial’, feita um dia antes, pelo empresário, membro da Comissão Diretiva do clube, que protagonizou este acontecimento, em 1977, demonstra como a vida interna da instituição estava ligada a uma experimentação que se apresentava em contraste com a impossibilidade radicalizada de dissenso que se vivia externamente no ano mais repressivo da ditadura:

En esa ciudad hay una mitad de lo simpatizantes, parte que sigue esperando y esperando... Y yo no estoy de acuerdo con la conducción del presidente. Por eso mi renuncia. No es personal, simplemente estoy en desacuerdo con su política como dirigente...<sup>91</sup>

As “metades” de uma sociedade “que está dividida” como dizia também o discurso da então ditadura militar. E tal qual uma paradoxal tragédia que remete à mencionada anomalia de origem, a perfeição geométrica da cidade será utilizada pelo General Manuel Camps para a realização de um novo “projeto urbano” dedicado sistematicamente a obturar a utopia em que havia construído sua imagem no espelho da cidade. O extermínio sistemático (“um desaparecido por quarteirão”, esta era a matemática do horror) de milhares de desaparecidos – exilados e paralisados - dará lugar à nova narrativa sobre a cidade pós-ditadura como um lugar trágico, diametralmente aposto àquele modelo de civilidade, para “uma terra arrasada”.

## 1.5. Em La Plata: componentes institucionais dos clubes

O universo dos clubes de futebol com os quais trabalhei na pesquisa está constituído por duas instituições de grande representação na elite do futebol profissional argentino: o Clube *Gimnasia y Esgrima La Plata* e o Clube *Estudiantes de La Plata*. No que se refere à prática do futebol, com altos e baixos, ambos os clubes têm permanecido durante grande parte da história da elite do Campeonato Argentino de Primeira Divisão, organizado pela *Asociación del Fútbol Argentino* (AFA).

Ambos os clubes da cidade de La Plata têm uma massa de associados que, durante os últimos 20 anos, oscilou entre 15 e 25 mil membros cada um.

---

<sup>90</sup> *Diário El Día*. La Plata, 30 de novembro de 1977. Séc. B. p. 9.

<sup>91</sup> *Diário El Día*. La Plata, 29 de novembro de 1977. Séc. B. p. 5.

Os sócios são habitantes da cidade de La Plata e de seus arredores<sup>92</sup>, que utilizam as instalações dos clubes nas atividades esportivas e de sociabilidade. Dos três prédios com que contam os clubes, dois estão situados no centro urbano da cidade e um na periferia. Esta separação espacial divide as funções de cada um deles e implica também uma separação temporal dos três tipos de funções que desempenham, tendo em vista que ali se realizam esportes, festas e se levam a cabo as tarefas administrativo-políticas<sup>93</sup>. Trata-se de três espaços de interação e luta, diferenciados pelas modalidades de gestão dos dirigentes: a organização do trabalho, a promoção de esportes e atividades de lazer e a produção de jogadores e do evento espetacular futebolístico.

O Gimnasia possui uma ampla “Sede Social” localizada na esquina da Rua 4 com a 51. A poucos metros, entre as ruas 7 e 53, encontra-se a Sede Social do Estudiantes. Nestes locais, ambos de três andares, se realizam as atividades político-administrativas dos clubes, mas também se praticam alguns esportes, como basquetebol, ginástica, handebol, natação, etc. A mencionada sede do Gimnasia conta com um amplo ginásio poli-esportivo, construído nos finais da década de 1970, lugar em que joga o time profissional de basquetebol e onde se realizam recitais e outras atividades. Mas, como acertadamente explicita Verônica Moreira na sua etnografia sobre o clube *Independiente de Avellaneda*:

La sede social es el centro de la vida política del club. Allí se concentran los símbolos del poder, la autoridad y la historia del club. Como todo centro político, hay un conjunto de formas simbólicas asociada a una elite que gobierna, que reproduce en historias, mitos, ceremonias e insignias y marcan que ‘el centro como centro’... (Moreira 2009: 127)

Nestes locais, além dos escritórios dirigentes - ambos no primeiro andar dos prédios - encontram-se expostos em salões próprios, todos os troféus obtidos pelo clube nas diversas modalidades esportivas. Os dois clubes contam também com importantes prédios localizados nas terras de propriedade da Província, no *Paseo del Bosque de La Plata*. Ali estão seus respectivos e tradicionais estádios de futebol profissional e se realizam

---

<sup>92</sup> No último Censo Nacional de 2001, La Plata tinha 574.369 habitantes distribuídos em uma superfície total de 926 Km<sup>2</sup>. Fonte: Instituto Nacional de Estadísticas y Censos (INDEC).

<sup>93</sup> Gericamente: Sala de Reuniões, Presidência, Secretaria Geral, Secretaria Jurídica, Gerência, *Mesa de Entradas*, Departamento de Esportes, Tesouraria, Departamento de Compras, Departamento Contábil, Departamento de Futebol Juvenil e Profissional, Comunicação Institucional, *Caixa*, Recursos Humanos e Museus.

igualmente algumas atividades esportivas, como o tênis<sup>94</sup>. Por último, o Gimnasia conta com o Centro de Treinamento de Abasto (160 hectares) e o Estudiantes, com o do Country Clube (54 hectares), ambos localizados fora da cidade. Nestes Centros se praticam outros esportes, como equitação e golfe. Ambos os clubes administram uma escola de primeiro e segundo graus.

De forma muito genérica, no contexto legal das associações na Argentina, clubes como o Estudiantes e o Gimnasia são definidos como organizações sociais comunitárias orientadas ao “bem comum” dos sócios, com fortes prescrições nas atividades de lucro econômico<sup>95</sup>. São, assim, delimitados como “propriedade” de uma organização autônoma da sociedade civil quanto ao aspecto formal da sua organização política e da sua “função social”, elaborando sua identidade em torno a um discurso quase obsessivo sobre sua vocação de favorecer atividades esportivas e culturais integradoras, através da saúde física. Apesar de poderem incluir a realização de negócios, como efetivamente vem acontecendo, com maior frequência, com o futebol, desde 1960, no que diz respeito a acordos de marketing, publicidade, venda de jogadores, em termos “ideais”, seus benefícios “deveriam” ser investidos no fortalecimento institucional e nas atividades sociais e esportivas que subjazem a uma origem “comunitária” primordial. Os principais objetivos organizativos encontram-se, assim, marcados desde o começo, pelos valores do associativismo moderno, fundamentado basicamente na necessidade de construção de espaços de sociabilidade institucional tendentes a integrar, educar e conter indivíduos heterogêneos (Gil 2002; Carvalho 2001; Heinemann 1997).

Diferente do que acontece em outros tipos de “entidades de distinção” de La Plata, como por exemplo, o *Jockey Clube de La Plata*, em que a incorporação efetiva de novos membros depende estritamente das condições de classe e status -o recrutamento depende das “recomendações” de antigos sócios -, o Estudiantes e o Gimnasia pertencem a uma “cultura clubística” baseada em agrupamentos de coletivos locais, mas “abertos”, cujos objetivos estão baseados na resolução de demandas sociais de um “nós” definido pela idéia de integração, e mantido através das emoções e das lembranças, e da realização de eventos de diversos tipos (Diaz & Pasaro 1999: 114). Porém, esta “abertura” é simultaneamente um modelo abstrato de recrutamento de grupos dirigentes que está na origem deste tipo de formações sociais; opera como um tipo ideal de referência tanto para os aspectos românticos da ação coletiva incorporados ao universo esportivo como para o desenvolvimento formal de práticas burocráticas e políticas. Como tem mostrado a sociologia das organizações, tal

---

<sup>94</sup> O estádio de Gimnasia conta atualmente com uma capacidade para 26 mil pessoas. Estudiantes encontra-se construindo um novo e moderno estádio com capacidade para 20 mil.

<sup>95</sup> Calcula-se que na Argentina existem aproximadamente 6.000 “clubes sociais” (Lupo 2003:43). Um clube para cada 6.600 pessoas.

tipo de associações possui um modelo estrutural que tende à estabilização das relações de poder - reduzindo as tensões da diversidade - por meio de mecanismos de consolidação de interação, personalização, controle informal, autodeterminação e formas de influência interna que operam em vários níveis (Heineman 2000). O mencionado “associativismo voluntário” é a fonte de sua organização política. Desse modo, nele, o poder é percebido fundamentalmente como um meio de habitar e administrar um patrimônio coletivo dos associados. Para denominar inicialmente esta dimensão material e simbólica que delimita a dinâmica de habitar e gerir o patrimônio dos clubes, no contexto organizativo e político em que atuam os diversos associados e que os vincula com o voluntarismo e a abertura sobre a base de uma variedade de atividades esportivas, sociais e políticas, utilizarei o conceito *clube-instituição*.

Sem dúvida, a importância simbólica que os times de futebol têm adquirido ao longo da extensa história do futebol argentino, as grandes somas de dinheiro e de recursos que administram hoje os clubes “modelo” no futebol mundial (como *Barcelona* ou *Manchester United*), marcam de forma clara a inserção da suas economias dentro do jogo de investimentos e finanças capitalistas locais, nacionais e globais, tendo dado a esta atividade uma centralidade institucional singular nos últimos 50 anos. Orçamentariamente, na apresentação da *Memória e Balance* de 2007, a Comissão diretiva do Gimnasia declarou gastos de quase 30 milhões de pesos e o Estudiantes, de quase 50 (entre 10 e 13 milhões de dólares). Porém, considerando-se a totalidade dos ativos diretamente relacionados com o futebol, os dois clubes contam com um capital calculado em aproximadamente 70 e 100 milhões de dólares respectivamente<sup>96</sup>. Direta ou indiretamente, ambos empregam entre 500 a 700 pessoas por mês. Apesar de estarem, ambos, entre os clubes com times de futebol de maior presença ao longo da história do futebol profissional argentino, o Gimnasia e o Estudiantes fazem parte do universo de clubes “médios” do ponto de vista das suas dimensões físico-sociais. Isto se deve, fundamentalmente, ao fato de dividirem seus associados em uma cidade do tamanho de La Plata. Pensemos, por exemplo, que o *Clube Atlético Lanús*, cuja trajetória nas competências futebolísticas da elite é substancialmente menor do que a dos clubes que compõem o universo de nossa análise, pertence a uma

---

<sup>96</sup> Entre os vinte cinco clubes que encabeçam o ranking elaborado pela revista norte-americana *Forbes*, dedicada aos negócios e finanças, não aparece nenhum clube Argentino. Leva em conta o patrimônio total dos clubes, que se dividem entre bens imóveis (estádios, sedes, etc) e os custos dos passes de seus jogadores. Tomando como base a temporada 2007-2008, os clubes mais ricos do mundo são *Manchester United* da Inglaterra, com um valor de 1milhão e 870 mil dólares, seguido pelo *Real Madrid* da Espanha com um valor de 1milhão e 353 mil e o *Arsenal* de Inglaterra com 1.milhão e 200 mil. A ausência de clubes argentinos se explica em parte –além dos grandes contratos por publicidade e direitos de televisão- porque eles, na condição de entidades civis, não podem ser facilmente avaliados do ponto de vista financeiro.

região dos subúrbios bonaerenses que concentra quase um milhão de habitantes<sup>97</sup>. Sendo o único clube que criou identificações e tem simpatizantes na elite do futebol, nesta região, o tamanho da sua infra-estrutura e a quantidade de sócios supera a do Estudiantes e do Gimnasia.

Os significados que constroem suas identificações respondem a diversas referências culturais e a uma trama de sentidos historicamente dados. No entanto, como acontece na grande maioria dos clubes da elite do futebol argentino, o Estudiantes e o Gimnasia têm como sustento concreto o legado do mencionado associativismo voluntário na fonte da organização política. Presente ou passado, este modelo abstrato que permeia os códigos de recrutamento ‘dirigencial’ está na origem de organizações sociais desse tipo; ele opera como um tipo ideal de referência tanto para aspectos românticos da ação coletiva incorporados ao universo esportivo quanto para o desenvolvimento formal de práticas burocráticas e políticas que definem as condições de ação do poder institucional. Na Argentina, apesar de não estar sendo rejeitado abertamente, o modelo de “clube social” é objeto de críticas por mostrar formas de favoritismo, patronato, nepotismo, escondendo negócios pessoais e impulsionando a concentração de poder. Observa-se, então, uma tendência a entender que existe uma incompatibilidade manifesta entre o modelo tradicional de gerir o poder, baseado nas cláusulas de amadorismo e voluntarismo deliberativo dos clubes, e as demandas do mercado global. As pressões pelas mudanças que transformem os clubes em empresas de desenvolvimento “do negócio futebolístico” são cada vez maiores.<sup>98</sup>

Como aponta Christian Bromberger (2001), trata-se de uma nova economia política do futebol em que se produzem mercadorias para uma nova classe de homens de negócios e em que se procura que os dirigentes sejam “cada vez mas estranhos à vida local” (Bromberger 2001). Também pode ser entendida a novidade da mencionada separação objetiva - e dissociação simbólica - entre dirigentes e sócios como uma consequência direta da transcendência supra-local

---

<sup>97</sup> O Município de Lanús está situado ao sul da cidade de Buenos Aires.

<sup>98</sup> Neste sentido, existe, uma crença “tranquilizadora” que circula entre nós a respeito do sistema espetacular esportivo: a tendência à transformação dos clubes de futebol em empresas responderia fundamentalmente às forças do capitalismo. Serve para aqueles que a apóiam, serve para aqueles que a rejeitam. Não há como negar que as imposições do mercado e da lógica de acumulação tendem a reduzir os espaços de cidadania e representação da sociedade civil e a concentrar os elementos da espetacularidade e o negócio, entre aquelas, as que os clubes com futebol estão atrelados desde suas origens através de sua dinâmica dirigencial. Mas o que podemos refletir para o futuro consiste também em perguntar: sob que condições se dão os impactos de alguns modelos de gestão e condução sobre outros? De que maneira o êxito – ou fracasso- de um modelo de clube como foi conhecido durante o século XX, neste contexto de transformações, se converte em modelo de referência e de interpretação e reflexividade do presente para outros clubes e também para uma sociedade no seu conjunto como culturas em constante justaposição?

que os clubes têm adquirido nos últimos anos a partir da amplificação do negócio e da midiática. Clubes como Estudantes e Gimnasia são parte de um *sistema futebolístico* com regras e prescrições de ordens diversas e que supõe uma série de “campos” (Bourdieu 1989) inter-relacionados, caracterizados pela mobilidade, pelas relações transnacionais, pela globalização e pelos fluxos materiais e simbólicos. Afirma Carmen Rial a respeito:

Numa analogia com a categoria de Sassen (1991, 2003), de cidades-globais, diria que os clubes-globais são os que transcenderam as fronteiras de suas cidades, regiões e mesmo do Estado-nação. Os clubes-globais são nódulos de fluxos econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos globais. São clubes que têm torcedores espalhados pelo planeta, jogadores provenientes de diferentes lugares do mundo, que estão presentes na mídia em diferentes países, que concentram capital que circula globalmente, que atingem a imaginação de uma população planetária. O sistema futebolístico aqui, como em outras instâncias, antecipa dinâmicas sociais de globalização. A conexão entre futebol e globalização merece atenção não apenas porque o esporte, e particularmente o futebol, detém uma centralidade cultural, refletindo aspectos da globalização, mas também impactando e redefinindo usos do termo globalização. Isso posto, devemos reconhecer que a globalização futebolística é formatada, iniciada e também limitada por contextos sociais locais e interações sociais específicas entre o local e o global. (Rial 2009: 2).

Estudantes e Gimnasia concentram assim um conjunto de *significantes flutuantes*<sup>99</sup> necessários para a construção do enfrentamento “clássico” entre os dois times da cidade (antes de 1931, nas distintas ligas amadoras que se sucederam). Trata-se do que alguns autores chamam a “utilização das estruturas simbólicas” dos clubes por parte dos capitais financeiros (Carvalho 2001: 20). Tal fenômeno cria condições favoráveis para que estes e outros clubes sejam tidos como potenciais “produtos globais” cujas antinomias formam parte de um valor de câmbio para um negócio. Em consequência, é normal que venham sofrendo uma forte pressão durante os últimos anos para aceitar a intervenção da lógica empresarial nos aspectos administrativos, enfatizando o marketing, os investimentos financeiros e a midiática. Esta pressão tem um consequente impacto sobre a organização simbólica do poder no interior das CD, modificando a importância de

---

<sup>99</sup> Categoria utilizada por Laclau & Mouffe para compreender determinadas “sentenças simbólicas” capazes de concentrar a adesão de um conjunto amplo de atores sociais em “disputa hegemônica” (Laclau & Mouffe 1985).

determinadas “qualidades dirigenciais”, por exemplo, em favor da especialização e da profissionalização executiva dos cargos ou nas mudanças nas políticas que ainda são lentas ou limitadas, nos clubes objeto de análise.

Nesse sentido, a atividade ‘dirigencial’, no Estudiantes e no Gimnasia, continua se apresentando como amadora e voluntária, sujeita a uma “doutrina” de democracia e participação interna que se postula surgida de um poder “soberano” dos sócios. Quando entra em clubes como o Gimnasia, qualquer pessoa pode observar o ir e vir de professores, crianças e esportistas de todos os tipos e níveis pelos corredores, salões, etc. Mas, deverá esperar até as 18 h. para observar a presença daqueles que ocupam cargos como dirigentes no clube. Em torno dessa hora é que a maioria dos responsáveis por áreas de direção do clube se faz presente, em uníssono, uma vez terminados seus respectivos trabalhos nas empresas, nos escritórios profissionais ou nas dependências do Estado. Apenas os diretivos pagos e contratados, como secretárias e administrativos, permanecem durante o dia, sendo que geralmente chegam depois do meio-dia e trabalham até às 10 horas da noite, momento em que normalmente os dirigentes se retiram do clube.

Assim, existe, em quase todos os clubes argentinos, um modelo de *make up* comunitário, sustentado em discursos e rituais institucionais, que é constantemente mobilizado por interpretações locais de protagonistas ligados a desejo de status público através da ascensão a cargos dirigenciais. Este conceito, apresentado por Everret Hughes, destaca o caráter de “produção” discursiva e narrativa da identidade das instituições no âmbito dos que se consideram “parte” dela (Hughes 1984: 13). O tempo disponibilizado ao clube – subjetivado como “tirado” do trabalho e da família – é, indiscutivelmente, um dos grandes bens simbólicos que possui um dirigente no começo da sua carreira e no seu desejo de progredir dentro da instituição. Esse “tempo para o clube” é um bem público, mas também um bem econômico, uma vez que pertence à profissão e se transubstancializa em dinheiro para o clube, em tarefas realizadas para este último. Tarefas que, diga-se de passagem, realizadas pelo dirigente sem renda oficial, são consideradas duplamente proveitosas, já que, por um lado, ele é uma espécie de empregado e dono ao mesmo tempo; por outro lado, este fato acaba sendo objeto de um juízo moral maior quando esta tarefa não é realizada adequadamente ou quando a sua dedicação diminui. Um dado de caráter territorial de origem que é estruturante da produção de sentidos no âmbito da dirigencia, pois o ato de *situar-se* no espaço soial é precisamente um aspecto importante para entender as dificuldades para a busca da mencionada eficácia competitiva exigida por uma lógica mercantil empresarial, na qual justamente o futebol no clube encontra seu principal campo de desenvolvimento. Porque se trata de uma lógica que tende a



pensar o sócio como um “cliente” nunca suficientemente “cooptado” pela instituição e, conseqüentemente, a pensar uma dirigência como executivos ao serviço da reprodução de um capital com muitas dificuldades para ser medido e avaliado além do econômico.

Convém destacar que o Gimnasia, um dos clubes que pesquisei, e que foi particularmente afetado, durante os últimos anos, por sucessivas crises futebolísticas, colocou no centro da discussão, durante as eleições de 2007, a necessidade de se transformar em uma organização que seguisse o modelo empresarial. Mas ao mesmo tempo, neste debate, discutiu-se a forma em que a “idealidade” associativista aumenta consideravelmente as variáveis objetivas de operar nos modelos de interações de status e nas instâncias formais e informais de construção de consensos internos e tomada de decisões para atualizar este debate. Em torno de um evento fundamentalmente polifônico como o espetáculo futebolístico, a dirigência tendia a pensar, durante esses longos debates na mídia, nas *filiais* e nas sedes das agrupações<sup>100</sup>, como sendo o eixo de um espaço social de relativa horizontalidade discursiva, onde tinham a faculdade de delimitar os papéis do poder dentro do clube. Nas várias ocasiões em que participei das apresentações de candidatos das agrupações que disputariam a condução do clube nas eleições, tanto a distância quanto a ausência de uma formulação “pura” do enfrentamento entre o modelo de “mercadoria” versus o modelo da “camisa” (Neves & Rodriguez 2004) aparecia, entre as propostas, como evidência de um esforço dos dirigentes para resolver a disputa mediante uma espécie de “alquimia”. As contradições entre o papel profissional, comercial, sentimental e participativo podiam ser observadas apenas quando um dirigente passava a palavra ao seguinte. Efetivamente, durante os *meetings* políticos em que participei, dificilmente observei com clareza uma tendência dos candidatos a definir posições a respeito da mencionada modernização. Eram mencionadas, ambigüamente, tanto a “*necessidade de melhorar a eficácia e diminuir a improvisação*” como a de “*aumentar a participação dos sócios nas decisões e eliminar o personalismo*”. A maleabilidade das considerações se relaciona com dois aspectos fundamentais: o primeiro, ligado à mencionada heterogeneidade na composição das CD; o segundo, à proximidade objetiva entre os dirigentes e os sócios neste tipo de eventos. Este último aspecto cria uma dinâmica de funcionamento também maleável para a “dirigência”: frente a determinadas consultas dos sócios, seja aquele candidato parte da “*lista*”<sup>101</sup> com maior

---

<sup>100</sup> Com diversas características, ambos os espaços se referem a agrupamentos de sócios e simpatizantes que se organizam para participarem de eventos no clube.

<sup>101</sup> Nome para referir-se ao conjunto de candidatos a ocupar cargos na CD em eleições.

empatia com o ênfase da pergunta ou questionamento, quem responda. Assim, observei no meu diário de campo, depois de presenciar a apresentação de uma lista de candidatos às eleições no Gimnasia em 2007: “apesar de que a pergunta venha dirigida a ele, o candidato a Presidente geralmente passa a palavra ao “especialista” na área que corresponde aos temas que ela trata”.

*Ato de apresentação da lista de candidatos surgida de uma ‘agrupação’, “Nueva Generación Gimnasia” para as eleições em Gimnasia em 2007. O candidato à presidência escuta as perguntas dos sócios assistentes, os quais questionam as situações institucional e futebolística. (Foto: Dirigentes II)*



Mas, não são estes exemplos os únicos momentos em que pode ser observada esta “alquimia”. Basta ver como ela pode ser produzida neste importante documento de Estudiantes, a denominada *Memória e balance*, aprovada na Assembléia de 2006: “*Se ha contratado un SPONSOR de jerarquía para a camiseta tanto como para la copa, dándole importancia a lo económico pero priorizando la calidad y tradición de Estudiantes al respecto*”<sup>102</sup>. Uma alquimia entre “tradição”, “camiseta” e “negócio”. Trata-se assim de uma dramaturgia que opera no âmbito institucional e que relaciona paixões e poder. Considero que, pelo menos, estamos num processo pelo qual as exigências organizacionais do grupo são, antes de tudo, transformados em um espaço do “deverias”, em imperativos “morais” de governo, em modelo de ação e em tipos de relações entre os atores que se relacionam em um espaço de relativa horizontalidade com aquilo que Cohen considera como condição do poder, ou seja, “uma estrutura de sentimentos, atitudes, crenças e idéias de individuo” (Cohen 1981:157), o que se observa nas declarações a seguir:

Acá se ha trabajado durante muchos años como se está trabajando ahora, con el concepto de que sin importar los cargos, todo el mundo tiene voz y voto. Pero eso si, hay que trabajar. Lógicamente que después, dentro de esa Comisión Directiva, hay dirigentes que tienen mas responsabilidad que otros. Eso viene del estatuto. No es lo mismo el secretario General del Club

---

<sup>102</sup> *Memoria y balance. Ejercicio Nro. 101 (1ro de junio de 2005 al 30 de junio de 2006). Club estudiantes de La Plata.*

que un vocal. Y eso se distribuye mas o menos por el tiempo que le puede disponer cada uno, aparte está el tema de la capacidad de cada uno. No puede haber tantas diferencias si todos los que estamos aquí somos de Gimnasia. Podés discutir o ver ciertas cosas... pero las diferencias no pueden ser tan grandes cuando todos busca el mismo objetivo que es el bienestar del club **(Eng.Del Franco, 45 años)**.

Lo hicimos como 30 amigos. Entonces un día nos sentamos todos juntos, habiendo tomado consciencia del problema que iba ser para nosotros lo que nos venía por delante. Sobre todo porque Estudiantes, hacia mucho que no ganaba nada, venia mal. Entonces, había un grupito de 4 o 5 de confianza, empezamos a decir: “primer problema, no podemos ahora decir, vos no...” Si el que teníamos al lado nuestro hace 5 o 6 años no le podemos decir vos no, vos si, vos no. Buscaremos 3 o 4 de afuera que sean buenos, pero a estos no lo podemos dejar afuera. Metimos a todos adentro del barco y listo, y teníamos la gran suerte de teníamos eso que en derecho se llama “affectus societatis” tan acentuado que nos reuníamos en comisión, siempre, como treinta tipos **(Esc.Olivera, 68 años)**.

Desse modo, como Everett Hughes (1984) observava em relação a outras instituições sociais, criam-se em torno delas laços de pertencimento e a conduta coletiva, a suposta fortaleza identitária transcendente que mantém os clubes “com” futebol, entra em ressonância com um tradicionalismo implícito ancorado no caráter associativista, voluntário e deliberativo da comunidade de cidadãos imaginada como integrante do *clube-instituição*. E quanto às identificações clubísticas que dão visibilidade às respectivas associações como protagonistas do espetáculo futebolístico, elas estão definidas por uma combinação dos capitais social e simbólico relacionados aos processos históricos de caráter performático e de segmentação sócio-cultural das identificações clubísticas ao longo da sua história. Portanto, trata-se de uma certa objetividade, genericamente reduzida a uma questão do “lugar que corresponde à instituição”, o que apazigua a polifonia e cria pontos de referência para a ação ‘dirigencial’. Tal como pode ser observado no seguinte documento de 1940, a presença do futebol como atividade “reitora” da vida do clube situa-se centralmente no discurso oficial há muitos anos:

Es así que debemos referimos ineludiblemente al fútbol profesional, ya que representa la principal actividad y por ello, y por la misma índole de su organización, la primordial preocupación de sus dirigentes (...) consiguiendo de esta manera mantener la necesaria unidad dentro del equipo

profesional, y colocarlo al mismo tiempo dentro del círculo de privilegio que le corresponde, todo ello dentro del marco económico y de las posibilidades financieras de la institución. Para tal fin se cumplió con el criterio de contratar jugadores dentro de las sumas máximas que el presupuesto societario tenía señaladas, y contemplando el poderío del equipo procediendo al reemplazo de valores mediante el ascenso de los destacados elementos de divisiones inferiores...<sup>103</sup>

Por outro lado, reafirma-se também a dimensão “associativa” do clube como um “bem comum” que sofre nas mãos do futebol e a ameaça. Por este motivo, em casos como o do *Estudiantes* e do *Gimnasia*, clubes em que o futebol é a atividade de maior relevância, existe uma *pregnância* simbólica marcada pela trajetória passada e presente dos times de futebol, que mantém um fluxo sentimental; este fluxo relaciona a performance dos times com a utilização instrumental dos diversos serviços que oferecem os clubes a seus associados. De acordo com dados extra-oficiais fornecidos pelos dirigentes entrevistados, haveria aproximadamente entre mil e mil e quinhentas pessoas que utilizam as instalações do clube diariamente (quase 10 % dos sócios). A ausência de dados não responde apenas às dificuldades de obtê-los, mas ao estilo “aberto” das instalações e prédios. O registro de sócios que realizam atividades se dá em cada um dos espaços específicos para as mesmas. A carterinha é apresentada quando se quer jogar tênis ou ir à piscina, mas dificilmente é solicitada na entrada das diversas sedes com exceção, claro, dos dias de partidas de futebol. Somente em situações muito pontuais, como por exemplo, assembleias de sócios que se realizam anualmente ou durante a apresentação pública de jogadores profissionais incorporados ao time, assim como palestras e conferências organizadas pelas entidades, observei as portas das sedes sociais de *Gimnasia* e *Estudiantes* controladas por seguranças que limitavam a entrada aos que exibiam suas carterinhas de sócios. Todas essas situações são, curiosamente, atividades que envolvem publicamente os dirigentes “em funções”. Tendem, à primeira vista, a servir para uma identificação primária da preeminência dos dirigentes em um plano de continuidade com a “sociedade de pares” e com os representantes de outras instituições semelhantes com as que geralmente estas atividades são organizadas, e as que “dão visibilidade”. Precisamente, Hughes destaca as instâncias rituais em que o “papel” institucional e a instituição tendem a “fundir-se e diminuir os juízos” sobre os primeiros (Hughes 1984: 135).

A performance futebolística não é externa a esse ‘habitar’ o clube dos sócios. Ao contrário, muitos deles, simpatizantes que assistem às

---

<sup>103</sup> *Memória y balance*. Club *Estudiantes* de La Plata. 1940.

partidas do time profissional, participam da organização de filiais e *agrupações* e, inclusive, participam ou têm participado da diretoria do clube. Estas pessoas são consumidoras de serviços que poderiam obter melhores serviços em outras instituições especializadas - como academias de ginástica - mas que percebem como necessária sua participação para alimentar um pertencimento coletivo (Carvalho 2001). Portanto, as condutas dirigenciais são, diariamente, objeto de juízo dos sócios, não unicamente pela situação da atividade que eles próprios praticam, mas pelo fato de que são colocados em relação permanente com o desempenho do time de futebol, especialmente no que diz respeito ao patrimônio econômico nele representado. Sem contar a enorme massa de dinheiro que circula através de empresários e representantes, o futebol profissional (incluindo as categorias de base) representa quase 70% do orçamento total declarado dos clubes platenses. Por conseguinte, o que chamamos de *clube-instituição*, no caso dos clubes “com” futebol, como o Estudantes e o Gimnasia, se vê fortemente marcado pelas performances dos times enquanto mantém uma vida política formalmente independente destas.

Curiosamente, alguns meses depois de finalizar o período de estudo de campo, encontrei numa livraria de Buenos Aires, uma pequena publicação que tenta sistematizar, emicamente, muitas interlocuções presentes nesta tese. Nesse livro, o autor, autodefinido como “dirigente esportivo”, sintetizava o campo de forças em que ele via sua tarefa relacionada à condução. Logo depois de uma citação de Sêneca, afirmava:

Cualquier tipo de dirigencia está relacionada con personas físicas, como resulta natural. En lo que respecta a la deportiva deben atenderse aspectos mucho mas finos que nos tras actividad. Son propios de los sentimientos que están en juego en el marco de las competiciones y su consiguiente eventualidad del ganar o perder.<sup>104</sup>

O futebol tomou sua força interpretativa da dinâmica de lutas instituídas nas bases de sua lógica de competição, diferentemente do *baseball* nos EEUU, por exemplo, que se organizou profissional e comercialmente muito cedo, impedindo a formação dos antagonismos típicos dos esportes surgidos nas escolas e meios das elites, depois assumidos como próprios em outras camadas sociais (Kelly 2007). Os sujeitos dirigentes dos clubes no futebol são protagonistas empíricos de uma construção permanente de relações e negociações que têm como objeto em disputa a dramatização institucional do “ganhar e perder” da competição esportiva. Eles estão

---

<sup>104</sup> PONTORIERO, Norberto. 1991. *Dirigentes para el Deporte*. Buenos Aires: Plus Ultra.

triplamente ligados a processos de identificação política locais, nacionais e globais e a tarefa que cumprem é a de administrar a espetacularização das mesmas adequando as expectativas dos emblemas futebolísticos aos institucionais. Todavia, transformam e experimentam os significados deste sistema cultural em que vivem através de um desejo de posicionamento em lugares de superioridade institucional e identitária, em cujo marco devem tentar “colar” sua experiência profissional, familiar e pública em continuidade com as demandas organizativas.

## Capítulo II.

# Por uma história social da experiência dirigencial: trajetos e eventos

### 2.1. Cultura e simulacro das “estirpes”

Participe de um processo de construção da dinâmica de organização esportiva mundial, o futebol se introduz historicamente deste universo abrindo caminhos em esferas de ação cultural diversas, como a justiça, a moral, a religião, a educação, a política, o mercado, etc. Ao mesmo tempo, o conceito de “sistema futebolístico” remete a um espaço próprio de socialização, negociação e comunicação que está além do evento espetacular, e onde se articulam diversos campos, instituições e grupos de pertencimento<sup>105</sup>. Desde suas particularidades como *jogo* e como espaço de interações sociais formais e informais, o evento espetacular liga e desliga sujeitos de variadas procedências e identidades a um sistema de organização e circulação de recursos, de símbolos e de instâncias de decisão e obediência.

Mas, ao contrário das teorias que tendem a ver no futebol profissional um simples divertimento da indústria cultural capitalista ao serviço dos poderes políticos e econômicos, este esporte é uma instância de *mise en scene* do conceito de poder como batalha de identificações culturais, sociais e políticas, produzidas e produtoras de significações nas sociedades contemporâneas. Como insinuamos ao trazer aqui os estados-teatro do *negara* de Geertz, ele é resultante de uma equação em que se conjugam a *associação pública* de uma sociedade civil imaginada ao serviço de um espetáculo ideologicamente estruturado. Ancorada em subjetividades e identidades múltiplas, opera como modelo de interpretação que não se aplica mecanicamente a qualquer sociedade ou momento histórico. As abstrações que esse modelo permite rastrear e que faz girarem a seu redor, enfatizam a positividade e a negatividade de ações e representações de pessoas em níveis aparentemente diferentes do ritual

---

<sup>105</sup> Compreender as linhas de continuidade e territorialização dos sujeitos que combinam objetivamente os papéis dados aos diversos grupos de protagonistas envolvidos na produção do acontecimento futebolístico, supõe pensar a sua trama de relações que abrange desde organizações, altos cargos nas federações internacionais, nacionais, regionais e locais, passando por jogadores, treinadores, aparelho de conhecimento e experimentação da medicina esportiva de alto rendimento, escolinhas de futebol de crianças orientadas para a formação de jogadores, redes de olheiros e empresários de jogadores, representantes de clubes, discussões e sociabilidade entre desconhecidos em um bar, até empregados dos clubes e empresas associadas ao negócio. Ao mesmo tempo, a mídia, os consumidores da experiência esportiva e as empresas envolvidas na elaboração de produtos de consumo cultural associados com o futebol formam outro campo de relações de fluxos simbólicos em expansão soa quais são, inclusive e cada vez mais objeto de estudos acadêmicos (Vassort 2007:54-77).

espetacular, tanto temporal como espacialmente. Basta observar em certas etnografias, como as de José Garriga (2006) ou de Rosana Teixeira (2005), que os laços sociais de continuidade entre o evento futebolístico e a vida cotidiana se dão na construção coletiva do gênero, do poder, das hierarquias e da memória coletiva entre jovens urbanos de camadas subalternas de Buenos Aires ou do Rio de Janeiro como uma micropolítica.<sup>106</sup>

Insistimos em dizer que, aquilo que a antropologia de Geertz consegue mostrar em *O Negara*, consiste na compreensão de como um acontecimento extraordinário, cuidadosamente organizado pela sociedade (balinesa), era uma dramatização extrema do poder e das hierarquias sociais que unicamente poderia ser suportada pela existência de uma trama de práticas estruturadas nos planos do político, econômico e social, e fortemente comprometida em dotar de um sentido estético estas dimensões como um todo. No estádio de futebol, assim como no palácio balinês, está presente um tipo de “circuito imitativo”, esse “conjunto de símbolos que formam o conteúdo” e “a dramaturgia do ritual” (Geertz 1991:134), que intensificam a co-presença de dimensões operativas e exegéticas do jogo para além deste espaço espetacular. Daí que o *jogo*, a *violência* e a *cidade* (de La Plata) encontrem um plano de consistência e de ação discursiva para se adequar à pertinência da rivalidade futebolística. Parafraseando o polêmico teórico alemão Carl Schmitt, o “conceito do político”, visto no evento espetacular futebolístico representa um “momento teológico” que tem um correlato – certamente antropológico– com

---

<sup>106</sup> Podemos dizer que no Brasil, o futebol foi focado pelas ciências sociais a partir de uma reflexão sobre a identidade nacional e a raça (Da Matta 1982,2006), mas, também sobre as classes sociais, os setores populares e a cultura urbana (Leite Lopes 1994,1997, Teixeira 2005). A particularidade da perspectiva brasileira tem a ver com uma maior fortaleza da própria antropologia como disciplina nesse país, fato que permite trabalhar diretamente, por exemplo, com jogadores (Damo 2005, Bittencourt 2009). Temas como projeto, estilo de vida, teorias da globalização, corpo e poder têm um horizonte de reflexão menos atado à conjuntura histórica e a processos tão “determinantes” como gostam de pensar os argentinos. Deste modo, a antropologia brasileira recuperou temas vinculados com os “campos” bourdieus (Toledo 1996, 2002), a teoria da reciprocidade (Damo 2005) e, mais recentemente, as tentativas de alguns pesquisadores de integrar o interacionismo para pensar objetos teóricos mais “universais” como a migração (Rial 2009). Na Argentina estes temas estão presentes na reflexão em torno do futebol, mas não tem sido tão centrais. Nos últimos anos, o objetivo tem sido desmontar a mistura de funcionalismo e marxismo pouco sofisticado que tendeu a reduzir o fenômeno do futebol à idéia de embrutecimento, como no caso de Sebrelli (1998, 2008). (Neste sentido, sobre a perspectiva teórica mais aberta da antropologia, herdada dos trabalhos de Eduardo Archetti, temos os trabalhos de Julio Frydenberg (2006, 2009), que relaciona acontecimentos futebolísticos com identidade nacional, ou Pablo Alabarces (2002), com foco na relação entre violência, cultura e comunicação). Assim, os *hinchas* e a *mídia* são objetos privilegiados, já que, de acordo com a problematização clássica da política argentina, permitem pensar essa “cultura popular e gesto que a suprime”, como bem diz Alabarces. Daí também devemos a emergência de uma categoria de análise tão produtiva como a proposta por Garriga Zuncal (2006), como a chamada “cultura do *aguante*”.



a noção de pessoa nas sociedades ocidentais. Inscrito no mundo social, o homem apresenta-se como “um ser que cria distância”, um ser fundamentalmente político entendido como poder de diferenciação (Schmitt 1983: 87). Aventuramos então dizer que a “inimizade” declarada no futebol com o “outro” tende a constituir-se como modelo de uma política *exterior* que se derrama como rivalidade e oposição em direção a um modelo de constituição de uma política *interior* nas instituições do Estudantes e do Gimnasia, tal como veremos que os mitos de fundação o sugerem.

Efetivamente, o espetáculo futebolístico opera sobre um dispositivo cultural que simula um distanciamento entre nós e os outros, e entre nós e nós mesmos, como sujeitos duplos e fundamentalmente circunstanciais. A semiótica complexa do evento cerimonial - em Bali, a cremação - era produzida com empenho pela sociedade balinesa como representação coletiva do lugar vazio e abissal que precederia o poder, ou seja, o lugar metafísico que ocuparia a sociedade civil como fundamento da política<sup>107</sup>. Esta simulação não significa simplesmente propor engodos, mas também elaborar estruturas inteligíveis sobre um mundo heterogêneo, não feito de imagens “verdadeiras” e de enunciados “válidos”, e sim de ficções e de coordenadas entre atos possíveis, inclusive o da fundação permanente de uma estética como acontecimento e como processo. Para Geertz, quem diz *estética*, diz *política*. Enfim, diversas tonalidades - qualidades e relações - culturais que deixam passar os *signos* futebolísticos através de narrativas ancoradas material e simbolicamente nas “sociedades” imaginadas: um clube, uma nação, uma política. Trata-se de “emblemas” cujo suporte mítico revela Carlo Ginzburg: eles não são simplesmente testemunhos figurativos (imagens) primários, mas também, fundamentalmente, fórmulas, relações práticas mediadas pela linguagem, simbolicamente, iconograficamente, etc (Ginzburg 1994:13-15).

Ante a evidência de dimensões relacionais – e multifacetadas - entre as formas de poder simbólico, a economia cultural e as práticas dentro do sistema futebolístico, vive a necessidade de se pensar no papel das possíveis formações de grupos de elite que habitam este processo de construção dos sistemas de organização, controle e conservação da lógica de competência esportiva e da espetaculosidade nela constituída e coisificada. Marc Abelès é um dos pensadores que explicita a importância de compreender a experiência do poder em relação à produção do espetáculo moderno:

---

<sup>107</sup> Era um evento onde se escreviam os dramas imutáveis das paixões que fundavam “o conceito” da política, uma folha branca onde o sagrado se re-instaurava ritmicamente como vazio de si mesmo: a arte trágica balinesa é ação humana, que é mimética e origem da existência histórica, que é a folha poética da sua existência política e é “o poder que o divino ganha quando assume formas particulares” (Geertz, 1991:136).

La représentation de notre propre monde induit une simple constatation: symboles, rituelles, dramaturgies diverses sont couramment associés à l'activité politique dans les sociétés humaines. Apparaît, cérémonial accompagnent toute démonstration de puissance et d'autorité. Ils contribuent à la mise en spectacle du pouvoir. (...) Quel que soit le régime adopté, les protagonistes du jeu politique se présentent comme mandatés par la société toute entière. La légitimité qu'elle trouve sont fondement dans la transcendance, est une qualité assumée par le pouvoir. À charge pour lui de renvoyer à la collectivité qu'il incarne l'image de la cohérence et de la cohésion. Le pouvoir représente, cela signifie qu'un individu ou un groupe se pose come le porte-parole de l'ensemble. Mais le pouvoir représente aussi, en tant qu'il met en spectacle l'univers dont il est issu et dont il assure la permanence (Abelès, 2007:37-38)

Com efeito, hoje, os clubes de futebol e os combinados nacionais de futebol representam uma organização de caráter ecumênico sem precedentes no mundo global. Dificilmente são redutíveis exclusivamente ao fenômeno esportivo. As particularidades locais, com que o fenômeno planetário “mundo futebol” é gerido, ativam a importância do caráter pragmático das respostas culturais; por exemplo, ante a mercantilização de jogadores e a forma em que a circulação da reciprocidade - que operam criando laços específicos através do *dom* (Damo 2005)- , têm suas ressonâncias heterodoxas em outros campos (Mauss 2003: 211-263).

Os processos de exclusão territorial e de construção de identidades locais, as apropriações de classe e status, o reconhecimento e o poder, os conflitos e as definições hierárquicas de gênero e raça, e os enfrentamentos entre modelos de desenvolvimento urbano conformam um corpo de problemas claramente substantivos para a antropologia (Rial 2009, Gil 2002, Bromberger 2005). Sua polifonia intrínseca e a potência com que ele permite gerir negociações e sobreposições entre distintos grupos sociais, em diferentes frentes de análise, o lançam em direção à definição de significados, estratégias, valores e projetos culturais ligados à construção do sistema social e as representações coletivas em diálogo e interseção entre as formas particulares de gerir processos universais. Os grandes e modernos estádios em construção no mundo inteiro – agora na África do Sul, por exemplo (podia citar o estádio de La Plata também) - são espaços explicitamente desenhados para ver e, neles, sermos vistos.<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> Sem dúvida, a crescente elitização do acesso a um estádio de futebol cada vez mais “higienizado” - da militância e do engajamento - a estetização mediática dos papéis dos diferentes protagonistas

Qualquer pesquisador que assista a um espetáculo futebolístico deve chegar ao estádio algumas horas antes, caminhar por seus arredores, entrar nos vestiários, observar a constante interação entre os atores sociais, podendo observar que neles subsiste um microcosmo social em uma dinâmica de contraste dos atores da sociedade local. A tendência à higienização não apaga todas as atualizações em que ele verte os papéis da sua história. Ali se apresenta, de maneira original, um sistema de alteridades coletivas, uma teatralização dos pertencimentos sociais que vão desde policiais e diversos tipos de torcedores, em diferentes lugares do estádio, até jornalistas, dirigentes, jogadores, etc. Ele está repleto de “rituais escondidos”.

O espetáculo futebolístico se nutre destas fórmulas emblemáticas que operam, tanto em termos de grandes acontecimentos futebolísticos, como nos pequenos processos institucionais capazes de conferir profundidade a um destino coletivo. Um destino que pertence ao conceito de “humanidade”. A indústria cultural e a mídia não precisaram realizar um grande esforço de adaptação próprio ou alheio para potencializá-lo como *big play* –um Grande Jogo (Rodrigues e Neves 2004) porque, necessariamente, supõe um sistema de valores e de narrativas construídas em torno a uma história do Ocidente ancorada e atravessada pela construção ontológica das formações sociais. Todavia, os estilos imaginados de “jogar” – seus obstáculos e desafios - entram em relação com os de “gerir” (e dominar) e geralmente diferenciam, em um imaginário coletivo, identidades que se estruturam em forma de rivalidades afetivamente produzidas, e que incluem formas instáveis de alianças entre grupos, por exemplo, as torcidas, os dirigentes, a mídia, etc. E são esses os processos concretos “em que uma elite projeta, nessa narrativa presente, um futuro, que é o discurso sobre o futuro, as vontades daquela que nela – na elite - depositam a gestão do seu interesse” (Neves 2004: 61). Mas, como no futebol, a liberdade do gesto é condicionada pelo movimento coletivo.

Justamente aqui, o espetáculo futebolístico se transforma em um canal *sui-generis* de aporte das demandas, lutas, e disputas por sua vez “despolitizando” as mesmas em uma esfera que se apresenta, como aparências, “sem conseqüências reais” –*nilhil medium*. Por exemplo, através de uma individualização que tem como conseqüência “o destaque do papel da performance do jogador como elemento explicativo central de toda a realidade futebolística” (Brasão 2004: 144). Como um *simulacro* (Ranciere

---

(Kumar 2004), como a correspondente e incessante migração de jogadores entre países –e clubes- e seu impacto na construção de um imaginário global sobre as identidades nacionais (Rial 2006), falam de uma dialética histórica em que a vida polifônica - que caracterizou durante décadas os estádios de futebol - reaparece agora configurada como percepção fragmentada e restringida espacialmente. São então, especialmente, os jogadores - não mais as torcidas ou os dirigentes- os representantes de uma maioria agora silenciosa como consumidores das identidades.

1999), o futebol apresenta-se no templo-estádio criando coordenadas. Mas, como em Bali do século XIX, ele é uma comunidade, um território onde se incorporam, explicitamente, as instâncias de representação e as formas esteticamente instituídas do poder que o excedem e impregnam.

A evidente distância empírica entre os objetos exclui qualquer comparação. Porém, parece-me apropriado resgatar as observações do antropólogo norte-americano George Marcus, quando este descreve a forma em que determinadas “performances of elite” são incorporadas e resignificadas pelo grupo como parte de um “capital humano” que pertence ao grupo para a criação de uma identidade dinástica no contexto da organização capitalista da sociedade burguesa norte-americana (Marcus 2000: 6). Em suma, uma história do grupo que possa ser apropriada durante atos de poder simbólico e colocadas como assuntos público-institucionais. Neste sentido, este autor destaca:

A mais importante observação sociológica sobre o predicamento das classes altas na era moderna, da sociedade liberal de massas, é a carência de oportunidades legítimas de afirmar e glorificar em público suas distinção e superioridade (...) As classes altas tiveram de se adaptar a uma amplitude cultural que enfatizava o indivíduo como a sua própria imagem, e através das instituições culturais, fundaram a construção do caráter ao longo de certas linhas particulares. As noções de caráter da classe alta são aquelas que as classes médias aspiram ser (...) orientadas pela sua distinção, o discurso normativo sobre o caráter – em efeito, um modo dinástico de desenvolver e regular as biografias - se transforma em uma via de transmitir uma tradição coletiva a seus membros, enquanto, ao contrário, participando de uma cultura pública onde o valor da personalidade autônoma é difusa” ou seria participam de uma cultura. ( Marcus 2000: 22).

Se o “poder de uma elite” qualquer supõe sempre relações de superioridade, um poder de ação sobre outros, esse poder está em permanente construção e prevê operações expressivas. No mesmo sentido em que Marcel Mauss traduzia, através da noção de técnicas corporais, as lógicas de diferenciação e prestígio (Mauss 2003: 404), a empatia e a “imitação das características dos membros das elites é um aspecto crucial para diferenciá-las de outras formas de superioridade social” (Nadel 1990: 417). Baseados na descrição de práticas dirigenciais que formam importantes relatos públicos sobre eventos significativos, se desenham as fontes de um *telos* (Bourdieu 1996), um relato que é a realização de um “propósito”; criam-se as condições

de funcionalidade, gênese e continuidade subjuntiva, subordinada ao futuro. Significa interpretar determinados episódios na história dirigençial como “marcas de comportamento” que operam como pontos de referência - e alegorias - orientados a elaborar trajetórias ético-morais definidas em torno aos processos concretos de criação de uma identidade institucional própria.

Existem assim mecanismos de reconhecimento, pertencimento e exclusividade que permitem dar visibilidade a condutas e gestos, como também a presença de modalidades de ação performáticas que se articulam com ideologias. A elaboração de indicadores de diferença passa por discursos e práticas de divisão e separação: o poder efetivo de uma elite não pode prescindir de uma teorização do justo e do injusto, do racional e do irracional, do natural e do antinatural, etc. Mas nem tudo se resume a nomear e produzir essa diferença e postular a instituição como lugar de seu exclusivo domínio. Como aponta Marcus (2000), o poder constituído de qualquer grupo ou “elitidade” implica sempre uma relação entre práticas indispensáveis a sua conservação e também um espaço experimental para sua projeção social inscrita em uma memória sobre acontecimentos, que inclui, claro, narrativas sobre esse poder.

Na dinâmica secular das empresas familiares descritas por Lima (2006), a manutenção de identidade própria na função da descendência, permitia a continuidade da família e a dominação na empresa. Não havendo regras políticas rígidas de parentesco, esta dependia assim de uma série de atualizações coletivas de discursos sobre os indivíduos que as integram na esfera das práticas cotidianas e privadas. Com efeito, aqui também a condição de dominação simbólica do papel de *liderança* dirigençial se dá através da sua *estirpe* diferenciada. Esta não é para sempre, nem dá direito explícito de ser transmitida mecanicamente para “os descendentes”. Estes relatos, uma vez conectados com certos acontecimentos futebolísticos e por extensão à “família futebolística” em que se ancoram, interiorizam os protagonistas dos cargos dirigençiais em um imperativo de descendência ancorada no passado - e no destino -, que deve ser buscado, reconduzido, gerido e colocado em continuidade com sucessivos atores no espaço público.

## **2.2. Litígios na origem: os fundamentos endógenos**

Desde as primeiras entrevistas, e particularmente durante a análise das fontes documentais, observei que certos acontecimentos significativos na história do clube tornavam-se – tal como parecia acontecer com os desdobramentos políticos dos recentes episódios vinculados aos conflitos entre Estudante e Gimnasia em torno à utilização do “estádio único” e a “luta pela exclusividade”- uma possibilidade de se pensar em um campo de

construção do “tempo dirigencial” atravessando o universo do clube-instituição. Em poucas palavras, era possível recortar, no tempo, espaços dramáticos reconhecíveis e diferenciadores ligados à tomada de decisões e à forma como se produzem os discursos circundantes a esta dimensão aparentemente formal do clube. Trabalhei, então, tentando interpretar certas “atitudes” dirigenciais como eventos que se inscrevem em paralelo com universo dos chamados “estilos” futebolísticos, miticamente construídos como propriedades “essenciais” para si, em cada clube.

O processo histórico da invenção etnogênica de uma tradição tal como é colocada por Sahlins (2002) implica, em primeiro lugar, a possibilidade de que os atores tenham espaço simbólico para interpretar determinados acontecimentos através do que podemos chamar de “conflitos de fundação”. Os significados dirigenciais acabam em identificações futebolísticas e vice-versa, respondem a diversas referências culturais justapostas, e certamente também transitam por uma trama de sentidos historicamente construídos por acontecimentos que se transformam em *referências significantes* numa narrativa mitológica sobre as origens. Entre eles, estavam claramente, os conflitos de fundação dos clubes e sua vinculação com a prática do futebol. Como parte de uma história da cidade, remetiam a um conjunto restrito de eventos acontecidos entre 1899 e 1916 que, como observaremos, estão fortemente marcados por uma relação conflituosa entre práticas esportivo-futebolísticas e condutas dirigenciais. Como já analisaremos, a interpretação do acontecimento da fundação resulta menos contraditório do ponto de vista de uma noção de etnogênese histórica, ainda que não menos ambígua para entender ‘os porquês’ da auto-imagem criada pelos membros dos clubes em relação à sua continuidade ao longo das construções sociais dos significados culturais envolvidos.

Inicialmente, a antropologia do século XIX viu no mito uma sustentação verbal dos rituais a que fazia referência. Desta primeira determinação, derivará a idéia das narrativas míticas como explicações de fenômenos naturais “incompreensíveis”. Dentro desta linha de reflexão, foi Malinowski quem desvelou, primeiramente, a noção de mito com alguma sistematicidade; mas não como uma explanação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas “uma restituição, no relato, do que foi uma realidade primordial, que se narra e que responde a uma necessidade religiosa profunda, a aspirações morais, a coações e imperativos da ordem social, e, inclusive, de exigências práticas” (Malinowski 1982: 129). O mito cumpriria, assim, as seguintes funções essenciais: codifica e impõe as crenças e as normas da conduta, oferece uma fundamentação aos rituais, justifica e oferece uma explanação racional das instituições.

Por outro lado, ao estudar, em detalhe, numerosos mitos, Lévi-Strauss (1968, 1978) irá ver neles uma mesma natureza lógica e cognitiva. Ele

afirmará, todavia, que o principal objetivo dos mitos é fornecer soluções ideais – alegorias - aos problemas que o pensamento de cada sociedade ou grupo social descobre na realidade da experiência. O mito, entendido como estrutura mental pré-existente, recorre, assim, a uma operação peculiar: colocada uma sociedade ante uma contradição insolúvel (como, por exemplo, a que opõe a vida à morte, ou a natureza à cultura), a dinâmica do mito apela a uma outra oposição que tenha a aparência de ser “uma variante atenuada”, quer dizer, possível de ser pensada mais flexivelmente, daquela oposição inicial. No ato seguinte, o mito permite postular um elemento mediador entre ambos os pólos. Assim, por exemplo, a oposição vida-morte pode ser recodificada como a oposição entre agricultura e guerra, tendo como termo mediador a *caça*; na continuação, a agricultura e a *caça* são recodificadas na forma da oposição “herbívoro-predadores”, tendo como meio-termo, os *necrófagos*. E para terminar...

(...) si se pregunta a qué último significado remiten estas significaciones que se significan una a otra, pero que a fin de cuentas es sin duda necesario que se remitan todas juntas a alguna cosa, la única cosa que sugiere este libro es que los mitos significan el espíritu que los elabora (..) (Lévi-Strauss 1968: 334).

Não pretendo encarar uma tarefa tão presunçosa como a de integrar aqui um capítulo das *Mitológicas*<sup>109</sup> do ilustre antropólogo francês. Inclusive porque, além de não ser este um mito culinário, no evento ritual futebolístico, como adverte Sahlins se trata de produzir “um ganhador” e “um perdedor” enquanto que os ritos que suportam os mitos em Lévi-Strauss fazem “exatamente o contrário: ao ordenar os acontecimentos de acordo a um plano preexistente, nivelam e unem grupos que inicialmente estavam dissociados” (Sahlins 1997: 57).

Entretanto, acredito ser possível pensar em alguns acontecimentos, acionando uma narrativa apropriada à elaboração de uma simbologia – flexível- que caracteriza, aos olhos de vários dirigentes, no presente, a possessão de um tipo de saber sobre os sentidos do poder que opera atualizando-se na forma de mitos e “habitado” pelos espíritos dos antecessores nestes cargos. Ou melhor, pela forma que esses relatos resolvem

---

<sup>109</sup> A série *Mitológicas*, de Claude Lévi-Strauss, é um marco da antropologia contemporânea. Nesta obra, dividida em "O Cru e o Cozido", "Do Mel às Cinzas", "A Origem dos Modos à Mesa" e "O Homem Nu", o autor analisa 813 mitos de diferentes povos indígenas do continente americano. Ao mesmo tempo em que constrói um sistema de categorias que se presta a múltiplas transformações nos mitos, em sua essência, são compreendidos como fenômeno universal da mente humana.

determinados acontecimentos aparentemente “insolúveis”, de uma natureza dissociada, como gostava de dizer Lévi-Strauss - quando entendia que os mitos colocavam em cena contradições sociais básicas em um horizonte de significação de operações imagísticas e de transformação onírica, essas “homologias entre a infra-estrutura e a ideologia”.

Assim, no processo de “fundação” dos mencionado clubes, entre 1901 e 1916, sucedeu-se uma série de acontecimentos envolvendo diretamente atitudes, condutas e representações em cuja dinâmica os dirigentes dos jovens clubes de La Plata são os principais protagonistas.

Tomemos, primeiro, a fundação do *Gimnasia y Esgrima*, tido pelos seus torcedores como o “mais velho clube do futebol argentino”. Todos sabem, porém, que o futebol não aparece como prática na origem da fundação desta agremiação, criada, em realidade, como clube de uma “elite política” local que se estabelecia rapidamente na cidade em torno ao novo aparelho de estado. Assim, o clube está ligado fortemente, nas origens, aos esportes nobres e aristocráticos da época, particularmente, claro, à prática da esgrima. Concretamente, o futebol começa a ser praticado no Gimnasia no final do século XIX, em 1899. Segundo diz a história, era impulsionado, fundamentalmente, por estudantes do Colégio Nacional que integravam o clube. Mas, os ‘gimnasistas’ apareciam divididos. Enquanto alguns sócios queriam praticar jogos ao ar livre, outros entendiam que deviam ser feitos em salas e com aparelhos, relata Bionda na sua *História do Futebol Platense* publicada em 1940. Finalmente, a constante resistência de parte dos sócios mais influentes fez com que esta prática fosse deixada de lado entre os anos de 1904 e 1905, depois que se produziram uma série de alterações durante algumas partidas de futebol. A então Comissão Diretiva do Gimnasia tomou a decisão de suspender esta prática esportiva e “voltar às suas origens”, por ser considerado desviante dos “saudáveis valores do esporte” que o clube defendia<sup>110</sup>:

Em 1905, com a presença de alguns dirigentes “dissidentes” do Gimnasia que desejavam ter como prática o futebol, cria-se o clube Estudantes de La Plata, (integrado por vários estudantes do Colégio Nacional). Entre eles, encontrava-se o major do Exército, Miguel Gutiérrez, que tinha sido presidente do Gimnasia, e que será escolhido para idêntico cargo na primeira reunião em Assembléia por “unanimidad fraternal”<sup>111</sup>.

Como explicita a *Ata de Constituição do Estudantes* de 1905, o futebol é erigido como a centro da prática esportiva e recreativa do jovem clube:

---

<sup>110</sup> *Gimnasia. História de una pasión*. La Plata: Editorial Deportiva Bonaerense y Diario El Dia. 2006. pp. 22.

<sup>111</sup> *Acta de Fundación del Club Estudiantes de La Plata*. Outubro de 1905.



Siendo las 9 pm toma la palabra el Sr. Alfredo Lartigue y expuso: Que entre un grupo de aficionados al juego de football, había surgido la idea de fundar un club atlético para el fomento de ejercicios físicos en esta ciudad, motivo por el cual se encontraban reunidos todos los presentes. Aceptada la idea por los comparecientes a indicación del Sr. David Ramsay se procedió por aclamación al nombramiento de Presidente y Secretario Provisorios, recayendo aquel en los Sres. Moreda y Lartigue, respectivamente. La moción de varios de los comparecientes y previa discusión se resuelve, por unanimidad lo siguiente: Dar por constituido el Club Atlético Estudiantes. (Ata de Fundação do Clube Estudiantes de La Plata, 4 de agosto de 1905).

Na Assembléia da Comissão Diretiva, realizada no dia 28 de fevereiro de 1906, determinam-se as cores vermelha e branca para as camisetas. A proposta surgiu de um dos seus fundadores, o médico Tomas Shedden, que mantinha seu apreço por estas cores desde sua passagem pelo *English High School*<sup>112</sup>, onde estudou. Da mesma escola eram, também, os fundadores do Alumni (fundado em 1901), clube atlético que marca o início do futebol como fenômeno de convocação de massas na Argentina, na primeira década do século XX. Em contrapartida, a primeira camiseta que o Gimnasia utilizou tinha listras verticais azuis-celestes e brancas, já que os fundadores queriam ressaltar que, como diz novamente o mito, “se tratava de um clube da Argentina”. O Estudiantes participa dos torneios superiores a partir de 1907. Em 1911, o Gimnasia, forçado pelo crescimento do futebol em todos os setores sociais, acaba reincorporando-o e ingressa nas competições oficiais.

Se entre os principais motivos apresentados pelos diretores do Gimnasia estava a suspeita, aparentemente justificada por alguns episódios, da violência e das brigas nas partidas, a dinâmica expansiva e popularizante do futebol afastava as regras pacíficas e nobres do clube e o comprometia como espaço de distinção social. Por outro lado, o Estudiantes era, objetivamente, o resultado de uma demanda de abertura que vinha das classes médias em ascensão, com influências em âmbitos estudantis. O que estava acontecendo tinha a ver, sem dúvida, com um processo de identificação etno-clubística. Apesar dos membros fundadores do clube Gimnasia fazerem parte de uma pequena elite estatal nativa, que povoava lentamente a cidade (por exemplo, o Dr. Dardo Rocha, Governador da Província e fundador da cidade

---

<sup>112</sup> Escola de educação básica localizada na cidade de Buenos Aires. Fundada em 1884 pelo professor escocês Alexander Watson Hutton, que é considerado –junto com Santiago Fitz Simon– como o responsável de introduzir a prática regrada do futebol na pedagogia institucional. Em 1893, Watson Hutton fundou também a “*Argentine Association Football League*”.

e do clube Gimnasia durante a década de 1880 e que tinha impulsionado as bases do modelo modernizador do país da qual La Plata era uma das suas máximas expressões), a negativa de dar continuidade à prática do futebol em Gimnasia foi vista - aos olhos dos fundadores do Estudiantes - como sinal de uma resistência conservadora a um processo irrefreável de integração que a futura sociedade industrial devia assumir, organizada pelo Estado Nacional, e que estava representada na idéia de “cidade”.



*Time do Estudiantes de 1910. Os dirigentes se encontravam confundidos com a imagem do time. Até a década de 1930, muitos membros da diretoria do Estudiantes e do Gimnasia seriam, ao mesmo tempo, os principais jogadores do time de futebol. Assim, esta foto, é ao mesmo tempo, a foto do time e da estrutura de direção. (Arquivo do Diário El Dia, La Plata).*

Finalmente, esta demanda pode ser vista como parte de uma exigência civilizatória à qual me referi anteriormente. Uma demanda liderada por um grupo “moderno”, que vê na prática do futebol um campo de possibilidades<sup>113</sup> para a integração e socialização de um setor social –fortemente vinculado com “a idéia” do sistema educativo - que em finais do século XIX já é visto como a pedra fundamental do país que “está por vir”. Assim, o nascimento do Estudiantes surge como uma espécie de “arranjo do universo lógico” da cidade, identificando sua origem e a do clube com a pretendida integração entre Estado e classes populares, e se encaminhou como uma nova referência que identificava seu nascimento com as atitudes excludentes e elitistas do Gimnasia. Admitiremos que os clubes aqui trabalhados são assim corretamente incorporáveis à extensa lista de nomes que Julio Frydenberg dá como descrição de uma gênese histórica entre a prática do futebol e a adoção de valores socialmente significativos para a jovem nação em formação (Frydenberg 2009: 12). Efetivamente, já nesse ato original de dar-se esse nome, Gimnasia y Esgrima La Plata estará associado com uma elite “criolla”, ligada aos significantes aristocráticos, e Estudiantes, com os setores populares integrados à expansão do sistema educativo e à integração.

Como se a utopia popular-integracionista tivesse se concretizado, o jovem clube Estudiantes transformou-se, durante esses primeiros anos - em que Gimnasia está ausente do futebol local - , no “clube popular” e “futebolero”

<sup>113</sup> Sobre o conceito de campo de possibilidades ver Velho (1999).

da cidade. Imaginemos o que significava, naqueles anos, em uma aglomeração urbana como La Plata, com menos de 50 mil habitantes, um evento que reunia uma média de 5 mil espectadores por partida.<sup>114</sup>

Tendo em vista, porém, a primeira parte do relato de origem aqui tratado, e partindo das identificações de classe primárias que surgem no relato de origem de cada clube, se observa um aparente paradoxo: Gimnasia y Esgrima, poucos anos depois, na década de 1920, estará vinculado claramente com a personalidade e o caráter de um “povo irreverente”, e o Estudiantes aparecerá como o clube de “elite”, excludente e dos “que pensam”. Aparente, digo, pois este paradoxo novamente se resolveria facilmente reduzindo o argumento à presença de uma valorização dos “estudantes” (futuros profissionais) como parte de uma elite intelectual dirigente emergente naqueles anos. É possível. Mas é uma meia verdade quando vemos que a história que efetivamente é transmitida, fala de uma origem que está marcada precisamente pela forte resistência dos aristocráticos e “notáveis” membros do Gimnasia, que tinham resistido, poucos anos antes, à incorporação do futebol por considerá-lo “popular” e massivo.

Qual é, então, a estrutura de transformação mitológica? Com efeito, até 1905, a premissa em que se baseia o antagonismo não difere muito das origens de outros clubes antagonísticos da Argentina. *Independiente* “nasce” de um grupo interno em dissidência dentro do *Racing Club* de Avellaneda, *Boca Juniors* um desprendimento do *River Plate* quando este último muda do bairro de La Boca para o de Nuñez, etc. São as dissidências que criam e desafiam o destino. Origem real ou imaginária, efetivamente, as relações sintagmáticas entre os nomes e signos organizam as coordenadas simbólicas necessárias por meio de um litúgio de origem, inaugurando o sistema de pertenças e adesões clubísticas que apontam para sua “compreensão semiológica” (Damo 2005: 65). Todavia, se observamos as relações paradigmáticas dos elementos em jogo entre tradições “criollas” *versus* “inglesas”, entre estatutos geracionais de “nobreza” *versus* jovens estudantes, veremos que outras derivações entram em jogo na memória coletiva (Halbwachs, 2004). Trata-se de uma estrutura normativa em que os relatos de fundação do Estudiantes e do Gimnasia espelham temas que se organizam como estética.

Como foi assinalado por Bourdieu (1989), as características deste debate se nutrem de um “discurso regionalista”, discurso implícito na ordem performática em que “as regiões” são objeto de lutas estilizadas entre sujeitos “especializados” que aspiram ao monopólio da definição legítima da identidade, suas características, simbologias e condições de ação no futuro.

---

<sup>114</sup> *Estudiantes. 100 años*. Buenos Aires: Diario Clarín. p.8.

Mas como existe uma questão que dá materialidade a tudo isto, a disputa se constrói em torno da busca por uma dominação visível e palpável por um território. Como todo território, ele é uma categoria válida de luta, uma vez que é elaborado pelos sujeitos que o pretendem como um espaço social valorado para a ação, o trabalho, o comércio, a política.

Sucedem que em 1914<sup>115</sup>, ano do início da Primeira Guerra Mundial, sucessivos episódios de violência, agora envolvendo, além de jogadores, também simpatizantes, criaram condições para uma nova fissura na unidade da então diretoria do Estudantes. Aos olhos de alguns dos integrantes da CD, presidida pelo advogado Dr. Agustín Gambier (eleito, em 1916, vereador nas primeiras eleições abertas da cidade), gera-se uma divisão em relação aos modos de resolver estas situações. Os grupos antagonísticos estavam liderados por jogadores do time principal, também parte dos dirigentes. De um lado, Ludovico Pastor, apelidado “o sangue azul”, e apoiado pelo médico Alfredo Lartigue, que será eleito presidente em 1915. Do outro, Angel Bottaro e Emilio Fernandez, este último operário dos frigoríficos de Berisso, cidade da periferia, onde também vivia. Bottaro será expulso do clube, e Fernández - junto com outros jogadores - renuncia, em solidariedade a essa “injustiça”. Um ano mais tarde, em 1915, estes jogadores integraram o Gimnasia (Asnaghi 1988: 44). Em defesa de uma suposta “identidade civilizada” do clube, toma-se a resolução de expulsá-los, ao mesmo tempo que são apelidados, durante aqueles acontecimentos, de “tripeiros”, por óbvia alusão ao seu ofício nos frigoríficos. Estranha maneira em que “tomam forma os acontecimentos em que um povo entra na história”<sup>116</sup>.

Como consequência desta decisão, firmou-se entre os dirigentes uma posição mais radicalizada, determinando oficialmente a restrição do direito de se associar àquelas pessoas que não comprovassem sua residência dentro do centro urbano da cidade: “os ‘estudantes’ anunciaram seu firme propósito de não contar, em suas fileiras, mais do que com jogadores da cidade” (Bionda 1940: 46). A maioria dos integrantes da CD considerava que a violência era responsabilidade da ampliação do fanatismo pelo futebol além das fronteiras da cidade, integrando bairros operários e plebeus, como Ensenada, Berisso, Los Hornos, etc. Dir-se-ia que, na resolução deste episódio, o Estudantes, resignado à condição de uma jovem vanguarda burguesa, apenas conseguida “provisoriamente” em 1905, devolve os “incivilizados” - sublevados - para o território simbólico daqueles que tinham sido acusados de aristocratas e

---

<sup>115</sup> Jonh Foot (2007:18) descreve os anos de pré-guerra entre 1911-1914 como o período de maior violência nos estádios durante os começos do futebol italiano.

<sup>116</sup> Palavras textuais do Prof. Carlos Asnaghi (84), conhecido como “o historiador do Gimnasia”, também ex-dirigente do clube nas décadas de 1970 e 1980 (entrevista realizada em 20 de outubro de 2006).

excluintes e antes identificados com o passado a ser superado; precisamente os frigoríficos, lugar onde estava presente o poder material das velhas elites econômicas de fazendeiros que tinham participado da fundação do clube Gimnasia.



*Do lado esquerdo, formando um quadrado perfeito, se observa o “caso urbano” de La Plata. Do lado direito da imagem, as cidades de Berisso e Ensenada, formando parte do Porto de La Plata. Entre ambas o “bosque platense”.*

A cidade de La Plata, serve de palco para uma dramatização quase teatral, semelhante ao “sainete criollo”, gênero teatral vinculado com o grotesco, derivado da combinação da comédia italiana com o teatro popular espanhol, onde se respira uma atmosfera de conflito pela construção social da linguagem, no encontro entre imigrantes e nativos. Lembremos que “sainete criollo” se caracterizava como gênero por refletir os costumes de uma vida nacional nos “conventillos”<sup>117</sup>, agregando aos elementos humorísticos dos desencontros e mal-entendidos semânticos de uma nação jovem, um conflito sentimental centrado na figura da mulher abandonada, e um desenlace trágico entre gerações.

Nesse espaço, a cidade é a mulher do sainete. Como conceito local e específico de um abandono anterior, surge como metáfora mais ampla das virtudes e pecados da nação, e sobre o lugar que os distintos sujeitos “devem ter” como intérpretes multidimensionais dessa grande invenção cultural. Neste marco, os clubes têm como ponto de partida uma história mítica, um tipo de estrutura narrativa que remete a um conflito de origem, por assim dizer, a alguma coisa que “estava mal” no início e que, o surgimento de um e outro termo do conflito - objetivado no futebol - veio tentar sanar. Este conflito de origem é traduzido, na maioria dos relatos da fundação, como uma luta cultural que é alimentada pelo futebol através das suas qualidades intrínsecas, ou seja, sua potencialidade de revelar identidade e, portanto, de

---

<sup>117</sup> Habitações populares de inúmeros quartos semelhantes aos “cortiços” no Brasil.

ser o fio condutor para a configuração imaginária de estilos que podem ser diferenciados e que remetem à sua alma e seu destino. A oposição nativo x estrangeiro será recodificada como a oposição entre “popular” e “de elite”, tendo como termo mediador o *jogo*. O popular e a elite são recodificados na forma da oposição centro-periferia do território em disputa, tendo como termo mediador a *cidade*.

As principais obsessões dos dirigentes daqueles anos, em ambas as associações, eram as de edificar os clubes fisicamente, em especial através da construção de estádios que permitissem dar visibilidade a suas identificações e adquirir jogadores representativos (os dois grandes “capitais” de clube que irão centrando-se na prática do futebol). O pano de fundo da criação do Estudiantes e o da dissidência com Gimnasia estava vinculado a nomes próprios que envolviam, assim, a criação, abertura e controle de espaços de socialização que, sendo físicos, eram também de produção e reprodução de relações sociais e de imaginários coletivos locais. Estudiantes pretendia “ser o clube que concentra a maior quantidade de sócios possíveis, e para isso, era necessário negociar com os donos das terras e com o Estado”<sup>118</sup>.

Cabe, então, observar que a “abdição” dos diretores do clube Estudiantes de 1914 representa uma reviravolta conservadora com dimensões sociais concretas e de práticas identificáveis com relação aos significados da cidade e do território que ela ocupa. Independentemente da transformação “positiva” destes acontecimentos, como parte de uma história mítica comum que deriva em separação, essas “marcas emblemáticas” acompanharão ambos os clubes ao longo da sua história, fazendo com que outros acontecimentos tomem sentidos de ação reconhecíveis para seus protagonistas. Este é um argumento central, já que, contra aqueles que simplificam, como forma ilusória, os recortes e as interpretações com que a sociedade civil constrói seus dados de interesse e referência na *memória social* (Halwachs 1994) é válido afirmar que a “expulsão de 1914” é um marco de compreensão para a sociedade argentina em geral<sup>119</sup>.

Os mitos gostam de incluir o relato de um povo sobre sua criação, sobre o começo de seu mundo e sobre os fatos extraordinários que afetaram seus antepassados para essa criação. Neste caso, é ele que apaga, sistematicamente, a evidência de que alguma vez os nativos foram, também, os estrangeiros. A

---

<sup>118</sup> Palavras textuais do Dr. Suleik Campagnaro (96). Comunicação pessoal do “historiador do Estudiantes” (entrevista realizada a 17 de novembro de 2007).

<sup>119</sup> Ao tratar da memória individual e/ou coletiva, Pollack salienta o aspecto da questão da gestão da memória, ou seja, assinala para o fato que é através da memória que uma sociedade, grupo e/ou indivíduo constroem imagens de si que desejam passar ou impor. Assim o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo. (Pollack, 1989:10)

maior parte dos praticantes e seguidores de Gimnasia era, entretanto, de origem estrangeira, pois a partir da expulsão, seu centro de recrutamento serão os bairros portuários de Berisso e Ensenada, compostos, na sua maioria, por imigrantes vindos de todas as partes do mundo. Não é pouco esse esquecimento da memória destes coletivos já que, assim, se possibilita que a idéia de um povo originário se ancora em outra, não menos importante: certas personalidades estariam mais de acordo com “o verdadeiramente nacional” - visto este como natural - e, portanto, como os únicos capazes de realizar “verdadeiramente” o destino do povo histórico, neste caso, como dirigentes. Os outros, os estrangeiros, são subversivos da ordem das coisas. Mas o paradoxo não pára por aí, porque os do *interior* ficaram *fora*, e os do *exterior*, o fazem *dentro* da cidade. Durante esses anos, foi sendo forjada a estrutura simbólica que servirá de suporte e fundamento aos emblemas e ícones do clube. O povo se “argentiniza” pela fusão com o pampa dos fazendeiros, e os pequenos burgueses se “estrangeirizam” pela inclusão na urbanidade. Esta é a matéria-prima que dá possibilidade ao dirigente de elaborar aquilo que Sorel (s.d.) denominava como “mitos mobilizadores”, exagerações destinadas a organizar a compreensão dos fatos sociais: o “mito político” moderno como representação de “batalhas” que surgem espontaneamente e exercem efeito sobre as massas, uma “fê” que os torna capazes de atos heróicos e de fundar uma nova ética. Foi mediante inversões e calcificações dos episódios fabricados de uma origem mítica que foram declaradas as coordenadas de referência de grupos “verdadeiros”, habilitados para a construção da história identitária dos clubes em termos de “histórias dirigenciais”. E como bem assinala Bruno Latour no seu último ensaio, não existem “os grupos”, senão os processos de “formação de grupos” (Latour 2009: 122).

Ocupada, na sua maioria, por imigrantes, nas pequenas cenas micro-políticas durante os 17 anos de vida dos clubes aqui relatados, a cidade resultou em campo de batalha das elites tradicionais *versus* outras em ascensão, nos anos de criação da Argentina moderna. Gimnasia termina a primeira volta desta espiral etnogênica como clube popular, nativo e inclusivo, identificação que cultivará com a incorporação de políticos oficialistas<sup>120</sup> s distintas Comissões Diretivas durante os anos do primeiro governo popular do radicalismo de Yrigoyen, entre 1916 e 1930 (De Luca 1986: 44, Asnagui 1988: 47). Já o Estudiantes, o clube dos cidadãos, letrado e excludente, fortemente ligado ao Partido Conservador, teve seus anos de glória precisamente durante a restauração conservadora dos anos '30. As

---

<sup>120</sup> Cortezezi, Lindar, Casco, Rivarola, Zerrillo, Seará, todos estes dirigentes “foram presidentes da 3ª e 4ª Seções do Partido Unión Civica Radical durante estes anos” (Comunicação pessoal do historiador Carlos Asnaghi, durante a entrevista realizada em 20 de outubro de 2006).

valorações em jogo são contradições essenciais construídas segundo uma série de coordenadas simbólicas e materiais que “entram e saem” do espaço simbólico e o projetam para a futuro<sup>121</sup>: democráticos e oligárquicos, laicos e católicos, portuários e cêntricos, imigrantes e autóctones, centro e periferia, força e inteligência, ressoam entre si através de práticas historicamente constituídas nos espaços de condução.

Era, em suma, um antagonismo que anunciava aquilo que a sociedade estava gestando: o desencanto da integração cultural prometida das classes médias e populares de um lado, e o refúgio de ambos nas identidades mais tradicionais (Svampa 2006). Uma luta pela definição de suas respectivas coordenadas culturais em que re-aparecem claramente os grandes temas da época: cosmopolitismos, nacionalismos, integristas, etc. E onde imigrantes, nativos, intelectuais, burgueses, operários e aristocratas serão os protagonistas imaginados que disputam estes valores em um *sainete* local.

### 2.3. Algumas atitudes, condutas e marcas de referência

Como tentei apontar junto com Marcus, no primeiro ponto deste capítulo, existem, em todo grupo em formação, relatos que criam uma espécie de dinastia imaginada, edificada e fundamentada através da institucionalização de acontecimentos futebolísticos cujas contingências são os objetos de decisão dirigençial. Uma sucessão de certos acontecimentos aparece subentendida como o verdadeiro “marcador”, pesando sobre as práticas dos ocasionais condutores do clube. Sugerem relações possíveis entre situações de estabilidade, agência individual, crise e contextos de mudança; termos esses que servem para pensar instâncias de continuidade e ruptura de uma história virtual das instituições.

Os relatos aqui tratados têm sido transfigurados e ressignificados nos discursos dos dirigentes entrevistados. Servem, contudo, à elaboração de referências dirigençiais ou “marcas de comportamento”, baseadas em um determinado *caráter* que diferenciaria hipoteticamente cada clube, “essencialmente”. Em síntese, criam as condições para corporificar na dirigençia “relatos sobre os fatos projetados em metáforas sobre os princípios” que operam em direção a uma determinada sensibilidade legal que contextualiza a cultura (Geertz 1994: 242).

Parece claro, neste sentido, que a identidade dirigençial do Gimnasia encontrava no “lítigio de origem” fundamentos endógenos, uma vez que

---

<sup>121</sup> Bromberger, faz uma interessante referência à localização dos filhos de imigrantes árabes na cabeceira norte do estádio do *Olympique* de Marseille. Precisamente porque eles fariam uma meta-referência à região Norte da cidade, onde geralmente vivem.



colava as respostas de poder a emoções populares de demanda. Assim, do ponto de vista do imaginário político da época, tanto setores populares como as velhas oligarquias estavam fortemente condicionadas a papéis periféricos, como resultado de um processo de expulsão que tinha como destinatários desta mensagem, precisamente, a ao “emergentes do ‘progresso’, à pequena burguesia profissional” (Svampa 147-171). Do outro lado, esse relato iniciático em que o Estudantes terminaria identificado com as camadas médias e intelectuais burguesas e urbanas, implicava necessariamente na apropriação dos universos de um gosto moderno pelo que é “culto”. O que acontecerá na série de episódios que relatarei a seguir se conecta diretamente com as condutas dirigenciais.

Neste sentido, me permito divergir uma vez mais daqueles que vêm nas marcas da identidade futebolística, os “estilos” - especialmente nacionais e clubísticos - um tipo de “ilusão” sem substrato no mundo “real”. Recorro novamente a Damo, quando afirma que “os tipos puros são usados conceitualmente para caracterizar a política de gestão desta formação, entendendo-se a política como o uso estratégico do dispositivo” (2005: 218). Efetivamente, em ambos os lados deste muro cultural em que emerge a rivalidade, os clubes atualizam, através destes enunciados, um coletivo social que “lhes é próprio”, que “lhes pertence”: o que poderíamos chamar de *modelo imaginado de produção e territorialização dos atores em disputa*. Tanto dos torcedores, dos sócios, como dos *players*, porque, em última instância, ele cruza originalmente, os modelos de formação e produção de jogadores, elaborados por Damo para explicar aspectos centrais da relação entre clubismos e mercadoria hoje: endógeno, exógeno e híbrido (Damo 2005: 174-192).

Como vimos nos “litígios...”, existe, efetivamente, um tipo de história amputada através de mecanismos de *antropoemia* narrativos, típicos das organizações sociais separatistas nos termos de construção de identidade. Mas o fundamento original destes comportamentos é também um exercício antropofágico de uma espécie de “memória institucional”, que constrói os termos de acesso ao presente como um “trabalho sobre o tempo” passado. Tal como explicou Halwachs (1994) tanto a *memória social*, associada com as formas instituídas de contar o passado, como a *memória coletiva*, vinculada com a vida cotidiana e sensível, tem sempre um “caráter social” subjacente, um *quadro social* que estrutura, através de lembranças operativas, o presente;

Qualquer lembrança, ainda que seja muito pessoal, existe em relação com um conjunto de noções que nos dominam mais que outras, com pessoas, grupos, lugares, datas, palavras e formas de linguagem, inclusive com razoamentos e idéias, quer dizer, com a vida material e moral das sociedades das que temos formado parte. (Halwachs 1994:34).



Maria Cánepa<sup>123</sup> em 1947. O primeiro, visto como pioneiro em “apresentar novos sistemas de condução social e esportivos bastante revolucionários no futebol argentino, onde tantas vezes veleidades pseudo-empresárias dificultaram o crescimento das próprias estruturas...”<sup>124</sup>. O segundo, como um “verdadeiro democrata e formador de sucessores para a condução do clube”<sup>125</sup>. E assim aparece sintetizado este “reencontro” protagonizado por Canepa a partir das “atividades culturais”:

(...) se distinguió por una especial dedicación a las actividades culturales y una valiente actitud ante los procesos que tendían a diluir la hegemonía institucional. (...) Conferencias, conciertos, exposiciones, presencias inolvidables que continuamente mantuvieron latente el esfuerzo de Estudiantes por brindar un círculo amplio para el desarrollo de la cultura, sin espíritu de ‘elite’, abierto a todos (...) <sup>126</sup>

Trata-se de um relato, que no final a década de 1960, revisita o passado conservador e excludente e o transforma no início de um reencontro com uma “escola”, e com a centralidade do futebol como prática depois de um período “conservador”, onde a ênfase tinha estado com os esportes mais restritivos como o tênis, a natação, entre outros. Uma “escola” em busca de uma “*hegemonia*” que encontrará a oportunidade histórica de criar um novo ponto de inflexão - como atualização - para a narrativa dirigencial durante os episódios de crise institucional –e intervenção- do ano de 1952.

Trata-se de um acontecimento que, como descreve Gustavo Rodriguez (2006), um dos poucos historiadores que trabalharam com profundidade os episódios desse ano no clube Estudiantes, representa o desenlace de um processo de identificação histórica com os valores pequenos burgueses, associados com a busca da “civilidade” no contexto do segundo governo peronista, visto como antidemocrático pelas camadas médias. Naquele ano, “A razão da minha vida”, o polêmico livro escrito por Eva Perón, e publicado pouco antes da sua morte, devia ser comprado e distribuído pelas entidades sociais e públicas entre seus sócios e simpatizantes. Mas os três mil exemplares entregues ao clube Estudiantes ficaram guardados em um porão da *Sede Social* (apesar de terem sido comprados pelo clube). Trata-se de um evento que na “memória dirigencial” é narrado como “organizado” e “premeditado” pelo então governo peronista contra uma instituição que representava a oposição da classe média da cidade a um governo

---

<sup>123</sup> Secretário Geral de Justiça e Instrução Pública da Província de Bs As. Posteriormente decano da Faculdade de Direito da UNLP.

<sup>124</sup> <sup>124</sup> Revista *Estudiantes de La Plata*. La Plata. 1969. p. 72.

<sup>125</sup> *Idem*. pp. 73.

<sup>126</sup> *Estudiantes de La Plata*. La Plata: CELP. Outubro de 1969. pp. 33-35.

“estigmatizado” sob o signo de “autoritário” por ela.<sup>127</sup>

Durante alguns dias, os principais dirigentes do Estudiantes permaneceram presos, acusados de uma ofensa grave à liderança de Evita e Perón. Este episódio estabeleceu, assim, precedentes objetivos para a elaboração de um discurso que se permitia discutir com o imaginário político da época. Mas o fato de maior significância foi que a cidade foi entendida como um campo de ação concreto hegemônico e exemplar. A Confederação Geral de Trabalhadores, controlada pelo peronismo, convoca uma imensa manifestação popular na *Plaza San Martin*. O clube sofre a intervenção do governo federal, inscrevendo-se como território de disputa cultural através de uma moral política cívica expressa em um clube de futebol. Será excepcional ver o decorrer de acontecimentos que vincula, tão claramente, a identidade política de um clube com uma ideologia partidária que até então tinha “pertencido ao Gimnasia”<sup>128</sup> (neste caso, a União Cívica Radical, como em 1952). No Estudiantes, o resultado da intervenção será o desmantelamento do time principal e a venda dos jogadores mais importantes em troca do pagamento de dívidas que o clube tinha com estes. *Futbolistas Argentinos Agremiados*, o sindicato de jogadores criado a partir da greve de 1948, apóia vigorosamente este conflito do ponto de vista de uma luta sindical caracterizada pelos protagonistas como de “reivindicação nacional” (Rodríguez 2006: 45-48).

No campo futebolístico, o resultado foi um humilhante rebaixamento do time no ano de 1953, depois da venda de seus jogadores mais importantes. Um ano após, o advogado Caro Betelú, Juiz da Suprema Corte de Justiça da Província de Buenos Aires e homem próximo ao governo, assume por eleição e declara “ser a ponte entre uma anormalidade e uma normalidade futura”<sup>129</sup>. Do outro lado, em silêncio, o Gimnasia, clube que tinha sido comandado por altos dirigentes da UCR, durante as décadas de 1920 e 1930, era espaço institucional de “cegada” da identidade “popular” peronista. Durante o governo peronista, numerosos sindicalistas e funcionários políticos de estado se integraram à sua Comissão Diretiva. Um juiz federal, o Dr. Carlos Insúa será o presidente do Gimnasia desde 1948 até 1955, quando renuncia ao cargo como protesto público “às pressões vindas do *cup d’etat* de 1955 para expulsar alguns integrantes da comissão”.<sup>130</sup>

---

<sup>127</sup> Em 1925, o clube Barcelona vive um fato de caráter político que se assemelha com o aqui descrito no Estudiantes. Em uma reação contra a ditadura de Primo de Rivera, a torcida vaiou o hino da Espanha. Como represália, o clube foi fechado por seis meses, enquanto o presidente Gamper foi forçado a renunciar à presidência.

<sup>128</sup> Prof. Carlos Asnaghi (entrevista realizada em 20 de outubro de 2006).

<sup>129</sup> Revista *Estudiantes de La Plata*. La Plata. 1969. p. 35.

<sup>130</sup> Palavras textuais do Prof. Carlos Asnaghi (entrevista realizada em 10 de junho de 2008).

Mas será no ano de 1962 que se produzirá um acontecimento singular no Gimnasia, qualificado na memória coletiva dos simpatizantes como “trágico”. O protagonista desta história será o então Presidente do clube, o advogado peronista Dr. Laureano Duran, considerado pela história oficial do clube como um dos seus mais importantes e representativos dirigentes. Durán tinha chegado à presidência por eleições diretas, no ano de 1961, obtendo 84 % dos 2013 votos sufragados (36% do padrão). Para o “historiador do Gimnasia”, Carlos Asnaghi, a “excelente performance eleitoral de Durán estava vinculada diretamente com três elementos presentes: o reconhecimento local como advogado de sindicatos, sua conhecida militância peronista, e o fato do peronismo estar proibido de participar na vida política”.<sup>131</sup> Logo depois de inscrito no Campeonato Argentino de Série A de 1962, o time do Gimnasia era considerado por muitos como forte candidato a ser o primeiro “time pequeno” a se tornar campeão argentino. Vale lembrar que aquela equipe é considerada como um dos melhores times que já vestiu as cores do Gimnasia na era profissional. Precisamente durante aquele fatídico campeonato, o Gimnasia, cujo estádio se encontrava, desde 1929, localizado nos terrenos do “*Paseo del Bosque de la La Plata*”, adquire o apelido de “*lobo*” como identificação territorial com um espaço “externo à cidade”, ou pelo menos, liminar. Sua forma de jogar - fundamentalmente baseada na velocidade, na “massividade” do jogo de ataque quando o rival mostrava uma distração ou ponto fraco - identificou o clube, emblematicamente, com aquele animal do deserto; mas também com um território indefinido, naquela periferia crescente de La Plata, também parte do fenômeno migratório entre o campo e a cidade durante o peronismo.

Uma personalidade emblemática, que misturava agressividade, surpresa, inventiva, gregarismo e resistência ao cansaço. O *totem* tomava, definitivamente, em 1962, sua forma animal. Haverá assim uma identificação entre tática de jogo, personalidade idealizada dos jogadores, emotividade popular e a forma de atuar da Comissão Diretiva, uma vez que entra em conflito com os protagonistas deste substrato simbólico, atualizando a frontalidade frente as injustiças. Populismo?

O certo é que, neste episódio, a CD do clube decide, poucas partidas antes da finalização do campeonato de primeira divisão, punir com suspensão as três principais figuras do time - , que se encontrava em primeiro lugar na tabela - por terem exigido o pagamento dos salários atrasados. Obviamente, o resultado desta decisão não foi apenas o questionamento corporativo dos jogadores mas também a renúncia antecipada do seu técnico, Pedernera. Paradoxalmente, Durán, advogado sindical, encabeça o castigo aos rebeldes.

---

<sup>131</sup> Palavras textuais do Prof. Carlos Asnaghi (entrevista realizada em 10 de junho de 2008).

Oficialmente se declara:

Después de analizar exhaustivamente la actuación del primer equipo en el partido del domingo próximo pasado en Villa Crespo, el comando ha dispuesto suspender a Eliseo Prado y Oscar Gómez Sánchez por el termino de treinta días, por la falta de voluntad y empeño en el encuentro con Atlanta, y por igual lapso a Walter Davone a raíz de haber perjudicado la chance del conjunto por su incorrecto comportamiento durante el cotejo.<sup>132</sup>

Os dirigentes do clube construirão um discurso baseado em uma condenação moral sobre os valores cavalheirescos e fidalgos que deveriam ter os jogadores que “defendem as cores do Gimnasia”<sup>133</sup>. A proeminência da autoridade institucional é colocada acima de qualquer ideologia pessoal, buscando o consenso na massa. O elemento paradoxal na identificação de um universo aristocrático e honorável da dirigência entra em ressonância com o de um povo que guarda fidelidade unicamente aos “sentimentos puros e ao coração profundo”.

Na verdade, a ambigüidade é aparente. Como bem mostrou Gramsci quando falava da existência de um campo de valores aristocráticos presentes nas práticas cotidianas das classes populares italianas, especialmente as do sul, as oposições não são analiticamente explicáveis, mas politicamente compreensíveis, uma vez que são contextualizadas no simbolismo das lutas hegemônicas. Daí que, para ele, os valores que permitiriam ao ‘povo’ atualizar-se em classe capaz de transformar a sociedade, tinham a ver com a necessidade de assumir como próprios os valores burgueses e afastar-se de outros que o ancoravam no passado e impediam sua liberação cultural. A interpretação destas identificações significa reconhecer as “impurezas” como um necessário preço a pagar por sua construção. Neste episódio, Durán e a maioria da CD consideravam que havia uma traição dos “estrangeiros” – dos três castigados, dois eram uruguaios - os quais não tinham se identificado com o interesse coletivo privilegiando - os econômicos - em detrimento dos esportivos. Em todo caso, nenhum deles era formado no clube. Assim, remetia-se todo o assunto ao litígio de origem que estava no passado, atualizando, no exercício de debate, as coordenadas que vinculam o Gimnasia com um “argentinidade profunda”.

---

<sup>132</sup> Extraído de *Gimnasia. História de uma Pação*. La Plata: Diário El Día. 2006. p. 54.

<sup>133</sup> Casualmente, dois dos três jogadores eram estrangeiros (uruguaio e peruano).

O “tanque”  
Rojas (de gravata),  
Hector Antonio, Lejona  
e o técnico uruguaio  
Viola conversam durante  
aquele controvertido  
torneio. (Gimnasia.  
Historia de uma paixão.  
2006, pág. 57.



O **Arq. González**, quem foi um dos dirigentes com maior visibilidade pública do Gimnasia até 2007, me recebeu no escritório da empresa de construção da sua propriedade. Vestido com roupas informais, tal como exige a profissão de um “homem que está na rua” como ele define sua atividade, sintetiza - quase meio século depois - o que significa esta marca, em termos de uma “tradição” do intempestivo, da ruptura e do renascimento:

Acá en Gimnasia siempre pasan cosas raras. No se, es algo que es difícil de explicar. Me parece que se toman decisiones con el corazón, con el sentimiento. Como en el '62, cuando hubo un presidente que no quiso poner la primera porque no habían querido arreglar los premios los jugadores, porque no quiso aceptar un desplante, la falta de códigos de conducta entre caballeros, y entonces, qué pasó, que perdimos el campeonato jugando con los pibes. Bueno, pero así son las cosas siempre en Gimnasia; después de que el hincha se enfría, putea contra todo y todos, sufre, entonces vuelve, siempre vuelve, como dice el tango. Por eso, a mi no me preocupa la situación en la que estamos, porque Gimnasia renace siempre de sus cenizas, nunca muere, y vuelve Mas fuerte, como el Ave Fénix. (**Arquiteto González, 51 años**)

A *bad luck culture* tende a atribuir suas próprias falhas em momentos cruciais à falta de “serenidade ou a fatores externos” (Lechner 2007: 223). É justamente isso o que ocorre, porque possibilita o bricolage futebolístico iniciado em 1905, - quando a dirigência do Gimnasia desiste de praticar o futebol por considerá-lo “indigno” de ser um esporte “nobre”- para que, anos depois, seja “recuperado” por esse mesmo clube, em 1914, como um “signo” de que aquela expulsão passada, frente a uma nova injustiça - nas mãos dos “burgueses e estudantes”- faria o primeiro ato deste drama definitivamente irreparável. A polifonia entrópica da qual parece sentir-se feita a identidade

“gimnasística” – racionalizada no nível dirigencial, inclusive - é uma “apaixonamento” de *grau zero* que lhe permite sempre renascer “*como a ave Fênix*”: uma mistura *sui-generis* do mito trágico do herói com os contos populares otimistas de “explorações espirituais e inconscientes”, tal como dizia Bettelheim (1986). Neste conto, o “usurpador” consegue, apenas durante algum tempo, arrebatado o lugar que legitimamente corresponde a um herói coletivo em desgraça. “*Essas coisas esquisitas que acontecem em Gimnasia...*”, uma frase incorporada como “identidade da exceção” e de uma idiossincrasia da delícia renascentista das emoções “verdadeiras”. Não existe a morte em forma absoluta aqui, e com Bachtin, o dirigente do Gimnasia pensa que “todos os sentidos terão sua festa de ressurreição”.

Assim, as permanentes divisões, lutas internas, acusações e conspirações que caracterizam o mundo dirigencial de Gimnasia dos últimos anos, são percebidas como uma dimensão entrópica necessária, uma viagem ao inconsciente do mundo verdadeiro do “ser gimnástico”; uma mostra a mais de autenticidade, associada com a tendência à horizontalidade de um poder vertical, ou seja, que não distingue claramente entre torcedor e dirigente, mas apenas entre o bem e o mal. Não quer dizer que não exista tal diferença de classe objetiva e que os atores –torcedores, sócios e dirigentes- se achem ingenuamente formando parte de uma sociedade de iguais no âmbito da vida institucional, mas que essas diferenças se dissolvem nas práticas quando se trata dos emblemas criados para as identificações, mostrando uma unidade simbólica e indestrutível “do ser frente à paixão”. As práticas são também aparências e as aparências não são ilusão, mas aquilo que é realmente “visível”.

Muito diferente parece ser a auto-imagem que os dirigentes do Estudantes tem de si como “peça de uma máquina institucional” desde finais da década de 1960<sup>134</sup>. Ela se reafirma e atualiza miticamente em “uma história de êxitos futebolísticos”, numa necessidade, e a ânsia de protagonismo se apresentam como “um motor” que os obriga a tomar suas decisões com responsabilidade com esse passado “de glória inovadora” a que remete o mito de origem de 1905. Assim, os êxitos futebolísticos são vistos formando uma sequência de acontecimentos onde primam a racionalidade e a capacidade de servir-se do passado para construir, no presente, uma “*conduta dirigencial à altura do Estudantes*”, como esforçou-se em reiterar, em uma e outra entrevista um dos principais dirigentes com quem tratei, o **Esc. Olivera**.

Esta visão é associada, na prática, à existência de uma “escola”, com uma pedagogia instalada “historicamente no clube” (**Enc. Richetti**). Este fato nos remete à menção feita à fundação da cidade, onde um dos seus eixos

---

<sup>134</sup> 134 Revista *Estudiantes de La Plata*. La Plata. 1969. p. 78.



centrais era a *Direção Geral de Escolas* e, posteriormente, a Universidade, como foco de um grande projeto educador da província, num modelo de projeção nacional. Sob este ponto de vista, esta parece ser um tipo de associação metonímica e sintagmática entre os paradigmas culturais que dão nome ao clube e os que definem a jovem nação.

O chamado “krausismo”, modelo político-pedagógico-institucional cujo fundador foi um filósofo alemão menor chamado Otto Krause, foi trazido à Argentina pelos imigrantes e exilados espanhóis em finais do século XIX. Ele foi de grande influência durante o período de expansão do estado moderno argentino, especialmente através de associações intermédias como clube e mutuias, e sua doutrina utópico-filosófica teve eco também na formalização de instituições educativas, especialmente em La Plata (Biagini 1995). Em virtude de suas características “institucionalistas” no mito de origem, influenciou fortemente o processo de criação de organizações e clubes na sociedade civil, servindo de referência à ordem moral e ética dos grupos de dirigentes que nelas atuaram (“o bem moral independente das ações”, uma das máximas da sua “religiosidade secular”).

Trata-se da presença de um pragmatismo com fundamento quase religioso que tem uma história concreta em personagens e dirigentes de futebol contemporâneos.

Novamente recorro ao **Esc. Olivera**, que se transformou em “modelo” do dirigente “democrático e deliberativo” durante sua presidência, e explicita isto que se mostra como uma herança. Assim, estes êxitos são vistos formando uma sequência de acontecimentos na qual prima a racionalidade e a capacidade de servir-se do passado para construir, no presente, uma “*conduta dirigencial à altura do Estudiantes*”, como esforçou-se em reiterar em uma e outra entrevista um dos principais dirigentes com quem tratei, o **Esc. Olivera**. Impecavelmente vestido, de terno escuro e gravata vermelha, ele fazia questão de receber-me no seu escritório profissional ou em seu amplo apartamento da rua 8, no centro da cidade. Afável, cuidava dos detalhes de cada visita e dedicava-me o tempo que eu achasse necessário.

Nuestro gran maestro fue José María Prado, un español íntegro, un hombre excepcional, de los que hay pocos hoy en día. El nos enseñó todo sobre lo que significa ser un dirigente de una entidad civil, a mí y a otros tantos en esta ciudad. Nos enseñó para qué está un dirigente, como debe actuar, especialmente esto último. Como debe actuar, siempre con la verdad y la razón, escuchando, pensando. Porque uno está para servir, y se debe a ese servicio. No por ser bueno, o para que te reconozcan tus vecinos, sino para hacer un camino a otros que vienen después, sembrar una idea y crear un espacio,

como un club, para que las personas se reúnan y hagan mejor sus vidas. Para que puedan organizarse y exigir sus derechos. Así, aunque uno no lo vea, o aunque se decida en contra de la propia opinión, al final, después de un tiempo, el mundo se ordena. Porque eso es lo que yo aprendí de un club, que es un lugar en que uno se organiza, pide las cosas que le falta, pero como corresponde. No protestando, no cortando una calle para que venga la televisión... (Esc.Oliveira)

A gênese dessa identificação não é circular, mas pendular, e consiste em um movimento em que a história social, política e cultural local faz às vezes de uma força de gravidade irredutível. O **Esc. Oliveira** atualiza uma visão de conduta dirigencial do Estudiantes, aplicando-a à interpretação da Argentina dos últimos anos, onde bloquear ruas tem se transformado em uma das formas de protesto social mais difundida no país. Não no sentido de que atitudes e condutas assumidas pelos dirigentes, protagonistas - ou intérpretes - de determinados acontecimentos, sejam simplesmente o reflexo dessa “gravidade” da história, mas, ao contrário, porque as condições em que esta última coloca seus protagonistas constituem o pano de fundo que define o campo de possibilidades das suas ações, decisões e motivações no presente.

Neste sentido, o período que vai de 1967 a 1971 é considerado como o de maior êxito futebolístico do Estudiantes no profissionalismo. Tal como acontece com o Gimnasia em 1962, a década de '60 é marcada por uma estabilidade nunca vista, conforme a opinião dos dirigentes no comando da instituição<sup>135</sup>. O futebol de força, científico, e notavelmente agressivo fisicamente, com características tático-estratégicas do Estudiantes de La Plata de finais dos anos '60, mereceu um capítulo na reflexão de Alabarces (2002). Em um contexto político marcado pela instabilidade das instituições democráticas no país, as “batalhas” protagonizadas pelo Estudiantes nas quatro finais sucessivas da Taça Libertadores (1968, 1969, 1970 e 1971) e, sobretudo, a conquista da Taça Intercontinental frente ao *Manchester United*, jogando em Old Trafford, o converteram em uma verdadeira “causa nacional”. Estudiantes transformará esta própria performance em um épico nacional, vingando sua identidade da vergonhosa eliminação da Argentina na copa de '66 na Inglaterra.

---

<sup>135</sup> Neste período, o Estudiantes passa de 14 mil a 90 mil associados (*Diário El Dia*. 10 de Dezembro de 1970. La Plata.), cifra pouco comum para um clube daquela época. O contexto deste acontecimento está marcado pela já mencionada tendência da década de 1960, na qual os clubes passam a serem pensados como possíveis empresas. Durante aqueles anos, um dos interventores da AFA, Armando Ramos Ruiz, propõe, cruamente, a eliminação dos times denominados “chicos” que não tenham número suficiente de torcedores para “suportar as necessidade de recaudação” (Rodríguez 2007: 35).

Em uma clara atualização do acontecido em 1952, em 1970, o time do Estudiantes protagoniza um episódio interpretado na narrativa dirigencial como castigo do poder estatal por “*ter sido o primeiro time pequeno a vencer os grandes do futebol argentino*” (Esc. Oliveira). Durante a terceira final consecutiva da Taça Intercontinental contra o Milan em 1970 (Estudiantes tinha perdido de 3 a 1 na Itália, no jogo de ida), se produz uma verdadeira “batalha” no campo de jogo<sup>136</sup> que tem como protagonistas os jogadores do Estudiantes. Vários atletas do Milan são levados ensanguentados, com cortes no rosto e algumas costelas quebradas. O governo militar do General Onganía tinha decretado a Lei do Esporte, que tentava reprimir a violência nos estádios de futebol, e incluía entre os “violentos” os jogadores dos times. Em resumo, vários jogadores do Estudiantes permaneceram presos durante um mês<sup>137</sup>. Não se trata, aqui, da “clássica” violência das torcidas, mas daquela atualizada pelo time principal do clube, que transformará sua própria performance em um épico, apropriado para atualizar a idéia de uma pedagogia coletiva do futebol associada com um “espírito institucionalista”, castigado pelas “dictaduras” (antes Perón, agora Onganía).

Naqueles anos, seu presidente, era o Sr. Mariano Mangano, um empresário da construção, que conservou-se no cargo durante dez anos até seu “inesperado” suicídio em 1971. O Sr. Orsini, parte da CD naqueles anos, interpreta assim este acontecimento:

Lo que pasa es que nosotros somos un club de tradición democrática, y estaba la dictadura de Onganía. Ya nos habia pasado en el '52. AdeMas, Estudiantes era un equipo chico, que no tenia lugar en el negocio de los medios. Mangano lo había puesto a otro nivel junto con el técnico Zubeldia. Ellos habían inventado un nuevo fútbol, algo que tenia que ver con lo que se venia haciendo con Ignomiriello, como 20 años antes.

Instigante resposta que ignora o que realmente representa a elevação de Mangano como “dirigente modelo” e de outros empresários afastados do status dirigencial tradicionalmente associado com as profissões liberais, que dominavam a dirigência do Estudiantes até 1960. A pregnância futebolística alcança um ponto de inflexão atravessando a vida pessoal deste Mangano quando de seu suicídio, em 1971.

Na ocasião da morte de Mangano, *El Dia* mostra-se cauteloso:

El dirigente desaparecido llegó inclusive a descuidar sus

---

<sup>136</sup> A partida se realizou no Estádio de Boca Juniors.

<sup>137</sup> Alabarces vê o conjunto de recepções midiáticas desse acontecimento como a convocatória de uma sociedade a proferir enunciados sobre o presente político que anunciaria a violência política da década de 1970.

intereses particulares por los asuntos y problemas del club, y su conformación empresaria lo impulsó a obras de envergadura, tales como el Country Club, y el Palacio de Deportes en vías de concretarse [...]"<sup>138</sup>

Deberia ser natural y necesaria de quienes tienen Mas y pueden dar una mano para que toda la sociedad, ente caso la futbolística, esté en armonía... para que el crecimiento del club no se detenga resulta indispensable que los gestos de grandeza se repitan, algo que em Estudiantes es una manera de ser desde Mariano Mangano.<sup>139</sup>

O suicídio produz uma ruptura com aquilo que era interpretado como a demonstração das virtudes de uma “racionalidade da eficácia” do mundo empresário e reinveste este ato em uma renúncia associada com a honorabilidade pessoal e com uma pedagogia da sociedade integrada; especialmente de parte do poderoso jornal *El Dia de La Plata*, de propriedade da família Klaiselburg, que se encarregava sistematicamente de enfatizar a “debilidade mostrada pela dirigência do Gimnasia” para comandar com “artimanhas políticas” o time durante o campeonato de 1962. O episódio de 1962 será um ponto de inflexão que forçará o clube-instituição Gimnasia a entrar em uma etapa de reivindicação das vantagens da condução empresarial. Tal como aconteceu no clube Estudiantes, com Mangano, a figuração mítica de uma liderança “moderna” será um contrabalanço entre o reconhecimento de grandes obras, como a compra dos imensos terrenos para a construção do Centro de Treinamento do Abasto de “Estância Chica”, em 1971, e a construção do moderno estádio de basquetebol no centro da cidade em 1977. Simbolizadas estas virtudes em Domingo Venturino, empresário local associado com o negócio do lixo na cidade, um novo fracasso, em 1970, e o posterior rebaixamento, em 1979, serão avaliados como resultado de um excesso de protagonismo e autoritarismo deste personagem.

O suicídio de Mangano, carregado de significâncias políticas para os dirigentes, sobre os perigos dos “excessos mercantis” e “decisionistas” do empresário, transformou-se, objetivamente, na recuperação do poder por parte do grupo dos “azuis”, “*profissionais históricos da cidade que se reuniam a conspirar no bar de 48*” (Cdr. Richetti), durante a Assembléia Geral de 1972 que destituiu o advogado Mario Martinez, vice-presidente em exercício depois da morte de Mangano.

Em uma trajetória inversa, do ponto de vista da oposição entre associativismo vs. lógica de empresa, no Estudiantes, depois da morte do

---

<sup>138</sup> *Diário El Dia*. 11 de diciembre de 1970. La Plata.

<sup>139</sup> *Diário Clarín*. Buenos Aires, 8 de agosto de 2009.

presidente Mangano, uma assembléia destituente chamará eleições com o propósito de recuperar “o espírito democrático” de figuras como Osácar – outro empresário - e elevará a consideração dos sócios influentes, jovens profissionais, como Ercoli, Correbo e outros, identificados por seu caráter mais democrático e negociador. E 1979, logo depois da saída de Venturino do Gimnasia, com a chegada de Sánchez, se observa uma tendência a recuperar uma visão coletiva da ação dirigencial que culminará com uma ampla *lista* de consenso, a qual terá como presidente Héctor Delmar. Em 1983, ano da recuperação democrática na Argentina, novamente a equipe do Gimnasia conseguirá subir e permanecer até hoje na primeira divisão,

Nestes episódios, a ideologia toma a forma de uma batalha simbólica na dimensão futebolística e se inscreve de forma etnogênica, no nível dos supostos “estilos de jogo” baseados nos respectivos mitos de origem. A partir da década de '60, se consolidarão estas identidades no âmbito futebolístico de ambos os clubes. O Gimnasia, claramente, re-assume uma condição nativa, marcada por qualidades como a ousadia, a irreverência e a busca da inventividade, enquanto o Estudiantes ficará do lado da mecânica, da eficácia e da racionalidade de origem européia. Tanto a eleição de técnicos e jogadores como a definição – ao menos formal- de estratégias de longo prazo sobre a formação privilegiada de determinados “tipos” de jogadores nas categorias de base, se transformam, ao longo dos anos, em marcas corporais de conceitos futebolísticos dificilmente modificáveis pela simples decisão de um dirigente em qualquer um dos clubes. Inclusive a destituição de Martínez foi vista não como recuperação da ordem deliberativa que Mangano tinha esquecido, mas como “*a necessidade de retomar o caminho da formação de jogadores do clube, que sintam o clube e renovar um time integrado por jogadores que cobravam salários impossíveis para um clube como Estudiantes. Porque eles deviam saber que Estudiantes não podia pagar essas cifras...*” (Cdr. Richetti).

Existe certamente uma espécie de “vaso comunicante” entre as identificações construídas pelo torcedor sobre o “caráter” futebolístico do time e aquelas que, em princípio, “pertencem” à conduta dirigencial idealizada. No caso do Gimnasia, este vínculo tem se construído a partir da idéia de “acontecimentos excepcionais”. No caso do Estudiantes, por meio de uma “linha de conduta”. Os mencionados acontecimentos, frente aos quais a dirigência atua, tomando decisões intempestivas e passionais com relação ao futebol que, apesar de serem consideradas “negativas”, confirmam o destino histórico de autenticidade do clube. Segundo esta interpretação coletiva, estas decisões teriam levado o Gimnasia a fracassos futebolísticos como os de 1962 e 1970, quando atitudes dirigenciais são vistas como a reafirmação de uma identidade própria. Por um lado, concebendo o fracasso como um destino trágico, como um círculo infernal do qual não consegue sair, em parte porque

a dirigência não consegue cumprir seu papel de racionalidade corretamente. Por outro lado, se auto-afirmando na idéia de possuir uma virtude moral concreta e valiosa: não mudar a autenticidade como “a forma de ser”, apesar das circunstâncias exigirem flexibilidade dos conceitos morais presentes. Assim se apresenta, ao mesmo tempo, o caráter impulsivo como constitutivo do clube, dos emblemas futebolísticos e da instituição, incluindo, obviamente, as trajetórias dos dirigentes.

Numa das poucas ocasiões em que tive a oportunidade de presenciar uma reunião importante entre os diretores, no escritório do presidente do Gimnasia y Esgrima, observei o significativo grau de informalidade e jocosidade que mostravam os cinco dirigentes presentes, para enfrentar os problemas na resolução de renovações e novos contratos com os atletas. Um dos jogadores entrou pela porta enquanto eu conversava com os dirigentes. Apesar de ter quase trinta e três anos de idade e existir uma oferta concreta do Chile que podia “salvá-lo” economicamente, o jogador – surgido futebolisticamente no clube e referência no time -, ainda quando estava sendo rejeitado pela torcida, manifestou sua intenção de permanecer no clube “*para pelearla, no me importa cómo*”, sendo que o time principal corria o sério risco de cair na segunda divisão. Em poucos segundos, depois de alguns gestos e olhares trocados entre o presidente e o vice, acordou-se a renovação imediata do contrato do jogador, na minha presença. Um deles disparou uma frase que provocou certo constrangimento em todos os presentes: “*Bom, como bom capitão, você fica até afundar o barco, então*” (Arq. Gonzalez).

Terminado esse episódio, perguntei se sempre funcionava assim. Pergunta que serviu a um deles para expressar seu mal-estar sobre uma *remake* que eu tinha feito - da entrevista filmada com um dos dirigentes do Estudiantes (não tinha gostado da sua performance na primeira entrevista feita para colocar no filme). Um dos dirigentes do Gimnasia tinha visto a primeira versão, que foi rejeitada, e se mostrou decepcionado por eu ter aceitado refazer a filmagem. Este episódio interno da pesquisa lembra Collier Jr. (1973) quando adverte sobre as dificuldades e perigos de trabalhar com imagens em uma comunidade relativamente pequena como a que forma a rede de conhecimento entre dirigentes em uma cidade média como La Plata. Seguramente, este episódio pode levar a considerações, mais profundas ainda, sobre a dificuldade do antropólogo de trabalhar em dois grupos rivais, sem escolher a sua tribo.

Este “conflito” na apresentação pública de suas opiniões, no vídeo, resultou em uma breve conversa entre eles sobre as identidades dirigenciais. Os mais animados acabaram sendo os dirigentes “mais jovens” do Gimnasia, o mencionado Arq. González e o Eng. Del Franco:

La verdad es que nosotros somos siempre así. No te digo que cualquiera entra por la puerta como “el coco”, porque a veces

hay cada hijo de puta que mejor hacerlo sufrir un poco en el pasillo, pero en general nos manejamos así, somos frontales. Esa es la diferencia con Estudiantes a nivel de los dirigentes. Y a propósito de eso, te quería decir que me molestó mucho que hayas cambiado la entrevista de C.R. en el video. Aunque la verdad esos es típico de ellos. **(Eng. Del Franco)**

Sí, si. a ese lo tengo entre ceja y ceja, siempre igual. Es mi primo, pero lo conozco bien, y es así, tiene dos personalidades, como todos los dirigentes de Estudiantes. Así son, tienen cara doble. Así son cuando habla con el Coprocede, con la policía, con los jugadores, con los periodistas, con la intendencia, y hasta creo son así que con la propia familia y amigos. Yo se lo que te digo... **(Arq. González)**

Além de evidenciar que muitos deles se conhecem de outros âmbitos de interação e que mantêm sentimentos de amizade e camaradagem extra futebolísticos (inclusive laços familiares), é pertinente observar que para estes dirigentes presentes naquela reunião fechada aos dirigentes menores da CD (chamada também '*mesa chica*'), a referência irônica a esse outro dirigente, ícone do deliberativismo do Estudiantes nos anos oitenta, serve para explicitar uma crítica à "razão astuta" que se desdobrava pragmaticamente. Esta é claramente rejeitada e funciona como reverso da personalidade dirigencial de Gimnasia, idealizada pelos atores. Vista com olhos hobbesianos, esta forma de racionalidade seria, em certa medida, parecida com a esgrimida pela argumentação de Locke sobre a justificativa racional de uma apropriação sensível do mundo das necessidades.

O desdobramento da identidade dirigencial que caracterizaria a dirigência do Estudiantes aparece assim como o pior dos mundos para os protagonistas do diálogo acima reproduzido. Se trata de um crime contra a honestidade da paixão absoluta, uma reflexão racional que vai ao infinito em um desdobramento cada vez mais dramático porque atinge, cada vez mais profundamente, os fundamentos do ser como totalidade, como "razão de estado" que justifica uma visão arriscada de uma determinada ação dirigencial. "O torcedor que todos levamos dentro" e que aparece como princípio fundador de uma "linha de conduta", se apresenta para os dirigentes de Gimnasia como o componente diabólico e de moral dupla que caracteriza as práticas do inimigo futebolístico. Uma moral dupla que, aos olhos dos dirigentes de Gimnasia, diferenciam os paradigmas práticos de ambos os estilos de governar, ou melhor, de traduzir uma frase que vem da política nacional e é um tradicional *leitmotiv* da cultura político-sindical peronista: "o poder não se delega, se exerce" como gostam de dizer. Por outro lado, os dirigentes de Estudiantes consideram este desdobramento próprio como uma capacidade herdada de uma "linha de

conduta” ancorada na experiência dirigencial anterior, em uma história institucional. Ao mesmo tempo, a ausência desta qualidade na estirpe dirigencial de Gimnasia, é interpretada como a causa de todos os males ancorados também na sua história. Porque a acusação de irracionalidade que pesa sobre a forma como são tomadas as decisões nas altas esferas de Gimnasia, remete a uma espécie de “festa dionísíaca” que sempre ameaça o conceito de cidade como espaço de negociação consensual, racional e cidadã que a dirigência de Estudiantes representaria.

Do ponto de vista da capacidade de explicar os acontecimentos passados e presentes, esta fórmula discursiva dominante entre dirigentes de ambos os clubes permite ligar os tres aspectos centrais que remetem aos universos simbólicos que compõem os imaginários de comunidade clubística dentro do sistema cultural que envolve as rivalidades futebolísticas: o torcedor, os jogadores e os dirigentes. Assim, a performance futebolística dos respectivos times adquire significados nesta forma de estigmatizar ao outro, e funciona na medida em que permite compreender e diferenciar-se, desde suas supostas “essências”, em uma linha de continuidade entre estes três universos.

Enquanto que no Estudiantes, este “modelo de racionalidade”, de reflexividade, de “inteligência” e de “cultura” se apresenta como uma pedagogia que desce dos dirigentes para os dirigidos, na dirigência do Gimnasia, o “modelo da paixão”, do intempestivo, da aventura se apresenta como uma força que se regula unicamente no subir “de baixo para cima”. Todavia, em um ou outro pólo desta mesma dualidade, a atitude dirigencial é vista pelos próprios protagonistas como um “evento do ser” antes que uma função dentro de uma maquinaria social e institucional. O processo etnogênico, a que fizemos referência anteriormente, permite assimilar, com certa naturalidade, que uma emblemática “maioria gimnasística” -o povo excluído-, acabe como no lugar do injusto perdedor e do dirigente “intempestivo” e “apaixonado”. Os êxitos do Estudiantes são a idêntica consequência de uma injustiça histórica, causada pela natureza “autêntica” da sua identidade “autóctone”. A frase compartilhada entre estes dirigentes-torcedores do Gimnasia é: “quando Gimnasia for campeão, Estudiantes deixará de ter sentido” faz ressonância com a dialética do amo e do escravo de Hegel. O Gimnasia, tal como o escravo de Hegel, poderia se visto como totalidade universal, já que não tem nada a perder. Ao contrário, o Estudiantes estaria amarrado a seu passado de êxitos e de poder sobre seu inimigo, e estaria ameaçado no futuro quando deixasse de ser reconhecido como amo. quando visse sua relação fora daquela com seu escravo. Justamente, é a resignação católica o gênero que fecha parte da saída desse círculo hermético tão particular, sobre o destino comunitário: *tanto é difícil um rico entrar no reino dos céus, como o pobre ganhar os prazeres da terra.* Autenticidade que, precisamente, é vista como intolerável na visão do outro (um castigo por responder ao mandato da paixão). O dirigente do Estudiantes se verá a



si mesmo como “diferente”, vindo de um “outro mundo” e formando parte de uma *estirpe* que privilegia a razão e as etiquetas, mistura de elite intelectual, lideranças sociais e forças democráticas que vivem dispersas na sociedade civil da cidade, preferivelmente sem partidos políticos.

Efetivamente, aqui fica difícil falar de uma comunidade de ação que deixe ver um sistema de práticas, valores e representações instituídos como transmissão de uma lógica de condução estável e coesa. A ideologia de um grupo de poder é objetivada, desenvolvida e mantida por um corpo de símbolos e performances dramáticas que são possíveis em espaços sociais, como clubes, famílias, etc. (Cohen 1981: 2-3). A importância que tem, contudo, o mito de separação entre *nativos* e *estrangeiros* permeia as representações que os próprios dirigentes têm sobre si mesmos e sobre os outros. Este fato reafirma a idéia da presença de uma luta ideológica entre as identificações baseadas nos clubismos, que se estende às identificações de *estilos de decisão* diferenciados no campo ‘dirigencial’. Estes estilos estão ancorados em propriedades oportunamente “sacralizadas” por intermédio de acontecimentos e contingências na história dirigencial, futebolística, institucional, etc. E ainda que existam apenas na mente dos protagonistas desta pesquisa –incluída a minha-, são substantivos para compreender o peso dos significantes em uma experiência social de envergadura maior.

A dirigência no futebol platense participará das elaborações culturais de uma divisão produtora da nova realidade em tensão durante todos estes anos. Por um lado, o progresso liberal - mas na práxis autoritário – marítimo, imigrante, estrangeiro -, por outro - aquele que vê a fonte da política nas emoções e da igualdade (re)nascidas de um povo histórico – terrestre, “subsolo da pátria”, como dizia o escritor e ensaísta daqueles anos, Ezequiel Martinez Estrada- que tinha, por fim, “insurrecto”.

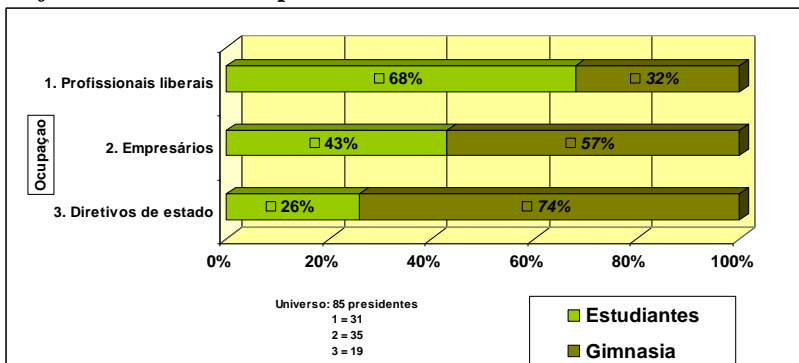
## **2.4. As profissões no ‘campo dirigencial’ dos clubes**

Apresento a seguir uma primeira estatística comparada das ocupações dos presidentes em cargos efetivos nos clubes do Estudante e Gimnasia, desde a sua fundação; esse levantamento deixa claro que a variedade de profissões que integram as CD também se manifesta nas presidências ao longo da história institucional dos clubes.

Valendo-nos de uma estatística dos Presidentes que têm passado por ambos os clubes ao longo de sua história institucional, pode se comprova a variedade de tipos de ocupações profissionais que têm coexistido desde sua fundação. Esta diversidade profissional pode ser tipificada em três grandes grupos socialmente reconhecidos e associados com o universo laboral:

profissionais liberais, empresários e diretivos de estado. Assim, uma ligeira comparação entre as ocupações dos presidentes do Estudantes e do Gimnasia exposta no *Gráfico 1*, a seguir, mostra quais são as diferenças do peso relativo com que cada clube contribui em relação ao volume total de identidades profissionais.

**Gráfico 1. Profissões dos presidentes. Peso relativo de ambos os clubes \***



Fonte: *vid* Anexo, Tabela 2.

\* Tomando desde a fundação dos clubes até o ano de 2008.

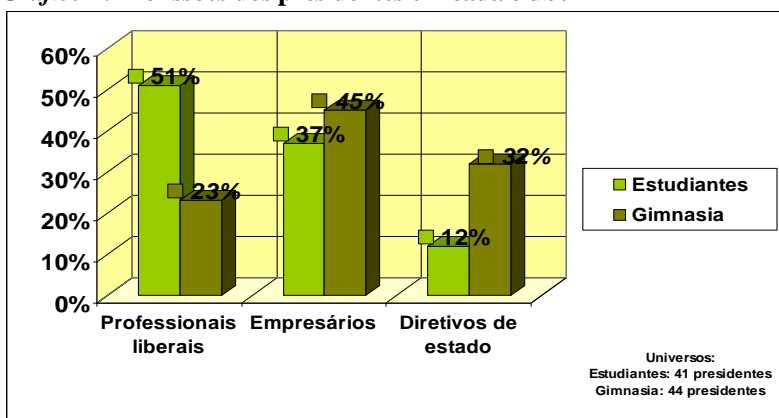
Apesar de não contarmos com a totalidade dos dados dos mais de 100 anos de história dos clubes, este gráfico é suficientemente claro para evidenciar o maior peso relativo que tem o universo das profissões liberais no Estudantes (68%) em relação ao Gimnasia (32%), comparado com o relativo equilíbrio –com leve vantagem para o Gimnasia– que há entre os empresários de ambos os clubes (43% a 57%). Esta distância na categoria de profissionais liberais se deve a que, muito cedo, durante os primeiros cinquenta anos do século XX, no Estudantes, se verifica uma majoritária presença de profissionais liberais, enquanto no Gimnasia este período se vê dominado por diretivos de estado. Esta tendência estatística permite, porém, um ancoramento objetivo de uma auto-imagem dos dirigentes, em relação com as profissões, em cada clube para além do relativo equilíbrio entre ambas as ocupações em cargos presidenciais depois da década 1960.<sup>140</sup>

<sup>140</sup> Em La Plata, cidade fortemente marcada pela sua condição de capital administrativa da Província de Buenos Aires, muitos advogados, contadores, médicos, formam parte do gigantesco aparelho estatal. Assim, tal como acontece com os funcionários do aparelho judiciário, sua participação nas CD resulta dos impedimentos objetivos e subjetivos à militância dentro dos partidos políticos como consequência de sua identificação com o Estado. Tomando a década de '60 como ponto de inflexão, uma curva temporal mostraria, primeiro, que a presença dos funcionários de estado em cargos de presidente é claramente anterior a esses anos, especialmente no Gimnasia, onde efetivamente se percebe um maior vínculo entre o clube e as organizações político-partidárias (especialmente entre 1916 e 1930 e entre 1945 e 1955). Em segundo lugar, que essa tendência modernizadora do futebol afeta os clubes por igual, fazendo da incorporação de

Efetivamente, como vimos no início da tese, na *Tabela 1*, que mostra as ocupações dentro das respectivas Comissões Diretivas (p. 29), há uma distribuição relativamente flexível em relação às classificações ocupacionais.

O mais significativo, porém, surge quando - assim como acontece no *Gráfico 1* que evidencia um maior peso relativo de presidentes de ambos os clubes cuja ocupação é a de profissional liberal no Estudantes e a de empresário no Gimnasia - um segundo gráfico reafirma esta tendência quando as comparamos internamente em cada clube, separadamente.

**Gráfico 2. Profissões dos presidentes em cada clube\***



Fonte: *vid* Anexo, Tabela 2.

\* Tomando desde a fundação dos clubes até o ano de 2008.

O clube Estudantes mostra a presença de uma maioria de profissionais liberais no cargo de presidente, em relação ao Gimnasia (51% contra 23%). E ainda que não seja possível falar de uma diferença “significativa” em termos estatísticos quanto à presença de empresários, sendo que 45% dos presidentes de Gimnasia correspondem a este grupo ocupacional contra o 37% em Estudantes, quando observamos o peso relativo, as porcentagens evidenciam uma tendência que mostra que 57% de todos os empresários eleitos como presidentes nos dois clubes pertencem ao Gimnasia.

---

empresários aos cargos de presidentes uma constante. Como bem mostra Christian Bromberger (1995) a respeito do que se verifica nos grandes centros futebolísticos, como Itália, Espanha e Inglaterra, durante este período o Estudantes e o Gimnasia entraram de forma igual em uma tendência mundial. Entretanto, apesar de se constatar um forte aumento de presidentes cuja principal atividade profissional é a empresarial em detrimento dos funcionários estatais, a partir da década de '60, também se verifica uma alternância relativamente constante entre os três tipos de campos profissionais em ambos os clubes, inclusive depois do período mencionado, e não aparece uma profissão que seja determinante nos cargos máximos dos clubes.

Inicialmente, este dado dificultaria qualquer afirmação das que estão tipicamente presentes no senso comum da cidade, inclusive entre os dirigentes: “*Gimnasia, o clube dos empresários. Estudiantes, o dos profissionais liberais*” (Cdr. Fuentes). Como se poderá observar após distribuir estas categorias de ocupação segundo as formas de acesso ao cargo presidencial, - se bem que, este fato não é de modo algum a confirmação de uma “estirpe” própria em cada clube, o gráfico fala sim, da existência de identificações profissionais que dão sustento material à ordem simbólica, das “taxonomias e representações do mundo social” que permitem a capitalização de suas qualidades em uma “voz própria” em situações de exposição e concorrência ao poder (Boltanski 1982: 259 *t.m.*).

Dado que a maioria destes dirigentes reside e trabalha na cidade, este fato estatístico liga-se estreitamente ao espaço local de ação identitária para cada clube, influenciando uma valoração abstrata na ordem coletiva sobre a “dirigência” e a “profissão”. E, como num desdobramento desta última dimensão, mas com ênfase nos aspectos práticos, estarão então as identificações feitas pelos pares –especialmente sócios, mas também colegas de trabalho e jornalistas- quanto ao seu desempenho em entidades da mesma natureza, como os clubes de bairro, as entidades profissionais, empresariais, etc. A combinação entre um “status desejado” da profissão e o papel dirigencial será interpretado publicamente a partir das expectativas postas em jogo pelos atores sociais que participam deste universo.

Todavia, conforme constatei em numerosas entrevistas, a passagem destas entidades para clubes de dimensões institucionais e econômicas como os aqui tratados, acaba sendo “um divisor de águas” para os dirigentes. Não porque essa passagem mude sua identidade profissional, Mas porque, como afirma **Esc. Olivera**, ela representa um “pulo” considerável no que se refere à dimensão simbólica da mesma:

Yo fui dirigente toda mi vida, yo fui dirigente de bien público. Yo estuve en clubes de barrio, el club Etcheverry. Porque mi viejo fue un dirigente de bien público nato, viste... El toda la vida estuvo en las sociedades de fomento, en el club Etcheverry, en una serie de cosas a sí. Y yo, que era mas leído que él, era Mas estudioso, estaba en la facultad, yo le hacia las actas. Me reunía con lo amigos de mi viejo, en una de esas reuniones vecinales que había y les confeccionaba el acta... boludeces... pero me fue dando... despertando la misma vocación que mi viejo. Y un día me metí con un grupo de amigos, muy amigos, que íbamos siempre a la cancha a ver la época del campeón del mundo, y dos tres de ellos se acercaron al club por su apellido, los llevaron... Yo había estado en el Colegio de Escribanos, había estado en el Consejo, en otras instituciones. Pero en un

club de fútbol nunca. Lo tomé en joda en serio... la cuestión es que fuimos un día en un acto en el club hípico, y éramos 300 personas, y 299 me apuntaban e insistían... Viste cuando vos entrás en ese estado de inconciencia, donde hasta te parece posible que vos puedas hacerlo... porque si eso un tipo de mi trayectoria lo estudia fría y concientemente creo que no lo puede aceptar... Fue un acto de inconciencia, siempre lo digo, porque a raíz de eso nunca Mas volví, aunque me lo pedían. Porque un acto de inconciencia dos veces es de imbecilidad... yo tenía que ocuparme de lo mío, y ya no era tan joven...

Apesar de que, inicialmente, uma trajetória anuncia uma interpretação relativamente coerente do acesso à presidência do clube a partir de um amplo percurso em diversas entidades sociais, este acontecimento emerge como uma contradição, como um “freio” profissional, e como um “ato de inconsciência” em que novamente adquire sua dimensão *instituinte* ou de poder de uma assembléia como instante fatídico. O **Eng. Del Franco** também assume este aspecto disjuntivo na sua trajetória profissional como contador, como uma marca pessoal em sua trajetória:

Yo tenía dos empresas, y como consecuencia de los últimos tres años de mi presidencia, las fui dejando de atender y cuando quise acordarme, yo me retiraba en el mes de noviembre, me di cuenta que no las tenía Mas las empresas, que habían desaparecido. Mi participación en las empresas no estaba Mas. Me fui del club y me quedé sin ninguna actividad, tuve que empezar “de cero”, a los cincuenta años. Volver a trabajar al tribunal de cuentas, del que me había ido hacia unos cuantos años, y empezar de nuevo mi carrera...

Assim, em numerosas ocasiões, o acesso aos altos cargos dirigenciais se apresenta aos olhos dos protagonistas como a mistura de um destino que lhes estava reservado por algo externo, um mérito, e de um desejo interno que desconheciam, uma virtude. Naturalmente, esta percepção se traduz em uma espécie de ambiguidade entre ter sido sujeito de uma manipulação dos pares e, ao mesmo tempo, um instigamento dos seus sentimentos para com o clube, tanto institucional (em forma abstrata) como emblemática (em forma concreta). Ainda que, num primeiro momento, a decisão não apareça como racional, ela tende a ser vista como uma pulsão a ser racionalizada.

Entre o mérito (externo) e a virtude (interna) há, então, uma “arte da política clubística” que sustenta a teatralização dirigencial sobre as condições de liderança e seus vínculos experimentais - e pragmáticos - com as condições de pessoa e de especialização dos cargos de gestão e dos papéis ocupacionais a eles associados. Desta forma, a maneira como a trajetória pessoal é vista por

eles próprios, em condições de interação pública, tem a ver com uma visão escalonada da trajetória que os levou até esse lugar como indivíduos capacitados para responder às necessidades que a dramatização do modelo de representação do poder põe, implicitamente, em cena. Em inúmeras ocasiões, encontrei dirigentes que não tinham, antes, passado, pelo menos, por posições de certa importância dentro de algum clube ou entidade ou que não tinham ocupado anteriormente lugares de liderança por subcomissões e comissões de algum tipo. Existem pelo menos três “grupos de trabalho” que apresentam maior nível de visibilidade e identificação profissional para colocar em prática suas qualidades e traçar uma trajetória: aquele do qual depende o futebol de categorias de base, o do futebol profissional e o de assuntos financeiros e de infra-estrutura. Certamente, a tendência a um tipo de distribuição coletiva de gestão está se modificando, nos últimos anos, com a aparição da figura do gerente de esportes, de infra-estrutura, etc. Claro está que nem todos estes “subgrupos de trabalho”, como eles definem estas formações, têm a mesma importância e projeção.

*Este ex-presidente de CELP solicitou ser entrevistado para o documentário utilizando como fundo a piscina inaugurada durante sua longa gestão como presidente do clube de bairro que seu pai fundou na década de 1940. (Foto: vídeo Dirigentes no futebol II)*



Com relação a este aspecto, basta referir o quanto a Associação do Futebol Argentino (AFA), em uma espécie de versão ampliada das Comissões Diretivas dos clubes, é um espaço de sociabilidade e negociação onde presidentes e representantes dos clubes criam redes importantes e relativamente duradouras. Motivo pelo qual o representante, nesta instituição, deva, pelo menos, ser capaz de mostrar-se como um par em condições de oferecer um capital simbólico economicamente valorável para o resto. O **Esc. Olivera**, o histórico dirigente do Estudiantes de La Plata, narra sua experiência nesta instituição, durante os anos '80, com certo humor:

Quando yo fui a la AFA com representante de Estudiantes me encontré que el 80% eran así, tipos importantes. Era Santilli en River, el “turco” Jalif en San Lorenzo, era un tal Nieto, que era el dueño de los fideos Matarazo, en Huracán, Benito Noelli en Boca... y yo era “Minuito Tinguitella”...

yo era un escibano... absolutamente fuera de conversación entre ellos, porque cuando hablaban entre reuniones, hablaban de “cuántos toros vendiste ayer en la rural o de qué cargamento trajiste de no se donde...”, y yo los miraba y no sabía dónde estar... Pero, pero... Estudiantes me servía a mi... digamos el lugar que yo no podía... la importancia... equipararme a ellos, me lo daba Estudiantes, entonces era diferente, si quería, podía hacer negocios, como lo hizo O.N. con la maderera, su empresa, pero por derecha, eso me lo daba el club... (Esc. Olivera)

A AFA não parecia ser um lugar “cômodo” para este simples “notário”. Dos cinquenta (50) membros que compõem atualmente o Comitê Executivo da AFA, o percentual de empresários contra profissionais é de 61% para 35%, respectivamente e ,em ambos os casos, os não classificados em ambas as categorias são também funcionários das instituições. De toda forma- e apesar de ficar claro que aceder a cargos dentro da Associação do Futebol Argentino é importante meio de criar laços econômicos com grandes empresários, em âmbito nacional - o fato da presença da maioria de empresários não deve ser tomado como simples consequência de interesses pessoais. Em realidade, se considera que o fato deles serem capazes de criar laços dentro de uma rede de negócios extra-futebolísticos favorece o clube na hora de realizar gestões institucionais próprias do clube. Em consequência, a tendência natural é a de “enviar” dirigentes que atuem dentro desse ramo de atividade para favorecer os códigos de negociação. Necessidades que devem ser obrigatoriamente dirimidas dentro da AFA, como, por exemplo, mudança de horário dos jogos, extensão de prazos para compra, venda e contratação de jogadores, e até o polêmico Artigo 225<sup>141</sup>, são, quase sempre, objeto de negociação extra-legal, cheia de suspeitas de manipulação e “arbitrariedade”.

Todavía, devo sublinhar que a intensidade com que parecem assumir estas afirmações do “senso comum” faz parte de uma *bricolage* da qual participam tanto o universo societário como o dos simpatizantes. A tarefa antropológica de verificar como se produzem estas identificações na vida cotidiana daqueles que mencionamos como “portadores” do “senso comum” (sócios e torcedores), parece ser de grande interesse, porém impossível de realizar aqui. Apenas direi que, no nível dirigençial, esta *bricolage* também existe, e parece indicar uma associação livre entre as habilidades e qualidades profissionais, determinados acontecimentos do passado – “marcas de referência” tanto futebolísticos como institucionais - e

---

<sup>141</sup> Este Artigo do regimento do Campeonato Argentino permite a substituição de um jogador lesionado durante a convocação ao selecionado nacional por outro suspenso por cartões.

as circunstâncias presentes na hora de elevar ou posicionar, em cargos diretivos, certas pessoas.

Estamos frente a grupos de dirigentes poucos estruturados socialmente e relativamente heterogêneos quanto a sua cultura profissional, uma vez relacionadas estas categorias de trajetórias com a sua atuação como dirigentes dos clubes. O que compartilham pode ser chamado de uma “forma” socialmente reconhecível, capaz de produzir espaços específicos de sociabilidade entre pares e alianças relativamente duradouras por meio do espaço clubístico e as identificações que esse espaço tem construído no tempo através de certas marcas de referência, ou acontecimentos significativos desde o ponto de vista institucional. Esse grupo em processo de constituição difere substantivamente na forma e no conteúdo, do sentido que têm as relações de poder entre eles.

A emergência de “tipos ideais” de dirigentes associados com perfis de gestão mais ou menos deliberativos, mais ou menos decisionistas, mais ou menos autoritários, etc - e inclusive suas transformações no nível das cúpulas - em formações associativas como as do Estudantes e do Gimnasia, ocorre em um tempo e um espaço delimitado. Existe, então, um tempo diferente daquele circular das Assembléias de Sócios - que ciclicamente permitem a renovação de autoridades e a avaliação dos desempenhos dos dirigentes - tempo esse que é determinado fundamentalmente pela “opinião pública” da cidade, e no interior do qual os dirigentes devem “fincar o pé” se desejam realmente servir de intérpretes aos fluxos simbólicos que os conectam com a posição de superioridade. Deverão criar sua própria trajetória como algo “razoável” ou “produtivo” para as “sociedades” que representam ou desejam representar. Como tal, devem tentar aproximar as expectativas do cargo que ocupam com a performance futebolística e com as demandas institucionais, sem perder de vista um envoltório que constrói as qualidades de “pessoa” que o colocaram em concorrência pública para transformar-se em “uma autoridade do clube”. Desse modo, os dirigentes experimentam os significados em que vivem como um sistema cultural, devendo elaborar cuidadosamente os desejos de posicionamento no espaço de poder e autoridade. Do ponto de vista formal, significa produzir momentos de apresentação pública e social a fim de conectar coerentemente a lógica institucional com a representada no cargo (Hughes 1984). Neste sentido, um passo antes desta intencionalidade não declarada, Ervin Goffman afirmava;

...La perspectiva adoptada es la de la historia natural: se desatienden los resultados singulares para atenerse a los cambios básicos y comunes que se operan, a través del tiempo, en todos los miembros de una categoría social, aunque ocurran independientemente unos de otros. De una carrera así



concebida, no cabe afirmar que sea brillante o mediocre: tanto puede ser un éxito como un fracaso... Una de las ventajas del concepto de carrera consiste en su ambivalencia: por un lado, se relaciona con asuntos subjetivos tan íntimos y preciosos como la imagen del yo y el sentimiento de identidad, por el otro, se refiere a una posición formal, a relaciones jurídicas y a un estilo de vida y forma parte de un complejo institucional accesible al público (Goffman, 1992: 133).

É claro que fica realmente difícil estabelecer a ciência certa ou que se encontra primeiro na gênese e no circuito de relações necessárias para a valoração exitosa que conecta o status dirigençial com a trajetória pessoal e profissional de um dirigente. Com muita frequência, este lugar é ocupado por uma identidade profissional “anterior” ao surgimento do “sujeito dirigente”, mas que se atualiza em uma aparente ordem de continuidade e coerência para estas pessoas em termos de uma trajetória. Lembremos, contudo, que, como aponta Bertaux (2005: 21), a *trajetória* não é um objeto social *per se*, como um percurso definido. Ela contém, em realidade, uma ampla série de mecanismos de conformação que lhe é dada públicamente. Assim como a trajetória de um sujeito que se transformou em enfermeiro, pedreiro, engenheiro, a do dirigente deve ser ajustada primeiro a um tipo particular de contexto ou situação em que a mobilidade social se exprime e revela os aspectos a partir dos quais será possível entender o objeto social concreto que ele exprime ao analisar, por exemplo, a entrada no mundo do trabalho ou aqui, da chamada “dirigência voluntária” de um clube com futebol.

Neste contexto, as ocupações profissionais constituem uma outra marca de referência central para a construção do dirigente como imagem de si para os outros, e são as resultantes de uma trajetória social e de um prestígio de qualidades nelas instituídas coletivamente.

Respeitando os pseudônimos a que fiz referência na introdução desta tese, apresento aqui, um resumo das trajetórias de nove dos dez principais interlocutores desta pesquisa:

**Cdr. Fuentes:** Nasce em La Plata em 1947. Filho de um pequeno comerciante local. cursou o segundo grau no Colégio Sagrado Coração. Formou-se como Contador Público na UNLP e entrou imediatamente como funcionário do Tribunal de Contas da Província de Buenos Aires. Sua atividade em entidades de bem público foi pequena. Destaca-se sua passagem como vogel do Colégio de Contadores da Província. Não tem vida política partidária. Na década de 1980, deixa o Tribunal de Contas e monta seu próprio escritório de contador e uma empresa de serviços. Em 1983 começa a participar da vida política do clube Gimnasia junto com o presidente Sr.

Héctor Delmar. Foi eleito Presidente do Clube Gimnasia em Assembléia, no início da década de 1990. Atualmente tem um alto cargo diretivo no Tribunal de Contas da Província de Buenos Aires.

**Eng. Del Franco:** Nasce em La Plata em 1959, filho de empregado público provincial. cursou o segundo grau no Colégio Nacional de La Plata e formou-se como Engenheiro na UNLP. Não teve vida político-partidária nem em entidades de bem público. Começa a participar da vida pública do clube Gimnasia em 1992, como vogal; mais tarde é eleito Secretário Geral e chega a primeiro vice-presidente pela renúncia do presidente em exercício. Durante os últimos 20 anos, monta uma das empresas de construção mais importantes da cidade, conseguindo a participação em numerosas obras de infra-estrutura, com contratos com o Estado Provincial, entre elas, parte da construção do estádio Cidade de La Plata. Monta uma sucursal nos EEUU. Atualmente, dá palestras e assessoria sobre licitações públicas e tem cargo diretivo na Câmara da Indústria e Comércio da Cidade de La Plata.

**Sr. Orsini:** Nasce em La Plata em 1929., filho de operário. Monta uma pequena empresa de comercialização de matérias de construção na década de 1950. Foi, durante muitos anos, membro da Câmara de Comerciantes e não tem atividade pública ou político-partidária. Em troca, sua vida política no clube foi intensa. Começou na década de 1960, quando foi convidado pelo então presidente do clube Estudiantes, o empresário da construção Mariano Mangano, para dirigir a edificação do prédio principal do recém criado Country Clube de City Bell. Esse fato o projetará profissionalmente como importante empresário da construção. Desde então, participa de sucessivas CD (exceto entre 1972 e 1981), e é eleito presidente em assembléia no final da década de 1980. Durante esse período, representa o clube na AFA, onde estabelece laços comerciais com o atual presidente daquela entidade, através do negócio de madeira. Com quase 90 anos, continua presidindo sua empresa de comercialização de matérias de construção e viajando pessoalmente – de carro - a vários lugares do país para comprar madeira.

**Cdr. Richetti:** Nasce em La Plata em 1943, filho de empregado administrativo do estado provincial. Estuda no Colégio Normal Comercial de La Plata. Forma-se como contador na UNLP. Atua como vogal no Colégio de Contadores da Província durante quase dez anos. Trabalha toda sua vida como profissional liberal - contador público - assessorando pequenos comércios e empresas. Não tem atividade político-partidária. Atualmente está aposentado e dedica seu tempo à elaboração de uma “história esportiva” do Estudiantes. Em 1972 começa sua carreira política dentro do clube, passando

a formar parte da CD do Esc. Ercoli. Também atua como contador durante a presidência de Raul Correbo. Deixa de participar da vida política do clube em 2002, quando a CD solicita a renúncia do seu primo, o Dr. Raffo, da Direção da Sub-comissão de Futebol.

**Dr. Narde:** Nasce em La Plata em 1947, Filho e irmão de médico. Estuda no Colégio Nacional e forma-se em medicina na UNLP. Na juventude, milita no partido UCR. Foi vogal e presidente do *Colégio de Médicos de la Provincia* e atualmente forma parte da diretoria da *Caja de Médicos*, entidade autárquica que administra os fundos de previdência dos médicos da Provincia. Foi Diretor do Hospital Italiano. Praticou basquetebol durante muitos anos no clube Tolosa, onde foi diretor. Sua vida política no clube Estudante data de 1971, quando formou o grupo que comandou o clube junto com Ercoli, Olivera, Richetti, etc. Participa de várias CD, sempre na área do futebol profissional. Deixa definitivamente de participar em 2002, quando entra em conflito com o então presidente Alegre.

**Esc. Olivera:** Nasce em uma pequena cidade da Provincia de Buenos Aires em 1939. O pai era empregado administrativo das Forças Armadas, e muda-se para La Plata junto com a família. Jovem, cursa o segundo grau no Colégio Normal Comercial de La Plata. Forma-se como Procurador e Escrivão na UNLP. Milita temporariamente na UCR. Pratica basquetebol no Clube Juventud de La Plata. Aos 24 anos é eleito presidente da *Asociación Vecinal Etcheverry*, um clube de bairro, onde seu pai era diretor. Permanece colaborando em sucessivas CD. Foi vogal e presidente do *Colégio de Escribanos de la Provincia de Buenos Aires* durante muitos anos e do Tribunal Notarial de la Provincia, entre outras instituições. Também começa seu vínculo político com o Estudantes em 1972. Na década de 1980 é eleito presidente do clube. Em 1987 é lançado pelos meios de comunicação locais como candidato a prefeito de La Plata pela UCR, mas desiste. Participa da vida política do clube como vogal até 2002.

**Dr. Levene:** Nasce em Capitán Sarmiento, pequena localidade rural da Provincia de Buenos Aires em 1939, de pai cabeleireiro e mãe costureira. Migrou para La Plata para jogar futebol no clube Gimnasia aos 13 anos. Cursa o segundo grau junto com o Esc. Olivera no Colégio Normal Comercial de La Plata. Durante esse período, pertenceu à “União de Estudantes Secundários”, organização política da juventude peronista. Aos 16 anos, começa a trabalhar no *Banco de la Provincia de Buenos Aires* por recomendação do então presidente Dr. Laureano Duran. Formou-se como Escrivão e Advogado na UNLP. Chegou a ser Chefe de Advogados do Banco,

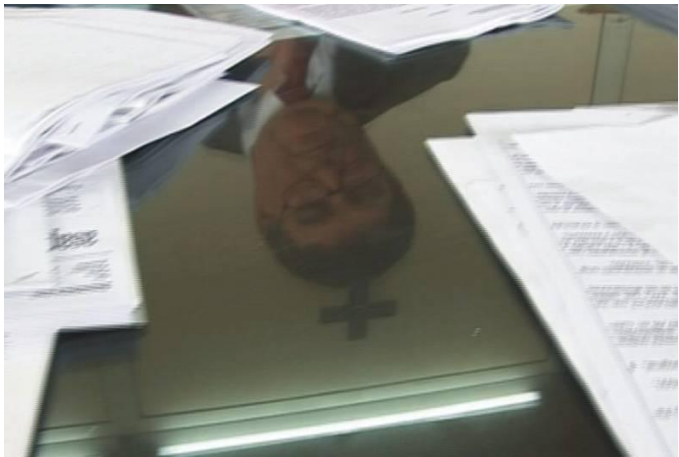
e presidente do colégio dos Advogados. Começou a intervir na vida política de Gimnasia no começo da década de 1970, durante a presidência do empresário da construção, Sr. Venturino. Depois de um longo período afastado das CD de Gimnasia, no início da década de 2000, aceita integrar uma *lista* e acaba eleito vice-presidente.

**Sr. Giovanetti:** Nasce em bairro humilde da periferia da cidade de La Plata em 1970. A família vive dos trabalhos ocasionais de seu pai, como pedreiro. Estuda no Colégio Municipal Nro. 10 de La Plata. Desde os 16 anos trabalha como empregado para uma empresa de distribuição de produtos farmacêuticos. Aos 27 anos, monta seu próprio serviço de distribuição utilizando *know how* de uma década. Não tem vida político-partidária, nem participação em entidades públicas. Durante 2006 e 2007 inicia sua carreira como candidato a presidente do Gimnasia.

**Sr. Victorino:** Nasce em Ensenada em 1944. Filho de um importante comerciante local, dono, entre outros comércios, do cinema local e de um armazém herdado do seu avô. Cursa o segundo grau em um colégio público de Ensenada. Na juventude, participa ativamente em entidades públicas locais junto com seu pai, que preside a Câmara de Comerciantes, a Cooperativa do Hospital, a Cooperativa de Vivendas Populares do Porto de Ensenada. Aos 30 anos funda uma pequena empresa de seguros, associada com o negócio portuário. No final dos anos 60 é eleito vogal do Clube Cambaceres de Ensenada. Na década de 1990, é eleito presidente deste mesmo clube por eleições. Na década de 1990, assume o cargo de presidente do Estudantes por renúncia (tinha começado a participar da política do clube em finais da década de 1970). Permanece durante um ano e também renuncia.

**Arq. Gonzalez:** nasce em La Plata em 1958. Estuda no Colégio Coração de Jesus. Filho de um pequeno comerciante, forma-se como Arquiteto na UNLP. Quando jovem, milita no Partido Justicialista (peronismo). Pratica basquetebol, junto com seu primo, o Esc. Olivera, no clube Juventude, onde atua na CD. Participa ativamente no Colégio de Arquitetos da Província de Buenos Aires. Inicia sua vida política no Gimnasia no começo de 2001, como secretário-geral, chegando ao cargo de vice-presidente por renúncia.

**SEGUNDA PARTE**  
**MENSAGENS CULTURAIS: ENTRE O BOSQUE E A**  
**FLORESTA**



“Et Il heureux por lês hommes d’être dans le situation ou, pendant que leur passion leur inspirent la pensée d’être marchants, ils ont pourtant intérêt de ne pás être.”

Montesquieu. *De l’esprit des lois.*



## Capítulo III.

### Paixões institucionais

#### 3.1. A territorialidade política dos atores sociais

As práticas de decisão formalmente instituídas no sistema esportivo, apresentam-se, geralmente, como negação da ação política. Em sintonia com a sua organização mundial, os clubes apropriam-se de um discurso que define os objetivos e as funções desta esfera fora do sistema cultural específico em que se institucionalizam e se organizam as mesmas. Ao negar-se à dirigência do futebol profissional um estatuto de ficção retórico-política local, desvela-se uma verdadeira economia-política em que as batalhas simbólicas assumem, no século XX, uma dinâmica concreta como parte de “forças vivas” de uma “sociedade civil” que se posiciona idealmente em oposição a uma “sociedade política”.

Todavia, sabemos que a sociedade civil não é um espaço “sem política”. Deixando de lado as agudas críticas como as de Rancière (2006) - que apontam para a visão “elitista” da pedagogia política implícita no pensamento de Arendt com relação à política - vale recuperar, desta autora, sua visão não normativa desta esfera, quando considerava o papel da palavra na ação prática sobre o mundo social. Essa era, para Arendt, a criação *do político* no mundo, o sentido cultural e relacional em que o conceito de poder se assemelha à agência nos atores sociais, para além do espaço *da política*<sup>142</sup> (Arendt 1988, 1996). Assim, compreender as formulações práticas que suportam as relações de poder no sistema futebolístico torna-se substantivo, não só porque o sistema de competência esportiva que o reticula na sociedade local representa a gênese de uma *etnopaisagem global*, “um núcleo essencial do mundo que afeta as políticas das e entre as pessoas” (Appadurai 1991: 192); mas também, porque, insisto, não alcança com entender o conceito tradicional de sociedade política como próprio e reduzir os assuntos do poder à dimensão única de produção institucional formal, sem ver como se distribuem os recursos simbólicos no amplo quadro social dessa paisagem de signos, interesses e emoções em que circulam os distintos agentes desta esfera.

Efetivamente, os sistemas futebolísticos e esportivos vivem hoje, mundialmente, uma pressão à homogeneização organizativa em torno aos

---

<sup>142</sup> O que Arendt estava interessada em compreender, nas suas investigações sobre os governos ocidentais, era como se articulava o poder *constituente* das ações cidadãs e um poder *constituído* que precisava cristalizar determinadas estruturas jurídico-políticas que garantissem estabilidade e renovação do corpo político (Duarte 2000).

valores de mercado e do espetáculo de consumo. Isso implica numa parte da tarefa uma parte da tarefa de “afastamento” de uma versão politicamente instituinte. Com efeito, uma versão que tende a um tipo de elitização performática altamente codificada no que diz respeito à conduta dos atletas, torcedores e dirigentes. O sociólogo do esporte, Jean Michel Faure (1991), considera que esta elitização traduz uma concepção metódica da organização da vida cotidiana nas sociedades atuais. Um exemplo recente e extremo dessa mão dupla, na qual o poder objetivo estabelece dispositivos para esta homogeneização, pode ser observado no novo código da *Agência Mundial Antidoping* (A.M.A.), que entrou em vigência em janeiro de 2009. É uma mostra cabal da ‘violência’ a que as políticas esportivas podem chegar. Por este código, esportistas de alto nível, identificados por suas federações internacionais, devem comunicar, a cada trimestre, sua localização diária e, se não forem encontrados em três ocasiões, durante um período de dezoito meses, em algum lugar que indicaram, considera-se isto uma infração às normas antidoping e eles podem sofrer sanções. Entretanto, a resistência de vários atletas de alto rendimento ao controle da sua vida privada – e futura - não demorou a aparecer<sup>143</sup>. Com algumas lamentáveis exceções<sup>144</sup>, o que seus dirigentes têm a dizer, sobre estes dispositivos de controle, continua sendo uma incógnita. Neste sentido, existe uma “política esportiva” a qual respondem seus dirigentes, os donos de empresas ligadas ao esporte e as elites políticas locais, nacionais e continentais. As abordagens do fenômeno esportivo, em relação com os processos políticos, exigem também uma diferenciação de formas e níveis capazes de dar conta da diversidade dos sistemas culturais nos quais inscrevem suas práticas e modelos. Dentro do sistema esportivo, o futebol compõe sua própria peça de teatro sobre essas “políticas”.

Pensemos na construção do *Stade de France*, motivada pela realização da Taça do Mundo da França, em 1998. Definida a construção deste “santuário” como “questão de estado”, Newman & Tual (2002) interpretam os signos deste processo como um dos últimos grandes atos da tradição centralista do Estado francês: decisão direta do executivo, associação e negociação com o poder comunal (Departamento de Seine-Saint-Denis), investimento público em transporte, turismo, etc.; modelo urbano, arquitetônico e social com ênfase “integradora”, etc.<sup>145</sup> Última parada

---

<sup>143</sup> “Nadal, en contra del nuevo código antidoping”. *Diário Clarín*, Argentina, 28 de janeiro de 2009.

<sup>144</sup> Resposta de Bernie Ecclestone, máximo dirigente da Fórmula 1, quando era questionado pela sua forma autoritária de gerir o poder, foi o elogio público a Hitler: “...era capaz de levar a cabo as coisas. Ele podia mandar em muitas pessoas e conseguia que as coisas fossem feitas. (A democracia)... não tem feito tanto bem em muitos países, incluindo este (Inglaterra). Os políticos estão demasiado preocupados com as eleições ... e estão tentando agradar a todo o mundo, todo o tempo”. *Diário Clarín*. Buenos Aires, Argentina. Sábado 4 de julho de 2009.

<sup>145</sup> Como aponta o artista catalão Antoni Muntadas, na série de mostras itinerantes *On Translations*



monumental do trem da Revolução Francesa! O espetáculo futebolístico é a verdadeira “semiótica das emoções” que alimenta, possibilita e suporta os campos culturais de um sistema; e não unicamente o receptáculo onde as simbologias -de um Estado, por exemplo- são destinadas à reprodução.

Mencionei, no capítulo anterior, como se distribuem alguns traços – uma *história* exigiria um encadeamento analítico mais aprimorado - da “união-separação” dos clubes relacionando a interpretação do poder clubístico em *estilos de decisão* e seus vínculos, com os endereçamentos culturais implícitos no espetáculo futebolístico. Mencionei, também, algumas das representações e práticas que estariam ligando o universo “dirigencial” à operação metafísica de laço social *totêmico*<sup>146</sup> inscrito na narrativa etnogênica que caracteriza as rivalidades no futebol platense. Entre estas, as que envolveram o time profissional do Gimnasia, de 1962 - , do qual surgiu o mote “lobo”, ou o time do Estudiantes de finais da década de 1960, que deu origem ao mote “leão”. Estas foram contraposições de ordem naturalista às quais os rivais futebolísticos da cidade atrelavam sua experiência, atualizando instâncias de decisão e fórmulas de autoridade. A rivalidade se estenderia assim, simbolicamente, quanto as formas de dirigir o clube. Como estas, uma diversidade de formas de sociabilidade política - em torno da organização dos clubes, e os modos públicos com que modelam seus vínculos com as prescrições e prerrogativas da luta cultural pela hegemonia - atravessam a

---

(iniciada em Helsinski em 1995), traduzir um texto, uma imagem, uma idéia ou uma cultura, deve ser um ato de convergência e distanciamento entre dois mundos, como uma ferramenta de encontro e como um obstáculo para a comunicação. Mas uma tradução não é simplesmente uma atividade característica do entrecruzamento cultural, mas também o espaço em que se põem em jogo o reconhecimento e a permanência das identidades culturais. Concertos de rock, espetáculos esportivos, reuniões evangélicas ou *mittings* políticos remetem aos usos atuais e históricos do estádio de futebol e, portanto, as decisões arquitetônicas são parte dos elementos básicos que atuam como mediadores entre as representações sociais e o poder. A demarcação espacial do estádio de futebol recria um modelo de segmentaridade simbólica chave da cultura urbana platense e recoloca a discussão em termos políticos.

<sup>146</sup> Com este conceito, cuidadosamente empregado na perspectiva “levistraussiana”, Damo oferece uma visão coerente do clube de futebol como portador de uma dinâmica de classificação-saber do mundo social, permitindo-se introduzir solidamente a identidade futebolística moderna no amplo marco da problemática antropológica e remetendo, ao mesmo tempo, à competência futebolística como portadora de um “comentário meta- social”, idéia desenvolvida acertadamente por Bromberger (2005). Cabe assinalar que esta perspectiva corre o risco de cair na crítica que Christian Bromberger faz à “sedução arcaizante” da antropologia em relação a uma “forma elementar” da criação das identidades. No entanto, Damo parece adiantar-se a esta crítica, trazendo a teoria levistraussiana para conjurá-la. A tese consiste em que a devoção dos torcedores pelos clubes é a base de sustentação para o futebol de espetáculo. Para entender as razões pelas quais os clubes dispõem de uma legião de devotos é preciso olhar um pouco menos para as propriedades do jogo em si mesmas – ou então apelar para conceitos como o de alienação – e investigar a fundo as razões simbólicas que atrelam os indivíduos (torcedor, *hincha*, *tifoso*, *supporters*.) às comunidade afetivas mobilizadas em torno dos clubes.

produção destas identificações culturais, mobilizando diversos grupos e criando “aparelhos de interpretação” a partir dos seus emblemas e significados mítico-políticos.

Trata-se então de “políticas” nom *plural*, no sentido de gerenciamentos locais de uma série de encaminhamentos simbólicos que estabelecem regras de organização para um “normal” desenvolvimento do universo esportivo como fenômeno global e, igualmente, regras que criam uma interpretação dos significados aceitáveis em relação às pautas de comportamento para os atletas, os diversos funcionários e os “tipos ideias” de espectadores e consumidores.

Neste ponto, a contraposição entre *estrangeiros* e *argentinos*, organiza a classificação social implícita nestes conceitos, de modo a considerar como fricção uma oposição relevante socialmente, não apenas entre as “tribos” em que estas fórmulas são os objetos de luta, mas porque atribui valor objetivo à dinâmica de socialização e institucionalização também das agências dirigenciais. Se o *deep play* que Geertz viu como elemento constitutivo da *briga de galos* era um evento demiurgo de tal magnitude e significação que resistia à bateria de simplificações e reduções de caráter funcional *do político*, deve-se, justamente, ao fato de que é politicamente significativo para uma cultura, onde seus participantes entram em estado profundo de compromisso emocional e intelectual com um evento, colocando num jogo consistente, um conjunto de valores e sentidos morais, éticos, religiosos, econômicos, etc. (Geertz 1999).

Mas, no que se refere às operações simbólicas empíricas, as relações de poder que alimentam as práticas políticas dentro da instituição clube, tal como acontecia no Bali do século XIX, respondem também a um movimento de “baixo para cima”<sup>147</sup>. O sistema de clubes adequa-se a diversas estratégias de negociação e trocas simbólicas entre cores da mencionada “paisagem global”, e, colocada esta em cena pela narrativa universal em que inscreve sua potência e as forças locais que a suportam, permite a incursão de atores diversos como jogadores, treinadores, torcedores, jornalistas, dirigentes. Efetivamente, dentro de um contexto em que a cidade vê -e se vê- dividida, a consideração do “bom dirigente de futebol” excede a uma função explicativa e diacrônica da dicotomia clássica entre comunidade e sociedade, entre “dirigente tradicional” e “dirigente moderno”. Porém, a integração destas coordenadas culturais ao antagonismo entre nativos e estrangeiros, objeto privilegiado do dispositivo comunicacional e pedagógico clubístico, elabora elementos de outros campos de sociabilidade simbólica, entre eles o poder

---

<sup>147</sup> Semelhante ao Estado-teatro analisado por Geertz em *O Negara* (1991), ele remete à poética de Aristóteles, mostrando as qualidades dramáticas que configuram uma apresentação coletiva das sociedades possíveis, aí incluída a do universo dirigencial, “*c’est-à-dire, celle que comprend tous les événements que font passer les personnages du malheur au bonheur ou du bonheur au malheur.*” (Bromberger, 1998:273).

como lugar de *territorialização*. A respeito, nos lembra Bourdieu que “numa sociedade diferenciada, não se trata apenas de diferir do comum, mas de diferir diferentemente...”, já que, inclusive numa atividade tachada como vulgar, “a lógica das inversões” acaba engendrando tais convergências, como por exemplo “a simplicidade dos ‘simples’ e a simplicidade elaborada dos refinados” (Bourdieu 2004: 23).

Neste sentido, o futebol espetacularizado inscreve suas particularidades performáticas na história social e nas trajetórias das identificações culturais dentro das tensões próprias de um universo formado por vários campos em conexão e justaposição. Os clubes vêm mostrando sua centralidade no processo de invenção de novas trocas culturais, na complexificação e globalização do sistema futebolístico (Rial 2009). Estruturam-se como parte de um “drama social” que coloca em jogo, no futebol, tipos de relações “possíveis” - e “compreensíveis” entre indivíduos, sociedades e as ordens significantes que as contêm, portanto, visões de mundo a serem colocadas no jogo das trocas simbólicas, uma vez que são ancoradas e partilhadas pela memória coletiva que os antecede e estrutura (Bourdieu 2004b).

Entre os espaços sociais necessários para a estruturação de práticas conforme a estas trocas caracterizadas como “civis”, encontra-se o estádio de futebol. Como afirmou Bromberger (1995), este espaço é uma espécie de “santuário industrial” - ou “portuário” como o citado caso de Aldosivi, trabalhado por Gastón Gil (2002) - cuja dimensão ritual define uma configuração universal do sagrado.

Como objeto universal, escreveu Heidegger:

[...] el templo y su recinto no se esfuman en lo indeterminado. El templo por primera vez construye u congrega simultáneamente en torno suyo la unidad de aquellas vías y relaciones en las cuales el nacimiento y la muerte, la desdicha y la felicidad, la victoria y la ignominia, la perseverancia y la ruina, toman la forma y el curso del ser humano.” (2001:71).

Semelhante à imagem de um templo, nele os participantes buscam uma unidade perdida, no sentido de encaminhar-se a uma memória coletiva da descontinuidade/continuidade da existência individual e de pertencimento coletivo.

A tentativa - hoje aparentemente frustrada - de parte do Estado Provincial, de impor, em 2006, o moderno *Estádio Ciudad de la Plata* como novo “território compartilhado” para os dois clubes platenses, acabou sendo um inesperado palco dramático para seus dirigentes. O desenho arquitetônico do chamado “Estádio Único”, criado pelo Arq. Ferreyra, é clássico, ovóide e

de tradição latina. Mas foi projetado a partir de uma superposição de círculos que explicita a oposição complementar que atravessa ambos os clubes, uma metáfora das “tradições” e das “visões do mundo”, da cidade. No desenrolar desse longo processo, é possível reconhecer, por atitudes, condutas, experiências e representações dos sujeitos, essa idealidade aqui construída como cenário da pesquisa: La Plata. Trata-se da natureza do fenômeno da representação como parte da dinâmica da política e da arte. Visto do ponto de vista de alguns debates filosóficos na arquitetura, toma forma na medida em que “uma obra é uma singularidade, e toda estas singularidades podem criar buracos, interstícios, vazios, no conjunto metastático da cultura (...)...” Trata-se do monstruoso, de uma aparição que “coloca frente a frente o mundo e sua ilusão radical.” (Nouvel & Baudrillard 2000: 19-34).



*Estádio “Ciudad de La Plata”, fundado em 2003. O desenho busca produzir uma unidade simbólica a partir do antagonismo das identificações futebolísticas, promovendo um espaço intermediário de circulação, competência e difusão de regras de tolerância e cidadania entre os dois emblemas.*

Para o arquiteto Ferreira, os dois círculos centrais superpostos representam a separação-união dos contrários em uma explicitação de sua gênese oposição-complementariedade. Assim, o estádio pretendia sintetizar a cidade como totalidade imaginada e projetada utopicamente na disposição espacial do templo. A cidade tinha sido pensada, incomodamente, como sendo uma “tríade” através do estádio. Colocando os dois clubes frente ao desafio de serem um conjunto de diferenças e um modelo “superador” com relação ao terceiro, sempre em disputa no sistema de oposições diametralmente mais amplo: River-Boca, Rosário-Newel’s, Independiente-Racing. Simulacro, o futebol platense era convocado à auto-imagem etnogênica (tanto emblemática como institucional), construída pelos clubes Gimnasia e Estudiantes, realizando a parte simbólica dessa obra inconclusa. Dito de outro modo, no estatuto das representações sociais, tratava-se de uma “mutabilidade das formas históricas e a promoção de uma correspondência consciente e ativa com os seus conteúdos” (Sazbón 2002: 96). Mas a relação de estabilidade dentro-fora, insinuada como

estrutura simbólica da cidade no estádio “único”, não estava realizada na práxis sócio-urbana, não tinha correspondência com sua materialidade nem com “as estruturas que estruturam”. Durante um longo conflito, que tomou caráter público e alcançou uma importante audiência nacional nos meios de comunicação, os distintos atores deste drama - pré-constituído ao drama para o qual o estádio estava colocado como objetivo-, os dirigentes do Gimnasia e do Estudiantes, atualizavam diariamente a disputa entre as identificações clubísticas com declarações, intrigas e segredos de todo tipo.

A desarticulação objetiva, em que o princípio utópico *-a cidade-* tinha sido edificada, adquiria, no estádio, um espaço crítico que continha os horizontes rituais próprios do futebol “antes” dele ser produzido como evento expressivo. Sabemos que as intrigas e os segredos servem à organização da vida cotidiana, criando laços de pertencimento a partir da ameaça de um outro (De Ipola 2005). E, se efetivamente, o deslocamento espacial objetivo colocava em risco um prestígio social adquirido no pertencimento a uma memória coletiva (Velho 2002: 86-94), estruturado como vazio absoluto para esta nova cena política e para estes pertencimentos, o estádio “único” mostrava seu caráter fundamentalmente social disjuntivo, instalando-se ao mesmo tempo como processo objetivo de defesa da identificação coletiva dos grupos opostos, colocados frente ao desafio de uma resolução unificadora que transfigurava, como acontecimento, o mito de origem da cidade.

A ruptura do diálogo entre as dirigências e a incapacidade de formar um consenso através da criada *Fundação do Estádio Ciudad de La Plata* transformará mediaticamente o episódio de conflito entre a “dirigência” em uma “questão de estado”, e será considerada como “prioritária”<sup>148</sup> pelo então governador da Província, E. Duhalde.

Novamente, como apontado por Halbwachs, sabemos que não há memória coletiva que não se desenvolva num *quadro espacial* determinado. Os objetos e arranjos dispostos em espaços físicos constituem uma composição simbólica carregada de significados, e que permanecem em nossas lembranças, mesmo após terem sido extintas na realidade (Halbwachs 2004). A memória individual e/ou coletiva tem nos lugares, e nas paisagens que eles implicam, uma referência importante para a sua construção, já que, as memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Portanto a cidade, a apropriação do espaço urbano se apresenta como um dos principais *quadros de referência* de nossas memórias. Neste sentido, apoiado nas reflexões de

---

<sup>148</sup> *Página 12*. Buenos Aires, 1ro de Setembro de 2002. Disponível em <http://www.pagina12.com.ar/diario/deportes/8-9573-2002-09-01.html>.

Eckert e Rocha<sup>149</sup> (2001) sobre o tempo e o espaço citadino Marques<sup>150</sup> (2005:5) observa que:

A memória desempenha um papel essencial na compreensão das lógicas de apropriação dos espaços urbanos na contemporaneidade, na medida em que ela organiza o cotidiano e arranja o tempo, tornando contínuo algo que em si mesmo é fragmentado e descontínuo marcado por cortes e rupturas. A memória que os grupos urbanos detêm acerca dos seus territórios de vida é então, como que uma luta contra a ação corrosiva do tempo nas modernas sociedades contemporâneas, já que é a memória que mantém vivo os espaços imaginados e os espaços anteriormente vividos pelos habitantes dos grandes centros urbanos, é ela que orienta a nossa vivência cotidiana e a própria vida da cidade.

Frente à transformação do debate da questão futebolística para a questão política, os dirigentes foram deslocados do seu “âmbito natural”, ou seja, dessa auto-imagem desinteressada, característica das entidades de bem público, e se viram obrigados a elevar os mitos em que se fundam a emblemática futebolística a uma forma de estandartes para uma negociação com as autoridades do Estado. Neste caso, os dirigentes participantes da disputa estavam sendo obrigados a interferir na resolução, produzindo uma intensa cadeia de rumores e intrigas na sociedade platense sobre os “importantes interesses em jogo” e sobre a emergência de desavenças entre os clubes, explicitando um embasamento ideológico que estruturava uma narrativa sobre a “história da cidade”.

Certamente, existem muitas semelhanças entre estes acontecimentos e a minuciosa etnografia de Gastón Gil sobre a dinâmica de articulação e conflito entre identidades locais e clubes de futebol na cidade de Mar del Plata em torno aos pormenores da substancialização do territórios sociais vinculados com a noção do “estádio próprio” (do clube portuário de Aldosivi). Liderada por torcedores, dirigentes e jornalistas, a resistência e indiferença que mostraram este atores frente à possibilidade de jogar no moderno Estádio Comunal daquela cidade, construído para a Taça do Mundo de 1978, articulava-se inclusive com a rejeição da promessa de um

---

<sup>149</sup> ECKERT, Comelia; ROCHA, Ana Luzia Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. In: ECKERT, Comelia; ROCHA, Ana Luzia Carvalho da (Orgs.). *Iluminuras 04 - Antropologia urbana: cidades e estilos de vida*. Porto Alegre. PPGAS UFRJ, 2001.

<sup>150</sup> MARQUES, Olavo Ramalho. *Imagem e Memória: Desvendando uma cidade a partir de seus fragmentos*. In: Eckert, Comelia e Rocha, Ana Luiza Carvalho da. (Orgs.) *Iluminuras 12. A construção destrutiva ou a destruição construtiva: territorialidades e paisagens vividas*. Porto Alegre: Editora PPGAS/UFRGS, 2005.

gerenciamento econômico salvador que o colocaria na Primeira Divisão e o tiraria da quebra econômica (Gil 2002: 76-86). A relação do “estádio próprio”, - e com o signo “La Cantera” - com o território do porto de Mar del Plata, mostraria os traços discursivos em que a segmentaridade e territorialidade se apresentam como dimensões também poéticas e *sígnicas* de uma batalha por hegemonia cultural.

*O time profissional do Estudiantes posa para a foto antes da realização de um “jogo de protesto” realizado na Praça Moreno no dia 1º de maio de 2006.*

*Pode-se notar ícones rebeldes “infiltrados”.*

*(Diário El Dia. La Plata, 2 de maio de 2006, pág. 3)*



Os acontecimentos platenses em torno ao estádio único, uma vez que primavam, claramente, por “desencontros” entre a dirigência, pareciam um episódio de atualização em que se reabria o debate, para a ordem simbólica, sobre a vigência da utopia de cidade em termos de “pacificação nacional” no século XIX entre elites governantes. Imprevistamente, entre manifestações de protesto e resistência dos torcedores e críticas dos partidos políticos de oposição pelo que chamavam “monumento à corrupção”, os presidentes do Estudiantes e do Gimnasia daqueles anos, o advogado Eduardo Abadie e o empresário José Muñoz, encontravam-se “consumindo” uma parte significativa de sua vida pública associada com o conceito de “sociedade civil”. Na tentativa de compreender de que forma seria possível resolver o problema colocado pelo estádio “único” sem perder de vista o “justo” encaminhamento das demandas “sentimentais” dos respectivos sócios e simpatizantes, reacendia-se o debate em relação às possibilidades de reparar a separação construída na ordem na cultura, antecedente a esse acontecimento.

É a cidade que é redimensionada no discurso e nos acontecimentos como objeto que realiza uma obra temporal à medida que seus territórios de significados e lugares de sociabilidade “*prestam-se ao enraizamento de uma experiência comunitária*” (Rocha & Eckert, 2005: 89). E à resistência pública dos torcedores - que na imprensa local se manifestavam contra essa possibilidade - somava-se o empecilho de não saber como administrar, em conjunto, o novo “negócio” aberto pelo estádio, que excedia o propriamente futebolístico, pois estava dentro de um fluxo global de modernização dos espaços do espetáculo (como grandes recitais de musicais ou, inclusive,

podendo transformar-se em primeiro cenário para a Seleção Nacional de Futebol). Dia a dia cresciam rumores e intrigas sobre altos funcionários locais e nacionais envolvidos e interessados na realização da obra e na unificação do espaço de ação dos clubes, por exemplo, no negócio publicitário.

Um alto dirigente do Gimnasia e integrante da diretoria da Fundação Estádio Cidade de La Plata relatou-me, em tom de “confissão”, uma reunião levada a cabo em 1999. Segundo ele, ser tratava-se de saber qual o “verdadeiro” motivo da construção do novo estádio. O conhecimento dessa reunião, por parte deste dirigente do Gimnasia, deveu-se à sua condição de dono de uma das empresas concessionárias da obra. Segundo esse relato, em uma ocasião durante a obra, presenciou um encontro “secreto” entre o então prefeito da cidade, Julio Alak, o governador (na época) E. Duhalde, o diretor do diário *El Dia*, Raul Kraiselburg, e Carlos Bilardo (ex- técnico do Estudiantes e da Seleção Argentina, nesse momento, na condição de representante da empresa mediática mais importante do país, *TyC Sports*.) A reunião, descrita como “escura e secreta” por outros dirigentes que entrevistei, tinha como objetivo determinar quem seriam os principais beneficiários do “negócio do estádio”. Segundo ele, a rejeição generalizada de parte das torcidas era alimentada pelos dirigentes a partir da negativa de Alak de entregar este negócio - ou seja, publicidade estática, aluguel e administração de fundos públicos-exclusivamente a uma sociedade entre o poderoso jornal local *El Dia* e a empresas mediática nacional *TyC Sports*. Este tipo de relatos foi moeda corrente durante o desenvolvimeto do conflito.

A bem da verdade, pode-se dizer que foi a dirigência do Estudiantes em 2005 - comandada, nesse momento, pelo empresário Julio Alegre - que encabeçará uma tensa negociação com o então prefeito – peronista - da cidade, Julio Alak. Alegre chamará a esta negociação de “luta” pela remodelação do velho “estádio de 1 e 57”<sup>151</sup>, apoiado pela “comunidade estudantil” e a suposta resistência dos torcedores e simpatizantes a compartilhar o estádio com o Gimnasia. Reformas que serão uma e outra vez rejeitadas pelos deputados e vereadores aliados do prefeito Alak na câmara legislativa. Já numa reunião chave entre o Prefeito e os dirigentes do *Estudiantes*, em 2004, abundaram epítetos desqualificativos e mutuamente excludentes, envolvendo acusações de “anti-radicalismo” (de Alak) e “anti-peronismo” (de Alegre), o que segundo as intrigas, teria motivado a intransigência de ambos os lados. Entre funcionários próximos ao governo municipal acusava-se a dirigência do Estudiantes de pretender criar um *shopping*<sup>152</sup> de compras dentro do Estádio. Por outro lado,

---

<sup>151</sup> Assim é conhecido o estádio do Estudiantes por encontrar-se na interseção das rua 1 com a 57. Note-se novamente que se toma como referência espacial do estádio sua localização dentro do centro urbano da cidade.

<sup>152</sup> . Dito de passagem, a cidade não possui nenhum *shopping* por decisão do plano diretor.



também a diretiva de Gimnasia, então liderada pelo Presidente José Muñoz tinha que suportar a renitência de seus torcedores e sócios ao abandono do histórico “Estádio do Bosque”.

A tensão interna entre dirigentes de ambos dos clubes vai tomar uma dimensão única e se valerá da problematização de outra dimensão cara às teorias políticas modernas: a relação entre territórios, poder e identidades. Em 2006, com a presidência de um advogado, Eduardo Abadie, Estudiantes continuava em litígio com a Prefeitura e reclamava a permissão de “reformatar” o Estádio próprio, que tinha sido iniciada de surpresa, numa noite de dezembro de 2005. A obra estava paralisada por ordem da justiça. Enquanto isso, Muñoz declarava publicamente a necessidade de utilizar e apropriar-se do novo estádio por parte de Gimnasia. Abadie colocava-se à frente das mobilizações de torcedores e dizia escutar as vozes dos “sócios reconhecidos” do clube e a paixão dos torcedores, em torno da honra e um suposto “direito territorial” adquirido pela “história gloriosa do clube da cidade”<sup>153</sup>. Posição que foi reafirmada na Assembléia de setembro de 2006. Muñoz se via a si mesmo como o encarregado de liderar um “disciplinamento” da tropa e conseguir que Gimnasia entrasse na história “grande da cidade”. Já não podemos falar de “acaso” nestas revelações *significativas* entre os pólos da oposição que experimentavam os presidentes com relação à cidade. Porém, a tentativa de Muñoz de instalar o time profissional definitivamente no *Estádio Ciudad de La Plata* terminará abruptamente no clássico 139 entre ambos os clubes, quando Estudiantes vence categoricamente o Gimnasia por 7 a zero. O futebol tinha decidido por todos, Estudiantes ficará 34 partidas invicto. E o velho estádio ainda espera.

Entretanto, para minha surpresa, as declarações públicas “mobilizadoras” dos presidentes e dirigentes do Estudiantes e a postura “fria” da dirigência do Gimnasia contrastavam com os desejos em relação ao tipo de autoridade de dois dos ex-presidentes dos clubes que foram meus principais interlocutores durante os meses que durou aquele conflito. No Estudiantes, o desacordo entre Alegre e Abadie se concentrava no “desnecessário esquentamento dos ânimos dos torcedores e sócios”, e consideravam esta postura perigosa e contrária à “*racionalidade que Estudiente tinha mostrado na sua história dirigençial*” (Sr. Ravagni). Em Gimnasia, a crítica se endereçava à “*manipulação comercial e econômica do sentimento do povo gimnasta por parte deste senhor*” (Cdr. Fuentes). Em nenhum caso, escutei falar contra as posições tomadas por uma e outra “tribo”. O problema centrava-se assim sobre as consequências que a *imitação* entre dirigentes e dirigidos tinha para seu próprio estatuto diferenciado. Definitivamente, havia

---

<sup>153</sup> Diario El Dia. La Plata.

uma inversão das identificações dos clubes no mecanismo desta *imitação* que se colocava diretamente sobre a autoridade do poder dirigenal.

Era como se a estrutura dicotômica antes mencionada houvesse repercutido e desvelado as verdadeiras identidades políticas que cada um dos clubes segue como modelos de ação. A cidade se une e se separa através do estádio, em debate cotidiano sobre a importância territorial dos grandes “clãs e dinastias” que os sujeitos identificam com a própria história do clube a que pertencem. O estádio, templo preparado para a *performance* futebolística, vira, neste episódio, um *acontecimento fantasmal* (Silva 2001: 59), centros exemplares para onde confluíam e onde se territorializariam os emblemas e as forças que sustentam a história e o destino coletivo da cidade. Dos ideais aristocráticos e heróicos dos tempos renacentistas enfrentados com a mentalidade burguesa dos tempos modernos (Hirschman 2005). Esta ordem simbólica é objeto de uma luta - portanto, de um “ordenamento”- que tem como matéria prima o agenciamento externo que a cidade coloca como sentido primitivo para ser decifrado por aqueles que são os sujeitos de uma “elitidade” imaginada nos dirigentes.

### **3.2. Os clubes-emblema nos dirigentes**

Tal como acontece no Brasil, Itália ou Espanha, abundam, no futebol argentino, identificações clubísticas em luta, como as que caracterizam a oposição entre o Estudantes e o Gimnasia. Estas oposições são traduzidas sob a figuração de “estilos emblemáticos” de jogar, que foram sendo construídos durante um longo processo de relações mitológicas peculiares. Historicamente constituídos por acontecimentos, pela experiência das equipes nas competências e jogadores identificados com os times, sua inserção paradigmática conforma uma narrativa biográfica do clube formalmente “coerente” em relação ao tipo ideal de estilo de jogar futebol, a que pertence cada clube –não unicamente na tática de jogo, mas também ao “sentir” e ao “viver” o futebol. Este tipo de identificações com supostos “estilos próprios” dos times de futebol é construído por uma “memória coletiva” que remete às narrativas sobre determinados períodos e acontecimentos futebolísticos, e respondem a uma série de fluxos socialmente construídos por afinidades, fidelidades e simbolizações complexas. Os estilos sobrevivem como narrativas ainda que não necessariamente estes “modos” de jogar tenham correspondência com as qualidades corporais dos jogadores nem com as posturas táticas dos times (Bromberger 1995).

Está claro que a luta dicotômica de “estilos” entre o Estudantes e o Gimnasia, como em outras cidades do planeta, se relaciona com a busca da

apropriação simbólica de um espaço geo-político concreto. Ele está localizado dentro das já mencionadas coordenadas culturais nacionais que opõem um estilo “nacional” e inventivo a um estilo “estrangeiro” e *maquínico* – dividem assim também o mundo entre a ênfase na liberdade e na igualdade. Entretanto, quase sempre esta relação se configura como duas partes que devem ser três, aqueles que completam, como uma totalidade, a estrutura triádica em que se inscreve o sentido histórico da dicotomia: uma estrutura semelhante à que compõem Real Madrid-Atlético-Barcelona, na Espanha, ou então Benfica-Sporting-Porto, em Portugal. No caso espanhol, o sentido histórico que possibilita a relação triádica remete à supremacia do Real Madrid frente ao Atlético que, por sua vez, o projeta como metáfora da “Gran Espanha” frente às minorias com pretensões independentistas (leia-se a Catalunha do Barcelona, mas também o país basco, a Galícia, etc). A supremacia do Benfica sobre o Sporting - representante das velhas elites de Lisboa - do ponto de vista do capital social enfrenta o Porto, que se reconhece como o lugar da modernidade burguesa e economicamente dinâmica frente “ao Portugal da classe política burocratizada” encarnada pela capital Lisboa, paradoxalmente representada pelo Sporting, que sustenta a dicotomia e que enfrenta o Benfica. Como acontece em Madrid, Rio de Janeiro ou Lisboa, em La Plata, Estudiantes e Gimnasia projetam seus emblemas sobre uma suposta supremacia cultural, potencialmente hegemônica em termos de projeção sobre os outros, de um clube sobre outro, que é sempre construída como relação que expressa o lugar que ocupa a relação entre “os dois” frente ao “resto” dos “grandes” clubes argentinos.

Assumindo inicialmente que há uma inconsistência objetiva neste tipo de definições “estilísticas” baseadas nas dicotomias ofensivo-defensivos, tático-inventivo, físico-lúdico, etc. e tomando a *performance* futebolística como um todo contínuo menos rígido, os imaginários futebolísticos do Estudiantes e do Gimnasia, construídos em torno a estas rerepresentações totêmicas podem ser conectados com a materialidade institucional por dois caminhos. Seguindo a distinção feita por Damo, encontramos “o *capital simbólico* dos clubes, definido aqui como a lembrança dos torcedores, e, o *capital social* declinado a partir do status galgado pelas *performances* dos times nas competições futebolísticas (Damo 2005: 70, *itálica minha*). Em outras palavras: de um lado, a forma como a *performance* manifesta-se em termos de volume de simpatizantes e, do outro, a acumulação numérica dos triunfos e derrotas e o volume de participações dos principais times na história das competições profissionais. Lamento não contar com um terceiro tipo de capital, aquele que, na gíria dirigencial é chamado de capital *societário*. Este último permitiria observar o número de associados dos clubes ao longo da sua história. Entretanto, sabemos que, ciclicamente e dependendo do êxito do *capital social* e da constância e perdurabilidade, no tempo, do *capital simbólico*, os clubes

traduzem estes números em um crescimento ou queda da quantidade de associados durante determinados períodos.

Efetivamente, os números com que contamos, mostram que ambos, tanto o Estudiantes como o Gimnasia, geraram times profissionais que pertencem à elite histórica do futebol profissional tanto em termos de capital simbólico e social, mantendo uma relativa proximidade entre eles e uma equivalência interna entre seus posicionamentos com relação a outras identificações nacionais. É certo que, como foi dito, o volume de associados, em cada período histórico, varia significativamente segundo a *performance* competitiva futebolística (o *capital social*), porém uma boa parte do *capital simbólico* está dada por identificações extra-competitivas, como a herança familiar, o lugar de nascimento, as redes de sociabilidade, etc.

**Tabela 2. Capitais simbólico e social dos clubes argentinos**

Ranking de clubes ** ( <i>capital simbólico</i> )			Tabela histórica do Campeonato Argentino * ( <i>capital social</i> )			
Pos.	Equipe	%	Pos.	Equipe	Jogos	Pontos
1	Boca Juniors	40,4 %	1	River Plate	2916	4130
2	River Plate	32,6 %	2	Boca Juniors	2898	3950
3	Independiente	5,5 %	3	Independiente	2888	3601
4	Racing Club	4,2 %	4	San Lorenzo	2835	3560
5	San Lorenzo de Almagro	3,9 %	5	Vélez Sarsfield	2780	3282
6	Rosário Central	1,7 %	6	Racing Club	2763	3231
7	<b>Estudiantes de La Plata</b>	<b>1,6 %</b>	7	<b>Estudiantes de La Plata</b>	2797	3072
8	Talleres	1,3 %	8	Newell's Old Boys	2516	2756
9	Belgrano	1,3 %	9	Rosário Central	2493	2697
10	Newell's Old Boys	1,2 %	10	Huracán	2495	2578
11	Vélez Sársfield	1,1 %	11	<b>Gimnasia y Esgrima La Plata</b>	2473	2563
12	Atlético Tucumán	0,8 %	12	Ferro Carril Oeste	2330	2231
13	Huracán	0,6 %	13	Argentinos Juniors	2113	2027
14	<b>Gimnasia y Esgrima La Plata</b>	<b>0,5 %</b>	14	Platense	2021	1873

\* Fonte: Site da *Asociación del Fútbol Argentino* (AFA), 2008. [www.afa.org.com](http://www.afa.org.com). Tomado desde 1931

\*\* Fonte: Consultora *Equis*, 2006. [www.consultoraequis.com](http://www.consultoraequis.com)

Uma parte importante da sua eficácia depende dos êxitos e fracassos futebolísticos, em uma leitura tanto conjuntural quanto cumulativa. Esse capital simbólico excede aos “sócios” e se define genericamente pela categoria de “*hinchas*” (simpatizantes, torcedores, etc). No plano da instituição, é evidente que a quantidade de sócios reais tende efetivamente a aumentar ou diminuir segundo o modo “como se percebe o clube”, a partir das qualidades do time de primeira divisão. Mas não depende deste apenas do ponto de vista estético, mas também de uma avaliação sobre seu funcionamento em outros âmbitos, como nos treinamentos, na sociabilidade entre os líderes do clube, na durabilidade dos contratos tanto comerciais como esportivos conseguidos pelos dirigentes, do número de jogadores nascidos ou “comprados” pela instituição. Nesta avaliação entram em cena, pelo que me diz um velho dirigente, outras variáveis igualmente importantes, como “o estado das instalações, a oferta esportiva e cultural e, no caso dos sócios influentes e mais ‘futeboleros’, até a situação das “*categorias de base e do futebol amador com vistas ao futuro em cada situação histórica*” (Esc. Olivera).

Considerando-se todo o espectro nacional, o Estudante e o Gimnasia participam minoritariamente, com apenas 1,6 e 0,5 %, respectivamente, da totalidade dos que se declaram “hinchas” no país. Explicamos anteriormente que a diferença de quase um ponto percentual entre o volume de torcedores a favor do Estudantes se deve às campanhas de caráter nacional deste time durante os anos finais da década de 1960 e não à distribuição praticamente igualitária que se verifica no território da cidade. Existe uma pequena vantagem do Gimnasia sobre o Estudantes, de 23,3 a 25,2% respectivamente, segundo a última pesquisa sobre os torcedores da cidade. Igualmente, como acontece em outras importantes cidades argentinas, tais como Córdoba, Tucumán e Rosário, na cidade de La Plata, os dois clubes, Estudantes e Gimnasia, possuem o capital simbólico futebolístico de simpatizantes mais elevado do que o dos clubes Boca e River, entidades que dominam o *ranking* de torcedores em nível nacional, na cidade de Buenos Aires e em outras cidades que não têm clubes com trajetória profissional significativa (Mendoza, San Juan, etc). Nas competições, o Estudantes tem uma vantagem significativa frente ao Gimnasia, com quatro campeonatos nacionais e cinco internacionais contra nenhum por parte do seu inimigo histórico, evidenciando que o processo de identificação clubístico não está diretamente relacionado com as *performances* e os êxitos conseguidos (ou não alcançados). Geralmente, estas identificações em conflito são traduzidas, nos times de futebol, sob a forma de estilos “emblemáticos” de jogar. Chamarei este espaço social e simbólico um tanto difuso de identificações culturais que giram em torno e atravessam a instituição clubística “com futebol”, de *clube-emblema*.

Estas formas de jogo são importantíssimas tanto para a verificação dos desempenhos individuais quanto para confirmar o conjunto de jogadores associados na busca de resultados. Elas igualmente atestam, animam e representam, para além do plano técnico, a “comunidade moral” dos torcedores em torno a times ou seleções, além de balizar todo o discursos da mídia esportiva (Toledo 2000: 46).

O “esporte e a guerra implicam tipos de conflito que se entrelaçam sutilmente com formas de interdependência, cooperação e grupos de ‘nós’ e ‘eles’” disseram Elias & Dunning (1992:13), o que significa também, um conjunto de práticas e representações configuradas como campo narrativo habilitado por determinados “especialistas” que definem esses enfrentamentos- o universo da comunicação e da mídia. O jornalismo esportivo local cumpre uma função essencial para a invenção destes enfrentamentos como tradições “estilísticas” rivais sistematizadas. Cotidianamente, elas possibilitam o exercício da tradução do passado para o presente. É o que acontece com esta matéria em que se traça uma linha de continuidade segura de quase meio século sobre o “estilo do Estudiantes”:

Todo ocurrió en el mes de mayo de ese año. Fue la ratificación de un equipo albirrojo que ya estaba ensamblado, que conocía al dedillo el A,B,C del fútbol y que, desde lo táctico y lo estratégico, sin desdeñar el temperamento y la fuerza, estaba listo para plantársele de firme a cualquier rival, como había ocurrido en Inglaterra, ante el Manchester United. Después llegaría la revancha del equipo "tricolor". Fue en la Copa de 1971 (entre los meses de mayo y junio), cuando en el estadio Nacional de Lima, Perú, en una auténtica finalísima ya que ambos equipos habían ganado como locales (Estudiantes, 1-0, en La Plata), (Nacional, 1-0, en el Centenario), logró prevalecer por 2-0 y así pudo alzar por primera vez el ansiado trofeo. Los tiempos han cambiado. El fútbol es otro. Pero un nuevo Estudiantes-Nacional, otra vez, será para alquilar balcones. Es que después haber llegado a esta instancia semifinal luego de un largo derrotero, nadie querrá retroceder. Y cuando el próximo jueves estén después de tantos años frente a frente, los fantasmas de aquellas topadas memorables seguramente volverán a rondar el Estadio Ciudad de La Plata.<sup>154</sup>

A tradução do “estilo” em *identificação social* do Gimnasia está fortemente marcada por um principio de “injustiça” e de sujeição histórica dos “mais humildes” - e periféricos - por parte de uma classe média burguesa

---

<sup>154</sup> Diário *El Día*. La Plata, 21 de junho de 2009.

e urbana sem identidade definida “nacionalmente”. Gimnasia é assim uma abstração extrema de exemplos reconhecíveis em outros lugares do país, como Boca Juniors, Racing Clube, Rosário Central, etc. O Gimnasia, como já vimos, é o inimigo “por natureza” do Estudiantes e, apesar de manter uma relativa equidade em número de vitórias e derrotas frente ao Estudiantes, ao longo de quase cem anos de enfrentamentos, não tem conseguido campeonatos (exceto o último da era amadora, em 1929), sendo “conhecido” pelos vários subcampeonatos obtidos e campeonatos perdidos, incrivelmente, nos lances finais de diferentes competições (1933, 1962, 1970, 2004); “o subcampeão”, brincam, cantando, os torcedores contrários, na tribuna. Esta ampla “geopolítica” coloca em “grau zero” a história do Gimnasia. É, precisamente, a maior das ameaças que a identidade do Estudiantes tem nas suas costas. É muito comum escutar nos bares e cafés da cidade quando se acende a rivalidade entre torcedores, a frase: “quando o Gimnasia ganhar um campeonato, apenas um, todos os conseguidos pelo Estudiantes se desvanecerão”. Eles “são moda” dizem os jovens membros de uma *filial*<sup>155</sup> de Gimnasia, os quais entrevistei durante a pesquisa. O Estudiantes, por sua vez, tem ganho muito do ponto de vista das competições futebolísticas (quatro Campeonatos Nacionais de Primeira Divisão, quatro Taças Libertadores e uma Taça Intercontinental), sendo considerado, no ambiente futebolístico, “o mais grande dos pequenos”<sup>156</sup> e um dos precursores, no país, da “modernidade tática” inspirada no futebol europeu, durante a década de 1960 (especificamente, o holandês).

Este imaginário coletivo exprime, diariamente na cidade e no universo cotidiano, o que Bromberger (1998) denomina a “lógica partisansa” constitutiva das torcidas, dos espectadores e dos sócios vinculados à dirigência. É um aspecto do sistema que permite caracterizar um antagonismo bipolar, através do qual se coloca em movimento uma potente função de diferenciação. São “emoções obrigatórias e prescritivas” que constituem uma espécie de receptáculo para conteúdos simbólicos que serão investidos pela configuração social específica, estruturando uma “geopolítica das preferências clubísticas” e colocando em relação uma série limitada de estruturas de dependência entre as identificações (Damo 2005: 85).

Desde o ponto de vista do discurso dirigencial, entre estes conteúdos, dados pela configuração dos capitais, estão aqueles componentes que serão incorporados e gerenciados pelos jogadores na hora da sua formação-produção (como parte estruturante de um determinado *habitus* corporal e

---

<sup>155</sup> Nome institucional dado ao agrupamento voluntário de sócios dos clubes argentinos fora da localidade em que está a sede central da instituição.

<sup>156</sup> Os clubes “grandes” são considerados Boca Juniors (Bs As), River Plate (Bs As), Independiente (Avellaneda), Racing (Avellaneda) e San Lorenzo (Bs As).

mental sobre o “estilo”). Tal como se explicita nesta descrição sobre a dimensão cíclica do confronto futebolístico entre o Estudiantes e o Gimnasia, a partir da reinvenção estética do grafite, este se dá nas ruas e na esfera da interação cotidiana:

En la cancha, y en las paredes, que son la continuación de la disputa entre hinchadas, aparece como elemento articulador de los discursos la identidad sexual. Hinchas de Gimnasia, uno de los dos equipos de fútbol locales de primera división, pintaron “Gimnasia manda” con color azul sobre pared blanca, reforzando la identidad (la camiseta tripera es azul y blanca). Sobre este graffiti los hinchas de Estudiantes agregaron la frase “Mazzoni te cojió” (haciendo referencia la jugador de Independiente que convirtió el gol que impidió que Gimnasia salga campeón en 1995), agregando, para reforzar el concepto, un dibujo de un pene eyaculando. También escribieron un “no” antes de manda y un “y se lo cogen” a continuación de esta palabra. Completan la réplica el dibujo de dos caras de tristeza mas el número 114 que son los años que tiene el club Gimnasia sin salir campeón. (Pauli 2002).

Gil observa também os grafites em Mar de Plata como um “importante gênero de inclusão territorial na definição das identidades esportivas” (Gil 2002: 67). A apropriação de certos lugares do espaço urbano da cidade estende-se como espetáculo a outras esferas da vida social como, por exemplo, no citado caso das manifestações de torcedores, *filiais* e sócios, que, durante os movimentos contra a decisão da prefeitura de impedir a construção do estádio próprio, organizaram protestos na *Plaza Moreno* em 2006; ou também as permanentes reuniões na Rua 7 com 51, frente ao palácio da legislatura provincial, tanto por motivos de apóio e festejo como de reivindicações de ambas as torcidas. Este fenômeno era notadamente visível na cidade durante os acontecimentos referidos à tentativa de instalar o “estádio único” por parte da dirigência dos clubes.



*Um grafite “industrializado”, dirigido à “dirigência”, declara o amor e resistência territorial, no principal portão de ingresso do estádio de Gimnasia no “bosque” (Foto: Dirigentes em el Fútbol I)*



*Os estilos* se diferenciam em um imaginário coletivo como acontece com as identidades “nacionais”, mas também se estruturam regionalmente, nas cidades, sob a forma de rivalidades culturais (que incluem, no nível das práticas, sistemas instáveis de alianças entre torcidas e outros clubes). Acontece que a consolidação de um *clube-emblema* se realiza por meio da identificação de estilos, sendo que a organização institucional deve ser capaz de veicular as afeições sobre as quais giram preceitos morais da sociedade mais ampla. Os “fantasmas” da cidade de La Plata são traduzidos nos times de futebol sob a forma de “estilos” emblemáticos de um ser coletivo imaginado e em pugna histórica.

Mas, na forma de emblemas, os clubes são uma projeção fantasmagórica dessas pegadas, tal como o Marx shakespeariano do *Dezoiito Brumário* anunciava a função social e política das operações teatrais que trabalham costurando a cultura ao poder instituído através de certos acontecimentos espetaculares<sup>157</sup>. O quadro que exprime esta dramatização sócio-cultural se apresenta, na fundação de ambos os clubes, através do conflito futebolístico, e se estende à *performance* futebolística e vice-versa. No entanto, isto não quer dizer que, no plano futebolístico, especialmente no nível dos clubes, estas dicotomias sejam reproduzidas de forma mecânica. Ao contrário, a busca por esses valores morais no futebol, expressos nos clubes-times, e na memória que habita seus territórios, o transforma em uma arena fascinante para um tipo de registro da estrutura de oposição complementar, justamente porque tem como contrapartida uma constante ressignificação na cena polifônica.

Trata-se de uma disseminação constante, através do futebol, de um conjunto maior de “valores morais” possíveis de serem assimilados na análise da história política argentina da primeira metade do século XX, tal como foi referido anteriormente. Disso se trata a “dignidade recuperada”. A afirmação destas oposições na própria identidade, cria equivalências nas formas de condução e na legitimidade da autoridade – mas também nos valores investidos como conteúdos de habilidades pessoais, etc – no que Sahlins recupera como uma estrutura histórica de “oposição complementar” entre os

---

<sup>157</sup> O Estudiantes, clube que nos últimos anos tem conseguido novamente uma série de êxitos futebolísticos importantes (campeão em 2006 e finalista da Taça Sul-americana, em 2008), enfatiza seu papel hegemônico e se situa no lugar do amo em uma espécie de dialética hegeliana, negando o Gimansia como rival e, portanto, como “par” (no último clássico, jogado em abril deste ano, a bandeira de um torcedor dizia: “deixem de chamar esta partida de clássico...”). Neste sentido, preso a uma “aderência” nacional conseguida durante sua época de glória, na década de ‘60, o “verdadeiro” rival do Estudiantes seria visto pelo torcedor como o conjunto dos “grandes” outros “amos” do futebol nacional (Boca, River, Independiente, Racing e São Lorenzo).

“empreendedores” e os “conservadores”<sup>158</sup> (Sahlins, 2006: 40-46). Em síntese, os tipos de dirigentes são também uma explicação local à “escassa possibilidade de expansão dos totens clubísticos” assinalada por Arlei Damo (2005: 113) como dimensão estrutural da permanência no tempo do sistema clubístico em geral.

Assim, ao longo dos anos também se constroem práticas idealizadas de dirigentes que identificariam modos de gerir um poder estruturado sobre os antagonismos culturais que atravessam esta ordem local e nacional. Não se trata unicamente de limites espaciais ou geográficos, mas também de campos ideológicos que respondem a estruturas de sentimentos e valores ancorados na trama social e cultural da cidade como um todo imaginado. Ideologias em que as coordenadas discursivas e as práticas do poder compõem uma dimensão importante.

Ocupando um espaço social de mediação do mundo público e privado em formações socioculturais formalmente heterogêneas como uma cidade, eles exprimem processos vivos de atividade em uma sociedade civil “não política” em que as decisões e condutas dirigencias tendem a uma negociação “sincera” com as demandas de um *totem* futebolístico que inclina-se à homogeneização, inscrevendo neste proceso etnogênico, uma marca sobre as coordenadas das hierarquias sociais envolvidas e possíveis, a conceituação do poder e dos sujeitos adequados a ele, do status, da classe, etc. Como pode-se observar no discurso da dirigência do Gimnasia que assumiu depois do fracasso do Presidente Muñoz em 2007, em relação aos acontecimentos do Estádio “único”, se afirma:

Esta Comisión Directiva proclamó la vuelta al Bosque y fue una realidad; prometió poner a Gimnasia de pie y que recuperara su dignidad, y así se ha hecho, ya que es público y notorio la prensa que tenía Gimnasia hasta no hace mucho tiempo atrás y qué tipo de prensa tiene en la actualidad”<sup>159</sup>

Estes atos públicos de decisão tornam-se, por assim dizer, “pontos de referência e de conduta” da prática institucional, ou como novamente diria Everett Hughes, com o vocabulário da sua época, instalam-se como parte de uma “construção ecológica” destas associações seculares mais permeáveis à competência e à mudança (Hughes 1984:13-14). Estes “pontos” permitem a determinados grupos trabalharem sobre um campo simbólico das mitologias

---

<sup>158</sup> Categorias com que Marshall Sahlins define em *História e Cultura* (2005) como instrumento para compreender o fenômeno de “invenção da tradição” na Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta.

<sup>159</sup> Depoimento do Dr. Walter Gisande, Presidente de Gimnasia. *Diario El Dia*. La Plata, 17 de agosto de 2009.

que operam no que, mais genericamente, Benedict Anderson (1991) denominou de “comunidade imaginada”<sup>160</sup>. Nos times de futebol, as distintas gerações dramatizam vivamente uma busca das “pegadas da existência humana”, como dizia sobre a obra de arte a reflexão de Heidegger.

Primeira prescrição: não se pode ser presidente ou dirigente de um clube do qual não se é torcedor, pelo qual não exista um sentimento “verdadeiro” e identificável. Por meio do futebol, um dirigente pratica e joga com as conseqüências reais que têm os conceitos empregados para narrar à história e atuar na política despolitizada – conceitos em tensão permanente. Temas, como dignidade, solidariedade, igualdade, superioridade, democracia, liberdade, estabilidade ou mudança aparecem, com freqüência, como problemáticas discursivas e, ao mesmo tempo, como instâncias de decisão prática, dissociadas da ação política oficializada dos partidos. Assim acontecerá na vida pública do **Sr. Rodríguez** e o **Esc. Olivera**, amigos desde a juventude. Em 1982, foram os protagonistas da organização do movimento *La Plata de Pie*. Mas durante a década de 80, coincidiram na presidência dos seus respectivos clubes, o primeiro em Gimnasia e o segundo em Estudiantes. Entrevistado em várias ocasiões na sua solitária casa de classe média, vestido com roupa esportiva, viúvo há poucos anos, o **Sr. Rodríguez** me relataria este fragmento temporal afetivo do seu amplo périplo dirigencial de mais de 40 anos:

Olivera y yo somos muy amigos. Resulta que siempre salíamos a comer a la noche En los ochenta el era soltero y yo... bueno me gustaba salir a la noche. Los dos fuimos elegidos presidentes en la misma época, yo de Gimnasia y él de Estudiantes. Entonces, empezamos a tener problemas, porque cuando nos veían juntos en el auto o en algún lugar público, nos puteaban. No dejamos de salir, yo me escondía abajo del asiento... Lo cierto es que solo nos encontrábamos en fiestas donde había poca gente, o la que había no nos decía nada... (**Sr. Rodríguez**, 70 anos)

O relato pode apenas passar como uma anedota, quiçá provocando risadas –ou indignação do senso comum jornalístico- sobre a intolerância de alguns torcedores que não podiam ver seus presidentes juntos, quando a maioria deles, especialmente em uma cidade como La Plata, tem torcedores do rival entre seus familiares mais próximos. A última interpretação deste dirigente, porém, deixa entrever outro tipo de derivações e, pelo menos, uma

---

<sup>160</sup> Quer dizer, partir de eventos ou temas compartilhados aos quais todos os seus membros podem ou se habituam a referir, de como uma nação –clubística- pode ser um grande âmbito ou espaço de interlocução, delimitado pela circulação de referentes discursivos, conhecidos por todos ou de conhecimento comum.

pergunta: de que forma foi possível que as próprias identificações os lançassem fora do campo constitutivo em que eram aceitos como dirigentes ao mesmo tempo em que os diferenciava?

É como se as trajetórias pessoais e a personalidade vivessem um instante de ruptura com a pertença íntima e se colocassem em tensão e estado de questionamento e inquérito devido a essa exposição objetivada por formas de expressão popular e legal sobre as relações pessoais. Lembra Geertz a respeito:

As idéias –religiosa, moral, prática, estética- como Max Weber, entre outros, nunca se cansou de insistir, devem ser apresentadas por grupos sociais poderosos para poder ter efeitos sociais poderosos: alguém deve reverenciá-las, celebrá-las, impô-las. Elas têm que ser institucionalizadas para poderem ter não apenas uma existência intelectual na sociedade, mas também, por assim dizer, uma existência material. As guerras ideológicas que devastaram a Indonésia nos últimos vinte e cinco anos, não devem ser vistas, como tantas vezes acontece, como embates de mentalidades opostas – “misticismo” javanês *versus* “pragmatismo” sumatranos, “sincretismo” indico *versus* “dogmatismo” islâmico- mas como a substância de uma luta para criar uma estrutura institucional para o país que um número suficiente de cidadãos ache conveniente o bastante para permiti-lhe funcionar (Geertz 1989: 137).

Entender como operam grupos e sujeitos determinados na genes cultural da organização deste processo, e de que maneira estes se articulam com universos como o espetáculo, o poder, a política, a sociedade civil e o esporte, tanto local como globalmente, serve de base para a interpretação sobre a vigência da expansão do sistema futebolístico, especialmente no que respeita as operações práticas que sustentam suas mensagens culturais institucionalizadas. “O povo” de um lado, “o cidadão” do outro, compõem essa complexa dualidade de uma comunidade de sentimento na qual eles detêm posições de poder constituído. Seja uma origem mítica ou “real” a gênese da identidade emblemática de um clube e o futebol que “representa, quanto ser “comprovável” esse pertencimento social às classes operárias, burguesas ou aos estratos de origem aristocrática, é uma questão que tem um outro tipo de relevância analítica.<sup>161</sup> Os *estilos*, encarnados nos times, e também em um

---

<sup>161</sup> A busca por uma “veracidade” científica do fenômeno de identificações de classe ou status que vincularia a origem do clube com os processos históricos “reais” é mais um trabalho da história que da antropologia. Os “estilos” – o *versus* - não são antagonicos “em si mesmos”, como se fossem essências, mas tendem a antagonizar-se na relação social e cultural produzida sobre as categorias do mundo que os rodeia e contextualiza. Aquilo que incomoda tanto ao materialismo positivo sociológico e histórico –“os

conjunto de referências confluentes no nível das práticas dos dirigentes dos clubes, como o Estudantes e o Gimnasia, no marco das decisões e condutas dirigenciais são, pelo menos, modelos de progresso na terra ou modelo de existir no céu; em suma, um sentido da história que orienta a organização e transformação moderna desses proto-falanstérios alguma vez imaginados.

Eles são apenas índices diferenciais produzidos através de pequenas singularidades, pequenos atos, ou silêncios com os dos presidentes amigos. Pequenos detalhes que, colocados em relação entre si, por intermédio do futebol, voltam como distâncias imaginadas, como duas linhas no vazio que nunca se cruzam e como dimensões espaço-temporais paralelas, mas irreconciliáveis. A ordem imaginária da cidade vive, através dos clubes, um movimento de transição endógena que é representado por uns e outros como uma luta utopicamente vitoriosa de uma ideologia autônoma e rebelde (passional para uns e reacionária para outros) contra uma ética dominante (positiva e em decadência)<sup>162</sup>. Os dirigentes no futebol platense são protagonistas privilegiados na composição de dispositivos que colocam em jogo, ritualmente, o lugar que ocupam a instituição e a materialidade que ela comporta, neste contexto histórico local e a relação que este estabelece com uma *terceridade*, nacional e global.

Evidentemente, os clubes não “pensam” por si mesmos, como aventurou Mary Douglas (1996), retomando a um Durkheim preocupado em explicar tudo -e todos- nas representações coletivas. Mas neles, sim, com as ferramentas implícitas na prática do futebol espetacularizado e profissionalizado, a dinâmica de decisões, o mundo civil –ou uma parte dele- “é pensado” emblematicamente com conceitos da política. Tanto no nível espetacular –o estádio- como institucional –a sede-, não há dúvida de que os rituais em que se vêm envolvidos tende a ser ficção sintética das tonalidades estéticas.

### **3.3. Um desenho instituído ou *instituinte* para as *performances* dirigenciais?**

Do ponto de vista da dinâmica de representação na cúpula institucional, os Estatutos Sociais, “carta magna” dos clubes de La Plata, prevêm uma renovação de autoridades a cada três anos. Idealmente, esta renovação se realiza por meio de uma convocação de eleições determinada,

---

estilos”, tem, justamente, fora do retângulo de jogo, um sentido próprio que exprime essas potências, dinâmicas e relações

<sup>162</sup> Um filme que consegue penetrar com profundidade neste tema é *Gangs of New York* (2004), de Martin Scorsese.

normalmente, por uma *Asamblea General Ordinaria* a ser realizada três meses antes da realização das mesmas. Esta Assembleia, por sua vez, se realiza todos os anos, sendo que no terceiro é encaminhada a convocatória para a eleição. Se não existirem situações anormais como, por exemplo, a renúncia de uma Comissão Diretiva inteira ou a destituição de um presidente, convocase eleições abertas - aos sócios com mais três anos de filiação - que deverão se realizar três meses antes do término do mandato. Usualmente, em caso de não existirem concorrentes inscritos, ou por decisão da Assembleia, se acorda uma “lista de unidade” que será nomeada em uma instância posterior.

Apesar de que a “unidade do clube” é vista como horizonte de harmonia desejado, o modelo assembleístico serve, objetivamente, para a produção de um ancoramento institucional da reprodução ritual de uma estrutura formalmente deliberativa<sup>163</sup>. Comumente, as *assemblies* destinadas à renovação de autoridades se realizam em diversos contextos políticos. O nível de imprevisibilidade depende muito da leitura feita pelos sócios no clube, e os simpatizantes nas arquibancadas, da “situação que atravessa o clube”: como se apresenta o clube na opinião pública, se estável ou em crise e - segundo a concorrência potencial de listas de oposição- a existência de consenso sobre a continuidade do grupo no poder ou a urgência para criar uma “lista de unidade” e “de consenso” como consequência da avaliação de uma situação de crise institucional. Todavia, a organização dessas *assemblies* segue um protocolo relativamente simples, segundo um calendário pré-estabelecido. A Assembleia Ordinária prévia às eleições é, sem dúvida, a que tem peso mais significativo neste processo de renovação. Ela se realiza através de uma convocatória da Comissão Diretiva, dando direito de participação a todos os associados que reúnam as condições exigidas pelos estatutos, conforme se pode visualizar no próximo texto:

Están habilitados para ingresar al recinto donde se desarrollará la Asamblea, los socios vitalicios y aquellos socios plenos mayores de 18 años, que estén al día con la tesorería del club y con una antigüedad mínima consecutiva e inmediata de tres años.<sup>164</sup>

---

<sup>163</sup> Um fato que deve ser mencionado aqui, já citado anteriormente, é de que a dirigência do Estudiantes em exercício no ano de 2004, reformou o Estatuto do clube. A consequente aprovação de um novo estatuto acabou ampliando o mandato de três para quatro anos. Esta reforma tinha como um dos objetivos, buscar a institucionalização de cargos profissionalizados em espaços de decisões-chave –especialmente daqueles ligados à administração, ao marketing e à direção do futebol profissional. Também visava permitir que aquele grupo de dirigentes na gestão do clube, escolhida em 2001, continuasse como tal até 2005, por ocasião dos festejos do centenário do clube. Apesar de que o primeiro dos objetivos teve impacto direto na caracterização mais “limpas” - da contaminação afetiva - de alguns cargos vitais como os referidos, os critérios associativistas quanto à formalidade da *performance* dirigençial se mantêm “sacralizados” nas constituições dos clubes tanto no Gimnasia como no Estudiantes.

<sup>164</sup> Estatuto Social do Clube Gimnasia y Esgrima La Plata.

Esta exigência que determina os direitos políticos é semelhante para os clubes Gimnasia e Estudiantes, e com algumas variantes, para a maioria dos clubes do futebol argentino. Nas mencionadas *assembléias*, através do voto direto dos participantes, se debatem, ponto por ponto, os temas que motivaram a convocatória. No caso das assembléias ordinárias, será a aprovação ou rejeição da *Memória e balanço* anual; no caso das ordinárias prévias à eleição, se somará a aprovação das listas de candidatos a serem submetidas à eleição ou de uma “lista de unidade”. E ainda, apesar de serem poucas na história dos clubes aqui tratados, existem as assembléias extraordinárias, convocadas “de cima”, por renúncias massivas de dirigentes, ou “de baixo”, por sócios, através da obtenção de assinaturas de um número detreminado de eleitores favoráveis à sua realização, segundo o Estatuto. Estas últimas podem ter como objetivos, destituição, eleição de uma nova CD até a data das eleições e, inclusive, a chamada para eleições antecipadas.

As características performáticas específicas que as assembléias assumirão, no que diz respeito à maneira como se apresentarão os dirigentes em exercício e os candidatos que postulam os cargos, dependerão muito do contexto de estabilidade ou de crise em que se encontram estes clubes, originado no estado de equilíbrio do emblema e da instituição nas áreas econômicas, políticas e esportivas. A poucos dias das eleições de 2004, o contador Héctor Domínguez, ex-presidente de Gimnasia em dois períodos sucessivos (1994-2004) deixa claro como a trajetória pessoal é um dos elementos centrais em debate nas transições a partir da perspectiva societária “positivista” a qual aderem os dirigentes:

La gente que vota lo que analiza es si es un grupo de trabajo, si es gente capacitada, si es gente que realmente durante su trayectoria ha aportado cosas al club o no, o si siempre ha estado solamente para criticar, nada mas.<sup>165</sup>

Trata-se de um “tempo institucional” ou, pelo menos, de um tempo que “deveria” tender a se situar no espaço social e nos quadros referenciais da memória institucional e de “celebração” de uma normalidade formal. A diferença das celebrações nas festas populares, em que o eixo está colocado no ordenamento de um calendário – por exemplo, as sociedade camponesas em relação ao tempo da colheita - focalizado na passagem de uma ordem profana de normalidade para outra do sagrado e do excepcional (Leach 1980, 2000), no tempo institucional do clube, a ênfase está em dar ao calendário uma forma de trânsito representacional – um intervalo que o simboliza -, um

---

<sup>165</sup> Héctor Domínguez, presidente de Gimnasia 1998-2004. *Diário El Día*. la Plata, 28 de novembro de 1999.

ponto de chegada e outro de partida em que a ordem sagrada (idealizada na *instituição*, ainda que muitas vezes em “crise” objetiva) incorpora-se ao mundo e faz circular os conteúdos formais necessários para a normalização do estatuto coletivo e objetivo dessa abstração transcendental (ainda que muitas vezes apresentadas como promessas “renovadoras e de mudança”). Longe de ser um simples ato burocrático, os vários tipos de *assembléias* e principalmente, os objetivos representacionais e eleitorais têm por finalidade produzir um tipo de apreensão do tempo-poder, entre outras coisas, associando, diretamente, esse instante com as personalidades individuais e de grupos dirigentes. O objetivo é apresentar um *centro* para a relação associativa do tempo com aquilo que Weber definiu como “a união de interesses racionalmente motivada” (Weber 1964: 120)

*A continuidade de projetos de gestão encarna na figura presidencial. Aqui Julio Alegre sucede a Guillermo Cichetti: “para que o Estudiantes continue o processo de crescimento que vem experimentando” (Foto: Diário El Día. La Plata, 3 de agosto de 2002)*



Mas   o intervalo em si mesmo, na verdade, o primeiro objetivo deste calendário. Primeiro, na *assembléia*, e depois, na elei o.   uma condi o necessária para a constitui o política do conceito de sócio. Serão eles os que ali se apoderam de forma abstrata, em delibera o, como cidadãos, das coordenadas do poder e da normaliza o do mesmo, concentrando uma discussão sobre um sistema de autoridade e sobre a formaliza o de um poder constituinte, atravessado por uma lógica enf ticamente emancipatória e de autonomia. A cota mensal paga durante três anos que dá direito   participa o, revela-se como um imposto social, afastando-se radicalmente, neste ritual de “assembléia”, da liga o primária com “a compra de um serviço”, e em consequência, com o valor mercantil desse dinheiro. Porém, esta lógica   fundamentalmente ambígua, já que se trata de uma forma singular de manifesta o de um direito universal   prática associativa *instituinte*, ao mesmo tempo em que representam a si mesmos como a nega o prática de um fato político *instituído*.

Em tal sentido, como diria Sahlins (2005), os clubes são “atores sociais de conjuntura” (p.12) em que estes eventos institucionais são a



modalidade de um enlace possível entre um presente a ser descrito e um futuro a ser concebido pelos sujeitos que neles interagem. Portanto, estes acontecimentos são o lugar propício para a expressão de uma entropia societária universal. Apresentando-se como momentos considerados “cruciais” para a instituição, permitem apoiar ou rejeitar a continuidade de uma determinada linha de inversão de “energias” sociais, utilizando a terminologia da física, de onde vem o conceito de entropia.

O médico Rubén Filipas, atual presidente do clube Estudiantes, refere-se assim a esta instância :

Ahora se viene la asamblea, que tiene que ser el ámbito de discusión lógica de todo asociado que quiera ir a interiorizarse de la situación del club. Por lo tanto no se si va a ser tranquila o no, será lo que tiene que ser: un ámbito para conocer el estado del club Estudiantes mas allá del resultado deportivo.<sup>166</sup>

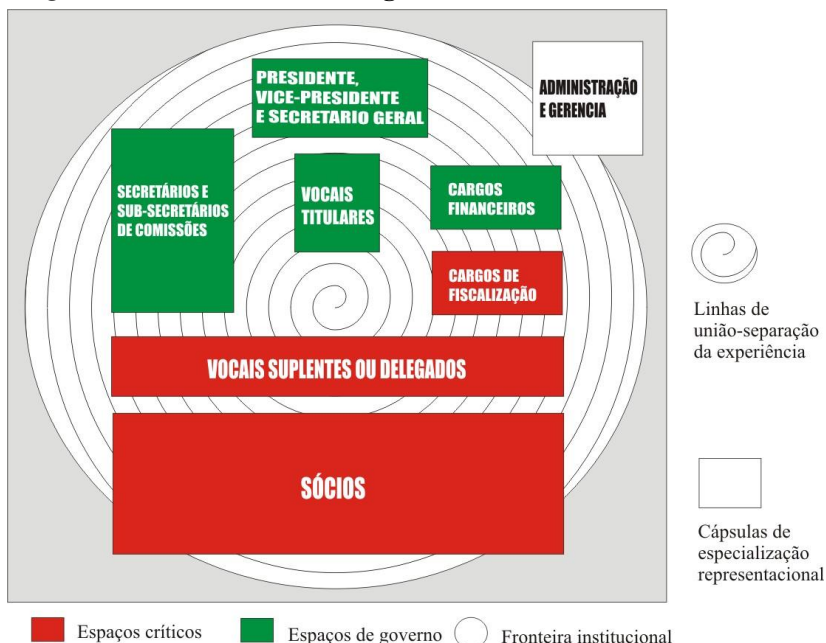
Interessante, porquanto Filipas, efetivamente, deixa entender que esse é um instante constituinte do conhecimento coletivo, e médico, ele se serve de uma metáfora profissional, que o projeta pessoalmente, para referir-se ao clube como “*o estado de um paciente*”. A assembléia, como modelo, é possibilidade de uma das principais marcas de referências na elaboração de um ideal de representação compartilhado pelo “conjunto dos membros” da entidade. Ela permite ser referência sobre a *índole* do poder e da política como meio, em cujos arbítrios relacionais –reais e potenciais - manifestam-se como tais “na interface de categorias separáveis” que diferenciam as “potências de poder” dos atores sociais (Leach, 2000: 36-37).

As assembléias e as reuniões de CD são modelos de ação política interdependentes. Fica difícil estabelecer um momento preciso na história, mas, provavelmente, entre as décadas de 1920 e 1930, com a expansão social e o crescimento societário dos clubes, o mecanismo “assembleístico” de decisão passa ser uma instância pública extraordinária, marcada no calendário, separando-se da cotidianeidade e do fechamento privado das reuniões de Comissão. A ausência de registros e crônicas sobre este hipotético processo de separação a que me refiro, tanto no Estudiantes como no Gimnasia, reafirmam a importância de acontecimentos pontuais como marcas de referência em torno aos costumes e modos adequados em que devem ser acionados os respectivos rituais. Concretamente e, dependendo da maior ou menor flexibilidade dos estatutos, as assembléias se realizam seguindo um padrão de restrição dos papéis dos diferentes atores em cena nas CD e vice-versa.

---

<sup>166</sup> Médico Dr. Rubén Filipas. Presidente de Estudiantes de La Plata. Diário *El Dia*. La Plata, 17 de agosto de 2009.

**Diagrama 1. Comissão Diretiva segundo “modelo de assembléia”**



Dentro da “fronteira institucional” ideal, geralmente os atores se distribuem segundo dois parâmetros de separação. De um lado, aqueles que pertencem a um espaço potencialmente crítico: os sócios que participam para escutar e verter opiniões, e no caso das assembléias, votar, e aqueles que têm a responsabilidade de fiscalizar e avaliar a legalidade da atuação das cabeças dirigenciais. Do outro, aqueles que são parte do “espaço de governo”, formado pelos vogais titulares, as presidências e aqueles que dirigem as comissões específicas, como a de futebol profissional, esportes amadores, festas, etc. Apesar de formarem parte do governo, também existem participantes implicitamente “liminares” aos quais está permitida a dissidência, fazendo às vezes de uma oposição potencial. Com exceção de alguns clubes, como River Plate, que tem delegados das diferentes listas, eleitos no pleito anterior, este espaço de governo “não oficial” depende da vontade de participação dos vogais suplentes. Eventualmente, frente a uma crise que deixa vagos os cargos de vogais, se escolhe em assembléia ou em novas eleições, novos representantes, fato que pode gerar um governo com minoria dos cargos do quadro dirigençial subalterno. Por último, e como parte da nova tendência de gestão, de separar gerenciamento de política, aparecem

os órgãos executivos compostos por grupos de especialistas<sup>167</sup> e quadros que excluem o pertencimento societário como requisito. Estas últimas compõem uma paisagem de organização relativamente nova no futebol argentino, porém, configuram a constituição de uma classe técnico-burocrática de *managers* ligados simbolicamente com o interesse e o controle do sócio-dono (Scott *apud* Coenen-Hunter 2004: 78).

O clube vai reproduzir, através deste modelo, uma mecânica ritual em direção a uma “pedagogia societária” do que significa “uma sociedade”, colocando em cena, a sociedade como transição entre a cientificidade do poder e a comunidade de sentimentos em a antecede. Permite, assim, uma ruptura com a vida cotidiana, um marco espacial-temporal específico, um cenário programado, a constituição de um modelo semântico sobre os papéis utópicos da condição “superior” que se espera da dirigência. Porque, finalmente, como assinalava George Balandier, o poder se estrutura sobre certas práticas ritualizadas e codificadas, se monta em “operadores” orientados para uma produção dramática de si mesmos (Balandier 1980: 61). Logo, também as eleições, mais fundamentalmente o modelo de assembleia, irão servir de tipo ideal de ação civil para os dirigentes. Esta prática – como um acontecimento ritualizado - é o horizonte simbólico do *clube-instituição* como “associação voluntária” e, mais ainda, o horizonte em que se estabelecem, quase sempre, os vínculos ideais com o *clube-emblema* segundo a leitura que seja feita da situação futebolística em relação com os capitais sociais e culturais do clube.

Por exemplo, durante aquelas reuniões de sócios -oficiais no calendário- em que devem ser discutidos os balanços anuais da gestão e administração, segundo o estatuto, por assembleias ordinárias anuais (chamadas de *memória e balanço*), se discutem a compra de jogadores, o estado das categorias de base, a lista de técnicos que estariam de acordo com o “estilo histórico do clube”, os tipos de vínculo e permanência contratual que estes atores estabeleceram com o clube, como também os objetivos buscados pelo time para as competições do próximo ano. O futebol deverá “competir” com os principais objetivos direcionados pela mais pura “tradição deliberativa” do associativismo moderno<sup>168</sup>. Uma auto-imagem menos rígida em termos dos modelos institucionais, mas que depende de uma lógica emocional que oscila de um ponto a outro, em um movimento cíclico entre ambos os universos - não circular -, um movimento que ameaça colidir permanentemente seus objetivos estéticos e materiais quando não satisfeitos.

---

<sup>167</sup> No Estudiantes, esta nova cláusula de organização foi introduzida com a reforma do estatuto de 2004, e leva o título de “Estrutura Executiva de Gestão”.

<sup>168</sup> Um espaço de sociabilidade institucional integrador, educador e de contenção de indivíduos heterogêneos (Gil 2002, Carvalho 2001).

Dependendo das circunstâncias, o sócio-torcedor pedirá ao dirigente condutas diferentes para consigo e para com o clube: ousadia, vigília, exposição, cuidado, são posturas de caráter pelas quais o dirigente é intimado, pelo torcedor, a responder, no estádio, e na sede do clube, mediado por relações informais variadas, pelos sócios. Entretanto, supõe também um forte estímulo para se desenvolver polifonicamente, do ponto de vista da interpretação do que significam os termos “comunitário”, “social”, etc. Em resumo, o futebol funciona, através de signos de seus capitais simbólicos e sociais, como ferramenta prática para uma leitura de comportamentos, condutas e trajetórias dirigenciais, colocados em relação com a valoração e a interpretação destes conceitos institucionais e com os modos de administrar o mesmo. Este é o espaço que ocupa o modelo de decisão instituído como conceito de “clube” dentro de um campo de forças em que o dirigente deverá se mover.

Em consonância com a separação entre espaços *instituídos* e *instituintes* e, com a exceção do mencionado clube River Plate, cujas reuniões de Comissão Diretiva são realizadas uma vez por mês e congregam uma quantidade considerável de representantes de distintos setores do clube e de sócios<sup>169</sup> (em uma espécie de “assembleísmo aristocrático” semelhante ao das universidades), em clubes como o Estudiantes ou o Gimnasia, predomina a realização das reuniões da já mencionada *‘mesa chica’*, que se realiza de forma semanal. Nesse “governo reduzido”, as reuniões são compostas pelos dirigentes dos cargos mencionados anteriormente como mais importantes: Presidentes, Secretário Geral, Chefe do Departamento de Futebol e autoridades à frente da administração dos recursos financeiros.

Assim, o *modelo de assembléia* constitui um desenho que ilustra um tipo ideal de reunião de Comissão Diretiva como mecanismo formal onde se reproduzem, de forma ideal, as mencionadas Assembléias Ordinárias. Estas, ciclicamente, encenam o lugar que têm na tomada de decisões ou no conjunto de atores políticos que compõem o espaço dirigencial formalizado. Obviamente, os distintos tipos de *performances* dirigenciais requeridas excedem às produzidas nas instâncias formais deste tipo. Fundamentalmente, porque, como tentei mostrar no diagrama, a maioria dos partícipes desta “pequena sociedade” citados no ritual, não responde a parâmetros fixos de representação do ponto experiencial como parte da comunidade de sentimentos que os agrupa centrípeta e centrífugamente. A circulação de cargos e o entrar e sair deste espaço, segundo períodos da vida pessoal, afetiva e profissional, desvelam, polifonicamente, interesses e percepções que incluem a *performance* do emblema-clube.

---

<sup>169</sup> Além dos delegados que representam as diferentes facções do clube, no River Plate, a minoria possui representação entre os vogais titulares.

Neste sentido, a antropóloga argentina Verônica Moreira destaca a força que têm as concepções de honorabilidade, prestígio e trajetória que circulam em torno às figuras dirigenciais, e como elas são determinantes quanto a definir as expectativas que os sócios e torcedores formam a respeito dos componentes centrais das ações esperadas e estimadas por aqueles (Moreira 2008: 122). Então, a grande tarefa dirigençial será a de “saber” aproximar as expectativas rituais com as *performances* institucionais e os imaginários do emblema, sem perder de vista o envoltório de qualidades de pessoa profissional e a trajetória que o levaram ao cargo. Para manter a estabilidade no nível micropolítico, os clubes devem permitir produzir sistemas de competência interna e recrutamento, instâncias de integração e uma dinâmica de acesso aos cargos. Estes elementos se suportam em redes de relações e dependência entre sujeitos que revestem diversas classificações de status, de classe, etc.

Efetivamente, são realmente escassos os momentos em que este tipo de diagrama de “reunião-assembléia”- se dá na prática. Porém, este modelo está presente como referência à ação dirigençial e, sistematicamente, é colocado como objetivo institucional no nível discursivo, sendo que, indubitavelmente, sua significação simbólica tem consequências práticas sobre o campo dirigençial real ou potencial. Com independência das derivações mais abrangentes no campo do *self* dirigençial a que faremos referência adiante, e que vincula quase diretamente qualidades profissionais com tipos de gestão – e instâncias de gestão -, no nível simbólico das representações públicas, o imperativo da “ordem” aparece, aqui, como protagonista e quase sempre é dramatizado como um dos grandes objetivos dos sujeitos que participam deste diagrama de organização da autoridade, conseguindo ser suficientemente abrangente para definir o contexto – as necessidades gerais da instituição - e o concreto – as qualidades específicas da trajetória e da visão profissional para a qual foi ou será designado.

Tal como apontou Maurice Bloch, modelos de apresentação hierárquica deste tipo permitem construir uma distinção clara entre poder e autoridade em termos de seus limites estratégicos, sendo que esta última dimensão tende a simbolizar-se “em última instância” através do exercício ritual como diferente do primeiro, coisificando-se institucionalmente em “códigos alternativos” de sujeição dos atores sociais para serem salvaguardados impessoalmente (Bloch *apud* Rapport & Overing: 2007: 338). Precisamente, o acontecimento contido no “momento *assembleístico*” funciona como uma “última instância” em que a autoridade se volta sobre si mesma como *forma essencial*, modelo de referência e ameaça dramática.

Victor Turner aponta sua importância a respeito:

Social life, then, even its apparently quietest moments, is characteristically “pregnant” with social dramas. It is as though

each of us has a "peace" face and a "war" face, that we are programmed for cooperation, but prepared for conflict. The primordial and perennial agonistic mode is the social drama. (...) ...modes of redress, which always contained at least the germ of self-reflexivity, a public way of assessing our social behavior, has moved out of the domains of law and religion into those of the various arts. (Turner 1992:11).

A diferença das grandes empresas familiares descritas por Antonia Lima (2006), onde as reuniões da diretoria geralmente tinham um caráter informativo e consultivo para com o dono, e se produzem com o objetivo de que o este último tome a decisão final e a comunique ao resto dos executivos, nos clubes, são as Comissões Diretivas aquelas que concentram o caráter objetivo de votação e exigem maiores esforços de negociação e consenso. Em todo caso, do ponto de vista formal, se parecem mais às grandes corporações, em que representantes que agrupam acionistas, criam consensos em torno de linhas de ação com poder de voto.

Porém, os interesses que mobilizam as opiniões e precedem os acordos traduzem outro tipo de valores de troca do que os do simples interesse pela reprodução do capital econômico. Justamente, se trata do capital simbólico que o clube carrega ao longo da sua história e que se coloca em jogo ciclicamente, através da concorrência aos cargos. Trata-se de um papel de status que excede ao personagem concreto e que determina o papel dinâmico do mesmo, uma vez que pode ser inscrito na instituição mediante a integração dos costumes e da lei (Hughes 1989: 131-133). Sentado no escritório do Tribunal de Contas da Província de Buenos Aires, este contador relata como foi “elevado” ao cargo de presidente do Gimnasia, através de um “consenso representativo” entre os pares, construído previamente à Assembléia’:

Yo era conocido por mi dedicación al trabajo y por proteger al club. El mismo grupo de gente que estaba en la Comisión son los que mas menos van encauzando la cosa, y son los que me proponen a mi para ser presidente. O sea que cuando se llega a la Asamblea ya llega toda la lista armada. No hubo elecciones, sino que se presentó una única lista, y en la asamblea proclamaron a esa única lista como la que iba a regir los destinos del club por los próximos tres años. En definitiva, el voto como nos pasa cuando somos ciudadanos, el voto vale para todos igual, pero algunos son mas representativos que otros, ¿no? (Cdr Fuentes)

Apesar das permanentes crises de autoridade em que muitos dirigentes surgem como “indicados” para os diferentes cargos nas instituições futebolísticas, a ascensão e a queda nos cargos não se dão em

uma dinâmica rígida de circulação. Normalmente, acontece que um dirigente considerado “menor” – de subcomissões -se retire de um cargo frente ao questionamento da gestão como um todo, mas retorne num momento de renovação, sempre e quando consiga acumular elogios sobre seu desempenho pontual no cargo. Portanto, as qualidades e responsabilidades, somadas à dedicação e à disposição, medidas em tempo concreto pelos “pares dirigentes”, se transformam em reconhecimento da capacidade do ator em questão para concorrer a cargos mais importantes dentro do clube, sem a necessidade de ser submetido a uma eleição, como no citado caso do **Cdr. Fuentes**. De acordo com o cientista político John Higley (2001), o êxito potencial do papel de uma elite coesa e unificada, em condições de operar eficazmente dentro de um modelo de sociabilidade democrático e ao mesmo tempo suficientemente preparada para atuar em instâncias de decisão em longo prazo, dependerá de ter uma forte estrutura de integração capaz de produzir e assegurar, no tempo, além de situações de conflito conjunturais, suas reputações, gostos, em poucas palavras, seu *modus vivendi*. Do ponto de vista da práxis dirigencial, significa que seus membros devem estar integrados estrutural e culturalmente para dirigir à própria *psique* as recompensas e o reconhecimento como parte da uma influência positiva em assuntos sociais mais amplos, possuir mecanismos para desfrutar material e simbolicamente destas recompensas de exclusividade e privilégio do poder, e “conservar e manipular adequadamente a organização dos contextos em que este poder é efetivo” (Higley 2001: 23). A institucionalização da *‘mesa chica’* procura estabelecer seus laços de pertença efetiva e produzir uma posição privilegiada em que esse grupo possa identificar um condutor a partir desse *modus vivendi*.

Em apenas uma ocasião aconteceu de coincidir uma *Assembléia de Sócios* com meu período de pesquisa. Foi em 2007, quando, no final de uma longa crise da presidência do empresário Muñoz, os sócios de Gimnasia decidiram chamar eleições. Foram infrutíferas as minhas solicitações para ser observador da mesma. Os argumentos apresentados eram dois: o primeiro, o mais evidente, dizia que eu não era sócio. O segundo, que “*nem sequer a imprensa vai ter permissão de entrar no recinto, quanto mais um antropólogo*” (**Eng. Del Franco**). Lamentavelmente, tive que me conformar com a reconstrução oral e documental desta Assembléia no Gimnasia, como também com as anteriores, acontecidas no Estudiantes.

Efetivamente, no dia 30 de outubro de 2007, com a presença de umas 500 pessoas, realizou-se a Assembléia Ordinária de Gimnasia que deveria aprovar a *Memória e Balance*, acordar uma data para as eleições e outra anterior para a apresentação das “listas”. A reunião culminou, subitamente, com a morte de um dos sócios, que, junto com outros agremiados e possíveis

candidatos, protestava contra a falta de dados e as inconsistências das contas. Neste sentido, acusavam os integrantes da Comissão Revisora de Contas de não serem objetivos e estarem ocultando informação da “situação real”<sup>170</sup>. Tudo isto em um clima de questionamento e gritos pela situação do time no campeonato, fortemente ameaçado de rebaixamento. O episódio culminou com a suspensão da Assembléia e uma denúncia ao Ministério Público, pela intimidação, por parte de alguns integrantes da *barra brava* que estariam acompanhando o oficialismo. Isto, de fato, foi negado sistematicamente pelos interlocutores que estavam em cargos diretivos durante estes eventos. Sendo geralmente desqualificados como “*personas que só buscam criticar e aparecer, mas depois, quando têm que trabalhar ou participar seriamente, desaparecem do clube*” (Arq. González).

A trajetória individual e profissional antes mencionada devia encontrar “coerência” com a impressão – que tem a política circunstancial – do dirigente a ser erigido em momentos de uma crise. Neste sentido, as crises são instâncias privilegiadas para observar como estes receptáculos culturais dos fluxos identitários – tanto os instrumentais como os sentimentais –, operam, abrindo um campo de possibilidades (Velho 1987) que permitem fazer coincidir o passado, o presente e o futuro com a trajetória que forma o conceito de pessoa que pode conduzir as circunstâncias. Neste sentido, oferece lugar para que os signos sobre a instituição e sobre as identificações que o compõem encarnem em um determinado dirigente como qualidades de uma agência individual situada e acorde a ele.

Duas semanas depois, em um clima de aparente tranquilidade, e com a presença de policiais uniformizados “para evitar desbordes”, os sócios começaram a chegar logo depois das 18 horas e continuaram ingressando, após registraram-se nas mesas habilitadas para isso. Novamente impedido de entrar, permaneci sentado na calçada em frente à entrada da Sede Social de Gimnasia. Aguardava-se uma reunião “*complexa, mas, possivelmente, pouco amigável*” me confessou um membro da diretoria, que passava caminhando, mas os dirigentes das listas que potencialmente concorreriam às eleições tinham feito um acordo. Justo na hora do início, chegaram alguns participantes que, logo que se sentaram, tiveram que levantar para sair, pois a Assembléia terminou poucos minutos depois das 20 horas. Todos se retiraram em silêncio, com poucos comentários, e aqueles que ficaram em uma ante-sala do *Polideportivo*, na sua maioria do oficialismo, trocaram opiniões com sócios presentes, e tentaram esclarecer temas como a chamada às eleições para a renovação dos diretores. Outros, representantes dos grupos opositores, repetiam a cena na calçada à frente da Sede, resumindo os detalhes da rápida

---

<sup>170</sup> *Diário El Día*. La Plata. 1ro. de novembro de 2007.



aprovação da *Memória e Balance*, mas mostrando-se otimistas com o ato eleitoral. Poucos dias depois, em um hotel do centro da cidade, foi assinado um “Acordo de Governabilidade”. Efetivamente, a *Memória e Balance* servia de ponto de inflexão para esse acordo. Este último foi realizado a partir de uma proposta de um grupo de associados, e foi subscrito pelos candidatos presidenciais da oposição, o Dr. Walter Gisande por “Amor a Gimnasia”, o advogado Carlos Gaskín de “Alternativa Tripera”, os empresários Gabriel Pellegrino por “Gimnasia es de todos” e Francisco Gliemmo, de “Futuro Gimnasia”. Segundo se explicou em um comunicado público, o acordo consistia no compromisso de “todos os setores” de se colocar à disposição de quem fosse escolhido presidente do clube, “para elevar projetos e acompanhar a nova gestão nesta transição”.<sup>171</sup>

É como se toda a “célula”, dirigencial, inicialmente homogênea, tendesse a se desdobrar, criando condições para sua própria concorrência. Este fenômeno se deve, precisamente, à presença de mecanismos afetivos com que os sujeitos da sociedade civil produzem sua dinâmica de disputa política em direção à ordem. Esta dinâmica particular, encontra, nos clubes de futebol em geral, uma entidade cultural dirigencial que exerce esta forma de dirimir as diferenças. Apresenta-se, assim, como a ficção institucional que instaura o bem comum na origem e não no fim do clube. Do ponto de vista da ficção étnica, a honestidade com que trabalha o clube de futebol consiste em que, diferentemente de um sindicato, um partido ou uma igreja, ela se passa na “fidelidade” sobre uma nação a ser criada e sobre um território a ser apropriado. A transparência com que aparece a amizade, criando laços que fertilizam as raízes do poder, é a mesma com que se apresenta a atividade dirigencial como campo de possibilidades para sua ruptura. Os possíveis desdobramentos das células dirigenciais, em clubes como o Gimnasia ou o Estudiantes, tentam gerir os níveis de paz institucional deste processo de reprodução. Assim, uma espécie de “igualdade de origem”, em que todos se colocam como parte de um conjunto, é vista como caminho para a liberdade de gerenciamento final para determinados indivíduos.

Sem dúvida, se alguma coisa faz comparável esta variedade de identificações - dentre as quais, a mais notória, no caso dirigencial, se refere à diferença entre a dirigência empresária e a comunitária - é que tanto para um como para outro existe um “bem” difuso, mais socialmente aceito e valorado, que aparece como o horizonte das suas respectivas práticas durante estes momentos instituintes. Não se trata, então, de que sejam comparáveis todas estas identificações pela alquimia de justificações metodológicas,

---

<sup>171</sup> *Diario El Dia*. La Plata, 28 de novembro de 2007.

simplesmente, (concorrência, democracia, debate, decisão, liberdade, paixão, indivíduo, coletivo, etc.), mas porque sua eficácia depende da existência de um “horizonte harmonioso” – em que a *assemblée* cumpre um papel central como referência *instituinte e instituída* - que é a medida comum capaz de colocar em um plano de superioridade ou inferioridade o próprio e o alheio, o um e ou outro de cada dirigente. Uma vez que é estruturado um ideal de “estilos” antagônicos entre ambos os clubes, se cria um plano de convergência entre os significantes flutuantes e o campo de forças em que eles estarão envolvidos.

Mas afinal, quais são realmente os contornos e as fronteiras que determinam a existência de um “estilo” de cada clube que sustenta a luta? Existe “algo” que permite pensar que há realmente uma diferença “essencial” entre marcas, clubes, times, nações e, inclusive, formas de “gerir o poder” corretamente?

### **3.4. A importância da apresentação da pessoa nas formas de ação pública**

A cidade ‘monta’ *entre* ambos os clubes, mas fundamentalmente *dentro* deles, as fontes de elaboração experimental de um cenário de disputa por coordenadas culturais mais amplas, onde, nas mensagens, se jogam assuntos universais, como as coletividades, as demandas sociais, as estruturas emocionais, a interpretação dos acontecimentos valorizados socialmente, etc. Trata-se de uma *arena política* aberta às contradições culturais que constitui uma chave de leitura importante para entender o esporte, já que permite analisar “comportamentos sociais difusos, escala de valores profundos, tensões coletivas que não se expressam segundo valores político-ideológicos clássicos” (Heinneman 1997: 21). Os itinerários de “apoderamento” que vivem os dirigentes, se dão a partir de várias dimensões concretas que envolvem a sociedade mais ampla, entre elas, o lugar que ocupa o *pertencimento* profissional neste universo de identificações sobre a ação dirigencial - como parte de um *perfil social*- em um campo de forças mais amplo. Estas identificações criam um receptáculo simbólico fundamental para a construção de um *perfil de decisão* dirigencial (Nunes 2003).

Os tipos de liderança do clube não supõem, necessariamente, uma relação material entre a modalidade de decisão e a profissão. Estas últimas servem, porém, de coordenadas que permitem um reconhecimento do caráter/marco para a interpretação de uma determinada trajetória individual – ou coletiva, caso se trate de um grupo coeso com provada experiência -, contextualizada em determinadas circunstâncias e com capacidade para

“nivelar” a massa de sócios, simpatizantes, torcedores, assim como o conjunto de participantes que formam parte objetiva da pregnância futebolística em lugares mais ou menos *protagônicos* dentro do sistema *clubístico* (treinadores, jogadores, empregados, etc.). Quando um determinado sujeito inscreve sua trajetória individual em um campo de atuação como a dirigência clubística na elite do futebol, deverá apresentar-se como possuidor de um maior ou menor *quantum* de status e reconhecimento público associado com o desenvolvimento desta atividade. Há uma necessidade de “ser visto” entre seus pares pela existência de uma trajetória pública em que a noção de *condução*, seja no mundo empresário, seja no Estado, na atividade profissional ou em outras entidades sociais de bem público, “responda” às coordenadas simbólicas do que significam as demandas da posição nos diversos cargos possíveis no clube.

Contudo, a formulação analítica dos limites do objeto empírico “dirigentes” em relação à pessoa profissional – pode ser comerciante, advogado, funcionário de estado, médico, etc.- tem maior intensidade, flexibilizando a visão de ideologia. Este conceito deve ser associado à interpretação mais rígida sobre a lógica da dominação com as formas de produzir e comunicar socialmente os significados efetivamente agenciáveis sobre o poder, a política, e a “ordem” operando sempre liminarmente neste universo. Assim, pode ser compreendida a capacidade estruturante da ideologia burguesa, no nível da elaboração de antecedentes visíveis de práticas de consenso (diferente de um consenso de conteúdos) daqueles que “se mantém amarrados” - e também resistem-, concorrendo ao poder. Esta “vontade de poder” nietzschiana está precisamente montada tanto nas práticas, como no “caráter de profissão” e nos desempenhos das trajetórias concretas. Estas dimensões da pessoa têm valor antropológico porque servem à compreensão da relação entre agência, sociedade e poder em formações sociais orientadas a uma política que suporta o espetáculo esportivo. Uma orientação que tem entre suas principais características a de ser um universo de competição -esse tempo do excepcional, da proeza corporal, da *performance*- como “uma imagem que restabelece os laços com aquilo que nos faz pensar que a existência do indivíduo depende somente dele, que a ação dos homens é criadora de uma história dominável” (Ehrenberg 1991: 75).

Assim, por exemplo, para que o ato de impulsionar uma candidatura à direção do clube tenha possibilidades concretas de ser bem sucedido - ou para sustentar o apoio à continuidade de um grupo de dirigentes à frente de uma Comissão Diretiva-, devem estar explícitas certas qualidades e virtudes que a socióloga norte-americana Zuzanne Keller (1963) denomina como as *habilitações* que um grupo ou pessoa deverá possuir se deseja encarnar uma verdadeira similitude entre sua pessoa e a correta manipulação de atitudes, condutas, gestos e simbologias tendentes a atingir ou conservar sua condição de

detentor de poder dentro de uma lógica de “pluralidades”. No dirigente “no futebol”, significa entrar em conexão com as demandas específicas - e variáveis - do universo futebolístico dentro do sistema de competição clubística, tanto nas dimensões que temos chamado de institucionais como nas emblemáticas.

Por sua vez, os êxitos esportivos, organizativos ou econômicos, nestes tipos de entidades, dão uma visibilidade especial aos dirigentes ante a eventual postulação nas assembleias e eleições, visto que aproximam a experiência concreta do postulante à imagem que se tem do clube-emblema de futebol, ancorando suas habilitações nas demandas de práticas administrativas, discursivas ou mercantis vividas pelo clube em determinadas circunstâncias. Mas fortemente contextualizada segundo as necessidades históricas do *clube-emblema* e do *clube-instituição*, a definição da “*performance* dirigencial esperada” também será avaliada, indefectivelmente, nos diversos âmbitos de sociabilidade dirigencial de cada clube, por exemplo, em festas e reuniões em *filiais*, convocações de adesão, homenagens a velhas glórias do clube, etc. Os dirigentes “nos clubes” parecem ter muito cuidado na reprodução destes tipos de espaços de interação, porque estes permitem desenvolver aquela que será a mais importante das suas armas de aceitação: a capitalização da apresentação pública nos também potenciais concorrentes. Nesse sentido:

Anthropological attention to the self recognizes the need to address individual’s perception of society: first, to establish the elementary point that they differ, therefore, are misunderstood if regarded as produced by super ordinate social forces, second because they are the premises of individual behavior” (A.P. Cohen 1994: 168).

Os valores transcendentais que definem a noção do *eu* dirigencial e a dimensão subjetiva de uma carreira - *career of an occupation* de Hughes (1964: 9)- neste âmbito- deverão se afirmar exibindo certas virtudes que conectem as características pessoais com a estrutura de símbolos e signos que organizam o futebol profissional. Nesse sentido, na maioria das vezes, os laços que vinculam um determinado dirigente com o passado são “essencializados” e tendem a criar um patamar de segurança e confiança sobre suas qualidades intrínsecas pessoais. E do ponto de vista das suas virtudes públicas, o fato de chegar ao cargo de alto dirigente do Estudantes ou do Gimnasia apresenta-se, comumente para eles, como parte integrante de uma carreira profissional que confirmará – ou não - o reconhecimento da personalidade ético-moral e a “coerência” dessa trajetória que o eleva a uma posição de poder no clube a que pertence. De fato, existem distintos espaços de sociabilidade na cidade, onde os componentes essenciais das atividades profissionais são colocados em relação com a vida pública e podem ser

percebidos cotidianamente. A percepção que se tem dos componentes “essenciais” da atividade profissional que cada um deles pratica, deve exercer ali também um papel central. Neste sentido, a vida pública determina as possibilidades de palavras e gestos a serem proferidos sobre os papéis utópicos desta condição “superior” alcançada como dirigente.

Como bem ilustra Goffman, esta combinação cria uma imagem inicial determinante para ele:

Ao notar a tendência de um participante em aceitar as exigências de definição feitas por outros presentes, podemos apreciar a importância decisiva da informação que o indivíduo possui inicialmente ou adquire sobre seus co-participantes, porque, sobre a base desta informação inicial, o indivíduo começa a definir a situação e inicia linhas correspondentes de ação. A projeção inicial do indivíduo o compromete com o que se propõe ser e exige dele deixar de lado toda pretensão de ser outra coisa. (Goffman 2004: 22)

Assim sendo, para que esta operação crie uma eficaz identificação entre práticas dirigenciais e “máscaras” profissionais, o dirigente deverá gerir de forma adequada a apresentação pública das informações que se tem sobre sua trajetória pessoal como possuidor de valores morais e destrezas práticas – algumas vezes reafirmados por outros integrantes da família de sangue- e sobre uma trajetória abstrata em que a profissão se transforma numa expressão pública vinculada a certos valores socialmente partilhados. Em suma, e continuando com a referência de Goffman (2004), uma combinação daquilo que *emana* dele (expressões interpretadas pelo contexto) e aquilo que *se dá* nele (marcos de referência que o constroem previamente). É em função disso que o voluntariado e ambivalência na adoção de tarefas -, com base em reconhecidas qualidades das pessoas e a personalização das expectativas nos papéis - sejam valorados por muitos autores que trabalharam instituições esportivas como um dos motivos que explicaram a vitalidade e o rendimento do clube como conceito societário (Heinemann 1997: 17).

Ao estudar as relações entre a ética protestante e a dinâmica do capitalismo, Weber chamava a atenção sobre o processo de emancipação dos profissionais e elaboração de uma ética autônoma. Conforme este enfoque, os agrupamentos profissionais não são entidades econômicas, mas *grupos de status* que herdaram e se dotam de recursos culturais próprios, tendentes a validar sua própria visão do mundo (Weber 1969). Para Weber, a idéia calvinista de *predestinação* situa os indivíduos modernos no mundo secular, fortalecendo o desenvolvimento do capitalismo, e permitindo a fusão entre uma dimensão empreendedora e outra vocacional fundamentada na profissão como forma metódica de servir a comunidade e a “glória a Deus” (Weber 1969: 113). Desse

modo, quando um dirigente que tenha evidenciado, ante seus pares, uma capacidade especial de administrar racionalmente e com “ordem” a distribuição do tempo da sua profissão com aquele “do clube” neste tipo de organizações, será reconhecido e considerado equilibrado e com capacidade de assumir, manter-se ou subir no cargo. A diferença para com os *cadres* descritos por Boltanski é aqui muito simples de achar: o dirigente não tem um limite prescrito pela existência objetiva da propriedade capitalista. Logicamente, ao contrário, um dirigente que descuida, em excesso, de suas tarefas profissionais, será visto como incapaz de se manter nesse cargo por muito tempo, ou talvez, como suscetível de cometer “erros” nas tarefas do clube. Mas sobretudo, ele perderá sua habilitação de manter e reproduzir as redes de relações, espaços sociais de status e reconhecimento que servem à instituição como marca de prestígio.

No Gimnasia, a pregnância da identidade futebolística “popular”, permite vivenciar este modelo de apresentação pública com certa ambiguidade.

A mi dijeron una vez: ‘cuando seas dirigente de un club como Gimnasia se te va a acabar la pasión’. La verdad es que creo que todavía no se me acabó, aunque reconozco que ahora veo las cosas de forma diferente, tengo otra óptica para evaluar ciertas cosas. Por ejemplo los técnicos y los jugadores... otra óptica distinta a cuando era hinch. Sin embargo, cuando voy a la cancha, y vos lo habrás corroborado, sigo siendo un fanático, no me mido para nada. Siempre digo, si un cliente me ve a mi gritando en la platea no me da mas una obra, aunque te digo la verdad, creo que también se sabe con eso el tipo de dedicación y voluntad que pongo en cualquier cosa que hago, sea en el club o en mi trabajo. (Arq. González)

Porém, um “excesso” de tempo “dedicado ao clube” para tratar de assuntos que pertenceriam ao “*mundo dos torcedores, como discussões sobre os resultados*” - como me menciona o médico e ex-dirigente do Estudantes até 2002, **Dr. Narde**, durante a última entrevista - explicita a conexão entre as virtudes pessoais em relação à objetividade com que se devem administrar os espaços de sociabilidade dos quais participa durante a função. Da mesma maneira, certas atitudes, podem ser vistas como uma debilidade associada a um “*apaixonamento irracional e perigoso*” (**Dr. Narde**). Ordem e equilíbrio são, sempre, palavras-chave no horizonte dirigencial. Dessa forma, a avaliação do desempenho em cargos institucionais anteriores será vista em relação à demonstração do caráter e às “emoções adequadas” ante as eventualidade que propõe a dinâmica do futebol, seja em associações empresárias locais ou regionais, seja em organismos estatais ou clubes esportivos, sociais e recreativos de menor porte com que possam ser identificados no passado. As “emoções

adequadas” devem ser cultivadas e evidenciadas, mas nem sempre significam o mesmo para cada trajetória, dependendo de outras coordenadas significativas como a profissão.

Devemos deixar claro, porém, que a grande maioria dos depoimentos convergem enfaticamente para uma mesma conceituação sobre a experiência de ‘um antes e um depois’ da entrada e da saída da condução nos clubes da cidade. Isto acontece tanto por parte daqueles que se intitulam e se apresentam como empresários quanto por parte daqueles que preferem ser vinculados com as tradições mais comunitárias e públicas. De qualquer maneira, sempre será difícil responder à pergunta sobre o que estaria primeiro nesta gênese do circuito de relações necessárias para a efetivação da valorização de um determinado sujeito, comunicando o status dirigençial e a trajetória profissional individual. De um lado, está a trajetória profissional anterior do sujeito, dentro dos limites do contexto local; do outro, a posição concreta que um dirigente tem ou teve no interior de um determinado clube esportivo e a avaliação da sua *performance* específica segundo as coordenadas antes expressas: a política *no* clube-instituição e a política *do* clube-emblema.

“Com Saralegui pretendemos recuperar a garra *albirroja*”<sup>172</sup>, afirmava para um jornalista o presidente Nelson Oltolina no final da década de ‘80, explicitando publicamente que decisões dirigençiais importantes, como a inversão de quase meio milhão de dólares, afirmam sua força nas demandas institucionais. O espetáculo futebolístico se organiza sobre a instituição, concorrendo ao centro exemplar institucional de racionalidade e de uma ordem, e coloca o dirigente, junto com o resto dos protagonistas aqui mencionados, participando da “tensão dos sentimentos de similitude e diferença” que caracteriza estes eventos (Ehrenberg 1991: 71).

Neste sentido, a incessante mutação que sofrem as expectativas futebolísticas dos times e a condição de organizador do espetáculo, fazem dos clubes, territórios adequados para a compreensão da ambivalência que caracteriza um noção de ‘cultura prática’ associada com a necessidades e o ganho, e uma ‘cultura formalista’ ligada à entidade pelo direito e a justiça. Portanto, independentemente das supostas “essências” que aparecem nas narrativas oficializantes entre os dirigentes do Estudiantes e do Gimnasia – “estirpes dirigençiais”, miticamente construídas como polaridades de uma dicotomia de “estilos” fundadora de dois tipos de seres convocados a dirigir uma instituição que se apresenta como imutável-, o peso específico dos discursos depende de uma complementaridade que precisa de um e outro, como opostos. Correndo o risco de parecer repetitivo, a meu modo de ver, parece claro que as coordenadas possíveis e “permitidas” dentro do campo da

---

<sup>172</sup> *Diário El Día*. la Plata, abril de 1987, pp. 16.

competição futebolística e dos valores transcendentais implícitos nela - que deixam passar os diversos signos- vinculam-se com “tipos de gerenciamentos de idéias” do poder e das identidades dos grupos que os detenham em determinadas circunstâncias. Por exemplo: a ênfase dada pela direção do Estudantes ao discurso de produção e promoção de jogadores “do clube” – especialmente afirmada nos triunfos da década de 1960- ou a contratação de jogadores “não nascidos no clube” respondendo as demandas de Gimnasia, durante os últimos períodos de fracasso futebolístico antes dos anos ’90, tendem a criar condições para a formulação filosófica das políticas dirigenciais, ancoradas em uma pretendida “correta interpretação” das “essências” institucionais e a conjunturas de mudança.

Deste modo, - e apesar do passado dirigencial na instituição servir de “marco de referência” e ser um exemplo que pode organizar – na história do clube - como as estrelas no céu para o capitão do barco- um dirigente se vê obrigado a criar referências mais sólidas para a ação e para satisfação das expectativas, elaborando prática e discursivamente uma interpretação entre os significados do *eu* projetado como dirigente e o universo da sociedade de trabalho profissional a que pertence.

De acordo com De Andrade (1995: 66) dir-se-ia que se trata do lugar que ocupará a profissão como forma de “reconhecimento preferencial” que outorga organicidade e identidade, neste caso, ao agente social nomeado dirigente *no e de* futebol. Observemos:

Yo era un empresario en ascenso en la ciudad, y fui convocado en esa condición para ayudar a Venturino, junto con otros empresarios que nos conocíamos de distintos lugares, pero que teníamos ideas para mejorar la actividades del club. Lo que pasa es que Venturino que un tipo difícil, y empezó a tomar decisiones solo, sobre todo después de que empezó a tener problemas con el fútbol. Yo era empresario, es verdad, pero siempre había tenido vínculos con entidades de bien público de la ciudad, había sido presidente del club Brandsen, fundado por mi padre en la década del ’40 y también empezaba a militar en la cámara de pequeños empresarios y medianos de la ciudad, así que tenía una visión diferente. Me acuerdo que la relación tuvo su punto de quiebre en el ’77, cuando finalmente renuncié y volví en 1981. Yo pensaba de otra manera y no quería aparecer vinculado con esa forma de actuar poco democrática, un poco autoritaria en realidad, donde las cosas se arreglan bajo la mesa. ( **Sr. Rodriguez, 71 anos**):

Será, então, a identidade individual-profissional deste ator social que permitirá o amálgama entre a “definição interna” - um desejo de ser e uma



imagem de si próprio - e a “imagem externa” - avaliada pelas circunstâncias, pelos acontecimentos e contextos de conjuntura significativos - ligada àquilo que se espera publicamente dele no papel reservado ao cargo de dirigente. E assim como acontece nas linhagens e famílias aristocráticas, também na classe política, na burocrática ou na classe capitalista empresarial, trata-se de administrar a tensão entre a identidade instável de um grupo constituído de pares e as demandas vindas de um exterior que prefere certos gêneros a outros segundo os contextos, mas que exige deles coerência com uma ‘história’. Existem, portanto, expectativas que relacionam virtudes profissionais com as demandas de equilibrar e dar prosperidade à instituição e glória ao espetáculo: força, consenso, espírito de time, criatividade, paixão, interesse, etc. É preciso equilibrar estes termos, relacionando adequadamente os clubes e os emblemas, as instituições e os times, os jogadores e os torcedores.

Por outro lado, com as mencionadas particularidades e dimensões locais de uma cidade como La Plata, a dinâmica das hierarquias coloca no centro das exigências endereçadas ao desempenho dirigencial, práticas concretas para com o clube – como espaço utópico - em função de representações que motivam tanto a ação empresarial quanto a do de bem público em cada um dos sujeitos “apresentados”. Todos –ou quase todos – se conhecem e formam uma rede em que a informação sobre uns e outros circula constantemente. Mas, é no marco da trajetória e das características de algumas profissões em especial - e não do “profissionalismo” em geral- que o sentido de “ser dirigente” funciona em determinados contextos. Adequadamente administrados durante “o tempo dedicado ao clube”, estes elementos, por sua vez, direcionam ideologicamente seu papel no sistema futebolístico e clubístico mais amplo. São estas as habilitações fundamentais que, ancoradas na profissão e na trajetória pública, uma vez apresentadas publicamente, entram em conexão com as demandas específicas – mas variáveis - do universo futebolístico e clubístico e que têm como base a gênese do Estudiantes e do Gimnasia como antagonistas, também entre “estilos de decidir”.

### **3.5. Capilaridade e adesão nas margens do clube**

Apesar de parecerem ser ocasionais - ou no mínimo de caráter fundamentalmente transitórias - as situações em que pode ser deduzido o poder efetivo depositado em um grupo de dirigentes “emanando” de uma força político-ideológica construída nas “bases do clube”, o exercício prático deste poder – por exemplo, de consenso e imposição de um *projeto* - tende a ocorrer em lugares verticais dentro da instituição *instituída*, mas com o objetivo de produzir canais e instâncias de apropriação e contenção de parte

das demandas e interpelações que existem entre sócios e simpatizantes, instância de adesão e consenso estrutural e formalizado. Em termos da composição ideológica, são formações que entram em ressonância objetiva com os dois tipos de pregnâncias antes mencionadas: a institucional e a emblemática. Às margens destas duas “formas” que assumem os clubes platenses, estão imbricadas certas organizações com a dinâmica de condução do clube: as *agrupações* as *filiais* e os clubes de bairro.

Quanto às duas primeiras formações, as *‘filiais’* e *‘agrupações’* e segundo o registro do próprio clube, o Estudiantes de La Plata conta com 32 *filiais* distribuídas 27 cidades da Argentina e em três cidades do exterior (Búzios, no Brasil, Concepción, no Uruguai, e Anghiari, na Itália), e 15 *‘agrupações’* reconhecidas pelo clube, para realizar atividades de beneficência e de mobilização de simpatizantes durante as partidas. Por sua vez, menos institucionalizado, até a última disposição divulgada pela CD, em 2005, o Gimnasia y Esgrima de La Plata possui aproximadamente vinte e cinco (28) *filiais* em pelo menos sete cidades argentinas e duas no exterior, não existindo uma cifra confiável sobre as *agrupações*. Segundo o registro da *Federación de Entidades Culturais e Deportivas de la Ciudad de La Plata*, da qual fazem parte o Estudiantes e o Gimnasia, as entidades que entram na categoria de *clubes sociais de bairro* de diversos gêneros somam um total de 190 na cidade de La Plata e Grande La Plata.

Dirigentes de várias categorias e importância circulam cotidianamente em torno destas formações políticas “marginais” ao centro de governo clubístico. Ali, se canalizam informalmente certas demandas vinculadas com assuntos que explicitamente estão presentes no âmbito das *assembléias* como, por exemplo, as políticas de inversão, os objetivos do time para as competições, a compra e venda de jogadores, etc. relacionando-se com os valores dados às identificações. Esta composição de “valores” em jogo se observa na seguinte declaração, feita por uma *filial*, na ocasião em que festejava a conquista da Taça Libertadores em 2009.

“Recorriendo Argentina con el Campeón de América”. El evento contará con la presencia de toda la comisión directiva, socios y miembros de las agrupaciones y filiales albirrojas quienes serán especialmente invitados para participar de este acto que tiene como fin mostrar el crecimiento que ha experimentado la institución desde su constitución hasta la actualidad, haciendo hincapié obviamente en la obtención de la 50ª Copa Libertadores alcanzada el pasado 15 de julio, en la ciudad brasileña de Belo Horizonte. Los objetivos del proyecto son:

1. Propagación y difusión de los valores del Club Estudiantes de La Plata: Humildad, Sacrificio, Familia, Mística y Trabajo...<sup>173</sup>

Deste modo, as *filiais* e *agrupações* “rodeiam” a vida política e espetacular do clube e da sua máxima expressão de identificação, o time. Elas são também lugares que cristalizam os fluxos voluntários produzidos por distintos atores sociais, em forma embrionária. Acredito que só entendi isto mais tarde, no decorrer desta investigação, pois estava, desde o começo, obcecado por vencer os obstáculos e as barreiras que os dirigentes colocavam, diariamente, para esta pesquisa. Acontece que, apesar do fato de que ambas as formações tendem a estabelecer laços de autonomia em relação ao centro do sistema político-administrativo do clube, elas expressam a presença de um “espaço crítico” vital e também legalmente aceito, que, ciclicamente, se aproxima e afasta do centro, respondendo a uma natureza simbólica diferenciada da estrutura institucional e orgânica.

Idealmente, as primeiras, as *filiais*, devem crescer em torno a uma identidade territorial “simbolicamente” afastada da cidade de La Plata – uma cidade do interior do país ou até do estrangeiro é o modelo. Julgo conveniente assinalar que a regulamentação estatutária das *filiais*, no Gimnasia, é significativamente mais recente do que a regulamentação no Estudiantes, que data de meados da década de 1980, quando o contador Raúl Correo era Presidente do clube. Este fato se deve, em parte, a uma “pressão” e *pregnância* futebolística distinta do Estudiantes, exercida pelos simpatizantes de cidades periféricas à cidade de La Plata ou do interior do país. A maior demanda de organização dos simpatizantes do Estudiantes neste tipo de formações deve ser compreendida no marco do caráter “nacional” obtido pelo clube-emblema - e que foi referido em capítulos anteriores - como resultado das campanhas internacionais de finais da década de 1960, as quais produziram núcleos de torcedores e simpatizantes em diversos pontos do país em torno a uma “causa nacional”. Neste contexto, no Estudiantes, a regulamentação distingue claramente as *filiais* das *agrupações*. Primeiro, territorialmente, e segundo, pelas atribuições operativas. Assim, fica excluída a transformação de uma *agrupação* em *filial* dentro do perímetro urbano da cidade, lugar exclusivo da ação do centro institucional do clube. O caso do Gimnasia é diferente, já que as *filiais* cresceram fundamentalmente em torno à cidade de La Plata pela ausência de um estímulo nacional claro, e foram regulamentadas apenas em 2005, como resultado das boas campanhas da década de 90. Assim como acontece com o crescimento ou a diminuição do número de associados vinculados com o presente do time, as *filiais* e

---

<sup>173</sup> Diaro El Dia. La Plata, 7 de outubro de 2009.

*agrupações* respondem também aos estímulos futebolísticos. No caso do Gimnasia, e dada sua natureza “espontânea”, a regulamentação tende a ser mais imprecisa, tendo a cidade também como campo de sustento territorial e facilitando a distinção territorial através das categorias de bairro. Neste sentido, as *filiais* do Gimnasia tendem a concentrar-se, majoritariamente, dentro da cidade ou na periferia desta.

Como foi dito, do ponto de vista legal, no caso das *filiais*, em clubes como o Gimnasia e o Estudiantes, elas são consideradas organizações regulamentadas de sócios que podem ser formalizadas pelo governo em exercício, a partir de uma série de direitos e obrigações. Em um sentido, elas reproduzem, em nível micro, o tipo de desenho institucional da “Comissão Diretiva-Assembléia” do clube. Segundo o documento produzido pela CD do Gimnasia, em 2005, com o objetivo de definir os direitos e obrigações das *filiais* frente à sua expansão fática, estas devem organizar-se conforme o seguinte *espírito de corpo*:

“Las Filiales se conforman con socios y son partes orgánicas de la Institución y deben ser fundamentales a la hora de difundir la vida cotidiana con sus respectivas actividades que rodean al Club. Además y como una de las funciones principales se encargan, cada una desde su zona de influencia, de las movilizaciones cada vez que el equipo profesional de fútbol juega en condición de visitante”.

E imediatamente se agregam os seus limites de ação:

“Derechos y obligaciones:

- Establecer reuniones con el Secretario de Filiales del Club. Deben presentarse 2 personas por Filial.
- Movilizaciones sincronizadas con las distintas filiales.
- Instalación de las filiales en la vida social, cultural y deportiva de las respectivas ciudades a las que pertenezca.
- Elevar propuestas y proyectos para su desarrollo, por las filiales o por el Club.
- Desarrollar un boletín informativo mensualmente.
- Organizar Visitas a los distintos predios del Club.
- Fomentar Campañas de socios en los distintos barrios.
- Información periódica al Secretario de Filiales sobre las actividades que se desarrollen en nombre del Club.
- Las filiales como tal, no podrán apoyar políticamente a ningún candidato o agrupación política.”

Em princípio, esta caracterização realizada pela CD do Gimnasia responde a parâmetros prescritivos e de legalidade semelhantes aos que explicita a regulamentação deste tipo de formações no clube Estudiantes.

Exige-se a formação de uma CD estável e a adesão de um número mínimo de sócios. A única - e veremos que é substantiva - diferença consiste em que, como foi mencionado, no Estudiantes, fica explicitamente proibida a criação de *filiais* dentro da cidade. De resto, suas prescrições e seus campos de atuação delimitam simbolicamente uma condição de sujeição ao poder central, nos termos de uma condição morfológica corriqueira e com pouco grau de influência sobre as decisões da CD. Pode-se afirmar que, em ambos os clubes, este tipo de formação guarda semelhanças operativas quanto à tendência à institucionalização, à criação de mecanismos de decisão hierarquizados e “projetivos”, e à instauração de uma base territorial objetiva e reconhecível. Um dos grandes anelos e objetivos de qualquer *filial* é a obtenção de uma sede própria onde realizar reuniões, encontros e homenagens, e que sirva de receptáculo e canal para as demandas de sócios locais relativamente afastados do centro burocrático e político.

O crescimento e a reprodução do número deste tipo de organizações, em ambos os clubes, é relativamente próxima no tempo – com exceção de algumas *filiais*, como as de Neuquén e Mar del Plata, surgidas no auge dos campeonatos obtidos pelo Estudiantes nos anos '60. São realmente poucas as *filiais* cuja criação remonta a um período anterior aos anos '90, sendo justamente este o período em que se observa, com maior intensidade, um apagamento na reafirmação das virtudes associativas e participativas, por parte do campo dirigencial, e que, tradicionalmente, mantinham como identidade organizativo-utópica os clubes na Argentina. Quer dizer que, concretamente, no que respeita à sua instância funcional de enquadramento dentro da lógica mercantil dominante nos últimos anos, estas formações não parecem responder tão claramente a uma “necessidade” vinda do clube neste sentido.

*Artista torcedor de Gimnasia realiza um mural em relevo no “Estádio do Bosque” (Gimnasia). A imagem representa a paixão do “povo tripero”. (Foto: vídeo Dirigentes II)*



Em uma aproximação ampla, estas formações podem ser compreendidas em termos de uma “necessidade cultural” – para chamá-la de modo simplista- na linha de uma “pulsão do estar-juntos”, como território

simbólico carregado de sentimentos e emoções gregárias características das sociedades urbanas (Mafessoli 1986). Poderiam ser, também, assimilados à lógica cultural do surgimento de grupos de fãs em torno a idolatrias, neste caso, dentro do clubismo, podendo ser certamente interpretáveis deste ponto de vista. De fato, ao observar que, em sua maioria, estas formações levam nomes de jogadores e estrelas de cada clube, evidencia-se uma clara alusão a uma existência heróica, identificada pela *filial* e pela *agrupação* com os emblemas e não com o centro de referência dirigencial. Em particular, muitas *filiais* estão ligadas localmente entre si. Entre os espaços de ação que se apresentam enfatizados pelos seus integrantes, fica claramente excluído o futebol profissional, sendo este fundamentalmente reduzido à organização de homenagens e comemorações para os jogadores ou à mobilização para as partidas. Porém, como mostra a declaração pública de fundação de uma *filial*, no Gimnasia, apresentada a seguir, estas formações tentam “entrar” em outros âmbitos de ação institucional:

“Un grupo de socios e hinchas de Gimnasia acaba de conformar la nueva Filial ‘Leandro Cufre’, en un movida que surgió de manera espontánea y que cuenta con el aval del propio ex jugador del Lobo y la Roma, que actualmente milita en el Mónaco. Ya quedó establecida ‘la Junta Promotora que irá organizando el funcionamiento de la filial y a la vez generará acciones y eventos tendientes a fortalecer y apoyar a todos los deportes amateur de nuestro Club y en particular el fútbol infantil’ señalaron en un comunicado de prensa.”<sup>174</sup>

Vemos, nesta apresentação da “Filial Cufre”, que o critério de voluntariado permite a influência das *filiais* em outros espaços próximos da organização do clube, especialmente nos esportes amadores, quase sempre menos considerados pela dirigência na distribuição de recursos. De fato, a existência material dos integrantes das *filiais* na vida do clube manifesta-se cotidianamente, criando vínculos entre dirigentes de segunda linha, especialmente entre aqueles que atuam em âmbitos abertos à participação das *filiais*, como as Subcomissões e os Departamentos de cerimoniais, de imprensa, de infra-estrutura ou de esportes amadores. Em determinadas ocasiões, estas relações se fortalecem sentimentalmente em decorrência da “ajuda” que alguns integrantes oferecem aos setores menos cuidados do clube. Inclusive, quando o Gimnasia voltou a jogar partidas oficiais no Estádio do Bosque, depois do abandono do Estádio Cidade de La Plata, muitas *filiais* se organizaram para pintar as instalações e reparar partes do estádio. Quer dizer que, se bem que elas sejam formações que participam extensivamente do *clube-instituição*, não são

---

<sup>174</sup> *Diário El Día*. La Plata, 27 de junho de 2007.

resultado absoluto de uma função que tende ao equilíbrio estrutural, porém criam um campo de atuação próprio, que inclina-se a recolocar em cena as condições políticas para a mudança, a conservação, etc. Nos termos de Edmund Leach (1980), elas expressariam formas de desequilíbrio indispensáveis para compreender, em profundidade, o conceito de mudança institucional. Nas palavras deste antropólogo:

...el proceso mediante el cual las pequeñas unidades se desarrollan en otras mayores y las grandes unidades se fragmentan en menores no es simplemente una parte del proceso de continuidad estructural; no es un mero proceso de segmentación y acrecentamiento, es un proceso que implica un cambio estructural (Leach 1980:28, *tradução minha*).

Ou pelo menos “a possibilidade” dessa mudança. Sem que esta perspectiva impeça de contradizer uma visão do poder que enfatiza o lugar que ocupa o consenso e a incorporação simbólica de condutas por meio de categorias como a dominação –e legitimidade- weberiana e a hegemonia –com fissuras- em Gramsci, vale transportar a frase de Leach às *filiais*, porque remete, aqui, aos aspectos relacionais em que o poder se manifesta nas práticas, inclusive, estruturalmente, de maneira não “reprodutiva”, mas de “suporte”. As instâncias em que se manifestam vínculos sentimentais permitem, para este autor, a localização das dimensões performáticas onde o poder se apresenta em zonas de contato liminar que permitem reconhecer o caráter abrangente com que ele se estrutura e atua sobre a ordem cultural, representada, neste caso, pelo complexo clube-emblema-instituição (além do universo hermético com que se apresenta o mundo dirigencial e suas “sociedades”). Um recente ex-presidente do Gimnasia, teoriza deste modo os papéis relacionais das *filiais* na estrutura isntitucional:

Las filiales en realidad cumplen diversos roles. Hay algunas que prácticamente no participan en la vida institucional y generan su propia actividad interna, y viven la vida del club a puertas cerradas. Hay otras que son un poco, dicen ellos que no participan en política, pero de una u otra manera hacen escuchar sus voces y sus opiniones con carácter permanente, algunas con equilibrio, y otras en momentos determinados se desbordan de emoción, ¿no es cierto? Porque en esas filiales no todos son socios, entonces ahí hay simpatizantes que por ahí no la ven la institución como la ve un socio o la ve un directivo.... Todos los que integran la comisión directiva, de alguna manera, casi normalmente han estado vinculados a alguna agrupación, alguna filial o algo así. Porque si no están en el club les gusta estar en un ámbito que se discuta del club, así que es muy fácil que si

mañana esta comisión directiva forma una lista y pone 10 de los que están y pone otras 10 personas, casi seguro que la mayor parte de esas personas alguna actividad, en alguna filial o algo han tenido. Pero, estatutariamente no tienen ninguna gravitación, el club les permite por supuesto reuniones, les facilita sus instalaciones, colabora con eventos que realmente hacen, y demás, porque sabe que hay socios, simpatizantes e hinchas, entonces un ámbito de tratamiento de los problemas del club y al saber que no están ajenos a las inquietudes del club ni al fervor del club, ni al entusiasmo del club, la institución las atiende. Pero no las atiende al extremo de que se conviertan realmente en conducción del club, no mucho menos. Si hay algún directivo que tiene en particular un mayor predicamento en alguna agrupación, o algo así, trasladará su inquietud política en la agrupación (...) (**Adv. Levene**)

Tal como quando Roberto da Matta (1979) propõe dessubstancializar o conceito de liminaridade antropológica, situando-a na produção da ação carnavalesca e abrindo um espaço para que diversas pessoas possam sair de um universo marcado pela gradação e pela hierarquia para experimentar a individualização, as *'filiais'* –e veremos que certas *'agrupações'* são embriões das mesmas - cumprem um papel semelhante no nível da criação extramundana de um tipo de ação política coletiva *in procesus*, que está presente ativamente, uma vez que intervém entre o emblema, a instituição e a sociedade local de referência primária a que territorialmente pertence. Fundamentalmente, já que as *'filiais'* têm como principal função operar como “extensão” do clube em matéria de informação ao sócio, festejos, homenagens, e na mobilização de simpatizantes para as partidas ou na prática de atividades esportivas (quando possuem prédios para realizá-las).

Esta intervenção em favor do emblema se dá de forma explícita em atividades que os próprios integrantes referem como “evangelizantes” no bairro: doações a um “comedor comunitário”<sup>175</sup>, visitas de jogadores ao hospital mais próximo, coleta de brinquedos para crianças de baixa renda, etc. E, inclusive, em pequenos acontecimentos significantes, como levar uma das estrelas do time –com uma camisa de algum jogador do time profissional ou bola assinada pelo resto do plantel - para visitar uma criança em situação médica terminal.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Refeitórios gratuitos para setores de baixa renda organizados por ONG, escolas e associações de pais ou amigos de certas instituições sociais. Sua expansão e crescimentos data da crise de 2001.

<sup>176</sup> Apesar de não ter tido tempo para conhecer por dentro suas atividades, vale a pena observar que Gimnasia criou o SITEA (Sistema Integrado Tripero de Evangelización y Ayuda). Este organismo, coordenado pelo neto de Laureano Duran, organiza e promove, junto com as *filiais*, eventos de auxílio em bairros ou instituições, doações, rifas, etc. Em cada um destes eventos, o clube, através do SITEA entrega camisas do time de Gimnasia. Segundo o próprio Coordenador, são privilegiados os eventos com crianças



*O autor da obra explica os signos territoriais presentes no mural. Os tetos de chapa, característicos das casas dos imigrantes em Berisso (parte superior), levam as cores vermelho e branco no fundo da imagem. Em primeiro plano o jogador Lauri. (Foto: Dirigentes II)*



Por outro lado, como bem mostra Moreira (2008) a partir de uma conjuntura de importância em um clube (neste caso os festejos dos cem anos de um clube como o *Independente*), certos eventos comemorativos tendem a se tornar uma arena de ação - de definição dos papéis dos sócios - adequada para observar diversas formas de apropriação dos significados culturais do “ser torcedor” e do “ser dirigente”. O acontecimento permitiu à autora dividir as águas no tocante à forma do discurso do torcedor e do dirigente sobre as especificidades de cada um com relação à política clubística, a partir de conceitos constituintes da auto-imagem de uma sociedade civil frente à classe política: corrupção, poder e interesses pessoais.<sup>177</sup> Neste ponto, as *filiais* podem ser vistas como estruturas dedicadas a sucessivos e cíclicos pequenos acontecimentos “excepcionais” como estes.

Os torcedores e sócios, organizados em ‘*filiais*’, oferecem ao dirigente, durante tais eventos, uma arena para essa diferenciação, quando constantemente o convidam a “prestigiar” os eventos por eles organizados. Um destes eventos sem a presença dirigencial será visto, praticamente, como um fracasso. Assisti a muitos deles promovidos por *filiais* tanto no Gimnasia quanto no Estudiantes, especialmente, homenagens e inaugurações de murais, espaços públicos no bairro ou placas

---

por serem elas quem mais processam o “esforço do clube” e também por serem as mais “evangelizáveis” ([http://www.gimnasia.org.ar/elclub\\_especial.php?id=1760&sec=1&fecha=2009-05-06](http://www.gimnasia.org.ar/elclub_especial.php?id=1760&sec=1&fecha=2009-05-06)).

<sup>177</sup> De acordo com a interpretação feita por Moreira (2008) ao analisar o devir dos acontecimentos conflitantes entre sócios- torcedores e os dirigentes, durante a organização dos festejos do centenário do clube *Independente*, o componente fundamentalmente comunitário e afetivo que parece mobilizar os integrantes deste tipo de formações também se mostra como expressão de uma antipolítica. Com efeito, a maioria dos integrantes das *filiais* define suas ações cotidianas de acordo com o interesse político e a notoriedade pública com que identificam o dirigente como “aquele que ‘trabalha para’”, intimamente ligado à idéia do torcedor que é incondicionalmente fiel para com o clube” (Moreira 2008:137). À primeira vista, parece adequada e estimulante a categorização feita por Moreira quando -inspirada em Bourdieu- separa os participantes da vida pública do clube em “políticos profanos” (os sócios torcedores) e “profissionais” (os dirigentes). Neste sentido, a autora consegue delinear, pelo reverso, o lugar que ocupa o horizonte eleitoral como instância do “tempo político” e como um campo que “é o lugar de competência pelo reconhecimento dos profanos” (Moreira 2008:135).

comemorativas em praças, até a distribuição de brinquedos em hospitais de bairro através destas *'filiais'*.



*A presença do gênero “feminino” em cargos diretivos e na organização das ‘filiais’ prestigia e intensifica os valores de “beneficência” destas formações, como extensão às margens dos clubes. (Foto: Dirigentes II).*

Não tinha como deixar de notar as diferentes *performances* dos participantes dos eventos organizados por *filiais* de ambos os clubes. No Gimnasia, observava-se uma estética mais carnavalesca, buliçosa, enquanto no Estudiantes, o proceso ritual era mais formal, conforme as normas de etiqueta, e onde prevalecia o silêncio e os discursos. Porém, em ambos os casos, a série ritual era quase idêntica. Com pequenas variantes, primeiro, o longo processo de chegada dos participantes que enchiam o salão à espera da chegada dos dirigentes, geralmente acompanhados por um ou vários jogadores do time profissional; em seguida, o ato de homenagem ou a inauguração, que era o motivo do evento, e então se servia o jantar, quando começavam os breves discursos dos organizadores e de alguns jogadores; por último, o dirigente máximo apresentava-se no local, tomava a palavra e sintetizava a importância do ato, para ele, para os simpatizantes, para os jogadores e para o clube. Esta última estrutura discursiva era quase idêntica para os casos do Estudante e do Gimnasia

Neste sentido, é notória a ansiedade que percebi, em todos os participantes, pela chegada dirigençial, quase sempre demorada, a estas apresentações. Em uma ocasião, na “Filial Lauri” (velha glória do Estudiantes na década de 1930), da cidade vizinha de *Ensenada*, e tendo como motivo a inauguração de um mural alegórico em homenagem ao jogador desse nome, compreendi que a presença dirigençial era uma questão de honra para qualquer *filial*. Mas é precisamente o discurso em que se afirma o dirigente sobre suas habilitações - que o diferenciam na sua condição de elite -, aquilo que permite ao torcedor reafirmar sua entidade e o sentido de sua significação como “comunidade originária” por ele construída na *'filial'*. A prática cerimonial necessita da presença dirigençial para comprovar a sua própria distinção no jogo entre elas. Trata-se de um ritual político consensual de “apropriação”, cujas seqüências e ordenamento estão direcionados a apresentar um “sistema de

valores comum” (Abelès 2007: 44-50), entre eles, os hierárquicos. Uma distinção que não é rígida e que sustenta, entre outras coisas, a necessária referência aos atributos, porque “*temos um contrato implícito entre nós*”, como menciona o presidente, o Adv. Eduardo Abadie, durante seu discurso na “Filial Lauri”. Com efeito, por meio das ‘*filiais*’, esse pacto de origem manifesta-se como “comunhão” festiva que parece atualizar um instante de partida: *o momento incial em que emblema e instituição eram a mesma coisa*. A operação ritual destes eventos mostra sua eficácia simbólica nas vidas das *filiais* quando recria esse instante fundacional da elite dirigencial que apela à memória e a construção de certas narrativas significantes.

*Com humor performático e “pagão”, o pároco de Berisso benze o mural na Filial Lauri, os “fiéis” da filial e os jogadores presentes. Pede a Deus “por mais vitórias do time” e “mais obras da filial”. (Foto: Dirigentes II)*



Deste modo, a ênfase nas “substâncias” em que se funda esse contrato de distinção parece ser uma constante durante as ocasiões em que fazem uso da oratória, nos eventos públicos em que participam cotidianamente para atualizar um reconhecimento dos pares. A importância atribuída ao nível da experiência “das paixões”, vinculadas com as emoções e com a afetividade, opera como ponto de referência comum a todos eles, e funciona, para a maioria dos dirigentes no futebol, como parte necessária de uma estrutura discursiva. As ‘*filiais*’ são formações que parecem encontrar lugar como uma entidade objetiva para uma interlocução em que os diversos atores sociais do clube social e esportivo com futebol, os sócios, os torcedores e os dirigentes mostrem o quanto deles pertencem a um e outro, para diferenciar-se. Não são estruturas “pequenas” do clube, nem instâncias reprodutivas. Trata-se de um espaço de demarcação de fronteiras onde o dirigente encontra um tempo “não político” em que pode produzir sua transfiguração para os sentidos possíveis do emblema, em direção à instituição como dirigente. Tendo em conta que estes tipos de formações são fundamentalmente espontâneas e não respondem a uma intencionalidade que vem do governo central dos clubes, intrinsecamente, elas ampliam o campo de ação para a formulação de demandas e recepção no nível institucional. Aparentemente, entram em contradição com a tendência à identificação dos torcedores com o modelo de consumidor de espetáculo, no horizonte dos políticos profissionais tidos por

Moreira como diferenciáveis. Entre esta extensão estão tanto as produzidas durante as homenagens, permitindo vínculos informais com a dirigência, quanto aquelas produzidas durante as partidas, através de bandeiras com frases lembrando a história ou opinando sobre a conjuntura.

Efetivamente, a versão formalista das *'filiais'*, entra em um jogo de tensões dentro das dimensões “funcionais” do sistema político e organizativo clubístico, sem explicitá-lo. Por um lado, as *'filiais'* são de caráter mais permanente e estão estabelecidas territorialmente no interior do país ou em bairros e cidades periféricas à cidade. Fazem parte da trama institucional que objetiva, por meio da capacidade legal de associar, cobrar e direcionar á *'sede'* inquietudes dos sócios e simpatizantes. A significância dos diferentes bairros e das cidades do interior, dentro da lógica de unidades políticas, encontra-se determinada pela intermediação entre os dois pólos dominantes entesourados pelo clubismo: a realização performática do sócio-torcedor-cidadão no estádio, por meio da identificação com o time-emblema, e o endereçamento volitivo para com as autoridades do centro governante na instituição, através de variados tipos de eventos e da reafirmação da identidade. Com relação a estas formas particulares de estabelecer os laços e fluxos entre integrantes de *'filiais'* e a dirigência, cada clube cria uma interpretação -na prática- das formações sobre os distintos significados que elas adquirem com relação ao tema territorial. A dinâmica específica com que tendem a estruturar-se tantas as agrupações como as *'filiais'* assume formas particulares à medida que responde às “formas de ser” e “o caráter” de ambos os pólos: em um extremo, a comunidade de sentimentos cuja elaboração maior tem lugar no estádio de futebol; e no outro, um tipo ideal de comando das relações de deferência, participação e mobilidade que tem lugar no comando da política e nas relações formais que estas formações estabelecem com a dirigência a través das *performances* rituais.

Dessa forma, um dirigente garante, para si, a visibilidade e o afeto de sócios e simpatizantes relativamente organizados e formadores de opinião interna, muitas vezes, com certa atuação orgânica dentro do clube. Nesse tipo de acontecimentos, geralmente marcados por um ar nostálgico e melancólico, se veiculam os signos retóricos dos distintos atores, que encontram um lugar adequado para desenvolver temas que direta ou indiretamente vinculam a identidade desse evento à identidade do clube. Bourdieu já falava de uma economia das “trocas linguísticas” quando se referia à força performática do discurso, e mostrava o quanto era necessário levar em conta as condições sociais de produção desse discurso. O poder das palavras não está nas palavras mesmas, mas no ato de delegação que institui o porta-voz que as pronuncia. Em resumo, trata-se de instâncias em que os participantes experimentam, coletivamente, o que a escola do *interacionismo* denominava

de “símbolos significantes”, que determinam a coerência e o sentido de uma situação de sociabilidade (Luze 1997). Tais acontecimentos permitem a compreensão mútua da existência de um tipo de prática pública como sendo especificamente do clube e não “da política”, espaço social santificado e que resiste e adequa, inclusive, as coordenadas e os mandatos da “cultura futebolística” a que cada um pertence ou acredita pertencer. Nesse sentido, são espaços propícios à cooptação de votos em épocas de eleições ou *assembléias*, porque tendem a se organizar ativamente como fontes de apoio explícito às gestões vigentes, passadas ou futuras.

Apesar das semelhanças nos papéis “sociais” que têm as *‘filiais’* e as *‘agrupações’* às “margens” dos clubes, no desenho das relações formalizadoras entre os distintos atores sociais e os governos dos clubes Gimnasia e Estudantes, ambos os tipos de formações têm experimentado a constituição diferenciada de signos próprios em cada clube a partir das suas identificações específicas favorecidas pela *pregnância* simbólica construída durante os últimos anos, nas competências e *performances* futebolísticas. Tomando como referência uma suposta “marginalidade” política no aspecto formal e institucional que cabe à dirigência do clube – que, como vimos, do ponto de vista prático, não é assim -, e a diferença de uma aparente homogeneidade das Filiais de Sócios e simpatizantes, ambos os clubes vêm elaborando sentidos diferentes para as chamadas *‘agrupações’*. Dado este que, certamente, se relaciona com uma dimensão mais ampla, da construção das identificações clubísticas das duas agremiações, segundo suas respectivas mitologias. Fato que remete, então, necessariamente, aos grandes fluxos utópico-ideológicos que temos mencionado, operando no processo “endogênico” de identificações clubísticas antagônicas entre as duas associações: cidade-interior, centro-periferia, empresário-profissional, etc.

A princípio, as chamadas *‘agrupações’* supõem certas instâncias objetivas afetadas por uma maior horizontalidade do que a das *filiais* e denotam outro tipo de problematização do clube. Genericamente, elas se formam de acordo com as “necessidades” ou “demandas” concretas do clube ou para o clube. Estas podem ser, desde a organização dos torcedores de um bairro para assistir a uma partida relevante ou para garantir ingresso durante um campeonato, passando pelos clássicos eventos de colaboração com entidades ou pessoas em dificuldades - como normalmente fazem as *filiais* -, até a apresentação de um grupo ou de uma “lista” para as eleições de CD. Em síntese, elas se organizam para concretizar algum evento em particular sem a intenção declarada de perdurar no tempo como entidade autônoma. Em muitos casos como, por exemplo, quando se organizam tarefas de conserto ou pintura dentro do clube, as *‘agrupações’* e *‘filiais’* se confundem e tendem a ser vistas como “grupos de ajuda desinteressada”. As *‘agrupações’* são geralmente

constituídas de modo informal, por grupos de interesse, e tendem a se criar em torno a objetivos pontuais e limitados no tempo. Entretanto, estes interesses e objetivos, se bem que guardam para si uma estrutura – como um calendário – semelhante às ‘*filiais*’, diferem delas pela forma, em cada clube.

No Estudiantes, as ‘*agrupações*’ se definem por dois tipos de objetivos “menos políticos”. Em primeiro lugar, estão aquelas que se organizam como passo prévio à formação de uma ‘*filial*’, como um agrupamento de sócios e simpatizantes que, como foi dito, deve estar localizado fora do centro da cidade. Assim, experimentam a organização de uma viagem a outra cidade, acompanhando o time, fazem reuniões, eventos, etc. Outras, porém, respondem aos interesses de sujeitos que vivem dentro da cidade e por isso se limitam a organizar-se como um grupo que integra o centro de poder do clube. Em geral, estas últimas são as que estão dentro da cidade e, portanto, inabilitadas para produzir uma continuidade no tempo e transformar-se no futuro, em ‘*filiais*’. No caso do Gimnasia, estas formações são mais flexíveis e informais, e mostram um maior grau de capacidade de ação em termos da construção de redes de alianças e de agrupamentos de sócios com pretensões de concorrer politicamente ou de integrar-se ao grupo de dirigentes no poder. Este fenômeno de concorrência institucionalizada se observa particularmente ativo no Gimnasia, clube em que a amplitude e indefinição da regra territorial para as ‘*filiais*’, dentro da cidade é um elemento determinante. Afeta diretamente o desenvolvimento de uma especificidade política para as ‘*agrupações*’, o que não se observa no Estudiantes, uma vez que, neste último, os limites à criação de ‘*filiais*’ na cidade fortalecem as ‘*agrupações*’ como substitutas daquelas, ao mesmo tempo em que as concebem como um centro político da Sede. Assim, conforme as coordenadas culturais inscritas nos mitos de origem, as operações prescritivas sobre as ‘*agrupações*’ fazem que, enquanto o Estudiantes expande estas formações para fora da cidade, Gimnasia tende a fazê-lo dentro do perímetro urbano. Através destas *formações às margens*, a cidade se constitui em *lócus*, socialmente imaginado, de um processo político-cultural mais amplo, distribuindo os conceitos de clube e de dirigência. Fazendo uso heterodoxo do conhecido argumento estrutural de Edward Evans-Pritchard (1987), estas formações mobilizam a *fusão* e a *fissão* de “localidades” entre as comunidades que pertencem aos emblemas rivais.<sup>178</sup>

---

<sup>178</sup> Em primeiro lugar, elas conectam horizontalmente níveis homólogos –cidades e bairros– com outras organizações de integrantes e defensores da instituição. Mas ao mesmo tempo, verticalmente, se opõem – eventualmente – a outros segmentos internos com tendências hegemônicas dentro destas, como as ‘*barras*’ ou grupos de poder de *dirigentes* que aspiram ao centro de governo. O sócio e o simpatizante de um clube pertencem por igual a uma *filial* de uma cidade ou de um bairro, fazendo parte desse espaço territorial como um *segmento* do clube-emblema. Na vida cotidiana da ‘*filial*’, o sócio, o simpatizante e o torcedor

Na Sede Social do Estudantes, todas as tardes, de segunda a sexta- feira, juntamente com a chegada dos dirigentes ao clube, a cafeteria –modernizada durante os últimos anos- povoa-se de representantes de várias ‘*agrupações*’ –e também de ‘*filiais*’ recentemente criadas- com a finalidade de estabelecer laços pessoais com a condução do clube e com empregados hierárquicos que possam colaborar nas distintas atividades programadas para o futuro. Este tipo de práticas tem diferentes interpretações e respostas por parte dos interlocutores mencionados. Geralmente, os representantes esperam longas horas até que algum dirigente “desça” do seu escritório para tomar um café e se aproxime deles para perguntar que atividades têm realizado ultimamente, quantas pessoas pensam levar ao jogo no final de semana, etc. Estes brevíssimos encontros são aproveitados para solicitar uma “ajuda do clube” para suas atividades ou para realizar alguma doação programada, organizar uma rifa para colaborar com um refeitório infantil, etc.

Como foi dito, entre os objetos mais apreciados desta troca estão as camisas de algum jogador, assinadas, uma bola profissional em desuso e, na melhor das hipóteses, o convite a assistir a um treinamento com os integrantes da *agrupação*. No que se refere às camisas, às bolas, e à facilitação de entradas para as partidas do time, quase sempre são intermediadas por empregados do clube, e dificilmente pelo dirigente, pessoalmente. Em situações pontuais, presenciei a aproximação dos dirigentes aos grupos que esperavam no bar do clube. Geralmente, implicavam convites para entrar “dentro do mundo do time”, por exemplo, assistir aos treinos, em um tipo de troca que coloca o representante da ‘*agrupação*’ partilhando uma prática de liderança frente ao resto do grupo, integrados geralmente por cinco ou seis pessoas –homens, mulheres e adolescentes. Os dirigentes, unicamente aceitavam ceder neste plano de negociação quando eram convencidos de que o poder que estavam entregando, em termos de uma relação entre “iguais”, não iria além de uma dádiva que implicasse, por exemplo, na obrigação, da *agrupação* ou *filial*, de convidá-lo a ser protagonista de algum evento organizado por elas.<sup>179</sup>

No Gimnasia, as ‘*agrupações*’ têm fomentado uma tendência à

---

compartilham certas práticas com outros que as conectam com o segmento que une todas estas unidades instituídas, primárias, do clube. Contudo, os mesmos integrantes que se veem potencialmente enfrentados a partir dessa identificação primária no estádio, pela posição dentro das coordenadas hierárquicas, se unem a outras unidades equivalentes pertencentes ao território, entrando em conflito com outros segmentos que seguem outro tipo de parâmetros de pertencimento, entre eles, os dirigentes.

<sup>179</sup> Porém, como toda dádiva sempre funciona em um sistema de reciprocidade moderadamente operativo, é com a instauração da filiação e de alianças extensas deste tipo que as pessoas se fazem discerníveis e tornam-se meios de efetivação de uma economia de dívida, crédito, mas também se criam formas elementares de colocar em discussão –e experimentar - esses intercâmbios em termos daquilo que não pode nem deve ser trocado em favor da afirmação de uma existência social e política própria (Godelier 1996).

politização dos objetivos destas formações na vida política, especialmente visível durante os períodos prévios à renovação de autoridades e cargos. Diferentemente do que acontece no Estudiantes, clube em que as estas tendem a circular como se fizessem parte do centro político da sede, no Gimnasia, criam suas próprias “mini-sedes”, onde, inclusive, se realizam debates sobre o futuro da instituição, chegando a organizar-se “governos paralelos”, como se percebe na declaração que segue:

“En una conferencia de prensa realizada en su local partidario, en la tarde de ayer fue presentado por la *Agrupación Nueva Generación Gimnasia* su candidato presidencial, Gabriel Pellegrino, quien competirá en las elecciones generales del Lobo. El candidato remarcó que "yo soy el coordinador elegido por la agrupación, ya que nosotros entendemos que lo fundamental para gestionar pasa por los grupos de trabajo y no por una sola persona". También remarcó, en cuanto a un tema central como el del estadio del Bosque, que "nosotros vamos a volver a 60 y 118 y pensamos el predio en forma integral" declaró. Asimismo, comentó que "en el área fútbol profesional le ofrecimos a Gustavo Barros Schelotto que sea nuestro mánager y también tenemos pensado ir a buscar a Guillermo para que se ponga otra vez nuestra camiseta, pero no los queremos utilizar políticamente" resumió Pellegrino.”<sup>180</sup>

Este fato é especificamente aceito, no caso do Gimnasia, instituindo nas *agrupações* um caráter irreverente, conflituoso e “tragicamente” democrático. O dirigente – obviamente, mais próximo para ver este fenômeno, elaborando uma interpretação baseada na agência dos sujeitos - tende a pensar em termos de um “equilíbrio instável” entre estas direções, dando a entender que é uma questão de caráter individual ambíguo, na dupla condição de sócio e torcedor, de sujeito político e sujeito emocional, da paixão e do interesse, etc.

Assim, por exemplo, durante o conflito do emblema, no Gimnasia, com relação ao fato de ter que decidir se devia ou não aceitar a utilização do estádio “único”, a “Filial Coco San Esteban”, do bairro periférico de Ringuelet, “liberou” por unanimidade seus integrantes para que decidissem individualmente sobre a assistência ou não a esse estádio. Verifiquei que aqueles que aceitaram ir às partidas eram também, na sua maioria, os sócios que faziam parte da formação, enquanto os “simples” simpatizantes se negavam. Em todo caso, a citada ‘filial’, por unanimidade, concordou que não se levariam bandeiras ou referências à mesma, enquanto durasse o litígio pelo estádio, fato que claramente tinha dividido os segmentos

---

<sup>180</sup> *Diário El Día*. La Plata, 9 de outubro de 2007.



*dirigentes e barras*, criando enfrentamentos públicos de variada intensidade<sup>181</sup>.

Notavelmente, tanto os representantes das *filiais* do Gimnasia, como das ‘*agrupações*’ e ‘*filiais*’ do Estudiantes, com os quais conversei, se mostraram “espantados” e preocupados ante a possibilidade – praticamente certa – de que se instale definitivamente, no futebol argentino, uma nova política de segurança nos estádios implicando na diminuição – ou desaparecimento – do número de torcedores visitantes, durante as partidas. Efetivamente, esta política que vem sendo implementada, com a proibição absoluta de torcedores visitantes nos jogos das Séries B, C e D do campeonato profissional argentino, teria um efeito negativo sobre eles, uma vez que desapareceriam, objetivamente, os protagonistas das disputas entre emblemas. Na prática, para as lideranças destas formações, a organização da mobilização de visitantes, nas partidas, significava um claro recorte de sua margem de manobra com relação a sua capacidade de mobilizar adeptos, de produzir recursos e, conseqüentemente, de dar visibilidade à potência territorial, enquanto identificação com o emblema<sup>182</sup>. Este fenômeno, particularmente associado com a necessidade de mostrar presença nos territórios alheios, em condição de “visitantes”, manifestava-se também como ameaça a um dos grandes tesouros que remetem simbolicamente ao simulacro político em que estas formações estão envolvidas em termos ritual-performáticos.

---

<sup>181</sup> No lugar de uma memória “cós mica”, é produzida “uma memória de alianças e palavras” que implica um recalcanento ativo da “memória intensa de filiação”; assim, se trata de formações que “uma máquina territorial segmentar (que) conjura a fusão por cisão, impede a concentração de poder mantendo os órgãos de chefia numa relação de impotência para com o grupo” porque tomam para si as imagens, os desenhos e as figuras da pertença extensiva (Deleuze & Guattari 1985: 161-162).

<sup>182</sup> No que se refere à função de mobilização de torcedores às partidas, busco novamente inspiração no *negara* balinês. Ali, na organização, na vida cotidiana, as relações de poder tinham eficácia significativa, uma vez que estas formavam um complexo sistema de descendência e fidelidade estruturado por práticas de intriga, traição e alianças. Por sua vez, isto representava um enorme esforço para conservar os laços de dependência e fidelidade dos distintos centros de poder com o objetivo de manter forte a interdependência cultural entre ritual religioso e a distribuição de resultados econômicos e os mecanismos de distribuição do prestígio. Estes elementos eram justamente os que criavam o campo de possibilidades da teatralização ritual da cremação como espaço de concentração estética do mundo buscado pela sociedade de Bali durante seiscentos anos. Por estarem participando de uma luta ideológica impossibilitada de ser explicitada para além do simulacro futebolístico, as *filiais* e ‘*agrupaciones*’ encontram, na instância metafórica da mobilização, o tema central de organização como indicativo metonímico da sua narrativa micro-política possível. Assim, as negociações constantes “entre” as distintas formações para definir sua participação no espetáculo dentro dos estádios, os lugares de preferência, o número de pessoas a serem mobilizadas e as mensagens a serem endereçadas pelos cantos e bandeiras estão intrinsecamente ligadas à sua capacidade de atuar na vida cotidiana “para e pelo” clube-instituição. Isto se observa claramente tanto nos mencionados casos da organização de eventos de caridade, homenagens, etc, como também no permanente esforço das suas lideranças em abrir espaços de reunião horizontal dentro dos clubes.

Ajudar a pintar as instalações do clube as objetiva no que Victor Turner (1969) – em consonância com Weber - chamava de *empresa social* de cooperação dentro de um contexto de produção performática sócio-cultural, quer dizer, as transforma ciclicamente em empreendimentos coletivos racionais que operam em fases de relativa harmonia e tranqüilidade da estrutura, mas que se alimentam pela liminaridade horizontal da *communitas* a que se auto-referem e conectam signos sociais com a representação na *sede* e a dramatização futebolística exemplar: o ‘*estádio*’. Não se trata então de uma energia que se derrame “para baixo”, nem se trata de uma simples derivação “pacífica” e organizada da torcida, porque, na sua condição de *empresas sociais*, elas respondem a uma série de exigências, criando objetivos e funções relativamente autônomas em ambas as direções. O direito a construir uma entidade institucional própria está dado pela articulação dos vértices de um triângulo virtuoso cujos lados são constituídos das seguintes características: em primeiro lugar, ser portadores de mensagens culturais enviadas em forma de dádiva da “razão de ser” do emblema-clube-instituição para com outras entidades das quais extraem visibilidade e existência como acontecimentos; em segundo lugar, ser expressão, territorializando a identificação clubística dentro do espaço polissêmico do estádio de futebol; e por último, objetivar valores, como a vocação, a solidariedade, a deliberação e o espírito coletivo entrando e saindo da instituição

Tendo em vista que, como já foi dito, no caso do clube Gimnasia, existe uma postura mais flexível da dirigência com relação a permitir a formação de *filiais* dentro do centro urbano da cidade, a criação repentina de ‘*agrupações*’ tende a exceder essa condição “objetivista” e se constitui, geralmente, como uma identidade política orientada publicamente a convocar sócios e simpatizantes em torno a diversas questões de interesse do clube. É comum o número de ‘*agrupações*’ crescer muito em condições de crise, entrar na disputa de poder e ter pretensões de eleger determinados dirigentes, como parece ser a regra no Gimnasia, segundo as afirmações que seguem:

Nosotros, cada vez que el presidente de una institución, o de alguna agrupación, nos invita a participar para desarrollar algún tema determinado, vamos a todos. Yo he ido a muchísimos a explicar, a contar, pero he sido siempre un invitado. No provoco ninguna reunión ni nada (Adv. Levene).

Durante o período das eleições de 2007, era visível, no Gimnasia, o crescimento de organizações de sócios que se reuniam publicamente, sob o título de ‘*agrupações*’, com o objetivo de serem espaço de discussão sobre eventuais candidaturas à CD do clube. Entre julho desse ano e as eleições de novembro, e apenas tomando como referência aquelas que apareceram,

divulgando reuniões, encontros e palestras no diário *El Dia* de La Plata, contabilizei um total de 17 ‘*agrupações*’ interessadas diretamente em debater o presente do Gimnasia na ordem institucional, futebolística e eleitoral. Neste contexto, transpareciam também, em jornais locais, as reuniões entre as próprias ‘*agrupações*’ com a finalidade de definir candidaturas comuns, uma vez que se aproximavam as datas definidas para a apresentação das listas concorrentes.

Nesse sentido, de forma genérica, eu diria que as ‘*filiais*’ e as ‘*agrupações*’ não cumprem uma função, mas a criam. Porque a presença dessas representações de sócios, torcedores e simpatizantes se orienta em três direções fundamentais: primeiro, fortalecendo extensivamente os fluxos ideológicos do clube, realizando as atividades sociais “comprometidas com a realidade” local e estabelecendo linhas de alianças laterais –“linhas locais”, dirá Leach - com hospitais públicos, restaurantes populares, e com demandas pontuais, geralmente surgidas e organizadas em torno à busca da preservação dos espaços públicos no local, etc; em segundo lugar, criando condições materiais e organizativas para efetivar a presença da sua facção no evento espetacular, “ordenadamente”, edificando-se como parte dentro de uma lei institucional superior. No estádio, espaço onde se é visto e se vê, também apresentam essas “alteridades instituídas”; por último, atuando na vida cotidiana do clube e instalando-se como co-partícipes da sua criação material.

Em outra dimensão da ordem estrutural dos referenciais institucionais dos dirigentes, mais ou menos importante na hora de constatar a presença de muitos deles em várias atividades públicas construtoras de relações de poder, estão os diversos ‘*clubes de bairro*’ da cidade. Estes clubes, na sua maioria pequenas estruturas, mostram que estas instituições “menores” têm, para as conduções, implicâncias diretas sobre a manutenção de um consenso mais amplo de sócios e simpatizantes que participam das margens institucionais do clube, expressas nas ‘*filiais*’ e ‘*agrupações*’. Assistir a palestras públicas para explicar plataformas antes das eleições ou para “compartilhar os porquês” de determinadas decisões, condutas e experiências durante uma gestão servem para a produção de uma imagem dialoguista e de visibilidade pública. No caso dos clubes de bairro, trata-se, geralmente, da criação de alianças relativamente móveis e circunstanciais, e não de um “compromisso de sentimento”. A mencionada presença de vínculos entre dirigências, normalmente, está condimentada por acordos de colaboração formal entre os clubes, em distintos níveis de atividade. A tarefa desenvolvida por um determinado dirigente, em um ‘*clube de bairro*’ das dimensões do *Brandsen* ou do *Juventude*, em La Plata, podem projetá-lo para disputar uma candidatura no nível de um clube como o Estudantes ou o Gimnasia. Porém, estes tipos de trajetórias são pouco comuns e, até certo ponto, ocorrem em situações “ocasionais”, não respondendo ao itinerário ideal de um alto dirigente.

Se hacían reuniones en clubes ‘chicos’, sí, en barrios de la ciudad o de las proximidades. Pero se hacían reuniones fundamentalmente en clubes de barrio, los clubes de barrio se hacía. Yo nunca fui de los que hablaban en las reuniones porque mi fuerte no fue la oratoria, pero sí, se hacían reuniones para explicar lo que queríamos hacer, antes y después de haber ganado las elecciones (Eng. Del Franco).

Os numerosos clubes de bairro da cidade são espaços de autonomia declarada e, com algumas exceções, são atravessados indistintamente pela dinâmica que possam imprimir a ambos os clubes. Porém, tais espaços “ocasionais” servem de cenário para práticas dirigenciais de diferentes tipos. Entre elas, se destaca a oratória, como uma ação política que revela “o político” como um modo de se fazer humano no papel da instituição.<sup>183</sup>

Conforme já explicitado, não encontrei a presença comprovada de um fluxo de prestígio acumulado entre categorias dirigenciais -formalizado ou minimamente reconhecido- que permita falar de uma relação coordenada institucionalmente no que concerne a uma transição visível entre um e outro espaço de poder. Não aparece, nem nos casos dos eventuais “clubes aliados” nem nos casos das *‘filiais’*. Nos primeiros, pela natureza fundamentalmente móvel das relações estabelecidas entre clubes. No segundo caso, porque geralmente o objetivo principal que motiva um personagem a se transformar em dirigente de *filial* parte de uma premissa de “serviço” local que dificulta uma possível ascensão dentro do clube. E isto ocorre porque esse tipo de dirigentes de *‘filiais’* tem como objetivo nutrir-se de um prestígio que vem do clube até ele, e não vice-versa. Independentemente do fato de que um dirigente do Estudantes ou do Gimnasia se aproprie do prestígio do clube, ele se transformará em dirigente, quando for capaz de prestigiar o clube, pelo menos, no momento de ascensão ao cargo (seu “capital inicial”). O percurso que faz um dirigente de *‘filial’* supõe a amplificação de um prestígio “emprestado” pelo clube que deverá ser amplificado, em âmbito local, por

---

<sup>183</sup> Neste sentido, os clubes criam condições de expressão substantivamente distintas das *filiais*, outro dos espaços reservados para as práticas discursivas –e assim, para a concretização de “juízos críticos”. Todavia, não se trata simplesmente da capacidade redistributiva do chefe, de sua atuação na organização do trabalho ou do seu papel de líder, virtudes apreciadas nestes âmbitos da liderança dirigencial e fundamentais do ponto de vista da “boa fala”. Um bom chefe deve ser, necessariamente, alguém que fala bem –e isso tem uma dimensão retórica. A anteriormente referida dimensão “volátil” de “nobreza”, emp que caracteriza as práticas das quais os dirigentes de futebol extraem sua vitalidade, se vê usualmente reforçada por uma permanente presença de suas figuras em *filiais* do clube e em clubes de bairro. Simultaneamente, estes lugares são pouco onerosos, em termos econômicos, na hora de servir para mostrar um tipo de bondade ideal “não caritativa”, e permitem atuar publicamente numa perspectiva estratégica de uma determinada dirigência no poder do clube. Permitem, assim, ampliar para toda a “sociedade” os benefícios vindos de uma das partes mais poderosas do acordo.

meio de ações “desinteressadas”, tendendo a subsistir através de atividades embasadas em necessidades específicas no nível territorial.

As interações entre estes grupos assimétricos tomam formas de competição e cooperação, de estratégias e manipulação, convencimento, contestação e alianças. Trocas ou intercâmbios recíprocos, como o empréstimo das instalações para uma atividade no bairro de alguma ‘filial’, são também centrais na consolidação das alianças e lealdades deste tipo. Neste ponto, a circulação de recursos simbólicos e materiais entre dirigentes cria um tipo de consenso de status distinto daquele que temos definido em torno ao conceito de dominação hegemônica. Assim, pode ser também a venda de um jogador saído de um clube “menor” (de bairro), o acordo pontual para o uso de certas instalações ou equipamentos, ou até uma relação de ordem afetiva, por ter este ou aquele dirigente pertencido, no passado, a esse ‘*clube de bairro*’. Como contrapartida, no caso das ‘*filiais*’, trata-se de relações mais rígidas e estáveis, cujos campos de negociação e interação válidos, estão particularmente orientados a responder, como foi dito, aos constantes pedidos referentes a pequenas necessidades locais. Uma ampliação dos laços de poder e preeminência “na base” é resultante de uma busca consciente de extensão do consenso canalizado e controlável pela negociação. Assim o declara um ex-presidente do Gimnasia:

Yo tenía un verdadero ejército en Gimnasia antes y después de los partidos. Esa gente que venia a participar durante la semana, entonces yo los convocaba personalmente a que vengan. Así, había creada como diez equipos de trabajo, eran jóvenes que se agrupaban a trabajar y vivir la historia del club en el presente, que estaban en todo las cosas del entrenamiento, de los partidos, etc. Yo los veía como los futuros dirigentes del club, porque estaban conociendo lo que es el mundo del fútbol desde adentro y queríamos crear un nuevo club, más profesional (**Cdr. Ramírez**).

Em realidade, apesar da narrativa modernizante do **Cdr. Ramírez**, tendo em vista que a maneira como vem sendo veiculado o discurso da profissionalização entraria em contradição com o crescimento de formações dotadas de uma independência potencial, tende-se a produzir práticas com consequências “clientelistas”. Esta ameaça de exercer uma prática de dom e contradom leva consigo a manutenção de laços de dependência do governo do clube com as formações sociais e dificulta a profissionalização da dirigência. Esta experiência concreta – a recuperação biográfica - da sua relação com o clube, falam do que Sherry Ortner (2006) considera próprio das práticas sociais e culturais de “empoderamento” estruturado como agência individual. O itinerário de ascensão deste dirigente a uma posição de poder no clube é

construído em termos de interações “necessárias” e socialmente reconhecíveis com atores diversos. Essa é, de alguma forma, a imagem criada pelo modelo do *empreendedor*, quer dizer, aquele que mostra, sobretudo, capacidade de “mobilizar pessoas e outros recursos para iniciar, dar propósito, construir e manter uma nova organização” (Pettigrew 1979: 572).

Todavia, o referido ancoramento territorial objetivo - que caracteriza especialmente as *‘filiais’* - e as *‘agrupações’* - e também a materialidade que o produz através da dinâmica de representação de pertencimentos sócio-culturais dentro dos estádios de futebol, em homenagens e, inclusive, durante momento eleitoral -, são justamente a feição do desejo moral, ético e metafísico do clube com espaço (não) político do dirigente. Trata-se de um aspecto primário da sua codificação, instalando-se como uma formação micro-política cujo tema central é o lugar, a forma e o tempo do poder instituído, seu fundamento gregário e, em consequência, a impossibilidade de que este permaneça sem criar condições de alianças duradouras e estáveis nos resquícios que deixam passar a marca totêmica. É, assim, um desejo fundado no esforço para estruturar o universo mítico-emotivo do emblema em termos de representações institucionais e de uma “sociedade”.

Os vínculos que as dirigências de clubes, como o Estudantes e o Gimnasia, têm com instituições relativamente estáveis como, por exemplo, *‘filiais’*, *‘agrupações’* ou pequenos *‘clubes de bairro’*, assim como os laços em torno ao prestígio, ao reconhecimento e às capacidades de articular as decisões da *‘mesa chica’* com o resto dos integrantes das comissões diretivas, são componentes determinantes da permanência de um grupo de dirigentes constituídos no topo do poder do clube. Tanto as *‘filiais’* quanto as *‘agrupações’* na suas duas versões - as deliberativas eleitorais e as funcionais organizativas -, operam diretamente sobre as coordenadas ideológicas da representação, no nível do estádio e também no nível da instituição. Estas formações, junto com o cenário dos clubes de bairro, criam um campo de atuação para as práticas discursivas, inter-pessoais, entre simpatizantes, sócios e dirigentes, diferentes daquelas que comumente se produzem entre “pares” em outros âmbitos integrados ao sistema futebolístico (a AFA, o COPROSEDE, a legislatura, os tribunais, etc).

Junto com as eventuais alianças com os *clubes de bairro*, as *filiais* e *agrupações* são um espaço adequado para elaborar instâncias de reconhecimento e negociação, e tendem a ser muito apreciadas, como tais, pelos dirigentes. Como o que está em jogo é uma articulação “alienante” entre ideologia e utopia, como diria Paul Ricoeur, a especificidade semiótica tendente à unidade metafórica do clube-emblema com a instituição inscreve formas diferenciadas de gerir a distribuição destas formações dentro do esquema de formalização micropolítico de reconhecimento.

## Capítulo IV.

### ***“Con una mano lo acaricias y con la otra lo abofeteas”***

#### **4.1. Das elites dirigentes para os “dirigentes de elite”**

Não há uma elite se não se criar e assegurar a continuidade de uma “idéia” do que é ou deve ser *o poder*. Qualquer análise ou definição pargamática de elite deverá ser inscrita dentro do universo de símbolos do sistema cultural específico, sem que isto signifique simplificar o papel das ideologias como espaço de signos com caráter mais universal. Neste sentido, definir um trabalho como um “estudo de elites”, em qualquer disciplina das Ciências Sociais, mais do que “obrigar-se à invocação de uma genealogia consagrada de autores e comentadores” (Grynzpan 1999: 14), significa também incorporar um conjunto de noções e de questões prévias. Uma vez que essas operam como instrumentos de percepção e de construção da realidade social, “a sua incorporação não-controlada termina por se constituir em um obstáculo ao conhecimento” (*idem*). Evidentemente, aplicado aos dirigentes com cargos nas instituições esportivas um conceito rígido de “elites” –como lógicas de poder instituídas- tenderíamos a recuperar certo tipo de coletivo identificável pela sua capacidade de formar sistemas, comunidades ou redes socioculturais “estáveis” e permanentes no tempo. Essa estabilidade pressupõe graus distintos de coerência no tempo e no espaço, a partir de marcas de referência que ancoram no passado o recrutamento em certas profissões e trajetórias destacadas. Consequentemente, teriam também relação com a integração, no espaço de interação - simbólico e prático - específico que determina a solidez do próprio conceito à luz destas premissas teóricas.

Quais capacidades e qualidades deverão ter então os dirigentes “no” de “de” futebol para pertencer ao conceito genérico de *elite*? Podemos concluir, até aqui, que essa “elite dirigencial” existe realmente no futebol com clubes? Cabe aqui pensar com a sociologia política, as “elites”, entendidas estas como formações de Estado –ou para o Estado- e caracterizadas como “classes políticas” dirigentes, por exemplo em Pareto, Gurvich, Mosca, etc; ou bem, “grupos de status”, como foram definidos por Weber, associadas com os dispositivos de decisão no âmbito da economia?

Apesar da identificação rígida entre a especificidade do espaço social e o grupo de poder que o ocupa, estas versões permitem ver positivamente a necessidade de falar de elites *no plural*. Como foi dito, compreende as consequências teóricas da heterogeneidade secular que caracteriza as sociedades ocidentais, “*une complexité sociale liée à la modernité (que) provoque une différenciation des positions e des fonctions que provoque des*

*nombreuses asymétries de pouvoir.*” (Coenen-Huther 2004:158). Certamente, assuntos como o mérito, a virtude pública e provada, os direitos adquiridos e residuais, e inclusive, a figura de *honra* weberiana, contextualizadas adequadamente, são premissas culturais que suportam o poder em distintas formações sociais, sendo condição inicial para a formulação do termo “dirigente”, seja uma igreja, uma empresa, um Estado, ou um clube em uma pequena cidade da Argentina.

Neste mesmo sentido, Weber apontava que nenhum sistema de legitimidade é absolutamente racional, nem responde mecanicamente às prescrições formalizadas por ele em termos de uma legitimidade única. Assim, na *Ética Protestante* (1993), ele mostrará a especificidade política da *honra* como categoria de ação individual e moral que veicula uma negociação entre o desejável e o possível para as instituições de uma sociedade, como exemplaridade. Remete, assim, a um sentido da responsabilidade ética relacionada com as particularidades histórico-sociais que fundam a distância e a exclusividade de um grupo potencialmente perdurável no poder, por exemplo, a instituição religiosa na era moderna. Weber mostra que a crença religiosa característica do Protestantismo consiste no modo em que um utilitarismo radical impregna as práticas da sociedade toda, uma vez que atua ligando culturalmente à acumulação com a transcendência: “a maior glória de Deus”<sup>184</sup> (Weber 1993: 48). A valoração cultural do que é ou não “honorável” para a vida econômica, define um campo extenso de atuação do poder para além desta, e ao mesmo tempo, permite a sua diferenciação de outras esferas da ação dos indivíduos nas sociedades contemporâneas.

Com efeito, as reflexões clássicas centraram-se eficazmente sobre os aspectos mais estáveis das lógicas organizativas, formas discursivas, laços informais e formais entre sujeitos, tendências autodestrutivas e autoconstrutivas, relações de força material e simbólica, modalidades de atuação e significados da autoridade. Permitiram, contudo, importantes avanços na aproximação de uma perspectiva antropológica, uma vez que se assumia o papel das práticas e experiências do poder pluralmente, como ferramenta analítica privilegiada para entender operações políticas variadas - por exemplo, a *performance* ritual de um Estado. Por diversos caminhos, a permanência, a excelência ou a preeminência de determinados grupos e

---

<sup>184</sup> A consequência será que “os escolhidos” não podem dar um passo em falso, devendo cuidar de todos os aspectos da sua vida, privada e profissional perante Deus e assim, a incorporação da idéia de predestinação, a obrigação que supõe a existência daquele que é escolhido por Deus para a realização da glória eterna. A *honra* é constitutiva do poder nas sociedades protestantes porque estabelece lógicas de ação fundamentadas em sacrifícios, resignações e reciprocidades, oferecendo à organização social um “ascetismo de poder” diferente daquele que se constrói, por exemplo, no modelo de relação entre massa e líder do tipo carismático.



lideranças dentro de um espaço instituído de poder eram inseparáveis dos modos culturais para seu controle (em Mosca, Pareto, Michels, Dupréel, Gurvich, Lipset, entre outros). Esses autores insistiram, por exemplo, em remarcar a ambiguidade existente na relação entre “preeminência” e “excelência” em sujeitos concorrentes aos cargos e grupos de poder e elite, especialmente tendo em vista as tendências à *oligarquização* dos grupos que permaneciam numa mesma esfera, que, ao colocar limites à participação e ao desenvolver prescrições hegemônicas dentro de instituições, atentavam contra a constituição de uma classe governante, dirigente, etc.<sup>185</sup>

Quanto às versões mais “modernas” da clássica categoria de “classes sociais” de Marx, centrada canonicamente na noção de propriedade dos meios de produção, encontrará, na versão estruturalista, uma ênfase interpretativa na distinção teórica entre modo de produção e reprodução social, assunto fundamental para pensar o problema geral da transição, deste último, para outros tipos de propriedade dos modos de produção. (Althusser 1969, 1979; Poulantzas 1972). O ponto de partida, em torno da legitimação das desigualdades que elas representam, permite entender esta categoria analítica como um todo variável cuja conceituação implica, quase sempre, em existência de lógicas de produção e reprodução cultural. E, precisamente, estas lógicas são plurais porque tiram sua firmeza simbólica de categorias sócioantropológicas construídas por práticas no campo das experiências, e sustentadas pelos conceitos normativos de status, tradição, propriedade, parentesco e outras formações instituídas no mundo social em muitas das suas formas, entre elas, a da produção simbólica especificamente ritual, tal como foi descrito em torno às instâncias das *assembléias*.

Daí, também, o particular interesse em definir como “objetivo de estudo destes grupos as relações entre posições de autoridade e poder efetivo” (Giddens 1974: 4). As análises e novas interpretações sobre os elementos culturais desse componente reprodutivo, derivadas de etnografias e ensaios sobre diversas elites, com *locus* nas sociedades europeias, são ponto de partida para esta reflexão (Giddens 1974; Lima 2006; Pina Cabral 2006; Le Witta 1998; etc.). Estudos, como o de Luc Boltansky (1982), sobre a formação de quadros burocráticos –público e privados- na França entre as décadas de 1930 e 1960, contornam o conceito de elite como uma projeção *estatutária* de sujeitos fundamentalmente heterogêneos (em origem social e trajetória). Na Europa, por exemplo, esta categoria encontrava sua primeira

---

<sup>185</sup> Evidentemente, esta tendência se deve à herança da teoria política tradicional, cujo tema central era a organização do poder soberano (sempre em um determinado território), quais os mecanismos que o fazem possível (prescrições entre governantes e governados); e, como consequência, os temas da liberdade e a autoridade, atravessados, por sua vez, pela busca da estabilidade, da segurança, da eficiência. (Bobbio 1982: 80).

linha de defesa “nas trincheiras” do mundo do trabalho, situada nos quadros técnicos e executivos e construída durante décadas como ferramenta pragmática para conservar seus empregos, benefícios e posições de status fortemente estruturadas social e culturalmente (Boltanski 1982).

Também cabe dizer que estes estudos tendem a pensar basicamente na estabilidade e na permanência como elementos constituintes do grupo social considerado como de “elite”. O debate em torno da estabilidade dos grupos como condição para a conformação analítica de uma elite dirigente e sobre suas estratégias de incorporação e reprodução social e cultural não apenas remete à pertinência como também à especificidade das hierarquias das emoções que estruturam o poder no sistema futebolístico. Assim, “ao colocar a *agencialidade* no âmbito de pequenos grupos e não em entidades impessoais, o conceito de elites remete-nos para o empírico”<sup>186</sup> (Lima 2006: 27). Diminuem as dúvidas sobre se é pertinente a inclusão dos dirigentes nos clubes de futebol como parte de grupos de poder com “tendência” à formação de uma elite.

Neste sentido, recupero o relato de Simson e Jennings (1992) em torno de um interessante encontro, em 1974, entre Patrick Nally, dono da *Peter West & Associados*, uma jovem empresa dedicada aos negócios de patrocínio a eventos durante os anos ‘70, e Horst Dasler, dono da *Adidas*. Serve de exemplo à complexidade e instabilidade das instâncias experienciais em que o poder opera neste universo e nos objetos culturais que estão no centro dos mecanismo reprodutivos:

Já na primeira conversa ficou claro que Dasler estava intrigado com as atividades do jovem inglês, e animado com a possibilidade de obter dinheiro para o esporte nas grandes companhias. ‘Ele falou sobre as guerras comerciais nos esportes, que ocorriam nos bastidores das Olimpíadas, e das táticas implacáveis usadas pelas empresas rivais de calçados, nas tentativas de convencer os atletas a usarem seus produtos’, recorda-se Nally. ‘Ele me disse que a briga ia acontecer no início da corrida. Os atletas haviam aprendido a negociar tão

---

186 Por exemplo, as qualidades funcionais da dinâmica do parentesco entre famílias e grandes empresas de Lisboa em Lima (2003), tendem a ressaltar a visão sobre aspectos de continuidade e rigidez da formação social familiar e econômica das “grandes empresas” de Lisboa e sua adaptação às mudanças no contexto, ao longo do século XX. Sociedades que, entre outras coisas, mantém, ainda hoje, estruturas monárquicas, sem produzir uma discussão interna sobre este fato. Evidentemente, o barco funcionalista, ancorado nos vínculos teóricos entre a antropologia portuguesa e a britânica, busca a constatação de mecanismos de estabilização da tradição em contextos de modernização que remetem à atual realidade europeia.

bem que trocavam de tênis até no momento de entrar na pista! (Simson & Jennings 1992: 47).

O poder que estes sujeitos estavam defendendo efetiva-se como negociação sobre o valor sentimental que era projetado por eles como protagonistas de um objeto de consumo. Concretamente, hoje, este vínculo comercial entre jogadores, empresas e clubes vem sendo regulado e instituído por meio de contratos de exclusividade, os quais incluem as possibilidades de demandas milionárias nos casos de quebra dos termos e obrigações por qualquer das partes. As grandes estrelas do futebol mundial vertem, cima para baixo, estas modalidades de empoderamento econômico-simbólico em que os jogadores produzem sua *performance*, além das partidas de futebol, incluindo suas identificações culturais, de personalidade, de nacionalidade, etc. As novas estrelas exprimem assim ser signo inequívoco dos efeitos legais e de direito dos novos “agentes” possuidores de novos capitais no mercado global (Marchak 1991:19) e reativam o debate sobre as novas elites baseadas no ‘vedetismo’ e de uma nova caracterização da elite esportiva ligada ao “monopólio da notoriedade”<sup>187</sup> (Cohen-Hunter 2004: 93-94). Como explicita Sergio Miceli (1979), existe um “espírito de época” que aprimora um imaginário simbólico dos costumes, das práticas e das condutas, cercando um espaço social dado, e que “criam” estereótipos sociais que deixam “fluir” bens sociais e culturais renovadores em distintos contextos das estruturas de prestígio pré-existentes (escritores modernistas, homens sem profissão, profissionais “livres”, etc). Adriana Piscitelli observa como, nas famílias da elite paulista, os filhos sucessores no comando do grupo escolhem esportes - briga de galos, *turf*, etc – onde são embutidas categorias que conectam uma masculinidade “à brasileira” com as qualidades empresariais - desafio, luta, risco, triunfo (Piscitelli 2006: 135).

Existem, portanto, neste primeiro esboço do problema, vários elementos agregados que ajudarão a explicar os motivos de caráter pragmático que intervêm na confluência das trajetórias, práticas e representações dos dirigentes no futebol platense com as problemáticas próprias das elites. O objetivo de compreender diversos acontecimentos envolvendo dirigentes dos clubes,

---

<sup>187</sup> A problematização pioneira de Gilberto Velho (1987, 1998, 2002), de grupos urbanos “não convencionais” para a antropologia, trouxe uma conceituação empírica de “aristocratas de estratos médios que, sustentados no espaço cotidiano, permitem também uma efetiva aproximação a sujeitos que, servindo-se de narrativas sobre o pertencimento no espaço urbano, projetam-se como uma elite de indivíduos em plano de virtualidade que não é menos significativo do que o “efetivo”. A ênfase na relação entre subjetividade, consumo, individualismo, sociedade e projeto afirmam a formação destas camadas sociais como grupos de status em relação liminar com a política e o poder *gounded* em certas regiões morais.

utilizando o suporte de categorias como estas, teve, até aqui, a intenção de mostrar a resignificação constante, ao longo do tempo, das identidades *de fora* e *de dentro* –e suas constantes inversões etnogênicas - articulando-se em atitudes associadas com as formas do poder: condutas e “marcas de caráter” que serão também emblemáticas na ordem imaginada de um *ethos* que pertenceria a cada clube, tanto da ordem futebolística como institucional. Isto pertence a uma ordem conservadora necessária à construção de uma lógica de transmissão de coordenadas estáveis e idelógicas do poder? Sim, porque aqui, como no palácio balinês, os seres tendem a pré-existir como abstração a si mesmos, contadizando a visão individualista do mercado. Esta é semelhante à primeira condição do poder clubístico dos dirigentes.

Filosóficamente, como dizia Heidegger, esta questão remete a saber se:

”puede ser instaurado lo permanente?” No es lo ya lo siempre existente? No! Precisamente, lo que permanece debe ser detenido contra la corriente, lo sencillo debe arrancarse de lo complicado...” (Heidegger, 2001: 137).

Trata-se então da concordância entre a ideologia dominante e a distribuição dos atores nos dramas sociais a que fazem referência. É neste lugar, precisamente, que Paul Ricoeur (1986) -dentro de um quadro mais geral da imaginação como problema filosófico- encontrava uma equivalência entre a utopia e a função deformadora da ideologia. A emergência dos espaços utópicos poderia ser possível no lugar dos universos de sujeição dos indivíduos entre si e das simbologias hierárquicas. Porque a ideologia é uma ferramenta para superar a distância entre a pretensão de legitimidade, por parte de um governo, uma classe, um grupo, etc. e um movimento que se realiza na crença efetiva nessa legitimidade, por parte dos cidadãos, súditos, etc. Encontra-se, portanto, dentro do sistema de compensações que propõe o contrato social moderno. Tenta ser uma resposta à eterna pergunta: o que se recebe ao ceder à autoridade adquirida? O ponto decisivo da reflexão está na “mesma área” de reflexão: o manejo do poder. Se realmente as ideologias tendem a legitimar sistemas de autoridade, as utopias -os exemplos abundam na literatura e no cinema- têm “o poder” como um tema em si mesmo; não unicamente o poder político ou militar, mas sim aquele que vive em cada uma das instituições humanas. Assim, a utopia também coloca seus cimentos na brecha entre a pretensão de legitimidade e a crença na mesma, como o que acontece com a ideologia.

Continuo então com a tentativa de Marcus (2000a) de refletir sobre a base deste conceito “constutivo” do permanente em que o poder funda suas bases tentando não perder de vista o horizonte das coordenadas de mobilidade, velocidade e superficialidade desse rio em que estruturam as

represas do prestígio e reconhecimento nas sociedades burguesas. A forma como determinados acontecimentos, eventos e processos passados são processados e narrados no presente, operam na construção de uma subjetividade de ideais e práticas dinásticas entre grupos com pretensões de estabilizar seu poder e se relaciona diretamente com as condições de exceção que caracterizam os movimentos de ascensão na escala social e na configuração de identidades culturais que se constituem a partir de diversas relações de poder em sociedades jovens como as nossas.<sup>188</sup> Podemos então pensar melhor se passarmos, de ver uma elite dirigente para vermos “dirigentes de elite”, que atuam frente a determinados acontecimentos, interpretando e propondo sentidos de justiça, formas morais. Neste sentido é que, para Boltanski, os atores são...

...ainsi dotés d'une compétence métaphysique, en ce sens qu'ils ont tous potentiellement accès au plan des catégories. L'« affaire » constitue bien ainsi la forme politique par excellence, dans la mesure où elle représente un moment central pour la construction des catégories, à travers la constitution des causes, et parce qu'elle est l'occasion d'une mise en oeuvre des formes de généralité déjà établies (2000: 181).

Esta linha de reflexão, com ênfase no projeto, tem sua continuidade com Ortner, quando coloca em foco as narrativas de poder e da desigualdade centrando-as nos processos de agenciamento, articulando, assim, dominação - tanto no sentido weberiano como gramsciano<sup>189</sup> - com práticas sociais concretas de distintos agentes a fim de criar condições de ocupar espaços de poder e pensá-los como “lugares de superioridade a serem alcançados”. Nas suas palavras textuais, trata-se da “construção cultural da agência ao mesmo tempo como uma espécie de empoderamento e como base que permite que se persigam ‘projetos’ dentro de um mundo de dominação e desigualdades.” (Ortner 2007: 37). A emergência passada e presente de agentes dirigentes que atuam nos clubes de futebol -e transformam práticas no nível das cúpulas de poder- têm lugar em um tempo e um espaço determinado, em um contexto no qual devem, efetivamente, afirmar-se como *praxis* para deixar passar fluxos

---

<sup>188</sup> Imaginemos o que significaria, para o estudo das imagens objeto de reverência religiosa, não diferenciar o sentido cultural das práticas de devoção em épocas em que as virgens católicas “apareciam” entre as pessoas regularmente, até o século XIX, e hoje, no presente, quando estas mesmas virgens são imagens e os santuários tratados como produtos culturais pela própria Igreja.

<sup>189</sup> Para Weber, o poder, tanto no que diz respeito ao indivíduo que o detém como para aquele que o padece, significa “toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade” (Weber, 1969: 33). Para Gramsci, o poder está “vivo”, como “plantado” na sociedade civil como sistema de símbolos filosóficos de grupos dominantes heterogêneos.

simbólicos e culturais que os contêm, fazendo dessa posição de superioridade algo razoável e produtivo para as “sociedades” que representam ou buscam representar. As condições de liderança dentro de uma instituição qualquer, seja ela uma empresa familiar, um clube, uma Igreja ou um Estado nacional, devem sua existência real a um conjunto de limites materiais simbolicamente codificados por estas práticas, ao mesmo tempo em que subsistem a partir de uma necessidade de ordem imaginária por parte daqueles que ocupam os lugares assinalados aos dirigidos. As próprias demandas de mudança reprodutiva no interior de uma elite, para se manter em posição de dominação, podem encontrar, nos dirigidos, resistência e pré-anunciar sua própria ruína. Os “tipos ideais de gerir o poder”, em que atua a oposição complementar aqui trabalhada, insinua a reflexão do que Gramsci (1980a, 1980b) considerava como a “pertinência” que adquire, em determinados momentos históricos, a cultura dominante e as transformações que ela propõe sobre as ações e representações significadas pelos grupos e pelas classes subalternas.

São as recorrentes situações de crise futebolística em que se veem envolvidos os dirigentes, as que permitem uma margem de manobra para a adaptação do produto cultural futebolístico ou institucional à demanda de organização. Aqui, tal como sucede em uma empresa - quando uma determinada mercadoria ou um produto perde sua capacidade de controlar seu fluxo no mercado e no gosto do consumidor - se abrem instâncias para adaptar seus objetivos institucionais, o que, nos clubes, também inclui a do “estilo”. Como acontece com a função da “marca”- que contém a identidade de uma empresa (pensemos em empresas como *Ford*, *Crysler* ou *Mercedes*)-, dependerá da extensão e profundidade desta crise o fato concreto de aparecer uma busca declarada por um novo estilo ou pela recuperação daquele que está inscrito no passado. Mas as mudanças são lentas, já que não dependem unicamente de uma simples decisão dirigençial, mas em grande parte, de uma quantidade de agentes sociais que estão conectados material, simbólica e afetivamente com a trajetória futebolística e da instituição, como ex-jogadores, treinadores ou assessores de base, ex-dirigentes transformados em empregados administrativos e, inclusive, entidades associadas no interior do país e no exterior.

Efetivamente, os padrões de conduta dirigençial servem para realizar uma descrição que permite a melhor compreensão da “potência ideológica das instituições esportivas”, como afirma acertadamente Patrick Vassort, em referência a um dos objetivos a serem recuperados para a sociologia do esporte (2007: 54). Mas isso significaria também que os acontecimentos e contingências que capturam estas condutas são a demonstração da presença de uma coesão que definiria a condição de “elitidade” sustentada em um grupo de sujeitos e materialmente homogênea na dirigençia do futebol? Em primeiro lugar, vale lembrar que

a antropóloga portuguesa Antonia Lima, retomando o pensamento pioneiro de Tom Bottomore sobre a definição de elites, nos lembra que, se fosse essa - a coesão - uma condição e uma marca de distinção analítica de um grupo de poder em situação de superioridade, “qualquer grupo de pessoas o seria” (Lima 2004:72). Neste contexto, a condição dirigencial não pode ser dissociada de uma subjetividade coletiva dos subalternos que a deposita, enigmática e contraditoriamente, na posição de liderança de um sujeito ou um grupo. Entre outras coisas, porque são investidos como dirigentes, porque é muito pouco o que sabemos deles e assim por diante.

Vistos sob a ótica das teorias menos rígidas das elites, os dirigentes se instalam, através de *assembléias* e cerimônias nas *filiais, agrupações e clubes de bairro*, em um hiato político no interior dos ‘sonhos’<sup>190</sup> de uma sociedade civil, formulando perguntas implícitas na segurança das *profissões* sobre a normalidade, a mudança e a morte orientadas à instituição imaginada no clube; em síntese, sobre as “*hianças*” das quais deriva a *cultura*. Acho que a existência de pontos de referência com possibilidades de serem incorporados no presente e no futuro, por outros integrantes do grupo dirigencial, responde à necessidade de produzir a interpretação da própria trajetória como pertencendo a esta herança comum imaginada. Assim, serve melhor a projeção de excelência dos ‘dirigentes de elite’, para interpretar suas propriedades diferenciáveis presentes nessa “sociedade dividida” encarnada nos clubes e, portanto, para compreender a praxis dos laços temporais que operam na construção de significados entre os sujeitos que disputam o poder nos clubes-instituição. Como afirmava Gabriel Tarde, eles permitem ver melhor aquilo a que os fatos sociais “tendem” a ser.

## 4.2. Périplos: as profissões em campo

Se “a profissão não é mais do que a etiqueta simbólica do status desejado”, como escreveu Everett Hughes - outro importante aporte à compreensão dos vínculos entre identidades profissionais e formações institucionais em conexão experiencial-, deve-se em parte ao fato que a formação profissional se torna um aprendizado da realidade, uma vez que segue diversas etapas em uma carreira. Ela passa, de ser pensada como estereótipos, para a objetivação de um trabalho profissional nas possíveis carreiras a seguir e na construção paralela de uma imagem de si como

---

<sup>190</sup> Freud (1980) mostra como certos mitos atuam como via de acesso privilegiada para que os indivíduos de um mesmo grupo, através da identificação, entrem como integrantes em um sistema simbólico. Por exemplo, na identificação com o herói de uma narrativa mítica, cada indivíduo pode vir a sentir-se como o responsável pela instauração da ordem a que pertence.

identidade profissional e como pessoa (Hughes 1998: 136-139)

Entre os torcedores dos clubes da cidade, é comum afirmar uma associação entre clube e pertença profissional em que os dirigentes do Gimnasia são empresários, e os do Estudiantes, profissionais liberais. É, porém, uma “meia verdade”. Observamos que, na prática, não se observa uma condição necessária para esta afirmação: os trajetos profissionais não correm paralelos aos trajetos dirigenciais. Ao contrário, a maioria dos interlocutores da pesquisa afirma estarem ambos os universos em tensão e conflito, durante suas experiências dirigenciais. De fato, basta observar que os períodos de maior “glória” futebolística, em ambos os clubes, revelam a possibilidade de um argumento inverso: o Gimnasia chega ao auge sob a condução do advogado Laureano Duran, na década de 1960, e o Estudiantes, sob a direção do empresário da construção Mario Mangano, durante o mesmo período. Entretanto, a “veracidade” da afirmação corriqueira se deve ao fato de ser “verossímil”. Porque são os valores veiculados pelas profissões aqueles que determinam a eficácia simbólica para os integrantes de um grupo cujo status se vê como parte de uma história social experiencial, determinando uma compreensão virtual das pessoas que a conduzem ou devem conduzir o clube. O verossímil é capaz de produzir um acomodamento entre imagem do clube e identidade profissional, atualizando uma transação entre a personalidade e a narração biográfica do clube, que o situa como alguém habilitado. Atua, assim, segundo um determinado gênero que não opera unicamente nos períodos de estabilidade, mas também sobre as instâncias e os acontecimentos críticos que servem de avaliação das condutas e atitudes dos dirigentes e de outros atores deste drama.

As profissões são pontos de referência eficazes para compreender o desenvolvimento de acontecimentos cruciais, assim como a forma em que as personalidades e condutas são representadas definem o ideal de administração e normalização dos componentes emblemáticos. Em instituições seculares como os clubes, os papéis reservados à dirigência tendem a uma menor supressão da individualidade que outras, sendo a criatividade e a invenção mais apreciadas que “o destino reservado ao papel social” (Hughes 1964: 136). Simplificando o assunto, podemos dizer que há sempre um saber especializado, mais “extraordinário”, que as diversas profissões oferecem às sociedades para dirimir prioridades nas distintas esferas de ação. Em troca, esta última – a supramentidade “sociedade”, funcionalmente organizada – concede às primeiras certas licenças para poder determinar quem poderá entrar ou não neste campo profissional. Elas são, por assim dizer, um *capital inicial* impreciso e ao mesmo tempo, uma *potência* com que conta um dirigente.

O campo de forças cultural em que o dirigente atua define um tipo de status dirigencial que entra em conexão com as identificações clubísticas de forma singular. Portanto, a posição de autoridade – real ou pretendida – define



relações possíveis entre fluxos de prestígio público que ali atuam e as profissões de pertencimento com que se apresentam. Este mecanismo consiste, fundamentalmente, em que os perfis sociais, simbolicamente construídos pelos grupos profissionais, funcionam de modo positivo na integração à prática entre sujeitos que estão sendo contextualizados a partir de um “contrato” implícito entre ele e a sociedade, idealizada nos clubes, como expressão primária de uma totalidade “do social” (Hughes 1964: 140). O cargo de dirigente no futebol reúne assim certas “expectativas de status social, historicamente construídas” que os atores colocam em movimento através da identidade profissional (*idem*: 144). Em suma, para que exista uma “extensão racional” desse campo do trabalho para uma esfera cultural como a clubística - posicionada como parte de uma luta pela totalidade hegemônica entre rivais-, será necessário criar, expressamente, uma versão coerente de si mesmo que acompanhe a imagem do cargo a ser representado no clube-instituição. O aporte de Goffman (1992) serve para aprofundá-lo em termos da noção de uma “carreira”<sup>191</sup>:

...la sociedad está organizada sobre el principio de que todo individuo que posee ciertas características sociales tiene derecho moral a esperar que otros lo valoren y lo traten de un modo apropiado. En conexión con este principio hay un segundo, a saber: que un individuo que implícita o explícitamente pretende tener ciertas características sociales deberá ser en realidad lo que alega ser. En consecuencia, cuando un individuo proyecta una definición de la situación, y con eso hace una demanda implícita o explícita de ser una persona de determinado tipo, automáticamente presenta una exigencia moral a los otros, obligándolos a valorizarlo y tratarlo de manera que tiene derecho a esperar personas de su tipo (Goffman 2004: 25).

Entretanto, a constatação empírica dos três grandes grupos de identidades profissionais mencionados na Primeira Parte desta Tese, que interatuam e se combinam nos principais cargos das Comissões Diretivas, não deve fazer com que se pense, simplesmente, que determinados perfis dirigençiais deixam de ser mais importantes do que outros, como em um processo “evolutivo”. Tendo em vista o *modelo assembleístico* antes mencionado, como regente das condutas formais dos agentes politicamente

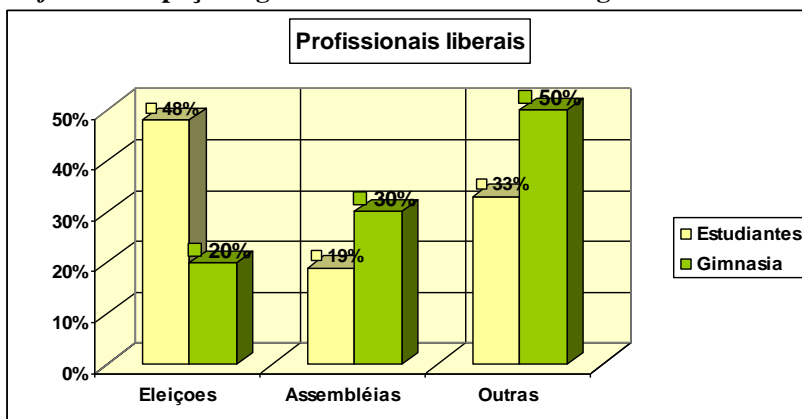
---

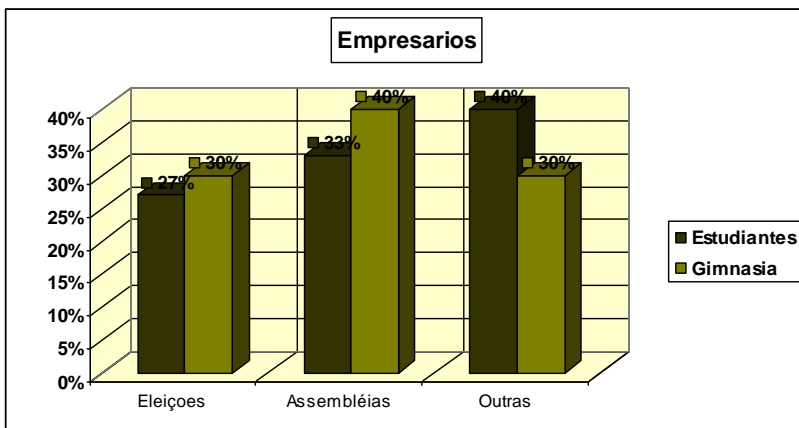
<sup>191</sup> Estas diferenças podem ser observadas com maior transparência se aplicarmos a noção de *carreira*. Esta noção estruturante da vida social em contextos institucionais é desenvolvida por Erving Goffman sobre o mecanismo abstrato da “estigmatização”. Apesar de ser desenvolvido por ele com respeito às diversas etapas pelas quais passa um paciente psiquiátrico no processo de construção social da sua identidade como doente, é válida na medida que ela tem a virtude de oferecer uma leitura da maneira como os aparelhos institucionais configuram, sobre os sujeitos concretos, atributos diferenciados em relação ao que se espera de suas ações.

constituídos no clube-instituição, entende-se que, se há uma heterogeneidade profissional, esta responde, fundamentalmente, à definição de uma estrutura imaginária que busca um equilíbrio entre as identificações pessoais diversas - características nos clubes esportivos desta escala- e uma visão formalmente “aberta” que se tem dos clubes (Heinemann 1997: 14). Ao mesmo tempo, a citada heterogeneidade explicita um mecanismo de *individuação* dos sujeitos (DaMatta 2000) através da acentuação de perfis sociais que os associam, por um lado, com o universo da produção e do trabalho, e por outro, com etiquetas e com a moral, permitindo o vínculo entre valores localizáveis em trajetórias e identidades universalmente valorizadas, especialmente aquelas reconhecidas nas sociedades burguesas contemporâneas. A razão prática dos grandes grupos profissionais - liberais e empresários - “guia” grande parte da discussão dirigencial nas disputas de poder nos clubes platenses. Efetivamente, nestas disputas, a opinião pública tende a associar determinadas características profissionais com determinados estilos de gestão e de decisão. Como já explicitado, cada clube responde a um imaginário em que o futebol, tanto do ponto de vista dos *estilos* inscritos nos times, quanto do ponto de vista das identidades idealizadas “dos simpatizantes”, induz a presença de certas coordenadas de conduta no entendimento dos tipos de poder dirigencial. Então, me ocuparei aqui em interpretar como operam as categorias de profissionais liberais e empresariais no universo da dirigência em La Plata, deixando de lado uma terceira, com influência nula durante os últimos 30 anos, os “diretivos do Estado” (políticos e executivos).

Observemos a forma como se distribuem as duas principais ocupações, registradas durante a pesquisa, no contexto das principais formas de acesso ao cargo de presidente em ambos os clubes ao longo da sua historia.

**Gráfico 3. Ocupação segundo formas de acesso ao cargo**





Fuente: *vid. Anexo Tabela 3 y 4.*

Trata-se de respostas diferenciadas no Estudantes e no Gimnasia frente a problemas, em princípio, semelhantes. Efetivamente, o gráfico reafirma a existência de uma tendência na qual determinadas ocupações profissionais estariam mais bem colocadas do que outras, segundo as circunstâncias de sucessão diferenciadas - *assembléias*, eleições e outras formas de acesso, como as que se produzem com as renúncias. Os dados comparados diferenciam cada clube segundo suas preferências identitárias nas profissões no campo dirigencial. Esta diferença se observa, particularmente, no caso das presidências assumidas por eleições. No Estudantes, 48% dos profissionais liberais assumiram por eleições, em contraste com 20% no Gimnasia. No Estudantes, os profissionais liberais lideram claramente quando a escolha de presidentes se dá em condições em que se permite a todos os sócios habilitados participarem das eleições. Neste sentido, apesar de haver, no Gimnasia, uma distribuição equilibrada entre as duas ocupações e os tipos de acesso ao cargo, os profissionais liberais se distribuem majoritariamente nas instâncias de maior fragilidade institucional aparente, nas sucessões como *assembléias* e outras formas derivadas de renúncias, destituições e intervenções, com 80%, enquanto os empresários não evidenciam uma maior presença nas eleições (30% do Gimnasia contra o 27% do Estudantes). Deixamos de lado os Diretivos de Estado, que não têm hoje presença alguma como categoria ocupacional na presidência dos clubes, como efetivamente acontecia até a década de 1960.<sup>192</sup>

<sup>192</sup> A evidente diminuição desta categoria em cargos diretivos e, em especial, seu quase desaparecimento em cargos de presidência, se vinculam diretamente à paulatina separação entre os objetivos dos clubes e à satisfação de demandas que podiam ser veiculadas por homens vinculados ao Estado, quando do início dos clubes. Caberia investigar, porém, os

Há, efetivamente, um “sistema expressivo” no clubismo – tomando emprestado o termo de Bourdieu (1979, 2004) – no qual o dirigente deverá operar para cumprir com as prescrições de preeminência e excelência, acertadamente identificadas como condições de superioridade de uma elite na jovem sociologia política de Pareto, Mosca e Cia. Estas são condições de “superioridade hierárquica efetiva” e de “competência e mérito” que devem ser cumpridas, em parte, mediante a adequada combinação entre o status desejado na profissão e o status do papel dirigencial mais elevado; portanto, devem ser explicadas também por circunstâncias relacionadas com expectativas que envolvem, em distintas situações, virtudes individuais, urgências e linhas de ação de uma organização bicéfala tensionada entre o *emblema* e a *instituição*. Até que ponto o clube deve priorizar uma única competição? O que é mais importante para a gestão do clube: acumular títulos ou maximizar os lucros? Qual é a relação existente entre o desempenho esportivo e o desempenho econômico-financeiro do clube? O clube deve ser projetado como produtor de jogadores, comprador, híbrido, etc? Que papel de ação e decisão deve cumprir cada dirigente dentro da organização do espetáculo?

Em referência aos dispositivos de distinção durante a *performance* dos consumidores-torcedores nos estádios, o evento futebolístico explicita uma figuração política em que o futebol se apresenta com a transparência estrutural de um instante disjuntivo. A lista de formas de diferenciação social, cultural e política é ampla: localização visível dos diferentes tipos de observadores, possibilidades objetivas de criar rotinas de interação em determinados espaços

---

sentidos da presença de diretivos do estado que ocupam lugares nas CD dos clubes platenses – ainda mais presente do que na maioria do futebol argentino, por causa das características de cidade capital do Estado de La Plata- pois pertencem a espaços de poder usualmente impedidos, de fato, de participação política ativa em outros âmbitos, como os partidos políticos. Nestes casos, a valorização interna do sujeito em atividade dirigencial está diretamente vinculada a essa ausência de pertencimento ao sistema político instituído, fato que não está garantido com os empresários e profissionais liberais. As formas particulares de recrutamento de dirigentes no futebol na Argentina se dão a partir de certas coordenadas históricas. As dinâmicas de ascensão social de certas categorias profissionais jogam um papel na construção de diversos “estereótipos” sociais emergentes. O surgimento de certas categorias socialmente reconhecidas, como a empresarial, durante os últimos 20 anos, tanto no Gimnasia como no Estudiantes, respondem às demandas de modernização dos clubes. Nas sociedades capitalistas, o trabalho, como demonstrado por Weber (1969), não é, para o burguês, um castigo divino, pelo contrário, é o eixo de uma ilusão provisória na terra; é o “impulso-objeto” que instala o indivíduo como “concorrente no mercado” e o liga, por meio deste, com o mundo do sagrado (e da própria natureza). Referindo-se à obra de Richard Baxter, um dos principais teólogos do Calvinismo, o autor alemão afirmava a preexistência do pensamento burguês em relação ao desenvolvimento objetivo do capitalismo: “Ainda não se lê, como em Franklin, ‘o tempo é dinheiro’, mas o princípio tem já vigência na ordem espiritual; o tempo é infinitamente valioso, posto que toda hora perdida é uma hora roubada ao trabalho em serviço da glória de Deus” (Weber 1969: 214).

reservados no estádio, e inclusive, entre outras, a vestimenta e as posturas. Ainda que, como observaremos no final desta tese quanto é importante este espaço de apresentação para os dirigentes - da mesma forma que a política da celebridade implica atualmente novas interações para os jogadores e os treinadores (Wagg 2006) e torcedores e “a cultura de adeptos” (Brown 2006), historicamente -, o sujeito que pretende dirigir um clube platense, como os aqui tratados, não realiza sua *performance* unicamente nessa arena, nesse único campo de ‘sociabilidade das aparências’.

Neste sentido, observamos que as decisões mais transcendentais de um dirigente quanto às suas apresentações públicas, giram, por exemplo, em torno aos diversos atos nos quais ele pode colocar em cena um dos problemas centrais que organizam as fidelidades: privilegiar modelos de produção de jogadores nativos ou de assumir, por um período determinado, a compra de jogadores, projetando no presente do clube efeitos tanto financeiros como futebolísticos. Esta problemática não cria referências unicamente aos torcedores e sócios em termos da espetacularidade e o “consumo” dos emblemas cada semana: a função retórica da manipulação desta temática, a identidade formativa, está fortemente presente na vida cotidiana da gestão dos clubes (por exemplo, condicionados como “regiões morais” produtoras ou consumidoras, exportadoras ou importadoras). Em concordância, a ocorrência sistemática de maus e bons campeonatos, de altas e baixas no volume de recursos futebolísticos, ameaçam para que se dê a mudança dos *estilos* de jogo, segundo a avaliação coletiva do início ou da finalização “de uma etapa” e da “necessidade de renovação do plantel de jogadores”, etc.<sup>193</sup>

Mas a viabilidade de manter estas tensões em equilíbrio dependerá, em grande parte, da intervenção pública, na condição de dirigentes e governantes, de uma instância própria da sociedade civil cuja atividade, nesse âmbito, é projetada por determinadas qualidades profissionais, como por exemplo, a que idealiza a docotomia entre empresários e profissionais liberais. Existe um dispositivo de inversão que propõe as identificações do campo da ocupação e o trabalho, porquanto as estratégias de administração, o controle “na” e “da” *sede social* e a manipulação dos aspectos públicos em apresentações de jogadores, homenagens, etc., desenvolvem-se por meio de “saberes práticos” que se apresentam dentro de um processo de “invenção de valores morais”. Vinculada então com uma espécie de “filosofia política do concreto”, fundamenta-se nas profissões uma dialética entre o *self* e o *outro* (Rabinaw 2002: 90) em termos de qualidades de pessoa com um conhecimento

---

<sup>193</sup> Dito de passagem, todos estes objetos de manobra que fazem especial ressonância com aqueles da dinâmica de retração-expansão dos ciclos das sociedades capitalistas contemporâneas.

identificável, onde os “tipos de raciocínio que criam a possibilidade de verdade e falsidade...”, tem ,na “indução e dedução [*preservar*] essa possibilidade” (Hacking *apud* Rabinaw 2007: 75).

Trata-se de um status cultural do conhecimento, especificamente embutido na produção de identidades coletivas como as profissões que dão forma concreta ao reconhecimento destes valores na interação. Observemos como este dispositivo de identificação é percebido operando em instâncias decisivas, como no acesso de uma CD ao governo do clube. Neste caso, **Dr. Narde**, médico, ex-vice-presidente do Estudantes, na década de 1980 e, posteriormente, coordenador da importante Subcomissão de Futebol Profissional, lembra:

En el 2000 hubo otra vez un momento otra vez drástico en la institución. Se pensó en aquél momento en presentar una lista, donde también estaba C.R., estaba... A todos nos ofrecieron la presidencia, pero no queríamos, por la edad, por el bolsillo... Fue así que se empezó a buscar. Enrique trajo a Alegre, que también es medico y yo lo conocía de la asociación medida platense. Alegre, que era amigo de Enrique, trajo a Cichetti, que era un empresario que no entendía nada de cómo funciona un club, pero quien finalmente fue presidente. Se armó un grupo, pero la verdad es que nadie los conocía a ellos, pero nuestros nombres, el escribano C. R. el mío el de Enrique, también escribano, hizo que ganásemos las elecciones y que esa conducción tenga cierto aire para avanzar sobre ciertas cosas que había que cambiar. Pero se gana porque había un arrastre de nuestro grupo basado en nuestra trayectoria en el club, pero también como profesionales, en la ciudad... El asociado ve mucho qué tipo de personas están en la lista, y no solo la cabeza de ella, sino el grupo. En ese momento teníamos que mostrar diálogo... porque eso Estudantes [...]. (**Dr. Narde**)

Existe um relato de vida quando há uma produção discursiva que assume a forma narrativa que nos conecta com coletivos sociais. Não são suficientes as descrições, avaliações e explicações de um episódio ou percurso; é preciso que existam personagens, interação entre eles, motivações para a ação, contextos de interação, etc. A “forma minimalista” de ver o relato de vida permite não cair numa “visão completa” do mesmo, e permite, também, situar as testemunhas dentro de um *espaço social* etno-sociológico (Bertaux 2005: 36-37). Como no banquete platônico, o **Dr. Narde** descreve sua experiência como um jogo de máscaras que passam de um a outro participante, assim, “... veio Alegre, que por sua vez trouxe Cichetti que, como ele, era empresário... Mas ganhamos as eleições, porque os sócios nos viam como profissionais...” parece-nos dizer.

Podemos perceber a importância da atualização simbólica de um capital social, subjetivamente construído por um status confluyente entre as *personas* dirigenciais e as profissões para além dos indivíduos concretos, e o vínculo final deste com a história social do clube. E isso, exatamente porque o lugar que ocupa, em um imaginário coletivo, a profissão a qual pertencem, possibilita a atualização deste capital simbólico depositado na atividade profissional; esta implica, quase sempre, na existência “anterior” de um capital social, ou seja, de redes e laços de pertencimento a um grupo – aparentemente homogêneo – que possam, por sua vez, ser incorporados a cada uma das pessoas colocadas no jogo dirigencial. É então que, para os dirigentes do Estudiantes, o ascenso destes empresários à presidência do clube teve a ver com a incorporação de uma identificação dos valores contidos nas profissões liberais, uma vez que seriam essas que permitiram a chegada de empresários a uma posição de dirigentes. Em uma primeira instância, a oposição entre estas identidades tende a enfrentar os “estilos de decisão”<sup>194</sup> personalizados no dirigente de bem público com a idéia mais genérica de eficiência empresarial.

*A construção simbólica da relação entre profissões e dirigentes é explicitada por ocasião da posse de novos presidentes da CD. Após o longo – e futebolisticamente exitoso- governo do empresário Mariano Mangano (1960-1970) que deixou o clube em uma grave crise econômica, o contador Mario Martinez foi apresentado como aquele que poderia conduzir o clube com eficiência nos manejos dos recursos escassos, e conseguir a consolidação do patrimônio e “honrar” as dívidas. Para isto seria necessário mostrar “austeridade nos gastos e abertura ao diálogo com os sócios”. (Foto e texto: Diário El Día, La Plata, 31 de dezembro de 1970).*

## “AUSTRERIDAD Y DIALOGO AMPLIO”

De acuerdo a lo informado, se realizó en la sede social estudiantil la asamblea anual ordinaria en la que el temario incluía entre otros puntos la lectura y aprobación de la memoria y balance del último ejercicio financiero y la conservación de las nuevas autoridades que resalta los aspectos de la entidad en el período 1971-1972. La reunión a la que asistieron alrededor de 400 asociados comenzó a las 11:40 en que el presidente en ejercicio señor Julio Ojeda declaró abierta la asamblea, procediéndose por secretaría a dar lectura al orden del día. Antes de comenzar a tratar el temario oficial pidió la palabra el asociado D. Oscar Blake quien señaló que la oportunidad de reunirse tantos interesados en los destinos de la institución era muy propicia para recordar la ahera figura del que fuera hasta hace muy poco tiempo presidente de la entidad, señor Mariano Mangano. “El nos señaló un deber irrenunciable, dijo el señor Blake, y a vos sería de- bemos confiere todos los que deseamos lo mejor para el club, esta enorme y valiosa herencia que nos dejó nuestro presidente”. Una vez que el orador finalizó su alocución, se procedió a tratar el punto 1º de la convocatoria, relacionando con las razones de la postergación de la asamblea, finalizada en trinitario para el 8



El contador Mario C. Martínez, nuevo presidente de Estudiantes, en la posesión de su cargo.

A principio, uma idéia de “gestão” empresarial como a que caracterizou Mangano - que geralmente está encarnada em La Plata por donos de empresas médias ou grandes comércio locais e, excepcionalmente, por

<sup>194</sup> Como tem mostrado Friedson (1970) em relação ao *ato médico*, o vínculo entre poder e profissões é estruturante da modernidade. Este vínculo constitui uma das dimensões sociológicas de um fenômeno que remonta à consolidação do processo de profissionalização da própria medicina no séc. XIX e que refere, diretamente, à constituição do monopólio da legitimidade no plano do diagnóstico e decisão terapêutica consubstanciado nesta noção.

indivíduos em altas funções executivas -, permite a sujeitos normalmente alheios à vida pública, um acesso a posições de status que promovem a marca de um poder político “potencial’ baseado na ação, o qual será reinvestido em supostas atividades “eficazes” e “produtivas” nos níveis econômico, organizativo e hierárquico.<sup>195</sup> Observamos, porém, como - associado com a imagem que o clube cria de si -, Mangano se apresenta como um dirigente de “diálogo”. Sem que exista um ancoramento objetivo na trajetória deste personagem marcante na história do Estudantes, se apresenta como um dirigente definido dentro da tradição associativista, geralmente - não exclusivamente - representado pela ocupação em profissionais liberais com inserções identificáveis em atividades de bem público; esta transmutação se traduz em um fortalecimento expressivo, garantindo a retórica dos valores de austeridade e honestidade, colocados como poder de mando na “*necessidade de tomar decisões com consenso da CD e acordo entre as diferentes opiniões racionais, como se apregoa no Estudantes, inclusive o trabalhar falando mais para explicar quando estas não são assim.*” (Cdr. Richetti).

Aqui, a acumulação econômica tende a diluir-se na acumulação simbólica. A enorme publicidade que tem, para o dirigente, no patamar local, a manipulação dos distintos instrumentos de decisão em jogo, para conduzir o destino das *performances* futebolísticas, (contratação e venda de jogadores, normas disciplinares, segurança no espetáculo, etc), cria coordenadas para o desenvolvimento simbólico da cultura pequeno-burguesa local. Vemos novamente como, para um dirigente, clubes como Gimnasia e Estudantes, oferecem nas profissões burguesas um espaço sagrado onde a política toma forma sem explicitar-se. Elas são debatidas e servem de espelho cotidiano sobre o que significa “decidir”. Inclusive, no caso empresarial, veiculam um debate sobre a relação entre a propriedade e como ela pode ou não ser a origem das hierarquias, tendo a eficácia e a mudança como assuntos que vinculam o poder com um mundo produtivo, com a otimização de recursos e com a economia do discurso; por outro, há a tendência à ordem, buscando-a no mérito, no diálogo e no consenso, cujo eixo formal é um princípio de diferenciação social e, ao mesmo tempo, de horizontalidade e deliberação.

Ao mesmo tempo, as dimensões do *self* profissional estão relacionadas com as condutas e têm como função afirmar a produtividade e a eficácia do cargo dirigençial com a pessoa abstrata *dirigente*. Mas também e fundamentalmente, constituem um mecanismo que confirma o

---

<sup>195</sup> Como afirma Sahlins: “o sistema autoriza as pessoas a aplicar seus meios da forma mais vantajosa possível e certifica para que o resultado seja uma autêntica sociedade. Assim a natureza do homem parece consistir em ‘um desejo permanente e infatigável de mais e mais poder (...) e a sociedade séria só seu efeito coletivo, milagrosamente ordenado a partir da contenda privada ‘como uma Mão Invisível’ ” (Sahlins 1997:56).



“apagamento” de possíveis conteúdos “políticos” na ação dirigencial. Considera-se, então, que o saber profissional não é um saber ideológico nem político, senão uma habilidade ou condição despojada de uma relação intencional com um ou vários tipos de poder em particular. Apresenta-se, assim, como um saber “da pessoa”, saber esse afirmado pelo pertencimento a uma outra identidade profissional.

Lembremos que Weber já explicitava o papel da “predestinação” luterana, quando pensava as profissões como um conceito moderno de mudança, originado em uma missão atribuída por Deus aos homens. Incorporava, porém, a idéia que, desde o momento em que os calvinistas pensaram o trabalho do homem como poder de mudar a vontade de Deus através da concepção de “verificação prática” daqueles que estão escolhidos realmente por Deus, o sucesso na atividade econômica – e profissional- demonstrava que, a fim de servir a Deus deve-se trabalhar o mais possível por Ele, e não somente, trabalhar “porque a Providência lhe tem enviado” uma habilidade (Weber 1993:109). Assim, o cumprimento das tarefas profissionais “impostas pela lei natural” tem “um caráter objetivo e impessoal, como um serviço para a racionalização do cosmos.” (Weber 1993:132).

Para a interpretação mais detalhada do campo de forças dirigencial, tomemos como exemplo as identidades profissionais dominantes na diretoria dos clubes Gimnasia e Estudiantes, durante os últimos cinqüenta anos. Algumas destas identidades têm sido vistas como “excepcionais” na presidência, mas cumprem papéis decisivos na conformação equilibrada das CD.

*No escritório privado do amplo apartamento deste ex-presidente do Estudiantes, no centro da cidade, as paredes mostram fotos e certificados, homenagens, reconhecimentos de sua vida pública e sua passagem pelo clube. Em busca da transparência e do equilíbrio, os títulos e certificados profissionais permanecem “separados” no seu escritório de notário (Foto: vídeo Dirigentes I)*



Os casos dos “notários” e dos “contadores” são paradigmáticos no que se refere às profissões liberais. Do ponto de vista moral, um *notário* é um profissional que, além de possuir o reconhecimento e a confiança daqueles que são seus clientes, pertence a esse raro grupo cuja atividade está marcada por uma área de legalidade fortemente ligada com as obrigações e direitos definidos no dispositivo do poder público estatal. Do ponto de vista prático, ele será sempre identificado com a idéia de ser detalhista e cuidadoso com os

aspectos formais das documentações e dos contratos nos quais a sua assinatura é a garantia do produto final. Da incorporação pública, na sua pessoa, desta capacidade - a honestidade - e da sua habilidade prática dependerá, em grande parte, seu êxito na vida profissional. Seu nome é aquilo que ele vai ter para oferecer como garantia para situar-se em um *justo meio* entre os interesses das pessoas envolvidas e aqueles do Estado.

Parecido é o caso das profissões contábeis. Um *contador*, assim como o *notário* - ou *escrivão* - em sua “integridade moral”, tem como principal objetivo resistir às tentações da desordem, da dúvida e da ambiguidade. Ele tem, sobre suas costas, a responsabilidade pública dos números da economia de um cliente, seja este uma empresa, uma organização ou um particular. E não somente do ponto de vista da produtividade, mas também das obrigações e dos direitos que subjazem ao mandato estatal de “prestação de contas”. Ambos, contador e notário têm, assim, um tipo de *caráter* profissional conservador, do qual se espera a previsibilidade e a transparência. Isto é o que se substancializa no *self* do seu trabalho.

Desse modo, quando o **Esc. Olivera** interpretava, no capítulo anterior, seu ingresso na presidência do Estudantes como um “*ato de inconsciência*” e de desordem, ele não estava unicamente fazendo referência a um fato objetivo de sua biografia, como não ter um conhecimento acabado das dimensões “reais” da atividade futebolística profissional em contraste com a sua experiência anterior em entidades sociais “menores” como os ‘*clubes de bairro*’. A primeira imagem “*mais marcante*” que lembra “*como presidente*” foi imediatamente depois do ato de posse no cargo, realizado na quadra de basquetebol da Sede Social, quando, ao sair pelo salão contíguo: “*aconteceu que, reunidos em torno de um piano que havia naquela época, (os jogadores) me cercam e perguntam quando ia pagar os salários que o clube lhes devia e quem iria ser o diretor técnico do time, porque eles queriam ter opinião... que vou fazer agora? pensei...*”.

A problemática em que essa inconsciência se instalava para este dirigente tinha mais a ver com o fato de se ver obrigado a enfrentar dilemas éticos associados com o estatuto mais “elevado” da sua profissão como *notário*, aqueles valores culturais a que “ela aponta” como predestinação da ordem social transcendente. A virtude que o colocou em um lugar de poder simbólico como “presidenciável”, foi precisamente, o mesmo elemento de distinção que criou as condições para seu julgamento, uma vez confrontado com as práticas reais que devia assumir, no caso destes jogadores. Não estava preparado para negociar e impor uma posição de poder, mas sim “para cumprir” a negociação precedente. Como acontece com o *contador*, a idéia de êxito ou fracasso que o dominava estava vinculada com a capacidade de ativar eficazmente uma “consciência prática” implícita na ética abstrata da sua

profissão. Esta ética supôs, durante sua gestão na presidência, a “*busca de consenso, a negociação racional tendo em vista o clube como um todo e o posterior cumprimento dos acordos*” (**Esc. Olivera**), sendo, sobretudo, uma habilidade para produzir negociações transparentes e colocar-se como intermediário, inabilitando-o, ao mesmo tempo, para decidir como ‘superior’ em condições de maior informalidade da autoridade.

Observemos as similitudes entre a narrativa que lemos em Simpson & Jennings, no ponto precedente, e a que descreve a negociação a que estão sujeitas as mudanças nas relações de poder entre atletas e investidores, introduzidos pelas empresas de vestuário, agora entre dirigentes e futebolistas no Estudantes durante a década de 1980. O relato, especialmente quanto à pretendida solução do problema, coloca a insubordinação de um jogador em termos de uma resposta da profissão sumamente ineficaz:

Me acuerdo de un caso que no entendíamos bien por qué no se resolvía. Teníamos un aquero, que en el momento en que iba a entrar a la cancha, tenía escondida una camiseta *Le Coq* y “pum” se la ponía. Y un día le fuimos a hacer un acta con un escribano, Zafrán. Estuvimos en el vestuario mientras se vestían, mientras hacían todas esas “boludeces”, esos ritos de los jugadores. El escribano, el abogado y yo. Participamos de todo eso. Entonces, vestuario. Salida del vestuario, vamos hasta la punta del túnel. Ahí vienen caminando los jugadores, y pasa Islas y tiene el buzo... *Topper*. Bueno listo, vamos al palco que está todo bien. Vamos nos sentamos en el palco y por ahí viene unos de los tipos que estaba de ayudante de Manera, Tinco, el preparador físico y me llama. Me dice: “Che, Islas tiene una camiseta *Le Coq Sportif*”. Hijo de puta, tenía escondida una en la escalerita del túnel, metida debajo de la puerta... se la puso en la escalera. Y nada, no hubo caso, no le pudimos hacer el acta. Por eso se terminó llendo de un club como Estudiantes...<sup>196</sup> (**Esc. Olivera**)

Seu nome sofre um desdobramento e se coloca em risco se ele adquire uma conotação negativa com o poder como algo que está “nele como sujeito”. O **Esc. Olivera** pretendia resolver este conflito apelando a uma normalização legalista da relação entre “o clube” e jogador. Dir-se-ia que, possivelmente, os componentes “subversivos” deste relato se repetem mais do que o imaginado, com matizes diferentes, no presente. A vigência mítica desta

---

<sup>196</sup> A poucos dias escutei “bichi” Borghi, o extraordinário jogador do Argentinos Junior, finalista da Copa do Mundo em 1985 e mais tarde jogador do Milan, contando, em uma entrevista na TV, que tinha um colega que sempre festejava os gols correndo em direção à placa de publicidade de um vinho conhecido na época.

“anedota” consiste precisamente em observar a forma de resolver este tipo de conflitos e como estes se apresentam veiculando valores de uma ética universal que decidi que “*acabe indo embora de um clube como Estudiantes*”.

Assim como o paradigma legalista baseado na cultura profissional tentava criar as condições para uma resolução em termos de “conciliação” de uma tensão entre jogador e instituição emergente de uma nova força como a publicidade, ancorada na identificação do negócio com o “corpo”, a decisão, a assunção de um risco concreto na resolução de situações derivadas conferia um “sinceramento” que segundo ele, seria próprio das tendências “acordistas”. Porém quando confrontei este relato com a visão de um dirigente do Gimnasia, também contador, o depoimento condenava este modo “*impessoal*” e “*covarde*” com que o jogador estava sendo tratado. Na opinião deste dirigente, era apenas “*um legalismo inútil*” que falava de “*um método de esconder-se sempre detrás das leis dos dirigentes do Estudiantes, como quando eu era presidente e tínhamos que organizar o clássico*” (Cdr. **Fuentes**). A crítica sobre a lógica do dirigente do Estudiantes (que insiste em prevalecer de forma “legalista” sobre os subalternos, neste caso os jogadores), não estava centrada na formulação de um critério contratual mercantil e empresarial “cru”, Mas sim “gimnástico”, “popular” e sobretudo “frontal”.

Escutemos então brevemente Bourdieu quanto à forma reversível em que a pequena burguesia francesa diferencia-se pelo *gosto* e aventuremos depois algumas conclusões:

...l'entrée de la petite bourgeoisie dans le jeu de la distinction se marque, entre autres indices, par l'anxiété que suscite le sentiment des donner prise au classement en livrant au goût des autres des indices aussi sûrs de son propre goût... Quant aux classes populaires, elles n'ont doute pas d'autre fonction dans le système des prise de position esthétiques que celle de repousser, de point de référence négatif... (Bourdieu 1979 : 61)

O governo do clube entra, assim, em relação com uma economia-política dos sentimentos e das emoções –dos gostos- através dos *estilos de dirigir*. Como dirá Gilbert Durand em torno do grande descobrimento psicanalítico da força imprecisa e o “sentido figurado” que envolvem os mitos, “os costumes, as relações sociais, estão sobrecarregados de símbolos, são reforçados nos seus mínimos pormenores por todo um cortejo de valores simbólicos” (Durand 1979: 54). As coordenadas profissionais se omitem, tanto como as políticas, uma vez que deixam passar os resíduos discursivos em favor da produção etnôgenica de uma práxis dos dirigentes respectivamente referidas como ‘frontal’ em Gimnasia e ‘intermediária’ no Estudiantes.

Há então novos contrastes a serem destacados com os componentes formais em jogo no caso da advocacia. Efetivamente, trata-se também de uma profissão liberal altamente reconhecida. Certamente, no nível de decisão presidencial, é a que tem maior presença histórica em ambos os clubes platenses. A posição do *advogado*, com relação à expectativa que se tem sobre a aplicação das suas virtudes profissionais a serviço do clube como dirigente, não é determinada pela honestidade e pela responsabilidade prática. Nas relações colocadas entre as expectativas de aplicação de suas virtudes profissionais e o bem do clube, o que pesa é a consideração de êxito vinculada com a habilidade e com o componente da “inteligência”. Portanto, o *self* de um empresário ou um advogado, situado no contexto da dirigência de um clube de futebol da elite, vincula-se ao seu caráter pessoal com a carreira profissional de outra forma. Existe uma quota importante de ousadia e “improvisação” no sentido de rapidez e capacidade retórica. Formada mais pela prática do que pela teoria, e mais pela inteligência do que pelo respeito às normas, sua virtude derivaria de uma “leitura” sagaz do contexto e dos interlocutores e, portanto, de uma interpretação concreta e pragmática da situação, mais do que de uma ética abstrata baseada nas normas e na lei. O fracasso e o êxito são diretamente estigmatizáveis em cada polo com base na desonestidade, no “discurso duplo” ou na falta de previdência dos atos.

Desse modo, o *advogado* parece ter qualidades próprias que o aproximariam mais do empresário do que os contadores e notários. Como hábil negociador, porém, ele atua de forma distinta do empresário, pois faz prevalecer sua força enfatizando a “dureza” dos pactos e dos contratos. Logo, o que ele coloca em jogo não é o dinheiro em si, mas seu valor simbólico como garantia do contrato; ele é aquilo que um documento tem, em forma de reconhecimento do outro, como parte no assunto em questão. Neste ponto, assemelha-se, aqui, muito mais ao notário - a uma moral - do que ao empresário - a uma prática-, já que a palavra ocupa um papel central nas negociações entre as partes. Em termos de Weber, trata-se de uma racionalidade com arranjo de valores presente na razão da palavra, o acordo e o pacto, e não no interesse. De acordo com Jacques Ranciere (1996), podemos incluir este antagonismo dentro daquele que diferencia o conceito de *política*, - pensado como um processo conflitivo de emergência de demandas de distribuição dos espaços e recursos sociais, ao mesmo tempo em que surgem novos atores e sujeitos coletivos - , e *polícia* - termo que reduz as margens de ação política a medidas administrativas que visam à diminuição das oposições e ao gerenciamento dos conflitos pela ação e pelo consenso-.

Ao contrário, para o *empresário*, suas virtudes, como potencial governante, parecem emergir da sua habilidade prática ancorada na experiência concreta de um interesse agenciável, na sua consciência ‘terrenal’

resolutiva e na sua capacidade de colocar as coisas de forma clara, “preto sobre branco”. Daí que as trajetórias empresariais se apresentem como percursos “mostrados pela construção de suas obras; e essa construção, baseada em sucessivas inovações, os conduz ao sucesso” (Piscitelli 2007: 80), e que a objetividade do trabalho - como forma de lidar com o seu tempo - seja vista como sinônimo de competência e concorrência com os outros. Observemos o quanto destas qualidades entra em jogo no momento em que este empresário “verdadeiro”, dirigente do Gimnasia, explicita ter um caráter adequado para um alto cargo em um clube como Gimnasia:

Acá hay que manejarse con mucha prudencia y firmeza al mismo tiempo, especialmente con los jugadores. Con una mano lo acaricias y con la otra le das una cachetada. Nosotros hicimos una limpieza enorme en el club cuando llegamos. Sacamos a 14 jugadores, y no te imaginás lo que costó llevar adelante eso, porque ellos son como una corporación. Muchas veces, pasa que en la competencia por un cargo se van creando relaciones de dependencia de aquellos que no han crecido a la par de uno. A muchos les gustaría tener mi lugar de Secretario General del club, pero no pueden, porque estar acá es una cuestión de decisión, personalidad y voluntad. Si ahora me tocan la puerta para decirme que hay un problema, y salgo por esta otra, olvidate, no estás ni un mes Mas en el cargo... y acá se vive así, con vértigo... y todo se decide rápido... Acá en Gimnasia es así. Acá toma decisiones el que Mas trabaja, el que esta en el club todos los días, el que atiende el teléfono y punto, el que pone lo mejor que tiene. Yo estoy acostumbrado por mi profesión a estar siempre al borde del abismo, siempre corriendo y tomando decisiones difíciles y sin retorno. Yo vengo al club todos los días a las seis de la tarde, y soy el último en irme. Así que yo tomo decisiones todo el tiempo. Las grandes no, esas las consulto casi siempre. Pero si por ejemplo hay que ir a una cena, un encuentro, va el que puede, y ese después, trae información nueva y tiene algo mas de importancia frente a otros miembros, porque hace nuevas relaciones, trae negocios para el club, habla con otros dirigentes y se entera de cosas... (Arq. Gonzalez)

Efetivamente, para um dirigente com atividades empresariais, como o **Arq. González**, entrar na dirigência futebolística será experimentado como uma forma de confirmar as qualidades públicas de preeminência e superioridade, comprováveis da sua atividade na “vida real”. “Decidir”, “mandar”, mas sobretudo saber quando e como “dar”, “tirar”, “acariciar” e “bater”. Ele se coloca, assim, como contraponto necessário para repor a habilitação do poder para decidir “sem retorno”- onde os coletivos “cidadãos”

caem como consequência da “covardia”. Aparece nele uma vontade de poder nietzschiana baseada no apetite individual, mas literalmente associada e coexistente com uma “vocação política” surpreendentemente weberiana. Se, de um lado, estão aqueles que fundamentam essa vocação como receptáculo para a acumulação de *actos de comisión* necessários como narrativa à construção de um destino vocacional (Bourdieu 2004: 81) associados, na auto-imagem profissional-dirigencial, com a dedicação a um espírito democrático, legalista e associativo, há, no lado do *empresário*, a disposição de projetá-los em fonte de valores práticos como a decisão, a valentia, etc.

O depoimento aparentemente “empresarial” do **Arq. González** apresenta um dos ‘nós’ da dualidade entre *estilos* de gerir o poder que se tem como paradigmas - a forma em que se acede a ele - e a função das hierarquias - produzidas cotidianamente - estabelecendo a *prudência* como tradução do perfil público dirigencial como um todo emotivo, que conecta práticas entre pares com práticas para com os subalternos: por um lado, a esfera dos diversos fluxos contratuais que compõem o clube (sócios, jogadores, empregados, etc); e por outro, a necessidade de criar mecanismos de decisão e de “risco” que tenham as menores possibilidades de serem questionadas no interior do grupo dirigencial (e pares da CD). Seja como for, o “*risco*” e a “*prudência*” são componentes centrais desta dinâmica, porém o peso que cada modelo coloca em um ou outro é o que determina a imagem de uma estilo. Não se trata unicamente de um dispositivo de caráter retórico. Porque, ora serão traduzidos em um espaço de poder a ser objetivado como instância para o consumo dos sócios e simpatizantes como mercado (associando-se com aquele liberalismo econômico), ora em um espaço de decisão objetivado como instância da participação mediada pelas formas de representação (associado com as idéias-força do liberalismo político).

Para o universo das identidades dirigenciais - que temos unificado sobre as coordenadas das profissões liberais -, o status define uma série de qualidades e direitos, de acordo com uma instituição política reguladora e educadora das paixões, através das regras e da ética de uma moral coletiva, o “interesse coletivo”. No extremo desta visão, o interesse funciona impedindo as indecisões e perturbações próprias das “paixões políticas” inscritas na base das identidades futebolísticas, como fenômeno popular. O interesse redireciona o poder para um bem único, unidimensional e objetivo; passa-se, como em Adam Smith, *no indivíduo* como instância modeladora do bem comum. Este é, em síntese, o antecedente da teoria política moderna, em que se fundamenta a crença de que um empresário estaria melhor capacitado para conseguir a ordem e a paz em uma crise. A rentabilidade, o excedente e o êxito esportivo e econômico são elementos que estão atravessando a experimentação dos símbolos funcionais e lógicos em ambas as esferas.

Yo era un empresario de la construcción conocido y que había crecido mucho y había colaborado con Mangano, pero nunca me imaginé como presidente de Estudiantes. Se nombró un gobierno provisorio hasta terminar hasta terminar ahí el período del gobierno anterior. La asamblea fue en un salón grande, una mesa muy grande, algunos sentados, otros parado... buscando la posibilidad, hasta que el doctor De Feo, un abogado, a quien yo no conocía, dice “señores, me parece que estoy se está tirando muy a largo, Estudiantes sigue incendiado, tenemos que sacarlo... acá hace falta un piloto de tormenta... y se llama Nelson Oltolina.... Te digo que “me pusieron” de Presidente... Mirá, la reunión fue en el Jockey Club, fijate como Estudiantes que la reunión se hacia en el jockey Club. El club estaba pasando por un momento muy difícil, necesitaba de... dijo el que me nombró... “un piloto de tormenta”. Y creyeron que yo era “un piloto de tormenta”... (Sr. Orsini)

Lógico, porque o capitão de um barco tem as condições objetivas e habilidades “necessárias” para concentrar a autoridade e a decisão. Funcional, porque o “interesse” pessoal está intrinsecamente “desinteressado” pelo voluntariado. Observaremos adiante que este tipo de determinação incontrolável se apresenta, com certa frequência, como pano de fundo nos relatos sobre sua entrada no universo futebolístico dirigencial. Mas aparece como um “chamado”, como a convocação de um coro grego onde se revela o surgimento imprevisto de uma “vocação” provida de habilidades. Para um dirigente “de vocação”, como gostam de ser chamados quando tiveram uma trajetória reconhecível em clubes de bairro ou associações profissionais, sua entrada no futebol significa justamente colocar em risco seu nome anteriormente obtido, já que ele se vê frente a uma tarefa que envolve interesses complexos e contaminantes, e perigosamente capazes de fazer perder um prestígio acumulado em outros âmbitos. Enquanto do dirigente de discurso associativista será exigida uma carreira que sustente a coerência com valores diretamente associados com a instituição como bem cultural e social, ao empresário, esta exigência se dá ao reverso. São os problemas que enfrentava a concentração de poder associada com a visão empresarial, quando esta se defrontava com o “jogo político”.

Na prática, os dois grandes grupos que dominam o imaginário da dirigência, durante os últimos anos, - de profissionais liberais e de empresários -, investem na estigmatização uma parte de sua “identidade” profissional em direção ao “bom governo”. As possibilidades concretas de que as *performances* esperadas dos dirigentes coincidam com as qualidades endereçadas a cada uma das profissões dependerá da força que tenha a avaliação socialmente construída sobre estas, uma vez que estão colocadas



em uma relação de interpretação com as necessidades concretas do clube em determinadas circunstâncias e a capacidade destas de se organizar discursivamente em torno aos objetivos e projetos (tanto no âmbito próprio da competência futebolística como na estrutura institucional).

Observemos que, entre ambos - advogados e empresários -, o tipo de “habilidade” é, por assim dizer, de “diferente natureza”, favorecendo a polaridade de origem entre universo público e privado. Ambos cultivam a imagem de serem possuidores de um tipo de astúcia que vem da vida e de uma experiência informal nela. Para o empresário, porém, esta habilidade não é retórica, porque ela “fala com fatos”. As decisões respondem a um tipo de emoção baseada no interesse, cuja referência imediata é claramente de tipo economicista. A ausência de uma carreira institucional minimamente identificável, vista como “carência” pela maioria dos profissionais liberais, pode ser, inclusive, sua principal virtude. Um signo de independência das paixões políticas, favorecendo uma percepção de que ele “vem de fora” do círculo de dirigentes. Esta percepção é dominante ao ponto de muitas vezes eliminar da biografia sua presença em CDs anteriores. Ao mesmo tempo, em um aparente paradoxo com a idéia de interesse como fonte emotiva da riqueza, o *empresário* é normalmente visto como alguém que não se corromperá por ter sua vida econômica “já resolvida”. Desta fortaleza de origem, suas virtudes combinam determinação, capacidade de mando, frontalidade, todos eles elementos que contrastam com aspectos de debilidade e fraqueza nas profissões liberais.

Possivelmente, o alto número de advogados esteja explicitando uma vontade de achar o meio-termo entre estes modelos antagônicos. Por outro lado, o *empresário* tende a pensar primeiro no valor do dinheiro em termos objetivos, sendo o mercado e não as partes quem determina a cifra. O clube é visto por ele como um espaço de significados onde a sua ambição é uma virtual virtude. Por outro lado, amarrado a uma visão institucional financeira, o *contador* se aferra, da mesma forma que o *empresário*, a uma espécie de “objetividade” que está acima de tudo: “se pode ou não se pode”. Mas evidentemente, não é o mesmo tipo de racionalidade que a do *contador*, porque ela não se baseia na interação e no acordo que o aproxima ao *notário*, e sim na força de circunstâncias externas que vão além dos desejos individuais das partes, uma objetividade “invisível”. Assim, frente a circunstâncias similares, o primeiro grupo tende a resolver os conflitos conservadoramente, em retração para com os grupos de status; o segundo, avançando e conquistando, em expansão, as “massas”.

Em ambos os casos aqui tratados, trata-se de uma fenomenologia em que os processos vividos devem ser apropriados e os saberes, alcançados pela “experiência da reflexão” (Habermas 1990: 30). Mas é uma fenomenologia *sui*

*generis* - do concreto -, onde a grande tarefa dirigencial é a de aproximar as expectativas subjetivas do cargo, colocadas sobre um espaço relativamente aberto de opções *in situ* pela instituição, como sistema cultural imutável. É no universo do trabalho no clube que se materializa a identidade profissional como natureza em si. Por um lado, deverá expressar as demandas vindas do universo competitivo do futebol e sua “comunidade”, e por outro, a exigência de uma identidade institucional construída pelas formas de autoridade instituídas e pela história social das experiências dirigenciais inscritas nos mitos. Desse modo, a *lógica empresarial* coloca, manifestamente, as noções de eficiência e produtividade. Percebe-se, assim, que a ênfase de sua prática concreta deve estar centrada na ousadia e no risco. Construída em torno a uma espécie de “natureza psicológica”, tenderá a privilegiar a relação com o futebol através das multidões (com a comunidade de sentimentos) e, por decantação dos resíduos discursivos, tende a ser acionada como metáfora do Gimnasia. Como falei, todos eles são componentes emocionais de aventureiros e competitivos. Ao mesmo tempo, no seu acesso a posições dirigenciais, seu interesse é normalmente percebido como fonte potencial de benefícios econômicos e da necessária diminuição das paixões políticas dos integrantes do grupo (dos “governantes”). Todavia, o caso dos dirigentes que respondem à *lógica associativista* e legalista - geralmente identificada com as profissões liberais- não deve ser entendido como o reverso do primeiro, mas como uma versão conservadora que deambula imprecisamente entre a *politic* e a *policy*. Sua inserção através de valores de caráter, como a austeridade, a honestidade e a eficácia da retórica como fonte do “mando consensual” está associado com o clube Estudiantes e com a idéia de um tempo histórico racional, com a idéia de uma pedagogia. Tende assim a privilegiar “os sócios” como princípio soberano da instituição. Como resultado de sua força, o mito aqui exige uma práxis criativa dos participantes rituais:

En este contexto, en la sede de calle 53 están en plena evaluación acerca de la metodología que se aplicará para elegir el escenario donde el equipo actúe como local a partir del segundo semestre del año. Dentro de ese marco, las autoridades del club pretenden que los asociados tomen parte de la decisión final y para ello se instrumentaría un dispositivo de consulta a través de la página web de la entidad. Si bien todavía no se definió quiénes podrán participar, la idea es que solamente los socios puedan opinar al respecto. Por otra parte, aunque no está totalmente decidido...<sup>197</sup>

Porém, tanto o lugar do empresário como o do profissional liberal coincidem com a importância que as burguesias locais dão, usualmente, às

---

<sup>197</sup> Diário *El Día*. La Plata. 17 de marco de 2009.

estratégias de diferenciação social fora da economia, uma vez que permitem reafirmar e justificar privilégios buscando ancorar sua identidade em algo mais “nobre” do que a simples acumulação de bens materiais (Bourdieu 2006). No primeiro, em uma “política” baseada no princípio do “realismo econômico”. No segundo, nas “formas puras” de uma sociedade de iguais voltada para a consecução de “fines superiores”.

A etnografia traz um relato que ajuda a compreender este processo. No dia da partida contra o River, em outubro de 2007, acompanhei RDJ desde a saída da Sede Social de Gimnasia, lugar onde encontrei este dirigente. Durante a viagem ao estádio, na sua *Land Rover 4x4*, conversamos um pouco sobre como estava formada sua família, já que no carro estavam também suas duas filhas adolescentes que iriam assistir ao jogo. Minhas perguntas deram lugar a uma longa explicação do empresário que enfatizava o fato dele pagar uma cadeira de sócio permanente para toda sua família, incluído ele próprio, não só evitando uma perda para clube, mas produzindo um ingresso. Sua desaprovação para com aqueles dirigentes que “estavam acostumados a confundir os bens do clube com os próprios, da família e os amigos” remarcava este gesto como instância em que a moral se transformava em medida prática. Não era unicamente um juízo sobre os desvios e as debilidades da dirigência voluntária que não avalia “os custos que tem para o clubes”. Mas uma crítica que orientava o discurso para uma distinção social objetiva, derivada de uma moral empresarial ancorada pela diferenciação entre valor de câmbio e valor de uso. A resignação ao privilégio social era assim, em si mesmo, a base de seus “honores”. Longe de colocar este último conceito como responsabilidade socialmente justificada para a manutenção dos laços de uma “sociedade de dirigentes”, a honra era incorporado por este dirigente como o resultado lógico de um processo acumulativo e centrífugo, em uma derivação da especificidade de um saber prático: não negava a dádiva expressa nas cadeiras gratuitas; ao contrário, considerava que esta prática não era só necessária, mas “*unicamente justificável quando se trata de uma troca com empresas que podem fazer negócios com o clube no futuro*” (Eng. Del Franco).

Vale, então, por último recorrer ao economista Albert Hirschman (2005) e compreender melhor de que tratam os fundamentos desta velha disputa. De acordo com este autor, durante os séculos passados, na França – através de La Rochefaucauld - e na Inglaterra - através de Hobbes -, traçou-se um caminho em que as idéias políticas dominantes tinham o poder numa tensão entre bem comum e riqueza. Os governantes faziam parte desta tensão quando seus atos, condutas e representações eram confrontados com o problema da relação entre paixões e interesse. Estas relações remetem à longa edificação de um paradigma de base para o controle das ações humanas e à procura de condutas harmoniosas para o “bom governo” e o “progresso”.

Neste sentido, o interesse seria elevado a valor de controle das arbitrariedades a que os homens estão presos nas paixões e funcionaria, primeiro, anulando, depois apaziguando, e por último, redirecionando as formas desmedidas com que a detenção do poder libera as paixões e os “conflitos humanos”. Deste modo, por um lado, o capitalismo moderno encontraria o caminho para sustentar os ideais de governo equilibrado em Montesquieu, fundamentando a necessidade das instituições morais e formas de governo controlado; por outro lado, chegaria, com Adam Smith, a elevar o ganho e o enriquecimento “que se derrama” - a prosperidade - apresentado como o contrabalanço necessário da esfera econômica sobre a política.

As instituições sociais “positivas” constroem o campo de possibilidades daqueles que participam delas com a finalidade de lhes tirar o que têm de “melhor para dar” implicando valores abstratos nas profissões. Parece, então, que as características das profissões se tornam uma condição determinante para compreender melhor os périplos dirigenciais, fundamentalmente no que diz respeito às *omisões* - a “gênese supõe a amnesia da gênese” diz Bourdieu (2004: 81) - necessárias para dar racionalidade aos acessos e saídas do cargo. A particularidade do clube em estado bicéfalo, entre um estilo decisionista e personalista e outro deliberativo e negociador, baseia-se em que a condição de emanção da “sociedade civil opera tentando conjurar, por ambas as vias, as aspirações eventuais de um ou outro em transformar o poder simplesmente em “governo”. O primeiro, entendendo a relação entre ambas as categorias da dicotomia como simples instrumentos; o segundo como pólos de uma virtude transcendente que o coloca no “justo meio” de ambas. Conceitos como talento, paixão e razão são partícipes de um território kantiano que vai da experimentação para uma metafísica, e vice-versa. Trata-se precisamente disso: do que a ressonância estética entre estilos emblemáticos de jogar e de gestão institucional têm em comum, ou melhor, de que esta última não pode escapar a seu perfil político.

A manutenção, no tempo, de um dirigente em cargos dirigenciais públicos, como a presidência dos clubes, não depende de suas capacidade profissionais, mas da forma com que os conteúdos nelas implicados sejam administrados nas distintas esferas de ação prática. A negociação, a palavra, a celeridade na tomada de decisões, a disposição ao diálogo, são todos eles elementos que efetivamente se combinam a todo momento, e que não estão em forma pura em nenhum dos clubes. Todavia, são as bases que servem de coordenadas para avaliar êxitos ou fracassos em ambas as dimensões de pregnância - a instituição e o emblema -, distinguindo-as e reafirmando suas oposições e antagonismos. Não é pouco, já que permite e tende à criação de sentimentos do que significa uma justiça política em relação aos parâmetros nos quais o poder deve servir ao mundo público das emoções.

### 4.3. Projeto: ou como se profissionaliza um “ser”?

A transformação da sociedade industrial do século XX se produz, entre outras instâncias, a partir da reconversão dos aparelhos produtivos, dos fluxos de circulação de recursos, da implementação de novas tecnologias e da transformação da organização do trabalho a partir da década de '60. Alain Touraine (1987) já advertia, com certo otimismo, sobre o impacto que este processo teria sobre toda a sociedade e percebia a marca das sociedades pós-industriais como a produção, já não de bens e serviços materiais, mas de bens simbólicos e culturais, com uma forte influência dos meios de comunicação de massas. Em síntese, se a antiga sociedade industrial tinha transformado os meios de produção, a sociedade pós-industrial o faria com os fins e a orientação do que produzem: a cultura<sup>198</sup> (Touraine 1987:142).

Do ponto de vista da construção cultural dos sujeitos destinados à realização desta tarefa, novos especialistas tecnocráticos - usualmente chamados executivos - associados com o universo das corporações, assumiram o papel da produção coletiva em favor de uma diferenciação que ia contra a clássica divisão de sociedade capitalista de burgueses e operários. Boltanski (1982) irá demonstrar que este foi, em verdade, um processo de *long durée* e culturalmente profundo. Sua tese entende os cargos executivos no Estado e nas grandes empresas - os *cadres* -, como um receptáculo semântico de representações sobre as hierarquias para um novo grupo social em ascenso, mas indissociável de novas motivações culturais produzidas dentro da re-configuração sofrida pela burguesia e pela pequena burguesia francesa a partir dos anos '30, e, mais tarde, nos anos '60. Especificamente, Boltanski, como forma de resistência cultural ao binarismo empresário-operário da economia-política da época. O que assistimos em realidade é “a criação de um *assalariado burguês*, quer dizer, de um grupo que reivindica o pertencimento a estes dois conjuntos até então separados” (*idem* 1982: 111) como resultado da modernização econômica incipiente.

Âmbitos substantivos à velha ordem industrial, que tradicionalmente influíam pouco nas lógicas de expansão material - como os clubes - assumiram um papel relevante nessa nova configuração mediática. Em consequência, se viram fortemente condicionados e regulados pelas lógicas

---

<sup>198</sup> Vale a pena, então, mencionar que estamos frente à passagem coetânea de um fenômeno, o predomínio do capitalismo industrial para o capitalismo cultural. Quer dizer, uma passagem modifica substancialmente, inclusive o peso específico do valor de intercâmbio dos bens materiais e simbólicos, substituindo-os, cada vez mais, pela percepção de um “valor experiencial” que se realiza no consumo e que tem efeitos concretos sobre as práticas sociais públicas e privadas, entre elas, aquelas associadas com o sistema futebolístico.

de demanda de um sistema econômico onde as pautas de consumo tendem a sujeitar-se à influência da publicidade de massas – quase como expressão mediática da linha de montagem fordista. Neste contexto, as atividades profissionais clássicas, tanto as de empresários como as de liberais, se verão afetada pelas necessidades vindas destes campos de especialização, ficando reduzidas na sua valoração social tanto no campo econômico como político, e perdendo reconhecimento pela difusão do modelo de *know-how* e no “parcelamento” das decisões num “pessoal assalariado de confiança” (Dupuy 2006: 15-16).

A Argentina, de acordo com um “espírito de época”, atualizaria – tardiamente - esta problematização com a liberalização da economia na década de 1990. A organização do futebol durante este período - sobretudo em meados dessa década - pode ser caracterizada pelo monopólio das decisões dos dirigentes de AFA e dos donos e executivos da empresa mediática *TyCsports*, que tinham firmado um acordo até 2020. Neste contexto era muito escassa a participação dos clubes como dinâmica política própria.

Durante este período surgirá um dirigente no futebol nacional de elite que será “ideal” para o objetivo de promover as matizes culturais deste modelo. Veiculando-se pelo futebol, o discurso “modernizador” encontrou na trajetória do agora prefeito da cidade de Buenos Aires -, Engenheiro Mauricio Macri, ex-presidente do clube *Boca Juniors* entre 1996 e 2005 - a ansiada “superação” das crises e lutas ideológicas entre peronistas e radicais, as duas grandes identidades partidárias que disputavam o poder no país, e que também impregnavam as disputas dirigentes nesse anos. “Mauricio”, um jovem engenheiro filho de um grande empresário argentino, casado - como muitos futebolistas - com uma modelo, será o indicado para produzir um exemplo de “gestão empresarial” com ênfase na tecnocracia. Porém, conforme a demanda de “líderes carismáticos” valorados para um “desempenho social” e capazes de “mover-se nas redes não institucionalizadas e atuar sobre a difusão da informação” (Dupuy 2006: 23), ele criará, nesse processo, sua própria formulação cultural para projetar-se na arena da política anos depois. Um “novo” perfil de condução se revelará publicamente na mídia, cujos signos passarão rapidamente para a necessidade de modernização da política<sup>199</sup>. Paradoxalmente, se uma das críticas feitas, a partir do senso comum, aos dirigentes “tradicionais” dizia que estes ocultavam seus apetites políticos e se serviam dos clubes para projetar-se na arena dos partidos, o caso de Macri era, em verdade, idêntico.

---

<sup>199</sup> Mauricio Macri já tinha tentado desenvolver sua estratégia empresarial-organizativa em um clube de menor peso institucional que o Boca Juniors (quantidade de sócios e nível de adesão popular), O Clube Deportivo Español nos inícios da década de 90.

Era entendido pela mídia, porém, como “racional e lógico”, uma vez que “vinha do mundo empresarial”. Em nível nacional, o processo etnogênico reinventava uma discussão que já tinha acontecido na Argentina em meados da década de '60, e que tinha também influenciado as coordenadas na organização política do futebol (Alabarces 2002: 83-90). Esta interpretação era, porém, “lógica”, porque o pulo para a “dirigência” do Boca junto ao “mundo dos executivos”, era já um “pulo para a “nova” política.”<sup>200</sup> A personagem do “engenheiro” será construída cuidadosamente como um tipo ideal de “gestor” eficiente, capaz de levar o clube com inteligência, mando, e sobretudo diminuir as paixões *da política* entre os velhos dirigentes. Assim, os espaços de direção deviam estar em mãos de especialistas e não de “dirigentes”, tendo neles um líder “seguro”, “firme”, mas que libera as forças individuais dos seus subalternos na organização. Em realidade, ele, como receptáculo da visão empresarial, não diferia muito dos adjetivos mencionados no ponto anterior, sobre esta categoria profissional. Todavia, a reivindicação extrema dos quadros executivos como garantia de responsabilidade e segurança do patrimônio das empresas, em resposta às “irresponsabilidades” dos dirigentes tradicionais, tinha como suporte a engenharia mediática, seu principal aliado.<sup>201</sup>

Tratava-se de um *ethos* psicologizante em que a função dirigencial “devia” tender à sua despolítica definitiva e à alienação das decisões no domínio público da praxis retórica. A contrapartida desta *desafetivização* do domínio público em mãos de executivos e especialistas não identificados com o clube é a intensificação da política da dirigência como função policial, de controle e dissolução do conflito. Trata-se do que na teoria da comunicação de Habermas (1990) é concebido como a moderna ruptura do equilíbrio - pretendido como utopia - do diálogo entre conhecimento e política, criando uma assimetria que tende a submeter uma à outra lógica. Além do mais, esta

---

<sup>200</sup> Esta era, digamos, a “bandeira” de Macri, que se mostrava como estando fora dos antagonismos clássicos deste universo. Como veremos mais adiante, embora a asseveração da utilização dos clubes, por parte de certos personagens, para ascender à política é comumente aceita por torcedores, cidadãos comuns e inclusive comentaristas esportivos de jornais e TV, esta não se confirma de modo algum na realidade. Nesse imaginário, Mauricio Macri se instala como aquele que “libera” o clube como espaço de cooptação política; o despolítica e, seu êxito, nesse processo sugere à sociedade argentina despolítizar também o Estado, o outro espaço condenado historicamente pelos antagonismos civilizatórios antes mencionados. Macri se apresenta invertendo esse *slogan* negativo do dirigente “liberando” da política e, paradoxalmente, o levando efetivamente a ela.

<sup>201</sup> Atualmente, esta “confiança cega” vem sendo questionada depois do recente *crash* econômico mundial do último ano, devido à constatação de uma construção cultural apática, simplista e pouco reflexiva intelectualmente que se estruturou, justamente, sobre aquilo que era visto como sua garantia: a participação no ganho no contexto de uma economia virtualizada. Este tipo de comportamento das elites de executivos e quadros de empresa já havia sido advertido pelas reflexões de pensadores como François Dupuy (2005).

tendência se formaliza e busca institucionalizar-se em grande escala, em nossas sociedades, através de burocracias encarregadas de controlar o desenvolvimentos técnico, institutos de assessoramento, empresas de marketing ou agências científicas, etc, mas fundamentalmente -, nos adverte o velho Jurguen - através da eliminação permanente da discussão pública das questões práticas, especialmente, pelo “assentamento de uma população mediatizada” ou um “agir racional-com-respeito-a-fins [que] dá origem a [uma] disciplina de habilidades” (Habermas 1983: 330, 341).

*Jornalistas, jogadores e ex-jogadores são protagonistas habituais de intermináveis debates na mídia. A presença de dirigentes, porém, limita-se a acontecimentos pontuais que são vividos por eles como “interrogatórios” (AE). (Foto: vídeo Dirigentes II)*



A demanda de uma maior *profissionalização*<sup>202</sup> - e a *tecnocratização* - dos novos executivos, nestas empresas-clubes imaginadas, se serviriam de importantes jornalistas esportivos para protestar contra os pactos, os negócios e o voluntarismo. Esta será uma posição dominante entre o jornalismo esportivo na mídia, onde a dirigência, tradicionalmente associada com os clubes, tinha uma participação quase inexistente. Os dirigentes, como personagens centrais para interpretação das coordenadas de liderança e poder cedem terreno a outros atores, especialmente aqueles que protagonizam o drama espetacular.<sup>203</sup>

<sup>202</sup> De acordo com os enfoques sistêmicos dominantes (Wilensky 1964, Kast & Rozenweig 1982), a *profissionalização* dos campos profissionais baseia-se na concepção de que: a) permite a dedicação exclusiva sobre um conjunto de problemas delimitados; b) institucionaliza as vias de acesso para resolução destes problemas; c) centraliza os objetivos e tarefas profissionais; e d) diminui, assim, os aspectos negativos do associativismo afetivo.

<sup>203</sup> Na valoração moral culturalmente subjetivada, o dirigente estava ligado, no imaginário coletivo, à idéia de “homem público” no sentido que dava a esta figura moderna Richard Sennet (1998). Mas a adaptação da política a um tipo de sociabilidade virtualizada implicaria em que os atores políticos passassem a depender do aparato tecnológico presente na mídia. Conforme Guy Debord (1997), já a década de 1980 encontrará o planeta vivendo uma etapa de domínio da “sociedade do espetáculo” e as grandes mídias entram em cena como produtores centrais das competências esportivas. No futebol, esta incorporação do poder mediático lança o universo dirigençial dos clubes em direção a um papel de reconhecimento na esfera do sistema político. Personagens como Bernard Tapie, presidente do *Olympique de Marseille* e prefeito da cidade, ou Silvio Berlusconi, à frente do poderoso *AC Milan* e posteriormente presidente de Itália, são exemplos que ilustram o processo de mudança. Neste contexto, os clubes de futebol reforçam, no imaginário ocidental, o lugar de ensaio da noção de “gestão empresarial” e de “eficácia econômica e política”, assimilado no plano do “desejo da ganância”. Caminhar-se-ia, então, para uma discussão muito mais centrada em apelos para a



Durante o trabalho de campo, tive a oportunidade de perceber que este processo não era puramente mediático ou retórico, uma vez que muitos dos atores envolvidos - que conheci nos seus âmbitos profissionais ou dirigenciais - participavam, com muita maior frequência do que eu imaginava, de espaços de sociabilidade pública que os reunia em torno de discussões sobre a modernização, o gerenciamento, as novas tecnologias, etc. Um destes eventos - nos quais me surpreendi ao ver vários dos meus interlocutores de ambos os clubes em lugares públicos que contrastavam dos que costumavam frequentar como dirigentes em “funções simbólicas” (como as homenagens ou as atividades culturais) -, foi uma palestra de declarado caráter “empresarial”. Esta série de palestras foi realizada no *Hotel Corregidor* de La Plata, e organizada por uma empresa de distribuição de produtos farmacêuticos cujo dono era o **Sr. Giovanelli (39)**, um jovem e exitoso empresário, que contatei no início de 2007, quando liderava um grupo de “*simples sócios do clube*” que pretendiam participar das eleições no Gimnasia. A “estrela” da palestra era Fernando Niembro, jornalista de rádio e televisão, conhecido comentarista de futebol, popular na Argentina, e amigo e defensor do “modelo de gestão” do referido Eng. Macri. Minha surpresa foi dupla: por um lado descobria rapidamente que as redes de conhecimento tinham visibilidade fora das identificações clubísticas e confirmavam a existência de grupos de interesse em outros níveis; por outro, que muitos dos interlocutores que se mostravam refratários aos modelos de clubes comerciais, como por exemplo, o escrivão **Olivera** e o contador **Fuentes**, estavam presentes e participavam dos debates explicitando uma postura “realista”.

Em suma, na presença de vários ex-presidentes de ambos os clubes - e inclusive alguns que se apresentavam nas eleições desse ano - Niembro dedicou quase a totalidade da palestra a defender a necessidade de estabelecer uma nova Lei de “responsabilidade dirigencial” que obrigasse os dirigentes a responder com o patrimônio pessoal por aquilo que ele denominava, em cumplicidade com os presentes, de “eventuais erros ou irresponsabilidades na administração dos clubes que levaram à crise endêmica do futebol argentino”. Poucos dias depois, atendendo a um convite que me fora feito naquela mesma noite, voltei conversar com o **Sr. Giovanelli** no escritório da sua empresa. Segundo contou, estava “*pensando em ser candidato a presidente*”, e já não “apenas acompanhar e apoiar com recursos” como tinha me falado na conversa anterior, quando afirmava querer ficar de fora da política porque “*não quero parecer que estou perseguindo meu interesse pessoal*”. Pouco

---

subjetividade, características da linguagem mediática em detrimento dos debates centrados em uma racionalidade moral. (Thompson 1998).

depois, confessou que, durante a palestra e no posterior jantar que partilhou com Niembro e com o Secretário de Redação do *Diário El Día* de La Plata, tinha “entendido” finalmente que sua “*principal virtude era a de ter vindo de baixo, da pobreza*” e, portanto, saber “*o que significa o sacrifício*”. Podia vê-lo, em seu imenso escritório, balançando as mãos, excitado pela idéia, enquanto dirigia seus braços, apontando em direção à janela que deixava ver o enorme salão onde trabalhavam mais de cem operários contratados; culminava, desta forma a versão mitológica de si mesmo: “*o fundamental é a humildade porque em uma empresa o dono não sabe fazer tudo e deve saber escolher os especialistas*”. Esta foi a reflexões que anotei esse dia no diário de campo:

*“sugiro que a presença de relações informais entre personagens da mídia local, nacional e os dirigentes podem ser realmente determinantes nas decisões políticas porque, enquanto dirigentes futuros, estes “novos” personagens tendem a colocar a modernização em uma “agenda de debate” público como havia feito a agenda do ‘engenheiro’”.*<sup>204</sup>

Foi a terceira e última vez que consegui conversar com ele. Nunca mais atendeu meus telefonemas nem aos recados que deixei na empresa. Imaginei a razão, porque dias depois tinha lançado sua candidatura e o fantasma do “jornalista-historiador” encamou-se nele... Apenas consegui vê-lo em atos públicos na sede da organização política que ele lideraria até as eleições<sup>205</sup>.

---

<sup>204</sup> Esta agenda tem um calendário de referência. No final do “processo Macri”, o acesso à “Bombonera”, o mítico estádio do Boca, tornou-se fortemente restritivo (uma importante porção do estádio é reservada para excursões de estrangeiros). O Boca transformou sua marca num produto cultural digno de qualquer debate na área de patrimônio. Assim, não apenas o espaço deliberativo formal se reduziu, mas também o espaço informal que se constrói em torno da vida cotidiana do clube. Em seu reverso, no “modelo River”, continuam as reuniões de Comissão, abertas aos sócios, para discussão pública de assuntos do clube. Mas este modelo viu-se submetido à manutenção instável de alianças da ‘barra’ (dividida) com os dirigentes tendendo a manter a “ordem oficial”, durante um período de forte instabilidade relacionada às *performances* futebolísticas. Fato que foi - obviamente - “condenado” pelos meios de comunicação. Do outro lado, o “modelo Boca”, a exclusividade dos sócios para entrar no estádio contrasta com uma ausência de direitos políticos estatutária de tais sócios, gerando, como efeito desejado, uma extensão da “desidentificação” da tribuna popular com a vida política do clube. É neste contexto que a oposição futebolística tradicional e folclórica entre River Plate e Boca Juniors se estendeu, durante os últimos 15 anos, ao território dos “modelos institucionais” e de gestão, chegando a penetrar no restante dos clubes argentinos como ponto de referência. Enquanto o “modelo Boca” transformou-se numa empresa “eficiente”, o “modelo River” irá aprofundar durante aquele período, um estado “deliberativo”. Em ambos, os estilos de dirigência se acomodam a seu tradicionalismo mítico: Boca, personalista, popular, mas inovador; e River, participativo, de classe média, conservador.

<sup>205</sup> Finalmente foi candidato a presidente do Clube *Gimnasia e Esgrima* nas eleições de novembro de 2007 e perdeu por apenas 17 votos frente ao empresário e advogado Walter Gisande, presidente atual.

Desta última conversa com este proto-dirigente, se extrai uma síntese dos temas aqui propostos :

Los dirigentes del futbol argentino tienen que dejar de pensar en ellos, en su gloria personal a través del club. Es como si fueran al casino, van, se sientan en la ruleta y apuestan, si ganan la gloria, si pierden, se van a la casa. Pero el que pierde siempre es el club, con su patrimonio, pierde en ese juego de status. Son los tiempos modernos. Así son deven ser las cosas en todos los niveles. Por eso hay que ponerle límites, tienen que poner gente especializada, qua sepa, qua haya estudiado y trabaje en esto, que tengan un proyecto, y ellos, los dirigentes que pongan su patrimonio como garantía, como hizo Boca Juniors con lo hizo Macri. (Sr. Giovanelli)

Aos olhos deste “novo” dirigente no futebol platense, a *profissionalização* de cargos diretivos nos clubes, enfatizada emblematicamente na mídia pela figura de Niembro, é “*um processo natural*” que permitiria uma formulação mais precisa das ações necessárias para a consecução de um *projeto* de clube. Em particular, quanto àquelas práticas referidas no imaginário ideológico que acompanha a competição futebolística de cada emblema e que “*aturdem*” a normalização da estrutura, o “*projeto de clube*” - ou o “projeto para o futebol profissional”, como está na moda dizer, entre os chamados “novos dirigentes” - tendem à criação de forças de interesse reguladas com o objetivo de impor-se às atitudes “irracionais” movidas pela paixão política e pelo sentimento. O *management*, geralmente, se concentra em produzir um modelo de avaliação dos jogadores a serem contratados e transferidos, baseado em uma visão *pós-taylorista* do trabalho a ser desenvolvido por tal ou qual futebolista que, dentro de um aparelho-fábrica e uma lógica especulativo-financeira, submete estes atletas às demandas de singularidades e do talento.

Vassort resgata, a seguir, a existência de uma perspectiva acadêmica que assume o *management* como “necessidade” na gestão esportiva<sup>206</sup>:

Dans le domaines de gestion, de la promotion, développement et de l’organisations des activités sportives, toutes les action

---

<sup>206</sup> Mencionávamos antes Patrick Vassort (2007), que, entre outros teóricos críticos do sistema esportivo -como Jean Marie Brhom (2006)-, tem buscado compreender as consequências da despolíticação -científica- do objeto esportivo. Apesar de certo radicalismo na postura crítica de Vassort, pois tende a uma redução do processo entre instituições esportivas e centros de pesquisa especializados, ele introduz a problemática do poder dentro de um debate mais amplo sobre uma *episteme* de dependência das relações entre mundo acadêmico, organismos de pesquisa e instituições esportivas com derivações para as ciências humanas. Junto com os aparelhos de estado nacionais e as instituições de organização do esporte, Vassort coloca os centros acadêmicos no lugar de “Aparelhos Estratégicos do Capitalismo” (A.E.C.).

revêtent, en effet, une importance qui se mesure des plus en plus en termes financiers dont les conséquences s'apprécient souvent sur long terme. Les décideurs, les organisateurs, les élus, les cadre qui ouvrent dans ce secteurs ne peuvent donc plus ignorer les principes de management dont le rôle consiste a rationaliser les décision en donnant un sens et une cohérence aux actinons (Loret *apud* Vassort 2007: 169 ).

Certamente, em termos gerais, Vassort propõe uma explicação sobre os modos em que uma *episteme* de época constrói tipos de conhecimento produzidos sobre o universo dos esportes. Ao mesmo tempo, esses conhecimentos se unificam como estratégia governamental, controle e construção de dispositivos práticos para anular possíveis focos de resistência como denunciam alguns autores (Piggin 2009; Jackson 2009; Lewis 2009).

Porém, o “fascínio” acadêmico sobre o Vassort sustenta sua crítica é, ao mesmo tempo, o estímulo indispensável e estruturante da apropriação de um objeto com certa autonomia interpretativa. Acaso não é assim que opera a ciência?<sup>207</sup> A emergência de muitos estudos sobre a interface esporte e sociedade - em diferentes universos de interpretação e análise e em diversos contextos sociais e culturais - seguem o mesmo caminho que tantos outros estudos na área das ciências humanas: eles dão conta de uma necessidade da ordem para depois se transformarem em respostas a esta última, como os citados de Damo (2005) ou Bitencourt (2009). O concreto é que, se a virada de época em que o esporte mostrou presença positivamente no mundo acadêmico, impactou diretamente a favor de uma reivindicação teórica e interpretativa positiva e otimista do esporte, é porque ela também supõe hoje uma visão crítica e de revisão dos seus antecedentes na construção civilizatória das emoções, do corpo, de representações identitárias e de modelos de socialização.

Efetivamente, durante a década de '90, o futebol argentino viveu uma especial tensão entre a demanda transformadora e inovadora impulsionada pela onda de privatizações, o modelo de mercado, e uma estrutura organizativa tradicional fortemente dominada pelos dirigentes dos clubes na Associação do Futebol Argentino (AFA). Esta tensão podia ser claramente deduzida dos constantes adjetivos desqualificadores com que os dirigentes dos clubes eram objeto na mídia: vínculos “escuros” com as *barras bravas*<sup>208</sup>, supostas

---

<sup>207</sup> Lembremos que o famoso estudo da década de '40, da antropóloga norte-americana Ruth Benedict, *O crisântemo e a espada*, sobre a cultura japonesa “oportunamente” financiado pelo aparelho militar norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial, se transformará em modelo de crítica ao universo cultural de origem da pesquisadora.

<sup>208</sup> Foi o sociólogo Juan José Sebreli (2002), quem se transformou em um dos assíduos convidados dos programas de TV que debatiam esta questão, durante os '90. Ele encarnou o “uso” mediático de uma perspectiva “em desuso” nas Ciências Sociais. Em resumo, ele afirma que se trata de uma “estranha forma de delírio coletivo”, “que Reich chamava uma ‘peste emocional’, e que “ataca os

dificuldades para separar seus desejos pessoais “da realidade econômica” dos clubes, contratos baseados em “desejos” e “impossíveis de pagar”, a “desnecessária” participação em decisões “exclusivamente futebolísticas”, etc. A frase que definia a época -“etapa de consolidação da democracia”- escondia uma luta de interesses radicalizados e o futebol não era exceção. Assim, a década de ‘90 inclui a privatização massiva dos meios de comunicação, a diminuição sistemática do orçamento educativo; e a transformação das cidades, de um modelo de classes médias integradas à sociabilidade urbana, passa para um dispositivo de separação e distinção social em torno dos *shoppings* e condomínios fechados (Wortman 2003: 25-34).



*Dois jovens, altos dirigentes do Estudantes, comparam a modernização atual do clube com as reformas nos escritórios direcionais da Sede e apontam as salas dos dirigentes, agora com paredes envidraçadas, “comparáveis com a transparência que deve ter um banco”. (Foto do vídeo Dirigentes II)*

A força desta demanda “de época” criou as condições simbólicas e materiais para o surgimento, dentro dos clubes, de “formas locais” do que é

---

argentinos em determinadas circunstâncias históricas ... nos delírios de unanimidade, o indivíduo perde sua autonomia, anula todo sentido crítico, e se dilui na massa unida pela paixão”; assim, termina o autor destas linhas, “qualquer dissidência é estigmatizada” (*tradução minha*, Sebreli 2002: 195). Esta interpretação insistirá em uma “regressão psicológica” (ou “ópio dos povos”), e faz encaixar o discurso repressivo-educativo com verdadeiro materialismo sociológico que naturaliza o futebol como espaço de “identidades subalternas em conflito” e o questiona a partir de seus supostos fundamentos anti-modernos de origem. Como se o conflito não fosse moderno, esta visão obscurece a colisão de uma estrutura histórica de rivalidades em que o futebol argentino inscreve precisamente sua “produtividade cultural”, virando, assim, discurso dominante na mídia e introduzindo a violência como explicação resultante. Em síntese, irá se basear no conhecimento de um dispositivo de comunicação assentado no desprezo pelas massas, numa categoria pseudoanalítica e nativa como “violência” e transformá-la em fonte explicativa e referente da natureza das coisas socialmente “indesejáveis” (Uliana 2009). Em realidade, o que Sebreli –e de certa forma menos explícita também Roberto Di Gianno – está deixando olímpicamente de lado, sem mais nem menos, é a dimensão polifônica, pública, plural e participativa do futebol, tanto na sua dimensão espetacular quanto na produção das identidades clubísticas adquiridas, trabalhosamente, pela cultura nas práticas da vida cotidiana e sua atualização do acontecimento futebolístico. Estes elementos, presentes na ordem das práticas, constituem, justamente, o solo complexo onde crescem as significações coletivas que Weber exprime como fundamento da construção dos tipos ideais sociais que sustentam o poder e a dominação moderna (Weber, 1964: 12). Quando se diz “o futebol é o ópio dos povos”, em realidade, se está afirmando que “o mito é o ópio dos povos” - e, nisso, uma multiplicidade de sentidos, que o autoritarismo (e com ele a autoridade) opera sobre o futebol com o objetivo de enclausurar o mito - ; se quer dizer, justamente, que (o futebol) é um dos lugares onde ele (o mito) ipode ser enunciado e discutido como tal, como “invenção do social”.

conhecido mundialmente como o “universo global de capitais de inversão com um forte controle da mídia” (Shohat & Satam 1996:149). No futebol argentino, este processo teve como manifestação primária o desenvolvimento dos “representantes”, e mais tarde dos “grupos de investimento”. Estes, porém, emergiram em uma associação não explicitamente regrada com relação à estrutura civil tradicional dos clubes.

Deste modo, o modelo de tecnocratização do Eng. Macri se instala no imaginário mediático e extravasa sua ‘mitologia neoliberal’ para os clubes. Sua realização objetiva, porém, está muito longe do modelo de *management* imaginado<sup>209</sup>. Não se trata, estritamente, da criação de empresas legalmente habilitadas para “gerir” o futebol com a lógica de acumulação capitalista como as chamadas “parcerias” definidas como parte “estrutural” de uma “gestão estratégica do futebol” no Brasil (Leoncini & Silva 2005). Trata-se, em realidade, de grupos ligados fundamentalmente à compra e venda de jogadores, que serão integrados, muitas vezes, por figuras do mundo empresarial, das finanças ou, inclusive, hoje com maior frequência, do mundo do *show-business*, onde teriam, porém, como *mediadores* centrais, figuras “internas” ao futebol profissional e aos próprios clubes, como por exemplo, ex-jogadores, ex-treinadores, etc. No Estudiantes, este processo de identificação entre investidores e figuras identificadas com a história do clube, remonta justamente a meados da década de 90, justamente quando o time cai para a segunda divisão, depois de muitos anos de decadência econômica e esportiva e se declara a “refundação do clube”. Bilardo, Manera, Madero, velhas glórias do Estudiantes dos anos ‘60, e Russo, Malbernat, Trobiani, entre outros ex-jogadores do time campeão de 1982 e 1983, formam uma “sociedade” informal e assumem a direção do clube, conseguindo a volta à Série A, dez rodadas antes da finalização do campeonato. O poder que tinham conseguido no clube era tão significativo que o Sr. Orsini lembra sua participação desta forma:

---

<sup>209</sup> Se a década de 1990 será um período que verá renascer a problemática modernizadora em todos os níveis de gestão pública da sociedade argentina, incluindo a organização do futebol como entidade civil, se observará também uma forte resistência – por parte dos representantes políticos dos clubes de todos os níveis que formam a mesa diretiva da Associação do Futebol Argentino (AFA) – à drástica reforma da organização dos clubes segundo este modelo de gestão comercial. Inclusive, se assistirá ao rotundo fracasso da tentativa de privatizar o *Racing Club* de Avellaneda, proposta que será fortemente rejeitada dentro e fora dos estádios pelos torcedores e sócios durante os cinco anos em que vigorou. Em 1999, a crise econômica do clube leva a Justiça Federal a declarar a falência do clube como entidade civil. Deste modo, Blanquiceleste SA é criada com o objetivo de assumir a condução do clube e responder aos credores. O time sai campeão em 2001, depois de quase 35 anos sem títulos. Contudo, a política de curto prazo domina a Sociedade Anônima, que é obrigada se desfazer de quase todos os jogadores campeões. Rapidamente, torcedores e sócios iniciam manifestações para pedir a “devolução do clube”. Eram os mesmos que tinham se manifestado contra a privatização. Em 2005, a AFA aceita que o clube recupere sua qualidade de entidade civil.

Yo siempre fue conocido por ser muy práctico y saber cómo ganar negociando. Así, que un día, estaba acá sentado, en el escritorio de mi empresa, cuando se aparece Russo. Mi sorpresa fue total. Entonces me contó que el y otros muchachos se estaban haciendo cargo del club, bah!... del equipo profesional y de las divisiones inferiores... Entonces me dice que quería que yo fuera el representante del club en la AFA, porque yo ya había sido antes representante en la AFA como presidente. Me dice que tengo que hacerlo por amor al club, que era el único que podía negociar con Julio... Grondona, el presidente de la AFA. Necesitábamos ciertas ventajas, como por ejemplo jugar a la noche<sup>210</sup>, la revivir la mística de Estudiantes en las copas de los años 60.

Em consequência, podemos adiantar que, no Estudiantes, novas habilitações contidas no receptáculo cultural dos especialistas e profissionais entraram muito cedo em conexão experiencial com as modalidades práticas de gerir as forças do poder e normas da autoridade historicamente produzidas nas “pequenas sociedades” clubísticas. Os jogadores são, assim, parte de uma história social dos clubes, cujo poder remonta à sua capacidade de ser veículo para as identificações em determinados acontecimentos que são marcas de referência. Assim o confirma o **Esc. Olivera**, tanto no relato sobre sua posse como no diz respeito às negociações econômicas<sup>211</sup>:

Nosotros creamos un grupo que se conocía mucho. Y los jugadores tienen también siempre sus tres o cuatro representantes que generalmente son aquellos muchachos que están un poco más dispuestos, más capacitados. Yo tuve, digamos así, la suerte de tener entre algunos de esos ‘punteros’ a personas fantásticas. Eso ayuda mucho cuando estás al frente de un club, porque una discusión de orden económica no deja de ser un tanto rípida, se ser ácida... porque si los protagonistas no se tienen afecto recíproco, es muy posible que en la repetición de ciertos hechos se produzcan alejamientos, por eso eran sanos esos líderes, para el club y para el éxito del grupo...

São inumeráveis os relatos que escutei de vários ex-dirigentes do Estudiantes, que mostravam a presença negociadora dos jogadores, não

---

<sup>210</sup> As grandes “épicas”, durante os jogos na Taça Libertadores na década de 1960, eram à noite. A campanha do Estudiantes durante o campeonato da Série B de 1994 foi transmitida integralmente por *TyCsports*, fato que não tinha acontecido antes. Durante esse campeonato Estudiantes jogou 15, dos 38 jogos, de noite.

<sup>211</sup> Sendo tradição, no futebol argentino que, durante as copas internacionais, os jogadores participem como “sócios” da instituição nos eventuais ganhos, tende-se a desculpar, assim, desde o dirigente, de cima para baixo, esta fragilidade.

unicamente quanto a questões de interesse dos mesmos. O **Esc. Olivera** considerava esta prática necessária, pois uma liderança confiável era capaz de “controlar”, por exemplo, os próprios desajustes dirigenciais durante este tipo de competições internacionais “*e proteger o clube de gastos desnecessários*”.

Neste contexto, efetivamente, as identificações dos grupos de sócios “tradicionalistas”, entre eles, os chamados de “dirigentes sociais”, emergidos da expansão e do crescimento de associações da sociedade civil, coexistiam desde muitos anos antes com condutas, estilos de vida, esquemas de recrutamento e reprodução mais flexíveis que os declarados na mídia. Todavia, neste novo quadro, serão apresentados como uma problemática a “ser resolvida”. Junto com a notória debilitação do modelo de ascensão social burguesa que caracterizou a utopia democrático-capitalista na Argentina, profissões que - como as que vimos no capítulo anterior - eram centro de reconhecimento social e cultural da vida e da utopia urbana, deixaram de dominar um campo que era fundamentalmente fronteiriço, móvel e integrador como os clubes. Deste modo, na prática retórica pública, - apesar destas identidades profissionais estarem no centro da problematização sobre a *profissionalização* de um “modelo de gerenciamento” -, as experiências relatáveis dos dirigentes entrevistados permitem tecer a trama de interpretações em favor da pretendida “desafetivização” da vida pública clubística que os condena e obriga à posição de distinção, como passo necessário para vencer as ineficácias e perigos de qualquer gestão.

Estudiantes venía de una crisis muy larga, especialmente en el fútbol, pero también en la sede en la institución. Lo hicimos entre como treinta amigos y conocidos. Entonces un día nos sentamos todos juntos, habiendo tomado consciencia de qué “despelote” iba ser para nosotros lo que nos venía por delante. Entre un grupito de 4 o 5 de confianza, empezamos a decir: “primer problema, no podemos ahora decir, vos no...” Si el que teníamos al lado nuestro hace 5 o 6 años no le podemos decir “vos no, vos sí, vos no. Buscaremos 3 o 4 de afuera que sean buenos, pero a estos no lo podemos dejar afuera”. Metimos a todos adentro, y teníamos la gran suerte de teníamos esos que en derechos se llama “*afectus societatis*” tan acentuado, que nos reuníamos en comisión, treinta tipos, como una familia... (**Esc. Olivera**)

Um “excesso” afetivo entre pares gera dificuldades para a comunicação racional, porém a categoria de “família”<sup>212</sup> é uma constante entre os dirigentes

---

<sup>212</sup> O que significa que um dirigente do futebol diga com tanta firmeza “aqui, nós somos todos uma família”? E porque afirmo estamos frente à presença de uma “avaliação moral construída politicamente”? Em primeiro lugar, a possibilidade de um valor moral-legal-sexual como “a família”



mais auto-declarados “modernos” que entrevistei. Assim, o *projeto* de clube contextualizava a ação dirigencial nos discursos dos dirigentes tanto “tradicionais” como os mais “modernos” em direção à uma previsibilidade, e tem como principal função operar drasticamente no nível da estabilidade emocional que ameaça a consecução racional dos objetivos e produzir certa unicidade da polifonia típica em contextos de sociabilidade heterogêneos. Os exercícios dirigenciais precedentes na trajetória de alguns destes sujeitos, como clubes de bairro ou associações profissionais, são aceitas como necessárias do ponto de vista moral, mas não suficientes do ponto de vista prático no caso de um clube que participa do sistema futebolístico. Nesta última dimensão servem, digamos assim, como patamar de conhecimento de aspectos formais do funcionamento da administração legal de uma organização voluntária, mas dificilmente são confundidas como um precedente de continuidade como o que significa administrar e conduzir um clube de futebol profissional (em todo caso, como um “pulo”, muitas vezes entendido como lógico emocionalmente e impulsivo racionalmente). A dimensão e a escala do profissionalismo no futebol marcam o aparecimento de outras esferas e problemáticas de ação, negociação e aprendizagem. Neste sentido, a trajetória empresarial e a experiência em altos cargos de Estado são percebidas com maior objetividade e preparação prática para levar adiante as tarefas de articulação entre esferas com diversas lógicas de gestão. A tendência é a de combinar ambos os métodos através da presença de profissionais, donos de empresas, políticos, diretivos de Estado, etc., dentro das comissões diretivas. Como foi mencionado, a ênfase em um ou outro tipo de imagem de gestão dependerá da situação futebolística, institucional e financeira.

Apesar de que a noção de “projeto” é uma condição retórica - cuja objetivação do “naturalmente” aceitável para o dirigente permite ajustar

---

encontrar um território social apropriado para ser acionado criativamente, se origina por estar fora do “seu” lugar “natural”. Neste sentido, os dirigentes demonstram que sua tarefa como representantes do conceito *elite* –além do seu êxito individual como tal- inscreve suas virtudes, habilitações, e outros significados em um estatuto prático do poder como exercício que envolve os riscos de um laboratório cultural. A dimensão especificamente política de todo este assunto deriva de como as qualidades abstratas desta moral são elaboradas objetivamente no contexto de uma atividade complexa e fundamentalmente polifônica como o futebol. Todos sabemos, inclusive, que no ocidente nem todas as famílias são iguais. Nem todas produzem -micropoliticamente falando- as mesmas relações sociais e de poder. Observemos então que, em realidade, é uma noção estruturalmente polissêmica. Não é de modo algum unívoca. Todavia, ao dizer “*somos todos uma família*”, todos parecemos entender de que se trata e o que significa: pertinência, afeto, hierarquias, normas... e claro, proibições. E que significam as proibições entre dirigentes de futebol? Por exemplo, significa a prescrição de fazer negócios pessoais com o clube e entre eles próprios, dependendo da posição de poder que ocupa cada um na escala de autoridade. Ainda que, depois, na prática, esta regra moral seja transgredida, como também acontece nos jogos sexuais entre irmãos, o elemento que nos interessa ver é como é vivida e administrada a “experiência” concreta desta noção moral, e inclusive as tentativas de transformá-la também em uma norma jurídica pelo conceito Estado, que pressiona o clube como formação relativamente autônoma.

práticas materiais em favor da “*administração da paixão*”, como é declarada por eles – aparece sempre com uma dose de crítica ao voluntarismo e improvisação, reconhecidos, intimamente, como obstáculos pelos interlocutores. Por outro lado, esta noção termina por ser abrangente e inclusiva para os novos quadros de gestão burocráticos no Estudantes, pois permite traduzir a racionalidade iluminista para *uma* racionalidade circunstancial e determinada por objetivos relativos (Dupuy 2006: 81), com ressonâncias no campo político dos clubes e das oposições.<sup>213</sup>

No momento em que comeci a ter vínculos de proximidade com a chamada ‘*mesa chica*’ do Gimnasia, percebi que havia entre eles um debate vigente sobre o papel dos representantes de jogadores, especialmente daqueles que se ocupam dos mais jovens. Em primeiro lugar, sua posição estava fortemente marcada por uma diferenciação “*com dirigentes de outros clubes que aceitavam a intermediação irrestrita de representantes*” (Arq. González). O discurso dos dirigentes da ‘*mesa chica*’ defendia as transações “*de clube a clube*”, sem cogitar a possibilidade de intermediação contratual dos direitos federativos com os representantes. Apesar da aparente - e declarada- identificação com valores empresariais dessa ‘*mesa chica*’, o debate estava fortemente perpassado por um discurso humanista sobre a exploração de crianças por “*peessoas inescrupulosas e mercenárias*”, algo que “*nunca aconteceu nem será tolerado pela tradição de Gimnasia*” (Eng. Del Franco). Como resultado objetivo (pretendido), tratava-se da defesa do clube como instituição monopolizadora do direito contratual de formação e comercialização de jogadores, com o conseqüente fortalecimento do poder tradicional do clube ao qual eles respondiam geracionalmente.

A complexa operação de redução da prática do futebol a uma mercadoria cultural não é mecânica, uma vez que, como toda forma cultural, este (o futebol) engloba um conjunto de práticas, tradições e identidades fortemente enraizadas em ações e representações sociais, como percebemos na declaração que segue:

Nosotros buscamos que la formación del jugador sea íntegra. No solamente en lo físico... en lo físico, en lo mental. Es decir, que sepa cómo tiene que hacer un contrato, que no

---

<sup>213</sup> Walter Benjamin (1993) já tinha, efetivamente, falado deste processo cultural quando entendia que as novidades instauradas no nível da arte passariam pelos dispositivos técnicos e instrumentais na reprodução dos objetos artísticos. No campo mais estreito dos clubes, sendo o cálculo e a especulação, ampliados pelas necessidades expansivas do clube-emblema como mercado consumidor, a dirigência tenderá também à constituição imaginária do seu campo como *uma profissão em si mesma*, baseada na estetização de uma economia-política dos clubes, ancorada nas emoções futebolísticas e gregárias da instituição.

tenga que depender de un representante, que sepa como manejarse. Hoy te encontrás con representantes que van a mirar partidos de fútbol con chicos de una edad de ocho o nueve años, y que por ahí son clubes del interior que las deudas que tienen son de por ahí mil pesos, que deben de luz, o dos mil pesos que deben de algún impuesto. Entonces le pagan con tres mil pesos, hacen un convenio y dicen “tal chico es mío, y yo dentro de un tiempo...”, firman un contrato lo llevan a probar a Gimnasia, a River, a Boca, a donde fuera. Gimnasia hoy está haciendo hoy las transacciones de jugadores, de club a club. Si viene un representante con una autorización de fulano, el club o podrá escuchar, pero oficialmente, puede empezar a hablar cuando viene un pedido de club a club. **(Eng. Del Franco)**

Como pode ser observado neste último depoimento do dirigente do Gimnasia, este novo cenário está minado de tensões e contradições, e a frase “de clube a clube” exprime duas mensagens que articulam lógica empresária com práticas de resistência. Ao mesmo tempo em que se coloca ao lado da formação cultural dos jogadores jovens, pois estes são considerados seres fragilizados e despreparados para assumir suas responsabilidades dos novos tempos, tende a fortalecer a entidade dirigencial formal do clube como a única legitimamente preparada para negociar as condições de transformação do modelo. Assim, o dirigente deposita no clube não somente o poder simbólico de resistir às transformações que atentam contra a função social do “ser dirigente”, mas também o poder de resistir contra uma mercantilização que ameaça tirar o poder concreto sobre o desenvolvimento como intermediário de uma dinâmica de circulação dos produtos culturais que o clube precisa conservar, entre eles, em particular, a criação, o controle e a posse dos jogadores, de determinados jogadores, e não de “qualquer jogador”. Com a transformação dos clubes em formas de “culturalismos” (Appadurai 1988; 1991), as lógicas da especulação trabalham sobre as singularidades políticas que as agremiações profissionais tinham conseguido fabricar como um âmbito de intermediação e negociação entre a identificação com a formulação institucional da sociedade como clube.<sup>214</sup>

---

<sup>214</sup> Isto se produz num contexto histórico determinado, já que, como bem sustenta Jonathan Friedman (2001), as identidades e a cultura local adquirem um caráter de notável centralidade hoje, devido, em parte, ao avanço do capitalismo global que minou o peso material dos velhos estados nacionais como estruturas unificadoras e articuladoras das experiências humanas e da cultura. Neste modelo, o clube e o emblema que representam estão fortemente mediatizados e tendem à unificação de um tipo ideal de espectador sob as premissas do formato televisivo. O resultado, à primeira vista, é um abrandamento do *deep play* que caracterizou o futebol durante quase todo o século XX.

Como vemos, a aparição do que poderíamos chamar de “império do dinheiro”, dentro do futebol profissional, não é necessariamente contraditório com a permanência, no tempo, da categoria clubística de dirigentes “tradicionais”, associados com uma retórica do progresso e da integração formal. Porque não se trata de sujeitos, unicamente, mas da posição relativa que eles ocupam na configuração desta nova escala comunicativa local. Um dirigente “tradicional”, empresário ou profissional liberal, entende que a improvisação e o voluntarismo são condições necessárias, no sentido dado por uma *cultura objetiva* (Simmel 1999) que opera para com a construção social do *self* pessoal e grupal. Ali subsiste o sentido último da referida “entrada” num grupo de dirigentes concorrentes a cargos de CD que se apresenta, narrativamente, como resultante de uma “chamada” e de uma “ocasionalidade”. Esta “chamada”, vista como inesperada, envolve um duplo aspecto metonímico, uma vez que se transforma em instrumento prático para a ação e para a diferenciação das “estirpes”. Trata-se de um “tesouro” que deve ser conservado, para afastar o máximo possível - da sociabilidade entre dirigentes ou de um grupo-, a recorrência das crises e instabilidades políticas internas que questionam – melhor dizendo, que reformulam- a continuidade dessas estirpes. Por um lado, supõe a emergência de um compromisso de reconhecimento entre pares sobre suas qualidades profissionais, morais e de trabalho coletivo e associativo, tanto por assumir o risco empresarial como pela prudência deliberativa. Por outro, ela é a forma concreta em que o reconhecimento atua como “*logos* afetivo” que funda juridicamente um estado de sociabilidade política lúdica e criativa. Um grupo dirigente, geralmente, se pensa a si mesmo como formando parte de uma máquina afetiva e não simplesmente de um estado ou de uma empresa racional e burocrática.

As profissões, as que temos aqui colocado como categoria em conexão com a ação da apresentação dirigencial, são um aspecto da heteronomia e da heterogeneidade deste campo de gestão institucional - e como um lugar promissor de uma identidade, cuja linha de (de)marcação parece sempre deixar entrar e sair as personagens de origens diversas, - sofrem a ameaça de um discurso científico. Estes discursos são, casualmente, contemporâneos à criação dos clubes, nos finais do século XIX, e fundamentados, em parte, na revolução marginalista e na teoria econômica (Whitley 1984). Porém, assim como acontece com as “lutas de fronteiras”, em outros campos sociais profissionalizantes (Lebaron 2000), as mudanças na direção dos clubes - que assistimos hoje nas agremiações argentinas - com a valorização de um poder tecnocrático, mostram um deslocamento desta identidade dirigencial clássica ancorada em um campo de ação performática flexível para um outro campo, de maior autonomia semiótica, que enfatiza a funcionalidade e os “sentidos

do poder” com independência da adesão a um tipo de capital social e simbólico mais tradicional. Como consequência deste processo mais geral, os dirigentes *no* futebol tendem a ser objeto de um deslocamento das funções retóricas para as decorativas.

Resta saber se, como nos casos da Europa, na Argentina ou Brasil, este processo de reconfiguração a favor das operações retóricas do lugar dos dirigentes no sistema clubístico terá como resultado unicamente uma perda de controle sobre os elementos do jogo ou se é a antessala do fortalecimento da dimensão simbólica e, por conseguinte, uma maior presença como representantes dos valores dirigenciais encarnados em temas aqui tratados: risco, prudência, negociação, força, comunidade, caráter, decisão, associativismo, etc. O acesso à condução pode ser tanto um veículo de acesso como um “pulo” a este universo de reconhecimento moderno, como mostra o caso das recentes compras do *Chelsea* e do *Manchester City* por parte de xeiques árabes. O dinheiro, em grandes somas, claro, representa um meio de explicitação do poder simbólico em um universo que manipula fundamentalmente significados, como o futebol. Por outro lado, casos como os do *Barcelona* ou do *Real Madrid*, e porque não, nos próximos anos de Gimnasia e Estudiantes, mostram que esse “império” criado pelos dirigentes serve de plataforma para a apresentação de “estirpes” que transcendem o campo futebolístico. Explicitam assim, uma vez afastados dos interesses econômicos, das responsabilidades administrativas e tecnocráticas objetivas, uma busca pelo controle sobre os novos territórios virtuais da experiência (Lyotard 1993; Maffesoli 1995, 2000) constituindo-se, junto com outros protagonistas do jogo, em figuras de poder, emblemáticas e públicas. Assim, personalidades como Ferguson, Valdano, Bianchi, Verón e tantos outros protagonistas de uma nova dirigência, associada à ideia de *management*, assumem papéis semelhantes ao de “Gerias” dentro da instituição militar para os Estados globais.

#### **4.4. A busca do que permanece**

É lugar comum dizer que os processos de especialização, profissionalização e diminuição da “paixão deliberativa” do espaço dirigencial, a partir da chegada de novos homens de negócios nas entidades esportivas, significam, necessariamente, uma transformação radicalizada dos modos de gerenciamento de assuntos financeiros, organizativos, técnicos e propriamente esportivos. Todavia, a influência real destas transformações, e sua pressão sobre os clubes - compreendidos ainda dentro da categoria de entidades da sociedade civil orientadas ao “bem estar” comunitário - das empresas “inversoras” ou “parceiras”, mostram formas “híbridas” de introdução de capitais globais. E se no Brasil, por exemplo, se observa uma

negociação entre clubes e novos capitais econômicos, na passagem de um modelo de organização baseado em sociedades civis para o outro dominado por sociedades anônimas e comerciais, a Argentina, parece ainda longe de uma mudança radicalizada, onde as formas concretas desta nova negociação entre identificações e capitais tomam sentidos de resistência e de uma luta pública por enquanto ganha pela posição “conservadora” da AFA.

Sem dúvida, trata-se de um processo cujo contexto mais amplo é uma liberalização dos parâmetros de gestão que enfatiza a noção de lucro e de “governo de empresa” que substancializa a “generalização da lógica mercantil no entendimento e na concepção de outros domínios da vida em sociedade” (Rodrigues & Neves 2006: 170). Porém, entre as evidências mais relevantes de que há uma “continuidade” necessária entre “gestão” e “clube”, estão a lógica de produção de jogadores afetada pela dinâmica do dom/talento, a exigência dos simpatizantes e torcedores de produzir uma acumulação constante de capitais sociais e simbólicos - com vistas hegemônicas através da *performance* futebolística dos times superiores-, a permanência de instâncias eleitorais nos espaços político-administrativos, entre outros. Sua especificidade como fato social continua sendo um *‘equilíbrio instável’* em que coexistem os diversos atores envolvidos neste *big play* (Bittencourt 2009: 125-135), que, de uma outra forma, investem em acontecimentos –incluídos os *projetos*- que habilitam a atualização de valores morais, e ligando suas sociedades com as identificações; uma “reconversão incessante, em forma de dinheiro e afeto, de interesses individuais e coletivos, de fidelidade e traição, idolatria e escárnio, enfim, uma miscelânea de eventos e símbolos” (Damo 2007: 194).

As dicotomias futebolísticas em que se inscrevem estas identificações -afetivamente produzidas- em La Plata, não se explicam unicamente, por exemplo, pela incorporação racional de modelos *endógenos* ou *exógenos* de produção de jogadores (Damo 2005); porque, eles são, em si mesmos, a marca sentimental de uma “hibridez natural” - que vive na trama social e cultural-, que exprimem como experiência coletiva. Neste sentido, quando a perspectiva antropológica de Leach ligava diretamente o conceito de poder aos aspectos relacionais contidos nas “zonas liminares” das quais participam os atores sociais, ela estava propondo, precisamente, pensar as dimensões emotivas que o compõem, como o apreço, os sentimentos, etc. (Rapport & Overing 2007: 338).

Entre 2004 e 2009, os clubes de Estudiantes e Gimnasia viveram acontecimentos de excepcionalidade, que colocaram em cena novamente os dirigentes e suas “idéias de poder” no clubismo local. O primeiro dos acontecimentos teve a ver com a chegada ao cargo do novo presidente de Gimnasia, o empresário Juan José Muñoz, em 2004. O segundo, com o regresso, de um “filho pródigo da instituição”, o jogador Juan Sebastián Verón.

O primeiro chega à presidência sem possuir um mínimo de capital social ligado ao universo dirigiencial no passado da instituição. O segundo, filho de um dos mais importantes jogadores do Estudiantes durante a década de 1960<sup>215</sup>, prepara seu ingresso como *liderança* renovadora, vários anos antes de seu retorno como jogador com a obtenção da final do Campeonato argentino em 2006, quando ainda era jogador do *Inter de Milano*<sup>216</sup>. Desde 2002, aproximadamente, sob a presidência de Julio Alegre, Verón preparava suas próprias habilitações ‘supra-futebolísticas’ com grandes somas de dinheiro destinadas à tecnologização do centro de treinamento de City Bell e a promover um espírito modernizador entre os mais jovens dirigentes (com doações em infra-estrutura e investimentos em jogadores através de testas de ferro<sup>217</sup>).

Em cada encontro, o **Eng. Del Franco**, dirigente do Gimnasia, mostrava-se indignado e dividia intrigas que “*envolviam o mundo pouco claro das transferências de jogadores na Argentina*”. Argumentava, inclusive que era Verón quem tinha participação importante na saída intempestiva de vários jogadores do Gimnasia durante 2006 e 2007, como os zagueiros Gustavo Goux ou Diego Herner, já que ele, Verón, seria, em realidade, o “*donos oculo*” dos Direitos Federativos desses atletas em mãos de testas-de-ferro. O objetivo de Verón, segundo este dirigente, seria “*desmantelar o clube Gimnasia e enviá-lo à segunda divisão o quanto antes*”.

Tentei, sem sorte, entrevistar pessoalmente J.J. Muñoz; o conceito deste grande empresário local oscila entre o respeito, como um ousado e arriscado criador de bons negócios, mas também como “autoritário”, “caudillo” e “ignorante”. Em duas oportunidades fiquei esperando, sem ser recebido, na porta *custodiada* de sua casa de City Bell - aonde tinha sido convocado para uma reunião com ele por comunicação telefônica pessoal - sem ser recebido. Em todo caso, Muñoz será interpretado, durante os primeiros dois anos de gestão, sob o paradigma de um dirigente que vem do exterior do futebol e da experiência clubística e institucional. Possuidor de uma carreira empresarial vertiginosa durante a década de ‘90, supostamente alimentada pelos vínculos com o Estado e com seu pertencimento ao

---

<sup>215</sup> Juan Verón, “la bruja”, jogador herói do time do Estudiantes e formado no clube. Seu gol em 1968, levou à vitória sobre o *Manchester United* na final da Taça Intercontinental (agora mundial de clubes) no estádio de *Old Trafford*.

<sup>216</sup> Depois da sua prematura venda, aos 19 anos, ao *Boca Juniors* em 1995, sua trajetória como jogador incluirá os clubes *Parma*, *Lazio*, *Manchester United*, *Chelsea* e *Inter*. Com a Seleção Nacional participará das Copas do Mundo de 1998 e 2002.

<sup>217</sup> Segundo as fontes do clube, que consultei, calcula-se que Verón destinou entre 500 mil e 1 milhão de dólares à construção de um Centro de Treinamento no prédio do clube, em City Bell. Os supostos investimentos em jogadores são mais difíceis de demonstrar. No entanto, seu próprio representante, Miguel Pires, tem se transformado, praticamente, em uma ‘firma comercial’ que hoje controla a quase totalidade das transferências dos jogadores que pertencem ao clube.

peronismo, deixou de ser um simples verdureiro para transformar-se, quase que “de um dia para outro”, no maior empresário da cidade e, possivelmente, da região. Seus vínculos políticos com personagens fortes do Mercado Central de Buenos Aires<sup>218</sup> resultou na criação de várias empresas em diferentes ramos de atividade, como seguradoras, financeiras e distribuidoras de alimentos<sup>219</sup>. No ambiente futebolístico local era conhecido por oferecer grandes banquetes no seu miniteatro pessoal, localizado na sua mansão do bairro de City Bell. Nesse local, junto a reconhecidos personagens da política e da economia da cidade, assistia, nos fins de semana, aos jogos do seu clube entre caviar e champagne. Assim, a veloz construção de um capital social tinha como marca uma sociabilidade ausente de capital simbólico reconhecido. Muito anos antes de ser eleito presidente<sup>220</sup> era conhecido nos círculos empresariais e político-partidários da cidade pelas suas extravagâncias “populares” e “excessos” em festas e solenidades.

No dia de sua posse, Muñoz - “o chefe”, como era chamado entre os dirigentes próximos que entrevistei - declara:

Decía en algunos discursos que había problemas económicos y deportivos importantes. Pero lo mas grave era que se había perdido la identidad del club. Y creo que la hemos de golpe, espontáneamente.<sup>221</sup>

Novamente aparece a idéia *coup de tête* relacionada ao dirigente em ascensão, desta vez sobre a forma de “espontaneidade”. Repetindo-me, sugiro que dificilmente a eleição de um Presidente será pensada como resultado de uma carreira, mas sim, como do “acaso” e de uma ruptura com o presente. Porém, se no Gimnasia, esta excepcionalidade “emerge do profundo” dos seres e “se encaminha” finalmente ao destino ‘dirigencial’, no Estudiantes, ela é o resultado da racionalidade que sempre, imprevisadamente, impera frente às paixões, obrigando ao surgimento da vocação e que, como vimos em pontos anteriores, “é construída” por uma “trama racional e histórica” fundamentada nos afetos público, e, onde “o dirigente” é a expressão “inconsciente” de “uma vocação” flutuante de uma ‘estirpe’.

O concreto é que Muñoz assume através de eleições em um contexto de crise futebolística e institucional, no Gimnasia, no ano de 2004. Suas primeiras ações são apresentadas como de linha dura, começando, de acordo com o que se espera desta lógica, por uma “limpeza” no plantel profissional.

---

<sup>218</sup> Organismo do Estado nacional onde se comercializa a produção agrícola da Província de Buenos Aires.

<sup>219</sup> Todas elas possuem nomes religiosos, vinculados à sua adesão declarada à organização *Opusdei*.

<sup>220</sup> Sua lista, chamada “Agru-pasión por Gimnasia” obteve 2110 votos (60,4%)

<sup>221</sup> *Diário El Día*. la Plata, 28 de novembro de 2004.



Consegue manter o clube na categoria com a contratação de Pedro Troglio como treinador, um ex-jogador do time. Durante esse período de êxito futebolístico, consegue, inclusive, expulsar jogadores históricos (como o meia Gustavo Barros Schelotto), os quais foram indiretamente acusados de “falta de vontade”, “aburguesamento” e “camarilha”. O time do Gimnasia conseguiu sucessivas boas campanhas e um sub-campeonato, em 2005. Com um discurso simples, Muñoz parecia encarnar uma versão local do discurso modernizador que tinha colocado os empresários como depositários das transformações e das inversões necessárias para levá-las adiante. Suas extravagâncias eram, assim, interpretadas como uma virtude associada com sua ascensão vertiginosa, com o seu espírito aventureiro e como parte do apaixonamento sem igual de um empresário para com as cores do clube; esse fato que era interpretado como “amostra” de que levaria o Gimnasia ao ansiado campeonato por “*faltas de decisão e pelo caráter dúbio de certas pessoas*” (Eng. Del Franco). Durante a presidência de Muñoz houve uma forte valorização das práticas mercantis ou economicistas no Gimnasia. Mas o processo de adaptação e resistência foi vivido de forma muito diferente: apesar de que, no Gimnasia, a presidência de Carlos Delmar (um empresário dono de uma cadeia de lojas de confecção) foi marcada por um certo êxito de políticas empresariais, este fenômeno se radicaliza com a ascensão do Presidente J. M. Muñoz, em 2003. Muñoz era visto como a resposta à debilidade do seu antecessor no poder, o Cdr. Dominguez.

Contudo, no final de 2006, Muñoz torna-se, abruptamente, o centro de um debate na mídia nacional e vira protagonista do “problema” dos “dirigentes argentinos”. Durante o intervalo do jogo em que Gimnasia vencia o Boca Juniors de 1 a 0, Muñoz desce intempestivamente ao vestiário do juiz para reclamar pela expulsão, do campo de jogo, do treinador e pelos cinco cartões amarelos sofridos por jogadores do time. Segundo as crônicas, Muñoz o ameaçou de morte, com o argumento de que as faltas – dos jogadores expulsos - estariam “bombeando”<sup>222</sup> o time do Gimnasia<sup>223</sup> e a partir deste episódio, o jogo foi suspenso. Muñoz foi fortemente criticado e julgado pela opinião pública como o estereótipo do dirigente autoritário e fanatizado, carente de racionalidade.

No dia seguinte, mais de setenta sócios manifestaram-se na Sede Social do Gimnasia pedindo sua renúncia ao cargo de Presidente. Para a

---

<sup>222</sup> Termo “futebolero” utilizado para referir-se a uma suposta atuação do árbitro, que com falhas sucessivas vai favorecendo um dos times aos poucos. Estas falhas, como a cobrança de faltas duvidosas, cartões condicionando a defesa, etc, vão “inclinando la cancha” em favor de um dos times. Geralmente, as acusações de “bombeo” vem dos próprios jogadores e são explicadas pelo suposto favorecimento histórico tanto dos times locais, como dos chamados “times grandes”.

<sup>223</sup> *Diário Clarín*. Buenos Aires, 12 de setembro de 2006. pp. 47.

maioria dos simpatizantes, porém, - inclusive os dirigentes do Gimnasia que entrevistei -, a conduta do presidente foi interpretada como uma mostra da uma “*honestidade visceral*” que caracterizaria o sentimento pelo Gimnasia, e a reação ante “*uma nova injustiça que parece não ter fim, contra nosso clube, por parte das autoridades nacionais*” (Dr. Levene). Para eles, em suma, Muñoz estava sendo julgado por ter violado uma regra de etiqueta, uma formalidade, quando “*na verdade todos sabem que favorecem os times grandes, mas tem que calar e negociar na AFA durante a semana*” (Arq. Gonzalez). Muñoz é suspenso da AFA e o episódio parece terminar ali. Entretanto, dois meses depois desse primeiro evento, quando o referido jogo foi re-programado pela AFA, para finalizar os 45 minutos restantes, o acontecimento tem um novo capítulo, que complicará ainda mais as coisas para Muñoz, transformado, neste primeiro momento, numa “causa célebre” e uma “ampliação estrutural significativa das relações interpessoais” (Sahlins 2006: 158) como o conflito sobre o lugar distintivo e “a imagem que deveriam ter as autoridades de um clube”.<sup>224</sup>

No final de novembro desse ano, o time do Estudiantes - com Verón como capitão e herói e ícone do time depois de um longo périplo levando o “coração do Estudiantes” pelo mundo inteiro - estava disputando o primeiro lugar no campeonato junto com o *Boca Juniors*. Um mês antes, em outubro, Estudiantes tinha batido o Gimnasia por 7 a 0, o resultado mais significativo da história dos clássicos entre ambos, o que determinou a renúncia do treinado Pedro Troglio. Nesse contexto, dois dias antes de ser completar os minutos faltantes da partida suspensa em que o Gimnasia estava vencendo do Boca de 1 a 0 (suspensa pelo juiz ante as ameaças de Muñoz), os jogadores receberam a “visita” dos ‘*barras*’ do Gimnasia, em Estância Chica, no Centro de Treinamento. Minutos depois de finalizado o treinamento, os ‘*barras*’ se reuniram com as figuras mais representativas do time e ameaçaram “dar um tiro nas pernas” daqueles jogadores se eles se negassem a perder a partida com o Boca, na ocasião rival direto do Estudiantes, faltando apenas duas rodadas. Os desejos da maioria dos simpatizantes era impedir que o Estudiantes fosse campeão e consideravam que o Gimnasia devia perder o jogo. O problema chegou a se aprofundar quando, ante um ato da ‘*barra*’, que foi interpretado como um “excesso” por vários líderes do time, vazou a informação de que esta mensagem teria o aval do próprio presidente do clube. O resultado foi um pedido de licença de Muñoz e a posse de seu vice, Hugo Capdebarthe, um advogado, considerado como um “moderado” e visto pelos dirigentes como “dialoguista”.

---

<sup>224</sup> Diálogo *Clarín*. Buenos Aires, 12 de setembro de 2006. pp. 46.

Todavía, poucos meses depois, deu-se um fato paradigmático que vivi com intensidade e que reitera essa busca do Gimnasia pelo “visceral”. Refiro-me à suspensão e posterior expulsão do clube – venda inapropriada – de um jogador do Gimnasia durante a presidência de Capdebarthe. Carlos Leguizamón foi objeto de uma implacável rejeição por parte da torcida do Gimnasia, durante o clássico jogado contra o Estudiantes em 2007. O motivo? Ter trocado a própria camiseta com a de Verón, referencial máximo do clube inimigo. Para piorar, ele o tinha feito publicamente, no campo de jogo, durante o intervalo e em frente à torcida do Gimnasia y Esgrima. Para piorar as coisas para ele, Leguizamón escondeu a camiseta entregue por Verón e saiu correndo para o vestiário, quando compreendeu o seu erro. Este caso transformou-se rapidamente em um tema da área gerencial do Gimnasia, não porque fosse interpretado como traição pelos dirigentes, mas porque a feroz resposta da torcida, pedindo a saída do jogador – que até esse momento era ídolo-, do clube, no jogo seguinte, os obrigava a responder a uma situação que agravaria a relação já frágil com a torcida, resultado da pobre campanha do time naquele campeonato. E o mais interessante foi que a resposta que os dirigentes deram, publicamente, em relação à suspensão, se justificava como proteção do o jogador frente à torcida, enquanto privadamente, esta versão racional dava lugar a um “*castigo merecido*” por ter sido “*incapaz de entender os sentimentos verdadeiros dos torcedores do Gimnasia*”, suas paixões elementares. Interpelado, o dirigente do Gimnasia prefere descrever assim o episódio:

Los hicimos para descomprimir la situación, porque había amenazas de los socios, que pedían que no juegue nunca Mas, entonces la Comisión se reunió y decidió por unanimidad que lo mejor era una sanción disciplinaria. Lo que pasa es que la mala relación que tenemos con la prensa complicó todo... Entonces sí, tuvimos que seguir adelante. Ese muchacho no va a jugar mas en el club. Pero no por el problema que nos generó a nosotros, en particular a los dirigentes, en el club, sino porque muestra que es tan estúpido que todavía, después de varios años, no había comprendido lo que significa jugar con el apoyo de una hinchada como la de Gimnasia. Así que tiene que irse. Ojo, nosotros lo suspendemos para protegerlo, no para castigarlos, esa es otra cuestión. Además, porque al equipo no le sirve un jugador que lo van a putear desde que empieza hasta que termina el partido”. (Eng. Del Franco)

Como vemos, o dirigente se apresenta como quem deve saber mobilizar adequadamente o sentido das suas ações em um território

sumamente ambíguo, próprio da estrutura polifônica e sentimental que as narrativas futebolísticas desenvolvem sobre acontecimentos como aquele que teve Leguizamón como protagonista. Por um lado, se frente ao caso Leguizamón, o discurso dirigencial - que fazia pública sua interpretação privada - seria objeto de críticas desapiedadas sobre sua irracionalidade, o discurso da proteção do jogador deixava lugar à rejeição dos torcedores, por outros meios. A resposta foi, então, a de praticar o primeiro, sob o discurso do segundo:

luego de transcribir declaraciones de ambos jugadores y del secretario general de Gimnasia, Carlos Giménez, el diario agrega: ‘Una reacción exagerada en cualquier lugar menos en Argentina, donde la pasión de los derbis provoca reacciones de este calibre. Como muestra, los pitos y abucheos que recibió Leguizamón, que obligaron a su entrenador, Julio Falcioni, a cambiarle en el segundo tiempo.’<sup>225</sup>

Existe, aqui, um elemento que se soma, na prática e no discurso dirigencial, e age simbolicamente, reafirmando a identificação com o Gimnasia: o povo. Verón é acusado secretamente de ter enganado Leguizamón no intercâmbio de camisetas. Fiel às supostas qualidades “amorais” que associam futebolisticamente o Estudiantes a uma visão instrumental e manipuladora no futebol, baseada na acumulação de pequenas vantagens obtidas nos “buracos” regulamentares, éticos e morais (e cuja identificação remete ao time dirigido por Osvaldo Subeldia, na década de ´60, do qual o pai de Verón era uma das estrelas), a troca de camisetas teria sido - segundo o mesmo dirigente - meticulosamente planejada antes do jogo, com a finalidade de irritar a torcida do Gimnasia. Alguns dirigentes do Gimnasia comentam, inclusive, que seus pares do Estudiantes estariam envolvidos neste acontecimento, uma vez que saberiam da admiração do jovem Legizamóm por Verón - inclusive porque desejava pertencer ao grupo empresarial de propriedade deste último. Fica claro que a percepção e atitude adequada ao estereótipo irracional e intempestivo de torcedor argentino, que considera inaceitável a conduta de um jogador do seu time, é recuperada e traduzida, pelo dirigente, em ação política sobre o espetáculo. Apesar do castigo a Leguizamón ser apresentado publicamente como forma de proteger o jogador, objetivamente, mostra que o dirigente toma decisões seguindo “o coração do torcedor”.

---

<sup>225</sup> Diario *El Dia*. La Plata. 8 de novembro de 2007

No Estudiantes, as coisas pareciam ser muito diferentes naqueles anos. Finalmente o time é campeão em 2006, depois de 23 anos, jogando uma final de desempate com o ‘poderoso Boca’. Em 2009, depois de 39 anos, o time consegue vencer o torneio Libertadores de América, cujo líder futebolístico tinha sido Verón pai. Vale lembrar que, apenas define o retorno de 2006, Verón faz uma referência pontual à sua estréia como jogador, em 1994, quando o clube foi comandado, na organização futebolística, pelas “antigas glórias”, as quais tinham mostrado “ser um exemplo de condução e decisão”<sup>226</sup>. Assim, em continuidade com esta idéia, em várias ocasiões durante 2006, Verón declara publicamente sua intenção de ‘ser dirigente’ do clube. Ele afirma estar inspirado no modelo italiano, mais especificamente no *Inter de Milano*, clube cujo dono, o mega-empresário Maximo Moratti, é seu amigo pessoal e referente ideológico, quando consultado. Seus discursos iniciais destacavam Estudiantes como “uma marca” que devia ser explorada, “recuperando a glória do clube”.<sup>227</sup>

No entanto, Verón teve que retroceder frente às posturas intransigentes de outros dirigentes como Alegre que questionavam uma suposta “tradição dirigencial” que ele não estaria respeitando. Em verdade, por trás dessa suposta tradição, estava a intenção de criar uma “*lógica sucessória entre os jovens integrantes do grupo chegados em 2002*” (**Esc. Olivera**). Durante este período, a pretensão de Verón, de controlar a política do clube, subsiste com certa instabilidade em meio a constantes enfrentamentos por parte da dirigência, fato que termina por provocar, em 2008, o afastamento de um substancial grupo de dirigentes que tinham conduzido o clube desde 1999:

Quando quedaron al descubierto las serias diferencias en la Comisión Directiva albirroja los máximos popes Pinchas, aunque por lo bajo, no se privaron de lanzar "dardos". Por entonces Julio Alegre no paraba de cuestionar con dureza la marcada influencia de Juan Sebastián Verón sobre las políticas que, según sostenía, debían liderar los dirigentes junto con el técnico (como por ejemplo cuando habló con Leandro Lázaro para tantearlo si quería venir a Estudiantes en aquel partido de fines del año pasado en San Luis), mientras que Eduardo Abadie retrucaba con que ‘si Verón tendría tanta influencia y hubiera puesto como técnico a Sensini, su hermano Iani no hubiera sido marginado enseguida del grupo principal de entrenamiento.’<sup>228</sup>

---

<sup>226</sup> Diálogo *El Día*. La Plata, 11 de julho de 2006.

<sup>227</sup> Diálogo *Clarín*. Suplemento Deportivo. Buenos Aires, 15 de dezembro de 2006.

<sup>228</sup> Diálogo *El Día*. La Plata. 03 de fevereiro de 2008.

Não escapa a ninguém que a aparente “resistência” a Verón tem a ver com a firme intenção deste - vinculado com um desejo inovador - de modificar substancialmente a estrutura dirigencial no Estudiantes, formalmente “voluntária”, em declaradamente profissional (fato que vinha acontecendo moderadamente desde a aparição de Verón no cenário organizativo do Estudiantes desde 2003, aproximadamente). Quando Verón é interpelado por um jornalista televisivo, no final de um jogo que relaciona a abrupta saída da direção do time de Diego Simeone com a sua pretensão - real ou manifesta- de dirigir politicamente o clube e dar uma orientação “moderna”, e insinuando sua intervenção neste fato, sua resposta mostra que finalmente, ele compreende que uma trajetória dirigencial lhe exige a disposição de recriar os mitos fundadores e “da história” de distinção dirigencial junto com uma noção de *projeto inovador* que ele encarna, uma estratégia “amplamente utilizada em contextos de elites sociais” (Lima 2006: 130):

Lo que pasa es que en este club no se puede hacer cualquier cosa. Acá, existe una tradición dirigencial, una línea clara de conducta marcada por dirigentes como Osácar, Mangano o Correbo. Ellos marcaron una forma de ser y actuar en Estudiantes, y eso no es muy común en el fútbol, y seguramente no todos lo conocen...<sup>229</sup>

Ao mesmo tempo em que, do ponto de vista prático, externava sua já pública intenção de transformar-se em dirigente do clube no futuro próximo, Verón evidenciava sua compreensão de “resignação” individual como modelo de referência e construção subjetiva necessária à ascensão dirigencial no Estudiantes. Mencionamos que, além de constituir um modelo, este tipo de referências histórias transforma-se em “guias práticos” capazes de conectar indiretamente instituição e futebol. Este episódio, também ressalta o estado cíclico de negociação em que vivem os clubes de futebol. Visto sob o ponto de vista do enfoque da interação, Verón atua orientando-se pelo que Ervin Goffman definiu como “ajuste secundário”; quer dizer, uma “correção” que permite ao membro de uma organização empregar meios para alcançar fins não autorizados para ele, esquivando-se das supostos implicações acerca do que deveria fazer - como jogador- e, em última instância, sobre o que deveria ser - como dirigente. Os “ajustes secundários” representam vias pelas quais o indivíduo se afasta do papel que a instituição dava por certo a seu respeito<sup>230</sup>. Em 2009, ele constrói este

---

<sup>229</sup> Trecho retirado de declarações feitas ao Canal de cabo *TyC Sports*. Argentina. Novembro de 2007.

<sup>230</sup> O correlato desta noção é, claro, o “ajuste primário”, que se refere à adaptação mais ou menos cabal, que converte um indivíduo em um membro “normal”, “programado” ou “construído” de uma instituição ou grupo social.

ajuste secundário de modo a transformá-lo em um evento público: logo depois da obtenção da *Taça Libertadores*, Verón faz pública a doação de 40% do seu contrato durante a renovação do mesmo – aproximadamente 1,5 milhões de dólares - para “melhoras” as condições de infraestrutura para as categorias de base. Ele produziu, novamente, uma identificação entre um acontecimento futebolístico e a história pedagógica do clube “integrador”.

É assim que ele será uma peça fundamental na presente construção de uma perspectiva “moderna” de clube como produto cultural, como “marca” capaz de produzir um *boom* econômico e simbólico que teve o momento de glória com o título de Campeão do futebol argentino em 2006, e mais tarde com a Taça Libertadores. Durante os últimos anos, o Estudiantes de La Plata vem mostrando uma transformação difícil de se fundamentar num clube puramente “local”. Em 2008, o clube foi classificado, depois do River Plate e do Boca Juniors, como o de maior orçamento (dentro do sistema futebolístico de clubes na Argentina) dedicado ao futebol profissional. E, segundo a última estatística do IFFHS (*International Federation of Football History and Statistics*), que avalia os clubes a partir de uma ponderação das *performances* passadas e recentes, o Estudiantes encontra-se no lugar nº 2 do mundo, depois do Barcelona com quem perdeu a final do Mundial de Clubes em dezembro de 2009.<sup>231</sup>

Fica claro que a emergência de um determinado personagem como dirigente nunca escapa a uma série de exigências que provêm de um exterior historicamente constituído, combinando as tradições futebolísticas com as *performances* dirigenciais a ela associadas. A aparição de uma “tradição dirigencial” como instância de aparente resistência à pretensão modernizadora de Verón - com o seu posterior retrocesso- colocada em cena é, em parte, a velha questão colocada por Max Weber no início do seu célebre estudo sobre a cultura do capitalismo. Refiro-me à pergunta: de que maneira é possível que, em determinada época ou momento da história, se passe a considerar honoráveis determinadas atividades de lucro, quando estas foram reprovadas durante séculos, inclusive sendo vistas como

---

<sup>231</sup> A IFFHS estabelece pontuações por partidas ganhas no último ano, em competições do âmbito nacional de cada país, como também as de caráter internacional. Assim, classifica as equipes com base nestas anotações. O objetivo é mostrar um resultado estatístico dos melhores times da atualidade de acordo aos resultados. Os critérios são: *Champions League* de Europa: 14, 7 e zero pontos por vitória, empate e derrota, respectivamente. Copa UEFA: 12, 6 e zero. Copa Libertadores de América: 14, 7 e zero. Copa Sul-americana: 12 6 e zero. Liga de Campeões de África: 9, 4,5 e zero. Copa de África: 7, 3,5 e zero. Liga de Campeões de Ásia: 9, 4,5 e zero. Copa de Ásia: 7, 3,5 e zero. Liga de Campeões (Concacaf): 9, 4,5 e zero. Campeonato Mundial de Clubes da FIFA: 14, 7 e zero (finais: 21, 10,5 y zero). No que diz respeito aos torneios locais, se aplica desde as temporadas 2006 e 2006-07 e com proporções a cada campeonato nacional (75%) e internacional (25%). Os clubes das ligas mais fortes recebem 12 pontos pelas quatro últimas rodadas, 8 para as ligas do segundo grupo, 5 para as de terceiro nível, e 2,5 para as ligas mais fracas.

encarnação de pecados como a avareza ou o desejo de ganho? A negociação com o passado é uma amostra de que as mudanças culturais não se produzem como rupturas inexplicáveis impostas pelas forças das circunstâncias, mas como processos contidos em estruturas e práticas que incluem um certo deslocamento objetivo, no presente, capaz de re-interpretar o passado, inclusive os fatos mais contraditórios e conflitivos do ponto de vista dos valores que sustentam uma atividade como a dirigencial.

Enfim, estamos frente a uma versão atualizada do destino radicalizado à qual responderia o clube, quando se trata de futebol. Uma vez mais, o que subjaz a estes acontecimentos é uma atualização da oposição necessária, que se dá no nível das condutas e práticas cuja única responsabilidade é uma sentença dirigencial em si mesma. O papel do dirigente não se restringe a organizar o espetáculo com eficiência, mas também em investir nas coordenadas do processo etnogênico das identidades clubísticas através das formas e conteúdos da autoridade, ou em direção a ela: “Golpear e acariciar”.

De uma forma ou outra, suas práticas encontram os momentos adequados para insistir na natureza cultural do espetáculo futebolístico como um todo organizado, onde, inclusive, a idéia de um destino histórico se apresenta como uma eleição de vida, e onde a busca pela autonomia racional do espaço dirigencial é ao mesmo tempo a emergência de uma herança que o condena, obrigando-o a decidir com as armas do equilíbrio, da moderação e da intrepidez.

Além destas, existem, em especial, outras instâncias que são de interesse para uma leitura pública em que a dinâmica da cultura objetiva faz sua *mise en scène*. Novamente a *cultura objetiva*, que tende a organizar-se em torno a valorações morais e éticas, se transforma em território de discussão e debate sobre determinados acontecimentos envolvendo atitudes e condutas dirigenciais com relação às *performances* futebolísticas e institucionais dos clubes. Apesar de serem formuladas publicamente como eventos extraordinários, entram em conexão com significados que serão associados diretamente com as identidades futebolísticas. Portanto, elas se transformam em referências estruturantes entre o antes mencionado dialogismo, entre o “ser torcedor” e o “ser dirigente”. Pensando, agora com Simmel, tratar-se-ia de episódios vinculados com a auto-imagem do clube (encarnado no time), que constroem o espaço social de gerenciamento de uma “estirpe” indissociável de um conjunto de práticas privadas e públicas, nas quais os dirigentes, jogadores e torcedores participam através de padrões diferenciáveis, mas não necessariamente “diferentes”.

Os recortes aqui escolhidos são apenas uma amostra - poderíamos escrever um livro sobre eles - que serve para interpretar o papel do dirigente



em uma ordem virtual, fundamentalmente subjuntiva, para o futuro, para uma idéia. A recuperação de um ou outro acontecimento passado, por parte dos dirigentes, não se dá pela via de uma estrutura discursiva coerente como pretenderia o “modelo de gestão” moderno, mas por meio de um julgamento instrumental sobre os procedimentos de gerir os espaços críticos abertos em tais circunstâncias pontuais, especialmente aqueles ligados às *performances* futebolísticas dos times, e ao espaço mais estreito da instituição. Coerente, pelo menos com a gramática futebolística, aquelas atitudes e condutas julgadas positivamente frente a determinadas circunstâncias da ordem institucional, são transformadas em exemplos de erros graves, quando mostram incapacidade de enfrentar as necessidades de mudança e adaptação da mesma. A força é uma virtude em um jogador, sempre e quando não se transforma na sua expulsão e no prejuízo sobre o conjunto. Trata-se de um tipo de ruptura que será usualmente interpretada a partir de como tenha afetado o pequeno sistema social onde a representação do papel dirigencial está submetida à dinâmica do princípio de agenciamento individual. São instituições sociais que se veem comprometidas cada vez que o indivíduo representa seu papel, já que, em cada atuação, coloca à prova sua legitimidade e a reputação adquirida, mais precisamente, sua função dramática nesse contexto gramatical de representações (Goffman 2006: 258).

A ponderação negativa ou positiva - geralmente se combinam - sobre as condutas e atitudes de algum dos dirigentes durante estes eventos, contingências e acontecimentos vistos como emblemáticos na vida dos clubes, é a demonstração de que há, efetivamente, uma *história social da experiência* do clube que está habilitada para a interpretação dos dirigentes; essa história também define o pertencimento a uma determinada “estipe” que é identificada, por sua vez, com a identidade ético-política do clube como um todo em estado de continuidade. As “estirpes” de referência são, assim, uma espécie de encarnação do imaginário coletivo no corpo do dirigente -que aparece como um corpo privilegiado-, que entra em contato com as grandes linhas culturais de conduta moral, ética e política em confronto, que tentam dirimir-se - também públicamente - na luta pela hegemonia futebolística.

Verón, o “filho educado” pela instituição ao longo dos anos, é o produto glorioso de uma aculturação da “sociedade” encarnada no Estudantes. Ele, efetivamente, vinha *de baixo*. Mas, lentamente, primeiro o pai, depois o filho, subiram ao centro e entenderam ‘o mito de origem’, o “dever ser” que ele tem para a “sociedade dos dirigentes”. Em outro extremo, Muñoz, vinha *de fora*, de um mundo profundo e da autenticidade, como vem sempre o destino em Gimnasia, do seu mito aristocrático das

paixões puras, dos holismos comunitários mais primários. Veron, como pretende Krause, “aprende a atuar”, Muñoz, está mais perto de Tarde (2006), e “responde à vida”.

## TERCEIRA PARTE UM LABORATÓRIO CULTURAL



“Un laboratorio es un objeto con muchas mas trampas, es un gran y eficiente transformador de fuerzas.”

Bruno Latour. *Dadme un laboratorio y trasformaré el Mundo.*



## Capítulo V.

### “Por amor ao clube”

#### 5.1. Um cenário renovado

A Federação Internacional de Futebol Associados (FIFA) e as grandes marcas capitalistas constituem-se hoje em atores centrais na organização dos campeonatos locais de futebol. Estas organizações globais reforçam seus discursos midiaticizados com a intenção de reafirmar o futebol como “espetáculo global”, regido pela lógica do mercado e pela consolidação dos clubes-empresas. Este fato restringe o poder dirigençial concreto, ao mesmo tempo em que exige deles uma maior concentração de esforços para organizar o clube em torno do futebol na sua “matriz espetacularizada” (Damo 2005: 36). Essa matriz supõe, entre outros aspectos, uma maior intensidade da divisão social do trabalho na organização, a separação entre vencedores e vencidos e a construção de novos veículos de produção e circulação de emoções entre os torcedores (*idem*: 37). No *marketing*, estes elementos podem ser observados nas roupas oficiais das grandes marcas, que praticamente reduzem todos os esportes à estética da indumentária futebolística, renovando-a ano a ano com o objetivo de criar uma demanda de consumo e ligando os “especialistas” – e os atletas- aos espectadores.

De acordo com Molina (2007), o Campeonato Mundial de Futebol, em marcha acelerada a cada quatro anos, desde 1930, - com as exceções de 1942 e 1946, quando os jogos foram suspensos por causa da Segunda Guerra Mundial - representa um negócio milionário para um amplo conjunto de empresas envolvidas na organização do espetáculo, como a própria FIFA. 90% dos recursos financeiros da FIFA provêm da venda de direitos de publicidade, *patrocinadores* e transmissão televisiva. O Mundial de Alemanha, em 2006, alcançou uma audiência televisiva de quase 40 bilhões de espectadores contra 3 bilhões e 900 milhões, das Olimpíadas de Atenas, em 2004. O futebol tem se transformado em um negócio calculado em 900 bilhões de dólares ao ano, o que o coloca no décimo sétimo lugar como grande negócio dentro da economia mundial<sup>232</sup>. Este evento é, além de tudo, um grande espetáculo publicitário em que as marcas assumem um papel de protagonistas, fazendo do *marketing* esportivo uma grande *mise en scene* focada na identificação de qualidades estéticas do jogo e dos atletas, por sua vez conectados com as distintas nacionalidades (Neves 2004: 94)<sup>233</sup>

---

<sup>232</sup> Ver (2007) Molina, Gerardo. *El fin del deporte*. Buenos Aires: Paidós. Pag. 32-33.

<sup>233</sup> Inclusive podendo falar de “um processo de comercialização dos desejos sexuais, como o caso de David Beckham” (Rodrigues & Neves 2004: 174).

Neste contexto, no vizinho Brasil, o processo de re-organização dos clubes é hoje “liderado” pelas chamadas “parcerias econômicas” que cresceram desde a polêmica Lei Pelé<sup>234</sup>. Esta associação entre clube e empresa parece estar se transformando em um modelo a ser seguido em muitos países classificados como produtores da matéria-prima futebolística por excelência: os jogadores. Uma demonstração crua da forma como os futebolistas são aderidos a esta matriz cujo modelo é “lubrificar” a circulação de mercadorias, se resume na frase do ícone futebolístico, cuja presença midiática, como garantia das transformações, serviu para sua instauração no Brasil. É o próprio Pelé quem re-afirma, no prólogo de um livro exegético, as virtudes do novo modelo:

Se tivéssemos no futebol a mesma importância que detemos no PBI mundial, poderíamos acrescentar à nossa economia pelo menos R\$ 4 bilhões. (...) Gerar emprego no esporte é fácil, porque a tecnologia é acessível, a mão-de-obra, especializada e, mais importante, o mercado está pronto, formado por milhões de torcedores.<sup>235</sup>

De forma geral, no âmbito dos clubes, os negócios de compra e venda de jogadores, os contratos publicitários, etc. se multiplicam. Os clubes são os maiores receptáculos deste negócio, como produtores objetivos destas identificações globais, criando um sistema de fluxos de consumo das representações culturais onde inscrevem sua força de consumo. É evidente que, respeitadas as devidas particularidades, nos países do terceiro mundo- tal como na Europa- os interesses econômicos, multiplicados pela oferta televisiva, “manifestam-se não só através da proliferação dos jogos televisados, mas pela transformação das escalas competitivas e das estruturas organizativas dos clubes” (Kumar 2004: 247). Trata-se de uma organização dos *clubes globais* (Rial 2008) em que existe uma forte internacionalização das demandas e de disciplinamento dos dirigentes tradicionais por parte do capital internacional. Este último se instala como parte de um sistema de cálculo financeiro que tende a reforçar

---

<sup>234</sup> O advento da lei Nº 9.615, de 24.03.1998, conhecida como ‘Lei Pelé’, será vivenciado como um momento de transição para os clubes, particularmente no tocante à relação atletas/clubes. Entre os diversos efeitos que teve sobre a “dirigência” no Brasil, estava a disponibilização de informação para a contabilidade, a incumbência de se pronunciar sobre as mudanças de setor, a obrigatoriedade da publicação das demonstrações financeiras, prestação de contas junto ao Ministério do Esporte, etc. Finalmente habilitava-se o Ministério Público à impor sanções administrativas e civis para administradores e dirigentes.

<sup>235</sup> AIDAR, A. C. K.; LEONCINI, M. P.; OLIVEIRA, J. J. 2000. *A nova gestão no futebol*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

a separação dos ideais clássicos dos “clubísticos” que sobressaíam nas identificações culturais locais, e aproximá-los das experiências de consumo que atravessam o sistema publicitário com o qual se vê imbricado, pela natureza midiática da própria globalização. É uma ideologia que tende a hegemonizar culturalmente o fenômeno da espetação e minar o campo de ação historicamente ocupado pelas formas de organização voluntária e suas mencionadas identificações metonímicas territoriais, sociais, culturais, religiosas e, inclusive, suas ressonâncias no campo político.

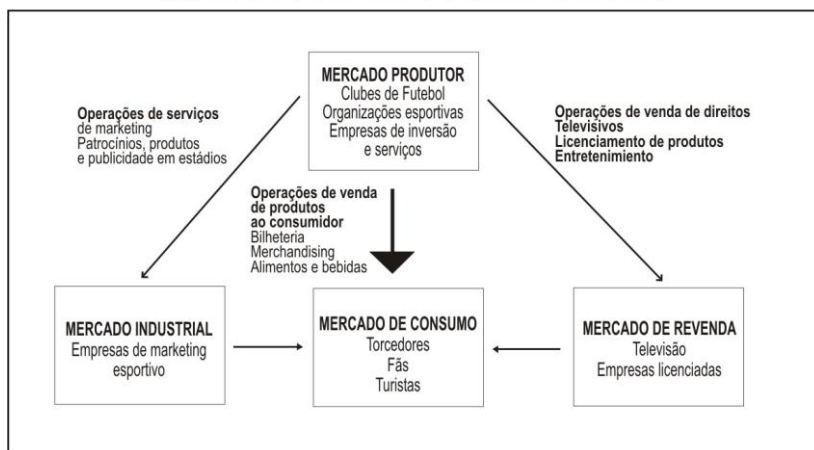
Na esfera mundial, temos o clube inglês *Manchester United* como uma das principais referências “clubísticas” a seguir. A “batalha” em que se introduziram distintos atores- sócios durante o processo de privatização do clube, em 1999, o situa como ícone de uma disputa “ideológica, cultural e econômica” diretamente ligada com a ressignificação das comunidade futebolísticas no contexto global (Brown 2006: 555-582). Neste sentido, Brown (2006) descreve os diversos acontecimentos de resistência que acompanharam a compra do *Manchester United* pelo magnata americano Malcom Glazer em 2005, a partir de sua transformação definitiva em empresa de um único dono. Não foi apenas a demonstração empírica - no “centro” do futebol mundial *espetacularizado* - de como esta tendência cria formas de resposta e de re-territorialização de novas identificações - ou a forma em que estas são coisificadas,- mas também de como ela se dá no contexto de surgimento de novas oligarquias globais que lutam para colocar suas figuras públicas à frente dos clubismos (Foer 2004). A criação, no mesmo ano, do *FC United*, por parte de um amplo número de torcedores inconformados com a compra do *Manchester United* e contrários a Glazer, e com a desregulação de normas legais na Inglaterra que permitiram a dissolução como clube social, indica, porém, que o debate não está fechado.<sup>236</sup>

Seguindo as principais dimensões destacadas por alguns dos intelectuais incorporados a esta matriz (Adair et al., 2000; Leoncini 2005), de um modo genérico, o modelo de *negócio* implícito dentro da matriz “espetacularizada” do futebol, estrutura-se na base de relações mercantis entre os atores sociais envolvidos deste modo:

---

<sup>236</sup> Este acontecimento coloca duas questões em cena. Primeiro a rápida resposta dos adeptos frente à apropriação mercantil da memória. Resposta que, entre outros meios, teve a Internet como uma das suas principais aliadas e, por outro lado, o fato dos adeptos terem encontrado uma forma intermediária para a nova organização, onde os sócios, membros da administração, e os próprios jogadores fundadores, são donos acionistas com voto uni nominal criando uma espécie de “democracia cultural” *suigeneris* (Brown 2006).

# MODELO DE NEGOCIOS



Fonte: AIDAR et al., 2000.

De forma esquemática, para as concepções empresárias, este é o modelo de “mercados interconectados” que deve vigorar. Os clubes argentinos estão longe de assumir este novo organograma em que as peças são exclusivamente pensadas como parte de um fluxo em direção ao consumo.

Na organização do futebol profissional na Argentina, porém, a recente crise financeira internacional tem afetado drasticamente as possibilidades de produzir rendas em volume suficiente para manter a estabilidade financeira dos clubes, aprofundando uma dívida econômica com os jogadores que ascende, hoje, a 80 milhões de dólares, e que foi a origem de uma ameaça de greve nacional por parte dos Futebolistas Argentinos Agremiados (FAA) em 2009<sup>237</sup>. Neste contexto se produz a recente conjuntura de conflito e posterior ruptura de contrato entre as autoridades de AFA e a empresa multinacional que explorava o canal de TV (TSC). Os pormenores deste conflito revelam aspectos da tensão “entre modelos” modernos de clubes tradicionais, uma vez que estão relacionados com as atitudes que assumem os dirigentes locais frente à diminuição das margens para a manobra econômica e simbólica resultante do crescente poder do monopólio midiático –como potência global– sobre o futebol argentino. Efetivamente, esse conflito se desencadeia como resultado da queda significativa do preço internacional dos jogadores no mundo a partir da crise de 2009.

<sup>237</sup> Organização sindical que agrupa aos futebolistas profissionais dos clubes aderidos à AFA. Foi fundada oficialmente em 1944.



A solução governamental, foi semelhante à implementada em 2002, durante a crise econômica nacional.<sup>238</sup> A intervenção direta do Estado, cuja classe dirigente também está hoje no meio de uma crise de legitimidade, se dá através de um subsídio milionário à AFA devolvendo o controle midiático ao Estado. Existem condições culturais arraigadas nos atores sociais para que a cooptação dos dirigentes dos clubes envolvidos tenha uma saída tipicamente transformista; ou seja, um movimento de cooptação em que se coloca, visivelmente, a capacidade de determinados grupos que pretendem controlar e dominar os sentidos históricos para integrar grupos subalternos – neste caso, os torcedores intermediados pelos dirigentes dos clubes - a um processo de restauração das coordenadas do poder. “Futebol para todos”<sup>239</sup> diz o *slogan* oficial. O futebol assume uma matriz cultural que o transfere ao cenário de uma luta de posições sobre a hegemonia, neste caso, pela substituição de uma absorção ideológica transformista empresarial por outra estatal.<sup>240</sup>

Pensemos um instante com Balandier, quando assinalava que a transformação da política em um negócio de escolhas racionalizadas, com a tecnologia e economia desempenhando um papel significativo no esvaziamento dos imaginários políticos clássicos, pode ser vista, em realidade, como a substituição do aspecto mágico -ou transcendental no caso do Ocidente- por outras “alegorias” como as ciências, a indústria e o comércio (Miranda 2005: 133). Deste modo, a reflexão de Balandier é clara a respeito: ele enfatiza que “o mistério pelo qual o poder se constitui e subordina permanece intacto; ‘operadores’ o formam, efeitos o mantêm e sustentam, práticas rituais marcam seu lugar -à parte- e o tornam espetacular” (1980: 61). Efetivamente, o dado que está dissimulado é que o maior poder dos representantes, grupos de inversão e entidades de comercialização no negócio que o ‘conflito AFA-TSC’ recria, indiretamente, se insere no crescimento de uma pulsão “culturalista” da mídia em torno ao universo dos torcedores e a difusão dos significantes presentes nos componentes e protagonistas do espetáculo.

---

<sup>238</sup> O governo atual estabilizou o país apelando, entre outras coisas, a uma política de fortes subsídios, tanto às grandes empresas como aos preços dos serviços básicos de consumo das camadas populares, e também construindo uma ampla gama de alianças com lideranças locais e regionais, especialmente na chamada região metropolitana, a maior herança sócio-política da promessa integradora e moderna do peronismo de meados do século, mas degradada velozmente nos anos 90 pela pobreza, o desemprego e a violência.

<sup>239</sup> Um aspecto central da intervenção do Estado se baseia na justificativa de “devolver” o futebol a “todos os argentinos” através do televisionamento aberto de todos os jogos do campeonato nacional.

<sup>240</sup> A particularidade da explicação da resolução deste conflito - que tem a entrada do Estado como novo *comercializador* das transmissões - não pode ser explicada, como construída em torno das ações “destrutivas” de “dirigentes incapazes e despreparados”, tal como se escuta diariamente, do campo jornalístico local - diretamente afetado pela recessão do contrato entre a AFA e a empresa de televisão.

Reduzida a margem de manobras dos antigos dirigentes tradicionalmente concorrentes aos cargos, suas práticas são forçadas a enfatizar um papel de moderadores privilegiados dos eventos que circundam o drama futebolístico em um sistema ampliado pela ciência e a tecnologia. Por ocasião de uma das entrevistas, sugeri a um interlocutor a idéia de realizar um curso para dirigentes sobre violência e cidadania nos estádios e obtive a seguinte resposta:

Nosotros no necesitamos nada de eso, nada de política. Acá no hacemos política. Acá lo que hace falta es que actúen las fuerzas de seguridad en serio, el Estado, como corresponde. Si el ‘estadio único’ está preparado para identificar a cualquier tipo que haga desmanes... desde el que escupe, tira una piedra o se pelea con otro. Tenemos cámaras que te pueden decir hasta lo que hablás, se acercan hasta leer los labios de las personas. La policía tiene que agarrarlos, ponerlos presos y punto. En la medida en que se va avanzando en el tiempo, como todas las cosas, requieren de estadios mas seguros, con mayor cantidad de gente, y donde las exigencias que vienen a través de FIFA, que después eso lo tiene que cumplimentar las distintas asociaciones que componen la FIFA, como este caso la AFA, y se trasladan a lo clubes. La gente tiene que estar sentada, los lugares de acceso, de ingreso y la salida de la gente, que tiene que ser en lugares seguros, cómo se peden ubicar... como se puede dividir las parcialidades... en fin. Todo esos requisitos se van yendo incrementando... y los temas de seguridad son centrales para asegurar un buen espectáculo, que es lo que queremos todos... (Eng. Del Franco)

Como vemos, o modelo de exploração global está também fortemente incorporado neste dirigente do Gimnasia. Ele crê firmemente na *higienização*<sup>241</sup> e no controle dos diversos momentos e situações do estádio, que, como sabemos, se conecta também com as mudanças nos aspectos técnicos, estéticos, táticos, físicos e disciplinares do jogo. Estas “mudanças”,

---

<sup>241</sup> Tal como acontece em quase todo o planeta, na Argentina esta pretendida “evolução” do futebol foi associada com a busca pela estandarização dos padrões de público “desejáveis e limpos”, das regras do jogo e dos modos de administração dos clubes e equipes, e viu-se fortemente marcada tanto pelo discurso economicista como pelo da segurança. No que se refere ao espetáculo, durante mais de uma década, pelo menos, até a presente data, a FIFA veio propondo e pressionando por medidas e recomendações sobre o modo como devem se organizar as partidas de futebol locais. Destacam-se, entre outras medidas, recomendações que vão desde a redução da capacidade dos estádios até a proibição de jogar nas velhas arquibancadas de madeira, passando pela impossibilidade de que os espectadores possam observar os encontros de futebol em pé. Quanto à organização do evento, a tendência consiste na transformação do futebol em espaço de controle e disciplinamento, que acabaria, funcionalmente, atravessado pela lógica do mercado e do consumo.

segundo a perspectiva dominante, seriam projetadas de dentro para fora do espetáculo (Kumar 2004). Porém, os dirigentes - menos na retórica e mais em suas práticas - concentram também suas energias políticas em reproduzir aspectos de seu poder que estavam já presentes em práticas simbólicas e gestos públicos tradicionais. Essas atitudes se destinavam a conservar o equilíbrio dos fluxos e das relações de poder agora transformadas pela emergência dos novos atores sociais, novas “alegorias” em que a tomada de decisões têm adquirido –ou fortalecido- sua função cultural e ideológica em muitos casos. Por exemplo, a defesa das transações de jogadores de “*clube para clube*” a que este mesmo dirigente fazia menção no capítulo anterior.

“É um fato histórico que demonstra ao mundo que nosso clube é muito mais do que um clube”, diz o advogado Joan Laporta, presidente do *Barcelona FC*, poucos meses depois de ser reeleito em 2006 e em um discurso durante a assinatura de um importante acordo publicitário com a UNICEF. Nesse acordo, no qual o Barcelona se comprometia a pagar uma cifra milionária a essa organização das Nações Unidas (ONU), Laporta re-significava assim a lógica do mercado publicitário, direcionando a identidade do *Barcelona FC* com a idéia de “colaborar com os direitos universais das crianças”. A decisão dirigençial entrava em cena, concretamente, no jogo dramático do Estádio e da inscrição *na* história dos direitos humanos aos protagonistas. Laporta será visto assim como o artífice de uma simbolização do poder universalista associada com a “estirpe” e o “orgulho catalão”. Em 2009, esta simbolização será revisitada por bilhões de espectadores por ocasião do final da Taça UEFA contra o *Manchester United*, quando ambos os clubes comprometem o dinheiro dos ingressos na luta contra o HIV entre as crianças na África. Contrariamente à simplificação das teorias dominantes de ordem economicista, o sistema futebolístico continua alimentando-se de um espaço essencial de ensaio de diversas narrativas em torno da interpretação do passado, do presente e do futuro. Tanto os clubes como os combinados nacionais, veiculam todo tipo de identificações orientadas para recriar-se localmente como história em um universo global midiaticizado de forma muito complexa.

Podemos afirmar que, no mínimo, este relato serve para nos informar sobre a existência de uma dimensão fundamentalmente política - em que o fenômeno esportivo intercepta os processos históricos de gênese identitária -, que se associa às práticas de gerenciamento com discursos e narrativas sobre o mundo social. Tendo em vista a mencionada carência de estudos empíricos sobre as trajetórias sociais dos sujeitos que ocupam cargos e posições de poder dentro das instituições esportivas, tanto a visão processual e disciplinante representada por Norbert Elias como a visão performático-expressiva de Christian Bromberger contribuem, de forma decisiva, para justificar as necessidades de focar as dimensões sócio-culturais. Dimensões

que o velho Max Weber (1964) entendia como fundamento empírico da construção dos tipos ideais sociais que sustentam a eficácia do poder e as formas aceitas da dominação moderna onde este mega-negócio alcança eficácia hoje. Neste sentido, como afirmará Giddens, oportunamente, “um dos maiores objetivos do estudo das elites é o de examinar as relações entre a autoridade formal e o poder efetivo” (1974: 4). É inimaginável, porém, realizar esta tarefa dissociando o processo de transformações globais das experiências elementares que servem de base ao universo local.

Isto significa que o acordo AFA-Estado nacional é parte de uma luta cultural mais ampla que a simples distribuição de recursos que tem os dirigentes como um dos seus protagonistas. Como no citado caso de Laporta e o acordo “Barcelona-UNICEF”, o novo acordo atribui significados ao novo papel do Estado e das mídias no futebol (promovido pelo governo nacional em um contexto de reformulação das posições de forças no campo da comunicação de massas). Ao mesmo tempo, exprime formas de resistência - por interesse, incompreensão ou por valores -, dos dirigentes “tradicionais” - não necessariamente “antigos”- frente ao avanço dos atores globais, entre eles os vínculos entre representantes, empresas e mídia especializada. Finalmente, no campo da Antropologia, o futebol renasceu, para o bem das Ciências Humanas em geral, “como espaço em que se produzem discursos que constroem imagens, que traçam linhas de fronteira” (Neves, 2004:56)<sup>242</sup>. Encontramos uma âncora analítica para entender a nova cena de relações entre as operações globalizadoras e aquelas mediadas pela reinvenção dos significados e pelas práticas nacionais e o surgimento de identificações local e regionalmente situadas, mas mediaticamente transglobalizadas. Estas fronteiras são limites que ordenam o mundo, mas também são os territórios materiais onde se jogam possíveis transgressões de imagens, símbolos e instrumentos culturais envolvidos.<sup>243</sup> Reduzir assim a uma matriz econômica,

---

<sup>242</sup> Com isto quero dizer que, ainda herdeira do fenômeno tipicamente moderno, como o “associativismo voluntário”, a reflexão em torno ao seu fortalecimento como o “grande evento” mobilizador de coletivos (também virtuais) da nossa era, exige pensar em um deslocamento no nível das práticas culturais e dos agenciamentos diversos que tendem a subverter a tradicional separação entre as esferas da política e do social. Precisamente por este motivo, o futebol tem mostrado muita produtividade para o desenvolvimento de uma série de estudos sobre globalização, mercantilização e midiatização, destacando-se seus potenciais polissêmicos. Desse modo, um conjunto amplo de categorias, conceituações, noções e instrumentos analíticos serão colocados em discussão: estrutura, processo, sistema político, arena, campo, suporte das práticas políticas, etc.

<sup>243</sup> Há dificuldades para traçar as ligações entre as esferas da política e o futebol com as ferramentas analíticas tradicionais, já que estas áreas de conhecimento tendem a diferenciar ambas as esferas ou a estabelecer vínculos de determinação nem sempre produtivos. Recentemente, tentamos conectar ambas as dimensões, colocando ênfase em uma espécie de macropolítica que envolve a experiência do espetáculo esportivo como é o caso, por exemplo, da reconstrução das identidades nacionais no marco da União Européia nas sucessivas

a abertura do negócio da prostituição dentro dos grandes estádios-shoppings construídos para a Copa do Mundo, na Alemanha, significaria perder de vista a ambiguidade da mensagem cultural construída, neste fato, pelos coordenadores destes grandes mega-espacos de consumo. Estes espacos criam e recriam, talvez sem saber, relações de poder em que se misturam e discutem conceitos como as mercadorias, o gênero, as liberdades ou as próprias imagens das identidades nacionais a respeito deles.

Há, sem dúvida, numerosos interesses -no sentido clássico- atuantes no universo do futebol dos clubes da cidade de La Plata aqui tratados. Neste contexto, se situam várias classes e tipos ideias de dirigentes em ascensão na cidade. Uma delas, já temos visto aqui, é representada pelos empresários, os quais incorporam um tipo de reconhecimento de caráter político. Mas não é a única: temos visto também como, hoje, se reconfigura o imaginário das profissões liberais em “profissionais” endógenamente dentro do clube Estudiantes. Não temos porque nos surpreender, então, da expansão do futebol como espetáculo de consumo que se nutre das identificações culturais implícitas em trajetórias como as de Verón. Efetivamente, menos ainda quando visto como uma panacéia, tanto na sua manifestação recreativa como na criação de uma elite esportiva, na qual suas máximas figuras - jogadores e mais recentemente os treinadores - se nos apresentam como heróis e celebridades e, portanto, como arquétipos para “a sociedade” e a cultura global (Wagg 2006: 350). A imposição generalizada de premissas de compreensão do mundo através do esporte e a “fabricação cultural” *mediagenica* (Rojek 2001: 26) que provém das diversas organizações envolvidas nele, tende a mostrar-se como um processo unívoco, integrador, socializante, e, fundamentalmente, estetizado<sup>244</sup>. Trata-se, precisamente, de compreender os modos de produção cultural específicos que o suportam e dão sentido e, portanto, a trajetória “daqueles que sustentam e viabilizam a partida em si, os profissionais, aqueles que impõem a ela a circularidade da emoção, ou seja, o conjunto genérico de torcedores” (Toledo 2002: 17).

Ainda que discutamos, aqui, a categoria de “profissionais” proposta por Toledo, não se tratará simplesmente de uma questão de foco, mas de colocar em

---

Eurocopas de Futebol. Estes grandes eventos são interpretados como instâncias “integradoras” de caráter “midiático” e ideológico das nacionalidades “menores” no contexto da UE (Nunes & Domingos 2005).

<sup>244</sup> Observemos que a presença, em primeiro plano, da marca Adidas na roupa que Fidel Castro veste - nas poucas apresentações públicas, porém altamente mediáticas, durante os últimos anos de convalescência - teve, como objetivo explícito, confirmar seu afastamento definitivo da vida política, em suma, na sua própria gênese como política despolitizante. “Es para mostrar a la gente que ya no hago política, que ya estoy afuera”. Palavras textuais de Fidel Castro ditas ao Dr. Carlos Tomada, Ministro de Trabajo da Argentina durante uma reunião em La Habana fevereiro de 2009. Comunicação pessoal.

sentido um olhar antropológico que combine uma análise entre as demandas econômicas e políticas e as formas de gerenciamento que vêm atuando sobre aspectos ideológicos que marcam as práticas no interior do sistema futebolístico. A novidade da presença de ex-jogadores em posições de poder, em diversas entidades, participantes da organização do futebol, - penso em Michel Platini ou Beckenbauer na Europa, mas também em Babington, Verón, Leonardo ou Andrade na Argentina ou no Brasil -, faz parte de um “excedente de sentido” que deve chamar a atenção, ampliando para o sistema de clubes a categoria geertziana de “jogo profundo” –*deep play*- quando interpreta os significados de afirmação hierárquica da briga de galos em Bali, como parte de um *big play*. Primeiramente, porque o acesso a posições de poder dentro de organismos nacionais e internacionais do futebol pode ser visto como uma forma de incorporação de capital simbólico e material concreto de pessoas que têm trajetórias midiaticamente significativas para este universo, em um plano de consistência com as necessidades midiáticas. Segundo, porque a ascensão destes jogadores mostra, na possível transposição da esfera esportiva propriamente dita para a institucional, tanto uma combinação de elementos que inclui o poder simbólico do jogador frente a uma torcida de consumidores quanto o melhoramento do seu capital cultural e de seu aprendizado experiencial sobre o futebol como um *sistema* mais amplo e abrangente.

As mencionadas ascensões a postos de maior envergadura em vários lugares do sistema, seja nas federações nacionais, internacionais, seja na mídia especializada, evidenciam algumas transformações na imagem do jogador como tal e, com elas, se vislumbra um horizonte de transfiguração dos modelos de representação tradicionais. Inclusive, o fenômeno de migração de jogadores, que é objeto crescente de reflexão, permite identificar práticas no interior de um fato social ligado à construção de um imaginário global das formulações discursivas sobre as identidades nacionais (Rial, 2006) no interior de um sistema de circulação de novas personalidades “especiais”.<sup>245</sup>

Vemos, neste processo, sintetizadas algumas observações que tento considerar nesta tese: a permanência de estruturas mais tradicionais (os dirigentes) formando parte de organizações mais fixas (os clubes) dentro de um

---

<sup>245</sup> Não é casual que a “novidade” de jogadores dirigentes chegue anos depois do fracasso do Sindicato de Jogadores, pretendido na década do '90 por Eric Cantona, Diego Maradona e outros jogadores que se organizaram por considerar “abusivas” as condições de temperatura em que foram obrigados a jogar durante a Copa do Mundo de México em '86. Esta foi uma iniciativa fortemente rejeitada pela FIFA naquele momento. A ascensão daqueles e de outros jogadores dentro da organização do futebol parece indicar que aquela tentativa abortada tomou uma outra forma, não porque a anterior fosse simplesmente negativa para o controle do negócio do futebol, mas porque a atual era realmente positiva e se encaixava no espírito da época de dissolução das corporações de classe que os sindicatos expressavam no passado recente.

sistema (futebolístico) caracterizado pela mobilidade, as relações transnacionais, a globalização e os fluxos. Cabe, então, supor – e esta é, efetivamente, uma das hipóteses que guia este trabalho- que há, entre a micropolítica futebolística moderna - uma microfísica, dirá Foucault- e uma cultura política formalizada como *sistema*, lutas pelas coordenadas de constituição da noção de pessoa dirigencial, práticas de gerenciamento das energias que asseguram e reproduzem o poder, dinâmicas de construção-destruição de grupos em condições (ou não) de assumir desafios de curto e longo prazo em instituições marcadas pela concorrência pública a cargos diretivos, como a incorporação de matrizes ideológicas, formuladas sobre a dimensão espetacular que compartilham e a qual também se submetem e negociam.

Durante as últimas três décadas, o sistema “clubístico” argentino tem se constituído em um claro exportador de jogadores, e os clubes de futebol têm organizado seu fluxo econômico dependendo da transferência anual de numerosos jogadores ao futebol europeu, mexicano e, mais recentemente, asiático e norte-americano.<sup>246</sup> Contudo, na medida em que os interesses e as paixões têm conseguido manter legalmente os Direitos Federativos dos clubes sobre os jogadores - retardando o cumprimento de indicações que vem da FIFA-, como fonte de capitalização das instituições, tem-se conseguido evitar uma parte importante das derivações empresariais de *laissez faire* impulsionadas no futebol, pelo impulso global da chamada “Lei Bossman” de 1995.<sup>247</sup> Assim, clubes como o Estudiantes e o Gimnasia têm preservado certa independência da pressão destes mercados, conseguindo - se não conservando os jogadores no futebol local - manter atuante a entidade clubística e seu controle relativo na organização com enormes receitas obtidas com essas transferências.

Com a reforma estatutária de 2005, o Estudiantes conseguiu aproximar suas expectativas institucionais das novas demandas de comercialização da marca, venda de *merchandising*, lógicas de contratação envolvendo parcerias e a organização de um espetáculo cada vez mais higienizado, uma vez que obteve exclusividade para uso do Estádio –agora sim- “Único”. Inclusive, quando em 2002, com “*a influência direta e o financiamento de Verón, Estudiantes contrata a mesma consultora que Boca Juniors, com Macri, com o objetivo de fortalecer um projeto de clube moderno*” (Sr. Cardoni). A consultora recomenda a reforma do estatuto com a finalidade de dar maior

---

<sup>246</sup> O futebol norte-americano tem se transformado em destino ideal para velhas estrelas do futebol local no ocaso da suas carreiras. Ele tem a virtude de proporcionar importantes somas de dinheiro aos jogadores que passam dos trinta anos, e que dificilmente seriam negociados ao exterior ou, inclusive, dentro do mercado local.

<sup>247</sup> Esta lei intensifica a migração de atletas de diferentes nacionalidades e cria um livre mercado de jogadores. A Argentina tinha uma experiência prévia a outros países da América Latina, já que a origem européia de muitos dos seus jogadores tinha permitido que, entre 1980 e 1993, antes da citada Lei, mais de 2000 deles tivessem emigrado para a Europa (Mason 1995, p. 137).

“previsibilidade” ao grupo modernizador no governo do clube e maior “transparência” aos diversos negócios do clube. Verón acabará por ser a garantia de que se manterá o clima desapaixonado para com o emblema. Contrariamente, Gimnasia entra em uma profunda crise institucional e econômica durante os últimos anos. Seu emblema é associado com os excessos e com a desordem institucional pela mídia local e nacional, “*porque é um clube muito difícil de vender*” (Sr. Rodríguez), me disse um dirigente com uma mistura de orgulho e resignação. A volta ao “estádio próprio” deu aos dirigentes do Gimnasia um período de apoio e consenso explícito dos sócios, torcedores e simpatizantes. Mas, como veremos adiante, este “retorno ao lar”, ao *templo* da memória histórica, envolve a reconstrução de outros horizontes performáticos para a constituição de uma biografia transcendente destes dirigentes que excede a simplificação pretendida pelo modelo de negócios atual.

## 5.2. Construção e circulação de um dever (ser) social distinto

Uma elite supõe a existência de um status elevado e uma posição superior compartilhada por um conjunto de pessoas. Mas, como afirma Nadel (1990), não coincide necessariamente com um grupo organizado de forma fechada ou hermética. Efetivamente, deverá haver um certo grau de espírito corporativo e uma tendência a criar redes de exclusividade: devem, efetivamente, existir barreiras à admissão de novos membros prontos para entrar. Em um contexto cultural de certa flexibilidade, aqueles que formam a elite devem ser conscientes de sua posição proeminente e formar uma unidade identificável no interior da sociedade, marcando privilégios, tarefas específicas e regras de conduta. Esta posição deve ser reconhecida no interior e no exterior das elites, não como algo fortuito, mas como produto de um direito que não está ao alcance do resto dos indivíduos sem a posse de certas qualidades. (Nadel 1990: 415-416). Pretendo mostrar aqui que a noção de um “dever social” encarnado no papel de dirigente opera como premissa efetiva para a adequação dos sujeitos a uma espécie de “ciência informal” em que profissão, trajetória, práticas de decisão e narrativas buscam, no clube, uma adequação a uma “condição superior”. Esta adequação está presente como condição e atributos pessoais, com ênfase na idéia de “trabalho voluntário” e na “dedicação de tempo” ao clube, e determina um ponto de referência no imaginário coletivo –fundamentalmente dos “associados”- sobre as virtudes necessárias com que se pode ou não exercer o poder corretamente em um clube *com* futebol.

Esta tarefa retórica própria de sujeitos em cargos de poder nos clubes consiste em que, na condição genérica de *dirigentes*, estejam positivamente habilitados para construir um universo pessoal e grupal estruturado,



discursivamente, por episódios biográficos “coerentes e inteligíveis” (Bourdieu 1996), ocupando-se em produzir eficazmente um passado, em princípio, “comum” à sua condição. Em síntese, um passado que possa operar de maneira a ser uma estratégia para diferenciar-se e um plano de consistência com a posição de superioridade que ocupa. O mundo social da instituição permite, assim, a aparição potencialmente eficaz e a primazia do nome próprio – o *habitus* que permite dizer: “é um dirigente”- dentro de uma narrativa “unificadora do eu” (Bourdieu 1996: 77) - capaz de produzir um “efeito de verdade” e de *atribuição* (Chomsky & Foucault 2006: 27) do dirigente dentro da dinâmica semelhante a uma “ciência do concreto”: como uma categoria culturalmente construída em modelos institucionais, e inserida num imaginário de oposições e eleições que se sustentam em um plano emocional e sensível.

Temos visto como certas formações, como as *filiais*, as *agrupações* e os *clubes de bairro* - inclusive as *barras* -, oferecem espaços de realização de uma *adequação* constante do dirigente às coordenadas de demanda em direção ao poder no clube. Entre os principais elementos de distinção que estes espaços acionavam para a manutenção da ordem e da estabilidade buscada no modelo de equilíbrio diretivo-sembleístico, estava a referência a uma interpretação de itinerários dos dirigentes capaz de identificar – no sentido de atualizar- no passado institucional, exigências do presente e aptidões derivadas –e prometidas- do lugar que ocupa, entre outras, no imaginário profissional antes analisado. Como já foi mencionado, a organização de eventos no clube - como nas formações sociais “às margens” e a negociação com as ‘*barras*’ - e os vínculos formalizados com outras instituições são os elementos que irão produzir esta diferenciação, geralmente ancorada numa biografia que apela a um universo “amoroso saudável” com o clube.



*O Presidente do Estudantes, o advogado Eduardo Abadie na inauguração do mural na Filial Lauri, dedica a parte central do seu discurso a explicitar seu conhecimento do clube desde dentro”. (Foto: Dirigentes II)*

Efetivamente, tais mecanismos de rememoração são comuns a quase todos os seres e grupos humanos e não determina, por si mesmo, nenhum privilégio ou habilitação exclusiva para o dirigente. No caso dos clubes, as referências espaço-temporais para esta rememoração estão fortemente ligadas a uma experiência da liberdade e de associação lúdica, compartilhada por quase todos aqueles que cresceram neste universo. Neste sentido, o clube é um espaço

intergeracional (Heinemann 2000), onde, além do aspecto disciplinador dos esportes, os sujeitos relacionam a experiência corporal à uma sensibilidade socializante. No caso dos torcedores “puros” do *clube-emblema*, o estádio de futebol sugere um vínculo sensível que o conecta com o clube através da experiência de observação e participação emocional, solicitada pelo espetáculo futebolístico. Diferentemente, contudo, de uma praça qualquer ou do próprio estádio, o espaço e o tempo do clube oferece uma “proteção” dada por um filtro à sociabilidade, fato que é um primeiro signo de distinção fundamental no imaginário da maioria dos membros.

Mas então, se as experiências sensíveis constituem a dimensão fundadora de uma condição humana, comum a todos (Le Breton 2007), a que se deve a possibilidade analítica de uma particularização nestes sujeitos como dirigentes? Qual o motivo desta aparente insistência em relacionar esta condição humana a uma subjetividade constitutiva de uma práxis que se detalha, aturdida, em dispositivos de poder, dominação e autoridade capazes de diferenciar e ocultar os universos dos “comuns” daqueles dos “distinguidos”?

Um particular fragmento do discurso do então Presidente do Estudantes, em 2007, durante a inauguração do mural na “Filial Lauri”, iria me causar a primeira surpresa anotada no meu diário de campo - surpresa que mais tarde confirmei de outras formas semelhantes em outros eventos públicos com as mesmas características. Vi aquele dia, que a forte tonalidade sentimental de torcedor justificava ao mesmo tempo o “êxito” dirigencial, e estava marcada pela idéia de uma “substância” que o antecedia, criando parte de um todo junto aos “comuns”, através de um saber resultante dessa experiência. Assim se expressava o então Presidente do Estudantes:

Realmente yo he nacido, crecido y vivido siendo de Estudantes desde que tengo uso de razón. Y cuando veo este mural inaugurado hoy en esta filial de Berisso con la figura de Miguel Angel Lauri rodeados de aquéllas cinco glorias de la famosa delantera “los profesores”, se me viene a la memoria que desde muy chico pude compartir con los grandes algunas noches de charlas en la casa del ‘tolo’ Calandria, con mi padre y con cuatro de ellos, porque Guaita ya había muerto. Me doy cuenta que soy uno de esos privilegiados que pudo conocer desde adentro todo eso desde muy chico, con mi padre, ‘los campeones’ de la década del ‘60... y creo honestamente que es eso es lo que he querido transmitir como dirigente que es lo que me ha tocado ser... soy abogado, y entiendo que tenemos un contrato implícito entre nosotros. (Dr. Abadie)

As formas de “proximidade” do dirigente com esta *região moral* implicada na noção de clube são produzidas constantemente. Instâncias

circunscritas a diversas situações sociais de interação são as que colocam em movimento a referência a um contato iniciático e a uma cotidianidade “indissociável” da pessoa dirigente. A fala, o discurso e a conversa requerem em cada situação do *footing* - conceito com que Goffman pretende compreender os aspectos participativos e produtivos em que se dão as relações falante-ouvinte: “como arena física absoluta na qual as pessoas presentes estão ao alcance visual e auditivo” (1998: 80). Assim, a experiência vivida do clube como espaço de socialização, aprendizado e formação moral e pública é necessária ao dirigente para posicionar-se em condições de melhorar seu lugar na estrutura de significados de tais situações de interação. Já na primeira frase, por ocasião de uma entrevista filmada dentro do escritório do Presidente do Estudantes, o **Sr. Cardoni**, um jovem empresário do turismo, naquele momento com um alto cargo na CD do Estudantes, transmite, a idéia de que há um “interior” secreto em que habita a pertença e a origem de sua qualidade dirigençial:

Yo siempre iba al estadio de 1 y 57 con mi padre. Eramos socios. Tuve desde muy pequeño la suerte de conocer el vestuario e ir mucho a Citybell a compartir varias concentraciones con los jugadores, con los dirigentes de aquella época... Así que cuando me llamaron a participar de la dirección del club, entendí rápidamente lo que tenía que diferenciar y cual era mi deber como dirigente. Tenía que saber discernir claramente entre lo que haría como simpatizante del equipo y del club, y aquello que debés hacer como dirigente... porque yo conchoia a mi padre... (**Sr. Cardoni, 46**)

A abertura simbólica a essa “proteção” do Estudantes tende a ser produzida como experiência do dirigente em dois planos, às vezes coincidentes. Como vimos, por um lado estão aqueles que traduzem sua chegada ao poder no clube como consequência inesperada de uma “vocação” ancorada numa trajetória “coerente” como dirigente comunitário em instituições de bem público; por outro, a formulação de uma herança dada por uma experiência societária “única” dentro do clube, tal como aparece retratado pelo **Sr. Cardoni** e o **Adv. Eduardo Abadie**. Efetivamente, outros dirigentes mais jovens, desta mesma CD, e com os quais conversei, tinham pouco a ver com um passado semelhante; a ênfase desta distinção, porém, estava dada por ter “*começado a colaborar em subcomissões do clube desde muito jovem como, sócio*”. Ali, afirmam, ter sentido “*a importância que o Estudantes tem sobre qualquer pessoa*.”

Esta condição de “sócio” - cujas experiências particulares dentro de um universo simbólico visto como um coletivo social, o transfigura nas ocasiões públicas em falante de uma “produção discursiva” em condição de ser o

“emissor responsável” (Goffman 1998: 89). Ele se apresenta como um partícipe privilegiado de acontecimentos significativos para o clube, particularmente aqui localizados em um tempo-espço misterioso e desconhecido para a maioria dos torcedores, as concentrações do time profissional no CT de *City Bell*. Acompanhei esta modalidade de apresentação da pessoa ‘dirigencial’ nas diversas situações onde eram protagonistas nos palcos. A tendência deste tipo de discurso é afastar a pregnância simbólica do futebol, da propriamente institucional. Em geral, isto era feito cuidadosamente, com frases que apelavam a um saber próprio, mas onde palco e platéia estavam compartilhando digamos, um momento intimista.

Tentemos agora perceber como este domínio do simbólico está também presente no trecho de uma entrevista com o **Arq. González**, vice-presidente do Gimnasia, elaborando esta mesma identificação diferenciada, mas endereçando o sentido a outras coordenadas. Aqui, os emblemas e signos da rememoração do Gimnasia remetem à dimensão futebolístico. O *espço biográfico* (Bourdieu 1996) possibilita a este dirigente do Gimnasia a capitalização interpretativa dos hiatos e rupturas em termos de uma estrutura que “evidencia” a razoabilidade da sua posição no poder. Ele desabafa, virando um sujeito de reflexão e auto-afirmação que apela para uma suposta condição dirigencial intrínseca ancorada no passado e no afeto, mas a operação se realiza de outra forma:

Mi padre era simpatizante de Gimnasia, aunque nunca fue tan fanático como después salí yo. Íbamos a la cancha, veíamos la tercera, la reserva y la primera. Pasábamos 5 o 6 hora en el estadio. Recuerdo como si fuera hoy, el olor de los tilos, la caminata por el bosque hasta llegar a la cancha, los arboles detrás de la tribuna, y las horas que pasábamos entre la gente te viendo los partidos. Yo voy a la cancha desde que tengo uso de consciencia... Recuerdo el carnet de socio de mi padre, que era de cuero, y que lo tenía guardado como oro. Era ‘socio juvenil’, practicaba deporte en Gimnasia desde los 10 años, en 1935, el era del ‘25... (Arq. González)

Efetivamente, tanto o **Arq. González**, um empresário, como o **Dr. Levene**, um advogado situaram este passado “plebeu” nos seus respectivos discursos durante a inauguração da “Filial San Esteban”, em maio de 2006. O modo de produzir estes discursos, como *performance*, apelava menos ao diálogo e à horizontalidade democrática, como no caso que acompanhei na filial do Estudantes, e mais em direção a produzir uma figuração carismática do passado, que enfatizava sua pessoa como integrante de uma história comum, cuja “excepcionalidade”, era justamente essa: ser “simples” e estar aí parado, no poder, exibindo uma trajetória onde o ‘ser dirigente’ era o prêmio à “vontade do

espírito” encarnado em Gimnasia, e apelando a uma fraternidade corporal.

Durante aquela apresentação, os participantes da bulhosa festa de inauguração da *filial* do Gimnasia aclamavam com cantos e batucadas, as frases carregadas de idéias em que o clube era sinônimo de integração e ascensão social e simbólica. Apelar ao simples e ao comum da experiência clubística acaba sendo uma forma de ligar a excepcionalidade a uma vontade de poder que se explicita como “qualificação social” do falante (Goffman 1998: 89-90). A qualificação é entregue por uma “experiência idiossincrática” (Abrahms 1986: 49), pela evidência dele estar ai, frente a eles, no palco, articulando várias demandas de diferenciação: das lembranças que associam uma determinada trajetória como torcedor e como sócio em um plano de semelhança; isto permite, assim, a confirmação de uma síntese entre o “amor incondicional” – propriedade do torcedor- com a memória do clube como “espaço de vida” – propriedade do sócio; a condição de dirigente encarnada na memória do acontecimento futebolístico – o emblema- e na prática de esportes amadores integradores e de mobilidade social – a instituição. O clube Gimnasia é visto por este dirigente como uma história romântica que tende sempre a insistir na trágica e impossível fusão entre emblema e instituição.

Em favor da *etnogênese* há também um romantismo presente nos dirigentes do Estudiantes que sustenta a diferença na maneira em que “o amor” *deve ser*, ele próprio, um ponto de vista dirigençial distinguido dos outros, um passado que *me faz ser como eu sou*, uma pré-compreensão ontológica do mundo. Não há efetivamente uma natureza humana sentimentalmente dividida, cuja possibilidade de justiça e unidade *deve ser* objetivada nos atos, como no caso de Gimnasia, e cuja história de tragédia enfrenta a pedagogia do afeto com a intensidade pura da vontade de poder (Scavino 1991: 31-34). Nas condições de nascimento de um pensamento científico em termos de uma “separação” dos sujeitos com os objetos (Levi-Strauss 2001), o pensamento dirigençial do lado “estudantil”, nasce de uma espécie de “cisma”, onde o poder reside numa dimensão metafísica orientada para a autoridade legalmente constituída e possibilitada pelo mito da posse da civilidade e da autoconsciência que se dá nele por intermédio das emoções “corretas e adequadas” orientada por um “contrato implícito” entre ele e os sócios. Os jogadores, os treinadores, etc. tendem a ser uma extensão desta sociedade, e como vimos, nos casos da geração da década de 1960 e do próprio Verón, é um fato incorporado. Vemos que a história, a tradição é, assim, um ponto de referência, um lugar a que recorrer caso seja necessário avaliar a “verdade da vocação”. Apesar dos dirigentes do Estudiantes se verem seduzidos por uma inspiração platônica – “re-encontro” e o “re-conhecimento” do já conhecido, não se deixam invadir tão facilmente pelo raciocínio cartesiano “inatista” que aquela sugere. Neste caso, porque as operações discursivas e de fala ancoraram-se nas identificações

como memória que ultrapassava a qualquer destino pessoal, sendo exteriormente definidas pela forma em que os emblemas se adaptam à instituição. Esta cirurgia exige ser realizada com instrumentais diferentes.

Como no caso do citado dirigente (**Sr. Cardoni**),- onde, apesar de existirem as mesmas circunstâncias pessoais que as do seu pai, foi a presença de uma “vocaçãõ” que fez com que “a história se repetisse”- este cisma não está associado diretamente com um privilégio anterior a si mesmo, como em uma herança de status, ou como um ser consciente que, dito de passagem, joga por terra qualquer interpretação estratificante destes sujeitos como “elite dirigencial” coesa, ao estilo das descritas por Abner Cohen. Ao invés disso, o modo geral de operar a memória acaba igualmente exitoso, porque estabelece um vínculo relacional com o clube, que se apresenta como uma instância própria do presente e, ao mesmo tempo, pensada como meio de um saber que é atemporal, unívoco, cartesianamente indubitável porque o clube é um pensamento sobre a existência. Coloca a memória como centro do discurso e abandona o papel de relato socialmente significativo para constituir-se em prática de si mesma, a dimensão sintética de uma *memória compartilhada* (Ricoeur 2000: 162), atualizada através de um contrato de poder “entre iguais”.

Trata-se, enfim, do que determina uma personalidade, individual ou popular como conceito ‘dirigencial’: no caso do Estudantes, apelando a um romantismo onde o conceito subjetivo ou implícito –*saber*- é um *sentimento* da alma inscrito em um ser coletivo da *associação*, em cuja experiência o clube pode confiar, por uma capacidade de raciocínio forjada na *profissão*, logicamente favorecendo as de caráter liberal e burguês. No caso do Gimnasia, independentemente de sua atividade profissional real, o processo se dá a partir de identificações primárias localizadas na cultura objetiva do outro, de um povo que fundamenta e antecede sua compreensão como *dever* dirigencial, e cujo caráter de pura exterioridade se inscreve em uma linha de continuidade entre as exigências reivindicativas e de justiça dos *signos* que emanam do emblema.

Vemos, então, aqui colocada, de forma prática, a problemática da reciprocidade e da complementaridade, expressa por Ricoeur, entre os objetos de uma sociologia da memória coletiva e as formas que assumiria uma fenomenologia da consciência de um *eu* individual (Ricoeur 2000: 152). Porque se trata de um saber único, que é entregue pela experiência do emblema para “alguns poucos privilegiados” capazes de processá-lo, que mostram ou não suas qualidades para interpretá-lo como mensagem complexa para o qual foram escolhidos como dirigentes, um saber que pertence tanto à agência como ao destino, que se diferencia em termos de relações entre os dirigentes e a dimensão afetiva e emotiva.<sup>248</sup>

---

<sup>248</sup> Distinguindo ao mesmo tempo sua identidade particular -o emblema- de sua dimensão abstrata e

O discurso imanente, tanto da “ação solicitada” sobre os outros, como da “intimidade igualitária”, torna possível que a referida tensão entre pertença coletiva e dirigência seja vista como instância inconsciente e, ao mesmo tempo, como potência estruturante para o desenvolvimento das possibilidades de um “dever ser”. Tanto daqueles que “pulam” os formalismos de representação em favor de uma união entre interesse individual e de massa - idealizado como Gimnasia -, como daqueles que tendem a dissolver os dispositivos de decisão, deliberativamente, na reivindicação dos órgãos colegiados da instituição, fazendo do ideal “representacional” uma ordem moral pedagógica superior e iluminada sobre a massa – no Estudantes. Lembremos, então, como Latour & Lépinay (2009) observam, que nem sempre os pólos de uma disputa - em que, aparentemente, dirigentes de ambos os clubes se auto-imaginam na rememoração - implicam numa dialética, senão, muitas vezes, apenas uma *mônada*:

El pulular de las sociedades vivas, cuyo entrecruzamiento teje el mundo, no es caótico, pero termina por crear interferencias, ritmos, amplificaciones, con la condición de que se acepte disscenir tres etapas en la proliferación: la repetición de una primera diferencia, la oposición creada por la repetición y, finalmente, la adaptación que permite salir, provisoriamente de esas oposiciones gracias a nuevas diferenciaciones (*ibid*: 55).

Como foi dito, esta “provisoriidade” opera com eficácia no nível de performances discursivas, visivelmente identificáveis durante os vários atos públicos de que participam cotidianamente os dirigentes. É constante a rememoração desse tipo de experiências primárias e marcantes da vida, conectando um saber de condução particularizado no *self* como valor diferencial colocado em relação com a “elaboração correta” dos afetos para com a instituição. Isso nos leva a um segundo raciocínio: a consciência desta vivência sensível facilita uma forma particular de distanciamento efetivo entre passado e presente e a confirma como instância superadora – e superior. Ela permite definir a condição humana comum a todos, mas, ao classificar o sujeito dirigencial como portador de uma tensão a ser resolvida na práxis através do

---

universal, o clube-, os mencionados laços se produzem por meio de identificações com as imagens conotativas de uma trajetória que reúne a pessoa e aquela outra, associada diretamente com as dimensões espaço-temporais do tempo vivido e com sensações corporais, como a visão e até mesmo o olfato (“*os olores dos tilos em primavera*”). Mas estes universos sensíveis são conectados com rotinas de proximidade e privilégio na idéia de passar uma vida “dentro” do clube ou do estádio, seja pela participação em atividades e disciplinas esportivas e por uma incorporação consciente dos significados de uma identificação incondicional com valores experimentados nas partidas, ou nas vivências caracterizadas por laços de pertencimento e intimidade, baseadas em afetividades dentro do universo de dirigentes.

clube –pequena *sociedade-estado*-, se apresenta como lugar privilegiado para sua resolução. Dali, a hibridez dos modelos de gestão passa ao sujeito, alimentando categorias sociais de coisificação dos ideais de personalidade, caráter e habilidades ligadas com trajetórias familiares, profissionais, etc.

Especialmente porque, no mesmo momento em que estes dirigentes remetem ao mundo fundador dos sentimentos e dos afetos que os “enlaçam” com uma qualidade pessoal -apenas explicável pelos avatares de um “ser no mundo”-, contemplam este mundo como algo que se apresenta estando fora do universo das trocas. Como diria Maurice Godelier, eles solicitam da memória o distanciamento necessário para que ele possa ser transformado na forma de um presente “excepcional”. Tudo se passa como se estes dirigentes construíssem para si uma versão especial de um mito mais geral em que a metamorfose do *dever ser* consiste na passagem necessária da determinação emotiva e emocional - que Levi-Bruhl atribuía como patrimônio do pensamento concreto- para a qualidade intelectual desinteressada e cognitiva de Levi-Strauss. É desta forma que o **Eng. Del Franco**, alto dirigente de Gimnasia, define com maiores detalhes a passagem, “no ser”, entre a instância do objeto dos acontecimentos e um sujeito de poder:

Yo voy a la cancha de gimnasia desde que tengo siete años. Entonces, uno tiene un montón de afectos, de recuerdos, de sabores, de tristezas, de alegrías. Dicen que el que no conoce la tristeza en el fútbol no conoce la tristeza... uno ha vivido y ha pasado muchas cosas ahí. Pero eso es lo que te lleva muchas veces con los años a que cuando uno ve un partido y ves cómo juega tal o cual jugador, por qué jugó bien o jugó mal, por qué hay tantos policías en una cancha, por qué se tarda tanto en entrar o se tarda en salir, cómo es el tema de seguridad, te hace que en lugar de mirarlo de afuera te quieras involucrar. Cuando lo vivís desde adentro, te das cuenta que hay muchas otras cosas más que el fútbol. Tenés que cortar el pasto de las canchas, tenés que preparar la concentración para los jugadores, tenés que conseguir las camisetas, tenés que conseguir los micros para que viajen los chicos de las divisiones inferiores, te vienen los chicos del patín y te dicen que tienen problemas con el gimnasio, tenés que pagar el gas... se suma todo. Entonces es como que el resto de la gente eso no lo está viviendo y no está mal que sea así... porque es eso lo que nos hace a nosotros sus dirigentes... tener claro eso es poder separar las cosas y ver que no es tuyo, que administras algo que es de todos, que debe perdurar...

Finalmente, como lembra também Lévi-Straus (2001) a reflexão mítica está no terreno do pensamento como o *bricolage* na atividade técnica. Assim, ações performáticas destinadas à encenação de *estilos do decisão*,- ou das



*estripes* dirigencias como também as temos chamado-, são observáveis depois das partidas do Estudiantes e do Gimnasia. Em particular, quando os dirigentes se fazem presentes nos vestiários, a paixão domesticada ou reprimida (o amor) se apresentam como reverso e ponto de referência instrumental daquilo que “é verdadeiramente correto”.

Nas várias oportunidades em que fiz observação nos vestiários, durante os jogos do Estudiantes e Gimnasia, era evidente a insistência dos dirigentes em produzir um tipo de performance que integra um modelo de conduta frente aos avatares da competência futebolística. O ambiente de hermetismo e de forte controle de vigilância sentia-se em quase todos os setores ocupados pelos protagonistas do jogo durante as partidas do Estudiantes. Claramente, estes protagonismos eram demarcados pela segurança em duas esferas de circulação: a dos jogadores entre os vestiários e o campo de jogo, e a dos dirigentes, entre as cabines e os vestiários. No final do jogo, ante a presença de jornalistas e curiosos habilitados a circular por estes setores com certas restrições, os dirigentes do Estudiantes “desciam” de suas cabines com grande aparato de segurança, entravam no vestiário sob os olhos de um tipo de espectador também privilegiado por presenciar uma cena “interior”. Apesar de que, nos jogos de Gimnasia, a cena era idêntica quanto ao ritual de cumprimentar os jogadores no final do jogo – “*felicitá-los na vitória e apoiá-los na derrota*” (Sr. **Victorino**)-, esta se desenvolvia em um clima de maior horizontalidade e silêncio, em suma, menos pomposamente.

Os dirigentes do Gimnasia não estavam “uniformizados” como os do Estudiantes, que vestiam ternos pretos italianos com gravatas vermelhas com detalhes brancos. O **Eng. Del Franco**, meu principal interlocutor durante a partida do Gimnasia, era o encarregado dos assuntos de segurança durante o espetáculo. Ele confundia-se na “multidão” e apenas era distinguível em algum episódio de reconhecimento informal por parte dos presentes. O mesmo acontecia com outros dirigentes “menores” do Gimnasia. Evidentemente, os resultados dos times direcionavam a cena para um ou outro pólo de conduta dirigencial –uma derrota e um empate de Gimnasia (*versus* River e Vélez) e duas vitórias do Estudiantes (*versus* Argentinos e Independiente). Quer dizer então que se tratava simplesmente de uma questão de resultados? Não. Quer dizer que a *pregnância* da competição futebolística oscilava e favorecia algumas condutas sobre outras. É das histórias *nas* competições que se fazem também os times.<sup>249</sup>

---

<sup>249</sup> Ao longo de muitos anos, foram se instituindo, dentro de clubes como o Estudiantes e o Gimnasia, atores sociais não caracterizados “dirigências”, más que circulam dentro deste universo, que interagem com o mundo das representações e das redes afetivas ou de interesse na mente de um ou vários dirigentes. Assim, personagens com história, como chefes de torcidas, ex-jogadores, antigas glórias do time, representantes de filiais e *agrupações* e, inclusive, empregados históricos, e ainda, nos últimos



*O Intendente (Diretor) do Estádio de “Bosque” (Gimnasia) vive entre as lembranças e a história do emblema. “Ninguno de los empleados del club queremos salir de acá. Es como nuestra casa, si yo hasta llevé jugadores a mi casa a dormir que hoy estan em primera y que cuando eran chiquitos extranaban a su familia y se me ponian a llorar”, diz (Foto: Dirigentes II)*

O clube é um objeto de desejo para outros. A potência desta *pregnância* cria condições para desenvolver referências aos atributos necessários ao poder que “elitizam”, por assim dizer, seus membros dirigentes em uma dimensão sentimental e sensível, oferecendo a uma faixa relativamente ampla de atores sociais que se mostrem capacitados para gerir coordenadas culturais e para estar em condições de intervir nas estruturas imaginárias dominantes de uma sociedade. Uma condição humana do sensível é precisamente o que facilita a validade estrutural dos pólos antagônicos, modelando os estilos de representação e exercício do poder como emanados de uma mesma fonte “não racional”, diferentemente gerida e permeável à circulação de acusações e intrigas. A paixão “deve ser” uma prática em direção ao clube, porém, ela representa uma espécie de estado de natureza que deve ser primariamente evitado e desviado, mas também, pode ser “lida” e incorporada adequadamente no próprio espelho, que é, claro, o espelho da *instituição*.

Ambas as formas de manifestar sua presença nos vestiários evidenciam o lugar que ocupava a paixão como uma forma de cegueira para “os outros”. E permitem à *etmogênese* refazer a distinção profissional mencionada em capítulos anteriores, colocando-as junto com as estirpes dirigencias de cada clube. Por um lado, aqueles que se apresentam como parte de uma “tradição” e que defendem um modelo que temos chamado aqui de comunitário - ênfases nas profissões liberais- remarcava o papel das formas e das etiquetas. Por outro, havia uma distância ontológica do modelo que temos chamado de empresário, em que a paixão se colocava como a fonte do poder, que deve ser cultivada, cuidada e, portanto, praticada, não devendo ser reprimida, mas, pelo contrário, valorizada, explorada sem

---

anos, jogadores ícones, são atores sociais que participam na trama institucional, resistindo a certos comportamentos que podem ser considerados nocivos para a estabilidade e a normalidade. Ao mesmo tempo, os ex-dirigentes, os jogadores e os corpos técnicos implicam instâncias de negociações permanentes que obrigam as lideranças a relativizar os alcances do seu poder. Estas negociações colocam permanentemente em jogo os objetivos e o projeto que os contém. Assim, como foi antes dito aqui, a paixão do dirigente aparece como algo a ser interpretado e conjurado ao mesmo tempo.

temores *entre a multidão*. A “ânsia de saber” e do “atuar”, que está aberta pelo imperativo da participação e lubrificada pela paixão, tem como contrapartida, por um lado, uma ética do trabalho, da obrigação e da responsabilidade privada, e por outro, um acesso ao reconhecimento público, prestígio e *status* dado pelo outro. Nesse sentido, apesar da distância, os discursos frente ao antropólogo tendiam sempre a repor um “fio de continuidade” entre a idoneidade mostrada nas suas profissões e as suas expectativas públicas como dirigentes, conforme declara o **Eng. Del Franco**. Para ele “*se bem você quer o seu time*”, e o segue como torcedor, “*quando entra neste mundo, você tem que incorporar a idéia de que o futebol tem que passar a ser aos domingos*”. Então sim, “*a paixão, não deve perder-se, mas tem que separar da parte dirigencial, isso muitas vezes o torcedor não compreende*”. O clube é algo “*que não me pertence*”, culmina.

A questão é que a tendência ao estabelecimento de uma posição favorável na competição e na manutenção dos cargos de autoridade em um clube exige um rito de passagem de um coletivo para outro, do torcedor para o dirigente “sério”, como em um rito amoroso de “compromisso adulto”. Fato que observei claramente na trajetória de um dos dirigentes do clube Estudantes, que entrevistei em várias ocasiões, **Cdr. Richetti**, um contador aposentado de classe média. Ele me recebe em sua casa de La Plata, localizada em um bairro de casas baixas, como tantos outros próximos do centro urbano da cidade. Logo que entro, me indica uma porta à esquerda do longo corredor, de onde se vislumbra a cozinha e me apresenta sua mulher. Parece ser um personagem pouco afeito às visitas, “*um ermitão, um estudioso*”, tinha-me advertido o **Dr. Narde**, antes de me apresentar a ele, ao telefone. Convida-me a sentar nesse seu velho estúdio profissional, agora transformado em lugar de trabalho sobre sua “*paixão mais importante, a história do futebol profissional do Estudantes*”, o qual foi “*o principal estímulo que motivou a conhecer o clube como dirigente*”, segundo me confessa imediatamente. Há quase vinte anos, vem escrevendo um livro sobre a história profissional do futebol no Estudantes, mas sobre a história “*unicamente dos jogadores e técnicos*”, esclarece ele, sabendo do meu interesse sobre a dirigência. Ele fala claramente de uma “carreira” como dirigente – utiliza sistematicamente esta palavra –, que começa em 1971, quando participa das eleições, junto com **Cdr. Olivera**, convocadas logo depois da já mencionada Assembléia Ordinária que culmina na única destituição de um presidente, pela via orgânica, no clube:

Lo que pasa es que yo vengo de una familia de dirigentes, mi papá fue el Secretario General de Osacar, mi primo estaba en el tema del fútbol. En total estuve 22 años como dirigente, siempre en el área de contaduría, de la tesorería. Cuando estuve con CR, lo jugadores me decían “nono”, sabes por qué, porque cuando venia

los de fútbol (*el Departamento*) yo les respondía “no”, “no hay plata”... pero lo hacia por amor al club... (Cdr. Richetti, 66)

O “por amor ao clube” explicitado por este dirigente em termos de austeridade e controle dos gastos, denota, como apontou Raymond Aron (1950), uma advertência oportunamente feita há várias décadas, que as elites e as classes sociais são dimensões díspares da ordem social nas sociedades contemporâneas. As elites, para Aron, não corresponderiam mecanicamente a uma reprodução realista do quadro das hierarquias políticas e econômicas, mas a modelos culturais dominantes que são traduzidos como demandas desta ordem, em um contexto de lutas ideológicas. Um tipo de análise que requer outros jogos e pensamentos. Trata-se de um desdobramento constante e quase sistemático da dimensão afetiva e emocional, já que esta ocupa um papel central, habilitando o dirigente a assumir a “responsabilidade” envolvida em gerir, adequadamente, as emoções. “*Aqui, você administra paixão...*” me disse um outro dirigente, de forma quase automática, quando perguntado sobre seu papel específico, direcionado para o espetáculo. Portanto, além das condições necessárias para representar as prescrições próprias da autoridade, o poder se vê implicitamente simplificado pelo pivô de uma interpretação “correta” dos sentidos dos laços emocionais dos signos do emblema com o clube e, claro, com a administração do time.

Yo creo que uno también quiere estar acá porque le interesa vivir el fútbol como lo viven los protagonistas. Yo no me perdía una sola concentración, un viaje con el equipo. Pero ahí también aprendés a tener tu lugar. Te volvés un padre de los jugadores. Les preguntas como están. Porque siempre hay alguno que tiene problemas, con la mujer, con el alcohol, con las drogas. No digo que sos un amigo, pero no es la relación empleado-empendedor. (Sr. Victorino)

Em grande parte dos casos que tratei – inclusive entre dirigentes de clubes rivais e com pouco vínculo no nível institucional, como o do clube Estudantes e do Gimnasia -, o fato de participar publicamente na organização futebol “*desde dentro*” e “*conhecer os pequenos detalhes e segredos do futebol*” (Sr. Victorino), vem ser, justamente aquilo que leva a estabelecer, entre dirigentes, laços de sociabilidade que, por sua vez, facilitam relações profissionais de todo tipo. Segundo a maioria dos entrevistados, as relações de caráter laboral cresceram significativamente após a entrada deles na dirigência dos clubes. Porém, o “*desde dentro*” fundamenta basicamente o distanciamento necessário entre sentimentos e racionalidade, entre paixão e razão com as “classes populares” que no imaginário dirigencial representa o torcedor. Fica muito claro para o Sr. Victorino, que as emoções servem de ‘claro-escuro’ para

o que se considera, quase univocamente, como a principal tarefa dirigencial, a saber: separar as decisões sobre assuntos do clube, dos sentimentos que são mobilizados pela simbologia competitiva inscrita na dinâmica do futebol. Trata-se de um “passo lúdico superior”, já que a modelação civilizatória dele como espectador permite a passagem para a ação e representação dirigencial. Contudo, este fato não significa que esta memória afetiva seja apagada, e sim reproduzida, com a calma que vem do privilégio e vice-versa, incluída dentro de uma existência social e coletiva<sup>250</sup> (Tedesco 2004). Tanto a “bonança” como a “excepcionalidade do momento” são atualizadas como condições de firmeza e segurança, elementos que constituem uma parte importante do repertório de qualidades que deve ter uma pessoa em posição de superioridade para ser habilitada como dirigente.

Evidentemente, o que temos chamado aqui de uma “correta interpretação” dos significados destes laços supõe uma determinada adequação de sentimentos “formadores da personalidade” além de uma “pura emotividade” que se oferece ao dirigente como uma hermenêutica espontânea do sensível que o habilita em direção ao futuro –já passado-, precisamente ao entregar-se – e entregar - a uma visão coerente sobre o lugar que deve ocupar a paixão em uma instituição como um clube “com” e “de” futebol. É a tensão presente entre o “com” e o “de” futebol que lubrifica uma semiótica das emoções característica do movimento de pêndulo na dinâmica dirigencial e na forma como a linguagem orienta a elaboração de ferramentas para pensar a diversidade e a totalidade em que inscreve sua ação específica. Nesse sentido, os laços afetivos se transformam em “assunto do presente” alimentando um significado primário para a dicotomia estrutural do universo profissional: empresário vs. liberal. No momento exato em que esta tensão se evidencia como central –por exemplo nas eleições, mas também durante a contratação de jogadores antes das competições, traduz-se na existência de uma paisagem cultural que estaria por trás das formas de sensibilidade emocional entregues pelo clube ao “ser” dirigente. Como consequência, surge a possibilidade de ser objeto de uma reclamação – sobre o “dever” - de terceiros como responsabilidade, produto de uma dívida com essa paisagem sugerida por ele como exemplo. Com efeito,

Les valeurs ont changé, mais non les finalités, le classe dirigeant ne se trompent pas sur le enjeux. Elles continuent d'exercer, au

---

<sup>250</sup> Ter vivido, então, “desde dentro” ou “intensamente” a experiência clubística resulta numa qualidade transcendental que conecta a emoção com a práxis, como “saber”. A “busca”, que mencionamos no início, se apresenta, então, vigorosamente afetada pela consciência de uma origem amorosa que primeiramente remete à infância, às lembranças, à amizade e aos laços emotivos de proximidade coletivamente construídos.

sein du système sportif, un pouvoir sans partage. Elles assument, dirigeant e organisent l'ensemble de la vie sportive, définissent dans leur propres pratiques corporelle le modèle de la pratique légitime, assurent enfin la promotion du spectacle édifiant de l'excellence et consacrent sa valeur exemplaire (Faure 1991:43).

Neste contexto, o primeiro dos polos –o *ser-* entende sua vontade baseada em substratos relacionados às habilidades práticas de interpretar, escutar e reagir à voz da massa. As consequências modernas desta postura permitem, com mais facilidade, que um outro consiga transformar -e negociar- à massa em *mercado*. O segundo, -o *dever-* fortalecendo-se quando incorpora uma noção de “bem estar” como autoconvencimento voluntário, facilitando a fragmentação da unidade do “si mesmo” da massa em indivíduos conscientes e racionais. Em ambos, o *clube-instituição* e os emblemas preparam um terreno simbolicamente fértil para a convivência da tensão hegemônica, inclusive, colocando o dirigente como unidade “menor” da mesma. Trata-se, então, de uma ambiguidade do espaço “escuro” do mito da caverna platônica, sendo que a instituição do clubismo no dirigente transforma-se no lugar onde uma ampla variedade sócio-cultural de sujeitos aceita, hipoteticamente, confrontar-se existencialmente com diferentes formas particularizáveis da razão, do conhecimento e do saber de dentro, para a “luz da realidade” que se infiltra como emoção de exceção. O que, à primeira vista, parece uma obviedade sobre as relações humanas em geral, mostra-se algo mais complexo quando enfrentado com os imperativos de eficácia a que permanentemente devem se conformar os dirigentes. A fragilidade deve ser contida, fazendo circular uma parte do reconhecimento que o dirigente possui para o jogador, o torcedor, o sócio, etc., criando assim condições de igualdade imaginária entre uns e outros, e estabelecendo criterios de distribuição dos recursos. Este guia para as condutas e negociações é significativo porque não se reduz as instâncias e circunstâncias e ao tom de uma discussão sobre salários, receitas ou serviços; ela se estende e cria redes de afinidade determinantes e vínculos duradouros também com os representantes, empresas e o Estado, hoje peças fundamentais do grande negócio que mantém viva a rentabilidade do sistema *futebolístico -clubístico* nos países produtores de jogadores como a Argentina.<sup>251</sup>

Um exemplo concreto deste tipo de comportamento se observa, no futebol argentino, na recorrente presença das cláusulas especiais em certas transferências de jogadores. O dirigente “tradicional”, seja empresário ou profissional, coloca em

---

<sup>251</sup> Deste modo, o modelo de negociação tende a focar os aspectos instrumentais, envolvendo novos agentes de informação especializados, como a medicina esportiva, a psicologia e, evidentemente, a relação custo - benefício em aspectos como a venda de *merchandising*, etc.

cena, numa negociação, os limites afetivos orientados no sentido da produção de identificações. A astúcia, a honestidade, a palavra empenhada se colocam permanentemente em movimento significativa quando se trata de transações de jogadores entre clubes, termos esses que estabelecem marcos de pertencimento para além do puramente econômico-contratual. Assim, por exemplo, quando se realizou a venda de 50% dos “direitos federativos” do atacante Mauro Bosseli, do Boca, para o Estudiantes, colocou-se uma cláusula especial que impede este último clube de utilizar este jogador em enfrentamentos contra o Boca. A incorporação deste tipo de cláusula é muito comum no futebol argentino dos últimos anos e geralmente tende a afirmar o condicionamento dos pequenos clubes por parte dos maiores; aparentemente, ela restringiria o campo de produção eficaz para a “mercadoria” vendida, como valor de troca, porém sua funcionalidade econômica reside em outro lugar, separado da livre circulação de mercadorias. Reside basicamente na manutenção da identificação desse jogador com o clube de origem, com uma unidade imaginária que poderia se quebrar entre o jogador e o clube em que geralmente foi formado –por exemplo fazendo um gol- e ao qual provavelmente deverá retornar se for apenas um empréstimo ou uma venda parcial. O laço emotivo é um laço econômico e exige um tratamento político de negociação.<sup>252</sup>

Para isto, a atuação do Departamento de Futebol opera como um espaço de intermediação entre as necessidades dirigenciais e as que se originam a nível do corpo técnico e dos jogadores. Ele constitui um espaço de negociação permanente e fluído e o dirigente desenvolve suas tarefas geralmente nos centos de treinamento. O caráter e os conhecimentos do diretor são considerados como representativos –uma *tradução*- das demandas ou intenções de uma esfera humana considerada “complexa”, e muitas vezes inconveniente em relação à “distância” recomendável para um presidente com os temas futebolísticos. Daí que a *tesouraria* do clube é entendida como um espelho da racionalidade que deve imperar nas decisões do primeiro. Do ponto de vista da competição pelo poder, ambos os cargos são funcionais, pois não representam um perigo iminente para aqueles dirigentes com aspirações presidenciais. No caso do Departamento de Futebol, ele é avaliado

---

<sup>252</sup> Nesse mesmo sentido, um dos maiores desafios na hora de resolver questões vinculadas com esta tensão manifesta-se no momento de discutir e decidir sobre a contratação –ou demissão- de jogadores e treinadores. Estas instâncias se apresentam aos dirigentes do futebol argentino duas vezes ao ano. De forma dramática, na finalização de cada um dos dois campeonatos nacionais de Série A, e no momento em que se abre o chamado “libro de pases”. Quer dizer, aproximadamente três meses ao ano, a Associação do Futebol Argentino (AFA) autoriza aos clubes a transferência de jogadores. Com certeza, este pode ser considerado o momento mais decisivo a respeito dos acordos e discussões entre membros das diretorias. Não por casualidade, é nestas instâncias que se observa a maior quantidade de renúncias, conflitos e divisões internas tanto no Gimnasia quanto no Estudiantes.

como uma extensão da tendência irracional do futebol, e no caso da *Tesouraria*, os tipos de personalidade buscados para conduzir essa área careceriam da suficiente liderança para competir em estados de “normalidade”. O bom funcionamento deste triângulo cabeça-economia-futebol coíbe os excessos “emotivos” que tendem a produzir efeitos na administração como um todo indefinido.

Neste sentido, existem assim, certas “máximas” que funcionam como limites e que enunciam o lugar transcendente do clube sobre os desejos, gostos e argumentos individuais. De alguma forma, estas máximas operam recolocando o dirigente no plano da vocação e do sacrifício implícito na dimensão “civil” do cargo. Um exemplo deste tipo de máximas é aquela que indica que deve ser sempre o treinador, em um diálogo com o responsável pelo futebol profissional (Secretário, Coordenador ou mais recentemente o “Gerente”) quem deve escolher os jogadores a serem contratados e negociados. Esta máxima é uma *sentença* reitora dos desvios da *paixão* e do *interesse* do dirigente, sendo tão ou mais importante do que aquela que deriva de uma virtude transcendente do sujeito: o equilíbrio entre faturamento e gastos, entre receita e despesa, determinando o que se apresenta publicamente como “*estar dentro das possibilidades econômicas do clube*” (Arq. González). Esta premissa, que também vimos expressa acima pelo Cdr. Richetti, cria novamente a plataforma de uma minieconomia política baseada nas emoções. Compreender a necessidade de manter em um campo de certa autonomia a escolha de jogadores cumpre a função de colocar uma linha divisória sobre os campos de interpretação a que o dirigente está habilitado, assim como também colocar em perspectiva suas ações. Em primeiro lugar, porque ambas as sentenças se orientam para enfrentar diretamente as expectativas de incrementar o capital simbólico da identificação *clubística* e formulam claramente coordenadas práticas a respeito de um outro antagonismo estruturante de um grupo de poder: a tensão entre fins e valores implícitos nas decisões.<sup>253</sup> Trata-se de uma “lei consuetudinária” fundamental ao exercício do poder dirigençial. Os vínculos se veem fortalecidos –ou fragilizados- a partir da prática dirigençial

---

<sup>253</sup> Tenho verificado, por intermédio de várias fontes, casos em que empresas ou estúdios profissionais, pertencentes a um dirigente do clube rival, são contratados por este, para realizar tarefas pontuais no clube, independentemente de seu pertencimento *clubístico*. Este tipo de circunstâncias –muito mais comuns do que se reconhece publicamente- são ocasiões que operam em dois sentidos de identificação da condição de dirigente. A entrega de uma escritura pública do clube ou a realização de uma obra de remodelação no estádio ou na sede do clube são instâncias que permitem apresentar as qualidades individuais das atividades próprias e, por outro lado, colocam os laços de confiança acima da identificação futebolística, em favor da racionalidade e da eficácia pretendida como objetivo de identificação com o grupo. Formalmente, esta premissa, baseada em uma objetividade flexível, só perde força em caso de existir um sócio –difícilmente um dirigente- com certa proximidade ao clube que seja considerado “melhor” para realizar, no próprio clube, tarefas objetivas vinculadas com o seu ramo de atividades. Ambos os procedimentos tendem à reprodução de um status dirigençial ligando essa atividade às qualidades profissionais.



concreta. Em consequência, os afetos são compreendidos como perigo e virtude ao mesmo tempo, e entram em ressonância direta com o modelo civilizatório implicado na relação entre instituição e competição no futebol.

### 5.3. O “ímã” difícil de frear

O futebol, especialmente durante a performance do evento, distribui energias coletivas que tendem à desordem do trajeto ‘dirigencial’. Para o dirigente, em última instância, o evento espetacular é a ameaça entrópica que deve enfrentar e vencer, a chave secreta do seu próprio sucesso ou fracasso. Apesar das dificuldades para reproduzir os velhos esquemas de interação entre pares, situação própria do estado de transição em que se encontram os clubes de La Plata, um aspecto desta tensão se conserva intacto: todos os elementos que dão sentido à relação entre a trajetória profissional e vida pública, noções de pessoa e ascensão concreta ou manutenção dos cargos dirigienciais, se veem convocados nas instâncias que vinculam as decisões próprias desta função com a competição futebolística do time profissional:

...uno no puede decidir con el corazón. Yo creo que la pasión es a veces como una guía a la hora de tomar decisiones importantes en la vida del club. Me pasó muchas veces, que cuando veía que había que tomar una decisión, sobre todo de dinero, pero también de otro tipo, como contratar o echar algún técnico, que todos a mi alrededor se ponían como locos, muchos de la comisión, profesionales, tipos que piensan, pero que estaban como incapaces de reflexionar en ese momento, yo pensaba, entonces debe ser mejor hacer lo contrario.( **Cdr. Olivera**)

Como foi tratado aqui, a função do dirigente é a de conjurar a paixão através do “amor ao clube”. Ele se sente um depositário de um *destino* coletivo e está comprometido com ele uma vez integrado como vocação. Em consequência, neste engodo, subsiste a conceituação sobre a importância que tem, entre os dirigentes, a dicotomia entre espírito empresário e comunitário com relação à função das paixões e das emoções. Ainda que esta dicotomia sirva de ponto de referência ideológica para a maioria dos dirigentes, sob nenhum aspecto é identificável como pertencendo às práticas de um e outro clube platense de forma absoluta. Aparecem sim, sob o ponto de vista do discurso, como valores que estão em jogo entre eles próprios no nível dos tipos de exercício do poder e no destino da “sociedade” que representam.

Uma vez mais aparece, aqui, o já velho mecanismo etnogênico tantas vezes mencionado nesta tese. Porque a forma como é colocada a relação entre paixão e racionalidade é central para este exercício na cena dirigiencial

cotidiana. Para aqueles que permanecem identificados com a versão associativa e, por extensão, às profissões liberais, o reconhecimento é algo a ser conquistado na vida pública, que permitiria fechar o círculo virtuoso de uma subjetivação coletiva de valores socialmente amplos, mas expressos sinteticamente pelo *clube* como entidade supra-social. Assim, a eficácia e a audácia ficam como elementos a serem colocados em circulação, uma vez que entrem em equilíbrio com a prudência, a moral, a ética, etc. Para aqueles identificados com o modelo de “lucro distributivo”, genericamente chamado aqui de empresário, trata-se de mostrar capacidades para manter esses valores e conquistar retribuições e recompensas materiais baseadas em formas de privilégio com o horizonte colocado em uma lógica de expansão. A polaridade explica duas formas de perceber o outro: primeiro, como súditos-soberanos; e o segundo, como mercado-massa.<sup>254</sup>

Existe, sem dúvida, um mapa relativamente amplo de instâncias institucionais em que um dirigente tem a oportunidade de estabilizar esse *self* na esfera do futebol profissional. A instância reconhecida como central tem lugar nos momentos definidos de debate e diálogo, quando a lógica do reconhecimento público toma forma institucional e legal. Entretanto, para alguns deles, a ênfase está depositada na ação, na tomada de decisões e na forma de comunicá-las a seus pares a partir de uma gestualidade da autoridade que excede as marcadas pelas modalidades de poder formal. Para outros, a ênfase recai no fortalecimento - e respeito- aos mecanismos formais e na construção do consenso consciente - e verbalizado - em reuniões e negociações com dirigentes de outros clubes. Para o modelo de gestão de risco e vontade de poder - identificado genericamente no senso comum com o empresário-, as decisões inconsultas não são percebidas como inimigas do espírito coletivo, ao contrário; tendem a ser interpretadas como uma evidência de estarem atuando dentro de um sistema de exercício do poder e de liderança positivo e construtivo, sistema esse fundamentado na idéia de que “*nem todos podem assumir as mesmas responsabilidades*” (Eng. Del Franco). Entretanto, para o modelo de subjetivação instrumental das decisões, a presença da utopia democrática, expressa pelas formas de legitimidade coletiva, é compreendida como uma ferramenta de enquadramento - e dissolução - das consequências possíveis de irresponsabilidades individuais, já que “*a cabeça de um clube não deve ser o todo*” (Cdr. Fuentes).

Neste sentido, a busca simultânea do consenso e da eficácia se apresenta sob uma espécie de manto de religiosidade, semelhante à da fundamentação

---

<sup>254</sup> Mas por mais simbolicamente limitadas que se apresentem ambas as opções, o problema se origina no nível de identidade da instituição que cada um deles representa em determinadas circunstâncias de pregnância futebolística, ora identificando-se com uma visão do anti-negócio, ora identificada com uma visão anti-formalista.

ocidental característica da “teleologia democrática”<sup>255</sup> (Lefort 1990). De uma ou outra maneira, a justificativa de “ser dirigente” no futebol tem como ponto de partida a idéia de pertencer a uma forma de sociabilidade hierárquica flexível, cujo desenvolvimento natural os qualificaria para assumir exitosamente esse papel social que, no nível da sociabilidade, combina práticas de poder e reconhecimento formal e informal. Contudo, uma vez investidos nos cargos diretivos mais importantes de uma CD (já mencionados no Cap. I), os dirigentes devem produzir mecanismos adequados para a ascensão e a circulação das pessoas dentro de um grupo de dirigentes, mantendo certa independência do juízo ritual que se coloca em movimento com cada partida. Logicamente, a autonomia -e estabilidade- relativa de alguns cargos, como os de tesoureiro ou de diretor do Departamento de Futebol- deriva da necessidade, intrínseca ao clube, de afastar o mais possível as decisões do “imã” do futebol entre os dirigentes da CD. Permite criar pontos nodais onde amarrar a racionalidade ao poder e dar sentido à autoridade em um horizonte utópico coletivo. Considera-se, assim, que a autonomia em áreas de decisão tão sensíveis resultará na “proteção” do clube de irracionalidades derivadas do status originário de “torcedor”, que é condição originária do dirigente como “homem de platéia”, uma proteção do impacto imediato dos resultados nas cabeças visíveis de uma determinada condução. Esta versão coerente do poder se evidencia como intencionalidade tanto no Gimnasia como no Estudiantes, tanto entre empresários como entre profissionais liberais.

Acá se consensúa todo. El Presidente es el primero que quiere que sea así. Claro, no todo se lleva por primera vez a las reuniones de Comisión Directivas. Primero se discute entre aquellos que tenemos más diálogo, que conocemos como pensamos. Ahí se va viendo lo que cada uno piensa y se van adaptando las propuestas. Aunque a veces no se consiga unanimidad, se llega a la reunión con el tema más o menos definido para que salga... en los temas importantes estoy hablando, como la compra y venta de jugadores, la realización de una obra, o ciertas decisiones estratégicas como la política de socios... Se llevaba el tema consensuado, con un grupo y después se sometía a votación. Y si la votación salía en contra, salía en contra eh. Pasa que ahí esta la habilidad del dirigente cabeza de la dirigencia de saber llevar la cosa para que lo que el piensa sea entendido por los demás y aprobado. (Sr. Cardoni)

---

<sup>255</sup> Como consequência desta lógica de diferenciação individual em que se apresenta o grupo dirigente, deve-se impedir o mais possível a “inclinação de ir além dos limites inicialmente traçados pelo grupo” (Simmel 2002: 320).

Esto tiene que ser más una familia que una empresa. Prefiero un monarca que a un patrón de estancia. El patrimonio es de todos, no de uno. Por eso tenés que escuchar, consensuar siempre, aunque a veces no se haga lo que vos pensás. Hay que evitar el caos, por eso tampoco todo se pone en discusión inmediatamente cualquier cosa desde el principio. Pero si hay que tener charlas entre los dirigentes que están adentro del tema a tratar en comisión. Hoy se coloca en comisión, y te bancás 5 horas de hablar y hablar muchas “boludeces”, pero lo cierto es que eso es lo que fortalece la institución directiva, lo que permite que funcione. Si sos personalista, tarde o temprano perdés el control...” (Cdr. Fuentes)

Estes relatos compõem um encadeamento interpretativo. A busca de um equilíbrio entre uma lógica do segredo e a intenção de demonstrar um compromisso com um espírito de grupo remete à origem miticamente construída do dispositivo institucional da CD. Porque a necessidade de permitir canais de participação equilibrados na consecução dos objetivos repercutirá diretamente na manutenção da capacidade de tomar decisões e de garantir condições de continuidade do grupo, ambas indispensáveis para que a lógica do reconhecimento dirigencial incorpore a dimensão subjetiva de “pares”, transcendendo a objetividade dos êxitos esportivos que se *coisificam* na cultura objetiva. O estado de negociação necessário para manter viva a força do reconhecimento de liderança se transforma - às vezes, com angústia - no reverso, onde o dirigente separa suas virtudes da “ingenuidade” dos simples torcedores e do jogador. As decisões tendem, porém, a ser justificadas e ancoradas nas grandes linhas de força apresentadas como dadas pela cultura objetiva, suportada pelas exigências semióticas do emblema como totalidade.

Em uma passagem que geralmente o transforma em dirigente, através de uma “convocatória” - que revela uma vocação de intérprete das necessidades de condução implicadas na mencionada tensão entre emblema e instituição ao longo deste trabalho - não cabe dúvida de que a separação entre o universo das condutas emotivas e o universo do ‘ideal dirigencial’ se apresenta como necessária, e se joga, em grande parte, em uma variedade relativamente ampla de arenas de ação. Como já temos mencionado, a presença efetiva de um modelo de ação coletiva encarnada no modelo de funcionamento tipificado como deliberativo das Comissões Diretivas, e ainda com maior aderência simbólica no modelo de ‘consenso assembleístico’, representa uma instância de negociação tendente a encenar ambos os universos.

Existe, sempre, no coração das CD, personagens que cumprem papéis protagônicos deste antagonismo, já que a função simbólica deste tipo de reuniões encontra parte de sua eficácia na fortaleza que esta formação consegue

gerar e manter, no tempo, para albergar este antagonismo fundador. Ou seja, não são espaços unívocos, ‘deliberativos’ ou ‘decisivos’, ‘liberais’ ou ‘empresários’. Eles combinam estes universos buscando que o equilíbrio instável seja eficaz ao inclinar-se segundo as circunstâncias. O clube com futebol produz um tipo de hierarquização antagonica –e pendular– dos valores instituintes da ordem, tipicamente modernos, defendendo –dependendo das circunstâncias– a supremacia da razão sobre a paixão, fortalecendo a valorização comunitária, coletiva e plural do interesse sobre a deliberação ou fortalecendo os valores do individualismo sobre o consenso e os coletivos. Consiste naquilo que diversos antropólogos e sociólogos têm destacado, quanto à suposição subjacente nas sociedades capitalistas modernas, de que as atividades políticas debilitam as econômicas e vice-versa (Hirschman 1997, Sahlins 1997, Sennet 2006, Weber). Esta particular –e constante– obsessão dicotômica está incrustada na cultura da pequena burguesia local e tende a diluir sua condição distintiva quanto ao lugar dado ao poder simbólico na função econômica, em contraposição com a função política da moral do poder.

Do ponto de vista da sobrevivência do grupo de condução do clube, o consenso remete, então, à capacidade de se apresentar coeso frente a decisões importantes, mas também de mostrar-se capacitado para a formulação de estratégias de diálogo e debate capazes de gerir adequadamente os saberes produzidos pelos integrantes. Este processo tem a ver com a instituição e a norma, mas também com o emblema, lugar das emoções e extravasamentos. Seja, então, em situações mais formais como, por exemplo, durante as reuniões de CD ordinárias –hoje pouco comuns em ambos os clubes– seja em reuniões da ‘*mesa chica*’, o poder de intermediação é elaborado pelo dirigente como emergente de uma ‘paixão domesticada’ -um ‘civismo sentimental’, como dirá Elias-, seu poder responde a uma exigência do status para a produção de um “prestígio que aspira a prestígio” - na guerra para o exterior e na ordem jurídica para o interior-, como também dirá Max Weber. A liminaridade entre seu papel tradicional afetivo e aquele de arranjo de valores se traduz, no nível estrutural, também em uma liminaridade própria do caráter associativo e empreendedor do *clube-instituição-emblema* a que ele aspira comandar.

Como vemos, do ponto de vista ideal, a necessidade de uma articulação entre dirigentes da Presidência e espaços com relativa autonomia de decisão forma um círculo virtuoso no discurso e constitui, assim, uma estratégia transcendental contra a concentração do poder e os perigos do “imã”, sem que se estabeleça um “excesso de democracia”. Por um lado, os estilos de direção técnica e a formação de jogadores dependem dos departamentos de futebol (profissional e amador), e por outro, os contratos dos jogadores e do corpo técnico, e o equilíbrio nas contas com relação às outras atividades esportivas, culturais e sociais do clube dependem da opinião da tesouraria. Apenas as

grandes decisões sobre vendas ou compras de jogadores, ou sobre a realização de obras de infra-estrutura (ativos e passivos) ficam no âmbito das CDs.

Entre os mais importantes, diferentemente da Presidência, da Vice-Presidência, da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> Vice-Presidência e da Secretaria Geral -fortemente ancoradas nos rituais formais e legais, como reuniões, atos públicos e recepção de autoridades menores do clube- estão os cargos de condução à frente dos Departamentos de Futebol Profissional e a Tesouraria, espaços de decisão de muita importância interna pois combinam poder, autoridade e autonomia. A relevância de ambos deriva do fato de se ocuparem da direção de duas das esferas mais sensíveis do clube, no que se refere a servir de “controle” e “fusível”, respectivamente, da performance institucional e futebolística de uma determinada gestão. Como exemplo desta visão do clube como instituição-laboratório está o importante papel reservado às “comissões revisoras de contas” –e não unicamente do ponto de vista formal, mas também do ponto de vista do prestígio dos seus integrantes-, o que dá uma idéia cabal de que existe uma visão estrutural do clube como Estado, sendo que este organismo de segurança das ações econômicas se assemelha, em sentido e fundamento, ao de uma justiça econômica eficaz, aos Tribunais de Contas nacionais ou regionais.

Todavia, este tipo de determinações também está sujeito a estratégias de construção consensual que diminuam as incertezas e a polifonia e estabeleçam pontos de referência. Através de conversações informais entre os membros da diretoria com afinidades, ante este tipo de decisões, se multiplicam as reuniões entre dirigentes com a finalidade de negociar pré-acordos que facilitem a tarefa dirigençial no momento das reuniões ordinárias de comissão, quando se decidem questões importantes, como a compra de jogadores, a política de ingressos e egressos – entrada e saída de capital - para o próximo período em relação às atividades amadoras e profissionais, a escolha de um treinador ou a definição de prioridades quanto às competições. A promessa implícita nos termos “objetivos traçados” e “projetos defendidos” funciona como conceito fundamental dessa negociação permanente e tende a desprezar o fantasma entrópico do desvio impulsivo em favor de um “espírito de grupo”, sua tendência interna à oligarquização.

O mais interessante se observa no momento em que a aparição de um líder carismático não se declara exclusivamente de um lado ou do outro dos estilos de gestão das decisões. Por um lado, porque a liderança carismática se nutre da paixão dos outros para direcionar corretamente decisões que o diferencia dentro do grupo, e por outro, porque ela pode emergir como consequência de um excesso de paixão e, ao contrário, projetar-se acima do conservadorismo dos próximos. Dessa forma, a função das CDs e da participação ativa de outros membros do grupo nas discussões e decisões opera favorecendo a um ou a outro tipo de liderança carismática. O clube é visto,

assim, como a vida em sociedade, portanto, como um lugar adequado para construir hierarquias e uma ordem social em que a paixão tem um lugar como fato cultural coletivo objetivo. A dinâmica da CD é um elemento central que permite transformar a ambição de poder e o desejo de riqueza em ação política, depositando-a no clube como *'bem coletivo'*. O clube, por assim dizer, é um espaço relativamente contido pela paixão ao emblema, onde se realiza um processo universal, uma metamorfose de forças ocultas e às vezes monstruosas que o dirigente se sente capacitado de gerir e produzir.

Las reuniones de Comisión directiva podrían funcionar según el estatuto con los vocales titulares, nada más. Acá en Estudiantes, no es así, acá se llama a reunión a los titulares, a los suplentes, a la comisión revisora de cuentas, y todos opinan y todos votan. El voto del presidente vale igual que el voto de un suplente. **(Sr. Cardoni)**

Acá hay abogados, jueces, empresarios, sindicalistas, diputados, toda gente importante, que ha conseguido lo mucho que tiene luchando. Pero acá somos todos iguales, no hay mejores que otros, solo el trabajo con pasión dice quien decide en el día a día... **(Arq. González)**

A tensão é vivida e verbalizada por estes dirigentes como uma operação subjetiva que transforma a experiência da CD num desejo de distribuir e instituir espelhos onde olhar-se e olhar aos outros, em particular, os pares que compartilham uma categoria cultural que tem sido abstraída, seja como membros de um corpo colegiado ou de uma vontade geral. Assim, a valorização positiva ou negativa de uma CD - integrada por uma maioria de sujeitos de origem empresarial ou por profissionais liberais- com experiência em associações vinculadas às suas respectivas ocupações, tem como principal objetivo pôr em cena os riscos e perigos de procedimentos com um excesso de personalismo ou democracia na tomada de decisões. Segundo a perspectiva da teoria política de John Rawls (2004), a tentativa expressa nestes dirigentes, de manter um equilíbrio direcional dentro de instituições semelhantes às aqui tratadas, deve-se a que estas estariam efetivamente incapacitadas de servir como receptáculo para pensar estes problemas como uma totalidade – ou seja, como História com H maiúsculo. Isto, segundo Rawls, porque seus membros estariam condicionados a perseguir objetivos e propósitos circunscritos a uma lógica familiar-associativa, típica da fragmentação econômica, que caracteriza organizações sociais como os clubes (2004: 22); ou seja, por um lado, a ficção étnica composta pelo clube-emblema, e por outro, a ficção de status dirigençial do clube-instituição e das “estirpes”.

O clube, em termos desta ficção étnica familiar associativa é, também, um lugar da política, enquanto se propõe a construir uma “cultura produtiva não

determinada pela reprodução econômica” (Shalins 1997: 23). A dicotomia aponta, assim, em duas direções possíveis, para a adequação destes modelos ao universo do clube-emblema - como semiótica das decisões. De um lado, o *secular* e *marítimo*: um dirigente que (**Sr. Cardoni**), semelhante à *Fábula das Abelhas*, de Bernard Mandeville, vê que a paixão pelo emblema, enquanto vício privado, pode ser colocada em obra e plausível de ser transformada em virtude pública e em bem geral. Uma transformação que tem como fundamento a habilidade do “homem político” que vive no dirigente enquanto “vocaçãõ” que, secretamente, se conecta assim com a visão de Vico ou Toqueville, para os quais, o assunto é produzir um encapsulamento das paixões por meio de uma “lógica de estado” superior, de uma normatividade socialmente instituída que permite transformar a crueldade, a avareza e a ambição em trabalho militar, em comércio e em política. De outro lado, o dirigente (**Arq. González**) o qual se vê, radicalmente, no espelho de Adam Smith, partindo da idéia fundamental de que a paixão é o motor dos atos individuais e do trabalho porque “*vem de baixo*”. Esta paixão, liberada para agir em um espaço aberto como o mercado, com a menor quantidade de intromissões possíveis, e incorporando a menor quantidade de normas e rituais consideradas burocráticas, **servirá**, assim, à acumulação e ao interesse geral (Hirschman, 2005: 21). Novamente, esta tendência *sacra* e *terrestre* é traduzida por um alto ex-presidente de Gimnasia como afastamento de uma cultura do mérito e da justiça:

Creo honestamente que nadie se acuerda de todo lo que yo hice en el club cuando estuve en la Presidencia. La piletta, el micro-estadio, los quinchos, los contratos para la publicidad. Pero todos se acuerdan del gol que erramos y nos dejo en la segunda división. Me ha sido muy difícil a lo largo de los años desprenderme de esa mochila, y creo que va a ser imposible que lo logre. Todo lo que hice de desvanece en esa jugada. Y no tuve nunca nadie del club que me defienda de esa injusticia. (**Sr. Rodríguez**)

Nos diversos casos e trajetórias que tratei, esta dicotomia se apresentou sempre como imperativo e ponto de referência para produzir adequadamente um contraste entre o futebol e as “outras” disciplinas esportivas incluídas como estruturantes do conceito *clube*. Justamente neste plano, existe, entre a grande maioria dos dirigentes que entrevistei, uma “crença” - que aparece incorporada neles de forma consistente - de que há um âmbito, diríamos, uma dimensão simbólica, em que a presença da indeterminação condiciona fortemente as diferentes etapas de sua trajetória como tais: o acaso.<sup>256</sup>

---

<sup>256</sup> A antropóloga Mariza Peirano (1995), ao analisar as trajetórias de renomados cientistas sociais brasileiros, a saber, Darcy Ribeiro, Antonio Cândido, Roberto Cardoso de Oliveira e Florestan Fernandez, verifica uma constância entre os depoimentos dos referidos entrevistados: a de lançar mão do acaso como explicação principal para determinados



O “acaso” no futebol se passa sobre as instâncias de realização do sujeito dirigencial. Aqui o preciso da competição para os torcedores, o resultado, é uma incerteza para os dirigentes. O resultado os coloca no mesmo nível da avaliação da sua performance objetiva, identificada concretamente com a futebolística. Em princípio, esta indeterminação atentaria sempre contra qualquer tipo de merecimento, tal como o clássico teórico do liberalismo econômico, Van Hayek, definiu os termos *amorais* em que funciona o mercado para quem participa dele e como deixa ver acima o dirigente de Gimnasia, de acordo com sua identidade “excluída”. Ninguém pode garantir a demanda de um produto antes dele ser exposto no jogo da concorrência, o que é, enfim, um modo liberal de entender a competição. Assim, o modelo de gestão decisionista, identificado com o universo dos empresários, deriva, usualmente, em uma estigmatização de personalismo, ficando mais difícil de direcionar as consequências aos autores desse acaso. Parece até fácil comparar esta dificuldade pensando na diferença, no âmbito da economia-política capitalista, entre uma dinâmica de intercâmbio regulada e equilibrada pelo Estado e pela política e outra liberada ao mercado.<sup>257</sup>

Todavia, o que realmente parece explicar que uma eventualidade - derivada de uma partida de futebol perdida - afete mais a um “decisionista” que a um “deliberativo”, consiste em que a “sem razão” do acaso futebolístico pode ser melhor assimilada e interpretada pelo segundo. As consequências derivadas de condutas intempestivas, influenciadas por interesses carismáticos que ameaçam a autonomia moral e ética de certos campos de decisão coletiva, concentram o acaso de um resultado negativo diretamente em determinadas formas de ação pessoal e, portanto, afetam sua pessoa e não o grupo. O modelo deliberativo tende a concentrar menos as ressonâncias negativas de certas eventualidades azarentas. Especialmente porque este modelo deixa fluir estratégias “explicativas” e lógicas, facilitando as instâncias de comunicação, tanto aquelas que derivam da demanda midiática quanto as que podem ser classificadas como “propriamente institucionais”. Na verdade, este modelo está melhor preparado para distribuir responsabilidades entre seus integrantes, para justificar as decisões em prerrogativas baseadas numa “linha de ação definida”, em uma noção de “projeto” coletivo. Certamente, esta última referência é uma abstração que pode ser substituída, mudada ou adaptada segundo as necessidades, mas diferentemente do que acontece com as versões de gestão

---

momentos decisivos de suas trajetórias profissionais.

<sup>257</sup> Tal como acontece com esta esfera, as fragilidades se acentuam em momentos de expansão -a luta pelos campeonatos- e em momentos de retração -a perda da categoria de elite. A princípio, isto se relaciona diretamente com uma obviedade: o fato de que, se um presidente objetiva a noção de “ação dirigencial” exclusivamente sobre suas costas, as responsabilidades sobre as derrotas e os êxitos futebolísticos também lhe serão creditadas.

personalistas, ela se descola facilmente das críticas ao caráter ou às capacidades individuais. Apesar de que, chegado o momento, a crise política possa vir a provocar renúncias de alguns dirigentes, os grupos que controlam institucionalmente o clube e que se auto-definem como deliberativos pagam um menor “custo político” no nível dos sujeitos dirigentes, inclusive porque, à medida em que a lógica e o projeto permitem justificar atos, o grupo os protege e cria enunciados coletivos de reconhecimento mais ou menos explícitos capazes de racionalizar este azar.

Pode-se concluir, provisoriamente, que há apenas duas formas realmente distintas de ver a relação entre a paixão e a razão como reguladoras para a construção de estilos de gerir e decidir nos clubes. Mas, em realidade, são duas formas pendulares de capturá-la para uma ação dirigencial eficaz e para produzir uma identificação do poder com o clube-instituição. A primeira, baseada na idéia de negociação como mecanismo da pulsão de apropriação de uma natureza anterior, ou seja, uma visão “lockiana” de auto-conservação da agência individual, status ou de classe, que se produz a partir de uma razão que sente medo e que luta contra a avareza e o egoísmo justificando-se na “consciência da necessidade do outro” e que funciona por aproximações. A segunda uma racionalidade absoluta que unicamente é possível quando deriva diretamente da autoconsciência de uma pulsão de poder, quer dizer, na justificativa de uma razão de Estado –ou mercado- fundamentalmente todopoderosa, baseada em rejeitar a debilidade da negociação e a covardia do consenso, e sim em uma “integridade” universal das identidades em disputa. Abstraindo os possíveis antagonismos em forma de *modelos*, estaria, por um lado, aquele que narra a si mesmo como pedagogo, como uma marca social capaz de absorver e negociar com a dimensão social e cultural da experiência histórica herdada no clube, e aquele que, fundado no destino do emblema junto com o seu povo histórico, tem como ameaça permanente o espelho emotivo da sua origem. Nos termos de Simmel (2002), está, de um lado, esta última, a idéia de uma sociabilidade de natureza assimétrica, e no outro, a construção de uma simetria formal de uma sociabilidade puramente instrumental.

## Capítulo VI.

### “*Somos hombres de platea*”: ser, olhar e mostrar

#### 6.1. Uma arena para a *différance*

Lembremos, neste trecho final, a perspectiva de um dos maiores inovadores do que se tem chamado de “estudos da ciência”, o antropólogo francês Bruno Latour (2001, 2005). Com originalidade, ele observou que havia, nos espaços dos laboratórios mais sofisticados do mundo, práticas cotidianas e excepcionais através das quais a ciência “criava”, à sua própria medida, as noções de uma natureza essencial. A rigidez destas práticas é suportada por meio de um distanciamento radical entre o mundo do investigador e a própria ciência, uma *essencialização* da natureza “naturalmente científica” em que os dados objetivos – “a natureza das coisas” – são tratados com um ou vários aparelhos de consignas e sentenças justificadas acriticamente, ao nível dos próprios resultados<sup>258</sup>. Para que este processo tivesse sentido de verdade, o próprio cientista colocava-se em uma relação de exterioridade com os coletivos sociais.

Mas, por que, e em que condições, um universo aparentemente fragmentado, heterogêneo e embutido no mundo social como o ‘dirigencial’, poderá ser apreendido, com os mesmos papéis reservados a sistematizar e materializar em práticas próprias formalmente consistentes, um espaço de produção de um saber transcendente sobre o mundo, tal como de fato acontece - imaginariamente- com os cientistas de Latour? Não é preciso esclarecer em que consiste a distância antropológica e sociológica que separa um laboratório científico de um clube *no* futebol. Então é preciso dizer, em primeiro lugar, que se trata apenas de uma metáfora, de um modo de falar.

Com efeito, temos visto como, ao longo das “histórias” de cada um dos clubes aqui trabalhados, tem-se construído uma série de “preferências” que guiam a identificação de uma ou várias relações subjetivas -e possíveis- entre o caráter e função do ser dirigencial: a paixão, a razão, a memória, em suma, os *outros*. Mencionamos também que eles se inscreviam, assim, originalmente, como categorias culturais de um tipo de poder publicamente não político, particularizado na sociedade civil, mas também no interior de um esquema de representação que debate a ordem social na moderna filosofia política. Debate esse que, de Montesquieu a Toqueville, de Locke e Hobbes até Adam Smith, formulou-se a si mesmo no estatuto da interferência da

---

<sup>258</sup> Não é comum a incorporação de perspectivas interpretativas e hermenêuticas – sociológicas antropológicas ou psicológicas - nestas áreas de conhecimento e, sobretudo, no nível das práticas, o que traz intrínsecas consequências sociais sobre a entidade da construção subjetiva do real.

política sobre as identificações dos seres objetivos. E debate que subsumia também suas prerrogativas num ideal codificado por uma retícula de matriz economicista e uma estrutura de pensamento que estará fortemente entrelaçada com as linhas – e matizes - dos conceitos de *interesse* e *paixões* (Hirschman 1997). Efetivamente, a centralidade do primeiro deles em conexão com a noção de “bem comum” foi possível segundo duas operações argumentais simultâneas de cálculo, muitas vezes entrecruzadas, e das respectivas narrativas e autorias ao longo do tempo. Assim, por um lado, sustentou-se um modelo restritivo, normalizado e equilibrado, com o objetivo declarado de diminuir os “apetites” desviantes do poder apaixonado pelas idéias – emblemas- em um sistema de contrabalanço e separação de poderes – instituições; por outro, argumentou-se a emergência de uma agência individual –instituição- cuja ambição apresentou-se encarnando os valores do bem comum universal da abundância de uma sociedade de mercado, fazendo da paixão – emblema -, novamente, uma virtude material. No primeiro, o ideal comunitário se confundia então com aquele de uma elite política privilegiada culturalmente, e colocava-se como modelo sobre o horizonte de uma “sociedade moral” inteira, em que dominaria um contrato de participação limitado na forma de “notáveis”. O segundo preferia ver no desejo de ganho o antídoto necessário contra o despotismo da política<sup>259</sup>. Na disputa entre duas argumentações para um mesmo problema - os “desbordes humanos”- há uma antipolítica que se apresentava justificada, de um lado, pela restrição e separação dos universos de ação social em um jogo, e de outro, na extensão e indiferenciação destas esferas.

Deste modo - ainda que este velho problema não tenha o mesmo caráter daquele dos Estados (e sua classe política ou dirigente) - as pequenas sociedades habitadas pelos dirigentes *no* futebol, que visitamos nestas páginas, acharam, nesta desordem, uma *arena* adequada para constituir-se em uma interpretação de ambos os dispositivos ideológicos, mas encontrando na manifestação dos emblemas o “sotavento” para suportar as tormentas desta disputa. Alguns indícios de “outros mundos” ajudam na

---

<sup>259</sup> Para Weber, como também para grande parte de seus críticos, tratava-se primeiro de situar os processos psicológicos que podem conduzir certos grupos a se consagrar exclusivamente à acumulação capitalista. Na minha interpretação, uma vez admitido que se trata, em determinado momento da história, da existência de homens que têm se engajado neste caminho, se coloca o problema de compreender como este fenômeno se relaciona com a constituição e o disciplinamento das elites intelectuais, sociais, dos quadros superiores ou altos diretivos de Estado. Certamente, a reação destas elites ou destes grupos de poder “em constituição” tem sido favorável à emergência e ao endereçamento ideológico destes sujeitos empreendedores, mas como afirma Hirschman (2005), não tanto porque as atividades lucrativas tenham magicamente passado a ser dignas de aprovação unânime, mas porque elas significavam uma vantagem prática na hora de evitar ou diminuir os erros de condução ou as “teimosias do príncipe”.

tarefa de compreender melhor quais são os sentidos desta pugna para os dirigentes de Estudiantes e Gimnasia. Finalmente, a questão, era para Latour, também a de demonstrar que, em realidade, tudo se passava em uma série de “dramas” - às vezes, quase absurdos -, em que os atores – as substâncias, os microrganismos, os elementos, os instrumentos, etc - eram os protagonistas, simbolicamente dotados de valores em uma *construção e fabricação* cultural que os excedia (Latour 2001: 140-145).

Este é, a meu modo de ver, o efeito primário da potência experimental dos clubes: a produção, a organização e a reprodução institucional de uma “natureza” espetacular do futebol como lugar privilegiado para encaminhar fluxos simbólicos seculares, aparências que não remetem a nada transcendente, nem magia, nem encantamento, nem signo divino. E se, como diz Eherenberg (1991), trata-se de “um comentário de alcance universal sobre a vida social moderna, já que torna visível a relação mais comum que pode haver com a igualdade: a tensão que existe em cada um, entre os sentimentos de similitude e de diferença” (*ibid*: 57), acontece que, para os dirigentes - jogando com os endereçamentos culturais que oferece o universo futebolístico, entre eles os associados com uma *vita ativa* própria à condição agonística em que estes comentários circulam como opiniões - traduzem como razão prática para si, problemas que já foram colocados pela teoria política. Entre eles, os “conflitos divisórios”, os ciclos de caos e crise, a obsessão pela ordem, as relações entre caráter e poder, a manutenção da preeminência, os valores em jogo da excelência e o mérito, etc.

Desse modo, territórios simbólicos, como a empresa, o produto, a identidade, a competência, o consumo, a rivalidade, a comunidade de sentimentos, a sociedade de iguais e, em particular, o que podemos chamar provisoriamente de um horizonte ritual em que os acontecimentos possíveis no ‘estádio-espectáculo’ se apresentam, formam um conjunto de categorias a serem combinadas pelo dirigente e exigem dele um permanente deslocamento das prioridades. Este mecanismo é constantemente verbalizado na ‘dirigência’ quando se trata de definir com atos as identidades táticas dos times, das características físicas e psicológicas dos jogadores, em síntese “*sua personalidade futebolística*” (**Cdr. Fuentes**), e inclusive, como mencionamos no começo desta tese, a eleição, magicamente explicitada, de uma marca de roupa esportiva “*de acordo com a história do clube*”.

Assim, a dicotomia “dirigencial” entre o Gimnasia e o Estudiantes é um território de ação simbólica e prática para uma fabricação ideológica das identidades em termos das idéias do poder, as estratégias de apresentação pública e os estilos de decisão. Ajustam-se, assim, diariamente, os espaços de sociabilidade institucional, nas sedes, durante as tardes de febris reuniões e nas *filiais* durante as noites de festas. Sem saber bem “porque”, mas sim “o

como”, o dirigente se orienta em direção ao encontro “analítico” entre um contexto fertilizado no otimismo herdado da filosofia das luzes – o bem comum, a verdade do clube- e os gestos necessários à produção de seu próprio e particular “drama” de *elitidade* que habita na memória dos atores sociais e nas concepções circulares do movimento histórico evidenciado pelas constantes da vida cotidiana. A manipulação e reprodução de relações sociais de reciprocidade nesse âmbito, os dispositivos de reconhecimento e dominação, as formas de apresentação pública, etc. prefiguram uma proto-formulação do que a “primeira” teoria política de Pareto, Mosca e Gurvich colocou no centro do debate, a saber: a construção cultural, nas práticas de dominação, dos sujeitos e grupos ancorados na sociedade civil resulta nos modos abstratos de “produzir e fazer passar para a teoria política significantes pontuais da uma sociedade em um momento histórico determinado” (Geertz 2002: 212): o clube, como modelo institucional ideal de organização e distribuição de prestígios, reconhecimentos e normas extensivas, e o futebol profissional, como fato social-cultural econômico e simbólico, em que estes elementos são significados e atualizados deste modo. Estes são os elementos que suscitam interrogações e que se colocam como as problemáticas centrais para o dirigente como “laboratório” das experiências.

Esta problematização, aqui insinadamente aristotélica, tem sua metáfora na idéia genérica - sob os critérios clássicos - de um “laboratório cultural”, com a definição de um campo, do objeto, dos axiomas, etc. Tanto no seu aparente reverso, no estatuto cultural de uma vontade de poder “dirigencial” - que se autodeclara esteticamente distinta como originária - como na sua afirmação, onde o dirigente exprime a necessidade de uma busca por estar livre das ataduras emblemáticas, uma vez que recebe *para si* a ausência simbólica de liberdade daqueles que pertencem ao exterior do mundo dirigencial e que o suportam, os torcedores.<sup>260</sup>

Que condições deve ter, então, um dirigente, para poder afirmar-se livre do social e assim, poder gerir o clube como lugar de uma natureza da “elitidade”?

Inicialmente, como o depoimento seguinte sintetiza, deve alimentar o campo simbolicamente com um “desmascaramento” que o coloca em pé de igualdade com os torcedores, ao mesmo tempo em que cria os limites

---

<sup>260</sup> Temos visto, por exemplo, como, através das distintas profissões montadas sobre o ideal dirigencial, os sujeitos parecem emergentes “excepcionais” em um universo aparentemente horizontal, e como eles exprimem, de maneira singular, mecanismos de diferenciação no interior mesmo das dinâmicas de identificação constitutiva de sentidos do sistema futebolístico no que se refere às condutas e às habilidades “habilitadas” que definem fundamentalmente medidas de excelência e mérito.

necessários, anteriormente criados e estabelecidos pelo único distanciamento objetivo realmente válido no plano das emoções visíveis e capaz de produzir sua diferenciação:

Um dirigente tiene que cuidarse como nadie de los exabruptos. Pero, la verdad que en la platea entendés que el futbol es algo realmente genial y único. Vos te das cuenta ahí en la cancha, de que cierta gente importante y que quiere ser o es dirigente, que va a la platea como buenos señoritos y señoritas, y es la Mas puteadora de todas, Mas que el mayor puteador que podés encontrar en la tribuna popular. Y está bien, porque se descubre quien es quien, se saca las mascaras, o mejor, que todos somos iguales de simples frente a lo que sentimos... (Sr. González).

Por um lado, vimos, como fonte - e reverso - de referência para ação dirigençial, as experiências e “culturas” profissionais idealizadas, às vezes limitadas, outras reprimidas e outras potencializadas pelos conhecimentos, são valorizadas culturalmente por cada clube como forma de integrar duas alianças distintas entre dirigentes e dirigidos: a dualidade estática povo-aristocrata no Gimnasia, e o contrato pedagógico do cidadão integrado, no Estudiantes. Temos, por outro lado, neste último depoimento, o endereçamento de um drama primário e objetivo a que estes sujeitos dirigentes referem seu pertencimento de origem: a relação fundadora produzida no encontro experiencial entre os valores comunicados pelo *ser* – como receptáculo- da ‘platea’ e da ‘popular’.

Nesta ambiguidade, o futebol é o ponto de união que dá sentido ao dirigente como motivação transcendental para justificar uma tarefa considerada de “alto risco” no nível do prestígio pessoal, adquirido ou por adquirir, no trajeto profissional, familiar, social, etc. Este alto dirigente do Gimnasia passa por um “desmascaramento” no estádio, que o lança no laboratório, com um impacto direto sobre sua pessoa, argumentação essa que ele próprio elabora como pertencimento a uma elite dentro da tensão entre o torcedor-sócio. Isto explica melhor o fenômeno da representação cultural dos *quantum afetivos*, característicos da pulsão passional (Freud 1986). “*Somos iguais frente ao que sentimos*”; e essa é uma condição de origem que estabelece a igualdade democrática e que impede qualquer acusação ou desvio estamentário e permanência dentro do drama. Mas como foi dito aqui de diferentes formas, também se deve agregar uma conclusão: “não somos todos iguais quanto ao modo como gerimos esses sentimentos”. A paixão futebolística, que estaria na origem desta operação de distinção, se constrói como narrativa de um objeto de conhecimento a partir de uma axiomática dupla: o mundo empresário e o dos profissionais liberais.

A segunda premissa instalada é central para que se observe, tal como acontece com a memória sentimental, a presença de um mecanismo comum

que permite à oposição complementar ser reinventada por atualizações nos sujeitos “dirigenciais”. A ‘*platea*’ se constitui num lugar de entrada como potencial de diferenciação especificamente futebolística do ciclo de vida da pessoa do dirigente. Essa arquibancada diferente, a ‘*techada*’, protegida da itempérie, obriga-o a apresentar-se como bom burguês, como um *self-made* profissional e reconhecido produtor de riqueza. Como no Bali de Geertz, em que as relações inter-pessoais alcançavam uma fluidez quase coreográfica no palácio, e onde o ciclo de vida não era concebido em termos individuais, mas como uma concepção autóctone sobre a natureza das pessoas e da experiência (Marcus e Fischer 2000), a ‘*platea*’ os inicia em uma estrutura de dramas pré-existente e inquisidora<sup>261</sup>. Junto com as relações “amorosas” e “infantis” ancoradas em uma herança ligada ao clube como espaço de vida, o dirigente deverá à *platea*, grande parte de sua projeção do clube como um *quantum* afetivo distinto.

Certamente, esta “familiaridade”, que caracterizou a platéia identificada como “setor de sócios” ou “*os da techada*” nos antigos estádios do Gimnasia e do Estudantes, mudou muito durante os últimos anos. Em especial, depois da utilização do estádio único que imprimiu um maior distanciamento deste espaço com os dirigentes, pelas dificuldades de produzir uma identificação territorial semelhante como fruto da partilha pouco clara de ambos os clubes durante a construção do Estádio Ciudad de La Plata, nos últimos anos. No entanto, apesar de que a utilização do novo Estádio modificou substancialmente as coordenadas espaciais (suas mini-regiões morais, construídas ao longo de mais de setenta anos de história em que ambos os clubes ocuparam seus respectivos estádios) os dirigentes concretos, aqui tratados como interlocutores - muitos deles atuais dirigentes - são ainda herdeiros de formas de sociabilidade, reconhecimento e diferenciação que se produzem na sequência que vai desde antes, durante e depois do evento espetacular.

Todos sabemos que uma partida de futebol estende-se antes e depois dos noventa minutos de jogo. Assim como os torcedores se reúnem em casas, bares e circulam por todos os espaços que lhe são permitidos - como tais - dentro do *estádio*, os dirigentes se reúnem em lugares reservados a eles como protagonistas, entre eles esta a ‘*techada*’. Evidentemente, como consequência da proximidade objetiva entre os setores sociais, verificável entre a camada média e alta da sociedade local, a ‘*techada*’ organiza em si mesma uma “mensagem de sociabilidade” entre pares em um espaço historicamente

---

<sup>261</sup> Lembremos Geertz quando descrevia o palácio balinês (o *puri*) como “um pedaço de espaço santificado, um lugar adequado para se confrontarem os mistérios da hierarquia”. Nele eram encenados os mistérios do *rank* (o rango), a “obsessão balinesa”, o princípio de diferenciação social, que se adequava à dramaturgia do poder (Geertz 191: 139).



estabelecido como ponto de encontro para vários representantes de profissões destacadas na cidade e com capacidade de “lubrificar” as relações informais de status. Qualquer pessoa que assista a uma partida do Estudantes ou do Gimnasia na ‘platea’ (*techada*), observará que a maioria dos homens ali presentes se cumprimenta efusivamente antes e depois do jogo, pergunta e conversa sobre suas respectivas atividades profissionais e ocupações em voz alta, compartilha as desventuras do jogo, se abraça na hora do gol, etc. A importância atribuída ao gosto pelo futebol e o apaixonamento pelo próprio emblema-clubes a que pertence cada dirigente que entrevistei se apresentam como elementos centrais na construção de um *currículum* que subjetiva publicamente a identificação dirigencial; são entendidos como “marca” que permite a passagem da cegueira para a claridade na ação futura ou presente. Entre os elementos que devem estar presentes, de forma indispensável, na condição potencial de um dirigente com projeção e envergadura está, quase sempre, o *currículum futbolero* de um passado que o identifica como estando presente nas arquibancadas durante as partidas dos seus respectivos times<sup>262</sup>. Em contrapartida ao passado “popular” de arquibancada, que é o que garante a compreensão pelos assuntos do emblema, está a exigência que associa visibilidade e constância como sócio. Nas palavras de um interlocutor:

Yo empecé en la popular, como hincha de tribuna. De a poco me fui acercando a la platea, cuando mi situación mejoró, cuando empecé a crecer profesionalmente. Fue a ahí que me invitaron a participar. Pero de todas maneras, yo creo que al ser humano no lo podés partir, decir “yo quiero porque quiero ser reconocido”... y la pasión... Si fuiste toda la vida del ambiente está la pasión también. Y en algún momento se te escapa, lo que pasa es que vos lo que tenés que tratar de decir: yo no tengo que exteriorizar todo lo que pienso, o mi pasión, siendo dirigente o siendo presidente del club. Tengo que tener un recato y una imagen distinta. Pero por ahí quisieras explotar... esa es la realidad... Por ahí unos está viendo un partido para que gane, y gana, y uno está comprometido con los jugadores que el lunes le paga y sabe que no le puede pagar. Entonces está “que gane”, pero entonces “cómo le pago? Y todas esas cosas, todo ese tipo de cosas... (Cdr. Fuentes)

Portanto, permito-me afirmar que a ‘platea’ é a condição simbólica para que este *laboratório* cultural tenha êxito na primeira parte do drama

---

<sup>262</sup> Inclusive, enquanto ele se submete na *techada* ao *quadro social* da memória coletiva da instituição -práticas e emoções que o precedem- nesse laboratório, tudo aquilo que tem para dizer no futuro -transparência, intransigência, risco, prudência, perdas, etc- são as moedas espalhadas numa fonte, relações dramáticas possíveis entre atores sociais diversos.

dirigencial. As práticas e representações políticas, experimentadas e traduzidas como interpretação de lógicas inerentes às trajetórias e aos valores profissionais imaginados como definição dos seus membros, **são condições sine qua non** de constituição de uma trajetória dentro dos clubes platenses, como expressão objetiva primordial da pertença às identidades, e como expressão objetiva primordial da pertença às identidades, e como disposição visível para a diferenciação social requerida. Os modos como esta herança de “ascendência” é interpelada e concebida trabalham sobre *difference* –o signo que o que diferencia e o que difere- (Derrida 1986) pois a submete às interrogações vindas dos coletivos sociais.

A vivência temporal do torcedor e do dirigente não varia de intensidade afetiva –“*que vou fazer no dia seguinte?*”-, mas varia em seu endereçamento que o separa e projeta em outros significantes auxiliares. Assim, em direção aos meandros da “responsabilidade” social, do dever, da convocação, o dirigente entra e sai do futebol por esta porta inicial:

Es algo que se da naturalmente. Con los años, tu vida profesional y tu posición económica te obligan a buscar mayores comodidades. Empezás a ir a la platea, dejas de ser un hombre de tribuna. Es una muestra de vas creciendo, y de a poco vas teniendo contacto con los dirigentes, con las personas reconocidas en el club. Pasas a ser un “barra brava” en la platea. Así accedes a ciertos ámbitos nuevos. En algún momento te llaman, te convocan para estar en una comisión directiva... de una manero u otra, somos todos hombres de platea... (Arq. González)

Será casualidade ser um arquiteto quem identifique o “ser dirigencial” com o espaço físico do estádio? O que está claro é que, efetivamente, trata-se de um domínio instituinte de uma masculinidade e uma sociabilidade política que, por intermédio de diferentes instrumentos, reúnem os dirigentes em uma primeira condição transcendente: serem “*hombres de platea*”. Do ponto de vista da filosofia da práxis, é uma micropolítica coletiva “primitiva” que solicita uma perdurabilidade existencial para os tipos ideais de sujeitos socialmente significativos que as transitam - sob o apelo de serem parte da sociedade “civil”. O “primitivo” não é, aqui, antepassado do complexo, mas o receptáculo em que pode perdurar o ser sem as prescrições de separação de um Estado clássico. Assim como existe um “princípio de Estado” tendente a produzir uma separação abstrata entre poderes e práticas em áreas e campos de ação - fundamentados em um saber específico, mas que exige, na realidade, a combinação de distintas áreas de conhecimento e ação independentes-, a instituição futebolística propõe um “sistema de miscelânea” como objetivo declarado desta separação entre dirigentes e dirigidos. A

construção/destruição de interrogações sobre a práxis política associa o poder e as formas e estratégias de geri-lo e mantê-lo, como assuntos de uma abstração dirigencial que se estende para outros âmbitos.

A ‘platea’ se transforma, assim, num simulacro que tem “ressonâncias” com aquilo que Rawls denominou *véu da ignorância*. Tratava-se, para ele, de uma espécie de fabulação moderna que tinha como tema a saída do “estado de natureza” - vista como lugar da injustiça - em que os integrantes de um novo contrato imaginado se submetem a uma entidade comum capaz de produzir uma nova instituição de “justiça como equidade”. Não se trata da famosa vontade geral de igualdade de Rousseau, que parte da existência de uma subtração de origem – representada também na moderna liberdade de produtores de Locke -, mas de um ponto de partida inicial –a ignorância- como instante em que todos se despojam dos preconceitos sobre os outros –seus supostos interesses- em favor de um chamado “pluralismo razoável” (Rawls 2004: 23-27). Novamente, estamos frente a uma forma de resolver o velho problema entre interesse e paixão. Efetivamente, as sociedades dirigenciais, nos clubes aqui tratados, são instituições que cumprem papéis distintos daqueles definidos pelos objetivos totalizadores das *sociedades de estado* para as quais Rawls dirige suas reflexões. Eles seriam, porém, inseparáveis da idéia de “totalidade” antropológica, uma vez que exprimiriam valores de uma luta hegemônica com que os atores sociais envolvidos criam e alimentam as redes de poder simbólico em um plano prático e doméstico.

Será difícil identificar altos dirigentes do Gimnasia e do Estudantes que não tenham construído uma parte substantiva de sua imagem como torcedores do clube no âmbito diferenciado da *platéia* e dentro do estádio. Uma das formas particulares com que se apresentam as possibilidades de realizar uma valoração dos itinerários pessoais de dirigentes, dentro dos clubes platenses de futebol trabalhados ao longo desta tese, costuma ser o que poderíamos definir quase que como uma “obrigação”: ele deve manter uma “cadeira de sócio” por longos períodos de tempo e criar laços de sociabilidade fazendo visível sua personalidade. Esta “cadeira” é um símbolo de status dentro do universo polifônico do evento futebolístico. Ela está carregada de valorações sobre as procedências sociais, mas principalmente sobre uma “forma de pensar e viver o futebol” que divide águas entre os homens; “*Eu sempre fui à techada, inclusive, antes de irmos nos Estádio único, continuava utilizando a mesma que meu pai tinha há 40 anos*” (Adv. **Abadie**). Esta “possessão” do universo público representado na “cadeira de platéia” aparece como fundamental, já que possibilita a criação e manutenção de laços sociais “entre pares”, reafirmados pela visibilidade frente ao evento futebolístico, e tende a estabelecer vínculos de igualdade com o resto dos

personagens históricos do clube que circulam por esse espaço. Deste modo, no que diz respeito, especificamente, àquele que é diretamente ligado à interação pública que se observa na *platea*, como enunciava este dirigente, a referência quase unívoca ao *ser* neste espaço é o que articula simbolicamente sua existência com a explicitação da encenação que se apropria dele, cuja ênfase é intrinsecamente experiencial, e não puramente reprodutiva.



*Historicamente, na Argentina, a platéia não possui separação entre espectador e campo de jogo pelo “alambrado”. Além de ter uma melhor perspectiva (equânime e central) permite uma proximidade simbólica maior entre os expectadores da “platéia” e os protagonistas do jogo (foto: vídeo Dirigentes II).*

O recrutamento afetivo de iguais não é, então, um aspecto reprodutivo de uma formação de elite, somente; é, também, uma dimensão experiencial em que as emoções se encaixam no corpo e permitem passar de um mundo mundano para outro, imaginado, num sentido que o discurso não abraça por completo (Radley 1995). A dificuldade de Rawls consiste em que ele não concebe as possibilidades de existência de uma micropolítica fundamentalmente errática e experimental, onde seu *véu da ignorância* teria significado, precisamente, como instância concreta em que o interesse e a paixão são o paradigma de uma separação axiomática entre “estirpes” que se estruturam sobre esse corpo. Vemos que o problema consiste em que Rawls pensa o “véu” como instância subjetiva da organização da sociedade política moderna no que diz respeito ao associativismo voluntário e vocacional, idealizado como objeto puramente pertinente da ação democrática.

Em realidade, utilizando o avesso deste argumento, os dirigentes o representam como uma tensão estruturada em torno de suas funções, aspirações e trajetórias dentro de uma instituição bicéfalas como o clube de - e com- futebol, as quais se estruturam simbolicamente em uma lógica de competição –“o irreconciliável das diferenças”; esta lógica, por sua vez, exprime e solicita sua pertinência político-experimental em um sujeito concreto e materializável dentro do “comentário meta-social” do espetáculo sobre a posição dos corpos nesse espaço, uma vez que o conceito de “comunidade de sentimento” - tal como foi explicitado por Benedict Anderson (1991) com relação ao espaço identitário imaginado do Estado, a *nação*- faz “ressonância” com o pertencimento imaginado ao emblema-clube-etnia que sustenta o sistema *clubístico* como um todo intrincado

emocionalmente. Dito de outro modo, trata-se da maneira como os dirigentes traduzem, no universo *clubístico* futebolístico, a velha questão que as Ciências Sociais têm chamado de “relação entre subjetividade e cultura”.

O que de uma ou outra forma está em jogo, no papel que o corpo dirigente, exposto na arena da *techada*, cumpre no contexto do sistema futebolístico, consiste em produzir uma “subtração” individual evasiva –no nível das práticas e performances- dos agenciamentos coletivos da cultura objetiva. Essa é, precisamente, a possibilidade de uma construção real da subjetividade dirigencial como entidade autônoma e reconhecível para os outros e, ao mesmo tempo, atravessada pelas clássicas problemáticas associadas com as demandas conceituais de liberdade e igualdade típicas das sociedades-estados democráticas ocidentais. Tendem, assim, a colocar em um espaço reduzido e concentrado, e aparentemente de todos, o problema da produção do poder no centro da discussão clubística.

Assim, novamente, a ação dirigencial encontra seu lugar propriamente político em uma despolitização constante das coordenadas presentes nas versões de “estirpes dirigenciais”, em duas formas de concentrar o poder e fazer com que este represente a totalidade. Se numa das caras, a *política* - aquela recuperada dos gregos por Arendt- é pensada como vida em comum da diversidade, da pluralidade e da pedagogia, uma vez limitada pelas fronteiras com a natureza, ela também é uma ciência que tem o tempo como objeto de debate e reflexão - sobre suas próprias práticas como política, em termos de distanciamento. Na outra cara, a despolitização do social – em que a própria Arendt cai ao segmentar esse espaço social e separá-lo da natureza, como evidenciou claramente Rancière (2005)- serve à elaboração de uma idéia de sociedade civil encarnada no clube, onde, precisamente, o sentido que se dá à noção de “verdade” tende a ser a sociabilidade e, claro, uma noção de natureza a que esta esfera está atrelada como instância universal no futebol. Porém, estas idéias do poder diferem quanto à intensidade com que a estruturação emocional da *pregnância* futebolística aturde e atravessa os juízos sobre suas práticas e representações políticas.

De onde virão esses “hombres de platea” quando acabar definitivamente a velha simbologia da *techada* tal como a conhecemos? Seguramente será necessário buscar novamente nos desdobramentos da dialética entre mudança e permanência, entre movimento secular e referência ritual que já foram explicitadas como dimensões características dos ciclos sociais das instituições nascidas na convivência entre industrialização e vida urbana (Hughes, 1993: 129-131), agora ressignificadas por novos sujeitos dirigenciais dos clubes *in situ* a partir das novas perspectivas que se abrem no campo da *espetacularização* mercantil e especulativa e da *era informacional* de Castells (1997).

Neste sentido, a ampliação do setor de cadeiras no *Estádio Ciudad de La Plata* tem minado o simbolismo de uma “nobreza” objetiva desta miscelânea, neste setor de protocolos de diferenciação secular de classe, status, pertencimento, etc. As consequências destas mudanças, para o componente performático da apresentação pública dos dirigentes no estádio de futebol, poderão ser vistas seguramente nos próximos anos. De fato, a resistência manifesta de muitos dirigentes de Gimnasia à utilização do novo Estádio, tingida pela opinião pública pelas “aparências” endereçadas ao “populismo” e ao “sentimentalismo” em direção à demanda do “torcedor comum”, está, porem, dirigida fundamentalmente à conservação deste espaço como instância central para o sistema de recrutamento dos membros “dirigenciais” em termos emocionais. Já a proposta dos jovens dirigentes do Estudiantes encontrou, rapidamente, nesta nova distribuição do espaço, possibilidades de um afastamento maior entre o saber e o mundo dos leigos. Ao contrário do que acontece com os dirigentes de Gimnasia – inclusive quando se jogavam partidas no “estádio único”, o território de exclusividade dos dirigentes de Estudiantes durante as partidas era verdadeiramente chamativo. Um enorme aparato de segurança, destinado a separar os dirigentes do resto dos espectadores, contrastava com as similitudes objetivas nas pertenças sociais das dirigências de ambos os clubes.

## 6.2. Pertencimento em espaços reduzidos

De acordo com Weber (1969), o *prestígio* pode ser visto como um privilégio positivo ou negativo, mas sempre como uma consequência da “consideração” de um grupo ou sujeito no contexto de um estado de consenso sobre valores relacionados à escala social a que pertence. Ele é fundado sobre estilos de vida, níveis de instrução reconhecidos ou ligados ao nascimento (por exemplo, as aristocracias), como também ao exercício de uma profissão específica, valorada em determinada época. Nos termos de Simmel, o *prestígio* é uma força maior do que a autoridade, pois “aparece como uma espécie de homenagem voluntária ao superior” (Simmel 2002: 167). Segundo Ricoeur (2006: 45-98), *reconhecer* alguma coisa ou instância equivale a identificá-la, a captar a identidade do objeto em questão, o qual, por definição, está em uma relação de exclusão a respeito do sujeito que o reconhece. Assim, entre *reconhecer* e *conhecer* não parece haver uma diferencia substancial, apenas de tempo e de grau. Porém, do mesmo modo em que esta identificação primeira, que Paul Ricoeur (2006) entende como antecedente necessário a passagem entre “reconhecer” e “ser reconhecido” por *si mesmo* e pelos *outros* como alteridade, entramos também na necessidade de compreender a existência de lógicas de *luta* pelo re-conhecimento

É aceito e reconhecido entre os dirigentes de futebol dos clubes de La Plata, que o acesso a posições de poder deriva, numa incorporação, de um prestígio “novo” ancorado na pregnância das instituições que comandam ou comandaram. Eles coincidem em uma mesma conceitualização sobre a importância da sua entrada nos clubes de futebol profissional da cidade. Tanto daqueles que se reivindicam como do mundo privado das empresas como daqueles que preferem ser vistos formando parte de uma estirpe de tradições comunitárias e públicas, escutei, muitas vezes, mencionarem a importância de terem sido ou serem presidentes de algum dos clubes; em suas próprias palavras, “*um cargo mais importante que o de prefeito da cidade*” (Sr. Orsini, Cdr. Fuentes, Cdr. Olivera). Para dirigentes de um clube ou de outro, o cargo de Presidente representa um capital simbólico adquirido, reproduzidor de prestígio e gerado de um tipo de reconhecimento único. Também devo dizer que parecia, ao menos, “um exagero” que muitos destes dirigentes, tanto do Estudiantes quanto do Gimnasia, afirmassem que a “*exposição e o reconhecimento*” que experimentaram durante a presidência nos clubes foi “*maior do que a do Prefeito da cidade*”.

Neste sentido, corresponde à instituição clubística, em termos das práticas “dirigenciais”, fortalecer rituais que deem resposta a uma obrigação produzida por um “poder especial” recebido, e conduzi-lo para com uma “sociedade de iguais” imaginada, porém simbolicamente habilitada também a depô-los nas *assembléias*, eleições e outras formas de pressão informal dentro da vida cotidiana do clube. Diariamente, os jornais, canais de TV e rádios locais servem para reforçar o estatuto “geológico” deste reconhecimento mútuo, servindo-se de informações sobre os movimentos, as opiniões e as condutas que protagonizam as diversas cabeças dirigenciais de ambos os clubes. Como num jogo de espelhos, os fluxos de comunicação oferecem comparações e contrastes sobre atitudes e formas de responder frente a diferentes circunstâncias e desafios da cada uma das *estirpes*.

*Proximidade com os sócios. O Presidente Muñoz informa aos sócios sobre uma eventual renúncia sua ao cargo e coloca no jogo das alteridades seu reconhecimento público como dirigente personalista.*  
(Foto: *Diário El Día*, 28 de abril de 2006)



A tal de “exposição” com a qual estes dirigentes definem o campo de reconhecimento público não poderia ser igualável à de um representante

político –e menos ainda, comparável- se não estivessem jogando uma partida na mesma mesa de cartas em que jogam as ideologias partidárias. Todavia, não está na mesma escala de poder “reconhecido oficialmente” –como efetivamente poderia ser pensada, entre um governador e um deputado, etc.- mas justamente no nível “geológico” das práticas ordinárias e cotidianas na cidade, ou aquelas ritualizadas emblematicamente, como por exemplo as mencionadas durante as partidas, em torno à ‘*techada*’.

Segundo minha interpretação, o que os dirigentes estariam querendo exprimir com estas afirmações destina-se a introduzir novamente a idéia de excepcionalidade no debate de uma dimensão específica que afeta a ordem cultural nacional, aquela que concebe a idéia de poder no velho antagonismo entre sociedade e comunidade. Lembremos que, na Argentina do século XX, a noção de *comunidade* instala-se definitivamente na vida política como categoria fundacional do discurso nacional do Peronismo. Atravessa assim a “questão política” argentina como uma forma particular de utopia afirmada na dissolução, na comunidade, da dualidade entre sociedade política – corrompida - e a sociedade civil - organizada (Svampa 2006: 289). Efetivamente, a força desta categoria na *cultura política* nacional resulta numa forte conceituação, no senso comum, da antipolítica civil como a política “verdadeira” da comunidade originária.

Certamente, a condição de reconhecimento como dirigentes, tal como foi formulada acima, supõe uma circulação dos principais papéis a eles endereçados, que se concentram e visibilizam em eventos formais, tais como, festas sociais organizadas nos clubes esportivos da cidade, homenagens a antigas glórias do esporte, e também para prestigiar atividades de extensão dos respectivos clubes, tais como palestras, apresentações de livros, cursos, inauguração de obras, etc. Entre duas e três vezes por semana, aproximadamente, os presidentes e o vice-presidente do Gimnasia ou do Estudiantes se fazem presentes em eventos desta natureza. Em todos estes casos, porém, um dos clubes se apresenta quase sempre com exclusividade, e de alguma forma, seus atributos individuais ficam submetidos à condição de representantes do clube, seja como patrocinador ou como homenageado. Definitivamente, o que se coloca em jogo nestas instâncias do laboratório é a performance e não o sujeito. Sugiro que estes eventos são as instâncias em que o reconhecimento vai além do indivíduo e se estende ao papel que ele ocupa, ocasionalmente, como portador habilitado por qualidades presentes na trajetória. Assim, são usuais pequenas divergências e mal-entendidos entre dirigentes que enriquecem a dinâmica informal dos laços de reconhecimento. Por exemplo, a exclusão deliberada de um reconhecido ex-presidente ou ex-dirigente da mesa de honra e o deslocamento para a periferia do salão durante um acontecimento significativo



na vida do clube – mesa que geralmente é compartilhada com personalidades políticas da cidade identificadas ou não com clube.

La verdad es que cuando asumí como presidente por la salida de **Olivera**, se dieron algunas cosas que no me gustaron. Él tuvo actitudes que no se condicen con quien había sido. Me acuerdo una vez que se hacia un acto importante en homenaje al club en la legislatura. Estaba la mesa principal, donde estaba el gobernador de la provincia, estaba Grondona, Bilardo que había salido campeón del mundo. Pero había otra mesa al lado, con todos la Comisión Directiva del club. Y qué pasa? Viene **Olivera** y, donde se sienta? En la mesa principal, en la que estaba yo como Presidente, no en la otra, acompañando. Me sacó todo protagonismo... (Sr. Victorino).

Efetivamente, esta experiência de menosprezo narrada pelo **Sr. Victorino** nos remete inicialmente ao que lembra Geertz, chegando ao final de *O Negara*: “onde você se senta? (...) a pergunta standard para a identificação do status” (2006: 219). A dinâmica comunicacional característica destes espaços públicos tem como eixo prover elementos de avaliação das informações sobre técnicos, jogadores ou, em todo caso, negócios profissionais, que são centrais para a atualização e afirmação das hierarquias e da autoridade.

Do ponto de vista prático, estas contingências operam colocando limites às possibilidades de realizar críticas públicas sobre determinado grupo ou gestão (já que dificilmente as críticas serão dirigidas a um personagem em particular), ao mesmo tempo em que são alvos de comentários e juízos no conjunto dos associados, no caso de representar represálias que ferem os sentimentos de um ex-dirigente ou de um personagem reconhecido, porém não alinhado com o grupo no poder. Quando vistas publicamente como signo de deterioração das relações de consenso - em nível simbólico - da sociedade clubística, estas atitudes são interpretadas como tradução de uma irracionalidade política que aproxima perigosamente a prática “dirigencial” àquela de um “torcedor com poder”<sup>263</sup>

---

<sup>263</sup> Outras das práticas que são entendidas como eticamente inconcebíveis, consiste em misturar negócios pessoais com os que envolvem o patrimônio do clube. Em troca, como vimos, os negócios podem – e devem - ser realizados “entre dirigentes”, pois são considerados resultado natural de suas atividades, sendo o espaço do clube uma contingência que o confirma como tal. Ter mostrado respeito a esta premissa ética transforma um sujeito que esteve ou está em um cargo dirigencial em potencial solicitante de ser elevado à categoria de Dirigente com maiúscula, como ente moral possuído pela sociedade como um todo. Ao contrário, rumores ou certezas de ter feito negócios envolvendo sua profissão ou atividade empresarial –ainda que seja feito com honestidade e transparência- com as necessidades ou atividades concretas do clube, derivarão em uma exclusão quase imediata da oportunidade ou da chance de entrar ou se manter neste universo. Inclusive,

no mesmo sentido que acontece com o abandono das tarefas profissionais e o excesso de tempo “dedicado ao clube”.

Para que a lógica da dominação simbólica exista, então, eficazmente, exige-se que os grupos subalternos incorporem as normas e as regras sociais como se fossem dadas e, indiscutível e transcendentemente, legítimas (Bourdieu, 1979). A posição na mesa durante uma homenagem não indicaria unicamente a presença de uma dinâmica de incorporação estética do dirigente, mas que é o requerimento de permanentes arranjos no substrato das práticas públicas que estruturam a distribuição e a troca de capitais simbólicos. Neste sentido, no âmbito dos grupos dominantes, estas práticas têm como exigência primordial, o controle dos mecanismos de reprodução social das relações de poder estruturantes, capazes de acrescentar ou manter formas de *capital simbólico* diferenciado e distinguível (Bourdieu 2004b); não é um mecanismo de reprodução de esquemas preestabelecidos, nem uma determinação externa em termos de grupos de pressões, mas um princípio gerador corriqueiro, resultado de uma sedimentação dos espaços de interação do espaço teórico (*habitus*) incorporado, sendo também produtor das condições de existência para esse “ser dirigente” em termos de lutas práticas, tanto individuais como coletivas. E se “...*le prestige ne donne aucun droit supplémentaire à qui en est détenteur*”, como advertia Bourdieu, é porque ele é, em si mesmo, uma prática de dominação e pertencimento de um grupo diferenciado.

Uma dinâmica de exclusão interna cresce sempre como tendência “emocional” à diminuição do espaço público de decisão coletiva e ao isolamento dos grupos no poder. São evidências de que há uma relação de determinação entre o desejo de sustentar o poder, o pertencimento a um grupo determinado e a capacidade de gerir laços informais de reconhecimento mútuo como temática de status afetivo do “ser dirigente”. Até certo ponto, a inclusão ou exclusão de determinados personagens dos eventos rituais –sejam impostas ou autoimpostas- significa a formalização visível de relações informais que devem ser alimentadas de muitas outras formas e gestos, por exemplo, as consultas a ex-presidentes destacados, quando é necessário tomar uma decisão que não tem antecedentes na gestão atual. No Estudantes, a promessa de profissionalização do clube, feita pela CD no poder, resultou em uma série de

---

mostrar-se excessivamente relaxado e fora do entorno familiar direto na hora de distribuir convites para jogos de importância como clássicos, etc., pode ser objeto de críticas e comentários entre pares, ainda que normalmente isto não apareça na mídia. Outra fonte de acusação e desprestígio provém das informações sobre “excessos” durante as viagens e concentrações acompanhando os times, e mais ainda quando se tornam públicas situações pessoais –tanto financeiras como familiares- que queiram prudência.

afastamentos – às vezes pouco cavalheirescos - dos velhos referenciais tradicionais do clube, e a substituição destes pela consultora associada à instituição desde 2002. Ao contrário, no Gimnasia, depois do fracasso da promessa modernizadora<sup>264</sup> do empresário Muñoz, a nova CD criou uma “Comissão de Notáveis” integrada por ex-dirigentes “reconhecidos” do clube reinventando uma perspectiva afetiva do clube.

Existem também, outras demandas internas incorporadas ao universo associativo mais íntimo - como manter uma forte dedicação ao trabalho extra-profissional- que servem a uma operação lógica de sobrevivência de um número relativamente limitado de “vagas” dirigenciais e a diminuir a ênfase nas disputas nesta ordem simbólica, frente à alta flexibilidade formal no ingresso à concorrência por cargos dentro da estrutura dos clubes. A notoriedade de ausência de mecanismos de herança e pertencimento, fazem com que o espaço dirigençial desenvolva parâmetros de separação e circulação dos participantes num jogo de construção de relações próximas e orientadas a situar o espaço dramático do poder nos clubes em uma fragilidade estrutural intimamente ligada às formas de reconhecimento interno, alimentando a ameaça entrópica que se explicita como a tensão associativa-sentimental que o clube leva implícita. Assim, por exemplo, a extensão vertiginosa desse “*tempo dedicado ao clube*” em tarefas organizativas, em reuniões com representantes, etc., se intensifica particularmente durante os quatro meses do ano em que o futebol está parado (concentrações, contratações, obras, transferências). Este tempo determina uma fonte de valoração importante para quem busca ser reconhecido e aspira entrar no circuito de circulação de cargos.

Mesmo que nem todos os sócios influentes participem ativamente na direção do clube, existem sempre mecanismos micropolíticos informais performáticos - além das *assembléias* -, que são colocados em funcionamento para outorgar-lhes visibilidade, na busca constante da unidade política do clube. Estes mecanismos são muito variados e incluem o reconhecimento mútuo dos

---

264 “El club tiene que ser de carácter social, con fútbol y otras disciplinas. Los mayores ingresos vienen por el fútbol, entonces queremos una institución estabilizada que pueda solventar aquel déficit que provocan las otras disciplinas, que pueda hacer que Estancia Chica sea redituable, tener un equipo competitivo en la A que se juegue a muerte por ser campeón, porque si nos vamos a la B es muy difícil volver. Nosotros queremos habilitar un restaurant familiar, un local gastronómico en la ochava del Bosque, cambiar de lugar las canchas de tenis con escenarios nuevos, construir una pileta climatizada, hacer un complejo de alto rendimiento deportivo en Estancia Chica, vamos a terminar lo que resta del Bosquecito con 600 mil pesos que serán puestos por una entidad bancaria, queremos proyectar jugadores diferentes que sean vendibles. Nos falta un salón de entretenimientos, que vamos a instaurar.” Palavras do Emp. Muñoz a poucos dias de assumir como presidente. *Diário El Día*. La Plata, 26 de novembro de 2004.

participantes. Um deles consiste na distribuição semanal de tarefas entre os membros da ‘*mesa chica*’. Por exemplo, aniversários ou datas comemorativas importantes para antigos dirigentes e atletas-emblemas futebolísticos ou esportivos do clube são sistematicamente salientados e lembrados nas reuniões ordinárias ou extraordinárias, com o objetivo de que alguém dentre os membros telefone ou envie uma mensagem em nome do clube. Este tipo de práticas “banais”, dependendo das circunstâncias em que se encontra a instituição com relação às forças políticas, tem como objetivos possíveis tanto solidificar laços de solidariedade e compromisso mútuo, quanto atrasar ou acelerar a aparição de uma eventual concorrência ao cargo desejado por qualquer pessoa ou grupo de pessoas que têm ou tenha tido pretensões políticas no passado.

Na democracia, a sucessão não é resultado da herança, mas da concorrência. Isto se dá, geralmente, sob o signo da amizade e do afeto, mas fundamentalmente num ato de reconhecimento concreto e visível. Outros tipos de práticas de recriação de laços entre atletas-emblemas e a diretoria do clube são colocados em funcionamento durante as partidas decisivas, envolvendo o time profissional. Geralmente, neste tipo de partidas, como os clássicos com o rival local ou jogos decisórios de campeonatos ou para conquista de taças internacionais, para os quais é difícil obter ingressos, é muito comum enviar convites especiais para estas pessoas. O mesmo acontece nas festas importantes, organizadas pelo clube. Neste sentido, com maior ênfase que no caso dos ingressos para as partidas, as características espaciais das festas fazem delas instâncias significativas para enviar mensagens de uma “*real politic*” sobre o lugar que ocupa cada sujeito no universo simbólico da pertença à direção do clube. As partidas são eventos que reúnem um desenho de estruturas explicativas que permitem ao dirigente fazer uma descrição do *eu* capaz de conectar sua trajetória comunitária, sua história familiar, etc., com o espaço da produção política do clube. Aquilo que esperam sempre os “convitados especiais” é que sejam tratados com certas deferências em relação à obtenção de ingressos e ao seu lugar na distribuição espacial de uma festa, característica destes eventos.

Mas nem todos aqueles que são publicamente “reconhecidos” como dirigentes serão convidados a um tipo de evento como este. Um dos motivos centrais que determina esta postura daqueles que estão em cargos, se deve a que um convite massivo de figuras públicas poderia ser considerado como “oportunismo político” pelos sócios “representativos” do clube, aqueles que, não tendo pretensões diretas de cargos na dirigência, frequentam o clube esportivamente ou por lazer, geralmente acompanhados de uma história familiar no mesmo. Ao contrário, pagar o ingresso – sempre com maior facilidade –, nestes casos, é considerado uma obrigação moral para com o clube, ou seja, para com “a sociedade” representada neste acontecimento e

constitui um compromisso dirigencial. Submeter-se a um convite “especial” além de significar um “reconhecimento”, significa um modo de identificar um potencial concorrente em um lugar de aliança temporal. Reconhecer é assim um modo de *situar*, de instalar um laço de pertencimento provisório a um determinado lugar nas posições da competência pelos cargos.

Apesar de parecer pouco apropriado aludir à existência de um grupo social consolidado e identificável do ponto de vista do parentesco, classe social ou status, tal como se costuma categorizar classicamente, considero que a grande maioria dos dirigentes no futebol platense se conhece entre si e circula por âmbitos de sociabilidade extra-futebolísticos comuns, definidos, em grande medida, pelos seus pertencimentos profissionais. Todavia, o clube de futebol produz o reconhecimento público de um dirigente num nível substancialmente diferente de uma classe ou estamento, como seria os casos do Jockey Clube ou do Rotary Clube de La Plata.

Existem outros tipos de espaços de sociabilidade pública destinados à apresentação do capital simbólico dos dirigentes, menos ritualizados que os mencionado acima. Trata-se de eventos que considero “externos” ao clube, por assim dizer. Em geral, estes eventos são produzidos por empresas que apresentam novos produtos, inauguram centros de venda, formalizam novas empresas<sup>265</sup> ou, inclusive, aqueles que quase cotidianamente são organizados por câmeras legislativas e vereadores ou por instituições corporativas profissionais e empresariais para homenagear personagens ilustres da cidade e do país, etc. Podemos, efetivamente, falar da presença de uma rede que os relaciona através destas instituições profissionais, políticas e empresariais fora dos clubes, e que se constituem em espaços públicos de apresentação das qualidades individuais e referenciais de caráter e trajetórias. Estes elementos podem ou não exercer um papel positivo, tendo em vista que, segundo seus “pares”, são centrais para a circulação de informação e para a interação; tratam-se de instâncias públicas que serão apropriadas para estabelecer laços e apresentar um eventual desejo de integrar espaços de decisão.

Um exemplo disto observei em maio de 2007, quando participei de um dos acontecimentos que reúne anualmente dirigentes de várias entidades

---

<sup>265</sup> Neste sentido, a busca pelo reconhecimento em espaços reduzidos para os dirigentes chegados desde o mundo da “atividade privada” – e menos identificados com as paixões institucionais em termos públicos- são outros. Eles, em concordância com a segurança do estatuto de proprietários-, assistem, com certa frequência, a eventos rigorosamente mais identificados com a ação prática sobre o mundo concreto do que com a retórica sobre os símbolos. As festas em que se fazem presentes geralmente têm a ver com acontecimentos de natureza econômica como, por exemplo, a inauguração de uma nova sucursal de uma empresa própria ou amiga, a finalização de uma obra na qual estão envolvidos como empresários, etc, em suma, a publicidade daquilo que é objeto de uma acumulação em vida, como diz a máxima do ideal protestante.

civis de La Plata, entre elas, os representantes dos dois clubes com futebol profissional. Tratava-se da chamada “Cena del Dirigiente”, organizada anualmente pela mencionada *Federação de Entidades Esportivas e Sociais da Cidade de La Plata*, que reúne, aproximadamente, 400 organizações e instituições civis. O objetivo deste evento era homenagear os dirigentes que se destacaram no “trabalho de bem público”. Durante o jantar, se sucedem discursos que falam de educação, de cidadania, do compromisso solidário, etc.<sup>266</sup> Trata-se de um evento austero, mas até certo ponto, *kitsch*. As mesas se distribuem em forma de um semicírculo. Durante o evento, são servidos vários pratos e bebidas, incluídas as alcoólicas. Do ponto de vista performático, guarda algumas diferenças com eventos similares entre classes populares, apesar da sequência - que intercala momentos da ceia com discursos e homenagens menores, final da ceia e entrega do prêmio principal, show musical e baile final - ser semelhante. Porém, o nível de espontaneidade, jocosidade e de descontração é muito menor. Nessa ocasião, é entregue o maior prêmio da Federação, o “Sembrador de Oro”.

O evento em si é simples, não traz muitas surpresas: um jantar, um balanço do que foi feito durante o ano, a entrega de prêmios a personalidades destacadas, e uma festa final, com direito a música e baile incluído. Por outro lado, durante horas, na manhã desse mesmo dia, se realiza uma homenagem, no cemitério da cidade, aos dirigentes falecidos durante o ano que passou, entre o anterior e o presente evento. As mesas de jantar durante o evento central da noite, comportando dez a doze pessoas cada uma, se distribuem em torno ao palco destinado aos discursos e à entrega de prêmios, seguindo os parâmetros de proximidades e importância relativas ao prestígio das figuras e instituições presentes<sup>267</sup>. Porém, a localização de determinadas personalidades, nessa espacialidade, pode ser objeto de interpretação quanto à proximidade ou ao distanciamento com determinadas políticas levadas adiante por pessoas e instituições. Durante esta última parte do evento se entrega o prêmio, “Sembrador”, outorgado a um dirigente pelo

---

<sup>266</sup> Ao pedir a Cdr. Olivera e ao Sr. Rodríguez uma descrição do acontecido durante este evento, observei que os negócios e os lucros apareciam apenas sob a forma de subsídios e financiamentos externos, e “colaborações”. Desse modo, a presença de representantes políticos do Governo e do Estado era considerada significativamente positiva, já que evidenciava o reconhecimento ao “papel dirigencial” como “força coletiva”.

<sup>267</sup> A formalização e rigidez do ritual são extremas, nada deixando, praticamente, para o acaso ou para o improviso. É certo que pode parecer apenas uma questão de níveis, no entanto, insisto sobre o conceito de que os níveis, no tempo e no espaço, determinam traços que não se tocam entre si. Não significa que sejam opostos, para ser diferentes, mas que apontam a diferentes objetivos. Os dirigentes estão claramente diferenciados do ponto de vista espacial e do ponto de vista da indumentária (praticamente todos usam terno e gravata). Aqui, o objetivo é, claramente, o da elaboração de prestígio do dirigente como um conceito, uma diferenciação de status.

“reconhecimento à trajetória”, o qual não está relacionado aos êxitos ou fracassos deste último ano, porque pretende ser, justamente, o reverso daquele com que se inicia este ritual durante a manhã: ser uma “homenagem em vida” para aqueles que “cultivam” os valores do associativismo, uma moralidade laica, definida como um “dever social” transcendente, e colocado à testa do princípio reitor do “bem comum”, que independe dos homens.

Mas a problemática que envolve o conceito de reconhecimento não termina aí. Estes pequenos episódios, todos eles, micropolíticos, seguem a linha de uma distinção que evoca a tensão já mencionada entre a elaboração do conceito nativo de ‘*clube*’ -distribuído entre o emblema e a instituição- e a definição complexa e ambígua de pessoa dirigencial – desdobrada entre habilitações e expectativas, porque se trata daquilo que “pertence” ao dirigente *versus* o ‘*clube*’. Em numerosas circunstâncias, durante minhas interlocuções, tanto nos escritórios profissionais como no clube, sofri as constantes interrupções nos diálogos com insistentes ligações telefônicas ou com entrada em cena de secretárias portando cartas e documentos que “não podem esperar”. Em geral eram solicitações pouco importantes, especialmente aquelas que chegavam de forma escrita, porém as ligações mostravam que se tratavam de pessoas conhecidas no ambiente de sociabilidade pelos quais estes dirigentes transitavam. Pouco a pouco, observando certo incômodo ante cada interrupção, me interessei em saber o porquê. Tratavam-se, na maior parte, de pedidos de favores que envolviam o clube. Evidentemente, muitos desses pedidos exigiam modificar ou pular certas “formalidades” e legalismos. Os pedidos eram de diferentes teores, desde facilitar certas instalações do clube para a realização de algum evento de uma escola até um tratamento diferenciado a certas autoridades e personalidades durante o espetáculo futebolístico. Efetivamente, não resta dúvida de que este tipo de interação serve para fortalecer uma faceta necessária para a constituição de uma propriedade dirigencial, enquanto instala uma relação direta entre a dimensão material e a simbólica, fundamental para o funcionamento de uma determinada dinâmica de reciprocidade.

Mas por que isto deveria ser um incômodo – além do fato organizativo-, sendo que, na maioria dos casos, representava uma posição de poder para o dirigente? Mais ainda se não seria ele quem se ocuparia de resolver os inconvenientes derivados da demanda de reciprocidade?

Em primeiro lugar, estaríamos frente ao que, para um dirigente, parece ser um problema: a dádiva usualmente é devolvida a ele em termos pessoais e não formais, ainda que fique relacionada ao clube através dele. Portanto, este tipo de trocas com outros dirigentes, personalidades reconhecidas ou poderosas no âmbito local, se torna fonte de uma situação

de ambigüidade, alimentando a necessidade de concentrar, de fortalecer e respeitar os mecanismos formais do sistema de decisões prescritos. Fica claro que estas *demandas de estratificação*, fundamentalmente orientadas a criar laços de identificação entre sujeitos, não excluem aqueles que podem ser objeto de rendimento pessoal no nível das suas respectivas vidas profissionais, em particular, porque esta última constitui o espaço “naturalmente” entendido como próprio. Mas o que se vê, de realmente interessante neste ponto, está relacionado com o fato de que qualquer que seja o teor das demandas, elas geralmente podem ser canalizadas –às vezes, com maior facilidade - pelas vias normais. Isso foi o que experimentei na própria carne ao longo da pesquisa de campo: quanto mais obcecado estive em obter diretamente, de algum alto dirigente, as facilidades que eu supunha iriam ser entendidas como necessárias à minha pesquisa, como, por exemplo, entrar no estádio ou participar de uma homenagem, mais difícil era obter êxito nesta tarefa. Quando compreendi que, aos olhos deles, eu carecia de uma moeda de troca adequada para tal pedido – por exemplo informação sobre as políticas de Estado em relação a esse universo -, comecei a seguir caminhos formais que, mesmo mais árduos, resultaram mais exitosos. O caráter “solidário” deste tipo de entidades dificulta –e muito- a não recepção de solicitações adequadamente justificadas por uma “boa causa”, fato que, muitas vezes, sobrecarrega os dirigentes burocrática e organizativamente nos níveis intermédios da instituição.

Em ambos os clubes, para o desenvolvimento de um calendário “normal” de tarefas e do trabalho dirigencial, os eventos públicos e as sucessivas cenas de reciprocidade entre pessoas reconhecidas como dirigentes funcionam marcando pautas de comportamento sobre o “papel” simbolicamente construído das hierarquias de autoridade. Já foi mencionado que há um vínculo entre o caráter, as capacidades e a personalidade da “pessoa dirigencial” e a necessidade de consonância com as demandas emotivas do emblema e as marcas de referência nos *estilos de decisão*. Um dirigente do Gimnasia recupera a cena descrita por Sr. Victorino, relatando diferentemente o final do episódio:

Yo te digo que soy una persona tranquila. Pero hay cosas que no se pueden dejar pasar. Por ejemplo e otro día, cuando estábamos en una reunión con los representantes de la Legislatura de la Provincia. Cuando llego, resulta que en la cabecera de la mesa estaba sentado Gisande, candidato de de la oposición. Está bien, no dije nada, é había sido invitado como parte del club para realizar el homenaje al ex-técnico Griguol. Pero, yo, que entraba con Griguol, era el representante oficial del club, en el cargo. Así que despacito, traje una silla y la acerqué a la mesa, le dije que



se levante y se siente en otro lado, y allí me senté yo, como correspondía. Qué se cree?. Yo soy dirigente de Gimnasia, y acá... arreglamos las cosas de frente y las ponemos en su lugar... (Arq. González)

Essas diferenças aparecem claramente em forma de “detalhes” formais onde a ênfase no Gimnasia estaria no *pathos*, um conflito, enquanto no Estudiantes se resolve em um *ethos*. Na prática, a tensão que se observa no plano discursivo sobre este tipo de situações, que os dirigentes gerem cotidianamente, se relaciona com a busca de um equilíbrio entre a administração do poder simbólico que solicita, por um lado, o emblema comunitário como sistema estrutural transcendente, e por outro, aquele que surge das intensidades estratificantes destinadas a proporcionar conteúdos diferenciais de autoridade legítima daqueles à frente das sociedades institucionais. Os dirigentes de origem empresarial serão os mais capacitados para subtrair e capitalizar estes fluxos e as forças de estratificação. A tendência de ter uma visão menos difusa sobre o modo de estabelecer o valor de uma “troca” daqueles que se acostumam viver de uma retórica de promessas, faz com que estas promessas sejam mais facilmente objetivadas em termos de interesse. Todavia, isto não significa que o modelo empresarial seja formalista, ao contrário. Em todo caso, ele se esforça por resolver esta ambiguidade em outros termos, fundamentalmente, se baseando na idéia de eficácia e de objetividade como condição necessária de um “bom poder”. Nos dois casos, esta necessidade intrínseca de ambos os modelos fortalece a imagem de suas figuras públicas dentro de uma rede relativamente segura e reduzida de relações de intercâmbio, já que esta necessidade se choca —e se equilibra— permanentemente com o sistema de valores prescrito pelo sistema de trocas “possíveis” pelo clube-instituição.

Finalmente, como diz Ricoeur, é preciso uma “transação entre ‘o algo’ e ‘o alguém’”, dramatizada pela experiência do “irreconhecível” que por sua vez, “constitui a transação entre ‘alguém’ e o ‘si mesmo’” (2006: 311). O prestígio a ser adquirido pelo dirigente está latente nas capacidades, sob a forma de uma vocação ou de um desejo, mas adquire a categoria de *reconhecimento* de uma alteridade coletiva -societária e comunitária- quando se faz visível na prática dirigencial concreta e se transforma em “atestação”, exprimindo uma narrativa sobre o “quem” na ação (*ibid*: 312). Em consequência, o prestígio não é entregue pelo *clube-instituição* na forma de um reconhecimento transferido tautologicamente, a saber: “sou dirigente porque tenho prestígio”, senão na medida em que for materializado durante sua atividade como dirigente por diversos percursos da identidade pública.

### 6.3. Um modelo de crise permanente: um centro exemplar para a experiência

Neste sentido, se para um alto dirigente, os espaços de participação no evento espetacular são espaços políticos *latu sensu*, lugar onde os agentes que o circundam proferem e distribuem “opinião” sem transformá-la, necessariamente, em consequências objetivas sobre seu papel de autoridade, os espaços do clube são territórios políticos *strictu sensu*, onde o conjunto de valores morais que se colocam em jogo dentro e fora da instituição –em uma polifonia - tomam sentidos dentro de uma razoabilidade organizativa associada diretamente com os mecanismos de estabilidade e sucessão do poder no clube. Como vimos em várias oportunidades, há uma *polifonia habilitada* que busca ser assegurada pela circulação de cargos e a procura de uma harmonia organizada por um *laboratório cultural* em torno da idéia –a promessa- de “unidade do clube”, de “projeto” e de “objetivos”. A “unidade”, como metáfora do clube, é uma formulação utópica atualizada ciclicamente como busca hegemônica em que os emblemas fabricaram as identidades, e será objeto de uma construção através das instâncias eletivas, tipos de sucessão e narrativas de renovação dos cargos publicamente visíveis nos clubes.

Resulta quase uma obviedade dizer que as sociedades, assim como as instituições, não estão em equilíbrio, e menos ainda como nos modelos e conceitos sociológicos e científicos. Todavia, é permitido pensar em modelos de “equilíbrio instável” em que os agentes de um sistema - como bem mostrou a antropologia com Leach (1997) e Turner (1974) - atuam coerentemente no interior de estruturas sociais que se expressam sob formas culturais de representação “imprecisas”. Podemos então estender esta idéia tanto às inconsistências próprias da lógica de expressão ritual dos dirigentes como a outros tipos de acontecimentos institucionais –por exemplo, as eleições e assembleias destinadas a renovar cargos, e inclusive, as renúncias. Efetivamente, crises ‘dirigenciais’ como a descrita antes, no Estudantes, mostram que “a estrutura social colocada em situações práticas consiste em um conjunto de idéias sobre a distribuição do poder entre pessoas e grupos de pessoas” (Leach 1997: 68). Neste sentido, as instâncias de instabilidade de renovação, recrutamento e sucessão de membros dirigentes se apresentam como formulações críticas que reorganizam certos sistemas sociais e o endereçamento de valores para com a lógica das hierarquias e a experiência dos holismos culturais.

Como sugere Keller, ao contrário do que acontece nos períodos de relativa estabilidade, em que os grupos de elite em posição de certo poder formalizado “se fundem com os objetivos, hábitos e sistemas de sua época”, durante períodos de rápida transformação social que podem ser caracterizados

como de crise, os traços das distintas elites no poder encontram um fundo movediço para suas práticas e não são nítidos; sendo assim, as demandas de transformação e “os aspectos funcionais, intemporais de sua missão começam, pois, a se tornar evidentes durante os períodos de transição social, ou de crise” (Keller 1963: 15). Neste sentido, Gramsci apontava para a possibilidade de pensar as crises como “ausências” de referenciais e marcas culturais sólidas de um grupo dirigente em posição de hegemonia de elite, criando-se condições simultâneas de ampliação do poder e da autonomia de outros grupos: “crise de autoridade”, a “crise de hegemonia”, o que chamou a “crise geral do Estado”.

la "crisis" no es más que la intensificación cuantitativa de ciertos elementos, no nuevos y originales, pero especialmente la intensificación de ciertos fenómenos, mientras otros que antes aparecían y operaban simultáneamente a los primeros, inmunizándolos, se han vuelto inoperantes o han desaparecido del todo. En suma, el desarrollo del capitalismo ha sido una "crisis continua", si así puede decirse, o sea un rapidísimo movimientos de elementos que se equilibraban e inmunizaban. En cierto punto, en este movimiento, algunos elementos han predominado, otros han desaparecido o se han vuelto inoperantes en el cuadro general (Gramsci 1980:52)

Como parte do laboratório, as instâncias de renovação e sucessão são, assim, a abertura possível dos esquemas de confinamento dos significados. A palavra “ordem” se transforma, usualmente, em uma obsessão dirigencial e, simultaneamente, em uma obrigação vinda da cultura objetiva. Esta obsessão é, ao meu modo de ver, um elemento intrínseco e determinante no decorrer da tarefa do dirigente no futebol, seja antes ou durante a ascensão ao cargo. E está vinculada fundamentalmente com o fato do clube de futebol viver em uma instabilidade que divide o conceito “clube” nas dimensões futebolística e institucional. A chegada dos sujeitos aqui tratados, as posições de poder dentro dos clubes profissionais se dão, na maioria dos casos, em situações de crise e acontecimentos de conflito. Contextos em que, justamente, tendem a se combinar fortes evidências de uma deterioração do clube como instituição esportiva no nível dos sócios, incoerências e descompassos nos lugares de autoridade e uma sucessão de campanhas futebolísticas pobres.

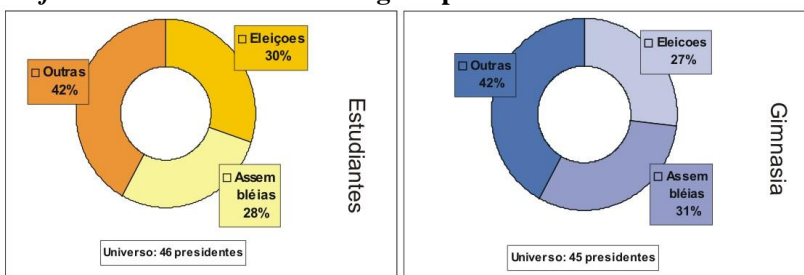
Com a finalidade de interpretar, nesta tese, a forma particular que assumem, nos clubes, os processos de fabricação, enunciação e restituição simbólica destes acontecimentos ‘dirigenciais’ - centralmente associados com o sentido crítico, com as relações de *pregnância* entre signos do emblema e com sua atualização cismogênica para com os modelos de gestão e os estilos de decisão no âmbito das práticas -, apresento a seguir uma breve interpretação dos dados surgidos da longa pesquisa documental feita durante

o trabalho de campo<sup>268</sup>. A fim de compreender como as coordenadas profissionais se relacionam com as formas de sucessão e da busca pela “ordem” e a “unidade”, dividi estas últimas em três grandes grupos empíricos, segundo as características dos tipos ideais de continuidade e ruptura. A saber:

1. *Eleições*: quando se apresentam uma ou várias listas de candidatos para a votação dos sócios.
2. *Assembléias*: quando a Comissão Diretiva é resultado do ato da Assembléia (pode ser por renúncias ou destituições ou pela eleição de uma “lista única” por unanimidade).
3. *Outras*: quando se produz a renúncia ou destituição do presidente, ou quando se promove uma intervenção estatal da instituição e o sucede alguém na escala hierárquica.

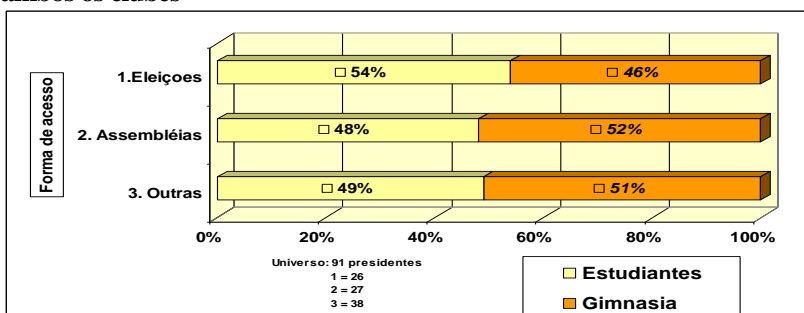
Observemos, nos dois gráficos a seguir, como se distribuem estas formas de acesso aos cargos de presidente em ambos os clubes da cidade.

**Gráfico 4. Forma de acesso ao cargo de presidente em cada clube**



Fonte: vid. Anexo Tabela 1.

**Gráfico 5. Forma de acesso ao cargo de presidente. Peso relativo em ambos os clubes**



Fonte: vid. Anexo Tabela 1.

<sup>268</sup> Dados que, por sua extensão, seguramente, continuarei analisando no futuro.

A primeira impressão que se tem ao olhar os gráficos é substantiva porque permite observar que as diferentes formas de acesso ao cargo de presidente dos clubes, tanto no Estudiantes como no Gimnasia, mantém certa consistência e equilíbrio estatístico entre si. Por um lado, tanto no que diz respeito ao peso relativo de cada um dos clubes, tomando a totalidade dos presidentes assumidos desde a fundação (Gráfico 5), como no peso específico que tem as três formas de acesso em cada um dos clubes tomados por separado (Gráfico 4). Neste último gráfico, e a modo de exemplo, as eleições em Gimnasia representam o 27% do total de acessos ao cargo de presidente, sendo que esta porcentagem chega a 30% no Estudiantes. Mas este equilíbrio nas porcentagens, que estes dados evidenciam, é significativo tanto em relação ao total dos presidentes como nas formas de acesso em cada um deles, e permitem afirmar que os universos são empiricamente comparáveis e facilitam uma interpretação de dados mais aprimorados.<sup>269</sup> Certamente, o fato social estatístico mais relevante consiste em que os modos de acesso à presidência sem concorrência formalizada eleitoralmente são majoritários (em torno de 70%). A princípio, isto permite falar então de uma crise estrutural dos mecanismos de representação dos sócios habilitados para votar.<sup>270</sup> Entretanto, por falta de dados precisos, fica difícil determinar com absoluta precisão qual é a porcentagem que, - dentre as *assembléias* e outras formas de acesso, como renúncias, intervenções, etc-, respondem exclusivamente às mencionadas instâncias críticas, sem trabalhar caso por caso; quer dizer, determinar onde a dinâmica de concorrência “normal” deixa de existir realmente nestes casos. Inclusive porque o fato destas duas formas de acesso serem majoritárias em relação ao total (70% no Estudiantes e 73% no Gimnasia) questiona o conceito mesmo de “normalidade” – estabilidade, continuidade, etc- institucional baseado nas eleições e uma relação direta entre as mencionadas crises institucionais com *assembléias* e renúncias.

Em primeiro lugar, porque em muito casos, as presidências surgidas nas *assembléias* podem denotar tanto a continuidade de um grupo de dirigentes como a estabilidade de um “projeto” -por exemplo o aqui citado, do **Cdr. Fuentes**, que assume por *assembléia*- ou por situações de crises consideradas “extremas”, que exprimem a incapacidade de organizar a competência eleitoral e a sucessão dada às “urgências” da instituição – por exemplo, a mencionada assunção do **Sr. Orsini**, durante uma *Assembléia Extraordinária* convocada por sócios<sup>271</sup>.

---

<sup>269</sup> Utilizo para todos os gráficos o total de 91 presidentes como 100% , por serem estes os dados confiáveis com que contamos..Sendo o total de presidentes de 122, se considera 91 uma cifra suficientemente “representativa” para a análise estatística.

<sup>270</sup> No Gimnasia 9 mil e no Estudiantes 14 mil aproximadamente.

<sup>271</sup> Esta é uma situação “plesbiscitária” pouco comum. Os sócios reúnem uma quantidade de assinaturas estabelecidas no estatuto e convocam uma *Assembléia Extraordinária*. A

Inclusive, as presidências derivadas de eleições não indicam, necessariamente, serem produtos de momentos de alta estabilidade institucional. Estas últimas, muitas vezes, se produzem criticamente, em condições de convulsão e alta concorrência entre facções, e depois de sucessivas renúncias nas CD –por exemplo, durante as eleições em Gimnasia em 2007, quando cinco listas disputaram as eleições depois da crise desatada pela renúncia de Muñoz<sup>272</sup> à presidência do clube.

Entretanto, a idéia de uma “crise permanente” encontra ainda maior sentido interpretativo quando dividimos os anos de existência de cada um dos clubes aqui trabalhados pela quantidade de presidências. Criamos assim um índice que tem como referência os três (3) anos que, pelos estatutos do Gimnasia e do Estudiantes (até 2007), os governos devem cumprir em ambos os clubes.

**Tabela 3. Índice de permanência dos Presidentes do Gimnasia e Estudiantes.**

CLUBE QUANTIDADE	ESTUDIANTES (fundado em 1905)	GINNASIA (fundado em 1887)	TOTAL S
ANOS DO CLUBE	103	122	225
PRESIDÊNCIAS**	50	72	122
ÍNDICE DE DURAÇÃO GERAL*	2.06	1.69	1.84

\*\* Tomando desde a fundação do clube até o ano de 2008 (Base Tabela Geral em Anexo)

\*Índice: quantidade de anos do clube/ quantidade de presidentes.

Tomando assim, como referência inicial, os três anos que se prevê para a presidência, nos estatutos do Gimnasia e do Estudiantes<sup>273</sup>, o índice de permanência em cargos presidenciais é de 1,69 e 2,06 anos respectivamente. De fato, a manutenção de um mesmo presidente durante os três (3) anos previstos estatutariamente é significativamente inferior no caso do Gimnasia que no do Estudiantes. Em ambos, se observa a instabilidade dos altos cargos direcionais, especialmente se deduzimos que o abandono ou expulsão do cargo presidencial

---

convocação deverá ter um objetivo definido, por exemplo nomear uma Comissão Diretiva ou destituir a já existente.

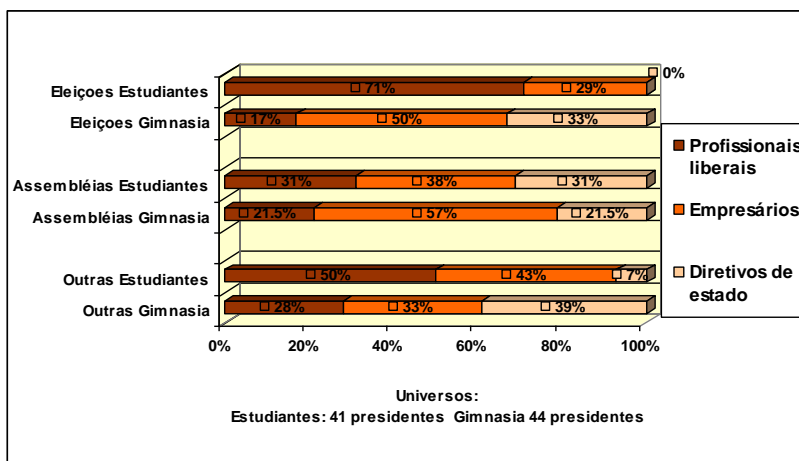
<sup>272</sup> Neste mesmo sentido, as palavras de um ex-presidente do Gimnasia, o empresário Francisco Gliemmo, quando manifestava-se publicamente durante o anúncio de Muñoz, deixam ver a pregnância do emblema: “Me parece un error garrafal lo que están haciendo, porque en los próximos meses se vivirá un periodo de transición, donde el equipo no tendrá el respaldo suficiente sabiendo que la comisión se va a ir. Si se quieren ir, que se vayan ya”. *Diário El Día*. La Plata, 11 de julho de 2005. Além de mostrar que a decisão não foi bem recebida, nos revela algo que, até aqui, não tinha estado tão explícito, que os dirigentes se vêem a si mesmos como os máximos condutores do time profissional.

<sup>273</sup> Lembremos que o Clube Estudiantes de La Plata modificou seu estatuto em 2004, ampliando o mandato de CD para quatro (4) anos.

geralmente é acompanhado da saída de outros dirigentes de menor hierarquia. Além disso, a meu modo de ver, este índice substantivamente menor de estabilidade explícita a maior *pregnância* futebolística “negativa” com relação à estabilidade institucional no Gimnasia, dada a sucessão de rupturas de condução e “fracassos”<sup>274</sup> dos times de futebol ao longo da história. Em suma, sugiro que ambos os casos mostram que uma menor acumulação de um *capital social* – futebolístico- ao longo de um período de sucessão ‘dirigencial’ terá impacto sobre os *estilos de decisão*. Se tomarmos o pior período, quanto aos resultados futebolísticos, tanto do Gimnasia, como do Estudantes, se verifica uma maior volatilidade na permanência das cabeças dirigenciais. Servindo-nos deste índice, e tendo em vista que as eleições respondem majoritariamente ao calendário normal tri anual do estatuto, podemos calcular que mais da metade das *assembléias* implicavam situações de ruptura.

Podemos corroborar o fortalecimento da tendência estatística vista no ponto dedicado as profissões e das relações desta com as formas de acesso ao cargo. Este quadro evidencia outro tipo de relações, uma vez que relaciona de outro modo as profissões com os tipos de acesso, distribuindo estas últimas e permitindo ver o peso que elas tem sobre as profissões totais em cada clube. Vejamos a seguir como se distribuem as profissões em relação às *assembléias*, renúncias e eleições.

**Grafico 6. Forma de acesso ao cargo de presidente segundo ocupação. Pesos relativos comparados entre clubes.**



Fonte: *vid.* Anexo Tabelas 3 y 4

<sup>274</sup> O baixo capital social medido em títulos faz com que os simpatizantes do Gimnasia considerem os subcampeonatos como novos fracassos.

De fato, confrontadas as profissões com as formas de acesso ao cargo de Presidente do clube, a porcentagem das eleições vencidas por empresários é significativamente maior no Gimnasia que no Estudiantes (50% contra 29%, respectivamente). Enquanto isso, no Estudiantes, uma ampla maioria de presidentes profissionais liberais tende a concentrar os atos eleitorais obtendo 71% das presidências. Cabe pensar que, neste contexto de “normalidade” institucional representado pelas eleições, a maioria dos sócios do Gimnasia prefere um presidente empresário, enquanto os do Estudiantes, inclinam-se por um profissional liberal. Para reafirmar esta tendência, podemos observar que no Gimnasia, os profissionais liberais obtêm apenas 17% das presidências através de eleições. Ao mesmo tempo destaca-se a majoritária presença de empresários na sucessão do cargo presidencial em assembléias. Junto a este último dado, a maior estabilidade relativa que mostram as porcentagens do Estudiantes enquanto a distribuição das duas ocupações nas assembléias e “outras” forma de acesso, são um forte indicador que aqui está a chave da diferença estatística do índice de permanência antes analisado entre este clube e o Gimnasia .

Em suma, todos estes gráficos pretendem mostrar que os altos índices de alternância nas presidências não são parte de um fato puramente fortuito. Esta tendência se relaciona diretamente com a forma em que os diversos tipos de sucessão institucional se relacionam –representados nas renúncias, nas assembléias tidas como extraordinárias e nas eleições como “de normalidade”– com as expectativas colocadas nos tipos de ocupações profissionais, especialmente a empresarial e a liberal. Assim, a diferença essencial entre uma e outra modalidade de sucessão dos cargos a presidentes se apresentam em um componente subjetivo que organiza a massa crítica em uma ou outra direção, segundo os significados apresentados pelas condições políticas objetivadas nas formas de acesso segundo a ação pública de uma massa crítica.

Deste modo, e retomando o argumento da influência da pregnância do futebol sobre os cargos dirigenciais, entre 1976 -ano em que Gimnasia luta pelo título de campeão-, e 1984, ano em que volta competir na Série A, depois do rebaixamento em 1979, passam pela presidência um total de nove presidentes, diminuindo mais ainda o índice de permanência, a 1,0. Idêntico comportamento se observa entre os presidentes do Estudiantes. Entre 1986, ano da renúncia de Raul Correbo à presidência “por motivos pessoais”, se inicia o pior período de acumulação de capital social do emblema-time, que culmina em 1995, ano em que também recupera a categoria depois do rebaixamento de 1994 (o segundo da sua história profissional). Durante esse período de dez (10) anos, assumem a presidência do clube sete (7) presidentes, também baixando o índice histórico de 2,06, significativamente, para 1,42. Em todo caso, o que podemos concluir inicialmente é que estes índices explicitam numericamente o sentido que adquire uma massa crítica



como flexibilidade das formas de acesso às CD, denotando também uma evidência: na maioria das vezes, como mostram os baixos índices de permanência dos presidentes e a distribuição equilibrada das eleições, as *assembléias* assim como as outras formas de acesso às presidências, exprimem inadequações de “ordem” no calendário institucional que não podem ser compreendidas sem tomar em conta os pormenores que organizam simbolicamente os *estilos de decisão* encapsulados nas idealizações profissionais e nos trajetos dos dirigentes como pessoas públicas. Evidentemente, esta primeira estatística não estabelece uma relação direta entre as práticas, que permita afirmar a existência de um modelo de *crise permanente* instituído. Porém, ele é, sim, um conjunto de dados significativos que fortalece a pertinência de uma interpretação em direção a este argumento.

A última grande, e significativa, crise de autoridade no Estudiantes começa em 1993 com a renúncia do empresário da construção José Riccione e continua, no mandato de seu sucessor, com o rebaixamento do time. Todavia, o instante de maior intensidade deste período de crise ocorreu em julho de 1997, quando seu presidente, o Emp. Daniel De La Fuente,- que tinha assumido a vaga de Riccione e confirmado no cargo por Assembléia Ordinária em 1996-renunciou. Estava perturbado pela derrota eleitoral do oficialismo para substituir as setes posições vagas por renúncia na Comissão Diretiva (o principal era o segundo vice-presidente, que estava sem ocupar pela renúncia de Luis de Prates, no ano '96). Durante a Assembléia Ordinária, que convocou aquelas eleições de renovação parcial, tinha se produzido também a rejeição unânime de aprovar um passivo de 10 milhões de dólares por parte dos sócios. Seu sucessor imediato foi o Emp. Valente, que até esse momento era o vice-presidente. No contexto de maus resultados futebolísticos do time, em perigo de rebaixamento, e após essa tumultuosa *assembléia*, as eleições foram realizadas, e “Identidade Albirroja”, lista de oposição liderada por Valente, que era o vice-presidente, prevaleceu, nomeando como candidato a segundo vice-presidente o Dr. Mazaroni. Com este resultado, mais a pressão de Valente e de Brindisi (vice-terceiro eleito), De La Fuente foi forçado a renunciar após 48 horas, ficando Valente como Presidente. O oficialismo foi último colocado na luta eleitoral. Desta maneira, Valente foi proclamado como presidente sem renunciar ao cargo de primeiro vice-presidente. Na Assembléia Ordinária do mandato de '98, este último foi ratificado como dirigente máximo para cumprir seu mandato até 1999. Nesta ocasião, Valente se afastou do clube, sendo convocada então uma nova eleição, que não aconteceu uma vez que a Assembléia Ordinária nomeou a única lista que havia se apresentado para concorrer e que apontou o médico Guillermo Cichetti, como concorrente ao cargo máximo. A lista era de “*unidad e consenso que integrava muitos dirigentes históricos do clube como eu...*” (Esc. Olivera). Dois anos depois, novamente Cichetti renuncia. Finalmente, de

1999, ano em que se iniciou um novo período de estabilidade que dura até hoje (logo depois da grande crise de 1997<sup>275</sup>), até 2008, ano da última eleição, quatro presidências distintas em quatro períodos pertenciam à mesma *lista*.

Efetivamente, Gimnasia também vai viver uma importante crise institucional depois de passar por um período de alta estabilidade política durante a década de 1990. Durante essa década, provavelmente a maior da era profissional, junto com a de 1960, o índice chega a 3,0. O projeto do futebol profissional durante aquele período foi bem sucedido, obtendo um subcampeonato e os melhores posicionamentos na tabela, de forma consecutiva. O projeto contava, naquele período, com a presidência de um importante comerciante e fabricante de roupas, o Sr. Héctor Delmar, com a coordenação geral do futebol profissional do treinador Carlos Griguol e um grupo empresarial ligado a ele. No entanto, o afastamento deste grupo de investidores e derrotas futebolísticas nas instâncias finais do campeonato de 2001, criaram condições para uma nova crise institucional. Em 2004, uma crise financeira foi a que permitiu a chegada, via eleições, do empresário José Muñoz. Muñoz, que, junto com o treinador, um ex-jogador do time, Pedro Troglio, fez uma *limpeza* no time profissional – com “*altos salários e baixos rendimentos*” declara- conduz o clube a um novo subcampeonato em 2004. Porém na época em que o presidente do Gimnasia, J. J. Muñoz, caiu em desgraça no ano de 2006 – como consequência de ter reagido com ameaças ao juiz da partida contra o Boca – o clube entrou novamente numa série de crises institucionais associadas com decisões intempestivas dos dirigentes. Muñoz se transformou rapidamente em uma personagem expiatória, tornando-se um modelo de tudo aquilo que há de “irracional” – e, portanto, “violento”- no futebol argentino.<sup>276</sup> Depois de sua renúncia, um número importante de dirigentes – cujo total não cheguei a confirmar – abandonou a CD.

Empiricamente, são quase sempre as renúncias das “cabeças dirigentes” as que resultam em assembléias, eleições antecipadas e outras formas de sucessão “instáveis” temporal e espacialmente. Muitas das assembléias previstas como potencialmente conflitivas, como as de 1971 ou 1987 no Estudiantes, se realizaram em prédios alheios à instituição, segundo um dos interlocutores, “*o objetivo era evitar que o clube vivesse essa experiência traumática*” (Emp. Victorino). Em outras palavras: como evitar que a crise “fique amarrada” à identidade ‘dirigencial’ do clube?

---

<sup>275</sup> *Diário EL Dia*. LA Plata, 2 de Fevereiro de 2008.

<sup>276</sup> Contudo, o juízo mais severo veio da própria Associação do Futebol Argentino, que o considerou, nesse ato, incapaz de compreender que o circuito de dádivas e compromissos entre clubes são instrumentos para influenciar resultados eficazes, justamente porque permanecem fora do espaço do espetáculo futebolístico.

Em síntese, as renúncias são muito comuns na história das CDs dos clubes platenses, ocorrendo reiteradas vezes ao longo dela. Por outro lado, e aqui falando teoricamente, se bem que as eleições respondem ao calendário “normal”, não significam a ausência de uma massa crítica colocada em movimento para recuperar uma “unidade” perdida, se temos em vista que elas se orientariam à representação de uma busca pela continuidade nos parâmetros instituídos do clube como entidade de participação aberta. Porém, é nas práticas ‘dirigenciais’ que a instituição é atravessada por outros componentes culturais que complexificam este universo formal. De fato, por exemplo, será a “debilidade” coletiva para decidir em um conjunto excessivamente polifônico, ou no “autoritarismo” de uma única pessoa, as que resultam, na maioria das vezes, em acusações que servem à interpretação dos motivos de uma ruptura ou uma descontinuidade eventual. Esta primeira estigmatização da dirigência, por exemplo, tinha se instalado no Gimnasia durante o período em que realizei a pesquisa de campo e era um juízo estendido sobre os cargos ‘dirigenciais’, especialmente do Presidente, colocando-se como questão central que justificava a remoção da CD.

Fica, assim, quase impossível separar a interpretação de uma crise com a emergência e a renovação e recrutamento de dirigentes. Para que tal renovação seja possível, o dirigente, como já vimos nesta tese, deve encaminhar uma mensagem cultural que cristalice adequadamente suas habilitações em favor da preeminência e do reconhecimento dos méritos de condução. Para começar, porque a ambição declarada de um determinado sujeito de se transformar em dirigente de clubes de futebol como o Gimnasia e o Estudiantes é, geralmente, resultado direto ou indireto da ação de um círculo de pessoas vinculadas historicamente à vida pública do clube. Mas este círculo tem quase sempre caráter circunstancial, e se gera, na maioria dos casos, facilitado e estimulado pelas situações de desequilíbrio institucional, futebolístico e financeiro do clube, próprias de um universo de acaso permanente. E se, geralmente, as pessoas escolhidas são reconhecidas no âmbito profissional por certas qualidades associadas com a gestão de uma situação determinada, se considera muitas vezes como necessária a presença de valores empresariais como garantia de não querer ganhar dinheiro com a situação de fragilidade que o clube pode estar vivendo. Nestas circunstâncias, uma pessoa vinda do mundo dos negócios se apresenta como “virgem” nos vícios em que incorreram anteriormente muitos dirigentes com trajetória, como, por exemplo, o excesso de “amiguismos”, a falta de uma visão moderna, a tendência à burocratização e, inclusive, a satisfação de prazeres egocêntricos. Apenas em casos muito excepcionais, crises profundas, como as já mencionadas, desembocam em processos de abertura ou de formação de um corpo “*declaradamente*

*democrático e efetivamente colegiado, definido para dentro e para fora com trajetória dirigencial clara” (Esc. Olivera).*

Além destes ‘estigmas’ de condução que, tradicionalmente são apresentados publicamente, o fato social significativo é que as contínuas crises de representação se produzem, nos clubes, pela combinação de várias problemáticas simultâneas e concomitantes: primeiro, a efetiva fragilização de uma ou várias figuras dirigenciais, uma vez que resultam em críticas internas ou públicas de dirigentes de outros personagens de referência à “estípe”, aos ‘estilos de decisão’; segundo, na ausência de resultados positivos no nível da performance futebolística, interpretada como “erros” nas compras e nas vendas - especialmente no perigo do rebaixamento; terceiro, no questionamento de consenso organizado dos sócios influentes ao nível da administração financeira e das condições de funcionamento dos clubes como bem comum; e por último, pela confluência, no corpo do dirigente, de uma contradição entre a exigência profissional e a “conduta dirigencial”.<sup>277</sup> Estas quatro problemáticas podem ser traduzíveis como crises de: coesão, consenso, representação, autoridade e, finalmente, de legitimidade.

Tomemos por exemplo uma breve crise em 2008, quando a CD do Estudantes sofre uma ruptura importante em seu interior, tendo como resultado as renúncias de sete dos seus principais membros, entre eles, Julio Alegre, presidente do clube entre 2001 e 2004. A seguir, uma declaração pública do grupo dirigente deixa ver como atuam as idéias de *proyecto* e, conseqüentemente de “desvio” institucional em relação aos papéis ‘dirigenciais’:

ha transcurrido suficiente tiempo desde que fueran presentadas nuestras sucesivas advertencias (...) no sólo no se ha producido ninguna rectificación del nuevo rumbo tomado, sino que por el contrario se siguen profundizando los desvíos respecto de las políticas estratégicas del año 1999... se continúa debilitando el rol de la CD como órgano de legítimo ejercicio del poder derivado del voto de la mayoría de los asociados. Como dirigentes estamos obligados a hacer lo mejor aunque algunas decisiones no coincidan con los reclamos públicos (...) Por la misma razón no estamos dispuestos a convalidar un rumbo equivocado y tampoco vamos a apostar desde afuera al fracaso de la conducción sino a la recuperación de los valores perdidos (...) El debilitamiento económico-financiero, aunque paulatino,

---

<sup>277</sup> Este último, um juízo cujo caráter crítico é amplo: desde a insatisfação das expectativas ante as capacidades idealizadas das habilidades profissionais com relação ao cargo, passando por incompatibilidades entre as exigências de “dedicar tempo ao clube”, até a desconfiança sobre sua honorabilidade nas condutas econômicas.

pondría en riesgo la soberanía de las decisiones del Club, facilitando de ese modo el advenimiento y accionar de grupos empresarios que, conformados por testaferros de socios ocultos y fondos de dudoso origen, han puesto pie en el fútbol argentino con los resultados conocidos y donde las pérdidas son para los clubes y las ganancias son para esos empresarios.<sup>278</sup>

Quando, em fevereiro, aconteceram as sete renúncias dentro da CD (Alegre, Cicchetti, Turkenich, Mirinda, Fernández, Marucci e Francisco Da Giau), não eram poucos os que arriscavam a dizer que no horizonte do Estudiantes assomavam eleições “*calientes y a cara de perro*”<sup>279</sup>. O grupo de dirigentes que renunciou à CD tinha mantido desde então um “perfil baixo”, afastado das polêmicas em que estava envolvida a presença de Verón, não obstante as eleições estarem muito próximas, o que levava a pensar - entre muitos dos meus interlocutores - que este grupo iria concorrer eleitoralmente. Eles mantinham, sim, reuniões divulgadas pela imprensa e, inclusive conversas com associados em clubes de bairro e algumas poucas filiais que “*os convocaram para que contassem como viam a realidade da instituição*” (Sr. Orsini). “*Nós seguimos reunindo-nos e nunca nos afastamos da realidade do Estudiantes*”, contou um deles à imprensa, “*pedindo a reserva do caso, e assegurou que ‘este não é momento para falar, mas logo chegará’*”<sup>280</sup>. Para a condução do Estudiantes, definir quem seria o candidato a presidente era algo que “*sairia da ‘mesa chica’ que tem o poder de decisão neste momento em que a tarefa é a busca de substituir aqueles que renunciaram para montar a lista definitiva do oficialismo.*” (Esc. Olivera). Neste caso, porém, não foi a tendência de ampliar a mecânica deliberativa, mas a do fortalecimento de um grupo reduzido de dirigentes, sustentado pelos resultados dos jogos e pela *pregnância* futebolística dada pela proximidade de Verón, que finalmente triunfará facilmente nas eleições de final de ano. Como bem exprime o **Dr. Narde**, ao narrar sua renúncia ao cargo de coordenador da Subcomissão de Futebol Profissional, como pré-anúncio da crise que terminará com maior concentração de poder dos jovens de ‘*mesa chica*’ no clube:

Si yo volviera a juntarme para la dirección no permitiría que a un grupo como el nuestro lo utilicen para ganar una elección, pero de a poco nos fueron desplazando. Le dimos lugar a gente que no sabíamos bien... gente joven, que trajo Alegre, pero que era muy manipulable. Yo duré poco, menos de un año y medio, pero la verdad es que ya a los seis meses vi que era un elemento de choque, porque yo... por mi forma de ser.

---

<sup>278</sup> *Diario El Día*. La Plata, 6 de Fevereiro de 2008.

<sup>279</sup> *Diario El Día*. La Plata, 15 de Setembro de 2009.

<sup>280</sup> *Idem*.

Yo iba y presentaba por secretaria un memo pidiendo que se me explique por qué se había hecho tal cosa o tal otra, y les molestaba. Después hubo otro elemento, por que en una reunión de comisión, esta en el cata, yo tengo la documentación, este personaje que es el dueño del club dice que si yo no me iba, el se iba. La verdad es que el faltó a un compromiso de palabra que teníamos con los jugadores, no fue a la reunión, y teníamos un compromiso, que yo había hecho personalmente y acordado con él también. Pero bueno, el logró recomponer la situación con ese grupito joven que había llevado, pero fijate que años después, a el le pasa los mismo (**Dr. Narde**).

Para este dirigente, a crise será vista, subjetivamente, como instância de luta pelas *habilitações*, incorporando estes elementos em um plano das relações pessoais e de personalidade. Esta tendência aos conflitos entre dirigentes de uma CD acarretam, à trajetória pessoal, acusações de autoritarismo, decisionismo, divisionismo, influenciabilidade, *amiguismo* e falta de dedicação ao trabalho. Neste sentido, a ‘condição civil’ –formalmente despolitizada- que regula a dinâmica de circulação de cargos, aparece dificultando –quando não impedindo- a presença de consenso passível de ser explicitado publicamente pelas CD. A questão central consiste em que a tendência à “unidade”, mencionada quase como um obsessão presente na narrativa dirigencial, e especialmente presente em momentos de crise, resulta numa utopia civil antipolítica, uma vez que entra diretamente em contradição com o sistema assembleístico-eleitoral como lugar da diversidade, da participação e do dissenso. Esta barreira aos excessos deliberativos evitaria possibilidades concretas de ampliar pactos de governabilidade e estimularia a saída ou o abandono silencioso daqueles que, não sendo concorrentes diretos aos altos cargos, não compartilham determinadas decisões, como caso do **Dr. Narde**. Aquilo que cria as condições para a centralização do poder, ou seja, a unidade, cria, ao mesmo tempo, as condições para sua desagregação no espaço eleitoral, futuramente e termina atentando contra a coesão, e questionando assim a fragilidade de habilitações debilmente ancoradas em uma relação direta entre destrezas profissionais e as necessidades de triunfo dos *clubismos*.

Neste sentido, foi percebida pelos dirigentes mais próximos como resultado de um esgotamento “pessoal” –não político- na função (não de uma fracasso como presidente durante sua gestão). Os questionamentos foram, na maioria das vezes, colocados em termos de campanhas “*escuras*” e mal-intencionadas e da ação de “*pessoas que gostam de falar, criticar, mas não querem trabalhar pelo bem do clube, que sentem inveja*” (**Eng. Del Franco**).

José hizo un manejo muy personalista, y eso creo rispideces con algunos de nosotros. Fíjate, que son aquellos que dentro de la Comisión tienen cargo de responsabilidad aquellos que son opositores al dirigente que tiene el cargo máximo. Pero no por ser ‘contra’, sino porque tienen una opinión formada y un poder de decisión que es equiparable con el que está conduciendo a la cabeza. Entonces, no resisten la imposición sin el debate. Sobre todo si se tiene una concepción orgánica del manejo del club. Hay gente que no, que siguen a lo que otros dicen qué hay que hacer. Cuando uno se planta en algo, genera conflicto, pero también respeto... (Arq. González).

Ante a renúncia de Muñoz, acontece uma recomposição de CD do Gimnasia similar a do Estudiantes em 2008. A mesma tendência à oligarquização e concentração do poder em um grupo, toma um sentido totalmente diferente. Assim, a ascensão ao cargo de presidente “em funções”, do Adv. Hugo Capdebarthe, permitiu diminuir as críticas de autoritarismo e “excesso de paixão” que pesavam sobre aquele grupo, como parte de um “estilo arbitrário”. E, apesar da lista do oficialismo ter ficado em terceiro lugar, na finalização das eleições de 2007, a sucessão de um “dialoguista” como Capdebarthe permitiu a recomposição do poder em uma ‘*mesa chica*’, vista paradoxalmente como mais deliberativa e aberta às demandas societárias. Durante o período em que acompanhei estes dirigentes “pós-Muñoz”, observei que procuravam atender sistematicamente (quase como uma obrigação) as mais variadas demandas relacionadas ao cotidiano dos clubes, inclusive as mais insignificantes para suas operações de reconhecimento, desde o mau funcionamento dos chuveiros nos vestiários até as reivindicações salariais dos jogadores mais jovens.

Neste sentido, também os desajustes constantes no tempo e nas formas de acesso explicam em parte a mencionada necessidade de criar mecanismos de sucessão variados ante as permanentes pressões que sofrem os dirigentes por parte das demandas vindas do emblema e da instituição. Este últimos estão permanentemente expostos aos devires de uma luta pela hegemonia cultural expressa em certos valores dos emblemas e às demandas societárias “mais clássicas”, associadas com a situação financeira dos clubes e com as condições em que se desenvolvem os esportes amadores. Assim, as “soluções” para estes desequilíbrios quase estruturais tendem a ser encaixadas, com maior ou menos significância, nas distintas identidades profissionais, por um lado, segundo a objetivação de uma combinação de causa-efeito das demandas futebolísticas e institucionais como abstração de uma maior valorização da prudência, do diálogo, do risco, da força, etc.; por outro, a percepção coletiva de uma *crise* da situação política, representada

pelos três tipos de formas empíricas de acesso ao cargo que enfrenta a sucessão.

Faz, então, sentido que exista uma massa crítica - fazendo eco da dualidade entre o “bem comum”, representado pelo clube instituição como espaço comunitário e de continuidade cultural com uma ética- que seja geralmente associada com as profissões liberais-, e a busca de transformações na condução, representadas por uma visão empresarial e mais autocrática de exercer o poder. Como nos ciclos de retração e expansão, típicos da economia política capitalista, essa massa crítica é “produtora de dirigentes” e se organiza simbolicamente em torno às duas linhas idealizadas de poder. Trata-se daquilo que, já em 1942, o economista austríaco Joseph Schumpeter (1961), - retomando a matriz de reflexão de Wilfredo Pareto e suas análises, no contexto do capitalismo moderno, da consecução do eterno ciclo de constituição, desenvolvimento, combate, acesso, benefício e declínio das elites governantes em todas as sociedades,- entendeu, de que as sociedades contemporâneas respondiam a uma dinâmica de sucessão no poder que se alternava entre um núcleo de “*elitismo* democrático” vs. um tipo de *entrepreneur* “criativo-destrutivo”,<sup>281</sup>.

Deste modo, destaco a existência de três condições de origem que afetam a lógica de sucessão dirigencial e que nos permite falar de um *modelo de crise permanente* que transita das profissões liberais para os empresários, dependendo das circunstâncias em que as formas de acesso mostram maior ou menor normalidade pública do *clube-laboratório*. Primeiro, as formas do poder elaboradas no ritual-performático; segundo, o substrato da classe e status real ou imaginado nas profissões e sociológico-estamentário em suas condições de luta pela hegemonia cultural, e por último, as características da mobilidade social que ele exprime e permite a certos sujeitos que mostrem capacidades excepcionais em um determinado domínio de ação, formar parte das elites em determinados momentos históricos.

Em numerosas ocasiões, observei como a mencionada pregnância da performance dos times atuava sobre a percepção de futuro das principais peças da maquinaria político-institucional. Durante as partidas, os “papéis dirigenciais” pareciam pender sempre de um fio quando os cânticos de desaprovação sobre a atuação do time emergiam das arquibancadas – assim como ações de violência- e potencializavam e davam visibilidade à incompatibilidade entre as expectativas e a realidade da eventualidade e o acaso

---

<sup>281</sup> Este casal moderno, aparentemente antagônico, tinha sido desagregado pela reflexão imaginativa de Pareto em uma problemática tripartite: o lugar das “gestões aparentes” dos grupos políticos, a falta objetiva (na Itália) de uma classe governante sociologicamente identificável e a crescente influência do dinheiro na tomada de decisões políticas (Pareto 1968).



da performance futebolística. Trata-se aqui novamente da produção de um “equilíbrio instável” que o jogador, o treinador e até o Presidente da instituição experimentam quando suas identidades estão fortemente ligadas ao futebol profissional, e aos modos de produção de identificações a ele associado. Por exemplo a produção de jogadores “do clube” é uma exigência que marca a performance dirigencial em dois sentidos: por um lado, como forma de garantir “*respeito*” ao estilo e a identidade; por outro como instância de produção mercantil que dá autonomia financeira à instituição para a realização de outras atividades. Assim a massa crítica encontra dois canais de atualização significativos: por um lado, aquele da retração das atividades “sociais” (esportes amadores, instalações, festas, homenagens, etc); na outro, as situações de fracassos futebolísticos no nível do time profissional, portanto, a recepção de críticas performatizadas na torcida-mídia<sup>282</sup>

Este tipo de situações de debilitamento usualmente provoca renúncias, inicialmente silenciosas, e pedidos de afastamentos temporários de dirigentes da segunda linha da CD, permitindo a diminuição das tensões e redirecionando os questionamentos. Às vezes, estas renúncias, tratadas publicamente pelos seus protagonistas, acabam por objetivá-los na presidência, e são, genericamente apresentadas, por exemplo, como atos “apressados e impulsivos” nas decisões. As atitudes que o grupo de dirigentes com efetivas pretensões de acesso –ou recuperação– dos cargos com poder executivo real possa tomar, nos contextos de crise associadas com o desempenho do emblema, assumem dois caminhos visíveis: o daqueles que se afastam ruidosamente, anunciando suas possíveis candidaturas no futuro; e o daqueles que reforçam seu pertencimento ao grupo em crise em troca de uma circulação interna, dos sobreviventes, nos cargos de poder. Os primeiros dependem da capacidade de mostrarem-se, rapidamente, como emergentes de um estado de ânimo não individualista e, portanto, precisam da formação de um grupo coeso e identificável como solução deliberativa aos problemas da crise, e de constituição de uma massa crítica que lhes seja favorável e que “os acompanhe”. Os segundos tendem a fechar e silenciar ainda mais o círculo de poder próprio em torno às políticas colocadas em discussão durante a crise, e a reformular um campo de negociação interno controlado. A fundamentação

---

<sup>282</sup> Portanto, um dirigente que tenha uma gestão mal avaliada pela mídia local, pelos maioria dos sócios e por uma indiferença dos torcedores (geralmente é preciso que todos estes componentes se juntem para julgá-la como tal) dificilmente será capaz, ao mesmo tempo, de conduzir efetivamente o clube sem criar um grupo que exprima um círculo de consenso representativo dos sócios “influentes”. Mas a forma como este círculo funciona em torno de sua figura varia segundo estratégias que se relacionam com, pelo menos, duas dimensões. A primeira vinculada com a sua personalidade e profissão, com a sua trajetória antes mencionada. A segunda, relacionada com um suposto estilo de condução que representaria a identidade institucional do clube, historicamente definida.

moral da comunidade é transferida como padrão político, tendo em vista que, “reeleger alguém significa pagar uma dívida, de modo que se candidatar ao cargo eletivo requer fazer promessas” (Chaves 2003: 49)

O que se há de compreender é que as expectativas de excelência de resultados futebolísticos não são as mesmas para uns e para outros. Inclusive porque é comum que a massa crítica societária, - em certas condições de organização através das ‘*agrupações*’ e *filiais* construa um discurso “anti-futebolístico” frente aos dirigentes no poder, buscando ser vista de modo mais horizontal, em termos de tomar decisões que afastem o perigo econômico da pregnância. No clube Estudantes, os depoimentos apontam claramente em direção às melhores condições que têm os profissionais liberais com experiência em entidades civis, ante as crises de representação deste tipo. No Ginásia, em troca, este discurso ético aparece apagado em favor das qualidades de personalidade para dirigir um “*clube muito difícil porque os sócios não calam a boca nunca*” (Adv. Levene). Quando as manifestações da massa crítica excedem o espaço da instituição e se estendem ao estádio, o que geralmente acontece no Ginásia, a solução parece estar mais perto de uma “mão dura”, em resumo, um dirigente com personalidade.

Os reiterados contextos de instabilidade em que parecem viver os clubes de futebol, faz com que, para uns, ouvir e canalizar as opiniões dos outros atores envolvidos em um projeto institucional seja uma exigência que se apresenta geralmente como consequência direta dos maus resultados futebolísticos, organizativos e/ou financeiros, mas para outros, “*escutar pouco ou apenas o necessário*” é uma necessidade uma vez que “*fortalece a capacidade de decisão*” em momentos em que “*não se pode debater tudo.*” (Sr. Orsini). No entanto, a tendência é, em ambos os casos, de criar um “círculo íntimo” ou uma ‘*mesa chica*’ que respondam a estas tendências, como gostam de falar entre eles. Com esta medida, muitas vezes, espontaneamente, os dirigentes aumentam sua capacidade de operar concretamente sob certos princípios do *management*, tentando desenvolver um clima de coerência, racionalidade e sobretudo, legitimidade institucional, para suas decisões. Assim, o “limite” efetivo à vontade de dissenso será realmente eficaz à medida que a ‘*mesa chica*’, o núcleo duro que geralmente comanda o clube, mostre fortaleza para endereçar os signos do poder. Serão os resultados futebolísticos os que outorgarão quase sempre um marco de tranquilidade para a eficácia simbólica das mensagens referidas no nível dos eventos rituais públicos e serão também os que permitirão produzir uma articulação simbólica entre uma hegemonia temporária e a capacidade de imposição de um projeto diferenciado daqueles do passado - e com capacidade de se projetar no futuro. Porém, inversamente, se a ‘*mesa chica*’ encontra-se isolada ou em crise interna, a imposição de limites ao dissenso se torna uma simples represália irracional, que será interpretada aos

olhos dos sócios influentes ou mesmo da própria “segunda linha” como impotência e cegueira da liderança. Este tipo de habilitações associadas com um caráter democrático pode ser percebido como prática, partindo do seguinte depoimento:

Mientras yo estuve, era una democracia y tal es así, que yo le decía a Raúl muchas veces, lo cargaba y decía: CR., vos tenés que ser democrático, pero no tanto, eh` (risas)... Lo resolvíamos todo en Comisión Directiva, se votaba todo en Comisión Directiva. Éramos 25 miembros de Comisión Directiva votando, para cosas trascendentes, no para pavadas. Y en época de E..., mientras yo estuve con E..., también. También; a pesar de que muchos decían que no dejaba opinar. Pero sin embargo mientras yo estuve, se votaba. Se llevaba el tema consensuado, con un grupo y después se sometía a votación. Y si la votación salía en contra, salía en contra eh. Pasa que ahí esta la habilidad del dirigente cabeza de la dirigencia de saber llevar la cosa para que lo que el piensa sea entendido por los demás y aprobado” (Cdr. Richetti)

Trata-se assim da criação de um cenário “parlamentarista” *versus* um “decisionismo presidencialista” representado pelos empresários no Gimnasia, tanto para o horizonte utópico como para o juízo sobre a performance política que gera a sucessão? Trata-se de um componente “parlamentário” que excede, na prática, as atribuições estatutárias e emerge como resultado de uma vocação política “re-constituente”, em detrimento, pelo menos excepcionalmente, claro, das atribuições dadas ao presidencialismo?

Na maioria das vezes, estas crises tendem a ser reorientadas na circulação e reacomodação dos agentes através de novas ‘*listas*’ de candidatos aspirantes às CDs. A continuidade é basicamente entendida pela primazia do “grupo sobre as pessoas” em que a circulação garante a diminuição dos sentimentos de rigidez hierárquica e da capacidade de adaptação, conseguindo, ao mesmo tempo, que a dinâmica de participação reduza a mobilidade e fortaleça a centralidade política em um grupo. A segunda reação frente a uma crise de condução tende à desagregação, ao mesmo tempo em que descomprime a situação, dramatizando o conflito em termos de uma “encruzilhada institucional”, um acontecimento histórico de atualizado investido na luta dirigencial e visto como “caminhos que se bifurcam”, um deles conduzindo ao passado e ao mito da fundação. Segundo a interpretação do ex-presidente de Gimnasia, o **Sr. Rodríguez** “*o problema para Giovanetti foi que ele perdeu as eleições quando declarou públicamente que o clube tinha que ser como era hoje Estudiantes, depois da modernização de Alegre em 2002... não, isso podemos pensar sim, mais nunca dizer, nunca podemos querer ser como Estudiantes*”

São dois tipos de registro diferenciados, que operam em campos comunicativos de poder valorizados diferentemente, como consequência de, primeiro, estando associado com a obrigação do dirigente de organizar as peças do espetáculo de tal forma que o emblema diga: “vencer respeitando um estilo” e, portanto, tentando expressar sua posição de poder em termos de uma identificação substancializada com as “estirpes”; segundo, associado com um círculo de interações tanto formais quanto informais e que se traduzem em um poder relacional e organizacional com ênfase na preeminência sobre a excelência e o mérito.

Cuando una entidad civil como esta no ha podido mantener una armonía entre los ingresos y los egresos, y a su vez no logra captar la gente capacitada para llevarla adelante, desaparece el club como tal. Nosotros nos propusimos reunir un conjunto de gente que quisiera llevar adelante una entidad sin fines de lucro usando el mismo criterio que en situaciones similares, sirve para llevar adelante una empresa. Esto quiere decir que tenés que ser muy equilibrado entre ingresos y egresos, pero incorporando la responsabilidad única de que las decisiones impactan en la sociedad en que vivís, especialmente en una ciudad donde gran parte de la gente está pendiente de lo que pasa en la institución. Yo siempre pensé que dentro del mundo de la empresa, como puede ser mi caso, podés tener una decisión equivocada, y esos se puede traducir en problemas económicos, pero no pasa de las fronteras de la empresa, de tus empleados. Acá, una decisión mal tomada impacta directamente sobre la sociedad. Una mala administración del club puede llevarte a tener problemas económicos, que tarde o temprano son deportivos, y que después se transforman en caos... (**Emp. Cardoni**)

A “entidade civil” é, de certa forma, a sociedade, o *conceito* dela. Reúne as condições de formulação de um fluxo de trocas que deve ser equilibrado constantemente. O sintético dos enunciados presentes neste discurso seduz a interpretação metonímica sobre as consequências filosóficas implicadas aqui em relação com a noção de *crise*. Em primeiro lugar, este alto dirigente do Estudantes, durante os último dez anos, se utiliza da forma antagônica para afirmar-se na suspeita da existência de uma relação estrutural entre dois universos de razão prática apresentados ao longo desta tese com diferentes nomes. Começo dizendo livremente “antagônica”, mas unicamente com a finalidade de denotar que, na representação dirigencial que relaciona ambas as “divisões”, estas se apresentam primeiro como potencialmente contraditórias. Dito de outro modo: “seguir” as demandas da “sociedade” sem observar a necessidade de respeitar as coordenadas de equilíbrio, implícitas na

máxima econômica –rendas e gastos -, como base de sobrevivência em uma visão temporal da instituição, supõe o risco certo de produzir um desajuste desta última dimensão<sup>283</sup>. Mas fazê-lo ao contrário, assumindo uma excessiva ortodoxia quanto ao ideal de equilíbrio, pode levar a um desajuste da relação espiritual entre as representações contidas nas expectativas do clube – basicamente aquelas com que o futebol alimenta o emblema. Finalmente, é disso que se trata o “impacto” a ser objeto de avaliação, de um índice relacional entre um universo estático e funcional que enfatiza a economia como valor que representa a continuidade material e o progresso, e o universo holístico que enfatiza a sociedade como espaço de indeterminação e transgressora de normas morais: “essas almas aventureiras, famintas de novidades no campo econômico e social, e não preocupadas com o câmbio, esperando tirar vantagem do mesmo” (Pareto 2006: 91).

As dificuldades de comunicação derivadas de posturas e posições distintas ou enfrentadas em relação aos objetivos e formas de levar adiante as políticas de inversão se misturam, geralmente, com desavenças internas sobre os *estilos de decisão* dos principais dirigentes. A idéia implícita consiste em que o desajuste pode ser corrigido sempre e quando um dos pólos estiver equilibrado. Assim, no caso em que a satisfação das expectativas sociais tiver sido adequadamente cumprida, haverá sempre uma margem de manobra suficiente para “deprimir” as mesmas em favor do equilíbrio perdido em termos da “contas” –e todos os setores derivados e implícitos neste conceito. O exemplo é, assim, absolutamente reversível. Mas o problema se coloca quando ambos os centros exemplares de ação perdem seus pontos de referência. Aí o assunto se complica. Em geral, este tipo de circunstâncias leva à crise entre os membros da CD. A sociedade civil “interna”, representada nas *assembléias*, mostra um impulso para se recolocar no centro das decisões, ameaçando a legitimidade da condução de uma “mesa chica”.

---

<sup>283</sup> Junto com o contexto de transformações antes mencionado, a tendência à mercantilização dos primeiros tem produzido a necessidade de profissionalização dos segundos. No Estudantes, durante a última década, aconteceu um processo de transformação comparável com aquele das famílias que controlavam as grandes empresas familiares em Lisboa, analisadas por Lima. Segundo esta autora, estas poucas famílias empresárias tiveram que modificar suas práticas de herança e distribuição do poder na direção e nos cargos na tanto na empresa como na família com a finalidade de adaptar-se às transformações externas em nível planetário(Lima 2007: 280-288). Impulsionados por fenômenos semelhantes a grandes riscos, como a modernização e transnacionalização da economia, a introdução de novas tecnologias e a aparição de novas estratégias comunicacionais, os “novos” dirigentes do Estudantes - assim como os herdeiros das elites donas de grandes empresas em Lisboa - têm sido obrigados a recompor a eficácia das estratégias na tomada de decisões e na distribuição das responsabilidades. Este projeto enfatiza a “desafetivização” das relações de trabalho entre membros da diretoria e entre estes últimos e os atores sociais subalternos, como jogadores ou empregados com funções em áreas técnicas, e indiretamente, no interior da própria Comissão Diretiva.

Então se cria, momentaneamente, uma espécie de “dualidade de poderes”<sup>284</sup>, o que sempre inclui um grau importante de institucionalização dos interesses antes “excluídos”, um tipo de cenário institucional que representa as forças emergentes. O importante a ressaltar aqui, é que sempre a unificação das oposições tem como objetivo a destruição de algum tipo de poder que surja como “absoluto”, mesmo não sendo. Dentro destes processos, a tensão atua como motor do conflito entre o poder constituído, mas em certa decadência, e a vitalidade dos contrapoderes criados pelas forças que se opõem a ele. Contudo, os clubes de futebol parecem ter mecanismos para canalizar crises institucionais quase rotineiras, especialmente pelas constantes renúncias aos cargos presidenciais.

Recuperemos então para este trecho final um autor que, de alguma forma, permaneceu subjacente – e injustamente oculto- em várias das argumentações apresentadas durante toda esta tese: Johan Huizinga. Os “jogos” eram, para este autor, - precursor da reflexão sobre os esportes-, uma síntese experiencial criadora de uma ordem em um mundo imperfeito e impreciso. Como tal, e mais do que “uma realidade falsa”, ele foi entendido como uma “representação (que) é a representação de uma aparência” (Huizinga 1996:16). Os jogos supõem assim, para este autor, a já referida suspensão do tempo –um intervalo- característica do ritual, na visão mais rigorosa da antropologia. Não se trata então de fazer da defesa de Huizinga uma bandeira. Como tantos outros clássicos aqui citados (por exemplo, Gramsci), ele trabalhou este conceito com as ferramentas da sua época. Evidentemente, as reflexões atuais sobre este conceito traduzem a necessidade de recuperar argumentos menos rígidos para pensar a forma em que a vida cotidiana, a subjetividade e a agência se articulam com os sentidos sócio-culturais do espaço-tempo ritualizado, como os que nos propõem esta noção de “jogos”. Especialmente se reconhecemos que o sistema futebolístico-clubístico está atravessado por inúmeros campos e esferas interrelacionadas de sociabilidade, espetacularidade e poder.

Sugiro, então, pensar que há um aspecto “essencial” que transfere esta noção de jogo ao dirigente – competição, enfrentamento, personalidade, etc-, uma vez imbricada analiticamente nas lutas hegemônicas para com as dinâmicas de produção do “fato social dirigencial”. Definitivamente, a ordem, a tensão, a mudança, a solenidade, o ritmo e o entusiasmo, são “características

---

<sup>284</sup> Casos extremos de “dualidade de poderes”, no Ocidente, eram, por exemplo, os conflitos entre as monarquias absolutas e o poder difuso, porém potente do “povo”, como ocorreu, na Inglaterra e na França, nos séculos XVII e XVIII. Nestes casos, o conflito incluía um alto grau de organização institucional da oposição: a Câmara dos Comuns, na Inglaterra (1649), e a Assembléia Nacional, na França (1789). Outro caso clássico de dualidade de poderes se registra no Império russo, dentro do processo revolucionário; é a dualidade de poderes entre o governo provisional e os *soviets* durante os meses de fevereiro-outubro de 1917.

lúdicas” (*ibid*: 21) fundamentais que, entre muitas outras, são ampliadas aos novos campos em que hoje se vê integrado o futebol profissional. Neste sentido, o espetáculo, como lugar exemplar da experiência dirigencial, é, nem mais nem menos, que o preâmbulo necessário com que se abre a uma reflexão crítica sobre os mundos.

Culminando então a defesa desta argumentação, sugiro que o jogo ‘dirigencial’ supõe uma abertura para com a condição de *crise espaço-temporal*, uma suspensão necessária das certezas onde a autoridade e o poder se veem submetidos pelas dinâmicas de representação e pelas formas “jovens” -ou “envelhecidas”- de formulações, coordenadas e signos que em determinados momentos históricos tomam para si -como próprios- os ‘estilos de decisão’. Neste sentido, a instabilidade institucional remete, necessariamente, aos desajustes de uma ‘estirpe dirigencial’ que está no imaginário de origem do emblema. Com efeito, os resultados futebolísticos, os estilos de jogo, as táticas, a produção e negociação de jogadores e o crescimento econômico são problemáticas que se relacionam com uma necessidade dos membros das CD dos clubes, de intervir frente aos desajustes permanentes no seio destes fenômenos, tentando constituir-se como uma totalidade ideológica que toma as ‘marca de referência’ como valorações incorporadas de uma ou outra forma nas profissões. Diria que, praticamente, nenhuma instituição moderna, com exceção da esportiva e dos Estados nacionais, depende tanto das vitórias e conquistas sobre “o outro” como os clubes. O dirigente é precisamente o responsável por ancorar em uma *heteronomia* do poder, formas autônomas de uma política não declarada como tal, da qual se alimentam também as identificações futebolísticas. Simulacro semelhante ao *negara* balinês, mas de matriz secular, ele está associado com a projeção de um modelo de poder construído em torno de conceitos como a cidadania, a civilidade e o progresso mercantil.

O fato de tratar-se, em todos os casos, de uma sucessão de “abandonos” do cargo dirigencial mostra, em primeiro lugar, o modo como a experiência dirigencial da crise se articula claramente ao ideal altruísta característico da “virtude política”. A *renúncia* de um presidente, ou de um ex-presidente como Alegre, pode terminar tanto em uma nova eleição ou em uma substituição do cargo presidencial por meio de uma ‘*assembléia*’, ou pela simples sucessão de um dirigente na hierarquia. A renúncia, porém, é um ato político por excelência. A política implica a premissa de que devemos renunciar a um poder individual em favor daquele que emana de um coletivo. Ai se origina uma mensagem primária que deve ser interpretada por um dirigente. A renúncia antecipada exprime esta premissa e recoloca o assunto como sendo de responsabilidade de um coletivo de poder formado ou por formar-se. Assim, na prática, a renúncia de um dirigente ou de um presidente,

em geral, se apresenta publicamente como uma renúncia virtuosa, que se produz com um sentido manifesto de resolver um conflito de interesses particulares em disputa, de colocar-se acima deles e evidenciar o clube como instância superior a conservar e defender. Trata-se de uma experiência da política vista como um drama que arrisca se transformar em dissolução da representação simbólica dos laços sociais estabelecidos e se reabre à renovação do pacto.

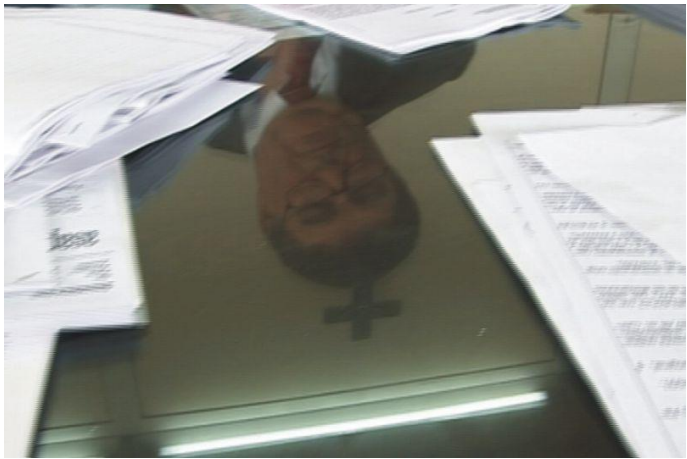
A tendência à construção de um reconhecimento sobre a liderança presidencial em momentos de equilíbrio e progresso –fortalecendo o papel de especialistas e peritos que o vinculam individualmente com a “carreira”- tende a transladar-se como responsabilidade grupal em conjunturas de desordem, conflito e convulsão institucional. A existência de uma inadequação comunicativa entre as habilitações e a autoridade dos membros de uma equipe dirigençial torna-se evidente frente aos desequilíbrios entre as dimensões que servem de medida para a apreciação da performance do governo em um clube. Assim, grande parte dos esforços dirigençiais estão centrados em criar estratégias coletivas de auto-policiamento, formais e informais- de ação e tomada de decisões que diminuam o perigo de desentendimento interno que pesa sobre uma sociedade de dirigentes altamente polivalente. Aquilo que é mais notório é o fato de que, na maioria dos casos em que se produz um esgotamento abrupto que se manifesta por uma transição conflituosa –chame-se eleições antecipadas ou nomeação de novas autoridades para terminar o período por meio de *assembléias* ordinárias e extraordinárias-, a classificação simbólica do novo dirigente deverá reunir uma ampla combinação de virtudes, como força, personalidade, firmeza, em síntese, ‘*poder de decisão*’.

Precisamente neste ponto, o futebol profissional opera como metáfora desse território incontrolável, onde se manifestam as forças ocultas que castigam os excessos de prudência ou audácia nas decisões, afetando a utópica e pretendida relação harmoniosa entre ambos os pólos do clube: a instituição e o emblema. Será nesta relação que se jogará o papel diferencial – e de distinção- de um dirigente em cada clube: contra a ameaça do “caos” - e a morte - da sociedade representada por ele.



## CONCLUSÃO

### UM IMAGINÁRIO *POLÍTICO* “NATURAL” DA SOCIEDADE CIVIL



*...su influencia moral deriva justamente del hecho e que ellos, impotentes en si mismos y similares a cualquier otro, encarnan –en sustitución y en representación de todos- la entera plenitud del poder, sin ser por ellos más que los espacios vacíos en los que el poder ha venido a posarse. No es tanto que sean inmunes a la ruina de la individualidad, sino más bien que la individualidad en ruina triunfa sobre ellos y se ve del alguna manera recompensada por su disolución. Los jefes se han convertido un poco en lo que siempre fueron durante toda la época burguesa: actores que recitan el papel de jefes.*

Adorno & Horkheimer. *Dialética do iluminismo*.



Como temos sublinhado no percurso desta tese, poder, autoridade e organização e reprodução do espetáculo futebolístico são as fontes culturais atualizadas de uma experiência civil e elementar dos dirigentes nos clubes que integram a competência esportiva no futebol profissional argentino. Sociedade civil e sociedade política são os conceitos que atravessam secretamente suas práticas e representações, e, como tensão moderna, se apresentam e ocultam na base das experiências destes sujeitos – profissionais liberais, empresários, e antigamente, diretivos do Estado- nos universos dos clubes platenses do Estudiantes e do Gimnasia e dos emblemas a eles associados historicamente. Os clubes são os espaços simbólicos que se desmoronam, confundem e reconstróem juntos o caráter, a personalidade e os *estilos de decisão* etnogênicos com que se busca adequar entre si as peças dos ‘jogos’ no campo de futebol e aqueles da instituição. Os conceitos e os sujeitos transformam-se, assim numa dialética dúplici: a dos trajetos dos indivíduos concretos e a dos imaginados; a da suas representações utópicas e a das práticas civilmente construídas, que as reprimem e circunscrevem. A tese trabalha em torno à inserção dos dirigentes dentro do *sistema futebolístico* no que diz respeito às formas instituídas de condução dos clubes, mas também na dimensão de sobreposição entre suas trajetórias profissionais e ‘dirigenciais’, seus posicionamentos concretos nas dinâmicas de poder e suas ressonâncias com as práticas e representações da *cultura política* argentina. Entre elas, as que entram e saem do futebol e sua performance espetacular.

Vejo então um movimento em que os dirigentes *tendem a ocupar uma posição de elite*. Dos dirigentes, claro, mas também daqueles que os acompanham e difundem prestígio e poder sobre eles, os representantes de jogadores, as consultorias, os jogadores, os treinadores, os jornalistas, etc. Todos eles são parte, hoje, de uma heterogeneidade da base em que, o *clube*, como conceito societário moderno, existe como *laboratório cultural* de um conjunto de “problemas” vinculados com o poder.

Estes ‘problemas’ têm uma história na filosofia política e na moderna economia. Desde Hobbes, quando traduzia a sociedade civil como estado de natureza e desordem individual que precedia ao direito político coletivo do *Leviatán*, passando por Marx quando entendia a primeira como o lugar estrutural dos confrontos e conflitos de classe ocultos nos gêneros espetaculares da segunda, ou Pareto quando via a segunda como a criação de uma elite retroativa que provocava as aparências e mistificação das forças reais da primeira, chegando por fim a Smith - através de Locke-, e revelando-se como fonte das riquezas e da competição no mercado, retirando a sociedade da política da dicotomia e fazendo desta apenas um fato administrativo e policial “necessário”. E, finalmente, nossa versão secular de

uma harmoniosa democracia, onde a sociedade civil e a política se dividem devolvendo os homens à antiga Grécia, separados entre a vida cotidiana e a vida ritual, a primeira, da produção, a segunda, da retórica. Todos estes paradigmas e grandes narrativas têm estado de uma ou outra forma presentes nos discursos, práticas e representações “dirigenciais” aqui tratadas.

Todavia, as “sociedade civis” destes dirigentes não pensam nem atuam com as categorias clássicas de “direita” e “esquerda”, derivação e procedimento simbólico da cultura ocidental e de toda esta “semiótica do Estado” em que “as togas e perucas” são vistas apenas como enfeites, “para que as regras pareçam verdadeiramente estabelecidas, elevá-las por cima –ou insertá-las por baixo- da luta partidária que deveriam regular” (Geertz 1999: 219). Não foi fácil a tentativa de ultrapassar uma sedutora estratégia interpretativa que consiste em encaixar suas virtudes, memórias e emoções aludindo apenas a suas origens burguesas e seguindo a caminho seguro dos capitais sociais, culturais, simbólicos, etc. Efetivamente, a re-elaboração marxista-weberiana de Bourdieu (1979, 2004b), no que diz respeito aos modos como se estruturam subjetiva e culturalmente as experiências de classe e status nas sociedade complexas ocidentais, forneceram uma perspectiva teórica eficaz onde os dirigentes no futebol podem ser situados como os gerenciadores de um conflito cultural que envolve as formas de construção ideológica e coordenadas do poder e da dominação em termos de “acumulação”. Obviamente, suas trajetórias pessoais, ou grupos de pressão, integram em muitas ocasiões, determinadas formações de elite locais, identidades de prestígio profissional e econômico, ou inclusive, de posições de poder concreto no aparelho de Estado. No entanto, as exigências fenomenológicas de fabricação e construção destas formações como “dirigencias”, se configuram no horizonte da heterogeneidade e da heterodoxia dos trajetos sociais e culturais de seus protagonistas, desviando-se das possibilidades de uma análise “clássica”; esse conceito foi aqui evocado quando nos referíamos às demandas de pertencimento de parentesco, classe e status que um grupo em posição de poder parece exigir dos seus membros. Efetivamente, muitos deles pertencem a famílias que têm trajetórias na “dirigência” dos clubes, e estas podem ser instâncias determinantes para o recrutamento. Além disso, também pode acontecer o contrário, sendo excluídos por estarem associados a estas pertenças da luta política nos clubes, quando as circunstâncias e condições da cultura objetiva o exigem. E, dado que seu eventual poder econômico ou político não emerge do sistema futebolístico nem do clubismo exclusivamente – sendo, muitas vezes, o inverso- suas estruturas de status parecem suportadas por colunas distribuídas difusamente, e, possibilitam assim o acolhimento dentro deste campo para colocá-las em risco, longe de assegurá-las.

A tese deixa ver, então, que ao tomar certos atalhos desconhecidos para evitar outros conhecidos – porque não tomar atalhos? - tive uma grande dificuldade em explicitar estes dirigentes como uma *elite* como gostaríamos de ver *todas* as elites: coesas, perduráveis, descendentes, etc. A linhagem, porém, existe, mas parece ter sido fabricada às pressas - como foi a modernidade- e com os seres sociais de Gabriel Tarde: eles, dirigentes *no* futebol, se apresentam apenas como personagens “atormentados” pela política e a economia do clube, tentados, quem sabe por quê, a buscar “soluções sucessivas” à aparente incompatibilidade destas duas esferas (Tarde *apud* Latour & Lepinay 2009: 103), colocando em sentido as fórmulas de resolução como exigências e demandas de uma relação extrínseca a eles, os times e os torcedores; a produção e o consumo.

Acompanhemos um momento Appadurai (1994) nesta mesma direção conclusiva. Para ele, o que está traduzindo a noção de *cultura política* é consistência das formas particulares e heterodoxas em que os conceitos fundamentais do iluminismo, que inauguraram o Estado Moderno (liberdade, bem-estar, direitos, soberania, representação, democracia, etc.) foram construídos difusamente pelas distintas sociedades a partir do século XIX, em uma espécie de “sinopse política” que alterou e re-significou sua coerência teórica original segundo as particularidades simbólicas, históricas e sociais de cada uma delas. Retomando Latour (*idem*: 208), o futebol seria uma das *técnicas* mediadoras na construção desses *espistemes* locais, dessas sinopses: a “racionalização romântica” do *recorde* na competição esportiva (Guttman 2004).

Este foi, precisamente, o amplo contexto simbólico em que, por exemplo, quisemos situar os dirigentes no futebol profissional de La Plata quando viraram atores de uma *polis* na intenção, abortada em 2002, de construir o estádio de Estudiantes como espaço de fluxo de mega-consumo, mega-sociabilidade, etc. Uma aparente luta de interesses perdida em “campos naturais” –da economia e da política da cidade- tomava formas e identificações modernizadoras tradicionalmente endereçadas a um dos clubes e se atualizava neste movimento, como espaço crítico. Evidentemente, a “idéia” de “poder dirigencial” e de um “estilo dirigente” emanava naquela conjuntura, indicando a instalação e atualização de assuntos centrais na figuração de uma ordem coletiva e imaginária, estruturante da cidade e de sua trajetória sócio-histórica; nela as narrativas dos emblemas –estilos de jogar- e das instituições –estilos de decidir- tomavam formas significantes para o espaço urbano, revigorando a luta de origem por possuí-lo. Assim, também, cada uma das grandes narrativas mencionadas no início desta conclusão era forjada nos clubes –e na cidade- como a natureza se cria em um laboratório: através de gêneros e mitos se organizam os fatos científicos (Latour 2001:

258-281), entre eles, os que contam guerras, tragédias e heróis.

Sem dúvida, o abuso de uma perspectiva excessivamente romântica pode comprometer os leitores em certa melancolia progressista, guardada nos cofres da utopia do associativismo, identificando apenas a *comunitas* com o desenvolvimento ideal do futebol e suas respectivas sociedades de cidadãos; esse “organismo espiritual” (Viveiros de Castro 2002: 302). Todavia, ainda assumindo como verdadeiro o fato de ter chegado até aqui apenas para restaurar um discurso científico bem acabado não é suficiente: afirmar que se trata de sujeitos no meio de um dispositivo civilizatório ou de controle, levaria unicamente à confirmação dos conhecidos e sábios argumentos de Elias (1987, 1992) e Foucault (1995, 2003). Pouco serviria para interpretar os pequenos signos em que, como vimos, uma certa autonomia do clube se vale de um *fictio* necessário e determinante para o espetáculo, e, atua, precisamente, deixando passar – e explicitando em práticas públicas – “denúncias morais” para a política (Boltanski, Darré & Schiltz 1984), jogo simbólico em que universo sentimental e emotivo do futebol se constitui também como disciplina, justiça, mérito, preeminência, etc. Tentamos, portanto, neste estudo, evitar esta sedutora forma de ver as coisas. Afortunadamente, fui ajudado pelos próprios interlocutores da pesquisa, os quais se mostraram partícipes de um mundo de vida que se transforma com eles, e dentro do qual descrevem e atuam, afirmando-se e resistindo, também, como os velhos ditados da moral.

É nos clubes, e através deles, que se governa micropoliticamente o futebol e a historicidade profunda que vive na cidade, e simultaneamente, onde se torna simbólica e materialmente possível surgir o ponto de partida do gerenciamento coletivo das performances futebolísticas como emblemas em disputa, das possibilidades de representá-las através dos talentos e das idolatrias e onde o espetáculo conseguiu reunir seus *condimentos* expressivos. É nos clubes, onde profissionais liberais, empresários (e antigamente, diretivos estaduais) reconhecidos localmente elaboram valores e práticas endereçadas a uma projeção estratificada e imaginada por sujeitos de origens sociais e pertencimentos culturais e sociais heterogêneos, mas habilitados por alteridades rivais cuja intervenção permite ler as variáveis que esse universo de ação requer. Neste contexto, o foco nas relações simbolizadas de poder entre - e dos - dirigentes platenses - como fontes de uma dinâmica de negociação e de construção de domínios de ação “simples”, mas variados nas suas procedências sociais e trajetórias enquanto sujeitos concretos – inclinou-se a mostrar a autonomia relativa que as instituições futebolísticas têm a respeito de uma abertura à experimentação e ao ensaio de modelos de gestão social e cultural. Com os dirigentes, um *clube-laboratório* desenvolve nos

pequenos rituais os papéis relacionais da distinção, das promessas, dos dramas, das máscaras e dos contos mitológicos.

Todavia, há muito para discutir ainda sobre o caráter real de uma “cultura dirigencial” no futebol, e fundamentalmente, sobre os tipos de paradigmas políticos que ela endereçaria. Simplesmente, tornou-se claro que, sendo os dirigentes parte do quadro em uma paisagem de fronteira e de contingência entre a dimensão instituída pela lógica de representação política de partidos e corporações e as dinâmicas de decisão típicas dos laços informais na sociedade, trazem aos clubes, certa “franqueza” de seus trajetos e identidades profissionais no que se refere basicamente às possibilidades de servirem a uma interpretação, *situada*, das formas de experimentar o poder em outras esferas.

Em La Plata, mencionamos o nome de Agustín Gambier, que depois de ser presidente do clube Estudiantes entre 1913 e 1914, foi eleito deputado em 1916 e posteriormente prefeito pela UCR. O dado não parece significativo, inclusive porque Gambier não vai ter uma presença na política em anos posteriores. Vale a pena lembrar, porém, que ele será um dos protagonistas daquele acontecimento fundador de oposição emblemática dos clubes. E como presidente do Estudiantes, ele irá renunciar à presidência por considerar aquele ato discriminatório em relação aos setores populares. Os mesmos que, naquele contexto da pós-guerra e da revolução russa, terão seu primeiro aparecimento na história política junto com a presidência de Hipólito Yrigoyen e o projetarão nas sua breve erupção. Mais tarde, em 1932, também um presidente do Estudiantes, o médico Jorge Hirchi será vereador e acabará nomeado prefeito da cidade em um contexto político do governo conservador fraudulento da década de 1930. Poderíamos citar outros casos isolados até a década de 1960, quando definitivamente a dicotomia entre profissionais liberais e empresários domina o universo dirigencial nos clubes platenses (Ver Anexo, Bases Estatísticas, 1.1. e 1.2). Entretanto, contra o senso comum que vê os dirigentes no futebol servindo-se dos clubes como plataforma privada para projetar-se no sistema público de partidos, mostramos que os casos de presidentes de clubes que viram políticos profissionais são estatisticamente pouco significativos.

A escassez relativa da política instituída nos clubes não libera o *politico* de ser parte das contingências estruturantes da “história dirigencial” no futebol. Ao contrário, a relação experiencial – e portanto narrativa- entre as poucas contingências em que este transubstancialização – apresando o senso comum como sociologicamente “equivocado” nesse movimento- toma uma outra dimensão; trata-se da atualização micropolítica de recursos sociais, culturais, econômicos que circulam em determinados contextos sócio-históricos formando parte de uma “simbologia do poder” (Geertz 2006: 224)

em que os dirigentes *nos* clubes inscrevem sua produtividade específica de maneira a tentar ‘estruturar a cultura’. Definitivamente, quando se projetam “para a política”, negam o caráter político dos papéis de decisão no clube. Esta é a primeira das premissas para que os instrumentos do laboratório – ‘*assembléia*’, ‘*mesas chica*’, ‘*filial*’, ‘*lista*’, etc., funcionem sobre a “natureza” desse mundo social em ‘*crise*’ imaginado no futebol. Personagens como Mauricio Macri no *Boca Juniors*, ou como Bernard Tapie, ex-presidente do *Olympique de Marseille* e ex-prefeito da cidade, e Silvio Berlusconi, dono do poderoso *AC Milan* e atual presidente da Itália, são exemplos que inscrevem esse universo da excepcionalidade com que uma nova elite dirigente se forma – ou tenta fazê-lo em contextos de mudança sócio-cultural. Através deles, os clubes de futebol reforçam um lugar de ensaio da noção de “gestão” empresarial e de eficácia econômica dessa “não-política” no imaginário da profissionalização. Expressam assim, um enfraquecimento dos debates centrados na racionalidade moral dos atos, e o fortalecimento de uma argumentação que apela para a subjetividade dos atores, incorporando as formas dominantes da linguagem mediática (Thompson 1998).

A vertiginosa transfiguração do Eng. Macri foi, durante as últimas duas décadas, a forma exemplar de um movimento de exceção necessário à constituição de uma nova elite dirigente que tomou o lugar central em torno do qual girariam os signos da política nacional. Apesar do objetivo de transformar o clube *Boca Juniors* em uma Sociedade Anônima Comercial não ter se realizado como ele declarava, Macri encarnará, efetivamente, uma série de alterações estatutárias de peso, no clube, que serão projetadas como ideais formadores da política instituída. Entre elas, o desaparecimento ou terceirização – pela marca - dos esportes “deficitários”, a criação de um fundo de investimento com jogadores, a diminuição dos números de representantes de Comissão Diretiva e, provavelmente o mais significativo, a obrigatoriedade de responder com os bens pessoais dos dirigentes ante os eventuais déficits econômicos do clube no final dos mandatos. Basta observar a forma *sui-generis* como esta demanda transformadora dos últimos anos virou um debate ideológico na agenda pública - como “assunto nacional”, estimulando e alimentando uma discussão na mídia especializada, considerando como “envelhecido” e “dinossáurico” o sistema que contém os clubismos, e apresentando-o sistematicamente como parte de um “fenômeno argentino mais profundo” que vincula assuntos, como subdesenvolvimento, insegurança jurídica e espírito gregário de uma sempre suposta “cultura nacional” que o futebol revelaria como inconsciente coletivo.

Será, então, em torno a este tipo de problemáticas agregadas às mudanças atuais sobre o núcleo duro da função simbólica que sustenta o



‘*dever ser*’ de clubes na elite da competição do futebol profissional como o Estudantes ou o Gimnasia, que posturas e gestos geram a semiótica de uma *elitidade* e as possibilidades certas de ocupar posições de poder objetivado em ações definidas e distinguidas como *estilos*. Porque ainda, quando, em muitos lugares do mundo (especialmente Europa), a tendência da “performance dirigencial” marca a produção crescente de uma forte separação entre poder real (econômico e financeiro) e poder formal (figuras públicas que representam os clubes identificando-se fundamentalmente com o emblema, como um “reino”), na Argentina, a organização do futebol não encontrou o século XXI com a reforma legal – e a potência simbólica - necessária para que estas transformações se produzissem sem uma negociação detalhada pelos estilos dos atores.

Todavia, com estas sentenças, aquilo que é colocado, na maioria das vezes, como elementos de “atraso” e da “irracionalidade” no sistema de reciprocidades entre dirigentes, jogadores, representantes –e por extensão o universo dos ‘*barras*’-, responde em realidade a uma lógica de relações sociais construída ao longo do tempo e que, precisamente como *resíduo* (Pareto 1968, 2005), garante a circulação de um tipo particular de prestígio ideologicamente encaminhado pelo clube, e cuja preeminência-, tanto como acontece com o gerenciamento adequado do talento para um jogador (Damo 2005)- se ancora no espaço relativamente oculto e secreto das práticas de proximidade. Assim, a ‘política dirigencial’ que pude observar sobre o campo das torcidas em geral e das ‘*barras*’ em particular, é a constatação da famosa re-invenção da fórmula de Clausewitz: nada mais do que a continuidade do espetáculo por outros meios. A violência possível que o dirigente reconhece e objetiva como experiência no discurso de sua experiência é o que permite colocar o torcedor, tanto no lugar pedagógico de um potencial cidadão, como no lugar de uma estética popular. Os dirigentes, e não unicamente os torcedores, entram em cena para fazer do futebol dos dirigentes e de suas ameaças de violências possíveis um “campo de aplicação de outros horizontes rituais” (Bromberger, 1995:339). Assim como os empresários e os agentes bem sucedidos existem não porque as classe populares que compõem os *boleiros* sejam incapazes de gerir seus projetos, mas porque eles são capazes de manipular os códigos desses grupos (Damo 2005: 115), os dirigentes surgidos de instituições associativas na elite do futebol profissional, como as aqui tratadas, negociam e reconhecem a entidade da formação política, a ‘*barra*’, uma vez que dela podem extrair uma parte da sua força e assim dar visibilidade às qualidades intrínsecas do seu caráter. Assim, os termos *clientelismo* ou *paternalismo*, conforme são entendidos pela mídia, servem apenas para a explicação de um tipo de reciprocidade mercantil baseada na necessidade de certos setores excluídos e marginais que efetivamente

participam de uma lógica de interesse.

Entre os dirigentes de clubes que conheci, por exemplo, os laços afetivos facilitam e garantem estabilidade ao sistema de trocas em que se negociam as políticas no universo futebolístico. E, todos sabemos que é disso que se trata, em parte, a política, de negociar, preferivelmente em grandes pacotes, o lugar dos sujeitos em distintas posições de um sistema. A questão a ser substanciada com os dirigentes hoje, consiste em colocar em sentido as demandas como problemas adequadamente integrados às formulas filosóficas dos modos de pensar o poder no contexto de uma lógica capitalista atravessada por espaços de sociabilidade em que se jogam efetivas e possíveis coordenadas sobre o “que significa” estar em lugares de superioridade, manter vivas as relações hierárquicas; assumir-se na própria pele como resposta a uma crise de representação. Essas são definitivamente, perguntas que uma elite deve se fazer. Possuir capitais sociais, culturais e simbólicos, é uma parte – corporizada – e uma, entre tantas respostas necessárias.

Insisto, trata-se de um movimento que *tende a uma posição de elite*, que subscreve o poder e a superioridade com a matéria prima de sujeitos reais e concretos. Não se trata aqui de pensar unicamente no pouco ortodoxo ascenso - visto desde o ponto de vista do modelo de circulação de prestígio assembleístico - de figuras públicas como Verón ou Muñoz no futebol profissional. Primeiro, porque a emergência de demandas por “salvadores excêntricos”, geralmente sem experiência nem trajetória na dirigência clássica - são eventos ciclicamente identificáveis na história dos clubes de La Plata e da Argentina. Se trata de determinar o que tem de particular esse fenômeno que solicita simultaneamente o ajuste a uma narrativa - do que podemos identificar atemporalmente como de demanda de uma “gestão moderna” - que circula do clube para a vida pública: a expressão da estabilidade, legalidade e a paz institucional, o desenvolvimento da máquina mercantil, o mundo das liberdades públicas dos associados ao clube, etc. Ancorados em seus diversos trajetos, é como se as singularidades que dão potência a este “movimento” se colocaram sobre o futebol categorizando um mundo paralelo a estes conceitos. É precisamente com o objetivo de garantir este movimento que, em uma ‘lista’, se manipulam símbolos e se apresentam em sociedade esses “pequenos homens” vindos do comércio, da indústria, das profissões liberais e do Estado: a ‘lista’ é a metáfora de uma espera por integrar a formação de uma elite dirigente imaginada. Finalmente, ocasional e excepcionalmente, os dirigentes foram colocados a gerir e administrar, na práxis, as coordenadas culturais do poder e a representação implícitas nas instituições e regiões morais em disputa por uma hegemonia. Emergentes de uma “sociedade” sem contornos claros, se prestam a servir a seu centro instituído politicamente, mas sofrendo a expulsão inicial e determinante desta última esfera (a política).

Assim, voltam-se como uma potência *suigêneris* no interior da sociedade civil para reafirmá-la - como conceito - servindo como referência prática sobre as paixões e a natureza que a atravessarão “para sempre”.

Os laços iniciáticos entre o *dirigente* e a materialidade do clube que se dá no âmbito da ‘*assembléia*’, ‘*reunião*’ de Comissão Diretiva e ‘*mesa chica*’ se relacionam com um cenário que é substância do clubismo nascido como espaço de indeterminação. A *prima face*, ele não vincula a subjetividade dirigencial com necessidades ou interesses particulares, mas com um *modus vivendi* diferenciado “no” clube - sua “casa paterna” - e a memória coletiva nele corporizada. A ele se submete e resigna, na condição de profissional, empresário ou comerciante, um dirigente quando se vê a si mesmo como sendo “chamado para servir e representar ao clube” –ou renunciar. A partir de sua especialidade, precisamente, veicula os estigmas das paixões de onde emergem as identidades do clube ao qual pertence. Mas, diferentemente do torcedor, o dirigente não entrega sua paixão ao clube, mas a *recebe dele* para geri-la e reconduzi-la, e com o mandato implícito de transformá-la em expressão coletiva de poder, experimenta esse exercício numa praxis associativa que unicamente “ele”, um *dirigente*, seria capaz de estruturar, seja pelo endereçamento de sua vontade com a da massa, seja pela vocação vinda de uma pedagogia. Na maioria dos casos, são ambas as coisas combinadas numa ação retórica em permanente debate.

A combinação possível entre o *pathos* da paixão e o *ethos* da razão tem o acontecimento futebolístico como um centro exemplar de destino de um outro centro. É na instância de representação política dos clubes que os dirigentes vivem uma experiência excepcional própria. E como extensão de um longo e intenso drama, o espaço do estádio opera como receptáculo para acolher coordenadas de uma máquina social e cultural utópica que promove a *mise en scene* de valores morais e que se serve das rivalidades competitiva entre os clubes-emblemas da cidade. Investidos de consequências políticas para as imaginárias “famílias dirigenciais”, os atores se permitem assim vagamente perguntar-se a que objetivos respondem suas ações, seus pensamentos, suas reciprocidades, etc.

Mas por quê, se usando das sentenças que dela resultam, o futebol *com* clubes se desenha a si mesmo com as cores de uma patina de volatilidade e fragilidade tão grande, e insiste em se refazer e criar ao mesmo tempo as condições de uma nova dissolução em curso?

Penso em Tarde, quando via o conceito de desejo como imagem desenhada de um mundo desejado: “através da crença o eu se distingue e distingue; através do desejo ele se modifica e modifica” (Tarde 2006: 107). A perspectiva metodológica que assumi aqui, para abordar a “dirigência” nos clubes, tentou permitir que eles atuassem e participassem de uma corrente

retórica em que as categorias e as noções políticas são a forma elementar de uma ação experiencial sobre processos sociais de construção do real; vistos, assim, para além da noção clássica de “sociedade política”, criam uma sua própria imagem imaginada como parte de um desejo coletivo: um sistema de esferas de ação simbólica e material onde se apóia o futebol moderno.

É neste sentido que temos elaborado uma perspectiva que tentou reunir fontes etnográficas originais, menos atreladas a interpretar a direção dos clubs e do espetáculo futebolístico como “espelho da sociedade” ou como “função social”. Colocamos assim em posição privilegiada a instituição que, vista desde a moderna teoria política ocidental se “beneficiária” do evento espetacular, fora de uma relação de *determinação*, e dentro de um *plano de consistência*, ou seja, na junção dos *agenciamentos coletivos* possíveis que ela abre (Deleuze & Guattari 1981). Temos acreditado, assim no ancoramento das sentenças do evento exemplar – o futebol, suas táticas, seu mundo estratégico e filosófico - nos clubes e nas idiosincrasias profissionais e no “caráter” dos seus dirigentes; vida cotidiana e relações de sociabilidade são o universo prático da produção econômica e das operações políticas. Como sugerido em um comentário de Tim Ingold, trata-se de pensar a reflexibilidade no cotidiano dos homens como o solo em que habita (*dwelling*), o território simbólico: “longe de habitar construindo o mundo, nós o construímos habitando-o” (Ingold 1991:15). Temos tentado interpretar assim “como” e “para que” instituições aparentemente pouco complexas como os clubes de futebol de La Plata, habitam esse poder como variedade polissêmica de grupos e expressões sociais colocados “em jogo” pela rivalidade de normas, paixões, interesses, desafios, coletivos, etc.

Novamente, não estou me referindo exclusivamente ao processo de incorporação civilizatória dos atores sociais como aquele valiosamente exposto por Elias (1992) ou aquele mais específico, descrito por Archetti (2003) sobre o caso argentino, mas a processos muito mais silenciosos, pelo menos do ponto de vista interpretativo: os modos que determinados atores sociais - que participam de uma suposta competição *não-política* pelo gerenciamento e administração formal nos clubes - inscrevem publicamente sua criatividade e agência na hora de misturar e experimentar uma série relativamente limitada de elementos que oferece o futebol para suportar os clubismos. Pensemos por um instante com Deleuze, para quem “experimentar é sempre ir determinando, parcialmente, um objeto vago e indeterminado” (Scavino 1991: 28). Efetivamente, conceitos e instrumentos são políticos, precisamente porque se ocultam, como tais, no futebol: *episteme* e *técnica* viram ação pública no objetivo de abrir-se caminho num jogo de poderes - que tem como referência as *sedes*, os *centros de treinamento* e o *estádios*, os mesmos campos de um Estado. A operação consiste em que, habilitado pelos

*estilos* para presidir o espaço exemplar da instituição civil, o dirigente produz uma identificação com o fato social futebolístico como sistema de relativa flexibilidade e potencialidade utópica “natural” que pertence “aos que torcem”. E, longe da *ágora*, nas filiais, agrupações e clubes de bairro aliados buscam afiançar laços duradouros com “os que falam”.

Vista assim, a questão crucial será a de perguntar o que aconteceu com a tão mencionada hegemonia imaginada depois de tantos ascensos e descensos “dirigencias” nos dois clubes – 122, para ser exato, 110 anos, desde 1901, em ambos? Quais são essas “decisões”? Até onde vai esse poder, quais seus limites, quando se sabe, tratar-se, inclusive, de “uma partida” cujo resultado depende muito de outros protagonistas diretos, por exemplo, os jogadores?

Residem precisamente aqui as razões práticas mais enriquecedoras dos clubismos dos dirigentes: eles são habitados como territórios de crise e conflito que possibilitam os conteúdos culturais das diversas procedências sociais encontrarem-se em um mundo de construção e fabricação idiossincrático paralelo, em que há, porém, efetivas, mas poucas vezes declaradas, importantes disputas culturais. As identidades profissionais e suas intrigas, a insolvência das linhagens familiares, os percursos e trajetões em entidades associativas, etc., são as formas cristalizadas de um situacionismo extremo em que se estruturam suas ações no tempo. Não porque o laço entre economia e sociedade esteja ausente deste universo situacional; ao contrário, porque eles mobilizam, com as ferramentas precárias dos emblemas, suas marcas e seus acasos, valores intensos e representações sobre estes universos como sendo *estilos de decisão*. E inclusive, porque o possível desaparecimento de suas representações - tal como as conhecemos durante o século passado no contexto da profissionalização e da elevação de forças poderosas como as financeiras e corporativas- abre as portas para abordar, em revigorados cenários, subjetivados nos assuntos do poder, a dominação para a interpenetração das novas articulações de *glocalidade* (Giulianotti & Robertson 2007: 169). Se a identidade que um *dirigente* fabrica tem como objeto os mencionados antagonismos deve-se a que na esfera prática, a tensão entre um mundo interior das negociações no futebol profissional - “verdadeiras e cruas”- e do mundo exterior do reconhecimento –volátil- é porque partem da premissa de habitar um campo para a ‘elitidade’. Porém, estão longe de se colocarem em posição de sujeitos pertencentes a “castas” diferenciadas e irreconciliáveis. Associando os antagonismos entre modos de gestão e comportamentos, sua praxis objetiva tende a conciliar a idéia de poder como uma confluência possível entre diversas experiências de vida, distintas procedências sociais e atividades profissionais, e inclusive, nos vínculos com os dirigentes dos clubes rivais. São estes os elementos iniciais

orientados por um ideal positivo e utópico que “inferem” que o clube-emblema-instituição é um campo de possibilidade para a união entre diversos mundos. Esta abertura se atualiza radicalmente na pregnância futebolística por muitos meios, mas tem o jogador como protagonista do endereçamento simbólico. Como mostro com os casos de Veron e Leguizamón, eles configuram assim um campo de negociação central para o desenvolvimento ideológico da noção de ‘*projeto*’.

Deste modo, entre os dirigentes *no* futebol platense, o acesso, a gestão e a conservação dos espaços de poder dentro do clube são assuntos que se dirimem em um plano de convergência de intenções intelectuais e experiências práticas individuais e coletivas que se elaboram como juízos. Os dirigentes devem administrar a coexistência ambígua entre códigos de comportamento que exprimem tensão entre uma visão do mundo hierárquica e coletiva e uma visão em que a ênfase está colocada no individualismo e na ação não negociada formalmente. Na primeira, o poder implica estar em um lugar onde há condições de se desenvolver alianças e criar laços de reciprocidade que são indispensáveis como ferramentas de continuidade da dinâmica político-institucional (por exemplo, filiais e clubes de bairro). Na segunda, ele está vinculado à busca de “saltos de qualidade” acompanhada por sujeitos e grupos empreendedores, e cuja autonomia da autoridade aparece como fonte das cotas de ousadia “que pedem” determinadas situações vindas do universo performático próprio do futebol.

Nem executivo, nem trabalhador profissional, nem burguês, nem rei. Apenas fragmentos e signos de tudo isso confundidos com dirigentes pela plebe. Assim, como em um campo de jogo real, a quadra é também aqui pequena para eles, e o *dirigente* corre por ela produzindo uma temporalidade dirigencial cotidiana, às vezes em círculos- nesse campo que é apenas campo de ação por um tempo-, “aturdido”, em pequenas reuniões, homenagens, negociações com jogadores, demandas de reciprocidade, empregados, e claro, em tudo o que o espera a caminho das cabines de espectador privilegiado, o dirigentes, súdito do espetáculo. Devido a isso, o dirigente explode, de vez em quando. É isso que espera com tanta ânsia: endereçar algum significado coerente em meio do desconcerto e da natureza caótica em que as coisas “são como são”; endereçar os signos de uma imagem em direção a um centro que dê crédito e pertinência à sua posição, sendo renovada na imanência ou no contrato com o emblema a que pertence. Essa é toda sua tarefa.

Um recente acontecimento –separado em dois episódios paralelos, devo esclarecer- redobrou minha confiança na conveniência de algumas considerações desta tese em relação a isto, que chamei de *pregnância* dos emblemas sobre os papéis “dirigenciais”. Primeiro ato: domingo, 12 de julho de 2009, o time do clube Gimnasia e Esgrima reverte um 0-3 contra Atlético

Rafaela durante os 15 minutos finais do jogo. O “lobo”, “renasce como a ave Fênix” e consegue o ansiado empate agonicamente, mantendo-se na primeira categoria do futebol profissional. Segundo ato: apenas três dias depois, o Estudiantes consegue o título da *Taça Libertadores de América* depois de 39 anos, obtendo uma vitória nacionalmente nomeada como “heróica” no Estádio Mineirão de Belo Horizonte, por 2 a 1 contra o Cruzeiro (depois de estar perdendo de 1 a 0), atualizando, como contraste, o sentido último daquela sofrida vitória do Gimnasia. A volta do time do Estudiantes campeão mobilizou metade da cidade. Uma imensa caravana acompanhou o time entre o Aeroporto de Ezeiza e o prédio central do governo municipal na Praça Moreno, onde mais de 50 mil simpatizantes aguardavam por mais de 10 horas cantando, a demorada chegada dos vencedores vindos do Brasil. Os principais dirigentes, o presidente e o médico Raúl Filipas, estavam também no alto do ônibus que liderava aquela caravana de carros, motos e bandeiras. Os dirigentes menores, já dentro do *palácio* secular da cidade apressavam-se em montar um potente equipamento de som para os discursos de Verón e Cia, falavam pelos celulares, dando ordens e pediam calma e paciência ao público impaciente e agitado. Aproximadamente às 21 hs., Filipas entrou junto com outros dirigentes da *‘mesa chica’* no *palácio*, atrás de Verón, Sabella e dos outros jogadores. Rapidamente, integrou-se às tarefas organizativas, eliminado qualquer expectativa que o colocasse na lista de oradores. Verón, jogador emblema, fechou o evento, falando do heroísmo e da história à multidão, performance extra-futebolística que vem acontecendo com maior frequência no futebol mundial. Entretanto, seu antecessor no microfone, o treinador do Estudiantes, Alejandro Sabella, ex jogador da década de 1980, deixar passar uma última frase naquela noite, frase cujo ruído político silenciou a buliçosa massa reunida na praça:

Y para terminar quiero decirles que hoy do cosas: la ciudad está en orden. Y me llevo en mis oídos la mas maravillosa música para mais oídos, el canto de uds. El pueblo de Estudiantes...

“*A cidade está em ordem*” não é uma sentença qualquer na Argentina. Ela remete primeiro a uma famosa frase do Presidente Raúl Alfonsín, quando na Praça de Maio em 1986, tranquilizava a massa reunida para “defender a democracia” e no que foi pouco depois a inútil resistência aos levantamentos militares que buscavam o fim dos julgamentos contra os crimes de lesa-humanidade cometidos durante a última ditadura. A outra, “*a mais maravilhosa música...*” pertence a Perón, no seu último discurso na Praça de Maio, em junho de 1974, em sua volta à presidência depois de um exílio de 18 anos, e pouco antes de falecer... “*que é a palavra do povo argentino*”.

Poucos dias depois Sabella se desculpava publicamente por “*ter-me deixado levar pelas emoções*”, tendo combinado nessa frase duas figuras formalmente antagônicas da cultura política argentina. A desculpa era requerida pelo *ethos* e seus limites de etiqueta.

Mas, quando da vitória do Gimnasia, poucos dias antes, a comemoração também tomou as ruas da cidade, fazendo desta vez o parlamento provincial o centro dos festejos pelo novo “renascimento do povo”. Nada de discursos, nada de heróis, o único presente é o canto do povo corajoso e resistente às penúrias e ao *pathos* da injustiça recorrente. Quase um mês depois, se apresentará um filme que conta o percurso daquele campeonato do time. Será titulado “*La pasión*”, em clara referência ao divino padecimento da via-crúcis de Cristo. Em um improvisado palco no histórico Cinema Rocha de La Plata - reservado para ele e alguns dirigentes da “*mesa chica*” da Comissão Diretiva, entre eles, o Presidente Adv. Walter Gisante-Alejandro Encinas, o diretor, torcedor do Gimnasia alude aos ‘significantes flutuantes’:

De eso habla la película. Y eso explica por qué llega Gimnasia al cine, y no Boca, ni River. Porque lo asombroso está en Gimnasia. Su historia es de película. En el partido frente a Rafaela, sin ir más lejos, el héroe fue Franco Niell, un jugador que cinco minutos después ya no iba a estar más en el club. No tenía ninguna necesidad de matarse como lo hizo. Pero Gimnasia te hace sentir esa pertenencia.

“*O assombroso está em Gimnasia. Sua história é de filme*”, dizia Encina enquanto Gisante aplaudia. Eis aqui a tarefa dos dirigentes. Fazer visível como se estrutura a realidade, para manter sua estrutura contra as conjunturas. E porque não, através da contingência destes acontecimentos, “infiltrar a ordem maior na rivalidade de pessoas particulares, autorizando-as em suas individualidades, a encarnar o destino de totalidades sociais” (Sahlins 2006: 263). De outro lado, um ‘treinador-filho’ diz: “*a cidade está em ordem*”. Do outro um ‘torcedor-olho’: “(ver é) *sentir o pertencimento*”. O espetáculo, finalmente, se estrutura como um efeito da imagem e da luz; e esta última, como na velha fórmula de Einstein, é o tempo e o espaço reunidos. Então, por fim “alguma coisa será, de certo modo, acabado por seu simétrico” (Baudrillard 1994: 106). Sabella e Encina se colocavam assim “perto do cimo, onde «o fulgor de majestade que enviava tão longe seus raios» consumia também tanto combustível -, e a necessidade de demonstrar o status batalhava com a necessidade de reunir apoio suficiente para fazer possível a demonstração.” (Geertz 2006: 229).

Pouco importa que as citadas frases não pertençam a um dirigente. O



que importa é que eles preparam os palcos, atualizam a ‘*techada*’ e - assim como os campos de futebol são para os estilos- a “performance dirigencial” sobrevive “estruturando uma estrutura” (Abrahams 1986: 202) para que possam ser proferidas sentenças dos protagonistas e para que eles entrem em uma situação estratégica de luta. Pequenos príncipes nos corredores dos clubes e cadeiras nos estádios, os dirigentes esforçam-se em contrabalançar a pregnância futebolística que tende a levar o espetáculo e a competição por uma hegemonia cultural, fora da racionalidade, da representação, da profissionalização, e da distinção de uma estética popular ou de uma pedagogia burguesa. As palavras que estes dirigentes emitem procuram dar continuidade e consenso à uma formulação política *sui-generis* que conecta a instituição e os fluxos de identificações futebolísticas, os valores culturalmente significativos em uma determinada época e os aspectos da personalidade requeridos para atuar nestes contextos sociais. Se há um “universo dirigencial” hoje no futebol argentino, apresenta-se ambigualmente como um aprofundamento da tendência originária e estrutural dentro do funcionamento institucional do clube e no debilitamento objetivo do seu poder de decisão sobre as práticas associadas, por exemplo, com a direção de novas estratégias de negócios.

A semiótica de signos na qual o culto às performances futebolísticas tem lugar, liga, efetivamente, elementos fundamentais: a mercadoria, a igualdade e a liberdade (Ehrenberg 1991). Do surgimento dos clubes e dos inícios do profissionalismo na década de 1930 até a frágil tentativa de montar o espetáculo em uma sociedade que sentia a violência política durante os anos ‘60, a relação experiencial de um micropoder na organização e institucionalização do futebol fazem girar estes elementos através dos dirigentes. Na cidade imaginada como centro exemplar da nação, a oposição estrutural sentimentalmente construída – literalmente - nas costas dos dirigentes, entre *estrangeiros* e *argentinos*, entre suas inversões estruturais, os do *centro* e os da *periferia*, os de *baixo* e os de *cima*, se dá durante os eventos de fundação, durante as finais perdidas em 1931 e 1933, nas proscricções de 1952 e 1962, nas crises de 1971, 1983 e 2006, etc. e, porque também não, durante as cíclicas “assembléias de celebrantes” de todos os anos. Deste modo, temos visto estenderem-se os emblemas para os *estilos de decisão* dos dirigentes passados e presentes. Tanto no Estudiantes como no Gimnasia, elas são coordenadas simbólicas locais com que o fenômeno futebolístico particulariza essas categorias universais e as liga com as demandas da cultura política.

Uma cultura que se dirime em uma peleja e que, como lembra Bourdieu (1979, 2004a, 2004b), é sempre edificada sobre uma estrutura paradoxal que divide o mundo, imaginariamente, em duas partes antagônicas

e cria a base de suporte cultural do poder dos grupos dominantes sobre os dominados. Uma divisão cultural do mundo e uma batalha ideológica que articula o universo econômico e o simbólico em processos de reprodução, diferenciação, recrutamento e construção de lógicas de poder. As possibilidades de assegurar a continuidade no tempo da divisão entre dirigente e dirigidos no controle do espetáculo futebolístico, tal como no caso de uma galeria de arte, se vincula com a capacidade de relacionar dirigentes, sócios, representantes, jogadores "em um campo de produção, como sistema de relações objetivas entre estes agentes ou estas instituições, e de lutas pelo monopólio do poder de consagração, onde se engendram continuamente o valor das obras e a crença neste valor" (Bourdieu 1977: 57). Essa determinada crença no valor estético que um dirigente está defendendo com suas práticas, requer, para funcionar corretamente - a articulação narrativa do conjunto de elementos que traduzem localmente "formas de ser e pensar" diferenciadas e em conflito. Assim como em qualquer grande guerra, onde inclusive as aristocracias ou burguesias se enfrentam em nome de uma narrativa nacional ou étnica, os dirigentes *no* futebol se enfrentam com seus próprios fantasmas "de cima e de baixo" e vice-versa, e se agrupam imaginariamente em um ou outro lado dos pólos simbólicos em que decorre a batalha pelo poder em um contexto de transformação. Efetivamente, entidades sociologicamente divisíveis em tipos de elites e classe dirigentes, sejam estas burocráticas, militares, empresárias ou políticas estão antropológicamente atreladas a instituições capazes de "produzir cultura" de forma diversa. Neste caso, os clubes permitem que a dualidade implícita nesta unificação seja o movimento de pêndulo entre modos diversos de problematizar assuntos comuns, na medida em que, sob certas condições de época e intersubjetividade coletiva, requer dos seus participantes configurações ideais distintas dos tipos de práticas.

Trata-se justamente de práticas que respondem às formas particulares de gerir e produzir ideologias em função da autoridade de *dirigentes* enquanto grupos com poder potencial. Observando as diferentes visões e práticas que produzem os dirigentes de cada clube, penetramos, por exemplo, na compreensão de como são vividas essas exigências no marco das transformações no sistema futebolístico, os tipos de relações e formas de reconhecimento que integram o poder e os mecanismos de gerir as discussões em torno dele. Diferentemente do que acontece dentro dos sistemas políticos democráticos, totalitários e autoritários, encontra nas esferas de justiça sentimental do espaço futebolístico (estádios, sedes, entidade associadas, filiais, torcidas, barras, etc.) a leveza relacional fenomenológica necessária que emite opinião sobre temáticas tão variadas como a estética da violência, manipulação do consumo, fontes do poder, memória dos corpos subjetivados,

rituais hierárquicos, etc., mas, fundamentalmente, re-elabora as modalidades em que estas problemáticas se relacionam com valores morais intrincados como gestão e decisão positiva de bens simbólicos públicos e privados.

Foi então central a compreensão da *crise* como drama ritual de redefinição e atualização das marcas de referência para as posturas adequadas na tomada de decisões. A descendência e o recrutamento de membros, suas habilitações para produzir consenso e obediência não se situam então mais do que na possibilidade de recorrer à memória e restituí-la no presente, veiculando os significantes culturais impressos nas pessoas em posições de poder- concretas ou desejadas - nestes reinos imaginários sempre questionados. Estas práticas se articulam com significantes flutuantes e conflitivos, que as excedem. Imprecisamente, os dirigentes abrem mão de um instrumental à sua disposição, como as redes de solidariedade orgânicas e mecânicas caracterizadas nas assembléias, CDs e mesas chicas, as posições conquistadas de status e reconhecimento local na trajetória em entidades civis e de agrupamento profissional, os laços sociais de reciprocidade com outras formações sociais e lideranças com as filias ou clubes de bairro, os recursos econômicos ancorados nas figuras de *entrepreneurs*, os discursos públicos sentimentais revelando, palidamente (remetendo, fragilmente a) suas idiossincrasias, a disputa meticulosa nos espaços de pertença, etc. Com muito menos rigidez que os políticos profissionais, os dirigentes mostram uma “estética” e uma performance própria que permitem às combinações estruturais destes elementos se enquadrarem na história e variarem de lugar uma vez que as crises constantes dos clubes abrem-se para o campo do poder e a potência dos emblemas investidos em autoridade civil.

Apesar de que os clubes de futebol não pretendam ocupar o lugar dos Estados, se alimentam, de forma abstrata, desta formação moderna de várias maneiras, tanto do ponto de vista formal, através de formulações explícitas sobre legalidade, legitimidade e campo territorial de ação, como do ponto de vista prático, ao criar um meio adequado para a idealização de uma classe de pessoas capacitadas (com a razão, o interesse e outras habilidades associadas) a dirigir outras, limitadas (pela paixão, o sentimento) a obedecer - e também a resistir, em situações extremas. Em clubes como o Estudantes e o Gimnasia, apresentam-se sujeitos que dedicam grande parte de seu tempo e de seus recursos materiais e simbólicos para que o futebol seja parte ativa de uma abstração pública do que significa conduzir, dirigir, consensuar, dirimir, etc. E, como vimos, com particular significação local, os dos clubes de futebol de La Plata protagonizam o teatro de operações onde se dramatiza a trajetória inconclusa da fundação de um país que se pensou dentro da modernidade e da circulação dos valores morais delimitados ideologicamente para essa tarefa, vista como, essencialmente “dirigencial”.

A intenção desta tese foi, assim, a de compreender como opera a solidez dos discursos biográfico dos sujeitos com relação às formas de “identidades diferenciadas” entre os clubes de Gimnasia e Estudiantes, não para desmistificar uma espécie de “falsa consciência” presente nestas suposta diferenças de estilos, mas para reafirmar a entidade real que esta dualidade tem a nível dos processos etnogênicos que têm como lócus a cidade de La Plata. Através de relatos ‘dirigenciais’ nos clubes, La Plata explicitava-se como a inversão da metáfora com que Geertz (1994) faz referência à noção de cultura valendo-se da comparação feita por Wittgenstein entre a cidade e a linguagem, pensada como um centro velho, labiríntico e povoado do tempo, e os subúrbios quadriculados e simplificadores dos significados. Em La Plata, a realidade das “ruas retas e os bairros modernos” são a cidade mesma – e o mito do Estudiantes associado com as novas classes urbanas- o *centro*, sua *episteme*-; os subúrbios, sua ameaça informe – o mito de Gimnasia-, a turbulência excluída e assimétrica, esse grande deserto, o *nada*, o tempo que a rodeia.

Empresários e profissionais liberais, nativos e estrangeiros, torcedores e cidadãos. O vazio da “razão de estado” de uns é um sistema de racionalidade política para os outros; as paixões da comunidade ‘originária’ e o interesse de uma sociedade imposta ‘de cima’. Esta é a dualidade que os dirigentes buscam cristalizar em direção aos signos dos emblemas, ali onde podem ser admirados por alguém, finalmente, reconhecidos. O *dirigente*, porém, pode começar de um lado e terminar do outro, romper com a oposição entre individualismo e hierarquia rapidamente, e “renunciar”. As fidelidades a esses esquemas não são seus principais problemas. E, diferentemente do torcedor que possui os emblemas e dos jogadores e treinadores que os representam, os dirigentes são as “sociedades” possíveis que atuam, sobre as simbologias do poder que recebem como experiência transitória de “exceção”. Finalmente, a natureza do mundo e das coisas, para eles, é a de ser objeto de pequenas mudanças de rumo feitas por pequenos homens.

Não importa que o poder seja grande ou pequeno, importa que seja extenso ou intenso, e possa ser *situado*. E como temos insistido no percurso desta tese, tudo o que foi dito até aqui não significa que os sentidos ocidentalmente construídos *do político* estejam ausentes nas suas práticas e representações. Ao contrário, os clubes *de* e *com* futebol – essas variações constantes nos discursos dos dirigentes já denotam sentidos profundos sobre aquele campo - são territórios morais e éticos que deixam conectar as categorias instituídas *na* política em termos experienciais; com as formas que tomam os acontecimentos significantes das identificações futebolísticas no tempo e no espaço da cidade, ssas experiências são atualizadas e convertidas em marcas de referência; digo bem, em “marcas”, com todo o que esta

categoria de consumo e identidade significa no capitalismo tardio em que nos encontramos. Ele se sustenta sobre as formas culturais presentes em cada sociedade, sendo território para uma disputa.

Hoje, Argentina é um país que acelera seu processo de *dualização* social, cultural e econômico, e La Plata não é exceção. Essa *dualização* tem nos dirigentes as possibilidades de formas experimentais. O futebol e seus dirigentes nos possibilitam olhar no campo para estas formas localmente produzidas porque exigem essas mesmas referências para simbolizar o poder. Embutidos em suas crises de origem, os vi perambulando “entre o entrelaçamento dos desejos e as crenças” (Latour & Lepinay 2009: 103), entre as profissões e os emblemas, etc. Eis aqui os dirigentes no futebol argentino que encontrei durante esta pesquisa, simples objetos de uma organização artificial que devem defender e recriar, os clubes, e as suas formas de experimentar e de transitar por um poder elementar.



## BIBLIOGRAFIA

ABELÈS, Marc.

2007. *Le spectacle du pouvoir*. Paris: L'Herne.

1997. "La mise en representation du politique", in: *Anthropologie du politique*, Marc Abelès, H.P. Jedy (orgs.) Paris: Armand Colin. pp. 247-271.

1995. "Pour une anthropologie des institutions". In: *L'Homme* (135). Paris. Julho-setembro.

ABRAHAMS, Roger D.

1986. "Ordinary and extraordinary experience". In: TURNER, V. & BRUNER, M. *The anthropology of experience*. Chicago: University of Illinois Press.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max

1969. *Dialectica del iluminismo*. Buenos Aires: Sudamericana.

AIDAR, A. C. K.; LEONCINI, M. P.; OLIVEIRA, J. J.

2000. *A nova gestão no futebol*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

ALABARCES, Pablo.

2002. *Fútbol y patria*. Buenos Aires: Prometeo.

2005. *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo.

ALRECK, P. & SETTLE, R.

1985. *The Survey Research Handbook*. Illinois: Richard D. Irwin.

ALTHUSSER, Louis.

1969. *La filosofía como arma de la revolución*. Mexico DF: Pasado y Presente.

1979. *A favor de Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ANDERSON, Benedict.

2000. *Comunidades imaginadas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica (FCE).

ANDRADE, DE, Maria Antonia Alonso

1995. "A identidade como representação social". In: *Revista Política e Trabalho* (11). Recife: PPGS-UFPB

APPADURAI, Arjun

1994. "Disjunção e diferença na economia cultural global". In: FEATHERSTONE, Mike (org). *Cultura global, nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes.

1991. "Global Ethnoscapes". In: FOX, Richard (org.). *Recapturing Anthropology. Working in the present*. Santa Fé: School of American Research Press, pp. 191-210.

1990. *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. New York: Cambridge University Press.

1988. "Putting Hierarchy in Its Place". In: *Cultural Anthropology* 3 (1): 36-49.

ARCHETTI Eduardo.

2005. "Futebol, tango y romanticismo. Entrevista com Eduardo Archetti". In: *Etnográfica*. Lisboa, vol IX, Nro 2, pps. 339-346.

2003. *Masculinidades. Fútbol, polo y tango en Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia.
1995. "Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino". In: *Desarrollo Económico*. Nro. 89. Caracas. pp. 19-41.
- ARENDDT, Hannah.
2002. *La condición humana*. Barcelona: Paidós.
1988. *Sobre la revolución*. Madrid: Alianza.
- ARISTÓTELES
2004. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret.
- ARON, Raymond.
1967. *Les étapes de la pensée sociologique*. Paris: Galimard.
1950. "Social Structure and the Ruling Class". In: *The British Journal of Sociology*, I: 1-16.
- ASNAGHI, Carlos.
1988. *Gimnasia. 100 años*. La Plata: Ceyne.
- AVRITZER, Leonardo.
1999. "El nuevo asociacionismo latinoamericano y sus formas públicas: propuestas para un diseño institucional". In: OLVERA, Alberto (org.) *La sociedad civil: de la teoría a la realidad*. México, D.F.: El Colegio de México, 1999.
- BABINI, J.
1980. "Los "tres grandes": Ameghino, Moreno y Holmberg". In: *La Argentina del ochenta al centenario*. Editorial Sudamericana.
- BACHTIN, Michail M.
1989. *Teoría estética de la novela*. Madrid: Taurus
- BALANDIER, Georges.
2003. *Antropología política*. Buenos Aires: Ediciones del Sol.
1980. *O poder em cena*. Brasília: Editorial UNB.
- BAIGENT, Michael & LEIGH, Richard.
2007. *Masones y templarios*. Barcelona: Martinez Roca.
- BAUMAN, Richard & BRIGGS, Charles L.
1990. "Poetics and Performance as Critical Perspectives on language and social life", In: *Annual Review of Anthropology*, 19: 59-88.
- BAYER, Osvaldo
2009. *Fútbol argentino*. Buenos Aires: Edit. Página12.
2006. *Severino do Giovanni, el idealista de la violencia*. Madrid: Booket.
- BEJAR, María Dolores.
2005. *El régimen fraudulento*. Nuenos Aires: Siglo XXI.
- BENJAMIN, Walter
1992. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa Antropos-Relógio d'Água.
- BERTAUX, Daniel
2005. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin.



- BETTELHEIM, Bruno  
1986. *Psicoanálisis de los cuentos de hadas*. Barcelona: Ed. Grijalbo.
- BIAGINI, Hugo.  
1995. *Intelectuales y políticos españoles a comienzos de la inmigración masiva*. Buenos Aires: centro Editor de América Latina.
- BIONDA, Miguel  
1944. *Historia del fútbol platense. 1887-1943*. La Plata: Círculo de Periodistas Platenses.
- BITENCOURT, Fernando.  
2009. *No reino do quero-quero. Corpo, máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia cyborg*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- BLIC, Damien Le.  
2000. “La cause de la critique. La sociologie politique et morale de Luc Boltanski”. In: *Raison Politique* 3: 157-181.
- BOBBIO, Norberto.  
1982. “¿Teoría del estado o teoría del partido?”. In: *Discutir el estado*. México: Folios Ediciones.
- BOLTANSKI, Luc.  
1982. *Les cadres. La formulation d’un groupe social*. Paris: Minuit
- BOLTANSKI, Luc, DARRÉ, Yann & SCHILTZ Marie-Ange.  
1984, « La dénonciation ». In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, 51: 3-40.
- BOSI, Ecléa.  
1994. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOURDIEU, Pierre.  
2004a. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.  
2004b. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.  
2003. *El oficio del científico. ciencia de la ciencia y reflexividad*. Barcelona, Anagrama.  
1996. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Morais, AMADO, Janaína (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV.  
1991. *El sentido práctico*. Madrid: Taurus.  
1979. *La distinction*. Paris: Les éditions de minuit.  
1977. “La production de la croyance: contribution a une économie des biens symboliques”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Nro. pp.5 7.
- BRACHT, Valter & CRISORIO, Ricardo.  
2005. *La educación física em Argentina y Brasil*. La Plata: Ediciones al Margen
- BRASÃO, Inês.  
2004. “Anatomia de um jogador de futebol”. In: NEVES, José & DOMINGOS, Nuno (org.). *A época do futebol*. Lisboa: Zahirió & Alvim.
- BRHOM, J-M.  
1992. *Sociologie politique du sport*. Nancy: Presses Universitaire de Nancy.

2006. *La tyrannie sportive*. Paris: Beauschesne.
- BROMBERGER, Christian.  
 1995. *La match de football*. Paris: Maison des sciences de l'homme.  
 1998. *Passions ordinaires*. Paris: Maison des sciences de l'homme.  
 2001. *Significado de la pasión popular por los clubes de Fútbol*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires.
- BROWN, Adam.  
 2006. "Not for sale' A destruição e a reforma das comunidades futebolísticas na aquisição do Manchester United pelos Glazer". In: *Análise Social*. Lisboa, vol XLI, nro. 179, pps. 555-581.
- BURGOS, Ramón y BRUNET, Mariano.  
 2004. "Un análisis de los cantos de los hinchas de Gimnasia y Esgrima de Jujuy". In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. <http://www.efdeportes.com/efd17/leliag.htm>, Revista Digital, Año 5, Nº 26, Buenos Aires.
- CARVALHO A.  
 2001. *O clube desportivo popular*. Lisboa: Campo da Letras.
- CASTELLS, Manuel  
 1997. *La era de la información. Economía, sociedad y cultura. Volumen 1, La sociedad red*. Madrid: Alianza Editorial.
- CASTEL, Robert.  
 1997. *La metamorfosis de la cuestión social*. Buenos Aires, Paidós.
- CHAVES, Cristine de Alencar.  
 2003. *Festas da política. Uma etnografia da modernidade no sertão (Buritiz-MG)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará
- CLAUSEN, Deylev.  
 2006. "Sobre a estupidez no futebol". Lisboa: *Análise Social*, Vol XLI (179): 583-582.
- COHEN, Abner.  
 1981. *The politics of elite culture*. Los Angeles: University of California Press.
- COHEN, Anthony P.  
 1994. *Self consciousness. Na alternative anthropology of identity*. Londres: Routledge.
- COHEN, Roland.  
 1985. "El sistema político" In: Llobera, José (org.). *Antropología política*. Barcelona: Anagrama.
- COLLIER Jr., John  
 1973. *Antropología visual: a fotografia como método de pesquisa. Coleção antropología e sociologia*. São Paulo. EPU EUSP.
- COMOLLI, Jean-Louis.  
 2002. *Filmar para ver. Escritos de teoría y crítica de cine*. Buenos Aires: Simurg/Fadu

- COULON, Alain  
 1991. «L'usage de la regle dans le pratique sportive». In: *Antropologie du sport. Perspectives e critiques*. Paris: AFIRSE
- CRAPANZANO, Vincent.  
 2004. *Imaginative Horizons – An essay in literary-philosophical anthropology*. Chicago e Londres: University of Chicago Press.
- DA MATTA, Roberto.  
 2006. *A Bola Corre Mais que os Homens: duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre Futebol*. Rio de Janeiro: Rocco.  
 1982. "Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro". In: DA MATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek.  
 1979. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DAHAL, Robert.  
 1958. "A critique of the ruling elite model". In: *American Political Science Review*, 52 (2): 436-369.
- DAMO, Arlei.  
 2007. *Do Dom à Profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores ANPOCS.  
 2005. *Do dom à Profissão. Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado (UFRGS). Porto Alegre.
- DEBORD, Guy.  
 1997. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.
- DE CERTAU, Michel.  
 2008. *A invenção do cotidiano. I. A arte de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes.
- DEFRANCE, Jacques.  
 2000. *Sociologie du sport*. Paris: Editions La Découverte.
- DELEUZE, Gilles.  
 1987. *La imagen-tiempo. Estudios sobre el cine II*. Barcelona: PAIDOS.  
 1981. *Mil mesetas*. Madrid: PRE-TEXTOS
- DE LUCA, Mario.  
 1986. "El club de los funcionarios". Buenos Aires: Revista *Todo es Historia*. Nro. 330. pp. 42-48.
- DERRIDA, Jacques.  
 1986. *De la gramatología*. México DF: Siglo XXI.
- DEVOTO, Fernando.  
 2002. *Nacionalismo, fascismo y tradicionalismo en la Argentina moderna*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- DEVOTO, Fernando & FERRARI, Marcela (comps).  
 1994. *La construcción de las democracias rioplatenses. Proyectos institucionales y prácticas pláticas (1900-1930)*. Buenos Aires: Biblos.

- DIA, Diário EL.  
 2006a. *La Historia de Gimnasia*. La Plata: Ediciones El Día.  
 2006b. *La história de Estudiantes*. La Plata: Ediciones El Día
- DIAZ, César, GIMENEZ, Mario & PASARO, Marta.  
 1999. *Una mirada periodística sobre la cotidianidad platense (1882-1900)*. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación.
- DI GIANO, Roberto.  
 2005. *Fútbol y cultura política en la Argentina*. Buenos Aires: Leviatán.
- DOUGLAS, Mary  
 1996. *Cómo piensan las instituciones*. Madrid: Alianza.  
 1973. *Pureza y peligro. Un análisis de los conceptos de contaminación y tabú*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.
- DUARTE, André.  
 2000. *O pensamento à sombra da ruptura. Política e filosofia no pensamento de Hanna Arendt*. São Paulo: Paz e Terra.
- DUMONT, Louis.  
 1997. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP.  
 1985. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DUNNING, Eric.  
 2003. *El fenómeno deportivo. Estudios sociológicos sobre deporte, violencia y civilización*. Buenos Aires: Paidós.
- DUPUY, François.  
 2006. *La fatiga de las elites. El capitalismo y sus ejecutivos*. Buenos Aires: Manantial.
- DURAND, Gilbert.  
 1979. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Arcadia
- DURKHEIM, Emile.  
 1973. "Individualism and the intellectuals". In: *Durkheim, Emile*. Chicago: University Press.
- DURRY, J.  
 1992. *Le grand livre du sport*. Paris: Nathan.
- ECKERT, Cornelia & ROCHA, A. L.  
 2005. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS.  
 2001. "Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade". In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Iluminuras 4*. Porto Alegre. PPGAS/UFRGS.  
 2000. "A memória como espaço fantástico". In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Iluminuras 1*, Porto Alegre. PPGAS/UFRGS.  
 2000. "Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração". In: Koury (org.). *Imagem e memória: Estudos de antropologia visual*.

- Rio de Janeiro: Garamond.
1995. "Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. In: *Horizontes Antropológicos*. Ano1, vol. 2.
- ECO, Umberto.
1984. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- EHRENBERG, Alain.
1991. *Le culte de la performance*. Paris: Hachette.
- ELÍADE, Mircea
1989. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70.
- ELIAS, Norbert.
1994. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.
1987. *El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. México, FCE.
- \_\_\_\_\_ & DUNNING, Eric.
1992. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: FCE.
- EVANS-PRITCHARD, Edward.
1987. *Los Nuer*. Madrid: Anagrama.
- FAURE, Jean-Michel
1991. "Raports de pouvoir et pratiques sportives". In: *Antropologie du Sport Perspectives critiques (Actes de colloque)*. Paris: A.F.I.R.S.E. pp. 43-49.
- FERNANDEZ PARDO, Carlos A.
2005. "Introducción". In: Pareto, Wilfredo. *La Transformación de la democracia*. Buenos Aires: Struhart & Cia.
- FOER, Franklin.
2004. *How soccer explains the world*. New York: Harper.
- FOOT, John.
2007. *Winning at all costs. A scandalous history of italian soccer*. New York: Nation Books.
- FOUCAULT, Michel.
2003. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
1995. *Genealogía del racismo*. La Plata: Editorial Altamira.
- FREIDSON, E.
1970. *Profession of Medicine: A Study of the Sociology of Applied Knowledge*. Nova Iorque: Harper Row.
- FRIEDMAN, Jonathan
1994. *Identidad cultural y proceso global*. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- FRYDEMBERG, Julio.
2009. "Los nombres de los clubes de fútbol. Buenos Aires 1880-1930". Buenos Aires: xerox.
2003. "Boca Juniors en Europa: el Diario Critica y el primer nacionalismo deportivo argentino". In: *Historia: Questões & Debates*. Curitiba: Editora UFPR. n. 39, p. 91-120.
1997. "Prácticas y valores en el proceso de profesionalización del fútbol

- argentino”. In: *Entrepasados*, Buenos Aires, n. 12, 1997.
- FRYKMAN, Jonas & LOFGREN, Orvar.  
1996. *Culture Builders. A historical anthropology of middle-class life*. New Jersey: Rutgers University Press.
- GARCIA, Beatriz.  
2002. *El concepto de programa cultural olímpico: lecciones universitarias olímpicas*. Barcelona : Centre d’Estudis Olímpics (UAB). Cátedra Internacional de Olimpismo (CIO-UAB). (consulta em: 10/02/09)  
[http://olympicstudies.uab.es/cast/lectures/web/pdf/-/spa\\_garcia.pdf](http://olympicstudies.uab.es/cast/lectures/web/pdf/-/spa_garcia.pdf)>
- GARNELO, Luiza.  
2003. *Poder, hierarquia e reciprocidade*. Rio de Janeiro: Fiocruz
- GARRIGA, José.  
2005. “Soy macho porque me la aguanto”. In: *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo.
- GEERTZ, Clifford.  
1999. *La riña de gallos en Bali*. Buenos aires: Prometeo.  
1994. *El conocimiento local*. Barcelona: Paidós.  
1991. *Negara. O Estado teatro no século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand  
1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora.  
1971. “La ideología como sistema cultural”, In: *El proceso ideológico*, vv.aa. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.
- GIDDENS, Anthony  
1974. “Elites in the british class structure”. In: Stanworth & Guddens. *Elites and power in british society*. Londres: Cambridge University Press.  
1976. *Las nuevas reglas del método sociológico. Crítica positiva a las sociologías comprensivas*. Buenos Aires: Amorrortu editores.  
2003. *La constitución de la sociedad. Bases para la teoría de la estructuración*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- GIL, Gastón.  
2008. “La pasión según aldosi: el "otro" y los combates por la identidad”. In: *Horiz. antropológicos*.14 (30): 137-164.  
2002. *Fútbol e identidades locales*. Buenos Aires: Miño y Dávila.
- GILBERT, Isidoro.  
2009. *La FEDE. Alistandose para la revolución. La Federación Juvenil Comunista 1921-2005*. Buenos Aires: Sudamericana.
- GIULIANOTTI, Richard & ROBERTSON, Roland  
2007. “Recovering the social: globalization, football and transnationalism”. In: *Global Networks* 7 (2): 166-186.
- GODELIER, Maurice.  
1975. “Hipótesis sobre la naturaleza y las leyes de evolución del modo de producción asiático”. In: BARTRA, Roger. *El modo de producción asiático*. México: Ediciones Era.  
1974. *Antropología y economía*. Barcelona: Anagrama.

GODIO, Matías.

2010. 'Con una mano lo acaricias y con la otra lo abofeteas'. El club de fútbol y sus dirigentes en el imaginario de las profesiones: un campo de fuerzas en las formas experimentales del poder y la política en Argentina". In: *Revista VIVRANT-ABA*. <http://www.vibrant.org.br/portugues/artigosv6n2.htm>

1993. "Notas para una del mov antropología de la imagen popular". In: GONZALEZ, Horacio. & RINESI, Eduardo (orgs.). *Decorados. Apuntes para una historia social del cine argentino*. Buenos Aires: Manuel Suárez Editor.

GODIO, Julio.

2000. *Historia del movimiento obrero argentino*. Tomo I. Buenos Aires: Corregidor.

GODIO, Julio & MANCUSO, Hugo.

2006. *La anomalía argentina. De la tierra prometida a los laberintos de la frustración*, Buenos Aires, Miño y Dávila.

GOFFMAN, Erving.

2006. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu.

1998. "Footing". In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGE. p. 70-97.

1992. *Internados. Ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales*. Buenos Aires: Amorrortu Editores

GORZ, André.

2005. *O imaterial. Conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume.

GRAMSCI, Antonio

1980a. *El Risorgimento*. México DF: J. Pablo Editor.

1980b. *Cultura y literatura*. México DF: J. Pablo Editor.

GREEN, Cecilia.

1993. "Advanced capitalist hegemony and the significance of Gramsci insights: a restartement". In: *Social and Economic Studies*, 42 (2 & 3): 175-203.

GRYNSZPAN, Mário.

1999. *Ciência política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teoria das elites*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas.

GUBER, Roxana.

2004. *El salvaje metropolitano*. Buenos Aires: Paidós.

2001. *La Etnografía. Método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Paidós.

GUMBRECHT, Ulrich Hans.

2006. *Elogio de la belleza atlética*. Buenos Aires Katz.

GURVICH, Georges.

1963. *La vocation actuelle de la sociologie, vol I*. Paris: PUF.

GUTTMANN, Allen

2004. *From Ritual to Record. The Nature of Modern Sports*. New York: Columbia University Press, Nueva York.

- HABERMAS, J.  
 1990. *Conocimiento e interés*. Madrid: Taurus.  
 1989. *El discurso filosófico de la modernidad*. Madrid: Taurus.  
 1983. *Técnica e Ciência enquanto "Ideologia"*. São Paulo: Abril Cultural.
- HALBWACHS, M.  
 1994. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Ed. Albin Michel.
- HALL, Stuart  
 2002. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- HALPERIN DONGHI, T.  
 1972. *Historia contemporánea de América Latina*. Madrid: Alianza.
- HARVEY, Jean  
 1991. "Le sport e l'activité physique, um enjeu de la politique social a l'aube de l'Etat-providence". In: *Antropologie du sport. Perspectives e critiques*. Paris: AFIRSE
- HEIDEGGER, Martin  
 2001. *Arte y poesía*. México: Fondo de Cultura Económica.
- HEINEMANN, Klaus.  
 2000. *Sociología de las Organizaciones Voluntarias: el ejemplo del club deportivo. Economía y Sociología*. Valencia: Ed. Tirant lo Blanch.,  
 1997. "Aspectos sociológicos de las organizaciones deportivas". In: *Apunts. Educación Física y Deportes* 49: 10-19.
- HELAL, Ronaldo  
 2007. "Jogo Bonito' y Fútbol Criollo: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación". In: GRIMSON, Alejandro. *Pasiones nacionales*. Buenos Aires: Edhasa.
- HIRSCHMAN, Albert  
 1997. *Les passions et les intérêts*. Paris: Quadrige-Puf.
- HIGLEY, John  
 2001. "Elites, political classes and democracy in the twenty-first century". In: *Paper for Workshop on Elites*. Lisboa, pp. 22-23.
- HUGHES, Everett  
 1984. *The sociological eye*. New Jersey: Transaction Publishers.  
 1998: "The making of a physician: general statement of ideals and problems". In: MACKAY, L.; SOOTHILL, K.; MELIA, K.M. (org.). *Classic texts in health care*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1998. p.136-39.
- HUIZINGA, Johan.  
 1996. *Homo ludens*. São Paulo: Prespectiva.
- HOBBES, Thomas.  
 2006. *Discursos histórico políticos*. Buenos Aires: Gorla.  
 1999. *El Leviatán*. Buenos Aires: Alianza.
- HOBSBAWM, Eric.  
 1992. *Los ecos de la marsellesa*. Barcelona: Editorial Crítica.



1991. *Naciones y nacionalismo desde 1780*. Barcelona: Crítica, 1991.
- INGOLD, Tim.  
1996. "GDAT. 1989. Debate: The Concept of Society is Theoretically Obsolete". In: INGOLD, Tim. *Key Debates in Anthropology*. London: Routledge.
- ISLA, Alejandro y MIGUEZ, Daniel  
2003. *Heridas urbanas. Violencia delictiva y transformaciones sociales en los noventa* Buenos Aires: Editorial de las ciencias.
- JANOWITZ, Morris.  
1956. "Social stratification and the comparative analysis of elites". In: *Social Forces*, vol. 35 (1) 81-87.
- JENSEN, Klaus Bruhn.  
1995. *The Social Semiotics of Mass Communication*. London: Sage.
- KADUSHIN, Charles  
1974. *The American Intellectual Elite*. New York: Little, Brown and Company.
- KAST, R. & ROZENWEIG, F.  
1982. *Organização e administração; um enfoque sistêmico, vol. 2*. São Paulo: SPAN, 1982.
- KELLER, Suzanne  
1963. *O destino das elites*. Rio de Janeiro: Forense.
- KELLY, William.  
2007. "Is baseball a global sport? America's 'national pastime' as global field and international sport". In: *Global Networks 7*. Yale: Blackwell Publishing Ltd & Global Networks Partnership.
- KUMAR, Raúl  
2004. "Das bancadas aos sofás da Europa". In: NEVES, José & DOMINGOS, Nuno (org.). *A época do futebol*. Lisboa: Zahiríó & Alvim.
- KUPER, Simon.  
2006. *Soccer against the enemy*. New York: nations Books.
- KURTZ, Donald.  
1979. Political anthropology: issues and trends on the frontier. In: SEATON, S. Lee; CLAESSEN, Henri J.M. (orgs.). *Political anthropology: the state of the art*. Nova Iorque: Mouton Publishers p.31-62
- KUSCHNIR, Karina.  
2003. "Uma pesquisa na metropoloe. Identidade e socialização no mundo da política". In: Gilberto Velho & Karina Kuschmir. *Pesquisas urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, Jacques.  
1986. *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. Seminario*. Buenos Aires: Síntesis.
- LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal.  
1985. *Hegemony and socialist strategy. Towards a radical democratic politics*. Londres: Verso.

- LANGDOM, Jean.  
 1996. "Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia". In: Gabriel, João & Teixeira, L.C. (org). *Performáticos, performance e Sociedade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 23-29.
- LANFRANCHI, Pierre & TAYLOS, Matthew.  
 2001. *Moving with the ball*. Oxford/New York: Berg.
- LATOURE, Bruno.  
 2008. *Reensamblar lo social: Una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Ediciones Manantial.  
 2001. *La esperanza de pandora. Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*. Barcelona: Gedisa.  
 1983. "Give Me a Laboratory and I will Raise the World. In: K. Knorr-Cetina y M. Mulkay (eds.), *Science Observed: Perspectives on the Social Study of Science*, Londres: Sage, pp. 141-170
- LATOURE, Bruno & LEPINAY, Vincent.  
 2009. *La economía, ciencia de los intereses apasionados*. Buenos Aires: Manantial.
- LEACH, Edmund.  
 2000. "Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico". Rio de Janeiro. *Revista Mana* vol.6 n.1.  
 1980. *Sistemas Políticos en la Alta Birmania*. Barcelona: Anagrama.  
 1978. *Cultura e comunicação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- LEACH, Edmund & MUKHERJEE, S. N.  
 1970. *Elites in South Asia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEBARON, Frédéric.  
 2000. "O campo dos economistas franceses no fim dos anos '90: lutas de fronteira, autonomia e estrutura" In: *Revista Mana: Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Contra Capa. Nro. 7. pp. 9-29.
- LE BRETON, David.  
 2007. *El sabor del mundo. Una antropología de los sentidos*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- LECHNER, Frank.  
 2007. "Imagined communities in the global game: soccer and the development of Dutch national identity". In: *Global Networks* 7 (2): 193-229.
- LEFORT, Claude.  
 1990. *La invención democrática*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- LEITE LOPES, Jose.  
 1997. "Futebol 'Mestiço': História de Sucessos e Contradições". In: *Ciência Hoje*. Nro. 139. pp. 18-26.  
 1994. "A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada". In: *Revista da USP*, 22.
- LEITE LOPES, J. S. e MARESCA, S.  
 1992. "A Morte da 'Alegria do Povo'". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20: 113-134.

- LEITE LOPES, J. S. e FAGUER, J-P.  
 1994. «L'invention du style brésilien. Sport, journalisme et politique au Brésil». In : *Actes de la recherche en sciences sociales* 103: 27-35.
- LEONCINI, Marvio Pereira & SILVA, Márcia Terra da.  
 2005. «Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório». *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 12, n. 1, Apr. 2005 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104530X2005000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104530X2005000100003&lng=en&nrm=iso)>. access on 15 Feb. 2010. doi: 10.1590/S0104-530X2005000100003.
- LÉVI STRAUSS, Claude.  
 2001. *El pensamiento salvaje*. México. Fondo de Cultura Económica.  
 1985. *Las estructuras elementales del parentesco*. Barcelona: Planeta.  
 1978. *Mito y significado*. Buenos Aires: Alianza.  
 1975. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.  
 1968. *Mitológicas I: Lo crudo y lo cocido*. México: Fondo de Cultura Económica.
- LIMA, Antonia  
 2003. *Grandes famílias, grandes empresas*. Lisboa: Dom Quixote.
- LINS RIBEIRO, Gustavo.  
 2000. *Cultura e política no mundo contemporâneo*. Brasília: Editora UNB.  
 1997. «A Condição da transnacionalidade». In: *Serie Antropologia. Nro 223*. Brasília: UNB.
- LINS RIBEIRO G. & FELDMAN BIANCO, B.  
 2003. *Antropologia e poder*. São Paulo: Boitempo.
- LINS RIBEIRO, G. & LIMA SOUZA, A. C. (orgs.)  
 2004. *O Campo da Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: ABA.
- LIPOVETSKY, Gilles.  
 1986. *La era del vacío. Ensayos de individualismo contemporáneo*. Barcelona: Anagrama.
- LUPO, Victor  
 2004. *Historia del deporte argentino*. Buenos Aires: Corregidor
- LUZE, Hubert de.  
 1997. *L'ethnométhodologie*. Paris: Económica.
- LYOTARD, Jean-François.  
 1993. *La condición postmoderna*. Buenos Aires: Planeta
- MACKENZIE, W.J.M.  
 1978. *Political Identity*. Harmondworth: Penguin Books.
- MAFFESOLI, Michel  
 2005. *A transfiguração do político*. Porto Alegre: Suliana.  
 1986. *Le temps des tribus*, Paris: Minuit.  
 1995. *A Contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.  
 2000. «Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social». In: MARTINS, F.M. & MACHADO, J. (Orgs.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre:

- Sulina/EDIPUCRS. pp. 43-54
- MAGUIRE, Joseph.  
2005. *Power and Global Sport: Zones of Prestige, Emulation and Resistance*. Londres: Routledge.
- MALINOWSKI, Bronislaw.  
1982. *Magia, ciência, religión*. Ariel: Barcelona.
- MARCHAK, Patricia  
1991. *The integrated circus*. Montreal: McGill-Queen's University Press
- MARCUS, George  
2000. "The deep legacies of Dynastic Subjectivity: The Resonances of a Family identity u Private an Public Spheres". In: Pina Cabral, J.& Pedroso de Lima, A. *Choice, Leadership and Succession*. Londres: BERG  
1992. *Lives in the trust. The fortunes of dynastic families in late twentieth-century America*. Colorado: Westview Press.  
1981. "Power on the extreme periphery: the prespective of togan elites in the moder world system". In: *Pacific Viewpoint*, 22 (1): 48-64.
- MARCUS, George & FISCHER, Michael  
2000. *La antropología como crítica cultural*. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- MARX, Karl  
1974. *O dezoito Brumário de Luis Bonaparte*. Rio de Janeiro: Abril Cultural.
- MASON, T.  
1995. *Passion of the People? Football in South América*. Londres: Verso.
- MAUSS, Marcel.  
2003. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MICHELS, Robert.  
1971. *Les partis politiques Essais sur les tendances oligarchiques des democracies*. Paris: Flamamrion.
- MILLER, Rory & CROLLEY, Liz (orgs.)  
2007. *Football in the Americas*. Londres: Institute for the Study of the Americas.
- MIRANDA, Ana Paula Mendes de.  
2005. "Antropologia, Estado Modernos e Poder: perspectivas e dsafios de um campo em construção". In: *Revista Avá*, 7: 128-146. Misones MOREIRA, María Verónica  
2008. "Club social y deportivo: hinchas, política y poder". In: Alabarces, Pablo. *Resistencias y mediaciones*. Estudios sobre cultura popular. Buenos Aires Paidós.
- MORIN, Edgar.  
2007. *Breve historia de la barbarie em occidente*. Buenos Aires: Paidós.
- MOSCA, Gaetano.  
1962. "The final version of the theory of rulling class". In: MEISEL, H. *The myth of the rulling class*. Michigan: Ann Arbor-The University Michigan Press.

1953. *Elementi di scienza politica*, vol 2. Bari: Laterza.
- MOYSER, George & WAGSTAFFE, Margaret.  
 1987. "Studying elites: theoretical and methodological issues". In: MOYSER, George & WAGSTAFFE, Margaret (eds.). *Research Methods for Elite Studies*, Winchester: Allen and Unwin. pp. 1-25.
- MURMIS, Mario. & PORTANTIERO, Juan Carlos.  
 1987. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- NADEL, Laura.  
 1990. "The concept of social elites". In: SCOTT, John (ed). *Sociology of Elites*. Cheltenham: Edward Elgar. pp. 413-423.
- NEVES, José & DOMINGOS, Nuno.  
 2004. *A época do futebol*. Lisboa: Zahirio & Alvim
- NEWMAN, Peter & TUAL, Melanie.  
 2002. "The Stade de France: the last expression of french centralism". In: *European Planning Studies*, Vol 10 (7): 831-843.
- NUN, José  
 1989. *La rebelión del coro*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- NUNES Filipe.  
 2003. "Os directores-gerais: a elite administrativa portuguesa durante o XIV Governo Constitucional", in A. Costa Pinto e A. Freire, dir., *Élites, Sociedade e Mudança Política*, Oeiras, Celta, 2003, pp. 97-129.
- ORTNER, Sherry.  
 2007. "Uma atualização da teoria da prática". In: GROSSI, M. P., ECKERT, C. & FRY, P.H. *Conferências e diálogos: saberes e praticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra.
- PARETO, Wilfredo.  
 2005. *La Transformación de la democracia*. Buenos Aires: Struhart & Cia.  
 1968. *Traité de sociologie generale*. Genebra: Droz.
- PARK, Robert E.  
 1979. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano". In: VELHO, Golberto. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PARSONS, Talcott.  
 1966. *El sistema social*. Madrid: Revista de occidente.
- PAULI, Cristina.  
 2002. "Graffiti: Los jóvenes se adueñan de las diagonales". In: *ALAIC. 2GT Comunicación, Ciudad y Jóvenes. Disponible em: <http://www.alaic.net/ALAIC%2002>. Consulta em: mês e ano*
- PEIRANO, Mariza.  
 1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.  
 1991. "O encontro etnográfico e o Dialógico Teórico". In: *Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas*. Brasília: Editora UNB.

- PETTIGREW, Andrew.  
1979. "On studying organizational cultures". In.: *Administrative Science Quarterly*. Vol. 24 (4): 570-580.
- PIGGIN, J, JACKSON, J. & LEWIS, M.  
2009. *Knowledge, power and politics*. Londres: International Review for the Sociology of Sport 2009; 44; 87.
- PIRES DE ALMEIDA, Maria Antonia.  
2006. "As elites municipais e a revolução". Xerox. Centro de Estudos de Historia Contemporanea Portuguesa.
- POULANTZAS, Nikos.  
1972. *Poder político y clases sociales en el estado capitalista*. México DF: Siglo Veintiuno.
- RABINAW, Paul.  
2002. *Antropologia da ração*. Rio de Janeiro: Relume Dumará
- RADLEY, Alan.  
1995. "The Elusory Body and Social constructionist theory". In: *Body and Society*. Vol. 1, N° 2.
- RANCIÈRE, Jacques.  
2006. *El odio a la democracia*. Buenos Aires: Amorrortu.  
1996. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34.  
1999. "La fiction de memoire. A propos de Tombeau d'Alexandre de Chris Marker", in: *Trafic*, nro. 29: 36-47.  
1996. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- RAPOPORT, Mario.  
2006. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)*. Buenos Aires: Planeta.
- RAPPORT, N. & OVERING, J.  
2007. *Social and cultural anthropology*. Londre: Routledge.
- REDDY, William M.  
1997. "Against Constructionism: the historical ethnography of Emotions". In: *Current Anthropology*, 38 (3): 327-351.
- RIAL, Carmen,  
2009. "Porque todos os 'rebeldes' falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos no exterior, ontem e hoje". In: CARMO, Renato Miguel do & SIMÕES, José Alberto (orgs.). *A produção das Mobilidades - Redes, Espacialidades e Trajetos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais - ICS. pp. 203-224.  
2008. "Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior". *Horizontes antropológicos* [online],14 (30) [cited 2009-11-11]: 21-65 . Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=en&nrm=iso)>.

2006. "Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém...". *Culturas deportivas y mercados globales y locales*, 61 (2): 163-190.
- RICOEUR, Paul.  
2000. *La memoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Editions du Soleil.  
1986. *Lectures on Ideology and Utopia*. New York: Columbia Press University.
- RINESI, Eduardo.  
1993. "Imágenes del desierto, ideología de una nación". In: *Decorados. Apuntes para una historia social del cine argentino*. Buenos Aires: Manuel Suárez Editor.
- ROCK, David  
1985. *Argentina 1516-1987*. Buenos Aires: Alianza.
- RODRIGUEZ, Gustavo.  
2006. *Estudiantes y La Razón de mi Vida*. La Plata: ISBN-13:978-987-05-1964-5.
- RODRIGUEZ, Sergio.  
2004. *En la trastienda de los análisis*. Buenos Aires: Letra viva.
- RODRIGUES, João & NEVES, José.  
2004. "O amor a camisola. Notas criticas da economia politica do futebol" In: NEVES, José & DOMINGOS, Nuno (orgs.). *A época do futebol*. Lisboa: Zahirió & Alvim.
- ROJEK, Chris  
2001. *Celebrity*. Londres: Reaktion Books.
- ROMERO, Lus Alberto.  
2002. *História contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- ROUSSEAU, Jen Jacques.  
1957. *El Contrato Social*. México: José M. Catija
- SAHLINS, Marshall.  
1990. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar.  
1997. *Cultura y razón práctica*. Barcelona: Gedisa.  
2006. *História e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SAZBÓN, José.  
2002. *Historia y representación*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.
- SAZBÓN, Daniel & FERRERO, Lia M.  
2007. "Argentina '78: la nación en juego". In: *Le sport en Amerique Latine*. Revista Caravelle. Cahiers du monde hispanique e luso-bresilien. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail. Nro. 89, p. 139-155.
- SCAVINO, Dardo.  
1993. *Barcos sobre la pampa*. Buenos Aires : El Cielo Por Asalto.  
1991. *Nomadologia*. Buenos Aires: Ediciones del Fresno.
- SCHMITT, Carl.  
1992. *O conceito do político*. Petrópolis: Vozes.
- SEBRELI, José.  
1998. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Sudamericana.

2008. *Comediantes y mártires. Ensayo contra los mitos*. Buenos Aires: Debate.
- SEMAN, Pablo & MERENSON, Silvina
2007. "Percepção histórica, sentimentos e implicación nacional em Argentina y Brasil". In: GRIMSON, Alejandro. *Pasiones nacionales*. Buenos Aires: Edhasa.
- SENNET, Richard.
2008. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso
2006. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
2000. *La corrosión del carácter*. Barcelosna: Anagrama.
1998. *O declino do homem público*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- SHOAT, Ella & STAM, Robert.
1995. "From imperial family to the transnational imaginery: media spectatorship in the age of globalization". In: WILSON, R. and DISSANAYAKE, W. *Global/Local*. London: Duke University Press. P. 145-170
- SHUMPETER, Joseph.
1961. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- SILVA, Armando.
2001. *Imaginaros urbanos*. Sao Paulo: Perspectiva.
- SILVA, Rubens Alves da.
2005. "Entre 'artes' e 'ciências': a noção de performance e drama no campo das ciências sociais". In: *Horiz. antropol.*, v. 11 (24): 35-65. Porto Alegre.
- SIMMEL, Georg.
2002. *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.
1999. "El concepto y la tragedia de la cultura". In: *Cultura Femenina y otros ensayos*. Barceona: Alba Editorial.
1977. *Philosophie de L'argent*. Paris: Presses Universitaires, 1977
- SIMSON, Vyv & JENNINGS, Andrew
1992. *Os senhores dos anéis*. São Paulo: Circulo do Livro.
- SMITH, P.
1969. "Social mobilization, political participation and the rise of Juan Perón". In: *Political Science Quarterly*, v.84, n.1.
1998. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Sudamericana.
- SOREL, Georges.
- s.d. *Reflexiones sobre la violencia*. Burnos Aires: Pleyade.
- SULLIVAN, Gerald
1999. *Margareth Mead, Gregory Bateson and Highland Bali. Fieldwork photographs of Bayung Gedé, 1936-1939*. Chicago: University of Chicago Press.
- SVAMPA, Maristela
2006. *El dilema ragentino. Civilización o barbarie*. Buenos Aires: Taurus.
- TARDE, Gabriel.
2006. *Monadologia e sociologia*. Buenos Aires: Cactus.



- TEDESCO, João Carlos.  
2004. *Nas cercanías da memória*. Temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: UPF-EDUCS.
- THERBORN, Goran.  
1987. *La ideología del poder y el poder de la ideología*. México: Siglo XXI Editores.
- THOMPSON, J. B.  
1998. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- TODOROV, Tzevan.  
1993. *Frente al límite*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- TOLEDO, Luiz Henrique.  
2002. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.  
1996. "Torcidas Organizadas de Futebol". AAVV. Campinas: Autores Associados/Anpocs.
- TOMLINSON, Alan & YOUNG, Christopher.  
2006. *National Identity and Global Esports Events*. Nova York: State University of New York Press.
- TORRE, Juan Carlos.  
1990. *La vieja guardia sindical y Perón: sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Sudamericana.
- TURNER, Victor.  
1999. *La selva de los símbolos*. Madrid: Siglo XXI de España.  
1992. *From ritual to theatre. The human seriousness of play*. New York: PAJ Publications.  
1988. *El proceso ritual, Liminalidad y communitas, Communitas: modelo y proceso*. Madrid: Taurus.
- TURNER, Victor & BRUNER, Edward (org).  
1986. *The anthropology of experience*. Illinois: Ilini Books.  
1974. *O processo social - estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes.
- VASSORT, Patrick  
2007. *Epistemologie. Le cãs de la sociologie du sport*. Paris: L'Harmattan.
- VAZ, Alexandre.  
2001. "Técnica, Esporte, Rendimento". *Revista Movimento*, 6 (VII): 87-99. Porto Alegre
- VELHO, Gilberto  
2002. *Subjetividade e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. TURNER, Victor.  
2002. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.  
1998. *Sobre nobres e anjos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora.
- VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina.  
2003. *Pesquisas urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VERON, Eliseio.  
1969. *Lenguaje y Comunicación Social*. Buenos Aires: Siglo XXI.

1999. *Efectos de agenda*. Barcelona, Espanha: GEDISA
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo  
 2001. “A propriedade do conceito”. In: *Uma notável reviravolta: antropologia (brasileira) e filosofia (indígena)*. ANPOCS. ST. 23.  
 2002. *A inconstância da alma selvagem*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify.
- WACQUANT, Loïc.  
 2006. *Entre la cuerdas. Cuadernos de um aprendiz de boxeador*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- WAGG, Stephen  
 2006. “«Anjos de todos nós» Os treinadores de futebol, a globalização e as políticas da celebridade”. In: *Análise Social*. Lisboa. Vol. XLI, pp. 347-369.
- WEBER, Max.  
 2005. *Sociología de la religión*. Buenos Aires: Letras Universales.  
 1969. *La ética protestante y el espíritu del capitalismo*. Barcelona: Ediciones Península.  
 1964. *Economía y sociedad (vol I e II)*. México: Fondo de Cultura Económica
- WHITLEY, Robert.  
 1984. *The intellectual and Social Organization of the Sciences*. Londres: Oxford University.
- WILDE, Guillermo.  
 2003. *Antropología e histórica del liderazgo Guaraní Misionero*. Tese de Doutorado. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires.
- WILLIAMS, Raymond.  
 2001. *El campo y la ciudad*. Buenos Aires, Paidós.
- WOLF, Eric.  
 2003. “Encarando o poder: velhos insights, novas questões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & RIBEIRO, Gustavo Lins (org). *Antropología e poder: contribuições de Eric R. Wolf*. Brasília: Editora UnB.
- WORTMAN, Ana (org).  
 2003. *Pensar las clases medias. Consumos culturales y estilos de vida en la Argentina de los noventa*. Buenos Aires: La Crujía.
- ZIRIN, Dave.  
 2007. *Welcome to the terrordome. The pain, politics, and promise of sports*. Chicago: Haymarket Books.

# ANEXOS

## 1. BASES ESTADÍSTICAS

### 1.1. PRESIDENTES DO GIMNASIA E ESGRIMA DE LA PLATA

	<b>DURAÇÃO NO CARGO (AÑOS)</b>	<b>PRESIDENTE</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>FORMA DE ACESSO AO CARGO</b>
1	1887	Saturnino Perdiel	Comerciante(E)	Nomeado presidente durante primeira CD. Estando no cargo até seu falecimento.
2	1887	Etcheverry	Fazendeiro	Assume após falecimento de Pedriel. Ou por assembléia a ordinária?
3	1888	Antônio Lagos	Comerciante	Assume por assembléia
4	1889	Osvaldo Botet	Ministro de Finanzas, advogado	Assume por renúncia
5	1889	Dr. Adolfo Mourtier	Doutor(P)	N/S
6	1891	Dr. Ricardo C. Aldao	Legislador provincial (F)	N/S
7	1891	Dr. Alejandro Korn	Filósofo e médico. (P)	Assume por assembléia ordinária
8	1894	Dr. Mariano Paunero	Senador Provincial. Deputado Nacional e Juiz da Primeira Corte(F)	N/S
9	1896	Dr. Teodoro Granel	Gerente de Banco Província	Por Assembléia Ordinária (A)
10	1896	Dr. Norberto Casco	Deputado Nacional. Vereador de La Plata(F)	Assume por renúncia
11	1897	Cap. Miguel Gutiérrez	Major do Exército. (F)	Assignado por la CD (A)
12	1897	Dr. Julio Julián Islas	Doutor. (P)	N/S
13	1898	Sr. Juan M. Guezález	Comerciante	N/S

14	1900	Dr. Edelmiro Palácios	Doutor(P)	Por assembléia ordinária
15	1903	Cap. Miguel Gutiérrez	Capitão Major do Exército(F)	N/S
16	1904	Dr. César Ameghino	Ministro(F)	Assume por renúncia
17	1905	Dr. Ricardo Guido Lavalle	Funções administrativas a nível provincial(F)	Assume por renúncia
18	1906	Ing. Benjamín Sal	Engenheiro. Prof <sup>o</sup> universitário. Funções administrativas a nível provincial. (P)	N/S
19	1907	Dr. Horacio J. Araúz	Advogado. Professor do Colégio Nacional e universitário. (P)	N/S
20	1909	Sr. Diego Arana	Proprietário de terras e funcionário da Província.	N/S
21	1910	Dr. Edelmiro Palacios	Doutor(P)	N/S
22	1913	Sr. Julio J. Paz	N/S	N/S
23	1913	Dr. Emiliano de La Puente	Doutor. Não foi funcionário. (P)	N/S
24	1913	Dr. Juan José Atencio	Diretor do diário <i>El Día</i> . (P)	Assume por assembléia ordinária
25	1913	Dr. Emiliano de La Puente	Doutor. Não foi funcionário. (P)	Assume por renúncia do titular
26	1914	Sr. Telésforo B. Ubios	Funções administrativas(F)	Assume por renúncia ou licença do titular
27	1914	Dr. Emiliano de La Puente	Não foi funcionário(P).	Assume por renúncia do titular
28	1915	Sr. Jacinto Augusto Castellanos	Comerciante	Assume por renúncia ou licença do titular.
29	1915	Dr. Emiliano de La Puente	Não foi funcionário. (P)	N/S
30	1917	Sr. Guillermo O'Reilly	Deputado Nacional. (F)	N/S
31	1919	Dr. Alejandro Oyuelo	Advogado (P)	N/S
32	1920	Dr. Horacio Casco	Advogado. Secretário da Primeira Corte. (F)	N/S
33	1925	Dr. Augusto	Oficial Maior de	N/S

		Liliedal	Fazenda (atualmente subsecretário de Fazenda). Deputado Nacional. (F)	
34	1927	Dr. Alberto González	Advogado(P)	N/S
35	1928	Dr. Adolfo Rivarola	Contador(P)	Assume por renúncia
36	1929	Sr. Juan Carlos Zerrillo	Deputado Nacional (F)	Assume por eleição
37	1931	Sr. Juan T. Erbiti	Foi dirigente radical. N/S	N/S
38	1932	Ing. Angel Marmonti	Engenheiro(P)	N/S
39	1932- 1936	Dr. Plácido Seara	Médico. Político Radical. Interventor do Serviço Médico do F.C Província de Buenos Aires(P)	N/S
40	1934	Sr. Juan T. Erbiti	Foi dirigente radical N/S	N/S
41	1936	Sr. Osvaldo Cortelezzi	Atividade no campo da mídia (E)	Renúncia. N/S
42	1937	Sr. José Julián Saiñas	N/S	N/S
43	1938- 1942	Eng. José Montalvo (h)	Engenheiro. (P)	Tira licença em 1941. Assume o vice Roberto Campodómico. N/S
44	1941	Roberto Campodómico	N/S	
45	1942- 1945	Dr. Carlos C. Tejo	Advogado. Diretor de da biblioteca da Universidade de La Plata(P)	Por eleições
46	1945	Dr. Plácido Seara	Médico. Político Radical. Interventor do Serviço Médico da F.C Província de Buenos Aires(P)	Assume por eleições.
47	1945- 1947	Cap. Horacio Barandiarán	Capitão de Navio. (F)	Assume por renúncia da CD
48	1947- 1948	Dr. Gabriel Rodríguez	Advogado (P)	N/S
49	1948- 1955	Dr. Carlos Insúa	Advogado, Juiz Penal. (F)	Retira-se com a revolução

				libertadora. N/S
50	1955-1957	Sr. Genaro Rucci	Empresário. Dono de uma empresa de café. (E)	Por eleições
51	1957- 1967	Dr. Laureano Alberto Durán	Advogado. Presidente do Tribunal de Contas da Província de Buenos Aires.	Por eleições
52	1961-1964	Dr. Laureano Alberto Durán	Advogado. Presidente do Tribunal de Contas da Província de Buenos Aires. (F)	Reelegido em maio 1961. (E)
53	1965-1967	Dr. Laureano Alberto Durán	Advogado. Presidente do Tribunal de Contas da Província de Buenos Aires. (F)	Eleições 1964 (E)
54	1967- 1968	Dr. Pedro Osvaldo Enrique Soria	Advogado e empresário. (E)	Eleito presidente Renuncia. (E)
55	1968	Sr. Oscar Emir Venturino	Empresário do setor de coleta de lixo. (E)	Assume após a renúncia de Osvaldo Soria.
56	1970-1979	Sr. Oscar Emir Venturino	Empresário do setor de coleta de lixo. (E)	Em 1970 Eleições. (A)
57	1979- 1980	Cdr. Jorge Tittarelli	Contador. Secretário de Fazenda do Município de La Plata. Subsecretário de Fazenda da Província de Buenos Aires. Controlador de vialidade. (F)	Licença por motivos de saúde Em seguida renuncia. N/S
58	1980	Sr. Tomás Sessa	Empresário. Comerciante importante de La Plata. (E)	Assume por ser vice-presidente por consenso da CD, devido ao pedido de licença de Tittarelli e posterior renúncia. (R)
59	1980- 1983	Sr. Norberto Sánchez	Presidente da Câmara de Comércio e Indústria de La Plata. Empresário da construção. Donos de uma empresa de equipamentos de	Eleito pela CD. Renuncia no final do mês de Julho. (A)

			computação (E)	
60	1983	Sr. Alejandro Amadeo Breccia	Arquiteto. Empresário da construção. (E)	Em agosto convoca Assembléia Geral Extraordinária e convoca eleições para outubro. Renúncia em agosto. (A)
61	1983	Dr. Mario Milazzo.	Advogado. Secretário da Suprema Corte(F)	Renúncia em outubro(R)
62	1983	Dr. Hugo Barros Schelotto	Médico. Departamento de Sanidade do Clube. (P)	Assume após renúncia do presidente Dr. Mario E. Millazzo (R)
63	1983	Sr. Héctor Atilio Delmar	Empresário. (E)	Assume sem eleições. Eleito em assembléia geral ordinária devido à existência de apenas uma lista. (A)
64	1986	Sr. Héctor Atilio Delmar	Empresário (E)	Reeleito em outubro (A)
65	1989- 1992	Cdr. Roberto Vicente	Tesoureiro do Gimnasia e Esgrima de La Plata. Secretário do Tribunal de Contas da Província.	Eleito presidente por Assembléia do CD. (A)
66	1992- 1998	Sr. Héctor Atilio Delmar	Empresário (E)	Por eleições. (E)
67	1998- 2001	Cdr. Héctor Domínguez	Contador. Empresário. Tesoureiro da AFA. (E)	Assume por eleições. (E)
68	2001-2004	Cdr. Héctor Domínguez	Contador. Empresário. Tesoureiro da AFA. (E)	Devido a ausência de Eleições em 2001, Domínguez desenvolve seu segundo mandato. Retira-se 6 meses antes do término por pressões e denúncias de

				corrupção)
69	2004	Ing. Francisco Gliemmo	Engenheiro. Tesoureiro do Clube. Presidente da União Industrial de Gran Plata. Empresário da Construção. (E)	Assume após renúncia de Domínguez (R)
70	2004- 2005	Sr. Juan José Muñoz	Empresário (E)	Assume por eleições. (E)
71	2006	Hugo Captdebarthe	Advogado(P)	Assume por renúncia de Muñoz
72	2007 a la actualidad	Walter Gisande	Advogado. Empresário vinculado ao hipódromo de La Plata(E)	Ganha as eleições. Não atinge aos 40% dos votos. (E)

Fonte: elaboração própria a partir de entrevistas e fontes secundárias (Jornais, revistas, livros e documentos internos)



## 1.2. PRESIDENTES DO ESTUDIANTE DE LA PLATA

		<b>PRESIDENTE</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>FORMA DE ACESSO AO CARGO</b>
1	O clube é inaugurado em 4 de agosto de 1905. No dia 29 de agosto Assume a presidência até 1906	Miguel Gutiérrez	Major do Exército. (F)	Eleito no mesmo dia da fundação por “unanimidade fraternal” por Assembléia. Renúncia. (A)
2	1906- 08	Nazario Roberts	Engenheiro Agrônomo. Funcionário a cargo de cuidar do Bosque. (F)	Assume em 1906. Reeleito em janeiro de 1908 por Assembléia. (A)
3	1909- 10	Carlos Latirgue	N/S	Foi vice-presidente durante a gestão de Roberts (R)
4	1911- 12	Dr. Silvestre Oliva	Médico(P)	Assume por eleições. Renúncia. (E)
5	1912	Sr. Felipe Oterño	N/S	Assume em junho até dezembro de 1912 por renúncia de Dr. Oliva. (R)
6	1913- 14	Agustín Gambier	Advogado- Prefeito da cidade	Assume por renúncia. (R)
7	1915	Carlos J. Latirgue	Médico	Eleições. Renúncia. (E)
8	1916	Silvestre Oliva	Médico	Assume por renúncia. Renúncia. (R)
9	1917	Carlos M. Latirgue	Médico	Renúncia(R)
10	1918- 19	Adolfo F. Gilbert	N/S	Renúncia. (R)
11	1920	Carlos E. Jaunarena	N/S	Assume por renúncia. (R)
12	1921	José María Grau	N/S	. N/S
13	1922	Adolfo F. Gilbert	N/S	N/S
14	1923- 25	Julio D. Urdaniz	Professor. Secretário direção geral de escolas	N/S
15	1927	Jorge L. Hirschi	Médico. (P)	Era vice do clube e

				assumiu a presidência no último trimestre de 1927. (R)
16	1927-1932	Jorge L. Hirschi	Médico. (P)	Foi eleito presidente. Foi reeleito de maneira contínua até 1932. (E)
17	1932- 34	Dr. Ernesto José Rozas	Advogado. Deputado Nacional. Vereador Municipal. Candidato Intendente de La Plata. Juiz da Suprema Corte de Justiça. . (F)	Foi eleito presidente N/S
18	1934- 37	Conrado Bauer	Engenheiro Civil. Professor na Universidade Nacional em Tucumán. Empresa de instalações elétricas. Direção de Pavimentação. Empresa de pavimentação. Perito Judicial. Tribunal de Taxações da Nação. (P)	Ganhou as eleições. Decide retirar-se e deixar a presidência a seu vice, Don Oscar Hirschi até assumir o cargo o Dr. Lavié por intervenção do governo da província no clube. (E)
19	1937	Jorge Hirschi	Médico	Assume por renúncia de Conrado Bauer. (R)
20	1937- 40	Dr. Manuel María Lavié	Funcionário do Governo Bonaerense. (F)	Eleito por Assembléia de Sócios. (A)
21	1940- 43	Sr. Pedro J. Osácar	Empresário do setor funerário (E)	Eleições (E)
22	1943-1946	Sr. Pedro J. Osácar	Empresário do setor funerário (E)	Reeleito em Assembléia de sócios em 1944 (A)
23	1947- 48	Luis María Cánepa	Advogado. De atuação Banco da Província de Buenos Aires. Secretário Geral do Ministério de Justiça e Instrução pública. Secretário Geral do Ministério de Educação e vice	Por eleições (E)

			decano da Faculdade de Direito. (P)	
24	1949- 51	Pedro Osácar	Empresário do setor funerário	Renúncia/ licença(R)
25	1951- 1952	Eng. César Ferri	Engenheiro. Decano da Faculdade de Agronomia de la Plata. (P)	Foi eleito presidente. Condução interrompida com a intervenção decretada pelo Poder Executivo. (E)
26	1952	Sr. Mario O. Sbuscio	N/S	Interventor disposto pelo Poder Executivo. Após um ano convoca eleições com o fim de trazer ao clube sua normalidade institucional. (I)
27	1953- 55	Dr. Raúl S. Caro Betelu	Presidente da Suprema Corte da Justiça. . (F)	Assume por eleições. Renuncia. (A)
28	1955	TRINVIRATO	N/S	(R)
29	1956- 57	Ing. César Ferri	Eng. Decano Faculdade de agronomia Universidade Nacional de La Plata(P)	Eleito por lista única. (A)
30	1958- 1959	Víctor A. Sautel	Contador. (P)	Eleito por lista única Renuncia a presidência em 1959. Período que foi completado por José Bartoli ao substituir Sautel. (A)
31	1959	José Bartoli	Empresário	Assume por renúncia de Sautel. (R)
32	1960- 1962	Mariano Mangano	Empresário(E)	Designado durante Assembléia Anual Ordinária. (A)
33	1963-1970	Mariano Mangano	Empresário(E)	Vence as eleições de 1962. Suicida-se(E)
34	1971	Mario Martínez	Profissional liberal(P)	Assume por dissenso do presidente (R)
35	1972	Zelindo Lentini	Presidente do Centro Cultural Bovingesi de La Plata.	Presidente eleito em eleições pela ‘agrupação’ Unidad

			(Empresário). (E)	Albirroja. (E)
36	1973- 81	Ignacio A. Ercoli	Contador. Empresário. (E)	Assume por eleições (E)
37	1982- 86	Raúl G Correbo.	Escrivão. Pro tesoureiro do Colégio de Escritivãos da Provincia de Buenos Aires. (P)	Assume por eleições. Renunciou. (E)
38	1986- 1987	Héctor Beltramini	Escrivão	Assume por renúncia de Correbo. (R)
39	1986	Luis M. F. Ferella	Empresário (E)	Assume como vice presidente terceiro do clube(R)
40	1986- 89	Nélon Romildo Oltolina.	Empresário do setor madeireiro (E)	Proclamado por assembléia extraordinária. Retira-se alegando “fadiga” (A)
41	1989	Sr. José Bartoli	Empresário	Assume por renúncia de Oltolina. Completa o período. (R)
42	1990- 93	Ignacio Ercoli	Contador. Funcionário de la Contaduría. (P)	Assume por eleições. (E)
43	1993	José Riccione	Engenheiro/ Empresa (E)	A assembléia consagra como condução do clube a única lista que foi apresentada nas eleições. Renuncia. (A)
44	1994- 1995	Daniel De La Fuente	Empresário da Casa de Câmbio (E)	Assume o vice-presidente 1º sr. Daniel Oscar de La Fuente, devido a solicitação de licença do presidente em exercício. Renuncia ao cargo em 1995. (R)
45	1996	Daniel De La Fuente	Empresário. (E)	Reeleito como presidente pelo “Movimiento Estudiantil” em uma Assembléia(A)
46	1997	Edgardo Valente	Matarife(E)	Assume por renúncia de De La Fuente(R)
47	1999	Guillermo	Médico/ Presidente	Eleito por

		Cicchetti	Médicos(P)	Assembleia Ordinária (A)
48	2002- 2004	Dr. Julio Santiago Alegre.	Empresário (E)	Eleito por Assembleia Geral Ordinária. (A)
49	2005- 2007	Eduardo Abadie	Advogado(P)	Eleições. (E)
50	2008 até os dias de hoje.	Dr. Rubén Matías Filipas.	(P)	Eleições 2008. Vence por 57% dos votos. (E)

Fonte: elaboração própria a partir de entrevistas e fontes secundárias (jornais, revistas, livros e documentos internos)

## 2. TABELAS

**Tabela 1**

**Forma de acesso ao cargo de Presidente segundo clubes**

<b>Acesso→</b> <b>Clubes↓</b>	<b>Eleições</b>	<b>Assembléias</b>	<b>Renúncias Licenças</b>	<b>Intervenções</b>	<b>Totais</b>
<b>Estudiantes de La Plata</b>	<b>30.43 %</b> (14)  53.85 %	<b>28.27 %</b> (13)  48.15 %	<b>39.13 %</b> (18)  48.65 %	<b>2.17 % (1)</b>  100 %	<b>100 %</b> (46)  50.55 %
<b>Gimnasia e Esgrima La Plata</b>	<b>26.67 %</b> (12)  46.15 %	<b>31.11 %</b> (14)  51.85 %	<b>42.22 %</b> (19)  51.35 %	<b>0 % (0)</b>  0 %	<b>100 %</b> (45)  49.45%
<b>Combinados</b>	<b>28.57 %</b> (26)	<b>29.67 %</b> (27)	<b>40.66 %</b> (37)	<b>1.10 % (1)</b>	<b>100 %</b> (91) <sup>285</sup>

Fonte: elaboração própria a partir de entrevistas e fontes secundárias (jornais, revistas, livros e documentos internos). Agosto 2008

Nota: cifras de referencias para o universo de 91 presidentes; para a análise da ocupação e comparativo acesso/ocupação se trabalha com o universo de 85 presidentes (dados completos)

<sup>285</sup> Registraram-se 122 casos: com dados 91 casos; sem dados 31 (4 correspondentes ao clube Estudiantes e 27 ao clube Gimnasia)

**Tabela 2**  
**Ocupação de Presidentes segundo clubes**

Ocupação→ Clubes↓	Profissionais Liberais	Empresários	Diretivos De Estado	Totais
<b>Estudantes de La Plata</b>	<b>51.22 % (21)</b> 67.74 %	<b>36.59 % (15)</b> 42.86 %	<b>12.19 % (5)</b> 26.32 %	<b>100 % (41)</b> 48.24 %
<b>Gimnasia e Esgrima La Plata</b>	<b>22.73 % (10)</b> 32.26 %	<b>45.45 % (20)</b> 57.14 %	<b>31.82 % (14)</b> 73.68 %	<b>100 % (44)</b> 51.76 %
<b>Combinados</b>	<b>36.47 % (31)</b>	<b>41.18 % (35)</b>	<b>22.35 % (19)</b>	<b>100 % (85)<sup>286</sup></b>

Fonte: elaboração própria a partir de entrevistas e fontes secundárias (jornais, revistas, livros e documentos internos). Agosto 2008

---

<sup>286</sup> Registraram-se 91 casos: com dados 85; sem dados 6 (2 correspondentes ao clube Estudantes e 4 ao clube Gimnasia)

**Tabela 3**  
**Clube Estudantes de La Plata**  
**Forma de acesso ao cargo de Presidente segundo ocupação**

<b>Acesso→</b> <b>Ocupação↓</b>	<b>Eleições</b>	<b>Assembléias</b>	<b>Outras<sup>287</sup></b>	<b>Totais</b>
<b>Profissionais liberais</b>	<b>47.62 % (10)</b> 71.43%	<b>19.05 % (4)</b> 30.77 %	<b>33.33 % (7)</b> 50 %	<b>100 % (21)</b> 51.22 %
<b>Empresários</b>	<b>26.67 % (4)</b> 28.57 %	<b>33.33 % (5)</b> 38.46 %	<b>40 % (6)</b> 42.86 %	<b>100 % (15)</b> 36.59 %
<b>Diretivos de Estado</b>	<b>0 % (0)</b> 0 %	<b>80 % (4)</b> 30.77 %	<b>20 % (1)</b> 7.14 %	<b>100 % (5)</b> 12.19 %
<b>Combinados</b>	<b>34.15 % (14)</b>	<b>31.70 % (13)</b>	<b>34.15 % (14)<sup>288</sup></b>	<b>100 % (41)<sup>289</sup></b>

Fonte: elaboração própria a partir de entrevistas e fontes secundárias (jornais, revistas, livros e documentos internos). Agosto 2008.

<sup>287</sup> Outras: renúncias, licenças e intervenções

<sup>288</sup> 13 casos por renúncia ou licença; 1 caso por intervenção

<sup>289</sup> Registraram-se 43 casos: com dados 41; sem dados 2



**Tabela 4**  
**Clube Gimnasia e Esgrima La Plata**  
**Forma de acesso ao cargo de Presidente segundo ocupação**

<b>Acesso→</b> <b>Ocupação↓</b>	<b>Eleições</b>	<b>Assembléias</b>	<b>Outras<sup>290</sup></b>	<b>Totais</b>
<b>Profissionais liberais</b>	<b>20 % (2)</b> 16.67 %	<b>30 % (3)</b> 21.43 %	<b>50 % (5)</b> 27.78 %	<b>100 % (10)</b> 22.73 %
<b>Empresários</b>	<b>30 % (6)</b> 50 %	<b>40 % (8)</b> 57.14 %	<b>30 % (6)</b> 33.33 %	<b>100 % (20)</b> 45.45 %
<b>Diretivos de Estado</b>	<b>28.57 % (4)</b> 33.33 %	<b>21.43 % (3)</b> 21.43 %	<b>50 % (7)</b> 38.89 %	<b>100 % (14)</b> 31.82 %
<b>Combinadas</b>	<b>27.27 % (12)</b>	<b>31.82 % (14)</b>	<b>40.91 % (18)<sup>291</sup></b>	<b>100 % (44)<sup>292</sup></b>

Fonte: elaboração própria a partir de entrevistas e fontes secundárias (jornais, revistas, livros e documentos internos). Agosto 2008

<sup>290</sup> Outras: renúncias, licenças e intervenções

<sup>291</sup> Os 18 casos por renúncia ou licença

<sup>292</sup> Registraram-se 48 casos: com dados 44; sem dados 4